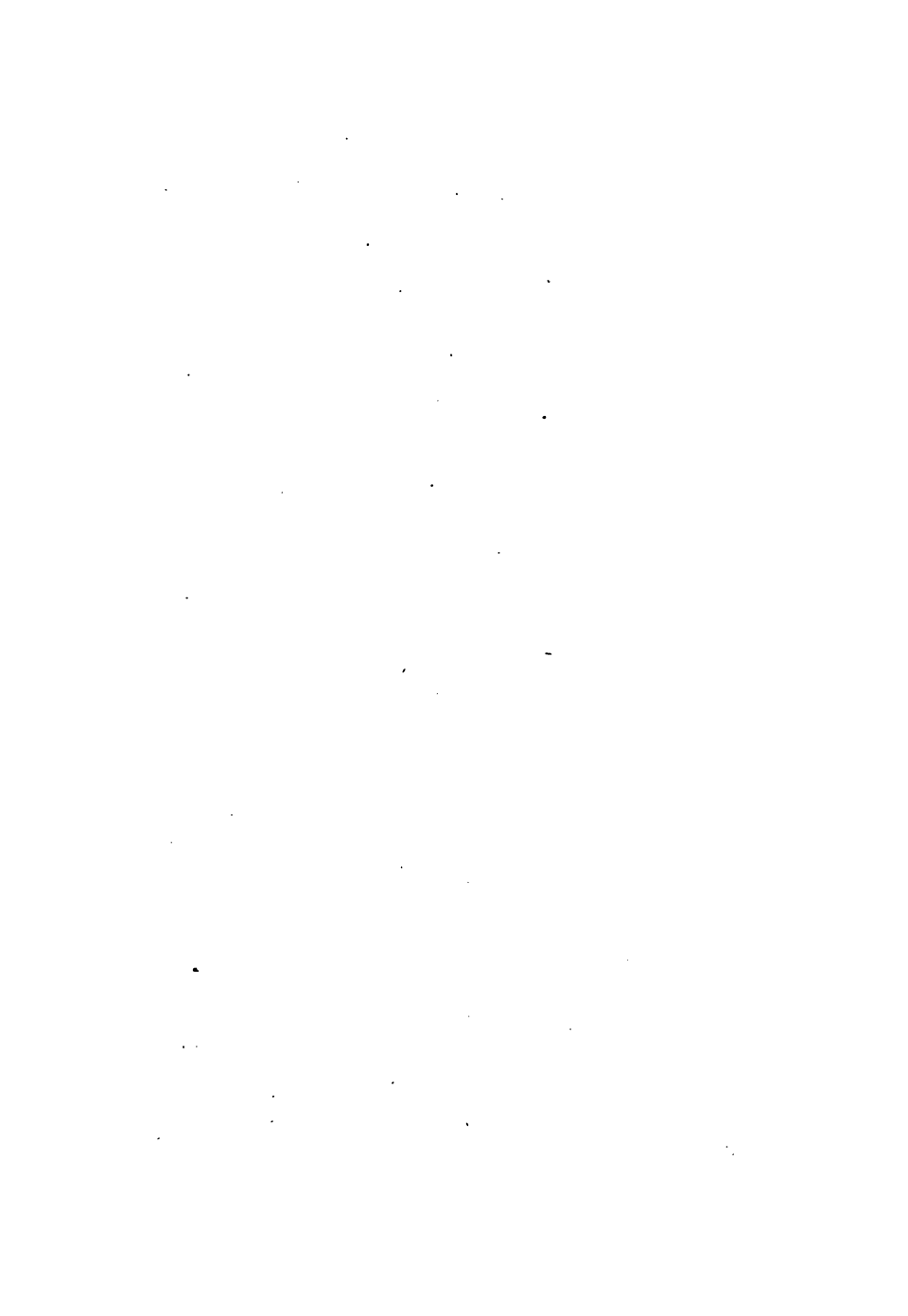
HISTORIA

DA

LITTERATURA PORTUGUEZA

CAMÕES

II

HISTORIA DA POESIA PORTUGUEZA

(ESCHOLA ITALIANA—III.)

Seculo XVI

HISTORIA
DE
CAMÕES

POR

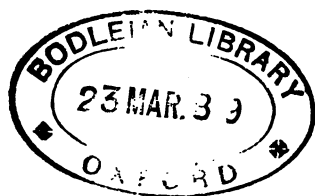
THEOPHILO BRAGA

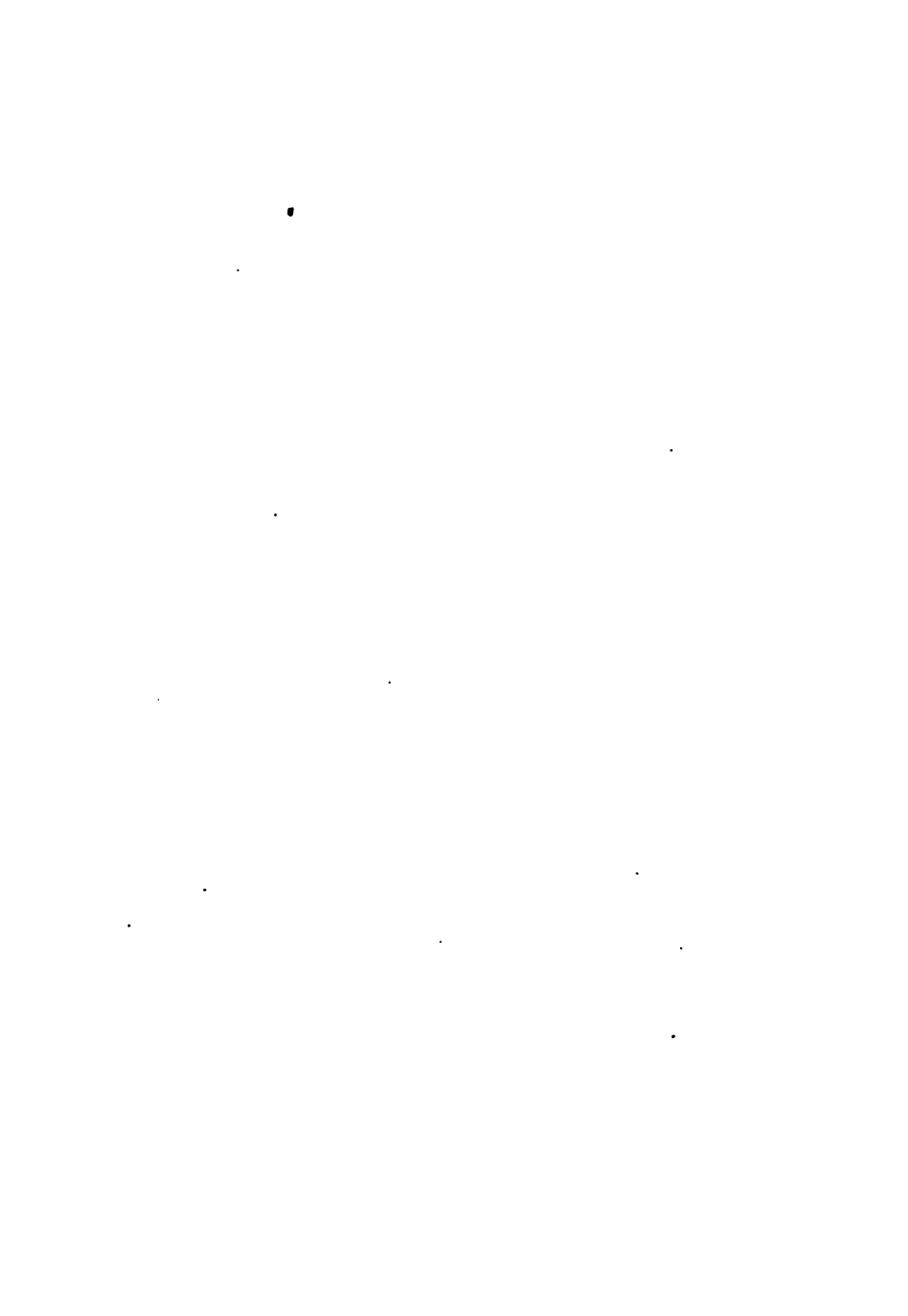
PARTE II

ESCHOLA DE CAMÕES

PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA—EDITORA

1874

O trabalho que accumulámos para a comprehensão do vulto de Camões, revela na sua simples disposição o methodo que seguimos. Primeiramente foi-nos preciso estudar o meio dentro do qual Camões se desenvolveu, investigando com vagar as circumstancias que actuaram sobre o seu genio, os pequenos accidentes que contribuiram para particulares feições do seu caracter, examinando o que elle deveu á sua epoca e qual a connexão fatal que ha entre o seculo e o grande homem. Foi o que tentámos no livro *Vida de Camões*. (HIST. DE CAMÕES, P. I, p. VIII–456.)

Depois da parte pessoal segue-se accentuar a individualidade, isto é, a influencia exercida na litteratura portugueza e na consciencia nacional por Camões. É como a acção exterior d'aquella elaboração intima; eis o fim da *Eschola camoniana,* tanto no lyrismo como na epopêa, que fórma a segunda parte d'esta obra, com que damos por terminada a *Historia da Poesia portugueza* do seculo XVI.

HISTORIA

DE CAMÕES

PARTE II

ESCHOLA CAMONIANA

O espirito platonico-mystico, que inspirava os poetas da Renascença e a elegancia dos humanistas, só pôde penetrar em Portugal no seculo XVI; durou pouco tempo o seu resplendor vivo, porque desde que os jesuitas se apoderaram do ensino publico, restabeleceram immediatamente a doutrina de Aristoteles. Póde-se attribuir a falta de uma profunda poesia lyrica, desde el-rei Dom Diniz até Bernardim Ribeiro, á exclusiva influencia da philosophia aristotelica averroista, que dominou em Portugal durante toda a edade media. A eschola *averroista* era conhecida entre nós na sua ultima exageração, como vemos pela existencia accusada por

Alvar Pelagio do *Livro dos Tres Impostores;* el-rei Dom Duarte possuia os principaes livros d'esta eschola, e já Dom João I lia aos seus cavalleiros o livro de Gil de Roma, corypheo dos *averroistas.* Diante da Renascença da Italia, e principalmente por via das obras de arte e da imitação dos poetas, o platonismo veiu encontrar em Portugal esse caracter apaixonado e mystico que o absorveu com ardor; depois de Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, foi Camões o que mais se compenetrou d'esse idealismo vago da contemplação philosophica e do devaneio sentimental. Foi por isso que a erudição do seculo XVI não pôde atrophiar em Camões a naturalidade do seu lyrismo. Mas todos os outros poetas que foram seus contemporaneos ou lhe succederam, perderam esse segredo da expressão apaixonada, da melancholia profunda, do ideal no amor, do pantheismo, e ficaram prosaicos, pautados, cantando as impressões de uma estreita personalidade e os pequenos interesses burguezes. A razão está em uma reacção da educação publica; o nosso intolerante catholicismo, com uma despotica orthodoxia não admittia a liberdade de sentimento das theorias platonicas, e os jesuitas, escudados com o Concilio de Latrão, fizeram succeder em Portugal á philosophia aristotelica dos *averroistas,* o aristotelismo dos *alexandristas.* Esta eschola governou, algemou em Portugal a intelligencia portugueza, attingiu o seu maximo explendor nos Commentarios do Collegio das Artes em Coimbra, consummiu em distincções escrupulosas entre a fé e a philosophia toda a nossa activi-

dade intellectual. (1) Como representante do espirito vivo da Renascença em Portugal, Camões soffreu além dos desastres da sua vida, a decepção terrivel de vêr banido pelos jesuitas o elemento ideal, que devia fecundar a arte e a Poesia,—o platonismo.

(1) Na Bibliotheca da Universidade de Coimbra existem centenares de volumes d'estes Commentarios ineditos, á espera de um trabalhador corajoso que se sacrifique a dispender a vida na *Historia da Philosophia Conimbricense.*

LIVRO I

OS POETAS LYRICOS

CAPITULO I

Camões e o platonismo erotico-mystico no seculo XVI

A Italia e a poesia erotico-mystica.—Influencia em Portugal, pelos Sonetos de Petrarcha. —A corrente sentimental da Europa: Miguel Angelo e Vittoria Colona. — Shakespeare. —S. João da Cruz e Garcilasso.—Do ideal da mulher em Portugal: convencionalismo de inferioridade nos Cancioneiros provençaes. —Desenvoltura do *Cancioneiro* de Resende. —Platonismo da Renascença: *Fieis do Amor* em Portugal: Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão, Jorge de Monte-Mór, Infante D. Luiz. —Segundo grupo dos *Fieis do Amor:* Camões, D. Antonio de Noronha, João Lopes Leitão, Estacio de Faria, D. Manoel de Portugal, Fernão d'Alvares do Oriente, Bernardes. —Caracteres da poesia lyrica de Camões: tradições provençaes na abnegação da individualidade diante do amor; pantheísmo no soffrimento, em que a natureza é chamada á communhão da desgraça; sentimento da perfeição na fórma levando ao extasis do amor divino; desalento e necessidade de alimentar o senso da realidade; o amor servindo para a inspiração da obra de arte. —Fim do platonismo em Portugal, pelo predominio do aristotelismo alexandrista dos jesuitas. —Consequencias sobre a poesia portugueza. —Influencia de Camões sobre o lyrismo hespanhol: suas relações com o *divino* Herrera.

A influencia de Camões sobre a poesia lyrica do seu seculo determina-se por um modo quasi material, observando a versificação maviosa, o uso das palavras com propriedade expressiva e pittoresca, a novidade das rimas, e sobretudo pela liberdade de innovação de

vocabulos para affastar a linguagem poetica da monotonia convencional; o mesmo succedeu com o apparecimento de Bocage no seculo XVIII, tirando a dureza prosaica á metrificação, á custa de um emprego forçado de figuras de rhetorica. Assim a metrificação *camoniana* e a metrificação *elmanista* têm certa analogia no rythmo, certa cadencia habitual que se apodera do ouvido, e que se imita com facilidade. Mas em Bocage faltava a profundidade do sentimento, que se quadra tão bem ao modo de dizer vago e indeciso de Camões, e é por isso que os lyricos camonianos do seculo XVI excederam os vates *elmanistas*, que metrificavam sem ideia. É n'esta superioridade que está o verdadeiro caracter da influencia de Camões. Alma da Renascença immersa no terrorismo de uma sociedade catholica, sente o deslumbramento da vida diante da revolução scientifica que se passava na Europa; é a observação dos phenomenos da natureza que leva Camões a fazer pela admiração o processo sacrosanto da sua rehabilitação, e a considerar o amor não como um crime contra o ascetismo, mas o meio por onde a intelligencia se eleva á comprehensão da unidade universal. N'este esforço para dar á rasão a sua liberdade e affirmar o principio do individualismo, ha momentos de desalento, que o poeta traduz pela melancholia e o sabio pelo scepticismo; Camões faz a alliança d'estes dois sentimentos, que o tornam um dos primeiros lyricos da Renascença. A poesia italiana imitada em Portugal desde Sá de Miranda, sómente emquanto ás *fórmas* metricas, encontrou em Camões a ver-

dadeira intelligencia do seu espirito. Vejamos as circumstancias peculiares que lhe deram essa pósse.

O genio amoroso dos portuguezes era proverbial na Europa, desde o seculo XVI. Na *Historia de Persiles y Sigismunda,* diz Cervantes, que era «quasi costume morrerem d'amor os portuguezes». Nos escriptores nacionaes vem accentuado este mesmo caracter; diz Gil Vicente na Tragicomedia das *Côrtes de Jupiter,* fallando dos portuguezes:

São extremo nos amores. (1)

Pelo seu lado Dom Francisco Manoel de Mello, nas *Epanaphoras da Historia portugueza,* declara: «*e como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso...*» (2) Na realidade assim o reconheceram Vicente Espinel, Lope de Vega, Cervantes e Madame de Sevigné.

O amor, esse sentimento caracteristico d'este povo era um dos moveis principaes de seus feitos. A sua litteratura inspirou-se quasi completamente do amor; nenhum outro problema sentimental chegou a ser proposto nas obras de arte. Incapazes da abstracção, tivemos por unica philosophia um idealismo poetico. Como portuguez, Camões retrata-se namorado desde o berço:

As lagrimas da infancia já manavam
Com uma saudade namorada;
O som dos gritos que no berço dava
Já como de suspiros me soava.

(1) *Obras,* t. II, p. 415.
(2) *Op. cit.,* p. 286.

Co'a edade e fado estava concertado:
Porque quando por 'caso me embalavam,
Se de amor tristes versos me cantavam,
Logo me adormecia a natureza:
Que tão conforme estava co'a tristeza (1).

Esta mesma precocidade se encontra em Dante, namorado de Beatriz da edade de nove annos, quando a viu passar *bianco vestita.* Era o genio da Renascença que se revelava em Camões, do mesmo modo que o seculo XIII fazia dizer pela bocca do apaixonado florentino: «*Ecce Deus, fortior me, qui veniens dominabitur mihi.*» Camões presentia que o amor o devia levantar acima do vulgo, dar-lhe o ideal da actividade, tornal-o grande:

Eu vivia do cego amor isempto,
Porem tão inclinado a viver preso,
Que me dava desgosto a liberdade;
Um natural desejo tinha acceso
D'algum ditoso e doce pensamento
Que me illustrasse a insana mocidade. (2)

São estas affeições da infancia que deixam na alma do artista esses thesouros infinitos de recordações poeticas, que a critica e a edade não podem destruir, e donde tiram tudo quanto ha de verdade e de vida nas suas obras. Alfieri escreve d'estes ingenuos transportes da infancia: «*Effetti che poche persone intendono e pochissime provano; ma a che soli pochissimi é concesso l'uscir dalla*

(1) Canção XI.
(2) Canção VIII.

folla volgare in tutte le umane arti.» Tambem as syntheses philosophicas do *Fausto,* não poderam apagar em Goethe a primeira impressão do amor que anima o quadro da Margarida; Byron e Canova chegaram a confessar que estas primeiras recordações da infancia ficaram sempre puras através de todos os lances do destino, illuminando com a luz suave de uma feliz realidade o que ha de triste nas suas creações. Mozart, tambem na infancia, na feliz ignorancia da etiqueta do paço, fallava de amor ás princezas da côrte imperial de Austria.

Com esta organisação e instincto desenvolvidos pelo genio nacional, Camões tornou-se desde muito criança um *gran maestro de amore.* A erudição revelou-lhe a casuistica tradicional da paixão trobadoresca, que o fez abnegar da sua individualidade diante do amor. É este um dos primeiros caracteres do seu lyrismo, que já se encontra desde o seculo XIII nos Cancioneiros provençaes portuguezes. O espirito da Renascença provocou-lhe esse vago desalento, que era a necessidade de alimentar o senso da realidade. O sentimento da perfeição nas fórmas foi dirigido em Camões pela educação christã para o extasis do amor divino, para a paixão mystica. Finalmente a philosophia do platonismo recebida nas escholas, na corrente intellectual e artistica do seculo XVI, pelos poemas lyricos da Italia, incutiu-lhe o pantheismo do soffrimento, em que a natureza, como animada é chamada para a communhão da desgraça, e em que tambem o amor serve para inspirar a obra

d'arte, onde, pela realisação do bello se consegue attingir a expressão da generalidade humana. Taes são os caracteres com que Camões, dentro do seu seculo e obedecendo ás influencias d'elle, expôz fragmentadamente e quasi de um modo inconsciente a philosophia do Amor, contida nos seus Sonetos, Canções e Elegias. Elle viaja através d'estes mundos de trevas e de amores, de extasis e golfões, dirigido por Petrarcha, mas nos momentos dos mais duros transes sómente acompanhado pela verdade da sua alma. Camões reproduz a maxima fundamental da poetica dos trovadores: «*Para bem cantar e trovar, é preciso amar:*

> De Amor escrevo, de Amor trato e vivo,
> De Amor me nasce amar sem ser amado. (1)

Camões começou muito cedo o estudo de Petrarcha; a traducção dos *Triumphos* datará dos tempos em que frequentava os estudos de Coimbra; no Commentario a essa primeira tentativa de traducção se encontra a prova de quanto conhecia a vida dos trovadores provençaes; aí cita Dante e Cino de Pistoia, Guido de Arezo, Guido Cavalcante e Guido Guivizieli de Bolonha. (2) Eram estes que formavam o grupo dos *Fieis de Amor*, na primeira Renascença da Italia; quando o platonismo da eschola italiana penetrou em Portugal, tambem se agruparam em intimas confidencias de amor Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Christovão Fal-

(1) Soneto 102.
(2) *Obr.* t. v, p. 120. Ed. Juromenha.

cão, Jorge de Monte-Mór e o Infante Dom Luiz. O segundo grupo dos nossos *Fieis de Amor* ajunta-se em volta de Camões, que era o confidente de D. Antonio de Noronha, de João Lopes Leitão, de Estacio de Faria, de Heitor da Silveira, de D. Manoel de Portugal, de Fernão Alvares d'Oriente e de Diogo Bernardes. Camões, commentando os *Triumphos* de Petrarcha, faz a historia amorosa dos trovadores Arnaldo Daniello, Pedro Vidal, Reimbaldo de Arvenga, e o de Vachieres, Pier d'Alvernia, Gerault de Berveil, Folguedo de Marselha, Giaufre Rudel, Guilhelmo de Cabestem, Amerigo de Piguilhão, Bernardo de Vent Dorn, Ugo de Penna, e Anselmo Faudite. (1) Foi este conhecimento que o fez imitar nos seus versos a tradição provençal da abnegação da individualidade diante do amor. Petrarcha ajuda-o a exprimir esta difficil casuistica do sentimento:

> Está o triste amante transformando
> Na vontade d'aquella, que tanto ama
> De si a propria essencia transportando. (2)

É então que elle imita esse pensamento do *Triumpho d'Amor*, de Petrarcha: «L'amante nel amato si transforma», formulado no Soneto x:

> Transforma-se o amador na cousa amada,
> Por virtude do muito imaginar...

(1) *Ib.* Seguimos aqui a orthographia portugueza adoptada pelo poeta.
(2) Ecl. II.

A poesia mystica dos poetas italianos anteriores a Dante, que continuaram a tradição provençal applicada ao amor divino, fundava-se n'este mesmo principio proferido pela bôcca de S. Francisco de Assis: «*Anima plus vivit ubi amat, quam ubi animat.*» Como no amor mystico, o trovador sentia os primeiros effeitos da paixão pelo abandono e esquecimento da *vontade;* a rasão era supplantada pelo deslumbramento da belleza quasi divina. No Soneto VIII formúla Camões está phase primeira:

> Jura amor, que *brandura da vontade*
> Causa o primeiro effeito; o *pensamento*
> *Endoudece,* se cuida que é verdade.

É esta mesma loucura amorosa que traz os trovadores errantes pelo mundo, como Pedro Vidal, ou como Jacopone de Todi, divagando alienado pelas ruas de Florença. No Soneto IX, descreve Camões de um modo mais claro esta abnegação da intelligencia, causada pela impressão viva sob que se sente prostrado:

> Tanto do meu estado estou incerto,
> Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
> Sem causa juntamente choro e rio,
> O mundo todo abarco e nada aperto.
> ....
> Se me pergunta alguem porque assi ando,
> Respondo que não sei; porém suspeito
> Que é só porque vos vi, minha Senhora.

A deposição da sua personalidade torna-se um prazer, que leva á voluptuosidade do soffrimento. No Soneto XVI relata este accidente amoroso:

> Porque é tamanha a bemaventurança
> O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
> Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

N'este sentimento de inferioridade, o poeta chega quasi a considerar-se feitura do ideal que contempla, como o descreve no Soneto XXXVIII:

> Se quereis conhecer quanto possaes
> Olhae-me a mim, que sou feitura vossa.
>
> Vereis que do viver me desapossa
> Aquelle riso com que a vida daes.

O mesmo, no Soneto CLVI:

> Assi está minha vida ou minha morte
> No volver d'esses olhos; pois podeis
> Dar c'uma volta d'elles, morte ou vida.

Petrarcha continuava a acção dos trovadores; Sá de Miranda comprehendeu esta influencia, quando escreveu o verso ácerca da tradição provençal «*De que o Petrarcha fez tão rico ordume*». Á maneira de Petrarcha, começou Camões o seu amor com Nathercia em um templo, quando se celebrava o drama da paixão. O catholicismo na Italia, aonde nunca se apagaram de todo os vestigios da antiguidade, conservou este mixto de sentimento humano; mas em Portugal estavamos sob a pressão do queimadeiro, e só a imitação artistica é que levou Camões a escolher esta situação que não estava nos nossos costumes, e que só veiu a ser admittida com os quietistas no meado do seculo XVII. Ácerca d'estes

amores nos templos, escreve o veneziano Scudo, em um quadro dos costumes na Italia: «Os povos do Meio Dia, ... e particularmente os Italianos, consideram o templo como um logar consagrado ao culto dos sentimentos amaveis, e aí vão para dar graças á providencia por havel-os feito nascer sobre uma terra ornada dos mais divinos thesouros.» (1) No Soneto LXXVII, descreve Camões a origem do seu amor:

O culto divinal se celebrava
No Templo, d'onde toda a criatura
Louva o Feitor divino.......

Eu crendo que o logar me defendia
De seu livre costume, não sabendo...

Deixei-me captivar.......

Segundo Faria e Sousa, este Soneto é imitado do Soneto III de Petrarcha; no Soneto CCCIII tornou Camões a descrever a situação mystica que deu origem ao seu amor, como para mostrar que na primeira imitação de Petrarcha existia uma realidade. Elle chega a comparar Nathercia a Laura de Noves, n'estes versos do Soneto CIII:

Se da celebre *Laura* a formosura
Um numeroso Cysne ufano escreve,
Uma angelica penna se te deve
Pois o céo em formar-te mais se apura.

(1) *Chevalier Sarti*, p. 85.

E se voz menos alta te procura
Celebrar, oh Nathercia, em vão se atreve,
De ver-te já a ventura Liso teve...

A definição do amor, esse — Não sei quê, que aspira não sei como, — é em Camões um ideal cuja realisação só chegou a dar-se na poesia italiana:

Aquelle não sei quê,
Que aspira não sei como,
Que invisivel saindo, a vista o crê,
Mas para o comprehender não acha tomo;
E que toda a Toscana poesia
Que mais Phebo restaura
Em Beatriz, nem Laura nunca via. (1)

Na Ode XIII descobre Camões quaes os modelos que melhor serviam para o ajudarem a exprimir o seu amor:

Fôra conveniente
Ser eu outro *Petrarcha* ou *Garcilasso*...

E nas Outavas I, ajunta a estes mesmos modelos *Sanazarro:*

Cantaramos aquelle, que tão claro
O fez o fogo da arvore phebea,
A qual elle em estylo grande e raro
Louvando, o chrystalino Sorga enfreia.
Tangera-vos na frauta *Sanazarro*,
Ora nos montes, *ora por a areia,*
Passára celebrando o Tejo ufano
O brando e dôce *Lasso* castelhano.

(1) Ode VI.

O *Sorga* é o rio com que os poetas alludiam por antonomasia a Petrarcha; nos Commentarios á sua tralucção dos *Triumphos,* escreve Camões: «No mesmo tempo, dia e hora, o amor de madama Laura, que sendo viva e depois de morta, lhe fazia desejar e buscar a saudade do *Sorgua*...» (1) Este costume de alludir aos poetas pelo nome dos rios, usado na poesia portugueza de quinhentos, deriva-se do buccolismo italiano; Sá de Miranda era representado pelo *Neiva,* Bernardes pelo *Lima,* Camões pelo *Tejo,* Bernardim Ribeiro, e Christovão Falcão pelo *Guadiana.*

A influencia de Sanazarro, a quem Sá de Miranda chamava *o bom velho,* começada em Jorge de Monte-Mór e levada ao extremo por Fernão Alvares d'Oriente, tambem sugeriu na imaginação de Camões a norma dos idylios piscatorios. Elle se declara introductor d'este genero em Portugal fazendo a alliança de Virgilio com Sanazarro, como se vê por estes versos da Ecloga VI:

> Vereis... *o estylo vario*
> *A nós novo*, mas n'outro mar cantado
> De um que foi das musas secretario.
>
> O pescador Sincero, que amansado
> Tem o pego de Prochyta c'o canto,
> Por as sonoras ondas compassado.
>
> *D'este, seguindo o som*, que pode tanto,
> *E misturando o antigo Mantuano*
> *Façamos novo estylo*, *novo espanto.*

(1) *Obr.*, t. v, p. 64.

A maior parte dos poetas portuguezes do seculo XVI, sabiam versificar em lingua italiana; elles usavam fazer *centões* dos versos de Petrarcha, como se vê n'esta Satyra de Heitor da Silveira, amigo de Camões, em que introduz um verso do Soneto CCXXIX do grande lyrico de Sorga:

> *Di quel suave sguardo e quel bel viso,*
> Que o manso esprito alegra, o fero abranda,
> (Certo entre nós signal de paraiso.) (1)

Nos *Lusiadas*, canto IX, estancia 78, usou Camões um egual centão de Petrarcha:

> E notarás no fim d'este successo:
> *Tra la spiga e la man qual muro è messo.*

Nos *Indices Expurgatorios* de 1564, 1581 e 1597, vêem-se condemnados muitos livros da poesia italiana da Renascença, como os *Epigrammas* de Sanazarro, os *Poemas, Odes, Sonetos e Canções* de Pulci, e outros muitos. (2) Camões, como todos os outros poetas da Renascença considerava a poesia itatiana como o thesouro aonde estavam recolhidas todas as expressões do mais sublime amor. No Soneto XXV, reproduz aquelle pensamento de Dante, já abraçado por Bernardim Ribeiro:

> Ah gram tormento,
> *Que mal pode ser mór, que no meu mal*
> *Ter lembranças do bem que é já passado.*

(1) Apud *Obras* de André Falcão, p. 339.
(2) Vid. *Historia dos Quinhentistas*, p. 158.

Mas esta imitação da poesia italiana tornou-se uma moda ridicula na galanteria civil, do mesmo modo que em Inglaterra e França. Camões foi o primeiro a condemnar os nossos *euphuistas,* que levaram o conceito alambicado para o ár melancholico. No Auto de *Filodemo,* Camões apoda: «Uns muito almofaçados, que com dois ceitís fendem a anca pelo meio, e *se prezam de brandos na conversação e de falarem pouco e sempre comsigo, dizendo que não darão meia hora de triste pelo thesouro de Veneza.*» E no mesmo Auto, ridicularisa a casuistica do sentimento dos que se abonavam nos seus melindres amorosos com a authoridade de Bembo ou de Petrarcha: «todos vós outros os que amaes pela passiva, dizeis que o amor fino como melão, não hade querer mais da sua dama que amal-a; e virá logo o vosso *Petrarcha* e o vosso *Pietro Bembo,* atoado a trezentos *Platões,* mais safados que as luvas de um pagem d'arte, mostrando razões verisimeis e apparentes para não quererdes mais de vossa dama que vêl-a; e mais até fallar com ella.» Nos commentos dos *Triumphos* de Petrarcha, Camões cita com frequencia a authoridade de Platão em casos de amor. (1) Até na sociedade portugueza de Gôa, em 1553 se costumava «*falar alguns amores de Petrarcha ou de Boscão,*» como escreve Camões na Carta I da India, onde faz o contraste com o dialecto mascavado da terra. (2) Soropita, que venerava

(1) *Obr.*, t. v, p. 68, 131, 168.
(2) Podemos fazer uma ideia d'este dialecto pela traducção do Evangelho de Columbo.

o genio de Camões, tambem allude ao ridiculo dos *euphuistas* portuguezes, cujas horas «ficavam-lhe reservadas para a poesia em que veiu a empolgar-se de maneira que *de conceitos de Petrarcha e de Garcilasso e de outros beberrões se lhe fez um charco á porta...»* (1)

A *melancholia* dos namorados, de que Camões chasqueava na phrase *uma hora de triste,* era um sentimento novo que apparecia na alma moderna, e de que a Renascença se ia apoderar para dar uma fórma eterna na creação da Harmonia; Camões comprehendeu o lado sério d'este sentimento, quando no Soneto XI, nos pinta o amor não podendo existir sem o soffrimento:

> Passo por meus trabalhos tão isemto,
> De sentimento grande nem pequeno,
> Que só com a vontade com que peno,
> Me fica amor devendo mais tormento.

É admiravel esta unidade de sentimento dos grandes genios! Beethoven escrevia a Giulietta, em Carta de 6 de julho de 1806: «*o amor não é uma lei de sacrificio?— O teu amor, minha Giulietta, faz o encanto e o tormento da minha vida.*» O amor revelando-se no seu primeiro acto pela impressão dolorosa, é descripto de um modo inexcedivel por Camões, no Soneto XV:

> Mas com quanto não póde haver desgosto
> Onde esperança falta, lá me esconde
> Amor um mal, que mata e não se vê.

(1) *Poesias e Prosas*, p. 38.

Que dias ha que n'alma me tem posto
Um não sei que? que nasce não sei onde?
Vem, não sei como? e dóe, não sei porquê?

N'este ponto a tradição provençal foi abraçada pelos poetas mysticos do christianismo, como S. Francisco de Assis, Jacopone de Todi, S. João da Cruz e Santa Thereza de Jesus, que fizeram da dôr uma *sensualidade*. Na Elegia v Camões illumina este vago sentimento:

Oh bem aventurado seja o dia
Em que tomei tão dôce pensamento,
Que de todos os outros me desvia!

E bem aventurado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o pensamento.

Faça-me quem me mata o mal que ordena,
Trate-me com enganos, desamores;
Que então me salva, quando me condemna.

E se de tão suaves desfavores
Penando vive uma alma consummida,
Oh que dôce penar, que dôces dôres!

E se uma condição endurecida
Tambem me nega a morte por meu damno,
Oh que dôce morrer! que dôce vida!

E se me mostra um gesto lindo, humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
Oh que dôce mentir! que dôce engano!

Camões era um dos espiritos que mais sentiram a Re-

nascença, essa reacção legitima contra o ascetismo da Egreja, como diz Scudo, (1) pela rehabilitação da sensibilidade desconhecida e atrophiada. No meio do seu idealismo mystico, Camões protesta pela realidade das suas queixas amorosas; no Soneto LXXXVII:

> Não são isto que falo conjecturas
> Que o pensamento julga na apparencia,
> Por fazer delicadas escripturas.
>
> Mettida tenho a mão na consciencia,
> E não fallo senão verdades puras,
> Que me ensinou a viva experiencia.

E no Soneto CLXXXII confirma:

> *Escrevi*, não por fama, nem por gloria,
> De que outros versos são merecedores.
>
> Se ao canto dei a voz, dei alma ao pranto,
> E dando a penna á mão, esta só parte
> De tristes penas escreveu.

Quão longe está esta realidade d'esses amores phantasticos das princezas do Oriente, como os sonharam os trovadores! O sensualismo da Renascença é a rehabilitação dos sentidos como fontes dos nossos conhecimentos; é a observação e a experiencia arvoradas em criterio seguro para chegar á verdade. Para o mystico da edade media os sentidos eram portas do peccado, eram a seducção permanente, só vencida á custa de vio-

(1) *Op.*, p. 176.

lações da natureza, pelo cilicio, pelo sacco, pela solidão e pela contemplação nas trevas. Os sabios da Renascença, exhaustos pela acedia da moral dos claustros sentiram uma nova juventude, como Fausto, ao reconstruirem pelas obras de arte a vida da antiguidade. A vida tornou-se uma alegria. Ulrich de Hütten, dizia do espectaculo da Renascença: «Oh seculo! os estudos florescem, os espiritos acordam, e é uma alegria o viver.» Ás magras e estioladas imagens da pintura religiosa da edade media, succede a carnação vigorosa da eschola de Veneza, de Veronese e de Giorgione; á melopêa lugubre do canto gregoriano, que embalava a vida como em continuo saimento, succede a harmonia festiva de Monteverde! ás habitações escuras e baixas, como antros de anachoretas, succedem os edificios altos, arejados, ornados por dentro e por fóra com pinturas, com o novo gosto da architectura civil. O olhar temeroso do mystico sobre a natureza, transforma-se na observação profunda de Galileu, de Hervey e de Vesale, para quem o *cadaver* já não é essa cousa hedionda do catholicismo, que servia unicamente para trazer presente a ideia da morte, mas sim fica sendo um livro aberto para se estudar a vida. O que é essa poesia *bucolica* da Renascença, hoje para nós tão enfadonha, senão o primeiro enthusiasmo sentido pela contemplação da natureza, até ali sempre condemnada? O sentimentalismo do seculo XXIII, despertado por Jean Jacques Rousseau, na sua exageração faz-nos comprehender o gosto que no seculo XVI se tinha pelas Eclogas.

O sensualismo pagão da Renascença, fazendo adorar a belleza das formas, inspirou os artistas do seculo XV e XVI a pintarem o Christo com a perfeição plastica, contra todas as tradições da Egreja. S. Clemente da Alexandria, avisando os fieis de que se não deixassem enlevar pela belleza exterior, diz na *Pedagogia:* « A apparencia exterior do Senhor era feia; e quem foi melhor do que o Senhor? Elle não revelou em sua pessoa a belleza corporal... » Sem o genio da Renascença, que se apaixonou pelas formas gregas, como é que Raphael e os grandes artistas da Italia conseguiriam impôr as tradições classicas ás tradições evangelicas, crear essas bellas imagens de Christo, diante das quaes S. Thereza de Jesus, Ozana de Mantua ou Santa Rosa de Lima caiam em extasis mysticos, abrasadas no amor divino? Um dos ramos dos gnosticos, os Carpocratianos, representavam em commum as figuras de Christo e Platão; a Renascença, que tambem foi theurgica na sua primeira elaboração scientifica, fez mais do que isto, foi buscar em Platão a theoria do *amor,* com que Christo tinha realisado o sacrificio da redempção.

Quando vêmos como o maior naturalista da Allemanha, Humboldt, demonstra á evidencia a grande verdade com que Camões observou os phenomenos da natureza, a quem elle chama « *no sentido proprio da palavra um grande pintor maritimo* » é que se comprehende quanto o espirito sensual da Renascença penetrou a alma de Camões. A contemplação do bello, tor-

na-se para elle quasi um prazer material, que compara a um alimento: (Soneto XVII.)

> Quando da bella vista e doce riso
> Tomando estão meus olhos mantimento...

E assim considerado, o amor torna-se uma anciedade, que é preciso satisfazer como uma necessidade organica:

> Olha que com pressa o tempo vôa,
> E como, com corrida pressurosa
> Calladamente a fim tudo caminha;
> Procura de gosar de tua pessoa;
> Porque depois de secca a fresca rosa,
> Sem preço e sem valia fica a espinha.
> Confesso-te que a graça que ella tinha
> Se o tempo quiz tirar-lh'a,
> O mesmo torna a dar-lh'a;
> E se perde a sasão que a enobrece
> Ao outro anno reverdece;
> Mas tua sasão fresca se se perde,
> Não cuides que jamais se torna verde. (1)

Esta ancia de amor é maior do que esse grito dos poetas romanos — « *Coronemus nos rosis, antequam marcessant.* »

Quando Camões descreve o amor, é pelos sentidos que chega a fixar-lhe as mais delicadas caracteristicas. O Soneto XXXV só podia ser sentido em um seculo em que pintava Paulo Veronese; para Camões é o amor:

> Um mover d'olhos, brando e piedoso
> Sem ver de que; um riso brando e honesto
> Quasi forçado; um doce e humilde gesto
> De qualquer alegria duvidoso.

(1) *Canção XIX.*

Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade—manifesto
Indicio d'alma, limpo e gracioso.

Um encolhido ousar; uma brandura,
Um medo sem ter culpa; um ár sereno,
Um longo e obediente soffrimento;

Esta foi a celeste formosura
Da minha *Circe*, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

A *Circe* que encanta, é aqui a reminiscencia da antiguidade classica que vinha ajudar a rehabilitar a natureza á grande alma da Renascença. Camões pede constantemente á antiguidade a imagem sensual para exprimir a impressão intima, para a qual ainda não tem criada a linguagem metaphysica. Na Canção I, retrata o amor sob a allegoria cupidinesca:

Das delicadas sobrancelhas pretas
Os arcos com que fere, Amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos raios d'esses olhos fez as settas
Com que fere quem alça os seus a vel-os.

A tradição de Mithridates explica-lhe o modo como resiste ao soffrimento: (Soneto CCLXXV.)

Como quem se costuma de pequeno
Com peçonha criar por mão sciente,
Da qual o uso já o tem seguro;

Assim de acostumado c'o veneno
O uso de soffrer meu mal presente
Me faz não sentir já nada o futuro.

Na ferida que lhe faz o amor, compara-se ao heroe antigo Telepho:

Ferido sem ter cura parecia
O forte e duro Telepho temido
Por aquelle que n'agua foi mettido,
E a quem ferro nenhum cortar podia.

Quando a apollineo Oraculo pedia
Conselho para ser restituido,
Respondeu-lhe: — Tornasse a ser ferido
Por quem o já ferira, e sararia.

Assi, senhora, quer minha ventura
Que ferido de ver-vos claramente
Com tornar-vos a vêr Amor me cura...

(Soneto LXIX.)

A comprehensão do ideal da antiguidade, o sentimento da natureza despertado tambem pela revolução artistica do seculo XVI, levam a esse pantheismo, em parte tradicional e em parte moderno, da nova poesia lyrica. Para Camões a belleza da sua dama reproduz em si a graça da natureza que a circunda:

Está-se a Primavera retratando
Em vossa vista deleitosa e honesta;
Nas bellas faces, e na bocca e testa,
Cecens, rosas e cravos debuxando. (1)

No Soneto XLIV repete:

A vós, seu resplendor deu sol e lua,
A vóz com viva luz, graça e pureza
Ar, Fogo, Terra e Agua vos serviu.

(1) Soneto XXVIII.

Este pantheismo poetico leva Camões a tocar os caracteres mais profundos da Philosophia da Renascença; para Camões, o Amor é a consciencia da natureza, e a manifestação da unidade universal. Na Canção VII expõe estas ideias platonicas de um modo surprehendente:

Um não sei que suave, respirando
Causava um admiravel *novo espanto,*
Que as cousas insensiveis o sentiam...

Porque quando vi *dar entendimento*
Ás cousas que o não tinham, o temor
Me fez cuidar que effeito em mim faria!
Conheci-me não ter conhecimento.

Assi, que indo perdendo o sentimento
A parte racional, me entristecia
Vel-a a um appetite submettida...

Oh grão concerto este!
Quem será que não julgue por celeste
A causa d'onde vem tamanho effeito,
Que faz n'um coração
Que venha o appetite a ser razão!

Parece o mesmo espirito da maxima de Plotino: «Onde passar o amor, nada tem que fazer a intelligencia.» Vejamos como o Amor, em Camões, o leva á comprehensão dos altos problemas da sciencia. Pelo amor, chega á noção da lei da gravidade, ainda não formulada no seculo XVI:

Pede o desejo, Dama, que vos veja,
....
Mas este puro effeito em mim se dana.
Que como *a grave pedra tem por arte*
O centro desejar da natureza,

Assi, meu pensamento, por a parte
Que vae tomar de mi, terreste e humana,
Foi, senhora, pedir esta baixeza. (1)

O amor leva-o á intelligencia do *Bello*, como o descreve hoje a philosophia, o ponto aonde todas as vontades se harmonisam independentemente de accordo:

Formosura, do céo té nós descida,
Que nenhum coração deixas isemto,
Satizfazendo a todo o pensamento,
Sem que sejas de algum bem entendida. (2)

É tambem o amor, que lhe revela o infinito, como o reconhece no Soneto CXXX:

O desejado sempre é mais perfeito
Porque tem parte alguma de infinito;
Dar a uma alma immortal goso prescripto,
Em verdadeiro amor fôra defeito...

É então que o genio creador lhe descobre que a Arte é o unico meio de fixar em formas limitadas o que ha de infinito na belleza:

Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso;
Que se pode por Arte, e por aviso
Como por Natureza, ser formosa. (3)

Por isso o amor é o mais seguro criterio para penetrar o sentido da obra de arte, como declara Dante:

(1) Soneto LXVI.
(2) Soneto XXXI.
(3) Soneto LXXVII.

Questo decreto... sta sepolto
All' ochi di ciascun il mi ingegno
N'ella fiamma d'amor no é adulto.

E Camões abre a collecção dos seus Sonetos, confessando:

E sabei, que *segundo o amor tiverdes*
Tereis o entendimento de meus versos.

Na Ecloga VII, Camões attribue a origem da creação ao Amor, principio de toda a unidade:

Amor é um brando affecto
Que Deus no mundo poz e a natureza
Para augmentar as cousas que creou.
De Amor está sujeito
Tudo quanto possue a redondeza,
Nada sem este effeito se gerou.
Por elle conservou
A causa principal o mundo ousado,
D'onde o pae famulento foi deitado.
As cousas elles as ata e as conforma,
Com o mundo, e reforma
A materia. Quem ha que o não veja?

Esta ideia do Amor explica-lhe a relação entre a espiritualidade e a fórma, no Soneto X:

E o vivo e puro amor de que sou feito
Como a materia simples busca a fórma.

Explica-lhe a evolução sempiterna, que constitue a vida infinita da creação; no Soneto LVII, formúla quasi a theoria da natureza de Lucrecio:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o sêr, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança
Tomando sempre novas qualidades.

E após este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que *não se muda já como sohia.*

Essa ideia de Edgar Poe, em que expõe sob a fórma phantasiosa a origem do universo derivada de um acto da *vontade,* apparece em Camões na Elegia XI:

Olha aquelle................
...................que fundou
O céo, a terra, o fogo, o mar irado;

Não do confuso cáos, como cuidou
A falsa Theologia, e povo escuro,
Que n'esta só verdade tanto errou.

Não dos Atomos leves de Epicuro,
Não do fundo Oceano, como Thales,
Mas só do pensamento casto e puro.

É ainda seguindo o espirito da primeira Renascença, que na Elegia XI Camões equipara o principio da justiça eterna ao amor:

Esta potencia, emfim que tudo manda,
Esta Causa das causas, revestida
Foi d'esta nossa carne miseranda.
De amor e da justiça compellida.

Diante d'estes factos, póde Camões dizer na Canção XIV:

D'onde Eschola de Sabios nunca viu
Em natural sujeito
Quanto amor em meu peito descobriu.

O caracter mais profundo da Renascença — o individualismo, — que a Reforma desenvolveu, corrigindo o que havia de auctoritario na admiração pela antiguidade, apparece formulado em Camões, como quem influenciou no seu seculo. O livre arbitrio é affirmado no Soneto CCXXXI:

> Caso e Fortuna podem acertar;
> Mas só por accidente dão victoria;
> Sempre o favor da fama é falsa historia.
>
> Excede a o saber — *determinar;*
> *Á constancia, se deve toda a gloria;*
> *O animo livre*, é digno de memoria.

Essa grande maxima de Vico determinada na ordem historica — o homem é obra de si mesmo, — é por Camões deduzida do mundo moral, no Soneto CXXXII:

> Abrir-se devem passos á ventura,
> *Sem si proprio, ninguem será ditoso,*
> Os principios sómente a sorte os move.

O scepticismo critico, que começou no seculo XVI e d'onde se deriva toda a civilisação moderna, apparece no final do Soneto CXCV:

> Casos, opiniões, natura e uso,
> Fazem, que nos pareça d'esta vida
> *Que não ha n'ella mais do que parece.*

Apezar da vastidão do seu espirito, Camões era antes de tudo um artista; educado sob a direcção catho-

lica, falta-lhe a analyse impassivel de um Kant, e ao conhecer a direcção experimental da sciencia moderna, vacilla entre a negação e a crença, e declara-se com uma certa ironia pela contemplação mystica: (Soneto CCXXXVI.)

Effeitos mil revolve o pensamento
E não sabe a que causa se reporte;
Mas sabe, que o que he mais que vida e morte
Não se alcança de humano entendimento.

Doctos varões darão razões subidas;
Mas são as experiencias mais provadas,
E por tanto é melhor ter muito visto.

Cousas ha hi que passam sem ser cridas;
E outras cridas ha sem ser passadas,
Mas o melhor de tudo é crer em Christo.

Erasmo nunca teve um relampago de ironia e de bom senso como este. Em nenhuma litteratura da Renascença, a poesia acompanhou mais de perto a revolução philosophica, do que em Portugal.

Nenhum dos afamados poetas da Eschola quinhentista, se dignou citar o nome de Camões, n'esses Sonetos e Epistolas *ad sodales,* aonde quasi sempre relatam as minimas particularidades do seu viver intimo; encommodava-os a sombra d'esse gigante, que pretendiam abafar sob um desdenhoso silencio, sem se lembrarem que n'esse esforço mesquinho davam a conhecer involuntariamente *que lhe competia um logar á parte e acima de todos.* O tempo com a impassibilidade fatal da sua logica pôz esta conclusão em toda a sua luz. Camões

não dogmatisava canones rhetoricos, não exercia o prestigio de uma alta posição social, não gosou uma vida sedentaria entregue ao ocio doce da litteratura, que Cicero descreve com transporte, não brindava os principes com as collecções dos seus versos; mas exerceu apezar de tudo, uma profunda influencia, tacita, lenta e manifesta. É por que elle comprehendeu o espirito da Renascença, e elevou-se pela rehabilitação da natureza á posse da verdade; nos seus Sonetos repassados de platonismo mystico, Camões suggeriu em volta de si a aspiração á verdade do ideal. Os seus editores, que folhearam as collecções manuscriptas do seculo XVI, acharam a prova material d'esta imitação; grande parte dos Sonetos de Camões andam n'esses Cancioneiros de mão em nome de outros poetas: como de Francisco de Andrade se achou o Soneto 66 de Camões; em nome d(D. Manoel de Portugal, os Sonetos 90, 216, 225, 226; em nome do Conde de Vimioso, o soneto 112 no de Luiz Alvares Pereira o 102; no do Infante I Luiz os 231, 233 e 237; no de Martim de Castro sonetos 258, 262 e 263; no do Marquez de Astorga 223; no do Dr. Ayres Pinel, o 218; em nome de A dré Falcão de Resende, o 197; como de Vasco Mo nho de Quevedo, o 188; o soneto 217 tambem ap rece em nome de Sá de Miranda; o soneto 165 acho com o nome de D. Francisco de Acuña; Dom D de Mendoza assignava os 161, e 165; Pedro da C o 261; o Dr. Alvaro Vaz, o 264; Balthazar Est 316; sob os nomes de Francisco Rodrigues Lobo,

rique Nunes de Santarem o soneto 333; o mesmo sob o nome de Estevam Rodrigues, bem como o numero 348; com o nome do seu collector Soropita andavam os sonetos 116, e 209, e a Elegia XXVI. Era uma especie de communhão sentimental nascida das copias de predilecção, as quaes por explicarem de um modo perfeito a situação moral do que as lia, faziam esquecer a particularidade de quem eram para as abraçarem como proprias emquanto á expressão do sentimento. A personalidade do auctor diffundia-se na generalidade humana; a sua queixa vibrava como a angustia de todas as almas. Que maior gloria do que ser plagiado assim! por esta synthese profunda do sentimento chega o individuo a entrar na penumbra da concepção dos poemas anonymos e seculares, com que a humanidade conta a sua existencia collectiva.

CAPITULO II

André Falcão de Resende

Os poetas jurisconsultos do seculo XVI. — André Falcão de Resende, filho do jurista e poeta Jorge de Resende, nasce em Evora em 1535. — Modo como se determina esta data. — Era protegido da Casa dos Duques de Aveiro. — Epoca da composição do poema da *Creação do Homem*, attribuido erradamente a Camões. — O falso allegorismo poetico. — Versos autobiographicos de Falcão de Resende. — Seus primeiros amores e casamento clandestino; repellido da casa paterna. — Relações com André de Resende, e a amisade litteraria no seculo XVI. — Falcão de Resende casa com D. Leonor da Silveira; seu parentesco e relações intimas com o illustre guerreiro e poeta Heitor da Silveira. — A vida de familia na provincia comparada com a de Lisboa. — Intimidade com Jeronymo Corte Real. — Poetas, hoje ignorados, dos quaes dá noticia Falcão de Resende. — Epoca em que teve relações com Luiz de Camões, depois de 1572. — Protecção de D. Francisco de Menezes. — Nomeado Juiz de Fóra de Torres Vedras em 1577. — A derrota de Alcacer Kibir. — Falcão de Resende segue o partido de Castella. — Versos seus a Philippe II, e ao general da Invencivel Armada. — Sua viagem a Madrid. — Falcão de Resende morre da peste de Lisboa de 1599. — Vicissitudes dos manuscriptos de seus versos, até á edição de Coimbra. — Seu caracter litterario.

Quasi todos os poetas lyricos portuguezes da grande epoca de quinhentos foram juristas; é porque no seculo XVI o estudo da jurisprudencia romana fazia-se de preferencia pelo lado litterario para se penetrar o sentido das fórmulas civis que se procurava adaptar á sociedade moderna. Sabendo-se quanto as *Satyras* de Horacio auxiliam a intelligencia do jurista que precisa recompôr o direito romano, como o provou Benech, comprehende-se como André Falcão de Resende foi em *Portugal levado* por instincto a tentar uma primeira

versão de Horacio. Além da grande influencia litteraria da eschola cujaciana, André Falcão de Resende era natural de Evora, a cidade classica por excellencia, aonde a descoberta de monumentos romanos provocou de um modo exaltado o estudo da antiguidade. Este poeta esteve desconhecido até ao anno de 1854, porque as suas obras ficaram ineditas, e só muito tarde se encontraram trez manuscriptos, hoje collacionados para uma edição começada na Imprensa da Universidade. André Falcão de Resende foi amigo de Camões no tempo da sua desgraça, dedicou-lhe versos, e bastava ter rompido nobremente o silencio dos outros quinhentistas, para merecer um testemunho de respeito ante a posteridade. Era filho de Jorge de Resende, poeta do *Cancioneiro geral*, e de Lucrecia Falcão, e sobrinho do celebre poeta e chronista aulico Garcia de Resende. (1) Seu pae era tido no seculo XVI como um oraculo da Jurisprudencia, exercendo o cargo de Juiz dos Orfãos em Evora. Dos seus primeiros annos fala André Falcão de Resende a seu irmão Antonio de Resende na Satyra VI, que lhe dirigiu para a India:

> *Em Evora*, cidade populosa,
> *Nascemos dez, em rica e nobre casa*
> N'uma conversação doce e amorosa. (2)

Dos dez filhos de Jorge de Resende apenas temos

(1) Vid. a sua biographia em *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, p. 205 a 213.
(2) *Obras, p. 320, verso 130* a 132.

noticia de sete, que são alem dos dois já citados, Garcia de Resende Falcão, Frei Braz de Resende, Filippa Botta, Guiomar Falcão e Leonor Falcão. Jorge dé Resende deu a seus filhos a educação que se usava no seculo XVI, mandando um para o estudo dos dois direitos, outro para as armas e mercancia do Oriente, outros para as ordens monasticas. Esta allusão do poeta á nobreza da sua casa confirma-se pelo facto de ter sido Jorge de Resende enterrado em Evora na Capella do Espinheiro, especie de pantheon da principal aristocracia portugueza; quanto á riqueza, confirma-se pelo que diz Fonseca, na *Evora gloriosa,* ácerca dos seus vastos conhecimentos de direito. A epoca em que nasceu André Falcão de Resende é ignorada; comtudo pelos processos inductivos podemos com certeza fixal-a em 1535. Na Satyra VI, a seu irmão Antonio de Resende, declara:

> Irmão, *dos cincoenta annos já passámos...*

Ora sendo possivel determinar o tempo em que essa Satyra VI foi escripta, tira-se uma conclusão infallivel. Procurando n'ella alguma referencia historica, apenas se acha uma allusão ao costume introduzido pelos jesuitas de ensinarem ás crianças a doutrina christã em cantigas:

> Com tão certos e claros fundamentos
> O livre alvídrio sempre guarde e siga,
> *De Deos* e sua *Igreja os mandamentos.*

Com estes, n'alma, irrevogavel liga
Sempre hade haver contra os imigos d'ella;
Aos meninos se ensina isto em cantiga. (1)

No anno de 1588, o Padre Ignacio Martins inaugurou o uso de ensinar a doutrina ás crianças em cantigas que elle mesmo compunha; saía hallucinado para as ruas com uma bandeira aos hombros, a que elle chamava pendão da Santa Doutrina, tocando uma campainha, ao som da qual as mães mandavam apoz elle os filhos, e os mestres os seus discipulos. Este facto enluctava a cidade de Lisboa, e a grande impressão que causava no espirito publico explica-nos a razão porque Falcão de Resende se referiu a elle. O verso: «*Aos meninos se ensina isto em cantiga,*» fica authenticado com esta passagem da *Chronica da Companhia* pelo padre Balthazar Telles: «e para que os meninos fugissem de musicas deshonestas, *fez compôr, e elle mesmo compoz algumas canções espirituaes e cantigas devotas... e estas lhes fazia tomar de cór,* e lhes fazia cantar de dia e de noite, etc.» (2) O Padre Ignacio

(1) *Obras*, p. 318, v. 76 a 81.
(2) *Epopêas da Raça mosarabe*, p. 314.
Na celebre e popularissima *Cartilha do Padre Ignacio*, hoje rara nas livrarias, se encontram as Cantigas alludidas, que então se ensinavam ás crianças. Trazem a rubrica: «*Cantigas devotas dos quinze Mysterios do Rosario de Nossa Senhora, que os Padres da Companhia de Jesus trouxeram a Portugal na era de 1563.*» (p. 214, ed. 1758.) Esta data não altera a que adoptamos do Padre Balthazar Telles, porque esta ultima explica a adopção do novo costume. Suppômos que as can-

Martins, depois de levar em frente de si um exercito de crianças, dava assaltos aos *Pateos das Comedias,* expulsava os actores, subia ao palco e d'ali doutrinava ex-abrupto os espectadores, como por mais de uma vez succedeu no *Pateo das Arcas.* (1) Parece que d'aqui tirou André Falcão de Resende a imagem catholica da falsidade da vida:

> *N'este theatro* tão capaz do mundo
> *Quantas farças cada hora representam*
> Ou de triste argumento ou de jucundo! (2)

tigas a que allude André Falcão de Resende são as seguintes do Padre Ignacio Martins:

Da emenda da vida

Quem na gloria quer entrar,
Que aos bons é promettida,
Deve logo começar
Vida nova, nova vida.

Na celestial cidade
Disse o Anjo S. João,
Não entrará fealdade,
Nem nodoa de corrupção.

Dê de mão á vaidade,
Abomine ao jurar,
Viva bem, trate verdade,
Quem na gloria quer entrar.

Quanto Deus fez cá na terra
Para bons e maus creou;
Mas o que no Céo se encerra
Para os bons só o guardou.

Quem de si tiver victoria
Com obras e santa vida,
Segura terá a gloria
Que aos bons é promettida.

Chega-te á confissão,
Se queres ser perdoado;
Foge da occasião
Pois he laço do peccado.

Vê que tens grande jornada,
Da-te pressa a caminhar;
Quem no céo quer ter entrada
Deve logo começar.

Examina cada dia
Tua alma com diligencia,
Terás paz e alegria
Que dá boa consciencia.

Anda sempre vigiando,
Pois não sabes da partida;
A morte te anda buscando,
Vida nova, nova vida.

(1) *Historia do Theatro portuguez,* t. III, p. 124 a 128.
(2) *Satyr.* VI, *v.* 10-12.

Fixada a Satyra VI em 1588, como os factos alludidos o provam, segundo vêmos pela Chronica do Padre Balthazar Telles, e tendo n'este tempo o poeta *mais de cincoenta annos* vê-se que elle nasceu em 1535, por que ajuntando a esta data cincoenta e trez annos vem corresponder a 1588; entre o poeta e seu irmão Antonio de Resende, existiu um outro irmão, Garcia de Resende Falcão, nascido em 1536, e já fallecido; Antonio de Resende contava então a esse tempo cincoenta e um annos de edade, que é quanto vae de 1537 a 1588, o que concorda com o verso 127 da Satyra.

André Falcão de Resende frequentou o curso de Direito, por ventura aos dezoito annos de edade, por que em 1553 apparece o seu nome inscripto na matricula dos fidalgos da Casa do Cardeal Infante D. Henrique, aonde se declara tambem a sua filiação, a qual concorda com a que trazem os *Nobiliarios.* (1) Podemos tambem fixar o tempo da sua formatura em 1558, porque na *Pedatura Luzitana* (2) se diz, que elle foi letrado e Ouvidor da *Casa de Aveiro;* e como se sabe foi em 1557, que el-rei D. João III creou este titulo, para o dar a D. João de Lencastre em troca do ducado de Coimbra. Tambem os primeiros versos de André Falcão de Resende foram offerecidos ao primeiro representante d'esta illustre Casa. O poema da *Microcosmographia e descripção do Mundo pequeno, que é o Homem,* em trez

(1) Sousa, *Provas da Hist. geneal.*, t. VI, p. 632.
(2) *Pedatura*, t. V, fl. 208 *v.* a 209 *v.* Bibl. do Porto, Ms. 446.

cantos em outava rima, foi dedicado a D. Jorge de Lencastre, bisneto de D. João II; em um Soneto que serve de dedicatoria, diz:

> Do Magnanimo e invicto João Segundo,
> Do Santo Rei, *bisneto*, a nós primeiro,
> Da *Casa* de Coimbra, e da *de Aveiro*
> *Primeiro* e bem nascido sol jucundo:
>
> Illustrissimo Duque, em todo o mundo
> Honra, luz d'elle, e espelho verdadeiro;
> A ti, a quem se deve o mundo inteiro,
> Favor pede, e se dá o *Pequeno mundo*. (1)

Em umas Sextinas, que servem tambem de dedicacatoria ao mesmo poema, mais conhecido pelo titulo de *Creação do Homem*, vem a rubrica: «*Ao Duque de Aveiro, que morreu em Africa.*» Este segundo Duque de Aveiro D. Jorge de Lencastre, morreu na batalha de Alcacer Kibir, em 1578; mas esta rubrica em nada póde demorar a epoca da composição do poema, porque a copia da antiga aonde ella se acha, foi feita depois de 1599, como se deduz d'esta outra rubrica, da Epistola V: «*Esta Epistola tenho duvida ser do Author, mas achei-a entre os seus papeis.*» (2) É de crêr que a offerta do poema ao joven Duque de Aveiro fosse uma das causas principaes porque André Falcão de Resende foi recompensado com o officio de Ouvidor d'aquella grande e opulenta Casa. O poema da *Microcosmographia*

(1) *Obras*, p. 67.
(2) *Obras*, p. 392.

phia imprimiu-se pela primeira vez em 1615 sob o nome de Luiz de Camões, e tem andado na collecção das suas obras até á mais recente edição, de 1862, da qual o snr. Visconde de Juromenha diz que o não rejeitou: «para seguir o exemplo de todos os outros editores... para não ficar a edição truncada.» (1) Um dos mais esmerados collectores das obras de Camões, o livreiro Domingos Fernandes, em uma dedicatoria ao Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, confessa: «e na mão de muitos Senhores illustres achei tres Cantos da *Creação do Homem,* em outava rima, que vão no fim d'este livro, e tendo-os impressos, V. S. me afirmou não serem seus (de Camões); mas como se tinha impressos por ser obra muito boa e com o nome do Author a deixei hir, estando esta obra começada.» As licenças para a impressão d'este poema estavam passadas desde 4 de de Setembro de 1608, e só foi impresso em 1615 para se ajuntar á edição das obras de Camões de 1616, da qual se imprimiram mil e quinhentos exemplares. Faria e Sousa, não podia perdoar este peccado de attribuirem a Camões esse poema didactico, e na sua ingenuidade de commentador protesta com esta fórma pittoresca: «mal criado fue todo aquel a quien se puso en la mollera que eran de Luiz de Camões aquellas malditas coplas.» Segundo Faria e Sousa, este poema é imitado da segunda parte do livro de anatomia intitulado *Sueño del Marquez de Mudejar, D. Luiz Hurtado de Mendoza,*

(1) Ed. Jur., *Obr.*, t. III, p. 517.

impresso pelo medico Bernardino de Mentana, no anno de 1551. Esta data justifica a composição do poema antes de 1558, como provamos, por causa da novidade da impressão; o medico Pedro Gomes, exaltou esta composição em versos latinos, dizendo que Falcão excedia Virgilio e Homero:

> Carmina *Virgilius* nec quae facundus *Homerus*,
> Quam quae, Lysiadum totius gloria gentis,
> Andreas clarus diserto protulit ore. (1)

A exageração do medico Pedro Gomes justifica-se, primeiro, porque em 1558 ainda não havia apparecido na poesia portugueza um poema didactico, como requeria o genio erudito da Renascença; além d'isso, como medico, o vêr a anatomia prestar-se a uma allegoria poetica, com sentido catholico e moral, lisongeava-lhe a sciencia, rehabilitando-a do horror que ainda então se tinha de estudar o organismo no cadaver. Cremos tambem que o poeta latinista Pedro Gomes teria dirigido Falcão de Resende na sua composição, como vêmos pela linguagem technica que elle emprega nas siglas explicativas. O poeta representa o corpo humano como um edificio; no *Bhagavad-Gita,* já o corpo do homem era figurado como a cidade das nove portas. (2) A allegoria é uma faculdade poetica importante, quando provoca a creação; porem quando se fica n'ella como unico

(1) *Obr.*, p. 73.
(2) *Estudos da Edade Media*, p. 46.

lo, é de uma puerilidade e prosaísmo inadmissi-
poema da *Microcosmographia,* por isso que era in-
l caiu n'este perigo da allegoria; alli os pés são
nados *pedestaes,* as pernas *columnas,* os cabel-
gos e hervas, o estomago é a *cosinha,* os olhos
mellas, a bocca o *grão portal,* os braços *robus-
reteiros,* os dedos os *cinco criados,* os dentes os
e dois moleiros, e assim por diante sem aquella
da giria popular, que têm os nomes d'estas par-
corpo. A *Microcosmographia* é uma composição
idade de Falcão de Resende; no atrevimento da
ão de palavras se conhece isto, como em *domes-
i, suaveis* e outras muitas; é tambem um pri-
ensaio de poema didactico na lingua portugueza,
tal digno de estima e de estudo.
protecção que Falcão de Resende encontrava na
os Duques de Aveiro, levou-o tambem a dedicar
ro de poesia a D. Pedro Diniz, filho segundo do
ro Duque. O Soneto XVII, que acompanhava o
, traz a rubrica: «*dando-lhe um Livro de poesia;*»
se refere a uma certa lucta e agitação da vida, e
or que encontrava n'aquella illustre Casa:

> Espera com razão de ti favores
> N'um tempo tão contrario e tão malino,
> Todo espirito gentil e peregrino,
> Para poder alçar-se em teus louvores...
>
> Achando pois em ti honra e amparo,
> Da triste hypocrisia a má zizania,
> D'entre o bom fruito e flores deita fóra.

Qual o motivo d'estas queixas, suppômos dever attribuir-se a um casamento clandestino e á estreiteza de meios provocada por esta falsa posição em que se collocara. Pelas suas relações com a Casa de Aveiro, devia Falcão ter conhecimento do poeta Antonio Ferreira, que era filho do Escrivão da Fazenda do Duque de Coimbra; mas nos versos d'estes dois poetas não se encontra uma mínima allusão por onde se descubra o terem cultivado a amizade e o commercio litterario.

Através do laconismo heraldico dos Nobiliarios, conhece-se qual o caracter de André Falcão de Resende; na *Pedatura Lusitana,* diz Alão de Moraes, ao fallar d'este poeta: «Casou duas vezes, *ambas a furto,* a primeira com uma filha de Luiz de Almeida, Escrivão d'Evora, da qual teve Luiz Falcão de Resende, que morreu solteiro, e casou a segunda vez com. . . .» Seu pae Jorge de Resende, como vêmos pelos versos que d'elle restam no *Cancioneiro geral,* tambem foi um apaixonado galanteador (1); o seu primogenito, e joven letrado, refinou este caracter amoroso; os casamentos clandestinos eram um abysmo na sociedade portugueza do seculo XVI, como vêmos pela historia do primeiro Duque de Aveiro, e pelo mavioso *Crisfal.* Á sua primeira viuvez refere-se o Soneto VIII, aonde diz que tinha vinte annos a finada:

> *De quatro lustros era sua edade,*
> O saber de mil lustros, e a figura
> E de mil lustros será a saudade.

(1) *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas,* p. 204 a 213.

No Soneto IX descreve este mesmo sentimento, de um modo mais pessoal, o que nos mostra referir-se a si:

Este sepulchro pobre e pouca terra,
Que vês, oh tu que passas estrangeiro,
Se és d'haver cubiçoso verdadeiro,
Um rico e grão thesouro dentro encerra.

Pelo ganhar, a muitos causou guerra;
A mim pelo perder, cruel marteiro:
Mas quem cá nol'o quiz mostrar primeiro,
A apural-o ao Céo o levou da terra.

Se nos lembrarmos que a morte de Sá de Miranda succedeu no anno de 1558, temos tambem fixado o tempo em que Falcão de Resende teve relações litterarias com este chefe da Eschola italiana em Portugal, que então vivia completamente sequestrado da vida publica na provincia; á sua quinta da Tapada chegavam os fervorosos testemunhos de respeito da geração nova, que abraçava a direcção mais justa que dera á poesia portugueza. Foi ao rematar os seus estudos juridicos, que André Falcão de Resende, enviou o Soneto XVI «*A Francisco de Sá de Miranda, mandando-lhe uns versos:*

Illustre Sá, d'alto sangue e engenho,
A vós humildes versos offereço
D'estylo inculto e grande estrilidade;

Mas em que pouco dou, pois é o que tenho.
Se este ser pouco, emfim, lhe abate o preço
Ante vós o abone a sã verdade.

Por effeito do seu primeiro casamento, André Fal-

cão de Resende viu-se forçado a viver fóra de Evora, para arranjar meios de subsistencia; escrevendo o Soneto XVIII ao celebre antiquario André de Resende, descreve esta saudade da patria:

> *Da nossa antiga Casa e genealogia,*
> Lucio Resende, resplendor perfeito,
> De virtudes, rarissimo sujeito,
> De humana e divinal sabedoria.
>
> *A fortuna, com quanto noute e dia*
> *Com mil males me oprime e tem sujeito,*
> *O mór pezar que hei que me tem feito,*
> *É não vos poder vêr como eu queria.*

Era André de Resende, pelo seu caracter bondoso e edade, o confidente dos desgostos do poeta; na Satyra I, que tem a rubrica «*Satyra ou Elegia ao Doutor Mestre Lucio André de Resende*» conta o poeta letrado o desgosto da sua viuvez e allude ao unico filho que lhe ficara:

> Clarissimo Doutor entre os Romanos
> Dos que em Parnaso mais estão no cume,
> Lucio Resende e luz dos Luzitanos;
>
> Querendo-te escrever o que consumme
> Meu peito, como Ticio, foi lembrar-me
> Como em tudo poder tem o costume.
>
> Esta lembrança fez atraz tornar-me;
> E a penna que levava sua via
> Parando o estylo e verso fez trocar-me.
>
> Costuma-se (inda mal) hoje este dia
> Morder mais que escrever; pelo qual venho
> Nem Satyra escrever-te nem Elegia. (1)

(1) Sat. I, *v.* 1 a 12.

Condemnando a sêde de ouro, e a grande emigração da fidalguia portugueza que se deu para a India depois de 1550, vem a falar dos seus desgostos:

A mim um mal sem cura, e sem espr'ança
D'alguns bens que vi já, e não vejo agora,
Onde quer que lhe fujo lá me alcança.

E fôra eu mais ditoso se me fôra
A hora do maior contentamento
De minha vida a derradeira hora.

Após um bem, vi eu dôr e tormento;
Após um mal, mil males outros vi,
Que em males tem Fortuna mais assento.

(*v.* 244 a 252.)

A dura Parca, que a ninguem responde
E a que ninguem abranda sua dureza,
Sob a terra outro meu thezouro esconde.

Outro sobre outro já na fortaleza
Do natural amor guardado e posto,
Mas da morte roubado com crueza;

Sem valer meninice cheia de gosto
Ao são filhinho inda innocente,
Louro cabello ondado, roseo rosto.

(*v.* 274 a 282.)

Refere-se á morte de sua primeira mulher, de vinte annos de edade, e á de seu filho Luiz Falcão de Resende, do qual dão noticia os Nobiliarios. No final d'esta Satyra elegiaca, compara-se com Orpheo, «No triste apartamento de Eurydice», e retrata a sua vida:

Como um cego sem luz, sem algum tino,
D'este bem pobre e dos mais bens da terra;
Em minha mesma patria peregrino.

De facto André Falcão de Resende seguindo a magistratura, andava de terra em terra; Jorge de Resende seu pae, era juiz dos Orfãos em Evora, e é provavel que o seu filho primogenito herdasse este officio, porque o achamos provido em um cargo semelhante.

Como vimos, o poeta queixava-se de estar longe de Evora; em uns versos a Jeronymo Côrte Real, mostra quanto inveja a vida de Lisboa, que elle não póde gosar andando sempre pela provincia:

Pódes, Côrte Real, na real côrte
Gozar tranquillamente, e o ocio amado
Por bem aventurada e nova sorte:

Ocio na Côrte ás Musas tão negado,
E mais n'essa Lisboa ao mar visinho,
Onde o trabalho e o trafego é dobrado.

D'aí vestidas vês da vida e pinho
Verdes fraldas do Tejo alegre e ufano,
Por dar fim ledo a seu longo caminho. (1)

André Falcão de Resende frequentou algum tempo a côrte de Lisboa, como desejava; o Soneto XXX, ao Doutor Antonio de Castilho, guarda-mór da Torre do Tombo, o Soneto XXXI á afamada livraria do Padre Bartholomeu Ferreira, o Soneto XXXIII, «*em declaração*

(1) *Obras*, p. 395, *v.* 148 a 156.

de uns versos escriptos em umu pedra que está sobre a porta que vae da crasta para a Igreja de S. Domingos de Lisboa», a sua estreita amisade com Pedro de Andrade Caminha, que mutuamente se celebravam nos seus versos, provam ter elle vivido por alguns annos em Lisboa. Foi talvez aqui que André Falcão de Resende fez o seu segundo casamento, de que fallam os Nobiliarios, sem citarem o nome de sua esposa; na Epistola I lê-se esta rubrica «*A Heitor da Silveira*, seu cunhado, *estando na Indea.*» (1) O nome d'esta dama, irmã do sympathico amigo e companheiro de armas de Camões, era *Lianore*, como se descobre pelo anagramma de *Norelia.* Na Satyra VIII, dirigida a Heitor da Silveira, retrata a sua felicidade de casado:

Que em reciproco amor minha consorte,
Minha doce *Norelia* e eu vivamos,
Que mal me póde vir que eu não supporte?

Os trabalhos nos quaes nos desvelamos,
Bem amando e soffrendo graves damnos,
Quão doces são, depois que descansamos?

(*v.* 38 a 42.)

Quão bom estado é o de casado,
Conforme ás leis do matrimonio santo,
Do nosso antigo pae primeiro herdado.

Oh, venha eu, Norelia, a valer tanto
Que a vida em companhia e amor passemos,
Celebrando teu nome em verso e em canto!

(1) *Obras*, p. 353.

Dos que rirem de nós, então riremos
E do torpe falar tão sem proveito,
Dobrado sobre todos falaremos.

(*v.* 64 a 72.)

Este ultimo terceto explica-se talvez pelo facto de ter sido o segundo casamento *a furto,* como o diz a *Pedatura Lusitana.* André Falcão pedia a seu cunhado para que regressasse á patria, e depois de lhe fazer commentarios moraes acerca da gloria e das riquezas, conclue com este traço da sua personalidade:

Podera eu escrever-vos mais verdades...
Mas vai-m'o impedir *minha fraqueza*
D'umas febres, que me detem na cama;
Do mais que tendes cá, tendes certeza,
Basta que vos espera quem vos ama.

(*v.* 115 a 121.)

Heitor da Silveira, escreveu-lhe da India uma Epistola em verso, n'um dos intervallos breves em que não entrava em combate vestido com o seu capote proverbial, cuja vista só animava os soldados; depois de descrever a corrupta sociedade de Gôa, remata:

Ditoso, vós, que estaes seguro e quedo,
Amparado do vento á sombra cara,
Em campo ou em ribeira, ou em casa ledo!

Vossa conversação, aos vis avara,
As Musas grangea ora em doce canto,
A descobrir a formosura rara.

Triste de quem em vivo e largo pranto
A cruel sorte noute e dia chora,
Que o coração cobriu de um negro manto!

Não ha no mez e anno uma so hora
Que alegre ver-me possa em tal estado,
Longe de quem de cá minha alma adora.

Vós, ledo, satisfeito,. vós atado
Com aquelle amor puro de vossa alma,
Da vida de cá andaes longe e afastado.

Que alegre estará sempre e pura essa alma
Toda entregue a *Norelia*, á qual só dando
Cada hora da vida his, triumpho-e palma!

Em verso grave e doce ora cantando
Seu nome amado agora em branda prosa,
D'alta sesta o ardor co'ella enganando.

Lograe-vos então ali da graciosa
Fala, do suave ár, do alegre riso
Que sae da córada e fresca rosa...

Quem mais que vós, André, rico e alegre anda?
Quem mais que eu triste e pobre? pois a sorte
Minha, do meu só bem fugir me manda.

(*v.* 49 a 78.)

Como a saudade dá a esta expressão da Epistola de Heitor da Silveira um sensualismo dolorido, uma verdade, uma plena realidade! Heitor da Silveira amava em Portugal uma dama, chamada Izabel, como se deprehende do anagramma de *Belisa:*

Não se vê na amada companhia
De *Belisa*, amor doce, por quem vivo,
E por quem vejo a morte cada dia.

A vida de Heitor da Silveira, companheiro de Ca-

mões nos seus annos mais desgraçados, é tambem triste; era filho d'esse implacavel poeta do *Cancioneiro,* o ultimo Coudel-Mór, Francisco da Silveira, (1) e para conseguir escapar-se á sua extrema severidade paternal teve de pretextar o querer seguir a carreira das armas na India. Esta mesma severidade do velho Coudel-Mór, seria a causa do casamento *a furto* de André Falcão de Resende. Sómente depois da morte de Francisco da Silveira, é que Heitor da Silveira projectou regressar á patria; estava então pobre e endividado; a sua extrema honradez não o deixava fugir aos credores. Depois de largos annos de ausencia, sabendo que Heitor da Silveira tentava voltar ao reino, escrevia-lhe André Falcão, accusando-o das suas delongas:

Ou por ventura a guerra e variedade
De tanta cousa emfim perecedeira
Antepondes á paz, tranquilidade,

A vida montanheza da *Sovereira,*
Agora na espereza do alto monte
O javali seguindo, ou na ribeira;

Agora a par da crystallina fonte
Que com sua frescura e lymphas claras
Mil historias passadas vos reconte;

E as doutas Irmãs nove, nunca avaras
Ali de sua doce companhia,
Guiando-vos a penna em cousas raras?

(1) Vid. a sua biographia nos *Poetas palacianos,* p. 373 a 382.

Gozámos ambos isto algum dia;
Muitos gozar podendo quietamente,
Mas ah! que a inquietação nol-as desvia!

A cega de nossa alma, amigo, absente,
De sede insaciavel, nunca farta
C'os nossos nem c'os rios do Oriente,

Nos divide, e tão longe nos aparta,
E faz que minha Carta mal escripta
Do Tejo ao Ganges a buscar-vos parta.
(*v.* 29 a 42.)

E depois de fallar largamente contra esse cancro
sociedade portugueza do seculo XVI, a avidez de ri-
zas da India, por falta dos recursos industriaes, con-
avisando a Heitor da Silveira d'este abysmo, e
praz-se retratando a sua pobreza e a intimidade da
domestica:

Quem a cubiça hydropica não doma,
Tão pobre emfim, da pobre *Sovereira*,
Será sendo senhor, como de Roma.

Olhae bem lá, claro amigo Silveira,
Não vos opile o limpo e bom juizo,
Aquesta fera sêde interesseira...

Eu cá, bem que me fere o ferro duro
Da feia, imiga inopia de contino,
N'ella me exercitando, mais me apuro...

Assim n'estes combates passo a vida,
Cobrindo-me com bom e forte escudo,
Da paciencia e bondade devida.

A Sparta que alcancei de Deos, comtudo
Minha consorte digo, amo e acompanho:
Com ella falo, leio, escrevo, estudo.

Nenhuns trabalhos ha, nem mal tamanho
Que aqueste amor reciproco nos vençam,
Commum nos sendo tudo e nada extranho.

E deu-nos Deos filhinhos já de bençam;
Mas para contemplar dos céos a gloria,
Por que suas lembranças nos convençam,

Deixou-nos d'elles sóv iva a memoria;
Levou-nol-os depois de baptisados,
E lá os têm comsigo em eterna gloria.

(*v.* 105 a 147.)

Esse mesmo filho do primeiro matrimonio, Luiz Falcão de Resende, tambem lhe morreu em tenros annos como conta n'esta mesma Epistola a seu cunhado Heitor da Silveira:

D'um, de que eu tinha já mil gasalhados,
Esperanças, signaes d'esprito altivo,
Saudade nos tem inda magoados.

Sempre assim nos presenta o rosto vivo,
Doce premio d'amor, dom excellente,
Que a morte descurou com golpe esquivo,

Formoso filho meu, tenro innocente,
Treslado d'aquella alma e formosura,
Que morará na minha eternamente.

Não coube a vossa flor, que a rosa pura
Na frescura, na graça e flor vencia,
Longa vida, mas curta sepultura.

Comvosco já as miserias esquecia
E importunas pobrezas enganava;
Mas ah! choro eu quem me chorar devia!

(*v.* 148 a 162.)

As queixas constantes de André Falcão de Resende contra a sua pobreza, se nos lembrarmos d'onde elle falla no seu nascimento «em *rica* e nobre casa» da qual era o primogenito, só se explicam pelo castigo que lhe infligiria seu pae desherdando-o da casa pelo facto do seu primeiro casamento a furto, de que lhe nascera este filho cuja morte tambem chorava. A amisade com Heitor da Silveira estreitou-se por esta egualdade da desgraça, ambos perseguidos por uma terrivel authoridade paternal. A epoca d'estas relações litterarias, póde fixar-se a contar de 1567, nos ultimos annos da vida de Heitor da Silveira na India; os Sonetos LII e LIII de André Falcão a D. João Lobo, Barão de Alvito, da illustre familia de Heitor da Silveira, levam-nos a fixar esta epoca, por que só depois de 1564 é que succedeu no baronato a seu pae D. Rodrigo Lobo, e a intimidade que esses Sonetos revelam, não era só de vida á communhão litteraria, mas ao parentesco contrahido pelo seu casamento. Dom João Lobo era tambem poeta e homem politico; mas as suas obras estão hoje perdidas:

Senhor Barão, eu mao poeta e pobre,
Versos por outros versos offereço;
Se c'os vossos pagaes, devendo eu fico... (1)

(1) Soneto LIII, p. 130.

Por este tempo é que andava tambem na India seu irmão Antonio de Resende, ao qual se refere Heitor da Silveira, em um Soneto dirigido a seu irmão:

> Tambem do grande *Antonio* o claro lume
> Tirado o véo me tem da vista cega,
> Com seu engenho claro, grave e brando. (1)

Sem terem ainda impresso as suas obras, os Quinhentistas escreviam para estreitarem entre si o trato da amisade, para darem conta dos estudos, para contarem os seus amores, os seus desastres; nas expedições do Oriente andavam muitos poetas, e apezar da immensa distancia e do ruido das armas, escreviam para o reino mandando os versos aos amigos; da India escrevia Camões para Luiz de Lemos, Heitor da Silveira escrevia a Pero de Andrade Caminha, e Antonio de Abreu, apellidado o Engenhoso, e celebre por ser amigo de Camões, escrevia bastantes Sonetos a André Falcão de Resende; (2) os versos de Antonio de Abreu eram considerados apocryphos, mas os que se acham na collecção de Falcão de Resende bastam para restituil-os á authenticidade. Pelos sonetos seus sabemos da existencia de outros poetas hoje desconhecidos, como André da Fonseca, (3) que lhe offereceu o manuscripto dos seus versos; o Soneto XXXIV, traz a

(1) *Obr.*, p. 127.
(2) *Obr.*, p. 113, 116, 117, 119, 455.
(3) Citado por Diogo do Couto, Dec. VII, cap. 5; VIII, cap. 32. (*Anno 1578.*)

rubrica: «*A um livro, que fez seu amigo André da Fonseca.*» Diogo de Abreu, Luiz Alvares Pereira, D. Francisco de Faro, Jeronymo Duarte, D. Luiz de Menezes, alferes-mór, foram poetas da grande pleiada do seculo XVI, apenas conhecidos pelos versos intercalados nas obras de André Falcão de Resende, ou nas referencias ao seu talento poetico.

Em 1569 partira para o reino o seu amigo Heitor da Silveira, na mesma náo em que regressava Luiz de Camões; trazia-o o desejo de abraçar a encantadora *Belisa*, da qual dizia:

> Parti-me sem vos vêr assi enganando
> A dura saudade bem guardada
> Que inda ora mais que então estou chorando. (1)

Antes de entrar da barra de Lisboa, morreu Heitor da Silveira, cansado das guerras em que andara e das viagens e trabalhos de mar, sem poder gosar esses dias de bonança com que a imaginação o fortalecia nos seus desalentos.

Havia já passado a *Peste grande* de 1569, na qual morrera o Doutor Antonio Ferreira, quando Camões chegou a Lisboa; a amisade de André Falcão de Resende começaria pelo commum desgosto da perda de Heitor da Silveira, se é que já não tinham relações desde 1553, em que Falcão fôra inscripto na matricula dos fidalgos da casa do Cardeal D. Henrique. Esta ami-

(1) *Obr.*, p. 365.

sade por Camões torna-se tanto mais notavel, quanto Falcão de Resende é o unico que cita o seu nome, sendo aliás amigo intimo do odioso Pedro de Andrade Caminha; (1) pelo Soneto II dedicado a Ruy Dias da Camara, em que o retrata com caracter liberal, se rectifica essa lenda ominosa, que o representava insultando Camões na sua pobreza, por não lhe haver feito a traducção em verso dos *Psalmos penitenciaes.* (2) A Satyra II: «*A Luiz de Camões, reprehende aos que desprezando os doutos, gastam o seu com truhães*» é o maior titulo de gloria para André Falcão de Resende, por ter consolado aquelle grande espirito no momento em que elle se via desprezado na côrte de Lisboa, ao tempo que no passo eram estimados os bôbos D. Felix e Dom Briando. N'esta Satyra II refere-se á Epopêa dos *Luziadas* então ainda desconhecida por estar inedita, e ao esforço que empregava para a fazer chegar ás mãos de el-rei D. Sebastião:

> Camões, bem te confesso e bem conheço,
> Que entre o joio infelice e má zizania
> De tanto máo costume, e em tempo avesso,
>
> Engenhos nascem bons na Luzitania,
> E ha copia d'elles, que é menoscabada
> Dos máos, e nomeada por insania.
>
> Por isso, como prezo em tua pousada,
> Solta este sonho, e *esperta o adormecido*
> *Tempo com tua voz bem entoada;*

(1) *Obras*, p. 291, *v.* 285 a 297.
(2) *Obras*, p. 124, 125, 126, 445, 451.

> Qual ella é, clara e pura, em som devido,
> Decente, honesto e grave, *até que chegue*
> *Áquelle tão affable e real ouvido.* (1)

Como se tem provado na vida de Camões, o afamado poeta D. Manoel de Portugal, é que conseguiu que os *Luziadas* fossem apresentados a Dom Sebastião; André Falcão de Resende tambem encontrou n'elle bom protector, como o declara no Soneto LXVIII. (2) Em 1571, veiu a Portugal o Cardeal Alexandrino, sobrinho e Legado do papa Pio V com um Breve a convidar o joven rei Dom Sebastião para entrar com outros principes em uma liga contra os Turcos; Falcão de Resende celebrou este legado no Soneto LIV, escripto em italiano e portuguez, e escreveu uma Outava a um dos seus companheiros Alexandre Riario, Auditor da Camara apostolica e Patriarcha de Alexandria. (3) Falcão de Resende estava então em Lisboa, na convivencia da mais illustre sociedade. Na Epistola V, dirigida a D. Francisco de Menezes, confessa a valiosa protecção que d'elle recebia, como este se interessava na sua doença, e como o queria tornar alegre trazendo-o para uma residencia saudavel; esta Epistola V, deve julgar-se escripta em 1574, porque aí fala dos ruidos que andavam na côrte acerca do casamento de D. Sebastião:

> Não sei novas da côrte, que inquietem;
> *Nem se é casado el-rei; ou se apparelha*

(1) *Ib.*, p. 78; Jur., *Obras*, t. I, p. 610, not. 80.
(2) *Ib.*, p. 144 e 145.
(3) *Ib.*, p. 443.

Armada contra os Mouros ou Africanos;
Se está em Almeirim, se vae, se torna;
Se vem Embaixador de extranho reino;
Quem governa, quem manda, ou que se fala
Da privança do Bispo de Miranda,
Do seu prégar na côrte soltamente.
Nada me vem contar, nada me dizem;
Estes bens traz comsigo o meu desterro... (1)

N'esta Epistola v ensaiou pela primeira vez Falcão de Resende o verso solto que havia adoptado o seu amigo Jeronymo Côrte Real; ali confessa, dirigindo-se a D. Francisco de Menezes:

Mercês a ti, Senhor, que o que aqui como,
E o com que me sustento a ti o devo,
Acho-me tão contente com a pobreza,
Como outros estarão com rendas grandes.
Saio sobre jantar para uma relva
Que tenho aqui pegado com as casas,
Crespa com bem-me-queres e boninas,
Estiro-me por ella; não m'o tolhem
Juizos de ninguem, nem crueis linguas.

(*v.* 157 a 165.)

Depois refere como D. Francisco de Menezes tratava de lhe arranjar um emprego adequado ao seu talento e qualidades:

Aqui sei quanto tens em minha causa
Tratado e concertado, tudo approvo;
Em nada sairei d'onde assentaste,
Pois assim te parece; que não trate
Se é pouco, ou se me basta, pois te tenho
Por meu senhor: algumas duvidas

(1) *Obras*, p. 389 *v.*, 124 a 142.

Me poz diante o triste pensamento,
Que parecia haver n'este negocio.
A todos respondi, que o que fizera
O Senhor Dom Francisco, fosse feito; etc.
(*v.* 182 a 191.)

Felizmente a data d'esta Epistola está indicada no seu contexto, o que é importante para entrarmos em uma nova phase da vida de André Falcão de Resende:

Hoje *tres* por andar *de Fevereiro*,
Da era de *setenta* juntos *quatro*
N'éste ermo a que eu chamo o meu Parnaso.
(*v.* 195 a 197.)

O emprego que D. Francisco de Menezes arranjou para accudir ao pobre poeta doente, foi o cargo de Juiz de Fóra em Torres Vedras; no catalogo d'estes funccionarios, publicado na *Descripção historica e economica da Villa e Termo de Torres Vedras,* por Manoel Agostinho Madeira Torres, se acha que André Falcão de Resende serviu de Juiz de Fóra em Torres Vedras, sendo a data da pósse de 17 de Outubro de 1577. (1) Servia em 8 de Outubro de 1578 e em 31 de Agosto de 1579, o que tudo consta do Cartorio da Camara, no *Maço dos papeis antigos notaveis*. Era tambem Juiz dos Orphãos, em Torres Vedras, pôsto por el-rei; um neto do poeta Gil Vicente, Martim Barreto, era por este tempo Escrivão dos Orfãos em Torres Vedras. (2) Em uma Satyra, que André Falcão de Resende dirigiu a Je-

(1) *Ob. cit.*, p. 215.
(2) *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, p. 239.

ronymo Côrte Real, invejando-lhe o seu viver na côrte de Lisboa, allude ao cargo que exercia:

Seja eu pois de ti lá bem recebido,
Se á sombra fôr dos louros e das hedras,
Que a tua nobre fronte tem cingido.

Que eu, por não mendicar e lançar pedras
A' gente, rendido á fortuna e fado,
Lides julgo e componho em Torres Vedras.

Mal respondido aqui, mal despachado,
Desvalido de amigos e senhores,
Remo já velho em remo tão pesado.
. . . .
E ainda em tal logar, tal cargo e vara,
Se alguma hora o teu doce canto ouvira,
Em tanta inquietação descanço achara.

Mas já em vez de cantar, chora e suspira
A Musa minha, e eu quasi em prisão posto,
Nos salgueiros penduro a minha lyra. (1)

Em 1578 succedera a derrota de Alcacer-Kibir, em que a independencia da nacionalidade portugueza ficara irremediavelmente compromettida; André Falcão de Resende perdeu n'esta batalha o seu protector D. Jorge de Lencastre, segundo Duque de Aveiro, a quem tinha dedicado o poema da *Microcosmographia,* e Jorge da Silva, conselheiro de D. Sebastião, aquelle a quem Camões escrevêra o apodo de *Perdigão perdeu a penna,* no tempo em que ambos frequentavam a côrte litteraria da Infanta D. Maria; alli tambem ficaram pri-

(1) *Obras*, p. 306, *v.* 181 a 201.

sioneiros os seus dois amigos Diogo Bernardes e Fernão Alvares do Oriente. Depois da morte da nacionalidade, Camões expirou, em 1580; André Falcão de Resende transigiu com o invasor, e lisongeou-o nos seus versos. Na unica Ecloga que escreveu, e em que parece figurarem Bernardes e Fernão Alvares d'Oriente, elogia a memoria de Camões:

Nas cousas que o abraçam e lhe obedecem
Heroicas emprezas que elle guia,
Obras, em que seus raios resplandecem.

O lusitano *Liso*, nos devia
Ser claro e bom exemplo; o poeta Liso
Que tanta honra e louvor nos merecia.

Com que som, com que estylo, com que aviso,
Com que musica e versos tão perfeitos
Deixando do amor vão o jogo e o riso,

Cantou os Portuguezes e altos feitos
Dos seus compatriotas esforçados,
Por terra e mar caminhos nunca feitos:

Novos climas e mares navegados,
Ilhas, rios e costas, promontorios,
Novos reinos por elles conquistados:

Por novos Viriatos e Sertorios
A quem de immortal nome fez cantando,
Mais claros ao mundo e mais notorios!

E o que d'elles cantou ver desejando,
Seus incansaveis passos d'alta fama
Seguiu, viu, e pisou, tudo passando. (1)

(1) *Obras*, p. 429, *v*. 263 a 283.

Mas apezar de apontar o exemplo de Camões aos seus contemporaneos, foi o primeiro a celebrar Philippe II, por occasião da morte de sua mulher D. Maria d'Austria, fallecida a 26 de Outubro de 1580. (1) Os exercitos de Philippe II assenhoreavam-se de Portugal, e era preciso entrar nas graças do novo árbitro; Caminha, Bernardes e Francisco Rodrigues Lobo tambem incorreram n'este infame labéo. O Soneto LVII a Rodrigo Vasques, conselheiro e embaixador de Philippe II em Portugal, pinta-nos estes fracos sentimentos de patriotismo:

> Um descuidado e infelice Rodrigo,
> Hespanha nos perdeu; mas outro amigo,
> Servindo seu bom rei, nol-a sustenta. (2)

Muitos outros cavalleiros da casa de Philippe II foram celebrados nos versos de André Falcão de Resende; o Soneto X, é feito á morte de D. Antonia da Silva, filha de Phebos Muniz, cavalleiro do conselho de Philippe II em 1587; a Ode V é dirigida a Martim de Castro do Rio, fidalgo cavalleiro de Philippe II em 1592. Quando o Archiduque Alberto veiu governar Portugal em 1583, escreveu Falcão de Resende o Soneto LIX em quatro linguas, chamando-lhe:

> Clarissima real, firme columna
> Del *nostro enfermo regno Luzitano*...

(1) Soneto VI, p. 82.
(2) *Ib.*, p. 134 e 135.

Nos seus versos tambem se encontra a referencia á Invencivel armada, com que em 1590, Philippe II quiz conquistar a Inglaterra. O Soneto LX: «*Á ilha e rainha de Inglaterra,*» allude a essa desvairada expedição:

> A christan barca unida em Santimonia,
> Ao *catholico* rei da Lusitania
> *Navega contra ti infiel Britania,...*

Era general da Armada, Alonso de Bassan; os Sonetos LVI e LXII, exaltam-no como sustentaculo da Invencivel armada:

> La barca pues obscura de Acheronte
> Con su sequaz esquadra ciega, immunda,
> Ya esta rendida a tu *invincible* mano.

Isabel de Inglaterra mandou contra a Armada invencivel o almirante Drake, que a dispersou; tem por isso hoje um caracter comico o Soneto LXII, em que Falcão de Resende, lhe chama:

> Famoso e infame *Drake*, te diran,
> Con razon malo y ingrato ya en effecto
> Contra la santa Iglesia y su precepto,
> Que eres Cossario mas que Capitan.

E ameaça-o do terror com que hade fugir diante de Alonso de Bassan!

Parece que André Falcão de Resende esteve em Madrid por fins de 1589; em quanto a *invencivel armada* navegava para Inglaterra, escrevia o poeta a sua Ode VII: «*A D. Maria de Figueiroa, mulher de D.*

Alonso de Baçam, general da armada,» na qual a confortava acerca do bom exito da expedição e do feliz regresso do seu marido:

« Veras que al claro Alonso
El ayre se serena, y va allanando
Neptuno crespo intonso,
Tranquillo se tornando
Con la christiana armada y se alegrando.
....

Este que el proprio nombre
A tu Capitana y real barca
Pondrá digno renombre
A nuestro alto Novarca
Contra imigos del *unico monarcha.*

O erudito poeta ainda se estava comprazendo no fim do seculo XVI com a chimera da *monarchia universal.* D. Maria de Figueirôa presentiria por ventura o desastre que tinha de succeder nas costas de Inglaterra, por que o poeta lhe escreve:

Cesse pues tu triste duelo,
Cessen, anciosa Señora, y los cuidados
Do amoroso recelo,
Que presto ya trocados
Seran gustos y bienes deseados.

Nos versos de Falcão de Resende está uma pro directa da viagem a Madrid; nas suas *obras meudas,* umas outavas em redondilhas: «*Ao conde de Villa N va, partindo-se o auctor de Madrid.*» (1) Aí escr

(1) *Obras*, p. 474.

no estylo e quasi com o mesmo caracter de pedinte, de Tolentino:

> Bem quizera eu partir-me,
> Inda mal, e inda males,
> Que não posso ir *sem reales*,
> Nem com *cem reales* ir-me.
> Sou mendicante professo,
> E ora por carta d'el-rei,
> O sou mais; não repliquei,
> Mas nunca de pedir césso.
> ....
> Sem outro dinheiro algum,
> E com filho, moço e mula,
> É bem que não vá com gula,
> Mas nem tambem em jejum.

O motivo d'esta viagem foi para requerer a Philippe II alguma tença, como se póde deprehender d'esta ultima trova:

> Que se em meu *despacho* achei
> *A mercê* muito apertada,
> Não devo ir esta jornada
> Mais pobre do que cheguei.

Emquanto esteve em Madrid, celebrou uma apparatosa tourada no seu Romance V, escripto em castelhano, e em um Soneto castelhano e italiano: «*A D. Pedro de Medicis, por occasião de haver saido a cavallo a uns touros que se correram em Madrid, matando alguns de um só golpe.*» (1) Em um manuscripto das obras de Falcão de Resende, que se perdeu em Lisboa, recolheu o velho professor de rhetorica Joaquim Ignacio de

(1) *Obras*, p. 158.

Freitas, o Soneto LXXXII, dedicado á cidade de Madrid, o qual falta nas outras duas collecções conhecidas; n'elle pinta o fim do sentimento cavalheiresco do *Amor*, substituido pelo interesse; a tradição provençal, que animara ainda com o seu fogo o lyrismo do seculo XVI desappareceu diante do industrialismo:

> Que se haze en Madrid? — Gastar dinero,
> En convites, en juegos, en amores. —
> *Quien tiene de las damas mas favores?*
> Aquel que mas ducados da primero.
> ....
> *No valdran ya suspiros y Canciones,*
> *Lagrimas*, *ni requiebros*, ni passeos,
> Velando y lamentando en noche escura.
> Quedar-se han en blanco los deseos,
> *Que solo a los reales y doblones*
> *Se riende aora Amor*, y aun la ventura.

Apezar das pequenas mercês, que Falcão de Resende alcançou de Philippe II, e dos cuidados da sua vara de juiz dos Orphãos, entregou-se aos ocios litterarios, e sabemos que em 1594 ainda cultivava a poesia, pelos versos a Jeronymo Côrte Real, ácerca da publicação do *Segundo cêrco de Diu*. Em 1595 escrevia um soneto a «*uma Dama, que lia por o livro de Francisco Sá de Miranda,*» se é que este livro se deve considerar como impresso:

> Quem não louvará muito, em toda a hora
> O Sá Miranda, nunca assás louvado,
> D'engenho, estudo, estilo alto, apurado,
> *E sobre*tudo tão ditoso agora,

Que é do puro alabastro assim, senhora,
De vossas delicadas mãos tocado,
D'essa voz doce ora pronunciado,
No seio d'alva neve posto outr'ora?
Pyramides, sepulchros sumptuosos,
Edificios que emfim o tempo gasta,
Tanto sem fim não fazem sua memoria;
Quanto a luz d'esses olhos tão formosos,
Que graça e vida dar a tudo basta,
E a mim dão vida e morte, pena e gloria. (1)

Era uma alta homenagem ao antigo mestre e venerando amigo que introduzira em Portugal a eschola italiana; vale bem um Soneto de Lope de Vega. Falcão de Resende é em geral incorrecto na metrificação, mais moralista do que poeta; amigo intimo de Caminha, com quem se escrevia em sonetos e odes, parece-se em mais de uma feição com elle, pela pobreza de ideal, pelo prosaismo da versificação, e pelo caracter porque ambos acceitaram mercês de Philippe II. A epoca da morte de André Falcão de Resende está authenticamente fixada no *Ms.* de Coimbra, aonde em uma Elegia á peste de Lisboa de 1599, escreveu o an-tigo collector esta rubrica: « *Feita pelo A. sobre o mal da peste, que havia na cidade de Lisboa, onde elle estava no anno de 1599; da qual peste elle morreu. E foi a derradeira obra que compoz.* » (2) Na Elegia se descreve deum modo inconsciente o estado de miseria publica, em dezenove annos de invasão hespanhola:

Como está triste e só, qual pobre aldeia,
Lisboa, populosa e grão cidade,
De rica e alegre gente que era cheia.

(1) *Obras*, p. 87.
(2) *Obras*, p. 413.

Ah! quem a viu c'oa sua prosperidade,
Tanta copia de bens, e a vê agora
De males em tão crua tempestade!

De mil cidades outr'ora já senhora,
De bons reis e senhores possuida,
E de vassallos reis possuidora:

Quem a póde vêr ora perseguida
De tão pestifera e vil pobreza,
E dos seus ricos por imiga havida.
(*v.* 1 a 12.)

. . . .
De pobres multidão de porta em porta
Por ruas e por arcos jaz morrendo
Á fome, ao frio, ou jaz de todo morta.

Famélicos e nús, estão gemendo,
Rompendo o céo meninos innocentes,
Os que mais podem, não lhe soccorrendo.

Sem paes, sem mães, amigos nem parentes,
Sem mão ajudadora cá na terra,
Dá-lh'a Deus lá no céo, lá os têm contentes.

Mas que edade não chora tão cruel guerra?
Que pobre acha soccorro, que lhe valha?
Quem val ao vivo? ou quem o morto enterra?

Sem sepultura jazem, sem mortalha,
As terras, céos e ares anojando,
Tão mal prevê a provida... canalha.

Que o *bom Rei*, e o *bom Prelado* dando
Com mui liberal mão acorro a tudo,
Tudo os bons Senadores ministrando;

Os prevericadores máos comtudo
Mal a mal accrescentam, sem temerem
A morte, que consumme o povo rudo.

Roubos, insultos e homicidios ferem
Os corpos e almas de muitos, que a má vida
Tão morta, antes que a vida eternal, querem.

Tão triste está Lisboa, tão opprimida
D'interiores imigos e exteriores,
E de poucos amigos soccorrida.
(*v.* 43 a 69.)

D'esta grande peste de 1599 fallam com terror as Chronicas do reino; começou a 15 de Outubro de 1598, foi o seu maior auge em 1599, durando ao todo cinco annos. Morriam por dia duzentas a trezentas pessoas, e a mortandade era orçada em oitenta mil. (1) No Hospital, que era na Ribeira de Alcantara, entraram desde o começo da peste vinte mil duzentos e vinte sete doentes da peste, da qual aí morreram seis mil trezentos e sessenta e seis, saindo curados treze mil outocentos e sessenta e um enfermos. Em Septembro de 1599 recrudesceu a peste, (2) e foi este o periodo do terror; pela descripção de Falcão de Resende, que resistiu por pouco tempo a esta calamidade, se vê que a fidalguia portugueza emigrára para Hespanha, e que sómente o povo jazia abandonado aos soccorros da authoridade estrangeira. Esta fatalidade coadjuvou a morte da independencia nacional, porque o governo de Castella achou na peste de 1599 um rijo pacificador dos animos exaltados.

Depois de investigarmos a vida de André Falcão de Resende, vejamos como as suas *Obras,* que ficaram ineditas, vieram casualmente á publicidade. André Falcão

(1) *Hist. de S. Domingos,* t. III, p. 406.
(2) *Ann. Hist.,* t. III, p. 172. *Hist. geneal.*, t. XI, p. 891.

de Resende presenteára alguns amigos com copias das suas poesias; de trez exemplares achamos noticia nos seus proprios versos. A primeira copia foi offerecida ao filho segundo do primeiro Duque de Aveiro, como vemos pela rubrica do Soneto XVII: «*A D. Pedro Deniz, mandando-lhe um livro de poesia.*» Da segunda copia dá-nos noticia o Soneto XXV: «*A um amigo, mandando-lhe umas obras suas.*» A terceira copia esteve sempre em poder do auctor, achada entre os seus papeis, como vemos pela nota antiga da Epistola V: «*Esta Epistola tenho duvida ser do Author; mas achei-a entre os seus papeis.*» (1) Depois d'esta Epistola, o que recolheu esses manuscriptos escreveu a rubrica á Elegia sobre a peste de 1599: «*da qual peste elle morreu. E foi a derradeira obra que compoz.*»

Estas tres copias foram achadas no nosso seculo; a primeira, que julgamos ter pertencido ao filho segundo do Duque de Aveiro, existe em poder do snr. Seabra, consultada para a edição de Coimbra. Esta copia é quasi sempre mais correcta do que as outras em quanto á metrificação, mas deficiente emquanto a poesias; falta-lhe a Satyra II a Diogo Bernardes; na Satyra IV a Jeronymo Côrte Real faltam pelo menos seis tercetos; falta a Satyra V a Heitor da Silveira; na Satyra VI ha lacunas de oito tercetos; falta egualmente a Satyra VIII a Heitor da Silveira, bem como a resposta d'este illustre poeta. Finalmente os Villancetes a D. Joanna Loba,

(1) *Obras*, p. 392.

escriptos em 1586, faltam n'esta copia; o que tudo accusa a deficiencia de um primeiro traslado.

A segunda copia, a que allude o Soneto XXV está hoje completamente perdida; foi vista antes de 1831 em Lisboa, por Joaquim Ignacio de Freitas, o qual a proposito do Soneto LXXXII, deixou esta noticia: «*Este Soneto a Madrid vem no Ms. de Lisboa, attribuido a André Falcão.*» O snr. dr. Ferrer procurou esta copia em Lisboa, e escreve na edição de Coimbra: «Não poderam nossas diligencias e investigações deparar informação ou noticia alguma sobre tal Ms. de Lisboa, que aliás o snr. Freitas viu e examinou, como se deprehende d'esta nota, e de outra que fez ao Soneto n.º X...» (1)

A terceira copia, que pertenceu ao proprio auctor, existia na Bibliotheca da Universidade de Coimbra; sobre ella começou Joaquim Ignacio de Freitas a preparar uma edição critica de André Falcão de Resende; era Joaquim Ignacio de Freitas antigo professor de rhetorica no Collegio das Artes em Coimbra, aonde tambem ensinou logica e latim; foi revisor da Imprensa da Universidade, fallecendo em 1831. Não chegou a imprimir a sua lição critica encarregando-se d'este cuidado o lente jubilado da faculdade de direito Vicente Ferrer Neto Paiva, que suspendeu a sua empreza a pag. 480, quando ia entrar na collecção de *Romances*

(1) Na Bibliotheca de Evora, conserva-se manuscripto um *Romance de André Falcão de Resende á entrada de Philippe I em Lisboa.* (Cod. CV—1-3, fl. 166.)

castelhanos. A edição era collacionada pelas trez copias conhecidas, com o rigor usado pelos philologos do seculo XVII. É pena que ficasse truncado este monumento. Apezar das poesias de André Falcão de Resende serem pouco superiores ás de Caminha, sem duvida é este um quinhentista que bastante luz derrama sobre a vida intima dos escriptores portuguezes d'esse opulento seculo.

CAPITULO III

Dom Manoel de Portugal

Sua familia e tradição amorosa.—Auxilia a introducção da Eschola italiana em Portugal.—Relações com Sá de Miranda, com Pero de Andrade Caminha e com André Falcão de Resende.—Por causa da sua nobreza e talentos poeticos pertence á casa do Principe Dom João.—Seus amores mallogrados com Dona Francisca de Aragão.—Quando Camões voltou da India, introduziu-o no paço para offerecer a Dom Sebastião os *Lusiadas*.—Camões celebra Dom Manoel de Portugal como seu Mecenas.—Casa em segundas nupcias com uma irmã de Jeronymo Côrte-Real.—Sua monomania mystica, a contar de 1573.—Como todos os amigos de Camões, na morte do Cardeal-rei, segue o partido nacional do Prior do Crato.—Desastres da familia de Vimioso no dominio de Philippe II.—Tradição que attribue á Casa de Vimioso a dadiva da mortalha a Camões.—Noticia das diversas obras manuscriptas de D. Manoel de Portugal.

Até ao seculo XVI a aristocracia portugueza conservou a tradição provençal, que considerava a poesia como um dos mais elevados dotes que podem distinguir a nobreza. Dom Manoel de Portugal, terceiro filho do afamado poeta do *Cancioneiro geral,* o Conde de Vimioso, continuou a tradição da familia, não só como um dos mais ferventes namorados da côrte de Dom João III, senão como um dos que se empenharam pela reforma da poesia quinhentista, introduzindo a nova poetica italiana. Dom Manoel de Portugal recebeu na educação domestica esse sentimento de melancolia e de austeridade, que illumina o vulto de sua mãe, Dona Joanna de Vilhena, a scismadora *Aonia* da

elegia pastoral da *Menina e Moça.* (1) Nasceu em Evora, pouco mais ou menos, não longe do anno de 1520, e é pela relação da edade e da educação litteraria que se explica a sua amisade por Camões. Quando se entregou aos primeiros ensaios da poesia, já Sá de Miranda vivia retirado da côrte desde 1533; mas na sua solidão pittoresca e philosophica recebia as homenagens dos novos espiritos que procuravam seguir a vereda que elle abrira. Dom Manoel de Portugal apparece-nos muito cedo com intimidade com Sá de Miranda, que acceita a sua adhesão á nova eschola italiana. Nas obras de Sá de Miranda vem um Soneto com a rubrica: «*Dom Manoel de Portugal, a Francisco de Sá, mandando-lhe uma Ecloga.*» (2) O sentido d'esse Soneto revela-nos a submissão respeitosa do discipulo, a tibieza de um primeiro ensaio, e a pouca vitalidade da nova eschola:

ante vós vão confiadas,
(Rarissimo Francisco e excellente)
A rudeza de *estillo differente*,
E as incultas estanças desornadas.

O que brotou de si a natureza
D'arte nem de artificio ajudada,
Colhido sem razão, senhor, offereço.

A vontade de vós seja estimada
Que em *tão baixo tempo, em que pureza*
Em obras não ha, deve ter preço.

(1) Vid. *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas.*
(2) *Ed.* de 1804, p. 14.

Sá de Miranda, para o animar, respondeu-lhe «*pelos mesmos consoantes, como fez o Petrarcha*». Sente-se lisongeado pelo impulso que leva a geração nova para elle, e prorompe:

> Tantas mercês, *tão desacostumadas*,
> Como as servirei eu devidamente?
> ....
> Senhor Dom Manoel, se a só clareza
> D'um peito aberto, puro e fé lavada
> Muito merece, muito vos mereço.

Era esta doçura de caracter, de uma honradez inconcussa, que levava para Sá de Miranda, Dom Manoel de Portugal, Antonio Ferreira, Caminha, Jorge de Monte-Mór, o principe Dom João, Antonio Pereira e tantos outros. No prologo da Ecloga de Sá de Miranda, intitulada *Encantamento*, é que se conhece o valor dos primeiros ensaios de Dom Manoel de Portugal, que veiu auctorisar a nova eschola italiana, repellida da côrte pelo prestigio dos velhos poetas palacianos que ainda figuravam no *Cancioneiro* de Resende com a redondilha da eschola hespanhola:

> Filho d'aquelle nobre e valeroso
> *Conde*, mais junto á casa alta real,
> Abastára dizer *do Vimioso*,
> Senhor Dom Manoel de Portugal:
> *Lume do paço, das Musas mimoso*
> Que certo vos darão fama immortal...
>
> *Em que vos servirei cá d'este monte*
> Huma mercê na terra pouco usada?
> Tanto em outra aqui logo defronte:

Aquella *Ecloga* vossa me foi dada,
Encostado jazendo á minha fonte
De versos estrangeiros variada,
Parescia que andava a colher flores,
Co'as Musas, co'as graças, c'os amores.

Então tornando em mim, disse commigo:
Certamente eu trazia errada a conta,
Que inda ha quem nos renove o tempo antigo
De que tanto se escreve, e tanto conta;
Agora me reprendo e me castigo,
Fazia á nossa Luzitania affronta,
Cuidei que só buscava prata e ouro,
Buscaste-me no meu escondedouro.

Andando após a paga, houve aos sisos
Gram medo (que o confesso) e a huns pontosos,
De rostos carregados, e de uns risos
Sardonios, ou mais claro, maliciosos...

Querem-vos por senhor, não por juiz,
Rigores a departe, *que são dignos*
De perdão os começos ja que fiz,
Aberta aos bons cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquelle, hum só dos lyricos latinos,
Provemos esta nossa linguagem
E ao dar da vella ao vento: Boa-viagem. (1)

N'estes versos consignou Sá de Miranda, o que a eschola italiana deve a Dom Manoel de Portugal; a epoca em que se podem fixar estas relações de amizade, é em 1548, quando Dom João III deu casa ao Principe Dom João, e concedeu tambem as entradas a Dom Manoel de Portugal. (2) O principe era extremamente

(1) *Obras* de Sá de Miranda, p. 319.
(2) Francisco de Andrade, *Chronica de Dom João III*, [illegible]v, cap. 38.

apaixonado pela poesia, e mandou pedir a Sá de Miranda o manuscripto dos seus versos, como vêmos pelo Soneto que os acompanha: «*Ao Principe Dom João nosso senhor, quando lhe mandou pedir estas suas Obras.*» Sá de Miranda mandou-lhe os manuscriptos por tres vezes, como o declara nas rubricas: «*A segunda vez que lhe mandou mais papeis.*» E: «*A terceira vez, mandando-lhe mais obras.*» Foi n'este periodo, em que o velho philosopho esteve em moda na côrte, que Dom Manoel de Portugal se dirigiu a elle reconhecendo a sua authoridade como iniciador. (1) N'este periodo tambem Pero de Andrade Caminha mandava os seus versos a Sá de Miranda, e vivia na intimidade poetica com Dom Manoel de Portugal; Camões estava fóra da côrte, no desterro de Africa, e é por isso que se explica o silencio de Dom Manoel de Portugal, que, bem conhecendo o desagrado em que elle estava junto do principe, nunca cita o seu nome. No emtanto as relações de Camões com Dom Manoel de Portugal, antes do regresso do grande epico do Oriente, facilmente se descobrem pelo mutuo enthusiasmo com que ambos celebravam a formosa e

(1) Quando Dom Gonçalo Coutinho escreveu a pequena biographia de Sá de Miranda, que appareceu na edição de 1614, recolheu os dados mais preciosos da tradição de D. Manoel de Portugal: «ao Senhor *Dom Manoel de Portugal*, digno por seu admiravel espirito d'este e de outros maiores titulos, com os mais que nomeamos, seguimos n'esta relação.» E realmente para lamentar que Dom Gonçalo Coutinho, que tambem consultou para esta biographia a tradição de Bernardes, não tivesse tido a curiosidade de recolher noticias authenticas para a vida de Camões, quando estavam ainda vivos quasi todos os companheiros dos seus trabalhos.

instruida Dona Francisca de Aragão. Era esta menina, dama da rainha Dona Catherina, filha de Gonçalo Nunes Barreto, alcaide-mór de Loulé, e de Dona Margarida de Mendonça; a sua formosura e descrição era proverbial entre os poetas, que lhe entregavam os manuscriptos de seus versos. Conhecendo o genio superior de Camões, e como distinguindo-o contra a cabala que os outros poetas formavam para o destituir, ella só pedia versos a Camões e lhe dava motes para glosar; Dom Manoel de Portugal galanteava-a com todos os extremos, fez d'ella a musa inspiradora dos seus versos, dirigiu-lhe todas as suas composições profanas, ainda ineditas no *Cancioneiro* de Luiz Franco Corrêa, mas o modo como ella recebia estas confissões de amor conhece-se pelo dito do poeta, citado na *Arte de Galanteria:* «Que no queria mas si no licencia para poder con unos organos en el terrero del palacio, enternecer la Señora Dona Francisca.» Em consequencia do continuo desdem de Dona Francisca de Aragão, Dom Manoel de Portugal não publicou os seus versos amorosos, e insensivelmente foi caindo na paixão mystica e na monomania ascetica com que morreu. No *Cancioneiro* manuscripto de Luiz Franco, (fl. 230, *v.)* vem: «*Cantos, Tercetos, Sonetos, Eclogas e Odas de Don Manoel de Portugal a Dona Francisca de Aragão.*» É por este manuscripto que se descobre a historia dos seus amores; escreveu quasi exclusivamente em castelhano, para lisongear a monomania que predominava no paço e na aristocracia culta. Extractamos alguns excerptos para

nos explicarem o desgosto moral que o levou para o mysticismo:

Con lo mismo intento que los rios
por concavos camiños espumando,
llevan de su tributo larga copia
al espantoso mar que le recibe
por senda natural y por costumbre,
ansy a vós, Señora, se ordene
un continuo loar de toda cosa
sensible....................

Canto 1.º
Neste luengo morir en que detienes
por mas terrible pena conoscida
mi alma desposada de los bienes
que suelen aliviar mi triste vida,
Memoria y boluntad tu me la tienes
apesar de esperança femențida.
Nel tormento insoffrible mas te amo,
de ti sola me acuerdo y por ti llamo. (fl. 231.)

É este o sentimento de desgosto que anima o lyrismo de Dom Manoel de Portugal; como um verdadeiro trovador, não cessa de reconhecer a sua inferioridade submissa diante d'aquella que ama, e como alma da Renascença, acha na dôr um prazer, porque é a sua dama que lh'a provoca. Apezar de tudo, o seu lyrismo não póde encobrir uma descuidada monotonia:

Y aun en los logares do es forçoso
que te dexes mirar, te busco en vano,
que ora buelves el gesto desdeñoso,
ora lo escondes con tu blanca mano.
Si espacio lo detienes ancioso
que pudiera alentar pecho mas sano
con descuidada maña, es de tal arte
que viendo-te jamas puedo mirar-te. (fl. 232.)

Diosas, la Fama dixo, esclarecidas
que agora el mundo bolveis al ser primero,
sin nombre sereis sempre conocidas
a do llegar de mi el son ligero.
Si por vos principia junto unidas
a *Francisca* y Ana *el estrangero*
verso el su loor de Portugal
que hara el que vos serviere natural? (fl. 233 v.)

Dom Manoel de Portugal ensaiava o *verso estrangeiro,* ou endecasyllabo italiano, em celebrar a sua dama. Dona Anna de Aragão era irmã de Dona Francisca, e apparece-nos celebrada por Jorge de Monte-Mór, que em 1552 se achava em Portugal:

Dona Ana de Aragon se nombra y llama
A do por el amor causó la fama. (1)
Dona Francisca de Aragon quisiera
Mostraros, pero *siempre está escondida;*
Su vista soberana es de manera
Que nadie que la vee dexa con vida,
Por eso no parece. O quien pudiera
Mostraros esta luz que al mundo olvida,
Por que *el pintor que tanto hizo en ella*
Los passos le atajó para merecella. (2)

Referir-se-ha por ventura Jorge de Monte-Mór a ter Dom Manoel de Portugal perdido todas as esperanças do seu amor, pelo casamento de Dona Francisca de Aragão com Dom João de Borja, Vedor da Fazenda em Hespanha, Embaixador da Allemanha e filho segundo de S. Francisco de Borja? (3) A epoca d'esta desillusão do poeta talvez se possa fixar, se é que a fun-

(1) *Diana,* p. 145.
(2) *Ibid.,* p. 144.
(3) *Historia genealogica,* t. XI, p. 461.

dação do Mosteiro de Jesus no logar de Val de Figueira, no anno de 1556, se deve attribuir ao sentimento mystico com que quiz encher este vacuo da alma. Pelo menos coincide com a epoca em que esteve em Portugal o enamorado de Marfida.

Mas vejamos o retrato completo que Dom Manoel de Portugal escreveu dos seus amores:

Aquella perfecion que se imagina,
aquella que no puede imaginar-se,
de quien jamas alguna no fué dina,
en ti solo, Francisca, pudo hallar-se.
A quien la tierra, a quien el cielo se enclina,
en ti quizo hermosura venerar-se,
y sobre ti puso por corona
Amor desos tus ojos lo pregona. (fl. 233 v.)

y tu de *Aragon* firme coluna
do la antigua virtud es sustentada
de pocas que ay en el mundo...(fl. 235 v.)

De tu raras virtudes infinitas
llegando hasta el cielo y la fama,
las letras de tu nombre dexo escriptas
de color immortal de pura llama. (fl. 236.)

Con Aurora color resplandeciente
de claro y escuro azul iluminadas,
tus ojos fabricó aquella miente
divina, de ydea retratada. (fl. 236 v.)

Sus cabellos, que amor en larga vena
de oro por su mano ha escogido,
los encrespa, añade y aserena,
frente de *nieve pura ha re*volvido. (fl. 237.)

Mas Dom Manoel de Portugal sente que não é correspondido, e queixa-se dolorosamente d'esta fatalidade:

Qual hado, qual destino ó estrella cruda
tu libre pecho contra mi inclina?
qual lingua venenosa, aspera y ruda
al oydo sincero se avizina?
Con razon de verdad pobre y desnuda
te provoca a rigor siendo divina? (fl. 239.)

Claras aguas del Tejo celebradas
soberbias do nascistes con razon,
las que beis por mis ojos derramadas
tambien de alla descienden *d'Aragon*.
De alla dulces venis, mas alleyadas
de mi llanto os ataga el triste son
de mi queixoso canto dolorido,
vuestro gosto en amargo es escondido. (fl. 244).

Além de Camões e de Jorge de Monte-Mór, o auctoritario Pero de Andrade estava tambem na confidencia dos amores por Dona Francisca de Aragão. Na Ode x, das obras de Caminha, que traz a rubrica *Aos bons espritos,* (1) falta esta primeira estrophe, que se acha no *Manuscripto* de Luiz Franco, com a preciosa rubrica: «*Oda de Pero d'Andrade Caminha a Dom Manoel de Portugal em louvor da snr.ª Dona Francisca D'aragão*» (fl. 252 v.):

Versos a bons espritos dirigidos
pelo que sente, entende e se conhece,
e inda que incultos de mi alsidos
A ti primero a musa os offerece;

(1) *Obras*, p. 210.

tambem *a ti primeiro sam devidos*
pela tenção que n'elles apparece
ouve-os, e com mais culto verso ensina
a cantar formusura tam divina.

No *Manuscripto* das Obras de Caminha, do Mosteiro da Graça de Lisboa, sobre que se fez a edição da Academia, falta esta estrophe e a rubrica; o titulo e intuito da Oda x, era convidar todos os poetas portuguezes a celebrarem Dona Francisca de Aragão, para assim alcançarem a immortalidade:

Cantae d'um nome e d'uma formosura
Que dar-vos poderão fama segura:
Eu digo uma *Francisca*
Qual nunca o mundo teve,
Qu'inda o que escrever d'ella se atreve
A perigos grandissimos s'arrisca...

Uma *Francisca*, digo,
Do sangue e nome raro
Dos clarissimos reis *d'Aragão* claro...

Caminha procurava consolar Dom Manoel de Portugal dos desdens da sua amada:

Vereis aqui sujeitas
Mil e mil liberdades,
E a uma só vontade *mil vontades,*
Offerecidas sempre e nunca acceitas...
Vereis que aqui offerece
O amor mil corações, e aqui *os despreza,*
D'aqui vence, e aqui ser vencido preza.

Esta poesia de Caminha foi escripta antes de 1572, por isso que apparece no *Ms.* de Luiz Franco, que acabou de ser recolhido *por este* tempo; o sentido da Ode

de Caminha era incitar Dom Manoel de Portugal a escrever, mostrando-lhe que apezar dos desdens com que era tratado não acabara o motivo dos seus versos. Dom Manoel de Portugal saiu de Lisboa para ir por Embaixador a Castella por mandado de el-rei Dom Sebastião; (1) é n'esta ausencia da côrte, que elle escreveria esta Epistola, recolhida por Luiz Franco, da qual reproduzimos algumas strophes:

Alma del alma mia, ya es llegada
la ora que de mi fue tanto temida,
quanto de ti señora deseada.

Llegada es ya la fin de mi partida,
el cuerpo partirá, pero combiene
de llevar a que el alma se despida.

Se el cuerpo con la ayuda se sostiene
de solo te mirar, como poderia
sin el alma por quien la vida tiene.

El triste cuerpo solo se desvia
de tu presencia, no sé de qual arte
el alma no, que ya no es cosa mia... (fl. 251.)

Raras são as poesias de Dom Manoel de Portugal escriptas em portuguez; no *Cancioneiro* de Luiz Franco vem dous Sonetos platonicos; o que começa: «*A perfeição, a graça e suave geito,*» que anda nas *Rimas* de Camões, sob o numero XC, e que fôra encontrado no ultimo manuscripto por Faria e Sousa em nome de D. Manoel de Portugal, tambem tem este mesmo auctor no *Cancioneiro* de Luiz Franco. (fl. 240.) Á for-

(1) *Chron. de el-rei Dom Sebastião,* liv. v.

mosura de Dona Francisca de Aragão é este outro Soneto inedito dos poucos que D. Manoel de Portugal escreveu na sua lingua patria:

> Ainda que o metal luzente e duro
> tocado do divino vosso objeito
> como raio vos torne o brando peito
> de que Amor a ninguem quiz dar seguro;
>
> Ainda que o pincel claro e escuro
> tal semblante vos tenha contrafeito,
> que ficaes obrigada a ver por feito
> tudo o que elle obrar n'um peito puro;
>
> E inda que em culto verso desornado
> imitando em si vá a formusura
> de que nasce e a que he sacrificado;
>
> Nem lustroso verso, nem pintura
> poderá alcançar ser quotejado
> ó que n'alma imprimiu vossa figura. *(Ibid.* fl. 240).

Dona Francisca de Aragão apparece envolvida nas intrigas amorosas da côrte de el-rei Dom Sebastião; no manuscripto intitulado: *Memorias da jornada que fez o serenissimo senhor rey Dom Sebastião,* figura esta dama espiando uma das phantasticas paixões d'este ingenuo monarcha: «Andava n'este tempo no paço da Rainha, D. Joanna de Castro sua dama, filha do Conde da Feira, com quem El-Rey por sua graça folgava de falar mais, ou fosse isto, ou a grande sua formosura, que parecia digna de obrigar o animo de hum Rey, de que alguns tomaram occasião para julgarem sem outro maior fundamento, e começaram a dizer que el-rei lhe tinha affeição; e como a de El-Rey naquelle tempo era

tão desejada, houve quem para alcançar a verdade d'este segredo, fingiu recados d'El-rei, e ainda bilhete para ella com tanto risco que o saber El-Rey lhe podera cortar a cabeça. Quiz a Raynha inteirar-se d'isto, e ao fim veiu a saber que não tinha fundamento solido, e o mesmo alcançou Dom Martinho Pereira, que nisto fez diligencias; e estando el-rey merendando com a Raynha, olhou por vezes e com attenção notavel para D. Joana, e vendo isto a Raynha *acenou para D. Francisca de Aragão*, a quem ella depois de hido El-Rey, disse que entendia que não havia alli afeição, senão que como El-Rey sabia o que falavam, olhava para a causa por vêr se era tal que merecesse a fama que corria.» (1)

Seria talvez pela importancia que Dona Francisca de Aragão ligava a Camões, que Dom Manoel de Portugal o quiz proteger tambem, falando d'elle a el-rei Dom Sebastião, e proporcionando-lhe ensejo para dedicar-lhe a epopêa dos *Luziadas*.

Camões, na Ode VII, attribue a Dom Manoel de Portugal a mesma influencia benigna sobre a poesia portugueza, que lhe assignara Sá de Miranda, e ao mesmo tempo trata-o como seu Mecenas:

A quem farão os Hymnos, Odes, Cantos,
Em Thebas Amphion,
Em Lesbos Arion,
Se não a *vós, por quem restituida*
Se vê da Poesia já perdida
A honra e gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?

(1) *Ms.* do snr. Visconde de Juromenha. Ed. Camões, t. I, *p.* 504.

Imitando os espritos já passados,
Gentis, altos, reaes,
Honra benigna daes
A meu tão baixo, quão zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro e tenho.
E sacro o nome vosso
Farei, se alguma cousa em verso posso. (1)

Camões pagou com a immortalidade a protecção que recebeu de Dom Manoel de Portugal; não é pelos seus versos, nem pela alta posição politica, nem pelo heroismo com que resistiu á seducção venal de Philippe II pronunciando-se pelo partido nacional, que o seu nome chegou até ao nosso tempo com a gloria que o cérca; essa simples Ode de um homem então sem importancia pessoal, mas que alguma cousa podia em verso, é que tornou o seu nome sympathico para todos os tempos. Na Ode de Camões não transparece a minima allusão a amores de Dom Manoel de Portugal; é natural que já estivessem totalmente frias as relações com Dona Francisca de Aragão, ou se achasse já casado em primeiras nupcias com Dona Maria de Menezes, irmã de Dom João Tello de Menezes, um dos cinco governadores do reino.

Quando Camões imprimiu os *Luziadas* em 1572, já D. Manoel de Portugal estava dominado pela paixão mystica, e occupava-se em escrever poesias espirituaes e o *Tratado breve da Oração,* que Frei Bartholomeu Ferreira reviu e approvou em 18 de janeiro de 1574:

(1) Ed. Jur., *t. II, 274.*

«Li este caderno de exercicios do *amor de Deus* e oração, e pareceu-me summamente bem, e conforme á doutrina dos santos, especialmente á doutrina de são Thomaz e são *Boaventura*, etc.» Não só por estes auxiliares, como pela leitura de Marsilio Ficino, que D. Manoel de Portugal cita, se conhece que o seu lyrismo, repassado do idealismo platonico, desde que perdeu o sentimento da realidade caiu fatalmente na monotonia mystica.

A este amor divino, sobre que dissertava em prosa e verso Dom Manoel de Portugal, allude André Falcão de Resende, tambem amigo de Camões, no seu Soneto LXVII:

> Espirito gentil do alto e divino
> Em real sangue e claro acompanhado,
> N'um fogo formosissimo apurado
> Luz, honra, espanto ao mundo e d'amor dino:
> Unico *Emanuel*, que em amor puro,
> Em *soffrimento e fé* chegaste ao cume,
> E em teu fogo amoroso estás seguro... (1)

Dom Manoel de Portugal convolou a segundas nupcias com Dona Margarida de Mendonça Côrte-Real, senhora do morgado de Val de Palma, na Ilha Terceira, filha de Manoel Côrte-Real, senhor da Capitania de Angra, e de D. Brites de Mendonça, dama da rainha Dona Catherina; (2) Dom Manoel de Portugal era portanto, cunhado de Jeronymo Côrte-Real, o auctor das duas epopêas historicas *Naufragio de Sepulveda* e *Se-*

(1) *Obras*, de Falcão de Resende, p. 144.
(2) Sousa, *Historia geneal.*, t. x, p. 793.

gundo Cerco de Diu. Por este segundo casamento veiu a ter parentesco com Miguel de Moura, e por ventura deveu a estas relações o não ser executado pelo governo da usurpação hespanhola, ficando apenas o resto de seus dias suspeito a Philippe II, que o não pôde comprar. Dom Manoel de Portugal seguiu o partido do Prior do Crato, contra as pretenções de Castella; isto nos explica a sua intimidade com Camões, e justifica a tradição de ter o poeta recebido a mortalha da Casa de Vimioso. O primogenito da Casa, Dom Francisco de Portugal, é que com a espada na mão evitou que as côrtes em Setubal proclamassem rei de Portugal a Philippe II; seu tio o Bispo da Guarda levantou o grito pelo Prior do Crato. Depois que se effectuou em 1580 a usurpação castelhana, a Casa de Vimioso soffreu as maiores atrocidades; a condessa, mãe do Condestavel de Portugal, com suas sete filhas ainda crianças, foi conduzida entre soldados brutaes para Castella e encerrada nas Torres de Torquado; Dom João de Portugal, Bispo de Bragança, foi destituido e clausurado ignominiosamente em um mosteiro de Hespanha. Dom Manoel de Portugal submetteu-se ao governo de Philippe II. É talvez aos desgostos d'este periodo tempestuoso que allude o Soneto LXVIII de André Falcão de Resende:

Quem com azas d'amor se põe na altura
Do quarto céo, e d'alçar-se não cessa,
Té que o seu sol lhe nasça e lhe amanheça,
Das sombras e baixezas pouco cura.

Senhor *Dom Manoel*, se sois á terra
Co'a luz vossa, sol, luz e clara guia,
Que a nuvem a mim só me vos encerra?

Busquei-vos na manhã, no meio dia,
Não vos achei; quem vos busca não erra;
Póde errar quem de achar-vos se desvia.

No periodo da sua desgraça, que vae de 1580 até 1606, é que se devem collocar as suas composições mysticas, escriptas quasi na totalidade em castelhano. A linguagem do amor divino torna-se nos seus versos vehemente, mas monotona; a exuberancia de estrophes sobre um mesmo sentimento fatiga; falta-lhe a brevidade de um Sam João da Cruz ou de Santa Thereza de Jesus, sem comtudo lhes ser inferior. Eis um Soneto portuguez intercalado entre essa infinda alluvião de versos hespanhoes:

Apetece minha alma a fonte viva
No estio de amor, em sésta ardente;
Sequiosa se lança á gram corrente
Da fermosura que de vós deriva.

Cuidando de amansar a sêde estiva
Quanto mais d'amor bebe, é mais vehemente;
Nunca se acabará este accidente,
Que arde amor na minha alma em cousa viva.

Não resiste ao ardor, nem se consumme,
Porque ella é immortal, elle benino;
N'elle deleita a dôr, dá gosto a pena.

Se imagina passar raio divino
Deseja a alma abrasar-se no seu lume,
Tal é do que em si esconde o bem que acena. (1)

(1) *Obras*, de D. Manoel de Portugal, fl. 199.

Dom Manoel de Portugal serviu-se tambem do titulo da velha poetica provençal o *Soláo,* que citáram Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda e Jorge Ferreira de Vasconcellos, mas com a fórma e espirito da poetica italiana. (1)

A velha fórma do romance popular applicado ao divino, é tambem tratada por Dom Manoel de Portugal, antes de Lope de Vega a ter tornado a pôr em vigor; este emprego de fórma esquecida, quando já a *Eschola velha* estava decaída, explica-se por um impeto de piedade humilde; eis o romance sacro:

Reclina la muerta frente
Jesus sobre su costado,
Para ver con tal postura
Si quier muerto abrir-se el lado,
Que en vida desseara tanto
Por quedar aportillado,
Para que por tal ruina
De su cuerpo traspassado,
Entre libre á lo divino
El spiritu afficionado.
Y en esto el odio fiero
Ya muerto le a rematado:
Con la lança trespassando
A Dios hombre el diestro lado:
De sangre la gran corriente
Dos llamas no a apagado,
En Jesus, la de afficion,
Ni la del odio dañado.
Jesus muere por dar vida,
El, por se la aver quitado
De amor y intencion de muerte
Nuestra vida a resultado. (2)

(1) *Ibid.*, fl. 281, *v.*
(2) *Ibid.*, fl. 290, *v.*

Apesar das Obras de Dom Manoel de Portugal terem sido publicadas só em 1605, comtudo já estavam approvadas para a impressão desde 9 de Maio de 1595; sem duvida os esforços que então se faziam para recolher os versos lyricos de Camões determinaram tambem Dom Manoel a recolher os seus, com o fim de extremal-os dos versos profanos que regeitara. A melhor parte das suas obras, a que corresponde ao tempo em que começou a frequentar a côrte de Dom João III até á morte de Camões, ficou inedita. Na Livraria de Dom Antonio Alvares da Cunha, Guarda-mór da Torre do Tombo, estavam ineditas as suas *Obras lyricas* em castelhano; (1) da livraria d'este academico tambem saiu em 1668 uma collecção de ineditos de Camões. Na Livraria do Arcebispo de Lisboa Dom Rodrigo da Cunha, como consta do catalogo impresso em 1627, citado por Barbosa Machado, conservava-se uma outra collecção de Ineditos de Dom Manoel de Portugal com o titulo de *Varias obras poeticas*. No *Cancioneiro manuscripto* do Padre Pedro Ribeiro, recolhido no anno de 1577, que pertenceu ao Cardeal Sousa e se perdeu da Livraria do Duque de Lafões, no terremoto e incendio de 1755, pertenciam a D. Manoel de Portugal tres Sonetos, uma Elegia, uma Canção e uma Ode. O que se continha n'esse precioso *Cancioneiro*, segundo algumas indicações de Barbosa, era o seguinte: dez Sonetos do

(1) *Bibl. Luzitana*, t. III, p. 346.

Padre Pedro Ribeiro; (1) duas Elegias de Sá de Miranda; (2) cento e dezeseis Sonetos, vinte seis Eclogas, cinco Cartas, quatro Canções e uma Ode de Diogo Bernardes; (3) duas Canções de el-rei Dom Pedro (Condestavel de Portugal); uma *Obra em eccos*, de Bernardim Ribeiro; e uma Elegia de Fernão Alvares d'Oriente. No *Cancioneiro manuscripto*, de Luiz Franco Corrêa, começado a recolher em 1557, (de fl. 230 a 252,) vem «*Cantos, Tercetos, Sonetos, Eclogas e Odes de Dom Manoel de Portugal a Dona Francisca de Aragão*»; a fl. 135 *v.* encontra-se uma outra composição sua. Tambem na Bibliotheca de Evora existe um Codice manuscripto com *Poesias de Dom Manoel de Portugal.* (4) É de suppôr que nos seus versos profanos, que ficaram ineditos, existam mais subsidios para recompôr não só a sua personalidade, mas tambem resolver muitos problemas da vida dos outros quinhentistas. (5) É pena que o seu silencio a respeito de Camões seja absoluto. Ten-

(1) *Ibid.*, p. 611.
(2) *Ibid.*, t. II, p. 254.
(3) *Ibid.*, t. I, p. 638.

(4) Catalogo dos Ms. Cod. $\frac{\text{CXIV}}{2-2}$ fl. 123.

(5) O snr. Visconde de Juromenha possue um Ms. do seculo XVII, que descreve na edição das *Obras* de Camões, t. II, p. XVI: «a primeira parte comprehende poesias de differentes auctores contemporaneos, Bernardes, Caminha, *Dom Manoel de Portugal*, Jorge Fernandes, vulgo o Frade da Rainha (D. Catherina); e a segunda parte, que é em letra differente pertence exclusivamente a Francisco de Sá de Miranda, de quem traz algumas poesias ineditas.»

do atravessado uma epoca de successivos desastres, como a grande peste de 1569, a perda da autonomia nacional em 1580, e a peste de 1599, morreu em Lisboa, muito velho, segundo affirma Barbosa, em 26 de Fevereiro de 1606. (1)

(1) No *Hospital das Lettras*, p. 380, expende D. Francisco Manoel de Mello o seu juizo ácerca de Dom Manoel de Portugal:

Lipsio: Já que falaes n'esse apellido, vede se me achaes aí as Obras de Dom Manoel de Portugal.

Author: Aqui estão para um canto, e tão dormentes, que não terá pouco que fazer com ellas a trombeta do dia de juizo.

Lipsio: Em canto estão! Com muita justiça porque são obras encantadas.

Quevedo: Direi por ellas o que com não menos graça que rasão, disse o Marquez de Alemquer Dom Diogo da Silva, quando lhe mostraram essas Obras.

Author: Que disse?

Quevedo: Ello grande cosa es; no sé yo si mala, si buena.

Bocalino: Bem definiu o Castelhano, mas pela regra do outro, muito má cousa deve de ser ella.

....

Author: O aphorismo é bom, mas não vem applicado, porque este Author sobre confuso poeta, foi scientifico, e cuidou com profundidade: quanto mais, que temos por experiencia, que do *apellido* Portugal não ha pessoa indiscreta em o mundo.»

CAPITULO IV

Fernão Alvares d'Oriente e a Poesia portugueza em Gôa.

Epoca aproximada do seu nascimento em Gôa.—A Poesia portugueza na India.—Cantos malayos.—Commanda uma fusta em 1572.—Autobiographia tirada da *Lusitania transformada.*—Vae a Macáo.—Epoca da sua vinda a Portugal.—Accusação do roubo do *Parnaso de Luiz de Camões.*—Vae em 1578 por Capitão de uma companhia á empreza de Africa.—Seu resgate.—Recebe favores de Philippe II: mercê de duas viagens de Coromandel antes de 18 de Fevereiro de 1584.—Patente passada a 15 de Março de 1587, que existiu no Archivo da Casa da India, que está hoje perdido, para poder testar em seu filho no caso de não vagar em sua vida.—Epoca da sua morte depois de 1 de junho de 1594, em que fez o seu testamento.—Luiz Alvares entra na pósse das viagens em 1598.—Este direito tornou-se effectivo por Carta de Philippe II, de 25 de Março de 1598.—Documento obscuro ácerca de Luiz Alvares, de 16 de Abril de 1598.—Viagem de Fernão Alvares á Italia.—Sua imitação da *Arcadia* de Sanazarro.—Vive ainda em 1594, por que allude á sepultura de Camões mandada erigir por D. Gonçalo Coutinho.—O culto de Camões.—É provavel que por sua via os editores mandassem procurar na India poesias de Camões.—Domingos Fernandes.—Relações litterarias com Francisco Rodrigues Lobo.—Suas imitações de Camões.—Caracter da *Lusitania transformada.*—Antonio de Abreu, e Luiz Franco.

Um grande numero dos capitães das armadas que partiram para a India desde 1500 até 1517, consta de poetas afamados, cujas composições figuram no *Cancioneiro* de Resende; (1) desde que a conquista portugueza se firmou no Oriente, e o desenvolvimento do espirito

(1) *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, p. 19.

publico levou as melhores intelligencias para a imitação da poesia italiana da Renascença, a poesia tornou-se uma necessidade moral para os que batalhavam longe da patria, foi um meio de communicação dos sentimentos mais intimos, uma consolação nos desastres da guerra e dos naufragios. Entre os poetas guerreiros, pertencentes á eschola quinhentista, que combatiam no Oriente, figuram Luiz de Camões e os seus intimos amigos Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, Antonio de Abreu, Luiz Franco Corrêa e Fernão Alvares do Oriente. Aquelles que haviam seguido a vida do passo ou da magistratura, mandavam os seus versos para a India, como Caminha, André Falcão de Resende ou o Dr. Antonio Ferreira. Na sua Carta VII, o integerrimo Ferreira aconselha João Lopes Leitão para conservar a paixão pela poesia conjuntamente com a bravura das armas:

> Do antigo Portugal, da grã Lisboa
> Por novos mares, novos céos e climas,
> Ao novo Portugal, á clara Gôa,
> Te vae saudar, *João Lopes*, s'inda estimas
> S'inda as nove Irmãs honras, minha musa;
> Dêm logar duros trons ás brandas rimas.

Esta amisade entre Ferreira e João Lopes Leitão, tinha sido cimentada por Caminha:

> Devemos este amor ao nosso Andrade,
> De nosso amor seguro fundamento.

Gôa, sobretudo depois da chegada de Camões á me-

tropole da colonia, tornara-se um centro florentissimo da poesia portugueza; dava-se ali uma condição para a mais plena liberdade moral, no syncretismo das diversas crenças religiosas. Em Gôa, encontravam-se as seitas do islamismo, dos turcos, dos rumes, dos persas, dos adoradores de Brahma, o que estabelecia uma tolerancia, que por um lado facilitava aos portuguezes o seu dominio, (1) por outro parecia que as mais lucidas intelligencias se refugiavam ali isentas da espionagem inquisitorial do reino, de que já tinham sido victimas os homens mais insignes, como Damião de Goes ou Marramaque. Pode-se affirmar que o estabelecimento da Inquisição em Gôa em 1560 veiu abafar esta actividade litteraria. Dos colonos domiciliados em Gôa, a que se chamava vulgarmente *os casados,* nasceu Fernão Alvares *d'Oriente,* apellido que tomou na Europa como allusão á sua naturalidade. Segundo o P.e Joaquim de Foyos, nasceu elle *não longe de 1540;* (2) o snr. visconde de Juromenha, colloca-o «no anno de 1542, segundo se conjectura». (3) Isto basta para nos dar a conhecer a epoca da sua educação e o meio litterario em que se desenvolveu e que o fez poeta.

A poesia tinha então uma importancia real em Gôa; os vice-reis pediam versos, e eram festejados ou guerreados em verso. Uma satyra perturbava Gôa, mais talvez do que a noticia do apparecimento de um corsario ou

(1) Ferdinand Denis, *Le Portugal,* p. 181.
(2) *Lusit. transformada,* ed. 1781.
(3) *Obras de Camões, t. I,* p. 313.

de uma invasão; Francisco Barreto, o severo Governador, é festejado na sua eleição com o Auto do *Filodemo;* Dom Francisco Coutinho pede a Camões para lhe glosar certo *Mote;* Heitor da Silveira pede-lhe a sua protecção em umas coplas; Dom Constantino de Bragança é perturbado no seu governo com os romances satyricos que os seus inimigos iam cantar-lhe á noite debaixo das janellas. A emoção causada pela satyra dos *Disparates da India,* ou pela *Satyra do Torneio,* explica-se diante d'este interesse, e prova-nos a verdade da animadversão que havia contra Camões. O velho Garcia d'Orta, para apresentar o seu livro sobre as Drogas e simplices do Oriente, soccorre-se á poesia para captar o vice-rei. Diogo do Couto, que viveu em Gôa, e militou com esses guerreiros poetas, obedece a esta mesma influencia quando nas *Decadas* cita versos dos *Luziadas,* com que retrata os costumes orientaes, como os seguintes:

> Ditosa condição, ditosa gente
> Que não é de ciumes offendida... (1)

Este chronista, cita com frequencia os romances populares que se cantavam na occasião das batalhas, e como se celebravam em Gôa as victorias, copiando-nos o principio do romance que começa: *Pelos campos de Salsete,* hoje totalmente ignorado. Na Decada IV, apresenta elle uma cantiga que os malayos cantaram na morte de Dom Paulo de Lima:

(1) *Vid. Decada VII,* cap. 11.

« Capitão Dom Paulo
Baparan de Pungor,
Anga dia malu
Sita pa tan dor.

«que quer dizer: — Capitão D. Paulo, pelejou em Pungor, e antes quiz morrer, que recuar um palmo.» (1) Assim como os malayos celebravam os nossos heroes, os portuguezes tambem lhes davam seus descantes, como o descreve Couto: «um dia depois de cêa, tomaram um tambor, cestros e pandeiros, com suas espadas nas cintas e rodelas lançadas sobre as costas, e as espingardas cevadas, e assi chegaram acerca das tendas do Emperador, e começaram a *foliar e a cantar muito alto*, e assi foliando com grande estrondo pelas portas que os porteiros lhe largaram. O Emperador ouvindo a matinada sahiu fóra com a rainhã e suas damas e mais de trinta tochas accesas e pararam a ouvir a folia, que os nossos iam continuando e o que cantavam era isto:

Viva o Rei de Preste João,
Que pera os Turcos he um Leão. » (2)

Nas conversas amorosas dispendiam-se conceitos de Petrarcha, de Bembo ou de Boscan; havia individuo, como aquelles que retrata Jorge Ferreira, que possuia com esmero o seu Cancioneiro de mão, como o que ainda hoje existe de Luiz Franco Corrêa. Finalmente, quando os livreiros de Lisboa quizeram reunir as obras

(1) *Decada IV*, cap. 11.
(2) *Decada VII*, cap. 4.

perdidas de Camões, recorreram aos curiosos de Gôa, que emudecidos pelo terror da Inquisição do ultramar, ainda guardavam bastantes d'esses thesouros. Domingos Fernandes, na edição das *Rimas* de Camões, de 1616, diz: «prometto para a segunda impressão, por que *da India me tem escripto que me mandarão muitas curiosidades,* e n'este reino heide haver outras mais, e *d'esta maneira se ajuntou a Primeira Parte, fazendo vir da India...*» Domingos Fernandes é que publicou o manuscripto da *Lusitania transformada,* de Fernão Alvares do Oriente; d'aqui se infere, que talvez este poeta, que tanto admirou Camões, lhe indicasse o modo de obter de Gôa novos ineditos, e sobretudo, que é impossivel admittir a tradição de que a *Lusitania transformada* fosse roubada a Camões, ou seja parte do seu *Parnaso,* por isso que o solicito editor Domingos Fernandes seria o primeiro a conhecer o plagio e a pugnar pela integridade da obra do poeta.

A epoca em que Fernão Alvares do Oriente começa a ter importancia civil em Gôa, isto é, em 1572, justifica a hypothese de ter tido relações com Luiz de Camões antes de voltar á patria. Diogo do Couto, na *Decada IX,* cap. 13, descrevendo a Armada com que o vice-rei Dom Antão de Noronha, a quem Camões lia os seus versos, foi a Damão para libertar a fortaleza do cerco de Hecobar, imperador dos Mogores, cita *Fernão Alvares d'Oriente,* como commandante de uma das setenta e seis fustas da expedição. Barbosa Machado, sem allegar o fundamento da sua affirmação, assevera que

Fernão Alvares commandou uma outra fusta sob o governo de Antonio Moniz Barreto. É certo que elle estava na India ao tempo em que alli chegava impresso o poema dos *Lusiadas*, a cuja elaboração devia de ter assistido. A homenagem que lhe mereceu este livro, está nos versos em que o põe a par da Eneida:

> Outr'ora até o epilogo do prologo
> Os *Lusiadas* lia ou os *Eneiadas*... (p. 466.)

Da mesma maneira que Barbosa, escreve o snr. visconde de Juromenha: «Fernão Alvares do Oriente no anno de 1576, ainda militava na India, donde veiu já no fim da vida do Poeta...» Os principaes e quasi unicos subsidios para a biographia de Fernão Alvares, são o que elle de si mesmo conta na *Lusitania transformada;* esta pastoral arcadica é fundada sobre factos acontecidos, como o proprio editor o declara justificando o titulo do livro: «E se parecer a bons juizos que guardou mal o decóro ao estilo pastoril, misturando com elle outro que parece mais alevantado, lembro-lhe que o faz *recontando acontecimentos do mundo per pastores disfarçados*... motivo que tomou o Auctor d'estas transformações para dar a esta obra o titulo de *Lusitania transformada.*» Isto nos mostra o valor autobiographico do livro, e importa aproveital-o. Sob o nome de *Olivio,* Fernão Alvares conta assim a sua vida:

«Nas partes remotas do Oriente, n'huma cidade po-

(1) *Obras de Camões, t. I, p.* 94.

pulosa metropolitana de todo aquelle oriental Imperio, nasci: o meu nome era *Olivio,* o qual, pela dita da mudança do estado, com o trajo mudei n'este que agora tenho *(Felicio).* E posto que a fortuna no principio da vida com seus afagos me lisongeava, não deixou de lhe dar o remate... No estudo das letras, e em especial da poesia a que fui mais inclinado, empreguei a minha primeira edade com tanto gosto, que renunciei por elle outros exercicios que n'aquellas partes, sendo de maior proveito, são tambem de mais estima. No serviço do bellicoso Marte gastei parte alguma da mocidade, não deixando nunca de todo no reboliço das armas a conversação das musas, misturando com o estrondo das trombetas e atambores o brando som da frauta sonorosa, quando o tempo offerecia em algum silencio conjunção acomodada de poder soar... quero somente contar-vos o que toca ao gostoso exercicio das musas depositarias do Thesouro do Parnaso, e o *liquor da sua fonte, que naquellas partes tambem derramam com abundancia.* Não tinha eu passado ainda o principio do verão da breve vida, quando me offereceu o céo benigno occasião de poder enriquecer dos thesouros de Thalia, a melhor que ella mesmo pudera grangear-me.»

Fernão Alvares descreve o logar da sua educação, na parochia de Santa Luzia: «Fóra da cidade patria minha, pouco espaço vivia então occupado no pastoral officio, repastando um grande rebanho de ovelhas, o grande pastor Ribeiro, mais por philosopho que por *pastor* conhecido em todo o Oriente. Passava n'aquelle

quieto remanso a vida o bom Ribeiro com grande quietação em o serviço da *Virgem, que, por não perder a luz da fé, que são os olhos da alma, escolheu da luz da vista corporal e da mesma vida ser privada.*» (p. 187.) Este aranzel bucolico do mais artificioso euphuismo comprehende-se por este fragmento da descripção de Gôa no seculo XVI: «a collina oriental... olha para dous vales, dos quaes um, seguindo o rio para a parte septentrional, está cheio de casas e tem a *parochia de Santa Luzia.*» (1)

Aqui Fernão Alvares conversava sobre poesia com Ribeiro e Arbello, pseudonymo de dois poetas dos mais afamados de Gôa: «Em semelhantes exercicios occupava com gosto immenso a primavera da minha edade, quando aquella furia (a ventura) trocou o estado em que vivi tão contente, que foi o mais felice que logrei da vida... n'outro em que tomei a salva a tormentos de todo o genero, a que a misera vida está sujeita.»... «dividiu, e suspeito que para sempre, tão aprazivel companhia, lançando cada hum a parte tão remota, que juntamente nos apartou do coração a esperança de nos tornarmos a vêr. Para os confins da Felix Arabia fez a sua jornada o meu Arbello.... Eu atado ás rigorosas leis do mundo que seguia, *para o reino me apartei do grão Cataio,* despedindo-nos ambos para sempre do nosso Ribeiro. Já deixavamos atrás a celebrada Trapobana, e as terras opulentas da Aurea Chersoneso,

(1) Apud Ferdinand *Denis, Portugal,* p. 250.

que passamos experimentando a furia das tempestades, com que a Ophir antiga ou nova Samatra, parece que pretende defender o seu ouro... D'esta sorte cheguei á rica praia, cercada das inquietas aguas d'aquelle bravo Arcipelago... Aqui depois de tantos me esperava outro, de que ainda não tinha experiencia: e tão longe da patria que perdi achei a occasião de perder a liberdade que sobre tudo estimava, entregando nas mãos do Amor a vida que de tantos infortunios escapara. Na cidade, que n'uma pequena ilha d'este grande Arcipelago os Luzitanos edificaram, aportei; aonde achei por desconto dos tormentos que passara, hum abrigo, no principio bem afortunado em companhia de Petrario, com quem obrigação antiga e conversação de novo me ajuntava o animo de maneira que sendo aquella a principal occasião de meu desterro, foi este o refugio principal que n'elle tive.» (p. 232.) Tudo isto quer dizer, que se embarcou para Macáo, demorando-se algum tempo na provincia de Cantão, do continente da China, fixando a sua residencia em Macáo, aonde foram os seus amores:

«Huma filha só tinha Petrario, de belleza tam rara, que n'aquellas partes parece que a formou a natureza por testemunho do seu poder... foi este o primeiro veneno que provei, composto de vida ociosa e conversação domestica... Eu, por quanto não fui possante a fazer huma valerosa resistencia á força d'este meu cuidado, convertido já em desejo ardente, posto que honesto, determinei manifestal-o a quem sabendo a causa *d'elle, o pud*esse remediar. Mas Thecrina (Catherina?)

que assi se chamava a filha unica de Petrario, ou por me accender mais o desejo ou porque lhe não soffresse o pensamento mostrar-se a ninguem affeiçoada... humas vezes fingia não entender minhas palavras, outras sorrindo-se m'as extranhava, como quem na maior aspereza me consentia certas esperanças que servissem de arrimo ao pensamento amoroso, que tão de verdade lhe mostrava.» (p. 234.)

Fernão Alvares conta depois como um desastrado equivoco deu fim a estes amores, e como o seu desespero o trouxe á Europa, visitando a Italia e fixando-se em Portugal. Tudo isto, que descreve nas Prosas da *Lusitania transformada,* repete com as mesmas allegorias, nos seus versos:

Depois que o duro fado
Me apartou suspirando
D'aquelle campo alegre e deleitoso
Do meu paterno prado,
Que se vê no leito brando
Deixar a bella Aurora o amado esposo:
E que o dia formoso
Ainda vê no berço,
Notando varias manhas,
Varias gentes e leis ao mundo extranhas,
Me fez correndo andar todo o universo
Buscando algum descanço
Mas quanto o busco mais, menos o alcanço.
Na mais remota parte
Que pizam pés humanos,
Onde só dos ferinos rastro achava;
Nas mãos do fero Marte
Os rigores insanos
E furor rigoroso em mim provava.
Ou nas praias que lava
Do *Indo a gran corrente,*

Com trabalhoso estudo
(Que emfim, vence o trabalho e rompe tudo)
Busquei descanço algum. Mas descontente
De tel-o assi buscado
Que se não pode achar já tenho achado.
N'aquella Ilha ditosa
Que a fina prata manda,
Por onde apenas Phebo o raio estende,
Lá na praia arenosa
Que de uma e outra banda
Mais que a todas do sol a força offende:
Ou onde em vão pretende
A gente que de Apollo
Vê em nascendo a face,
O berço vêr no qual o Ganges nace;
As pizadas deixei, ora de Eólo
O furor importuno,
Outr'ora experimentando o de Neptuno:
Meu cego pensamento
Aqui me afigurava
Que alli repouso algum achar podia;
E o vão contentamento
Que alli depois buscava
Qual vento d'entre as mãos se me acolhia. (1)

Estes versos mostram-nos uma realidade bem sentida; o que descreve nas suas prosas não póde ser tomado como uma ficção. Embora não nos seja possivel hoje interpretar todos os nomes arcadicos a que Fernão Alvares allude na sua pastoral, a parte em que faz a autobiographia é clara. No seus versos, quando o artificio das rimas em exdruxulos o não obriga ás mais forçadas construcções grammaticaes, tem um timbre camoniano, um vago e melancholico espiritualismo de quem muito soffreu e muito se desilludiu; porém a sua

(1) *Luzit. transformada*, p. 91.

prosa é derramada e contrafeita pelos mais desnaturados hyperbatons, o pensamento é obscurecido de proposito por meio de redundancias enigmaticas, os epithetos acompanham com um monotono e embaraçoso servilismo os substantivos, e isto tudo aggravado com o falso genero pastoral na insulsa fórma da allegoria. Tal é a *Luzitania transformada*. Mas uma simples cousa póde fazer ligar interesse á sua leitura; são os vestigios autobiographicos. Sigâmol-os, principalmente na historia de seus amores:

«N'este tempo com uma breve ausencia me foi forçado interromper o gosto em que vivia da presença de Thecrina: porque Petrario de uma necessidade urgente constrangido se foi ao grão Cataio, que da nossa cidade está pouca distancia: e eu levado da curiosidade de vêr com os olhos o que della ao nosso Oriente a fama com tantas boccas apregoa, quiz seguil-o na jornada, imaginando que lhe grangeava n'isso a vontade para o mesmo effeito, para o qual elle com mostras de verdadeiro amor pretendia grangear-me a minha.» (p. 235.)

Para distrahir-se da saudade, o poeta occupa-se em otar os costumes da China: «e da saudade que no meu usava essa mesma ausencia, me aliviava a conversação s companheiros, occupando com elles o tempo em tar a variedade das cousas peregrinas e costumes exnhos do uso commum das outras gentes, que naquella a viamos cada dia. No largo rio, que a grande ci- ao longo de seus muros cinge quasi toda, em uma á grande faziamos habitação; uso alli tambem dos

naturaes, de que tantos vivem no mesmo rio alojados em seus barcos, quantos são os que do mar grangeam o remedio da vida, sem terem na terra nenhum outro domicilio:—«criam em muitos barcos (em que tambem habitam os que vivem d'aquella grangearia) muitas adens, que tomando pela manhã licença de seus donos para se estenderem pelos largos campos, vão discorrendo per varias partes, quando as sementeiras ainda estão em erva e de tal maneira se apacentam das hervas que a terra cria prejudiciaes ao semeado, que não tocam n'elle, antes o aproveitam alimpando-o da hervilhaca que vão pacendo... as quaes se recolhem no fim do dia ao som que de cada bârco lhe faz o seu arraes, sem se confundir nenhuma de tão grande numero. Outras barcas usam meias alagadas, em que se criam peixes, como em viveiro, nos repartimentos que n'ellas fazem para esse effeito... Na occupação de todas estas cousas e outras que não é possivel referir, empregava do tempo aquella parte que de outros exercicios me recrecia: e fui assi enganando minhas saudades e afagando a dor da ausencia com as esperanças da tornada, té que o tempo d'ella chegou tão aprazivel...» (p. 241 a 243.)

No regresso a Macáo, o poeta foi encontrar a sua namorada mais decidida a amal-o, mas um equivoco originou um impossivel entre ambos: «D'aqui por diante comecei de experimentar com mostras claras a vontade de Thecrina em meu favor mais declarada, ou *por que* entendia a pureza da minha... N'esta segu-

rança e conformidade de vontades vivi algum tempo... Para as Ilhas Platarias, assi pela sua prata com rezão antigamente nomeadas, do nosso porto se fez prestes uma nau, em que me foi necessario por mandado de Petrario, a quem já como a pae obedecia, entregar o gosto com as vellas ao vento, e o corpo com a vida aos perigos do mar incerto. Deixando á mão esquerda a costa larga d'aquella grande provincia, de que as outras treze do Reino tomaram o nome, e á direita aquella Ilha, que da formosura com que a ornou o céo e a natureza, mereceu o titulo de Fermosa, fomos varrendo as aguas por cima dos ossos de varões illustres, que nas entranhas do mar salgado alli ficaram para sempre sepultados, até chegarmos á terra, que era o termo do desejo que tão longe nos levava.» (p. 243.) «O segundo dia depois que no primeiro da minha chegada veiu a visitar-me *(um tal gentil homem seu conhecido)* dando-me conta de uns amores novos que tratava com Thecrina, e pedindo-me alviçaras do bom successo d'elles, me mostrou em segredo uma carta sua, que logo á primeira vista conheci, na qual com palavras amorosas lhe offerecia sua affeição, pelos mesmos termos com que d'antes m'a tinha offerecido. Eu dissimulando minha magoa o melhor que me foi possivel, e represando as lagrimas que do peito com tão justa occasião me arrebentavam, lhe dei mostras do gosto, e festejei o bem que o amor e a fortuna tanto á minha custa lhe grangearam... Estava então no porto para partir ao mesmo dia huma *náo aparelhada*, de estrangeiros acaso

guiados por minha boa estrella ali vieram aportar, para aquella parte que do seu ouro tomou o nome tão celebrado no mundo de Aura Chersoneso. N'esta embarcação, dando primeiro conta em segredo ao mestre d'ella, me meti escondido no mesmo dia...» (p. 341.) «da Etyopia, aonde por fim de mil trabalhos nos foi lançar o furor das tempestades furiosas... achei chegado ao porto mais frequentado de todas aquellas regiões uma náo, que já estava prestes para esta nossa Luzitania: e affirmo-vos que sem desembarcar em terra, me embarquei n'ella, tendo por boa sorte occasião tão oportuna... discorrendo primeiro as dezertas praias do Promontorio em que foi convertido o namorado *Adamastor*, nos achamos nas ribeiras da Etiopia...» (p. 345.) «já me estava esperando a companhia para continuarmos de novo a nossa navegação, a que com prospero vento démos principio tão felice, que achando de todo assocegadas as tormentas do Promontorio, que já d'ellas teve o appellido, tivemos por elle pacifica passagem, em desconto das adversidades com que nos recebeu a outra vez que alli chegámos. Entrava o sol na casa do namorado bruto de Pasiphae,... quando chegámos ao porto de longe já tão desejado, d'aquella ilha graciosa, que a mãe de Constantino no seu dia descobriu por beneficio d'aquelles que em tão comprida viagem entregassem a vida aos perigos e descontos do mar salgado.» (p. 355.) Fernão Alvares refrescou na Ilha de Santa Helena; elle dá a entender ter sido esta ilha a realidade da ficção de Camões na *Ilha dos*

Amores. (p. 365.) «Finalmente... nós entregando outra vez as velas ao vento e as vidas aos mares inimigos, chegamos a ver as arêas do celebrado Tejo, douradas antigamente na opinião dos estrangeiros, e regadas agora com as lagrimas dos naturaes. Eu como tinha pôsto a gloria da vida na minha peregrinação, tres dias me detive só em vêr as grandezas da cidade insigne, que na nossa Europa edificou Ulysses. Passando depois pela ribeira do claro Lena, e por esta do vosso Nabão tão famoso, fui vêr as do Erimantho, e a gentileza dos pastores do alto Menalo... Aqui... colhi o deposito rico com que a enobreceu o velho *Sincero:* e com elle me vim a esta vossa ribeira a que me inclinou mais o gosto.» (p. 379.) Fernão Alvares descreve como fez a viagem da Italia, aonde recebeu a primeira impressão da *Arcadia,* de Sanazarro, que imitou na *Luzitania.*

Sob o nome de *Felicio,* Fernão Alvares d'Oriente descreve como obedeceu á influencia de Sanazarro, conhecido pelo nome poetico de *Accio Sincero:*

> Assi *Sincero,* cujo nome a gloria
> Celebra entre os Pastores, e alcançou
> Do baixo esquecimento alta victoria.

A tradição dos amores e tristezas de Sanazarro eralhe conhecida, e por certa analogia de situações da sua vida é que procurava imital-o. Sanazarro cantara apaixonado por Carmosina Bonifacia, e no seu desespero abandonou a Italia; andou em França, d'onde, regressando com saudades, veiu achar morta a sua ama-

da. Vivendo na sua villa de Mergolino, especie de retiro arcadico aonde se inspirava, foi-lhe ella destruida pelo principe d'Orange; este desgosto levou-o ao maior desespero e á morte. (1) Eis como Fernão Alvares allude a estes factos:

> Se a triste vida foi de ti sentida
> De *Sincero* e de Phili a morte escura,
> Que em fim dóe mais que a morte a triste vida;
> Se chorando cantaste *a sorte dura*
> *Do tempo*, que a discordia e a má zizania
> Metteu entre os pastores na espessura:
> Eu á patria tornando, a sua insania
> Em ti chore com dor que da alma nace,
> *Arcadia* transformando em *Lusitania*. (2)

Fernão Alvares, tambem deixou Gôa, sua patria, por motivos de amor de Thecrina e escreveu a *Lusitania transformada* depois de ter soffrido o cativeiro de Alcacer Kibir, e de ver a patria escrava sob o jugo de Castella. O epitheto de *transformada*, segundo o testemunho de Domingos Fernandes, intelligente editor seu contemporaneo, é por alludir a factos reaes e historicos: «*lembro-lhe que o faz recontando acontecimentos do mundo per pastores disfarçados.*» Se o desfecho dos seus amores com Thecrina não é imaginario, então havia uma certa analogia moral para Fernão Alvares querer continuar a tradição de Sanazarro. A carta de Thecrina, que foi mostrada a Fernão Alvares

(1) Tiraboschi, *Storia della Letteratura italiana*, P. [illegible], p. 1200.
(2) *Lusitania transformada*, p. 7.

tinha sido escripta a pedido de uma falsa amiga, com o intuito de lhe derrubarem o seu amor; assim aconteceu. Fernão Alvares fugiu no seu desespero para a Europa, e a queixa que lhe mandou matou-a pela sua flagrante injustiça: «daquella carta que te foi mostrada por Urselio, de Thecrina, só era a letra sua e não a carta: porque Urselio, segundo a fama depois espalhou por todas as partes do Oriente, obrigado ao amor da honesta Thecrina, cuja constancia não pode abalar com mostras d'elle, quiz ajudar-se para remedio d'esta magoa sua de hum artificio malicioso, em que se valeu da industria de Lorenia (Lianore?) que a ti tambem por affeição, como sabes, estava inclinada: foi por este modo. Fingiu-se Lorenia rendida ao amor de Urselio: e que obrigada d'elle dava parte a Thecrina de quem como sabes tambem era secretaria, do seu cuidado, pedindo-lhe a copia de huma carta para Urselio em resposta de outra sua que lhe mostrou, a qual lhe mandasse por mostra e confirmação da vontade affeiçoada, que de si lhe descobria. Esta foi a carta, Olivio meu, mas já Felicio, que tu viste tirada da mão de Thecrina com este engano, com que pretenderam divertir-te do seu amor, e tu inadvertido d'elle fizeste partida tão repentina... E como de teu apartamento não tivesse mais noticia a innocente Thecrina, que aquella que lhe deu um papel que lhe mandáste, sentença de uma falsa informação em que ella se viu tão injustamente condemnada, tomou tanta pósse de seu peito esta magoa, que de todo a privou dos sentidos e em poucos dias tambem

da vida: etc.» (p. 392.) O typo de Thecrina tem o mesmo colorido melancholico que a Carmosina, de Sanazarro.

Fernão Alvares d'Oriente regressou da Italia a Portugal, aonde encontrou ainda vivo Luiz de Camões; pelo menos parece referir-se a elle, quando sob o nome de Urbano esboça alguns episodios da sua vida:

Ali onde levado do forçoso
Impeto o Tejo co' liquor mistura
Do mar salgado o seu liquor gostoso,
Mil glorias me outorgou minha ventura;
Mas depois pondo ao seu costume o sello,
Deu volta logo a roda mal segura.

. . . .

E porque o gado que eu por proprio tinha
Possuissem extranhos, me quizeram
Cortar tambem da vida a fraca linha.
Com esse nosso grão Pastor fizeram
Que em prisão dura me puzesse, alheio
D'erros que, sendo meus, em mim puzeram.
Uma rocha mui alta está no meio
Das agoas, onde o Tejo caminhando
Penetra de Neptuno o largo seio;
Alli, onde com som sonoro e brando
Das claras aguas leva ao mar o pezo,
Que d'elle n'outra parte está tomando;
Me teve em prisão dura um odio acceso
Por me livrar d'outras prisões extranhas
Em que do amor me tinha o laço prezo.
Mas quando o corpo meu n'essas montanhas
Mais preso estava, em aspero tormento,
Triumphador de sem razões tamanhas,
A alma mandava livre o pensamento
A gosar da presença que na vida
Foi sempre de meus olhos mantimento.

. . . .

Da prisão livre, mas do Tejo ausente
Me poz;..........................
No peito abrindo-me outra nova fonte
Da vista me alongou da patria minha.
(Pag. 132. sq.)

Esta situação aqui descripta concorda com o que se sabe da vida de Camões. Fernão Alvares imitou muitas poesias de Camões, quando ainda estavam ineditas, o que nos prova que as conheceu pelos differentes manuscriptos que corriam na India, ou talvez pela propria communicação com o poeta. O Soneto que começa: *Horas breves do meu contentamento,* roubado por Bernardes (n.º 75 das *Flores do Lima,* em 1597) e glosado por Balthasar Estaço (p. 94, *Poesias,* em 1604) e por André Falcão de Resende, (p. 435) foi encontrado em nome de Camões pelo guarda-mór da Torre do Tombo em 1668; porém Fernão Alvares, que escreveu a sua *Lusitania* antes de 1594, glosou-o como de Camões. O mesmo fez com as Outavas I, estancia 25, que só foram publicadas pela primeira vez em 1595 por Soropita; glosou tambem a estancia que começa: *Toda a alegria grande e sumtuosa;* e allude á Ecloga I, em que Camões celebrou a morte do seu amigo D. Antonio de Noronha e do principe Dom João. A esta Ecloga, que Camões mandara para o reino, se referem os seguintes versos de Fernão Alvares:

D'esta mudança de que já cantaram
Frondelio lá no Tejo e Umbrano outr'ora,
Quando do seu Tionio celebraram
Exequias que inda entôa o ecco agora.
Cantemos nós tambem, pois se declaram

Em nósso dano os tempos mais cada hora,
Tomando aquella estancia por sogeito
De que sempre te vi tão satisfeito.
Aquella estancia, digo, que começa:
Toda a alegria grande e sumptuosa.
Já póde ser que assi cantando esqueça
Tantas magoas em esta alma saudosa. (Pag. 32.)

É a sexta estancia da Ecloga I de Camões:

Toda a alegria grande e sumptuosa
A porta vem abrindo ao triste estado:
Se um'hora vejo alegre e deleitosa
Temendo estou do mal apparelhado.
Não vês que móra a serpe venenosa
Entre as flores do fresco e verde prado?
Ah! não te engane algum contentamento;
Que mais instavel he que o pensamento.

Glosando e estudando as poesias de Camões, Fernão Alvares d'Oriente chegou a imitar perfeitamente esse lyrismo idealista, tantas vezes sepultado sob a sua prosa arrebicada. A Ecloga I de Camões só foi publicada em 1595; portanto Fernão Alvares conheceu-a inedita; ella apparece recolhida no *Cancioneiro manuscripto* de Luiz Franco, (fl. 13, *v.*) com o titulo de *Ecloga Funerea,* e pelo logar que occupa n'esse manuscripto, indica-nos que Luiz Franco a copiou em em 1557, e que Fernão Alvares a estudou quando ainda residia em Gôa.

Em 1577 estava Fernão Alvares na intimidade dos Poetas portuguezes, e as suas poesias eram já procuradas para as collecções, como vêmos pelo facto do P.e Pedro Ribeiro recolher a Elegia que começava: *Saia*

d'esta alma triste e magoada, no seu *Cancioneiro manuscripto* hoje perdido. Na *Lusitania transformada,* fala Fernão Alvares de um Pastor Ribeiro «mais por filosopho que por pastor conhecido em todo o Oriente. Passava n'aquelle quieto remanso a vida o bom Ribeiro com grande quietação em o serviço da Virgem» (Santa Luzia). (p. 187.) Este pastor Ribeiro era o parocho da freguezia de Santa Luzia, em Gôa; e pelas allusões de Fernão Alvares, se conhece que era na realidade o Padre Pedro Ribeiro: «Em um pequeno albergue, mas mui ameno e deleitoso, *ao seu nome consagrado,* despendia os dias o bom Ribeiro em honestos exercicios, colhendo n'elles o fructo de seus trabalhos e vigilias... » (p. 187.) Na descripção de Gôa no seculo XVI, se encontra a explicação d'estes periodos «et du costé du septentrion elle (Gôa) touche presque jusqu'au fleuve. Il est vray qu'à son pied, il y a une rue assez petite sur le bord du fleuve, laquelle arrive jusqu'en la partie occidentale de la ville et dans laquelle est la paroisse de *Saint Pierre...*» (1) Esta parochia pertencia aos dominicanos, e é natural que as vigilias do pastor Ribeiro, se entendam pelo trabalho do ensino collegial. Nada se sabia do Padre Pedro Ribeiro, mas pelas allusões tão claras de Fernão Alvares, não só se encontra o fio para reconstruir a sua vida senão tambem se explicam as suas relações pessoaes.

Em 1578 Fernão Alvares d'Oriente foi por capitão

(1) *Ferdinand Denis, Portugal,* p. 250.

de uma companhia de soldados, na expedição a Africa, e ficou captivo na batalha de Alcacer-Kibir. (1) Aqui é que estreitou os laços de amisade com Diogo Bernardes, ao qual allude tantas vezes na sua *Lusitania*. Depois de contar os amores da ingrata *Silvia*, que illudia todas as esperanças do poeta, (p. 38) faz uma referencia ás eclogas piscatorias de Bernardes: «Era *Limiano* pelo nome conhecido tambem entre os pastores, e muito mais pela destreza da musica, em que fazia vantagem a quantos exercitavam no claro Tejo a arte piscatoria.» (p. 421.) O nome do poeta era tirado do rio *Lima*, d'onde Bernardes era natural. No captiveiro conheceria tambem o poeta Miguel Leitão de Andrade, admirador convicto de Camões, e a quem visitou depois em sua casa junto ao Zezere. Fernão Alvares era protegido por D. Miguel de Menezes, marquez de Villa-Real, (2) talvez a quem deveu o seu resgate. Por um documento que se guarda na Torre do Tombo, conhece-se que elle se deixou corromper pelas graças de Philippe II, que como cesarista, fixava por esse meio a conquista de Portugal. Em 18 de Fevereiro de 1584 foi nomeado para a vagante de duas viagens de Coromandel; em 5 de Março de 1587 foi-lhe passada a patente; e por Alvará de 15 de Março de 1587 é-lhe concedido o poder deixar em testamento esta mercê aos seus herdeiros.

Fernão Alvares do Oriente frequentava a amisade

(1) Jur., *Obras de Camões*, t. I, p. 313.

(2) André Falcão de Resende, exalta o Marquez de Villa Real, mandando-lhe um Cancioneiro. *Obras*, p. 470.

litteraria de Dom Gonçalo Coutinho, que vivia retirado na sua quinta dos Vaqueiros, aonde se reunia Bernardes e outros poetas. Em 1594 mandou Dom Gonçalo Coutinho erigir uma sepultura a Camões, para que se não perdesse totalmente a memoria do logar em que jazia. Fernão Alvares alludiu a este facto na sua *Lusitania transformada,* de fórma que nos deixou notado o tempo em que trabalhava na sua pastoral: «Mas entre todas a estatua dos Poetas da nossa edade, que cantou a larga navegação dos Lusitanos, a qual se divisava das outras com este letreiro—PRINCEPE DOS POETAS—*titulo que d'aqui parece trasladar á sua sepultura hum peito illustre e generoso*...» (p. 115.) Fernão Alvares d'Oriente devia ser consultado pelo editor Soropita, que havia pouco deixara a Universidade de Coimbra, para corrigir os ineditos de Camões; Fernão Alvares descreve a Universidade, e ao mesmo tempo a tradição dos poetas quinhentistas que alli se crearam:

Aquelle cujo nome o céo reserva,
E tanto pelo mundo se derrama;
De quem se diz que assi honrou Minerva,
Que de Helicona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva:
Este pois desejando eternisar-se
O seu nome, e por elle a patria nossa
Sobre as azas da fama alevantar-se,
Porque com causa Lusitania possa
Dizer, ó sabias Musas, que algum dia
Tambem soube estimar a gloria vossa:
Aqui n'esta alta e inculta serrania
Vos deu esta bellissima morada,
Qual a vosso *alto preço* e sêr devia.
....

Pois este templo, por que mais te espantes,
Consagraram á Santa poesia
As almas musas, de seu preço amantes.
Mostrando assi, que a sua alta valia
Sobre todas as artes que ensinavam,
Mór gloria e mais estima se devia.
Então posso dizer, que o frequentavam
Quantos de honra movidos para a frente
Hera, baccaro e louro cubiçavam. (p. 106.)

Mas no tempo em que Fernão Alvares escrevia, o espirito nacional estava extincto e só os baixos sentimentos é que agitavam a vida civil:

Agora, já os peitos vís se encheram
De inveja, de soberba e de cobiça
Em si, dar-te nenhum logar puderam.

Não só a poesia já não era estimada pelos fidalgos portuguezes, mas tambem a lingua patria era tida como despresivel, falando-se de preferencia o castelhano. Fernão Alvares resumiu com certo artificio todas as queixas desdenhosas contra a lingua portugueza: «A linguagem portugueza é primeiramente tão escabrosa, que apenas acharás entre mil um estrangeiro, por mais larga continuação que tenha d'ella, que a possa pronunciar sem commetter infinidade de faltas, que não soffrem que sejas de tão austera condição, que todas as outras nações condemnes por desculpar a tua... Quanto mais que em lhe chamar linguagem portugueza fiz uma falsa supposição, sendo assi que a não ha: que aquella de que usamos agora no Portugal moderno é mendigada *das outras nações*, de tal maneira que até ao arabigo

pedimos emprestado enxoval para podermos enfeital-a com cabedal alheio... Mas por que vejas mais claro esta pobreza, não só na minguante dos vocabulos... senão na impropriedade das palavras, que é o que mais importa; toma qualquer sentença em qualquer outra linguagem e acharás que traduzida na nossa polas mesmas palavras sôa tão mal... » (p. 219.)

Este juizo, que Fernão Alvares combate, mostra-nos os meios que então se empregavam para fazer com que não fosse falada nem escripta a lingua portugueza, o orgão mais poderoso da nossa nacionalidade. Nas conquistas do Oriente, desde que a Inquisição alli foi introduzida, acabou essa seiva poetica de que Fernão Alvares é um representante; uma vez abandonada a fórma escripta, que dava fixidez á pureza da lingua, facil foi o dar-se a corrupção a que hoje se chama o dialecto de Ceylão. Para que se faça uma ideia d'este dialecto, ao qual parece referir-se Camões, quando allude «*á linguagem mascavada de hervilhaca, que trava na garganta do entendimento*», transcrevemos aqui um excerpto tirado da Biblia de Colombo:

«1. Agora o serpente tinha mais sutil daqui o animals de o campo qui o Senhor Deos já forma. E elle ja falla per o molher, Sim, ja Deos falla qui vossotros nemiste cume de cada hum albre de o horta?

«2. E o mulher ja falla per o serpente, Nos pode cume de o fruito de o albres de o horta:

«3. Mas de o fruito de o albre qui tem ne meo do

o horta Deos ja falla, vossotros nemiste cume de aquel, nem toca aquel somente qui vossotros nada murre.

«4. E o serpente já falla per o mulher, Per verdade vossotros nada murre.

«5. Videque Deos te sabe qui ne o dia ne qui vossotros te cume de aquel, vossos olhos lo ser aberto, e vossotros lo ser como deoses, sabendo bom e mal.

«6. E quando o mulher ja olha qui o albre tinha bom per comera, e qui aquel tinha fremoso per o vistas e hum albre qui tem disejado per fazer cizo, elle ja toma de o fruito de aquel, e ja cume e ja da tambem per seu marido e elle já cume.

«7. E o olhos de amos dous de elleotros ja fica aberto, e elleotros ja sabe qui elleotros tinha no; e elleotros ja cuze per huma o folhas de o figueira, e ja pindura aquels diante elles mesmo.» (1)

Na primeira traducção portugueza da Biblia, pelo P.e João Ferreira de Almeida, feita no seculo XVII, se pode vêr a distancia que separa esta phase dialectal da lingua escripta:

«1. Ora a serpente era mais astuta que todos os animaes do campo que Jehova Deos tinha feito: e esta disse á mulher: He tambem assi que Deos disse: não comereis de toda arvore d'esta horta?

«2. E a mulher disse á serpente: Do fructo de toda arvore d'esta horta comeremos.

«3. Mas do fruito da arvore, que está no meio da

(1) *No livro: The three Voyages of Vasco da Gama, translated by Stanley*. Appendix, p. XXX.

horta, disse Deos: não comereis d'elle, nem tòcareis nelle, para que não morrais.» etc. Modernamente este dialecto portuguez de Ceylão tem sido estudado pelos philologos allemães. (1)

Fernão Alvares do Oriente obedeceu tambem ao gosto pelo mysticismo, que dominou em Portugal desde o fim do seculo XVI até aos quietistas do seculo XVII; Dom Manoel de Portugal, Balthazar Estaço, Frei Agostinho da Cruz, Bernardes, Jorge da Silva, Frei Paulo da Cruz, Frei Marcos de Lisboa são os paladins do amor divino, que se refugiaram n'esse extasis do céo para se esquecerem dos desastres da patria. O modo como Fernão Alvares se compenetrou d'esse espirito religioso, caracterisa-se pelo casuismo d'este soneto: (2)

Como, se do céo és Senhor superno,
Te vejo, immenso Deos, pobre menino?
Como te offende o frio, Rei benino,
Se tens dos elementos o governo?

Ou como o ventre te encerrou materno,
Se não comprehende o céo teu sêr divino?
Como choras, se cantam de contino
Anjos, com que dispensas gosto eterno?

Como, se es Verbo, tu, do Padre immenso,
Me não fallas, senhor?—Como, se infante
Maravilhas ao mundo já disseste?

Se és Deos, como te falta o sacro incenso?
Se homem, como t'o dão? Ninguem se espante,
Que homem terreno sou, sou Deos celeste. (p. 163.)

(1) F. Adolpho Coelho, no livro *A Lingua portugueza*, diz: «o dialecto de Ceylão, que é não como se imaginou uma corrupção da nossa lingua, mas no essencial bom portuguez archaico.» *Pref.* p. IV.

(2) *Vid. cap.* V, *infra*, biographia de *Francisco Galvão*.

Com o mesmo systema de antitheses, e no dialogismo tambem usado por Camões, é este Soneto anonymo, que encontramos em um manuscripto do seculo XVII, e que parece continuar o que reproduzimos de Fernão Alvares:

Se sois riqueza, como estaes despido?
Se Omnipotente, como desprezado?
Se Rei, como de espinhos coroado?
Se forte, como estaes amortecido?

Se luz, como a luz tendes perdido?
Se sol divino, como ecclipsado?
Se Verbo, como é que estaes calado?
Se vida, como estaes amortecido?

Se Deos, estaes como homem n'essa cruz!
Se homem, como daes a um ladrão
Com tam grande poder pósse dos céos?

Ah que sois Deos e homem, bom Jesus!
Morrendo por Adão em quanto Adão,
E redimindo Adão em quanto Deos.

Da vida de Fernão Alvares do Oriente pouco mais se pode saber alem do que consta pelos documentos legaes. No Archivo Nacional existe o seguinte documento, pelo qual se pode fixar a data da sua morte antes de 25 de Março de 1598, talvez dos primeiros rebates da grande peste de 1599:

«Dom Philippe I, etc. — Faço saber aos que esta carta virem, que havendo respeito a ter feito mercê a *Fernão d'Alvares d'Oriente* de duas viagens de Coromandel, na vagante dos providos antes de dezoito de Fevereiro de outenta e quatro, de que se lhe passou patente em quinze de março de outenta e sete, e que falecendo sem a servir podesse testar d'ellas, de que se lhe pas-

sou tambem alvará de lembrança feito nos ditos quinze de março do dito anno de outenta e sete. E havendo eu ora outrosi respeito aos serviços que Luiz Alvares, meu moço da camara, filho do dito *Fernão d'Alvares do Oriente*, tem feito nas partes da India atégora, e ao dito seu pae nomear n'elle em seu testamento as ditas duas viagens de Coromandel para Malaca, na vagante dos providos antes de vinte e um de Junho o anno de quinhentos e noventa e quatro em que o dito seu pae as nomeou n'elle em seu testamento. E esta mercê haverá o effeito indo elle este anno presente de mil quinhentos noventa e outo á India, com as quaes viagens não haverá ordenado algum á custa da minha fazenda, sómente os próes e os percalços que lhe directamente pertencerem. Pelo que mando ao meu Viso-Rei ou Governador das partes da India que ora é, e ao diante fôr, e ao Vedor da minha fazenda em ellas, que tanto pela dita maneira conhecer entrar ao dito Luiz Alvares nas ditas duas viagens lhe deem a posse d'ellas e lh'as deixem ir fazer e servir e haver os ditos próes e percalços que lhe pertencerem, como dito é, sem lhe a isso ser posta duvida, nem embargo algum, e elle jurará em minha Chancellaria aos santos evangelhos que bem e verdadeiramente as servirá guardando em tudo meu serviço e ás partes seu direito, de que se fará assento nas costas d'esta carta que será registada nos Livros da Casa da India, da feitura d'ella os quatro mezes primeiros seguintes. E a carta que o dito *Fernão Alvares d'Oriente* tinha das ditas duas viagens e o dito alvará de lembrança para poder testar d'ellas foi tudo roto ao assignar d'esta carta e do conteudo a ella se porão verbas nos registos da dita Carta do dito Fernão Alvares, que está nos livros das Mercês da Casa da India, e Chancellaria e Fazenda e o registo do dito Alvará de lembrança está nos ditos Livros da Fazenda e Casa da India, e no das Mercês que os officiaes a que pertencer passaram suas certidões nas costas d'esta Carta.—Belchior Pinto a fez em Lisboa a 25 de março, anno do nascimento do Nosso Senhor. Jesus Christo, 25 de março de noventa e outo. João Alvares Soares a fez escrever.» (1)

Parece que Luiz Alvares não seguiu para a India para recolher os proventos das duas viagens de Coromandel, sendo substituido por seu irmão Sebastião Al-

(1) Archivo Nacional, *Doações* de Philippe I, Livro XXIX, *fl. 371, v.*

vares, como se deprehende d'este documento algum tanto obscuro:

«Dom Philippe, etc. — Faço saber que havendo respeito ao que na petição escripta na outra meia folha atraz diz o Duque de Bragança meu muito amado e presado sobrinho, Hei por bem e me praz que Luiz Alvares, que o Desembargador Lopo de Barros aponta na sua informação escripta na outra meia folha atraz, que escreva em todas as cousas que na dita petição faz menção assi como o ouvera de fazer Sebastião Alvares se não fôra impedido. E mando ao dito desembargador Lopo de Barros e ás mais justiças a quem o conhecimento d'isto pertencer, que cumpram esta provisão, como se nella contém a qual me praz que valha, posto que haja de durar mais de um anno sem embargo da Ordenação em contrario. El-rei nosso senhor o mandou pelos Doutores Belchior do Amaral e Damião de Aguiar. Gaspar de Abreu a fez a 16 de Abril de 1598. João da Costa a fez escrever.» (1)

A *Lusitania transformada* ficou inedita depois da morte de Fernão Alvares do Oriente, até ao anno de 1607; só em 1650 é que encontramos citado por Dom Francisco Manoel de Mello este auctor como um d'aquelles que devem formar o corpo da Bibliotheca portugueza que projectava fundar: «*Fernando Alvares do Oriente,* por quem (as Musas) navegaram e lhe levaram mais riquezas que la se produzem.» (2) E no *Hospital das Letras* allude ao máo effeito dos versos exdruxulos: «He chegado Fernam Alvares do Oriente com musa estrepitosa na sua *Lusitania transformada.*

—«Já li esse indiatiço, e me pareceu como pedra durissima, como são as da sua terra não com menos

(1) *Ibid.,* Livro xxix, fl. 372.
(2) *Cartas,* Cent. iv, cart. 1, p. 491.

quilates na dureza, do que ellas costumam trazer na formosura.» (1)

Em 1781 se reproduziu este livro, em uma edição critica por Frei Joaquim de Foyos; é uma hybrida concepção da ultima decadencia do bucolismo, sem um interesse da acção como na *Diana* de Jorge de Monte-Mór com quem quiz hombrear.

Um dos poetas mais celebrados na eschola quinhentista, cujas obras eram por tal fórma desconhecidas, que as que se apontavam como suas passavam por apocryphas, é Antonio de Abreu, a quem Barbosa Machado dá a antonomasia de *Engenhoso,* e por paes, Duarte de Abreu e Castello Branco, senhor da quinta da Charneca, e Brites Teixeira; (2) o que o faz para nós digno de interesse ainda hoje, é o titulo de «*Companheiro e amigo de Camões*», que o exalta, da mesma maneira que a Luiz Franco, que se arreiava com o mesmo distinctivo de «*Companheiro e muito amigo de Luiz de Camões em o Estado da India*». Faltavam as poesias de Antonio de Abreu, mas abundavam os documentos officiaes. (3) No *Indice de Toda a Fazenda,* (4) vem o nome de Antonio

(1) Op. cit. pag. 390.
(2) *Bibl. Lusit.* t. IV, p. 21.
(3) No Archivo Nacional, encontra-se no Corpo Chronologico, documento de 2 de Outubro de 1515 (Part. I, Maço 18, Doc. 109); *id.*, de 2 de Janeiro de 1522 (P. I, M. 27, Doc. 84); *id.*, de 5 de Outubro de 1524 (P. II, M. 118, Doc. 182); *id.*, de 16 de Junho de 1526 (P. I, M. 133, Doc. 166); *id.*, de 13 de Septembro de 1531 (P. II, M. 171, Doc. 39); *id.*, de 28 de Março de 1539 (P. I, *M. 64, Doc. 80).*
(4) Falcão, Op. cit., p. 153.

de Abreu como tendo partido para a India em 16 de Maio de 1526; Couto nomea-o na India em 1558, (1) e na assignatura do Orçamento do Estado da India, figura alli como Contador de El-rei, em 7 de Septembro de 1574. O seu talento litterario conhece-se principalmente pelas relações com André Falcão de Resende, que o elogia pela larga reputação que gosa, pela sua superioridade, e com um certo respeito que se tem a um homem já de edade. No Soneto XXXVI, dirigido para a India *A Antonio de Abreu*, confessa:

Se este vosso Falcão, senhor, voára
Co'as azas de seu baixo entendimento,
Que ao *cume alto d'um tal merecimento*
Qual é o vosso, como quer chegara.

Sei que assim minhas pennas illustrara
Com vosso claro nome, que entre cento
E mais edades, do máo esquecimento.
O meu livre e seguro me ficara.

Respondendo a um Soneto de Antonio de Abreu, Falcão de Resende falla dos seus cantos heroicos, de que será talvez uma amostra a sua *Descripção geographica de Malaca,* o Soneto *Á sepultura de Affonso de Albuquerque,* ou os Sonetos *ao Cerco de Chaul:*

Por vós heroicas obras estão fóra
Que o consummidor tempo e injusta sorte
Lhes possam offuscar sua claridade.

(1) *Decada VI*, cap. 8.

Os Lusitanos vençam cada hora
Ao Turco, ao Mouro, ao Indo, e vós a morte,
Perpetuando a victoria em toda a edade. (1)

Depois de o collocar acima de Orpheo, Falcão de Resende, no Soneto XLII mostra-nos até aonde se estendia a fama de Antonio de Abreu:

Vós, pois, oh claro Antonio, ao sol seguindo,
Só terra e mar e rios illustrando
Co' resplendor da vossa alta doutrina.

No Tibre, Rhim, Pó, Tejo, Ganges, Indo,
A luz de vosso nome derramando,
Que como novo sol té o céo se empina.

Em uma Sextina do mesmo Falcão a Antonio de Abreu, (2) comparando-o a uma copiosa fonte, allude ás suas viagens da India a Lisboa, e á Italia:

Por natureza amiga e arte, as ondas
Mais claras d'esta fonte ora do *Ganges*
A rica terra banham; ora com nobre
Curso tornam a honrar o patrio *Tejo;*
Ora além do *Apenino* e *Pyrene* alto
Vão illustrando a *Tiberina* fonte.

Tu, rarissimo *Abreu*, que *es esta fonte...*
.... do Tejo
Assim te levem a salvo as brancas ondas,
A ver teu domicilio a par do Ganges,
A todos communica o engenho alto.

Nas obras de André Falcão de Resende, encontram-

(1) Falcão *de Resende, Obras*, p. 116.
(2) *Obras, p. 455.*

se trez Sonetos de Antonio de Abreu, que são o XXXVII, XXXVIII e XLI, todos muito vagos e sem a minima personalidade. Como temos de julgar as Obras do Engenhoso, publicadas por A. L. Caminha, importa transcrever aqui como typo do seu estylo qualquer d'esses trez Sonetos:

Livre da vil cubiça, se buscara
Pondo c'o esprito em Deos o santo intento,
O seu alto thesouro, a vosso accento
Fôra eu por certo então materia rara:

E merecera ter memoria clara,
André, por vós; e do mórtal isento,
Cysne gentil, té o estrellado assento
A despeito voar da morte avara.

Mas qual me ora acho indigno, é-me defezo
Subir; nem pode o canto, em que desata
Vosso favor a lingua, alçar-me a peso.

Pode porém, se muito assim me trata
Dar o esprito já não da culpa oppresso
Do mundo honra, do céo gloria que cata. (Soneto 37.)

Barbosa Machado, diz na *Bibliotheca Lusitana,* que Frei Bartholomeu de Santo Agostinho, irmão de Antonio de Abreu, fizera uma collecção dos seus *Versos sagrados e profanos,* que deixara inedita; este Frei Bartholomeu de Santo Agostinho chamava-se no seculo Diogo de Abreu, era tambem poeta, como vemos pelo soneto que dirigiu a Falcão de Resende. (1) No tempo de Barbosa Machado, estava perdido esse precioso li-

(1) *Ibid.*, p. 120.

vro; (1) mas em 1805 publicou-se em Lisboa um folheto de 52 pag. com o titulo *Obras ineditas de Antonio de Abreu, amigo e companheiro de Camões no estado da India, fielmente extrahidas do seu antigo manuscripto que possuimos em papel asiatico.* Este opusculo andava appenso a umas *Antiguidades de Coimbra,* de Antonio Coelho Gasco, publicadas por Antonio Lourenço Caminha, professor de rhetorica; o nome do editor tornou suspeita a authenticidade das poesias, sobretudo por tambem ser Caminha poeta. Vamos tentar a sua discussão, agora que temos poesias authenticas de Antonio de Abreu, por onde afferiremos a verdade do seu espirito.

Innocencio, no *Dicc. bibl.,* (t. I, 80) fala por este modo d'esta reproducção: «O editor d'estas obras foi o notorio Antonio Lourenço Caminha, cuja consciencia litteraria não era muito apertada, e por isso não sei até que ponto se devem reputar authenticas e genuinas as poesias que encerra este pequeno volume, e que elle attribuiu a Antonio de Abreu. O salvo conducto de que se acompanha, allegando o seu *antigo manuscripto em papel asiatico,* é mais um motivo que induz a suspeitar alguma traficancia n'este negocio. Revendo as taes poesias diviso n'ellas tal similhança de estylo e modo com outras que o mesmo Caminha publicou como suas em dous volumes no anno de 1786, que estou inclinado a dar-lhe egualmente a paternidade de algumas senão de

(1) *Bibl. Lus. t. I, p. 195.*

todas as que elle pretendeu fazer passar á sombra do nome d'aquelle antigo e desconhecido poeta. É mister porém, que d'esta duvida se exclua a Ode a D. Hieronymo Osorio dada a pag. 25 dos taes pretensos ineditos: porque essa não é de Abreu, nem de Antonio Lourenço Caminha; é sim evidentemente de Pedro de Andrade Caminha, e andava como tal impressa desde 1791 nas Obras d'este dadas á luz pela Acad. R. das Sc. No respectivo volume pode vêl-a quem o quizer verificar, e é na ordem numeral a VIII, a pag. 205. O que só admira é Antonio Lourenço Caminha não tivesse conhecimento e leitura d'esta publicação, affoutando-se a apresentar em nome de um auctor e como cousa nova, o que já andava impresso nas obras de outro quatorze annos antes.» Innocencio condemna como apocryphas as poesias de Antonio de Abreu, sem outros argumentos mais do que um tom dogmatico e a *indisposição que lhe produziu o saber que o editor Caminha vendia muito caros os seus livros.* (1) Sem conhecer versos authenticos de Antonio

(1) «Caminha deu á luz muitos volumes, de chamados ineditos, com que adquiriu por vezes lucros consideraveis, pois fazia as suas edições por meio de subscripção, e *o preço das assignaturas era pelo commum de 1$200 reis por cada tomo de 8.° pequeno.* Estes volumes ficariam mais que bem pagos por metade d'essa quantia e alguns nem tanto valeriam. O peor é que d'envolta com as obras dos auctores dos ineditos iam tambem algumas d'elle proprio, que não escrupulisava em commetter estas fraudes litterarias, com tanto que d'ellas colhesse o o proveito que se propunha.» *(Dicc. bibl.*, t. I, p. 182.) N'estes Ineditos achamos sempre: «Foi taxado este Livro em papel a *quatro centos e outenta reis*...» Innocencio, á falta de argumentos, inventou o preço de 1$200 rs. para justificar uma fraude litteraria com a mira no lucro.

eronymo Osorio, Bispo do Algarve, no primeiro
Janeiro, Innocencio affirma que é de Pedro de
ıde Caminha sem o fundamentar; esta *Ode* foi en-
ıda em um Manuscripto de poesias que se guar-
no Convento da Graça, de Lisboa, tendo na pri-
folha o nome de Fernão Pinheiro de Brito, e só
nducções dos academicos Fr. Joaquim Forjaz e
Corrêa da Serra é que julgaram todo o manu-
to de Caminha, completando por elle o manuscri-
ıuthentico guardado na Livraria do Duque de
val. Por tanto é mais de crêr que a Ode seja de
nio de Abreu, por isso que o corpo das obras de
nha não foi organisado pelo seu auctor; e no caso
ıvida não ha motivo para increpar o editor Lou-
Caminha, porque em nome de outros escriptores
m muitissimos Sonetos de Camões, (1) e nem por
seus editores são increpados de falsarios. Anto-
Lourenço Caminha era destituido de criterio e só

incapacidade para saber falsificar essa poesia. Quanto á declaração do *antigo manuscripto em papel asiatico,* não é isto um meio de embair o publico; em 1792, escreve Caminha depois de ter publicado alguns ineditos: «A justa acceitação que os sabios da nação fizeram das obras de Perestrello e Galvão, acompanhada dos grandes desejos de vermos em nossos dias renascer huma boa parte dos preciosos *monumentos dos nossos bons antigos, de que temos feito um grande monopolio,* nos move *a declararmos á nação* o futuro apparecimento que passaremos a fazer de algumas Obras ineditas do nosso Princepe dos Poetas de Espanha Luiz de Camões, e de *Antonio de Abreu, maravilhosamente descobertas em uma das cidades da Contra-costa da Asia;* e as de um sabio anonymo, coevo do senhor rei Dom Sebastião, e e Embaixador n'aquelles tempos, cujo nome trabalhamos por descobrir, pois nada mais declara o frontispicio senão o seguinte: *Este Livro he de D. Maria Henriques, que compoz seu pay em Marrocos,* cuja posse devemos á grande liberalidade e patriotismo do illustrissimo e excellentissimo senhor Marquez de Alegrete ...o qual senhor liberalmente nos confiou a sua bibliotheca e Cartorio (preciosos thesouros d'esta edade) em os quaes admirei infinitas preciosidades, todas juntas pela sabia e judiciosa escolha de seus antepassados.» (1) Não se póde fazer uma declaração em phrases tão cathegoricas, sem ser doudo ou ter a mais cynica impu-

(1) *Obras ineditas*, t. II, p. VII.

dencia; o falsario *faz passar* por meios indirectos, e não com esta franqueza, e em um tempo em que a critica litteraria era exercida por Antonio Ribeiro dos Santos, José Corrêa da Serra, Frei Joaquim Forjaz, Frei Joaquim de Foyos, Monsenhor Hasse, Ferreira Gordo e outros como estes que não perdoariam um logro publico. De facto a promessa de Antonio Lourenço Caminha só foi comprida em parte em 1805, quando quiz engrossar o volume de Gasco com uma amostra das poesias que tencionava publicar, interrompendo uns quartetos, porque o papel não dava para mais.

No fim das *Obras ineditas de Antonio de Abreu* vem uma especie de nota a esses quartetos incompletos: «*O resto está em o Manuscripto de Luiz de Camões e de Antonio de Abreu.*» Por aqui se vê que Antonio Lourenço Caminha publicou simplesmente um excerpto das poesias de Abreu; na Academia das Sciencias (G. 5, E. 21, Past. 5) existe o *Catalogo de todos os Manuscriptos da Livraria de A. Lourenço Caminha,* que justifica o seu pretendido monopolio de monumentos; entre as varias riquezas d'esse Catalogo, encontramos citado «*Obras poeticas de Luiz de Camões e de Antonio de Abreu seu amigo e companheiro no Oriente, descobertas em uma das Cidades da Contracosta da Asia, escriptas em papel asiatico, 4.º*» Foi d'este livro, que Caminha extraiu alguns ineditos de Antonio de Abreu; hoje ignora-se completamente o seu destino. No Catalogo de Caminha, se enumera tambem como manuscripto o *Livro de D. Maria Henriques, que compoz seu*

pae em Marrocos, fol., de que só tornámos a ter noticia por Nunes de Carvalho que o viu na Bibliotheca do Marquez de Penalva. (1) Nos versos apresentados por Caminha ha o mesmo estylo camoniano que vemos nos apresentados por Falcão de Resende; a mesma tendencia para o mysticismo; as relações com os personagens do seu tempo não encobrem nenhum anachronismo. O Soneto allegorico *ao Padre Antonio de Quadros, defunto*, (2) é dirigido áquelle Provincial da Companhia de Jesus, na India, que apparece citado nas *Decadas* de Diogo do Couto, (3) como vivendo ainda em 1560. Embuido das formas arcadicas, Caminha não podia conhecer tão bem a poetica quinhentista a ponto de falsificar as sextinas allegoricas, em que a primeira estrophe não era rimada, mas as seguintes terminavam forçosamente com as mesmas palavras usadas na primeira. A *Descripção de Malaca*, tem a realidade da impressão directa, e mal ia ao falsificador escolhendo um assumpto tão local. Falcão de Resende falla da viagem de Antonio de Abreu a Roma; nas *Obras ineditas* encontram-se dois Sonetos italianos, (p. 17 e 18) como os costumavam fazer Pedro de Andrade Caminha, André Falcão de Resende ou Luiz Franco Corrêa. O primeiro Soneto, indica-nos ter sido feito para abrir a collecção; compa-

(1) *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, p. 26.
(2) *Obras ineditas*, p. 8.
(3) *Decada VII*, cap. 17.

com os que recolheu Falcão de Resende, conclue-a sua genuinidade:

Oh vós, que ouvis o som dos nossos versos,
E minha antiga rithma conhecestes,
Applaudi a quem fez differentes estes
Conceitos, dos antigos meus perversos:

E dos sentidos meus já a Deos conversos
Que para o seu louvor sempre estão prestes,
S'escandalo alguma hora merecestes
Mudai-o agora em pensamentos tersos.

Rendei graças commigo da mudança
D'este estado sublime e venturoso
Áquelle que é de nós doce esperança.

Do qual se ouvido chego a ser, ditoso
Meus dias passarei na confiança
De vir a ter um eternal repouso.

ntonio de Abreu era vivo ainda em 1578, como pela rubrica dos Quartetos ao desastre de Alcacer-r; authentíca esta poesia o facto de se encontrar o de Antonio de Abreu na celebre lista achada por e Sousa no Archivo de Castel-Rodrigo, de todos les que se venderam a Philippe II. (1) N'essa *Me-z d'aquelles a que se deram cédulas, quando se ven-n a Filippe II para a successão d'este reino,* figura em André de Quadros, poeta contemporaneo de ›es, sem duvida parente do Padre Antonio de Qua-Provincial dos Jesuitas na India, a quem Antonio breu celebrou em um Soneto. André de Quadros

1) *Europa portugueza*, t. III, p. 119.

era filho de Simão de Quadros, provedor das Lizirias, e de uma senhora de Ceuta; ficou captivo na batalha de Alcacer Kibir, e succedeu depois no cargo de seu pae, tendo casado com uma filha de Manoel Corrêa Baharem. N'esta mesma memoria figura o nome do poeta *Jorge da Silva,* com a nota: *Morreu antes da posse;* o poeta *D. Fernando de Menezes;* e *Pero da Costa,* sem duvida o mesmo que apparece na rubrica do «*Soneto que fez Pero da Costa no tempo das alterações,* sendo ainda vivo El-Rei D. Henrique.» (1) Este poeta que julgamos ser Pedro da Costa Perestrello, tinha n'essa infame nota: «*Está cumprida.*»

Pelos prologos de Antonio Lourenço Caminha, conhece-se que o curioso professor regio de rhetorica era um espirito de uma sincera mediocridade, sem alcance, educado em uma supersticiosa admiração pelos classicos nacionaes; como é que este pobre pedagogo poderia ter a audacia de um Chatterton ou de um Merimé, sem falarmos já nos recursos de um genio artistico para compenetrar-se do espirito do passado? A suspeita de apocryphas com que Innocencio quiz invalidar as poesias de Antonio de Abreu, são apenas a desconfiança irreflectida do laponio; espirito da bitola de Caminha, só procura livrar-se dos escolhos da critica por meio de uma negação systematica.

Á mesma pleiada dos poetas lyricos que floresceram em Gôa no seculo XVI, pertence Luiz Franco Corrêa,

(1) Bibliotheca de Evora. Cod. CXIV—1-9, n.º 10, p. 1.

companheiro de armas de Camões, e um dos seus maiores admiradores. Pouco se sabe da sua vida e do seu caracter, mas a dedicação por Camões torna-o sympathico e envolve-o na mesma auréola de immortalidade. Luiz Franco Corrêa era poeta, mas não consta que houvesse recolhido os seus versos; em 1557, quando a poesia portugueza estava em Gôa no seu mais alto esplendor, e em volta de Camões floresciam Heitor da Silveira e João Lopes Leitão, (1) elle emprehendeu um *Cancioneiro,* formado com as melhores composições dos poetas do seu tempo. Esse manuscripto inapreciavel guarda-se hoje na Bibliotheca publica de Lisboa, para onde foi comprado por 48$000 réis pelo bibliothecario Balsemão. Aí estão recolhidas as principaes poesias de Camões, e em numero superior ao de todos os seus contemporaneos, o que denota a conta em que era tido pelos espiritos desapaixonados. Muitas d'essas copias trazem rubricas de grande valor historico, como a Elegia II, que se inscreve «*De Ceita, a hum seu amigo*» (fl. 2 *v.*) o que vem provar-nos que o poeta estivera em Ceuta, como se havia inferido por argumentos indirectos; o titulo primitivo da epopêa de Camões, na fórma de *Elusiadas* (fl. 204); o facto que provocou a composição da comedia do *Filodemo,* aonde declara «*representada na India a Francisco Barreto*» (fl. 269 a 286, *v.*); e o nome da amante do poeta na Ecloga «*á morte de D. Catherina de Athayde*». (fl. 287.) D'este

(1) Vid. as suas biographias no t. I, p. 264 e 285.

Cancioneiro extrahiu o snr. visconde de Juromenha trinta e cinco Sonetos de Camões totalmente ineditos, não se aproveitando dos seguintes não conhecidos:

Queimado sejas tu e teus enganos (fl. 49 *v.*)
Angelica la bella despreciando (fl. 71.)
La letra que sul nombre em que me fundo (fl. 113 *v.*)
Dexadme centinelas dulces mias (fl. 114.)
Luiza, son tan rubios tus cabellos (fl. 115.)
Amor bravo e rasão dentro em meu peito (fl. 128 *v.*)
Se, senhora Corina, algum começo (fl. 266.)

D'este *Cancioneiro* para aqui extrahimos a seguinte *Estancia a Sam João*, feita por Camões, e inteiramente inedita:

Quem ousará soltar seu baixo canto
após tam alto vôo, aguia divina,
se tu além do sol subiste tanto
que vêr outro mais claro foste dina?
Encheste no seu raio puro e santo
olhos de nova luz d'alta doutrina,
teu casto e brando peito então encheste
quando no do Senhor adormeceste. (1)

Luiz Franco completou o seu *Cancioneiro* em Lisboa em 1589, pelas relações pessoaes que teve com D. Manoel de Portugal, D. Simão da Silveira, Jeronymo Côrte Real, Francisco de Andrade, Dom Gonçalo Coutinho, e outros poetas. Quando em 1594 este fidalgo mandou pôr um epitaphio na sepultura de Camões, Luiz Franco escreveu-lhe um Soneto em italiano, dizendo-

(1) *Canc. ms.* de Luiz Franco, fl. 69.

lhe que fôra *Mecenas na morte.* Quando se deu a trasladação das reliquias trazidas por Dom João de Borja para a egreja de S. Roque em 1588, Luiz Franco tambem as celebrou com os seus contemporaneos, em um Soneto hespanhol em que ha este pensamento catholico, acerca do dia terrivel em que virá:

A ser Juez aquel que fué juzgado. (1)

Entre os manuscriptos dos versos de Camões, encontrou Faria e Sousa, um que trazia a fl. 50, um Soneto amoroso de Luiz Franco; e a fl. 54, outro *Soneto de Luiz Franco a um desafio que teve em Castella Dom Martim de Castelbranco.* (2) As muitas *variantes* que ha entre a edição das Lyricas de Camões feita por Soropita e as copias de Luiz Franco, revelam-nos que o seu *Cancioneiro* não foi consultado, talvez por se achar em Madrid a este tempo.

A este grupo dos poetas portuguezes do Oriente pertence egualmente Bartholomeu Ferraz de Andrade, nascido em Lisboa em 1555. Militou durante quinze annos na India, distinguindo-se tanto nas armas como na poesia; na grande peste de 1599, conhecida pela antonomasia o *tempo do mal,* morreu, tendo deixado prompto para se imprimir um poema heroico sobre o Cêrco de Gôa e Chaul, no tempo de Dom Luiz de Athayde, intitulado *Thesouro Luzitano.* Ficou manuscripto e está

(1) Apud Bernardes, *Varias rimas ao bom Jesus,* p. 171.
(2) *Hist. de Camões, t. I, p.* 387.

hoje perdido, como o seu outro poema heroico sobre o *Cêrco de Mazagão*. (1) Foi talvez dos ultimos portuguezes que tomaram a divisa de Camões: «Braço as armas feito, mente ás musas dada.»

(1) *Bibl. Luzit.*, t. I, p. 460.

CAPITULO V

Pedro da Costa Perestrello — Francisco Galvão — Ayres Telles de Menezes — André da Fonseca

Pedro da Costa Perestrello e a authenticidade das suas poesias lyricas. — Provas adduzidas á favor da edição de Caminha e affirmações de Innocencio. — O poema da *Batalha Ausonia*, julgado perdido em 1791, visto em Hespanha por Don Bartholomeo José Gallardo. — Relações de Perestrello com o Padre Ignacio de Azevedo. — Perestrello reconhece a invasão castelhana e acceita a cédula de Philippe II. = Causas porque ficaram ignorados os versos de Francisco Galvão. — Sonetos d'este poeta que andam em nome de Camões e Fernão Alvares do Oriente. — Falta de fundamento com que o catalogista Innocencio julga apocryphas as suas poesias. = Elementos para a critica dos versos de Ayres Telles de Menezes. (1) Relações com Frei Luiz de Montoya em 1569, e com André da Fonseca amigo de Falcão de Resende. — As falsificações poeticas no seculo XVI explicam a parte antiquada d'esses ineditos. — Caracter litterario do professor Caminha.

O nome de Pedro da Costa Perestrello era conhecido pelas diminutas linhas que lhe consagra Barbosa Machado, quando conta a anedocta curiosa de ter elle rasgado o seu poema epico do *Descobrimento de Vasco da Gama*, depois que viu a viva epopêa dos *Lusiadas*; citando a Satyra de Perestrello a Madrid, podia-se inferir que tambem cultivara a poesia lyrica, mas nenhuns documentos restavam d'este genero e d'esta feição do seu talento. Porém o professor de rhetorica Antonio Lourenço Caminha, encetando em 1791 uma publicação das *Obras ineditas dos nossos insignes poetas*, começou

(1) Milita na India em 1556, e fica captivo em Africa em 1578.

pelas lyricas de Perestrello, sem indicar a sua proveniencia. Constam essas poesias de uma traducção em tercetos de nove lições do *Livro de Job,* obra que estava nos nossos habitos litterarios, pelo que vêmos por Dom Duarte e o Dr. Frei João Claro e muitos poetas do *Cancioneiro* de Resende, que traduziam em verso os hymnos da egreja ou as horas canonicas; uma *Ode a nossa Senhora,* imitada de Petrarcha, e por isso com certa analogia com a que anda em nome de Sá de Miranda; cinco *Odes* em estylo horaciano, que pertencem á mesma influencia classica que levou André Falcão de Resende a encetar a traducção de Horacio, revista por André da Fonseca. A Epistola a Christovam de Moura: «*Ao Marquez de Castello Rodrigo estando em Madrid e o Secretario em Cintra com sua alteza o Archiduque Cardeal*», (p. 31) se nos revela um fraco sentimento da natureza, provoca-nos o interesse de vêr como a poesia do ultimo quartel do seculo XVI desceu ao ponto de bajular o invasor de Portugal. Perestrello escrevia a Philippe II:

Dos Montes Pirineos as cisalpinas
Fragas rompendo, as Aguias c'a victoria
De novo exaltarão *tuas santas Quinas*
Dino por ellas de immortal memoria;
De Julio Cesar transcendendo a Era,
Novos Homeros cantarão tua gloria...

Quem sabe da desgraça da familia de Vimioso, que não quiz reconhecer a soberania de Philippe II em Portugal, e o ostracismo em que sempre viveu o poeta Dom *Manoel* de Portugal, comprehende a Nota da Ecloga

pastoril entre Alcino e Salicio: «Este Alcino foi hum personage d'este Reyno, que *agravado das semrazões, se retirou da côrte;* a quem o Secretario em nome de Salicio persuadiu a que se tornasse.» (p. 62.) Os poucos Sonetos de Perestrello, tem esse vago espiritualismo camoniano, com que chegaram a introduzir-se por equivoco dos editores nas Rimas do grande epico; mas o catholicismo ferrenho imposto por Filippe II, substituiu-lhe a unção da crença pelos aphorismos banaes de uma moral devota.

Ignorando-se a proveniencia d'estas poesias publicadas em nome de Perestrello, deveremos acceital-as como authenticas? Vejamos que titulos as abonam.

Não discutiremos se o professor Antonio Lourenço Caminha possuia um criterio justo que o dirigisse na publicação das poesias ineditas do seculo XVI, porque a inferioridade da sua intelligencia, a ausencia de ideias, atrophiadas pela rotina escholar, são de tal fórma evidentes, que suppôl-o capaz de uma fraude litteraria é reconhecer-lhe, ainda que de um modo indirecto uma certa pericia. O que aqui discutimos é apenas a authenticidade das poesias de Pedro da Costa Perestrello e de Francisco Galvão em quanto ás suas fontes externas:

1.º As publicações de Antonio Lourenço Caminha eram feitas por assignatura: ora na lista dos subscriptores dos Ineditos, figuram os maiores criticos do fim do seculo passado, como Antonio Ribeiro dos Santos, Padre Joaquim de Foyos, Frei Joaquim Forjaz, José

Basilio da Gama, José de Seabra da Silva, Nicolau Tolentino, Theotonio Gomes de Carvalho; o Duque de Lafões Dom João Carlos de Bragança e Sousa, Frei Joaquim de Santa Clara, Manoel de Figueiredo, e os seguintes deputados da Commissão de exame e censura dos Livros: Frei José Maine, Paschoal José de Mello, e Muller.—Seria possivel que estas primeiras capacidades litterarias e scientificas, muitos d'elles poetas, se deixassem ludibriar, sem deixarem o minimo signal de protesto? Demais, Caminha, pede um privilegio para a sua publicação «temendo que algumas pessoas utilisando-se do *grande trabalho,* pretendam fazer imprimir das mencionadas obras»; e para mais garantia dedica os seus Ineditos ao principe Dom João, n'uma epoca em que a realeza estava no seu maior prestigio. Seria possivel affrontar todos estes escolhos, sem que alguem o desmascarasse? Não. O silencio da critica mostra que ninguem duvidou da sua boa fé.

2.º Caminha, postoque por incuria omittisse as fontes d'onde lhe advinham os manuscriptos do seculo XVI, para authenticar a sua importancia, nos seus prologos declara que lhe foram franqueadas as mais ricas bibliothecas dos titulares portuguezes, como a do Marquez de Tancos, Marquez de Alegrete, Marquez de Penalva, de Monsenhor José Pedro Hasse de Belem, e da Casa de Bragança. Acerca da proveniencia do *Manuscripto* de Antonio Coelho Gasco sobre a *Conquista, antiguidade e nobreza de Coimbra,* lê-se no Catalogo dos seus Manuscri-

ptos: (1) «*Extrahidas de um antigo manuscripto que está na Livraria da Serenissima Casa de Bragança.*» Falando do *Manuscripto* de D. Maria Henriques, diz: «cuja pósse devemos á grande liberalidade e patriotismo do snr. Marquez de Alegrete... o qual senhor *liberalmente nos confiou a sua Bibliotheca e Cartorio, preciosos thesouros d'esta edade...*» (2) Do Vilancete enviado de Marrocos pela perda de Dom Sebastião, escreve: «*fielmente copiado de um Ms. que se conserva na Bibliotheca do sr. Marquez de Penalva.*» (3) E da reproducção das poesias de Estevam Rodrigues de Castro, diz: «foi *na sumptuosa bibliotheca do* illustrissimo Senhor *Jose Pedro Hasse Belem,* dignissimo prelado da Santa Basilica patriarchal, bem conhecido pelo profundo zelo do augmento da nossa litteratura, *d'onde extrahimos a copia* que agora damos ao prelo...» (4) Tencionando imprimir as Cartas portuguezas do Bispo Jeronymo Osorio, diz: «cuja pósse devemos á bem notoria liberalidade do Illustrissimo e ex.^mo^ Marquez de Angeja, Dom José, etc. e outo livros da *Iliada* do divino Homero egualmente em linguagem, que tivemos a fortüna de achar na cidade de Silves no rèino do Algarve, quando alli residimos.» (5) No Catalogo dos seus Manuscriptos se lê: «Os primeiros 8 livros da *Iliada* de Homero, vertidos em verso solto portuguez: *copia fiel de um antigo manu-*

(1) Na Academia das Sciencias, Gab. 5, Est. 11, N.º 19.
(2) *Ineditos*, t. II, p. VIII.
(3) *Ibid.*, p. 229.
(4) *Ibid.*, p. X.
(5) *Conquista e antiguidade*, p. III, not. 1.

scripto que existe na Bibliotheca do ex.[mo] *sr. Marquez de Tancos.* 4.°»

Um falsario não indica de um modo tão terminante as fontes d'onde recolheu os seus ineditos. No *Catalogo de todos os Manuscriptos* de Antonio Lourenço Caminha, vem citadas:

«*Poesias de P.*° *da Costa Perestrello.* 8.°

«*Poesias de Francisco Galvão, Estribeiro do Duque Dom Theodosio, copiadas do seu original de 1584.* 4.°»

A par d'estes, vem: «*Camões ao burlesco, in*—4.° *anonymo,*» que era o inedito das *Festas bacchanaes,* publicado pela primeira vez no Porto em 1845; «*Rythmas de Diogo Bernardes original.* 8.°; *Poesias varias de Frei Agostinho da Cruz. Ms. antigo onde se acham muitas poesias do mesmo poeta que se não imprimiram.*»

Tudo isto nos prova, que a riqueza de manuscriptos que alardeava como monopolio, não era uma phantasmagoria.

3.° Nas poesias de Pedro da Costa Perestrello, (p. 51) vem a «*Satyra mui antiga que o Secretario fez a Madrid e sua corte, estando elle n'ella*», á qual se refere Barbosa Machado, dizendo que começa: *Madrid escuro inferno,* etc.—Vem mais, a *Carta a El-rei Dom Sebastião,* (p. 62) já reproduzida na *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade, «o que sabemos por exame nosso» diz Caminha; e o Soneto *A uma dama,* (p. 88) que desde 1668 anda em nome de Camões (Son. CXLVIII). A versão publicada por Caminha é digna em todo o sentido de confrontar-se com a lição de Camões:

Si gran gloria me viene de mirarte
Es pena desigual dexar de verte,
Si presumo con obras merecerte
Gran obra del engano es desearte.

Si quiero por quien eres alabarte
Es cierto de quien soi el ofenderte,
Si mal me quiero a mi por bien quererte
Que premio quieres mas que solo amarte.

Si un amor tan raro se perfiere
Al humano tesoro y dulce gloria
Que quieres mas del alma que te quiere?

Siempre firme estaras en mi memoria,
Y el alma vivirá que por ti muere,
Que al fin de la batalla es la victoria. (1)

Eis a versão, como a achou Dom Àntonio Alvares a Cunha em nome de Camões:

Se me vem tanta gloria só de olhar-te
He pena desigual deixar de ver-te;
Se presumo com obras merecer-te,
Grão *paga* de um engano he desejar-te.

Se aspiro por quem és a celebrar-tė
Sei certo por quem sou que hei-de offender-te;
Se mal me quero a mi por bem querer-te.
Que premio querer posso mais que amar-te?

Porque um tão raro amor não me soccorre?
Oh humano thesouro! oh doce gloria!
Ditoso quem á morte por ti corre!

Sempre escripta estarás n'esta memoria;
E esta alma viverá, pois por ti morre,
Porque ao fim da batalha é a victoria. (2)

(1) *Poesias de Perestrello*, p. 88.
(2) *Obras de Camões*, t. I, p. 75. Ed. Jur.

Basta o simples confronto d'estas duas lições para se conhecer que Antonio Lourenço Caminha copiou o que achou nos antigos manuscriptos. Da falta de critica para a irreverencia de falsario ha um abysmo, e Caminha era um pobre homem para fazer d'estes acrobatismos. Por isso julgamos gratuitas estas affirmações do *Diccionario bibliographico:*

«Porem com licença do nosso fabricador de ineditos, tenho para mim que a maior parte de taes obras não foram jamais d'aquelle a quem se attribuem. Convencido estou ao contrario de que ha entre ellas não poucas originaes do nosso Caminha, o qual n'estes e n'outros casos não escrupulisava em seguir um trilho opposto ao dos plagiarios vulgares, que costumam appropriar-se do alheio para o darem como proprio. Elle cobria com os nomes de auctores mais celebres as fraquissimas inspirações da musa, para adquirir-lhes assim o conceito, que de certo não obteriam se as appresentasse como obras de propria lavra.—Em todo o caso, os que pretendessem avaliar o merito de Perestrello pelas composições dadas em seu nome, admittida que fosse a authenticidade d'ellas, seriam obrigados a confessar que a este contemporaneo dos nossos melhores quinhentistas falta de todo a correcção e elegancia que lhes são peculiares; e que as taes poesias são destituidas de genio, elevação e colorido, não transcendendo os limites da mais vulgar mediocridade.» (1) Para nós, o silencio

(1) Innocencio, *Dicc. Bibl.* t. VI, p. 400.—Em uma publicação começada no Porto em 1845, com o titulo de *Miscelanea*

conservado pelos criticos que acima citámos, que assignaram a edição dos ineditos de Perestrello, é um testemunho da boa-fé com que procedia Caminha; a existencia da *Carta* a Dom Sebastião na *Miscellanea* de Leitão de Andrade, a *Satyra a Madrid,* citada por Barbosa, e a variante notavel do Soneto CXLVIII, attribuido a Camões, bastam para convencer o simples bom senso, que esses ineditos não são obra de Caminha, e que não se destitue um texto com estes argumentos: *Não sei até que ponto... tenho para mim... desde muitos annos é minha opinião,* etc., sem adduzir um facto qualquer para comprovação.

No *Ensayo de una Bibliotheca española de libros raros y curiosos,* cita D. Bartholomé José Gallardo um poema de Pedro da Costa Perestrello, intitulado *Los Cantos de la Batulla Ausonia,* ms. in-folio, de letra coetanea, de quatro cantos em outava rima. Gallardo compulsou este precioso inedito, por isso que transcrevendo a dedicatoria a D. Pedro de Toledo, quinto Marquez de Villa Franca, diz: «escrita (creo) de puño del Autor.» Eis a dedicatoria: (pag. 24)

historica e litteraria, aonde appareceu pela primeira vez a celebre parodia do Canto I dos *Lusiadas*, promette-se que entre os «varios opusculos interessantes, ainda ineditos ou reimpressos de edições raras,» se havia de publicar as: «*Poesias de Pedro da Costa Perestrello. (Poeta do seculo XVI, mais digno de ser conhecido do que geralmente o é.*» Os editores d'esta *Miscellanea* eram eruditissimos, como Diogo Kopke e outros, e não puzeram em duvida a authenticidade das poesias de Perestrello.

Los yerros de mi vana juventud
Y fruto de mis años mal perdido,
Mis versos derramados sin virtud,
El sugeto damnando esclarecido,
Verguenzas de mi pobre senectud
Entregues con razon á eterno olvido,
Vuelven por ti, Don Pedro, á ver el mundo,
Que no tienes en el par ni segundo.

Vuelven, pues me lo mandas, y en tu amparo
Cobrań la luz del olvidado canto,
Ejemplo de valor mostrando raro
Á las turbidas ondas de Lepanto;
Y en ellas, apesar del tiempo avaro,
Dando á los Turcos un eterno llanto,
Galeras pues, victrices y armas bellas
A ti se den, señor, general d'ellas.

Barbosa Machado diz que o poema constava de seis cantos; Gallardo transcreve a primeira outava:

La santa Liga de cristianos canto
De Austria las Armas y varon potente,
Naval batalla que á la mar Lepanto
Turba la sangre de Turquesca gente,
Aquella que á Vicencio vuelve en llanto
La gran reputacion amargamente,
Que nunca desde el siglo de Octaviano
La vido tal Neptuno en la mar cano.

O ultimo canto termina:

Agora que la paz reina en la tierra,
De principes regida singulares,
Donde la summa de virtud se encierra
Y tiene la razon justos lugares;
Agora quedará la justa guerra
Por tierra todo lo que dan los mares,
Unida d'estos Principes la mano
Los cetros partiran del Otomano.

Nos *Manuscriptos* da Bibliotheca de Evora, Codice CXIV—1-29, n.º 10, vem um *Soneto que fez Pero da Costa, no tempo das alteracões de Don Antonio, sendo ainda vivo El Rey Dom Henrique.* Este Soneto é sem duvida de Perestrello, porque tambem na Bibliotheca de Gallardo é designado com o nome de *Pedro de Acosta.* Barbosa Machado, na *Bibliotheca Luzitana,* como já dissemos, cita uma *Satyra á Corte de Madrid,* que começa:

Madrid escuro infierno...

Esta Satyra foi descoberta entre outros papeis pelo professor Antonio Lourenço Caminha com a rubrica: *Satyra muy antiga que o* Secretario *fez a Madrid è sua Côrte, estando elle n'ella.* (1) O titulo de *Secretario* que o poeta se dá em mais de um logar, como na *Epistola ao Marquez de Castello Rodrigo, e o* Secretario *em Cintra com sua Alteza o Archiduque Cardeal,* (2) combina com o titulo de Barbosa, que lhe chama Escrivão de Philippe II. No Epigrama V, Perestrello exalta *A El Rei D. Philippe;* com a bajulação dos poetas comtemporaneos que se curvaram ao invasor e se deixaram corromper pelas suas cédulas.

Um poeta lyrico cujas obras andam em grande parte confundidas nas Rimas de Camões, é Francisco Galvão, estribeiro do Duque Dom Theodosio II; nasceu em Villa Viçosa em 1563, e aí falleceu depois de 28 de

(1) *Obras ineditas dos nossos insignes Poetas,* t. I, p. 51.
(2) *Ibid.,* p. 81.

Março de 1636. A epoca em que floresceu bastava para mostrar como cultivara a poesia sob a influencia da eschola camoniana. O esquecimento do seu nome como poeta, pois que Barbosa Machado o cita apenas a proposito de seu filho Antonio Galvão, (1) auctor da *Arte da Gineta,* explica-se por estar ligado á casa de Bragança, sempre suspeita á usurpação de Castella. Tambem entre as estancias omittidas nos *Lusiadas,* sobresaem as estrophes de louvor a Dom Jayme, Duque de Bragança; Camões conservou amisade com Dom Theodosio, e o córte d'essas outavas só póde attribuir-se a machinações da censura. Estas intrigas, que envolveram depois de 1580 a casa de Bragança, não podiam deixar de influir n'aquelles que a serviam.

O professor Caminha não diz como lhe veiu á mão o *Manuscripto* das obras de Francisco Galvão, mas por uma advertencia aos Sonetos, se infere que foi de uma Miscellanea: «Supposto que *os Sonetos vem sem ordem e misturados com outras peças de Poesia,* eu os puz em collecção dividida e methodica.» (p. 95.) A falta de direcção scientifica em Caminha, levou a pôr-se em duvida a importancia dos ineditos que publicou; por isso sacrificamos aqui a apreciação litteraria á critica do texto. Quanto á authenticidade das Poesias de Francisco Galvão, Estribeiro do Duque D. Theodosio II, alem dos argumentos externos (1.º e 2.º) acima apresentados, mi-

(1) *Bibl. Lusit.,* t. I, p. 285.—Tambem não cita o poeta Dom Duarte, Marquez de Franchilla, irmão de D. Theodo*sio II, o protector* do poeta da *Laura de Anfriso.*

litam a favor da sinceridade do editor os seguintes factos:

O Soneto *Á Paixão,* achado por Caminha em nome de Francisco Galvão, foi publicado em 1616 em nome de Camões, com variantes importantes. Eil-o:

Porque a tamanhas penas se offerece
Pelo peccado alheio e erro insano
O terno Deos, porque sugeito humano (1)
Não pode com o castigo que mereçe?

Quem padecerá as penas que padece,
Quem soffrerá deshonra, e tanto dano,
Ninguem, senão sómente o soberano (2)
Que reina, serve, manda e obedece. (3)

Foi a força do homem tam pequena,
Que não pode soffrer tanta aspereza,
Pois não sustem a lei que Déos ordena. (4)

Soffreu aquella immensa fortaleza (5)
Por puro amor a nossa vil fraqueza (6)
Pera o erro foi só e não p'ra pena. (7)
(Inedit. I, 96.)

O Soneto de Francisco Galvão *Á Cruz,* (p. 102) já em 1589 andava nas copias manuscriptas de Luiz Franco Corrêa (fl. 118, *v.)* em nome de Camões; Caminha, publicando o *Manuscripto* de Francisco Galvão,

(1) O *Trino* Deos? Porque *o* sugeito humano. *Camões.*
(2) *Quem será*, se não *for o* soberano. *Id.*
(3) Que *reina* e *servos manda*, e obedece. *Id.*
(4) Pois não *susteve* a lei que Deos ordena. *Id.*
(5) *Mas soffre-a* aquella immensa fortaleza. *Id.*
(6) *Por amor puro; que a mortal* fraqueza. *Id.*
(7) *Foi para o erro, e não já para a* pena. Id.

de 1584, precedeu a edição de Camões de 1861, aonde apparece com o numero CCCLI, errado no segundo quarteto. Caminha não soube lêr o manuscripto, como vamos vêr:

Ó gloriosa Cruz! ó victorioso
Tropheo, de mil despojos rodeado!
Ó *sintil escondido* e ordenado (1)
Para remedio tão maravilhoso.

O fonte viva de licor *precioso* (2)
Por ti nosso mal todo foi curado,
Em ti o Senhor que forte era chamado
Quiz merecer o nome de piedoso.

Em ti se acabou o tempo da vingança,
Em ti misericordia assim *florece*, (3)
Como despois *de a ver* a primavera. (4)

Todo imigo ante ti *desapparece*, (5)
Tu podeste fazer tanta mudança,
Em quem nunqua deixou de ser quem era.

As variantes 1 e 4, mostram-nos a incapacidade de Caminha para lêr os manuscriptos do seculo XVI; a variante 2, emenda a rima errada do *Manuscripto* de Luiz Franco.

Em nome de Francisco Galvão, trazia o *Manuscripto* de 1584 um Soneto *A Nossa Senhora,* que appareceu pela primeira vez em nome de Camões em 1616, e em 1588 em nome de André Falcão de Resende no

(1) O *signal escolhido* e ordenado. *Ms.* de Luiz Franco.
(2) Ó fonte viva de licor *sagrado. Id.*
(3) Em ti misericordia assim *floreça. Id.*
(4) Como despois do *inverno* a primavera. *Id.*
(5) *Todo o* imigo ante ti *desappareça. Id.*

ppusculo da trasladação das Reliquias. (fl. 299.) Caminha não sabendo lêr o *Manuscripto* de Francisco Galvão, copiou a palavra *phenix* por *femea,* o que obrigou a Censura a mandar mutilar o verso; para descargo da sua consciencia litteraria, Caminha poz-lhe a seguinte nota: «O original diz *femea* pareceu aos sabios Aristarcos que se omittisse, e se supprisse com o vocabulo *Virgem,* equivalente.» (p. 103.) Transcrevemol-o para vêr as differenças de lição:

Pera se *enamorar* do que *formou* (1)
Te fez Deos, *santa Virgem*, Virgem pura, (2)
Vede que tal seria esta feitura
Pois quem a fez pera si só a guardou? (3)

No seu santo concepto te gerou (4)
Primeiro que a primeira criatura,
Pera que unica fosse a compostura
Que de tam longo tempo se estudou.

Não sei se direi n'isto quanto baste (5)
Pera exprimir *as santas* calidades, (6)
Que quiz crear em ti quem tu criaste.

Es madre, filha, esposa, e alcançaste (7)
Sua ser, trez tão altas divindades, (8)
Foi porque a trez em sua só agradaste. (9)

(1) Para se *namorar* do que *criou.* Camões, ed. 1616.
(2) Te fez Deos, *sacra phenix*, virgem pura. *Ibid.*
Te fez Deos *santa phenix*, virgem pura. *Ms.* de L. Franco.
(3) Que *para si o mesmo Feitor* guardou. Ed. 1616.
(4) No seu santo *conceito te formou. Ibid.*
No seu santo conceito te gerou. *Ms.* de Luiz Franco.
(5) Não sei se *digo em tudo* quanto baste. Ed. Faria e Sousa.
Não sei se direi *muito* quanto baste. Ms. de L. Franco.
(6) Para exprimir as *raras* qualidades. Ed. Faria.
(7) *És filha, mãe* e esposa, e *se* alcançaste. Ed. Faria.
(8) *Huma só*, trez tão altas *dignidades.* Ed. 1616.
(9) Foi porque a T*rez de Hum só tanto* agradaste. Ed. 1616.

Na *Lusitania transformada,* (p. 463) de Fernão Alvares do Oriente, vem um Soneto dialogistico que apparece tambem entre as poesias de Francisco Galvão, (p. 99) com variantes notaveis. Isto prova que Antonio Lourenço Caminha o recolheu de outra fonte; traz a rubrica *Ao menino Jesu:*

> Como, se do céo es Senhor superno,
> Te vejo *hoje, meu* Deos, pobre minino! (1)
> Como te offende o frio, rey *divino* (2)
> Se tens dos elementos o governo!
>
> Como agora do ventre teu materno (3)
> Naces, se és do principio uno e trino? (4)
> Como choras, se cantam de contino
> Os anjos a quem dás prazer eterno? (5)

O resto do Soneto é egual entre os dois auctores, á excepção do ultimo verso do primeiro terceto, que tem a rima *fizeste* em vez de *disseste.*

Em geral o texto de Francisco Galvão approxima-se sempre da lição manuscripta de Luiz Franco, o que nos prova pertencer a um genuino manuscripto do seculo XVI. A variante segunda prova-nos a incapacidade de Caminha para falsificador.

Em vista dos factos que indicamos, não se podem tomar a serio estas affirmações do catalogista Innocen-

(1) Te vejo, *immenso* Deos, pobre menino? Fern. Alv.
(2) Como te offende o frio, Rei *benino, Id.*
(3) *Ou como o ventre te encerrou* materno. *Id.*
(4) *Se não comprehende o céo teu ser divino? Id,*
(5) Anjos, *com que dispensas* goso eterno? *Id.*

cio: «Comtudo o celeberrimo Antonio Lourenço Caminha lá foi descobrir (não diz onde nem como) umas *poesias ineditas* d'este Francisco Galvão... porem examinando-as com toda a reflexão, *tenho para mim que são antes obras da propria lavra d'elle Caminha, que de proposito e para disfarce entresachou por ellas alguns termos e modos de dizer antiquados, do que producções genuinas de qualquer escriptor nascido no seculo XVI.* Os criticos ajuizarão a este respeito o que bem lhes parecer; quanto a mim, o conhecimento de outras fraudes da mesma especie, que assás comprovam ser a consciencia litteraria de Caminha mui pouco escrupulosa em similhantes pontos, auctorisa-me a crêr que elle quiz n'este, como em outros casos, *fazer passar as suas obras como producções alheias, para promover melhor saida aos livros com que engodava a curiosidade publica em seu proveito pessoal.*» (1) Pelo interesse que Innocencio liga ao preço dos volumes da sua livraria, chegando a occupar com este rol caseiro, fóra de todo o proposito, as paginas do *Diccionario bibliographico,* se vê a causa que o levou a ultrajar com o labéo de falsario o pobre professor Caminha. Porém, esse Soneto, que já desde 1616 andava em nome de Camões *(Á Paixão);* esse outro que desde 1589 até 1862 esteve nos *Ineditos* de Luiz Franco *(A Cruz);* esse outro Soneto, que desde 1588 anda em nome de André Falcão de Resende, e desde 1616 em nome de Camões *(A nossa Senhora);* e final-

(1) *Dicc. bibl.*, t, I, p. 385.

mente esse outro que desde 1607 anda em nome de Fernão Alvares do Oriente, (*Ao Menino Jesus*) de todas estas peças irrefragavelmente do seculo XVI, diz Innocencio, que os seus termos antiquados foram entresachados por Caminha de proposito e para disfarce, e que não pertencem a nenhum genuino escriptor d'essa epocha. Quem assim julga não tem direito a emittir opinião litteraria, e muito menos a sair dos limites modestos da catalogia.

Com o nome de Ayres Telles de Menezes publicou Antonio Lourenço Caminha uma collecção de poesias, (1) ufanando-se de não serem conhecidas por Barbosa Machado, que cita sómente o pouquissimo que resta d'este poeta no *Cancioneiro* de Resende. (2) Infelizmente, Caminha não deixou a precisa indicação da proveniencia d'estes Ineditos; pela simples leitura, conhece-se que ha ali um poeta da segunda metade do seculo XVI, e composições que affectam artificialmente um estylo antiquado, que procura fazer-se passar como do seculo XV. Proposta a questão n'estes termos não se conclue que o professor Caminha fosse o falsificador; cabe-lhe apenas o papel de collector curioso.

A falsificação da poesia portugueza foi uma phase moral que se deu na litteratura do seculo XVI; Ferreira

(1) *Obras ineditas*, t. II, p. 1 a 144.

(2) Importa ter em lembrança que com o mesmo nome de alguns poetas do *Cancioneiro*, apparecem outros no fim do seculo XVI, como *Diogo da Silveira, D. Diogo de Menezes, Dom Simão da Silveira, e Ayres Telles de Menezes*, que Barbosa habitualmente confunde.

ontrafazia em linguagem antiga dois sonetos que fez
assar em nome de Dom Affonso IV a Vasco de Lo-
eira; Camões fabricou tambem outros dois sonetos em
ingua galega, não se sabe com que intenção, mas tem
eralmente passado como vestigios de composições do
oeta galego Vasco Pires de Camões; Frei Bernardo
e Brito traz em nome do Infante Dom Pedro umas
oplas a Lisboa, e uma especie de continuação do *Cris-*
al; Sá de Miranda fazia glosas sobre *cantigas velhas,*
ujo estylo simples e popular contrafazia; os versos de
mentação á *Perda de Arzilla,* imitam o fragmento da
ava, etc. A esta corrente artificiosa pertencem os ver-
os *Á lamentavel morte do Duque de Viseu acaecida por*
edor do Regno; (1) *Elegia á morte do Princepe Dom*
ffonso; (2) e a *Arenga ou Relação fiel das festas que se*
eram na Cidade de Evora, no praso do casamento do
rincepe Dom Affonso, filho do sr. rei Dom João II,
lmente apanhada do seu antigo original. (3) As *Quin-*
lhas a Jorge de Oliveira, são as mesmas que se acham
o *Cancioneiro* de Resende (4) em nome de Ayres Tel-
s, mas póstas talvez ali para corroborar a attribuição
o manuscripto. Em geral essas poesias antiquadas não
m merecimento, e por isso basta conhecer a intenção
chaica que as inspira.

(1) *Obras Ineditas,* t. II, p. 20.
(2) *Ibid.,* p. 84.
(3) *Ibid.,* p. 114. Garrett citava-a no *Romanceiro,* t. II,
125 (ed. 1851), como authentica.
(4) Ed. de Stuttgart, t. III, p. 275, com duas leves varian-
s, e differente córte de estrophes.

Na casa de Unhão houve outros fidalgos com o nome de Ayres Telles de Menezes; é natural que algum d'elles seja o auctor d'essas poesias que accusam o ultimo quartel do seculo XVI. Segundo Salazar e Castro, na Historia da *Casa de Silva,* figura na India em 1556 um Ayres Telles de Menezes, que n'esse anno foi por capitão de uma das náos de remo da Armada com que Francisco Barreto passou a visitar as fortalezas do Norte. (1) Era este Ayres Telles de Menezes filho de André Telles da Silva, alcaide mór da Covilhã, mordomo-mór do Infante Dom Luiz, commendador da ordem de Christo e embaixador em Castella; sua mãi era D. Brites Coutinho, filha de Ruy Dias de Sousa e Cid. (2) Ayres Telles de Menezes casou na India com uma filha de Diogo Preto, e depois em segundas nupcias com Dona Brites de Aragão, irmã da celebre D. Francisca de Aragão cantada por Camões e muitos outros quinhentistas. Depois de ter sido Capitão de Diu Ayres Telles de Menezes acompanhou Dom Sebastião a Africa, onde ficou captivo em 1578, morrendo pouco depois do resgate. (3) É este o poeta dos Ineditos recolhidos por Caminha; as relações litterarias com André da-Fonseca e com Frei Luiz de Montoia determinam a data d'estas poesias em 1569. N'estes ineditos vem um Soneto *A André da Fonseca,* poeta e amigo intimo de André Falcão de Resende; a sua personali-

(1) Andrade, *Chr. de D. João III,* Part. 4, cap. 122, fl. 147.
(2) *Casa de Sylva,* t. II, liv. 9, cap. 25, p. 394.
(3) Sousa, *Hist. geneal.,* t. XI, p. 456.

restitue a essas composições uma data certa. Pelo o de censor, que gosava junto a Falcão de Resende, rta mais que se restitua ao seu nome a importan- istorica que merece. Como de Ayres Telles, vem neto:

Fonseca meu, que as ondas d'este mundo
Afoito córtas com seguro vento,
Sem que temas o Austro turbulento,
Que despontar se vê no céo rotundo.

Alça os olhos a Deos, d'este profundo
E abatido vale lodolento,
E verás que inda mais que o pensamento
O gosto foge e o prazer jocundo. etc. (p. 90)

André da Fonseca, responde pelas mesmas con- ntes:

Não fui nem sou tão cego Adão, que o mundo
Corresse afoito com contrario vento,
Pois sei o quanto he vario e turbulento
O giro que faz seu globo rotundo.

Deixando vou o cahos negro e profundo
Onde o mortal s'apega lodolento,
Alçando só a Deus o pensamento,
Com ledo rosto e coração jocundo.

Visto tenho do mundo a variedade
E por isso a terra que hoje pizas
Me não faz esquecer da eternidade.

Conheço, ó mundo, quanto immortalizas
Teus falsos bens; mas eu com humildade
As costas volvo aos idolos que enthronizas.

N'este mesmo volume attribuido a Ayres Telles de nezes, ha uma *Sextina allegorica* de André da Fon- a, (p. 41) genero muito *usado* no seculo XVI, e hoje

para nós altamente insupportavel. O nome de André da Fonseca seria ignorado ou tido por apocrypho, se o seu amigo André Falcão de Resende o não citasse nos seus versos. Pelo Soneto XXXIV de Falcão de Resende, e pela rubrica: «*A um Livro, que fez um seu amigo, André da Fonseca*», se infere que elle chegou a formar a collecção dos seus versos. D'esse livro dizia Falcão de Resende: «Desejo d'imital-o, vel-o e ouvil-o». (1) É provavel que este Soneto servisse de encomio preliminar do livro, como se usava no seculo XVI. O Soneto LXXV, *D'André da Fonseca em louvor do Auctor,* foi escripto tambem para servir de prologo aos versos de Falcão de Resende. (2) André da Fonseca, como todos os lyricos da eschola camoniana, propendeu tambem para a paixão mystica; respondendo-lhe ao Soneto de louvor, diz Falcão de Resende:

> Amor divino e seus effeitos canta,
> Com que do baixo e vil que nos assalta,
> A nevoa cega e vã se nos desfaça. (Son. LXXVI.)

André da Fonseca pela sua parte convida a Falcão de Resende para a composição de uma epopêa, por ventura antes de 1572:

> Oh ditoso Falcão, que a mór altura
> Do sagrado Parnaso vás tomando,
> Ao céo tuas largas azas levantando
> Com a nova invenção da tua escriptura:

(1) *Obras* de Falcão de Resende, p. 111.
(2) *Ib.*, p. 152.

Celebras n'ella aquella formosura
A qual está a todos namorando,
A ti suaves versos inspirando
Premio do teu amor e fé tão pura.

E pois em ti só, esprito peregrino,
Está pósta e segura a nossa gloria
Faça viver teu canto os Portuguezes;

Ordindo de teus versos uma historia,
Que mereças ter nome de divino,
Como fizeram os teus já c'os arnezes. (1)

Falcão de Resende tentou a primeira traducção das Odes de Horacio, e submetteu-a a André da Fonseca para julgar do trabalho:

O bom original e o máo treslado
De horacianas Odes *julgue embora*
Quem em ser e saber é consummado.

Em cujo louvor digno e alto, alguma hora
O lusitano estilo levantado
Que cante póde ser melhor que agora. (2)

André da Fonseca, responde-lhe em um mimoso soneto, que reproduzimos inteiramente, por isso que restam poucos documentos do seu genio:

A mais certa e mais pura e alta doutrina
Que pode dar-nos a latina Musa,
O vicio reprendendo e a quem o usa,
Com lingua não humana, mas divina;

(1) *Obras* de Falcão de Resende, p. 154.
(2) *Ibid.*, p. 187 e 188.

O engenhoso Horacio nol-a ensina
N'estas lyricas rimas, com que accusa
Vil cubiça, avareza e a confusa
Ambição, a que o mundo mais se inclina.

A muitos era escura e escondida;
Mas o douto Falcão, co'a ligeireza
Que tal nome promette, a declarou:

Vôou sobre ella, deu-lhe nova vida,
Enriqueceu a patria e a portugueza
Lingua, e a si proprio eternisou.

Pela importancia que André da Fonseca tinha para André Falcão de Resende, e pela referencia a um Livro de versos, contrastando com o pouco que nos apparece com o seu nome, póde-se julgar incalculavel a perda dos nossos monumentos litterarios, em parte causada pelo obscurantismo religioso, em parte pela falta de communhão moral entre os escriptores eruditos e o genio nacional.

A data certa do volume attribuido a Ayres Telles de Menezes é 1569, como se deduz da rubrica do Soneto «*A Frei Luiz de Montoja, defunto*». Pela *Bibliotheca Nova* de Nicolau Antonio, sabemos que Frei Luiz de Montoia, frade augustiniano de Medina, veiu a Portugal como reformador da sua provincia; elle foi director do Collegio de Coimbra, confessor de el-rei Dom Sebastião, regeitando o bispado de Viseu que lhe foi offerecido. Tendo nascido em 1497, morreu a 7 de Septembro de 1569. (1) Eis o Soneto de Ayres Telles:

(1) « Medinae sodalibus praefuit; dein Portugalliam venit *reformator* Lusitaniae provinciae, cujus collegium Conimbri-

A simplicissima alma, que aqui deixa
A cinza e ossos santos que a cercaram,
Dos filhos ouça o som, que se crearam
Aos peitos seus, alçar chorosa queixa.

D'elle em torno cada hum com dor se queixa,
Clamando a Deos, que orfãos e nús ficaram;
Pedindo o leite, o qual quanto mamaram
Tantos dons ja cada um de graça enfeixa.

Lá mesmo d'onde estás cheio de gloria,
Benino, attende nossas tristes magoas,
Que d'aqui t'enviamos sem vangloria:

Da graça nos alcança as puras agoas,
A fim que d'este mundo com victoria
Sair possâmos, e eternas fragoas. *(Op. cit.*, p. 109.)

O poeta do *Cancioneiro* de Resende figura n'essa
ecção com uma copla escripta em 1510, (1) e sup-
-se, que teria fallecido não longe de 1520; não era
sivel que este homonymo tivesse relações com Frei
z de Montoia, celebrando o seu passamento em 1569.
·tanto, assim como n'esse apodo de 1510, appa-
e um Simão da Silveira, que não é o Dom Simão
Silveira amigo de Camões e de Jeronymo Côrte
il, é muito logico que esse Ayres Telles de Menezes

se nove erectum, monasterium quoque Olissiponensis urbis
, atque itidem provinciam administravit. Electus is quoque
ministerium praebendi aures Sebastiano Portugalliae regi
nitenti, renunciavit aliquando hunc oneri, nec Visiensis epi-
patus infulis decorari passus est.
« Natus anno MCCCCXCVII, obiit VII Septembris MDLXIX, duo-
septuagenario major. » *Bibl. Nova*, t. II, p. 54. Jaz no Mos-
o da Graça. Vid. Frei Antonio da Purificação, *Chron. dos*
nitas, Part. II, liv. 5, tit. III, § 33.

(1) *Poetas palacianos* p. 387.

seja um poeta da segunda metade do seculo XVI, visto que na aristocracia os nomes se repetiam com certa regularidade. De tudo isto se conclue sem esforço, que o professor Caminha vendo no manuscripto o nome de Ayres Telles de Menezes, identificou-o irreflectidamente com o poeta do *Cancioneiro geral,* sem saber, que o Soneto a Frei Luiz Montoia lhe precisava a data de 1569, e que os versos a André da Fonseca, davam prova de um contemporaneo de Falcão de Resende morto em 1599. Um falsificador não procede com esta sinceridade. Depois d'isto, parecem risiveis as impugnações de Innocencio:

«A linguagem, o estylo, a metrificação d'essas poesias que elle se attreve a dar em nome de um poeta contemporaneo de Dom João II, não só differem absolutamente em seu mechanismo e contextura do typo pelo qual podemos aferil-as, isto é, das que se conservam no *Cancioneiro* e pertencem sem duvida áquelle auctor, mas estão denunciando a todos os olhos que a sua composição data de uma epoca incomparavelmente mais moderna que a inculcada, embora por ellas se semeassem mui de proposito aqui ou acolá, alguns archaismos e termos obsoletos, com os quaes se pretendeu imprimir-lhes o cunho de ancianidade que lhes faltava, disfarçando assim a fraude, e tornando-a desapercebida do commum dos leitores. Desde muitos annos é minha opinião que tanto estas poesias como outras que o mesmo editor deu á luz em nomes alheios, eram *propriamente* suas e de ninguem mais. A confrontação do

ylo com as que elle publicou em seu proprio nome
dous volumes nos annos de 1784-1786, offerece
ıa identidade, que é para mim argumento irrecusa-
e convincente.» (1) Innocencio eguala n'este modo
criticar a insufficiencia do proprio Caminha, mas
turbada com uma preoccupação odienta. Quem co-
ıce como as collecções manuscriptas do seculo XVI
m formadas, é que póde saber quanto é difficil deter-
ıar ao certo os seus auctores; o *Cancioneiro* de Luiz
ınco, (2) intitula-se na lombada *Elegias de Camões;*

(1) *Dicc. bibl.*, t. I, p. 318.

(2) N'este *Cancioneiro* se encontram varias poesias da es-
la italiana com a sigla marginal *D. M.*, que se repete a
90 em uma *Epistola de dom D. de M.* Em uma nota se lê:
*om Diogo de Menezes; nam andam impressas as suas obras,
ão algumas no Cancioneiro de Resende, edição 1516.»* De
o no *Cancioneiro geral* figura um Dom Diogo de Menezes,
s conhecido pelo titulo *O Claveiro;* mas com certeza este
ta da velha eschola hespanhola não podia escrever no es-
ı arrebicado do cultismo do fim do seculo XVI, como se verá
ı seguinte Soneto inedito de Dom Diogo de Menezes, que
ıamos ser o governador de Cascaes, que resistiu á invasão
Philippe II e foi mandado degolar. Esta homonymia explica
ınfusão dos dois Ayres Telles de Menezes. Eis o Soneto:

No es vida la que vivo, pues da muerte,
No es muerte pues da vida al ansia mia;
No es fuego el que me quema pues m'enfria,
No es frio, pues en fuego se combierte.

No es agua la que amor del pecho vierte,
No son suspiros los que el alma embia;
No es guerra, pues me mata cada dia,
No es paz, pues desociego me devierte.

No es amor el que abrasa mis entrañas,
De mas fino metal pretende nombre,
Pues son inusitadas sus marañas.

No es mal el que me aquexa, ni soy hombre,
Pues puedo sofrir cosas tan estrañas
Que no hay quien de pensalo no se asombre.

(*Canc.* de Luiz Franco, fl. 118.)

o *Manuscripto* de Pero de Andrade Caminha tinha na frente o nome do possuidor em vez do auctor. Nada mais natural do que o professor Caminha fiar-se nas indicações exteriores do *Manuscripto,* indicações deduzidas das quintilhas a Jorge de Oliveira, que na realidade são de Ayres Telles o antigo, e conservadas para encarecimento do manuscripto.

CAPITULO VI

Estevam Rodrigues de Castro

Renascença e o estudo das Sciencias naturaes. — A Medicina dos Arabes, reflecte-se na Italia pelos portuguezes Pedro Julião e Frei João de Deos. — Na Renascença, a eschola humanista domina em Portugal, em Amato Luzitano. — Parallelo entre os Medicos e os poetas humanistas. — Nascimento de Estevam Rodrigues de Castro em 1559. — Emigra de Portugal, e professa a medicina na Universidade de Pisa. — Como seu filho Francisco Estevam de Castro recolheu a collecção dos seus versos. — Caracter de *Cancioneiro*, com obras de Camões, Sá de Miranda, Jorge Fernandes, Dom Fernando Correa de Lacerda, Soropita e Bernardo Rodrigues. — Os sonetos camonianos de Estevam Rodrigues de Castro, e seu platonismo poetico. — Bajulações a Philippe II, invasor de Portugal.

O estudo das sciencias naturaes é uma das feições ue mais caracterisa a Renascença; o espirito observaor já não receiando interrogar a natureza amaldiçoada elos mysticos, deixa-se attrahir por esta Circe, procua com afan descobrir todas as fórmas em que se lhe evela este eterno Proteo. A realidade do mundo exerior recebida pelas intelligencias primitivas através las apparencias não discutidas nem ratificadas, deu rigem á creação dos mythos religiosos; essa mesma ealidade recebida por impressões conscientes, fez com ue o que era apparencia se tornasse uma relação, e ito bastou para se constituir a Sciencia. É esta a grande iperioridade do seculo XVI, aonde a ancia do saber se icontra nos artistas, nos poetas, nos philologos, nos ivegadores e viajantes, em todos os que sentem a nareza. É o seculo do encyclopedismo, como o definiu

Cournot. Os artistas, como Miguel Angelo, estudam a anatomia; os medicos trocam com frequencia o escalpello pelo cálamo da litteratura, como vêmos em Giovani Antracino, medico de Adriano VI e de Clemente VII, em Baccio Baldini, professor na Universidade de Pisa, ou Luigi Lovisini, medico de Veneza, que deixam obras da sciencia que professam a par de elegantes poesias. (1) Em Portugal dá-se o mesmo phenomeno do seculo; Francisco Lopes, medico da rainha D. Catherina, Pedro Gomes, amigo de Falcão de Resende, e Estevam Rodrigues de Castro, cultivam a poesia já sob a influencia da eschola hispano-italica, já sob o dominio exclusivo do latim dos humanistas, já sob o idealismo platonico dos Quinhentistas. Estevam Rodrigues de Castro obedeceu a esta ultima corrente. Dá-se aqui uma coincidencia notavel entre a direcção seguida pela poesia e pela sciencia medica: assim como a Renascença veiu suspender por algum tempo em Portugal o dogmatismo philosophico dos *averrohistas* dando entrada ao livre idealismo platonico, do mesmo modo a Medicina baniu de si a tradição arabe recebendo a direcção especulativa das Universidades de Italia; Estevam Rodrigues de Castro pertence a este novo movimento scientifico. Em quanto predominou a eschola arabe, a Italia estimava os medicos portuguezes; o celebre livro *Thesaurus Pauperum,* em que estava resumida a sciencia medica do seculo XIII, foi escripto pelo mesmo auctor das *Summulas* logicas, em

(1) Tiraboschi, *Storia della Letteratura italiana*, VII, 673.

ue estava resumida a philosophia averrhoista. Martiıho de Tulda, fala na sua *Chronica,* dizendo de Pedro Julião, ou Hispano: «*Fuit maguns medicus, et scripsit librum de Medicina qui Thesaurus pauperum vocatur.*»

Contemporaneo de Pedro Hispano, encontramos o nome de Frei João de Lisboa, capellão e medico de Honorio III e de Gregorio IX, a quem serviu durante vinte annos, figurando depois como Bispo de Lisboa pelos annos de 1239. O seu nome foi desconhecido ao chronista Antonio Brandão, quando apurou a successão dos Bispos, pois não o enumera entre Dom Sueiro e Dom Ayres, que floresceram entre 1220 e 1259. Depois que a intolerancia catholica atrophiou esta sciencia em Portugal, a medicina foi um privilegio da classe *modejar,* um empyrismo, uma superstição popular. Foi preciso que o enthusiasmo da Renascença viesse rehabilitar esta sciencia decahida; o primeiro que nos apparece luctando nas renhidas polemicas contra a eschola italiana é João Rodrigues de Castello Branco, mais conhecido pelo pseudonymo de *Amato Luzitano;* elle ataca o afamado commentador de Dioscorides, Pier Andrea Mattioli: «Non mancarono pero al Mattioli avversari e rivali. E uno de' più fieri tra essi fu Giovanni Rodriguez de Castelblanco, che avendo publicati sotto il nome de *Amato Lusitano* i suoi Commenti sopra Dioscoride nel 1554, e essendosi in essi giovato non poco di que' del Mattioli, ardi nondimeno di criticarlo e di mordello frequentemente. Ma il Mattioli tal gli fece riposta con una Apologia, che pur si ha alle stampe, che ridusse il suo avversario al

silenzio.» (1) A liberdade de pensar foi supprimida pelo Santo Officio, e Amato Luzitano teve de fugir de Portugal; apezar d'estas condições precarias, a litteratura medica não pôde ser totalmente abafada, e d'ella nos traça Dom Francisco Manoel de Mello o seguinte quadro: «Na Medicina tampouco faltaram nossos naturaes publicando doutos livros; como *Estevam Rodrigues de Castro,* Fernando Cardoso, Andre Antonio, Diogo Borges, Duarte Madeira, Rodrigo da Fonseca, Enrique do Quental, Luiz de Lemos, Antonio Luiz, Pedro Lopes, Gonçalo Rodrigues Cabreira, Diogo Lopes, Aleixo de Abreu, Fernão Rodrigues Cardoso, Fernão Solis da Fonseca, Felipe Montalto, Lopo Serrão, Domingos Pereira Bracamonte, Garcia d'Orta, com doutissimas obras.» (2) Pelo mesmo motivo que Amato Luzitano fugiu de Portugal, o poeta e medico Estevam Rodrigues de Castro, o qual «tinha melhor Musa que fé», (3) se refugiou na Italia.

Segundo Barbosa Machado, nasceu em Lisboa Rodrigues de Castro, em 1559; foi lente de prima na Universidade de Pisa e Physico-mór do Grão Duque de Florença. Além das muitas obras de medicina que imprimiu, chegou a formar uma collecção de poesias, publicadas por seu filho Francisco Estevam de Castro. (4)

(1) Tiraboschi, *op. cit.*, pag. 590.
(2) D. Francisco Manoel, *Cartas*, cent. 1.ª, n.º 1, p. 492.
(3) Id., *Hospital das Lettras*, p. 376.
(4) Servimo-nos da edição feita por Antonio Lourenço Ca-

Muitos d'esses versos andam hoje em nome de Camões; outros vêm assignados por poetas do seculo XVI, o que dá a esta collecção um caracter quasi de *Cancioneiro*, como se comprova pela dedicatoria de Francisco Estevam de Castro ao Capitão Pedro Capponi, Cavalleiro do habito de Santo Estevam: «Conforme aos nove mezes que o filho no ventre da mãe se está aperfeiçoando, queria Horatio que os versos se estivessem nove annos apurando. Muito mais tempo estiveram estes que agora saem á luz, não batendo-se na bigorna do entendimento, mas escurecendo-se nas trevas do esquecimento. Chegou-lhe (como se sóe dizer) sua hora em Italia, para que tornem a Portugal donde sairam, aonde por ventura o nome de seus Autores pode renovar a memoria do que n'esta parte valeram; *digo de seus Autores, porque posto que a maior parte são composições de meu Pae*, que quasi violentado lhe tirei das mãos, *vão juntos alguns poemas de diversos, diversamente assignados, huns com nomes expressos, porque não me era necessario pedir licença a pessoas defuntas, de outros não me foi possivel procural-a*. Basta-me com esta diligencia dar a cada um o seu. Se este principio de parto fôr saboroso, aparelharei outras iguarias com que me fique a mi o sabor de o haver dado a curiosos.» As poesias assignadas, porque os seus auctores já eram mortos em

minha, que diz: «Eu nunca jamais poude encontrar senão um unico exemplar da obra de que tratamos e foi na sumptuosa Bibliotheca do Ill. sr. José Pedro Hasse Bellem...» Prol. p. IX. —Na Bibl. do Porto existe uma copia, *Ms*. n.º 589.

1632, pertencem a Fernão Rodrigues Lobo (Soropita), Jorge Fernandes—o Fradinho da Rainha, e Francisco de Sá de Miranda; outras poesias vêm com iniciaes, ou porque os seus auctores eram ainda vivos, ou porque o editor não soube conhecer, que a assignatura *D. F. C. L.* quer dizer Dom Fernando Corrêa de Lacerda, e *D. B. R.* de Bernardo Rodrigues.

Em nome de Estevam Rodrigues de Castro encontram-se n'essa collecção quatro Sonetos de Camões, com variantes notaveis. Reproduzimol-os nas partes que suscitam mais interesse. O Soneto CCCVIII publicado pela primeira vez em 1598, revela que Estevam Rodrigues de Castro se serviu de manuscriptos ignorados hoje:

Ondados fios de ouro onde enlaçado
Em doces nós está meu pensamento (1)
Que *quanto vos mais* sólta o *leve* vento (2)
Mais prezo fico então *n'um vão* cuidado; (3)

Amor d'uns bellos olhos sempre armado
Me combate com as forças do tormento,
Provando de minha alma o soffrimento
Que *á luz* justa da *Paz* trago obrigado (4).

Em um manuscripto do seculo XVII, d'onde o snr. visconde de Juromenha extraiu onze Sonetos publicados pela primeira vez na edição de Camões de 1861, vem dois Sonetos que se acham reproduzidos nas

(1) *Continuamente tenho* o pensamento. Ed. Jur.
(2) Que *quanto* mais vos sólta o *fresco* vento. *Ib.*
(3) Mais prezo fico então *de meu* cuidado. *Ib.*
(4) Que á justa *lei* da paz trago obrigado. *Ib.*

obras poeticas de Estevam Rodrigues de Castro; são o CCCXXXVIII e CCXLVIII, que andam sob o n.º X e XI na reproducção de A. Lourenço Caminha. A identidade das lições d'estes dois Sonetos, prova-nos que houve um original do seculo XVI, commum á copia de Rodrigues de Castro e ao manuscripto Juromenha. Entre os Sonetos ineditos recolhidos por Faria e Sousa, que se acham na edição posthuma de 1685, vem um reproduzido com algumas variantes por Estevam Rodrigues de Castro, attribuindo-o erradamente a Fernão Rodrigues Lobo:

Amor que em *sombras vãs* do pensamento (1)
Paga o zelo *leal* de *meu* cuidado (2)
Em toda *a* condição, em todo *o* estado (3)
Tributario me fez de seu tormento.

Eu sirvo *e* canso, e o merecimento (4)
De quanto tenho a Amor sacrificado,
Nas mãos da ingratidão despedaçado
Por preza vae do eterno esquecimento.

Mas *por* muito, *que* emfim cresça o perigo (5)
A que perpetuamente me condemna
Amor que amor não he, mas inimigo;

Hum só descanço tenho em minha pena (6)
Que a gloria *de* querer *ha* tanto sigo, (7)
Não pode ser c'os males mais pequena.

(1) Amor que em *sonhos vãos* do pensamento. Ed. Jur. CCIX.
(2) Paga o zelo *maior* de *seu* cuidado. *Ib.*
(3) Em toda condição, em todo estado.
(4) Eu sirvo, *eu* canso; e o *grão* merecimento.
(5) Mas *quando* muito emfim cresça o perigo.
(6) *Tenho um grande descanço* em minha pena.
(7) Que a gloria *do* querer, *que* tanto sigo.

Com o nome de Camões, recolheu Manoel de Faria e Sousa a Ecloga que começa: *Agora, já que o Tejo nos rodeia,* (Ed. Jur., Ecl. XIV) que nas obras de Estevam Rodrigues de Castro vem com as iniciaes *D. B. R.* Esta Ecloga é indubitavelmente de Camões, porque aí se refere ao Soneto XLI, publicado pela primeira vez em 1595, e recolhido tambem por Luiz Franco, desde 1588:

> Canta aquelle Soneto que começa:
> *Quantas vezes do fuso se esquecia,*
> Que digas um dos teus, não sei se o peça.

Barbosa Machado e todos os que seguiram a sua auctoridade, interpretaram as iniciaes *D. B. R.,* significando *De Bernardim Ribeiro;* mas bastam simples noções de historia litteraria, para se vêr que Bernardim Ribeiro foi anterior á influencia da eschola italiana, e que desconheceu a metrificação endecasyllabica. Como já ficou provado na *Vida de Camões,* (1) o poeta das iniciaes *D. B. R.,* deve considerar-se o celebre *Bernardo Rodrigues,* de quem Faria e Sousa recolheu tradições biographicas de Camões; como Bernardo Rodrigues morreu em 1631, foi por isso que Francisco Estevam de Castro não deixou esse nome expresso, talvez, como se deve entender do seu prologo, por não poder obter a necessaria licença para a publicação. Em todo o caso esta Ecloga pertence a Camões, e de copia de Bernardo Rodrigues é que appareceu entre os papeis

(1) *Part.* I, cap. 7, p. 363 a 366.

de Estevam Rodrigues de Castro; confrontada com a lição de Faria e Sousa, apresenta variantes importantissimas, como de uma segunda elaboração, sendo a copia de Bernardo Rodrigues mais completa. É provavel que Faria e Sousa, tendo communicado com Bernardo Rodrigues, recebesse d'este amigo de Camões alguns ineditos.

No final da Ecloga, parece que figura o poeta Bernardo Rodrigues, que se ensaiava na eschola de Camões nos ultimos annos da vida do grande epico:

> *Favorecei,* senhor, *a quem se ensaia*
> *Para o verso,* a vós alto se deve.
>
> Não queiraes que a louvar-vos inda saia
> Meu engenho, que a tanto não se atreve,
> E se por não poder vos não levanto
> Levantae, pois podeis, meu baixo canto. (1)

Das obras de Estevam Rodrigues de Castro, a Ecloga I, que começa: *Nas ribeiras do Tejo, a uma areia,* (p. 197) foi reproduzida pelo snr. visconde de Juromenha como de Camões; (2) infelizmente não produziu este benemerito editor nenhum argumento a favor d'esta hypothese, que ficou gratuita. Um terceto d'essa Ecloga, dá a entender que ella foi escripta na Italia:

> Buscarei com meu gado extranha terra,
> *Habitarei onde outro sol mais arde,*
> *Ou onde a neve tem coberta a serra.*

(1) Ed. de Caminha, p. 221.
(2) *Obras,* t. III, p. 158. Ecl. XV.

Nenhuma nota do filho de Estevam Rodrigues de Castro existe, para que se possa inferir que a Ecloga pertence a outro escriptor, a não ser ao afamado professor da Universidade de Pisa. Todos estes equivocos, que se dão com os versos de Camões, como já notámos, (p. 32) são o resultado da grande influencia do seu lyrismo sobre os poetas portuguezes da segunda metade do seculo XVI; era-se camoniano então, como ainda no principio do nosso seculo se era elmanista.

No tempo de Dom Francisco Manoel de Mello, já os versos de Bernardo Rodrigues eram quasi desconhecidos em Portugal; mas a tradição ainda corria que elle tinha sido «o Apollo d'este reino: *que tanta opinião se tinha de suas letras e juizo*». O que hoje se conhece da sua poesia, é apenas o que está recolhido nas obras de Estevam Rodrigues de Castro; d'aí transcrevemos duas peças lyricas, que facilmente passariam como de Camões, pelo vago idealismo de que estão repassadas: (1)

Não era mortal cousa o seu passeio,
Spirava mais que humana magestade,
Prazer, graças, amor, felicidade,
D'altas riquezas um thesouro cheio.

Qual sáe a Aurora do rosado seio
Com justo passo abrindo a claridade,
Modestia altiva, honesta gravidade,
Que o céo nos representa d'onde veiu.

O celeste vigor, que dentro anima,
Trasluz no concertado movimento,
Que até na menor parte corresponde.

(1) *Ed.* Caminha, 165.

Por taes pizadas sobe, e muito acima
N'outras graças se perde o pensamento,
E só me leva amor não sei por onde.

Eis as *Balatas,* (1) já com um caracter cultista:

I

Violante, a rêde foram teus cabellos,
O arco a sobrancelha, a vista a setta,
E quem feriu com ella os olhos bellos.
Eu sou ferido, e prezo; e tão quieta
Tenho a alma em tanto mal, que bem espero,
Que nem sarar, que nem fugir cometa,
De ti (posto que d'isso desespero)
Um só suspiro, um brando effeito quero.

II

Violante sejas tu, imiga minha,
Mas não de piedade, ou mais piedosa,
Ou ser menos formosa te convinha.
Não vira então crueza rigorosa,
Turbar-me a suave paz por cruel uso
Indigno d'uma vista tão formosa,
Que quando a vejo, e a ti e ao céo acuso,
E a mim, que vendo tal dos olhos uso.

III

Violante, bem sei eu que me ameaça
Nos teus olhos, Amor, mas o desejo
Não soffre não os vêr, não sei que faça
Em quanto com contrarios taes pelejo.
Huns olhos que consagro á eterna fama,
Minha alma leva amor, e eu não a vejo
Queixo-me d'alma, que tão pouco me ama,
Que nos teus olhos estando os meus não chama. (2)

(1) Diz D. Francisco Manoel: «ainda que ha entre nós erto genero de versos a que chamam *Ballatas*, tomado dos Itaianos, que se fizeram propriamente para os bailles das comelias...» *Hosp. das Letras*, p. 391.

(2) Ed. Caminha, p. 192.

Depois de ter alcançado uma grande reputação pela sua sciencia e escriptos medicos, é que Estevam Rodrigues de Castro consentiu que seu filho publicasse a collecção dos seus versos; em um elogio *Del Signore Capitano Leone Francucci, Cavaliere de S. Stephano, al Autore,* faz-se o elogio do poeta pela alliança da sciencia com a poesia:

Stephano, in milli Carte
Gia dell'Huomo trattasti, ed or' d'amore
Tratti con novell'arte
Scriptor Latino e Lusitan'Cantore.
Nelle tue dotte prose
Ne tuoi carmi gentil'sent'io gran cose,
Che ingegnoso e facondo
Scrivi del piccol'Dio, del piccol Mondo.

A fórma poetica mais usada por Estevam Rodrigues de Castro foi a do Soneto; póde-se dizer com afouteza que são todos perfeitissimos e dignos de serem assignados por Camões, imitados com um completo conhecimento do seu estylo. As relações com Fernão Rodrigues Lobo Soropita, (p. 168) cujos manuscriptos se confundem tambem com os de Camões pela imitação calculada, levam a crêr que Estevam Rodrigues de Castro contribuiria tambem para a edição das Lyricas de 1595. A mesma melancholia no amor, o mesmo mysticismo religioso dos Sonetos de Camões, são os caracteres predominantes dos Sonetos de Estevam Rodrigues de Castro. Quem não tomará como de Camões este Soneto com que o professor da Universidade de Pisa *abre a sua* collecção:

Passei livre, ocioso uma larga edade,
Sem gloria ou sem saber, e sem proveito;
D'esta vida, antes morte, satisfeito
Em baixos exercicios da vontade.

Viu-me amor, e movido á piedade
Tocando com sua mão meu frio peito,
O mato ardeu, que n'elle estava feito
Pelos annos da imiga liberdade.

Maravilha era vêr brotar cuidados,
Quasi flores nascidas de improviso,
Que amor criou e pisam disfavores.

Assi os adoro depois de pisados,
E como vivo junto ao Paraiso
Sustento-me do cheiro d'estas flores

O ultimo verso é um conceito camoniano, da tradição da edade media recolhida no *Miroir du Monde* e nos *Lusiadas*. O Soneto IV termina de um modo inexcedivel:

Eu vou para falar, e fico mudo:
Porem meus olhos, minha côr perdida,
Meu pasmo, meu silencio por mi falam
E não dizendo nada, digo tudo.

N'estes Sonetos ha um, em que transparece a personalidade do poeta; é á morte de uma menina de treze annos, por ventura sua filha:

As graças e aos amores que criaram
Marianna na flor da tenra idade,
Com ella da mortal necessidade
Vencida juntamente se entregaram.

Aquellas esperanças que enganaram
A quem cuidava achar n'ellas verdade,
Deixando em seu logar magoa e saudade
Na mesma sepultura se lançaram.

Quanto, n'um bello riso, a primavera,
Que agora é triste inverno, enthesourou
Quanto do céo se mostra cá na terra:

Quanto o dourado *sol por sua esphera*
Passando treze vezes ajuntou,
Tudo n'um frio marmore se encerra.

Uma cousa não soube Estevam Rodrigues de Castro imitar do lyrismo de Camões: o sentimento da nacionalidade. Uma grande parte dos poetas portuguezes não só recebeu mercês do invasor hespanhol, senão tambem o bajulou nos seus versos. Estevam Rodrigues de Castro havia fugido de Portugal por motivos da intolerancia religiosa; e seria talvez o fundo resentimento da expatriação que o levou a escrever este Soneto ao Demonio do Meio Dia:

Justamente o grão Rey que senhorêa
Ambas as Indias, ambas as Espanhas,
Deixando sobre vós cousas tamanhas
Do alto pezo descança e se recrea.

Vós sois aquelle braço com que enfreia,
Como presente, assi terras extranhas;
Seus olhos com que vê leaes entranhas,
Mão donde vem mercês com larga vêa.

Por vós aquelles ficam, a quem s'estende
Tal braço, olhos taes vê, paga tal mão,
Bem governados, *vistos*, satisfeitos.

N'elles da morte o tempo vos defende,
Levantastel-os, que outra cousa são
Que estatuas immortaes de vossos feitos.

Este Soneto seria escripto á vinda de Philippe II

a Portugal em 1581, quando Estevam Rodrigues vivia ainda na patria? (1) Pela bibliographia resta noticia de um poema feito por este mesmo auctor em que é heroe el-rei Dom Sebastião. É quasi impossivel descobril-o, mas pela bajulação a Philippe II, póde-se inferir que o poema tinha por fim ridicularisar a lenda do monarcha que se estava formando no povo sobre o typo messianico de Arthur. Segundo Barbosa morreu Estevam Rodrigues de Castro em 1637, sem recebêr o desmentido da sua bajulação no triumpho sacrosanto de Pinto Ribeiro. (2)

(1) Montaigne, na sua Viagem á Italia, por este tempo, fala dos portuguezes que viviam em Roma: «Le 18, (1581) l'Ambassadur de Portugal fit l'obedience au Pape du Royaume de Portugal, pour le Roy Philippes. Ce mesme Ambassadur qui étoit ici pour le Roy trespassé et pour les Etats contrarians, au Roy Philippes. Je rancontrai au retour de Saint Pierre un home qui m'avisa plesammant de deus choses: que les Portugais faisoint leur obédiance la semmene de la Passion, et puis que ce mesme jour la station étoit á Saint Jean *Porta Latina*, en laquelle Eglise certains Portuguais, quelques années ya, étoit entrés en une étrange confrerie. Ils s'epousoint masle á masle, á la messe, aveq mesmes serimonies que nous faisons nos mariages, faisoint leur pasques ensamble, lisoint ce mesme évangile des nopces, et puis couchoint et habitoint ensamble... Il fut brûlé huit ou neuf Portuguais de cete belle secte.» Montaigne, *Journal du Voyage en Italie*, p. 156. Ed. 1774.

(2) No *Hospital das Lettras*, p. 376, resume Dom Francisco Manoel de Mello o seguinte juizo litterario acerca de Estevam Rodrigues de Castro: «tinha melhor Musa que fé; o seu Arion é poesia de conta, supposto que escreveu em castelhano, que o não sabia tanto, como a sua propria lingua, em que luzira mais se n'ella fizera suas composições; porem no celebre poema, que publicou da immortalidade da alma, fez prova de grande philosopho, sobre poeta illustre.»

CAPITULO VII

Manoel da Veiga Tagarro e a «Laura d'Anfriso»

Transição da poesia quinhentista para o cultismo, sob o dominio hespanhol.—Manoel da Veiga nasce em Evora na segunda metade do seculo XVI.—Estuda Theologia e Direito Civil na Universidade fundada pelo Cardeal Dom Henrique.—Seu irmão Estevam da Veiga segue a carreira das armas.—Relações do poeta com o Duque de Bragança Dom Theodosio II.—Collige os seus versos para os dedicar a Dom Duarte, irmão do Duque, e poeta juiz de um Certamen em que teve por Adjunto Lope de Vega Carpio.—Caracter litterario de Dom Duarte.—Manoel da Veiga imita Camões, e allude ao poema dos *Lusiadas*.—A *Laura de Anfriso* é a historia dos seus amores.—A dama que elle amou desde criança, era natural d'Evora, da mais alta aristocracia, distinctissima na pintura, e seguiu a vida da clausura.—Todos estes caracteres se encontram em Dona Margarida de Noronha, filha do Conde de Linhares.—Manoel da Veiga abraça tambem a vida religiosa.—Recolhe os seus versos em 1604.—Imita Lope de Vega.

Depois da morte de Camões, e pelo uso do castelhano em Portugal, a poesia perdeu o seu caracter; sem um ideal superior que a inspirasse, desceu a ser um instrumento de adulação para o invasor; os poetas apparecem-nos premiados com tenças dos Philippes. Incapazes de perceberem o idealismo puro dos poetas italianos, cáem n'esse cultismo emphatico a que os arrastava a propria indole da lingua castelhana. Á medida que se iam recolhendo os versos ineditos de Camões, levantava-se um monumento que não deixava extinguir-se totalmente a poesia portugueza; a imitação do lyrismo camoniano era a manifestação de um sentimento patriotico.

Manoel da Veiga Tagarro, vivendo sob o dominio hespanhol nunca abandonou a sua lingua, imita e admira Camões, e resente-se já da corrente do cultismo, que caracterisou o seculo XVII. A sua vida é completamente desconhecida; o unico subsidio para a biographia é o livro da *Laura de Anfriso,* aproveitado pela primeira vez por Pedro José da Fonseca. D'este livro tiraremos uma nova luz.

Manoel da Veiga nasceu em Evora, aonde tomou o gráo de licenciado na Universidade fundada pelo Cardeal Dom Henrique:

> Ali *Evora* clara se recreia:
> Porque da vista vossa está gosando:
> Mas ai que lhe ameaça a noite feia.
>
> Ai que está Mançanares envejando,
> *Ditosos campos meus*, vossa ventura!
> Ai que já tanto bem nos vae roubando. (p. 55.)
>
> *Eboreos campos* bem aventurados... (p. 56.)

Descrevendo as batalhas dadas pelo Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira, allude outra vez á sua terra:

> Maldizem do *Alem-Tejo os horisontes...*
> *Nos meus versos amados*, que isto vistes
> Pelas concavidades muitas vezes
> Nuno, Nuno, chorando repetistes. (p. 78.)

Como em todas as familias nobres do seculo XVI, depois da carreira das letras a viagem da India e a vida das armas eram o refugio da educação que os paes davam aos filhos segundos. Um irmão de Manoel da Veiga

militou na India, como vemos por esta Ode, imitada de Horacio, á sua partida:

Ligeira Náo formosa
Que acomettcis o Indico Oriente,
Tão alegre e contente
Que prometteis briosa,
Vendo os mares largos
De ter assento ethereo como a de Argos.

....
Um irmão me levaes
Irmão que era metade da alma minha.
Porque ides tão asinha?
Ou porque me deixaes,
N'esta ausencia tão dura,
Passando em saudade a vida escura? (p. 96.)

Mas já que a sorte ordena
Que escusar-se não possa esta partida,
Farei a despedida
Sobre esta praia amena,
E os Anjos rogando
Que nas palmas das mãos vos vão levando.

O nome d'este irmão, segundo se póde inferir do *Indice de toda a Fazenda,* por Luiz Figueiredo Falcão, era o capitão da Náo Sam Thomé, chamado *Estevam da Veiga,* que partiu para a India na Armada commandada por João de Tovar Caminha em 1588. (1) Infelizmente foi a Náo Sam Thomé a unica que se perdeu. Pelas relações de Manoel da Veiga com a Casa de Bragança, exaltando o Duque Dom João e sua esposa Dona Catherina, neta de el-rei Dom Manoel, e seu filho Dom

(1) *Indice*, p. 176.

Theodosio, a data de 1588 da partida de Estevam da Veiga, torna plausivel a hypothese de ser este o irmão do poeta.

Manoel da Veiga estudou o Direito Canonico e depois o Civil; elle refere-se á cadeira de Vespera, que se intitulava de Sam Thomaz, e á cadeira de Nôa ou de Duns Scoto:

Do *Angelico Doutor* a flamma altiva
Foi da alma suspensão: que a Phebo esquiva;
Porque honras da Castalia
Por humildes julguei, até que a Italia
Formou o raio brando
Coriscos sem trovões dissimulando.

Não me move ambição de eterna fama
Nem corôa fatal de ingrata rama,
Outra obra mais alta
Onde ou Lyra ou *Scoto* a penna exalta.
Podera ser escripta...

As Rimas em grilhões foram nascidas
E entre Leis e Digestos mal polidos; (p. 256-7.)

Nos ocios do estudo da Universidade de Evora é que o poeta começou a celebrar os seus amores; tinha elle doze annos de edade quando pela primeira vez se sentiu ferido:

Vós sereis testemunhas, se quizerdes
De *meu primeiro amor,* rios de prata,
Que correis para o mar despedaçados.
Escassamente entrados
Tinha doze annos na florida edade;
Já cantando movia
O monte a saudade:
Já os ramos tocar do chão podia: (p. 6.)

Á maneira dos poetas da Eschola italiana tomou o nome arcadico de *Anfriso,* e embuido da imitação petrarchista chamou aquella que amava, *Laura.* O modo como trata este episodio encantador da sua vida está abaixo da poesia da realidade; em parte faz lembrar a melancholia de Crisfal e de Maria, ha a mesma separação forçada, a violencia do carcere privado durante cinco mezes, mas a consolação mystica vem extinguir a mutua anciedade, separa-os para sempre o burel da clausura, e dão-se por felizes em terem-se tão cedo desenganado das cousas do mundo para se concentrarem em Deos. Anfriso exprime o sentimento vivo da sua alma com as imagens mortas da mythologia grega, postas em moda pela Renascença; elle busca nos classicos e moralistas as sacramentaes anedoctas a que faz sabias allusões. O verso espontaneo da redondilha, que o poría a par de Bernardim Ribeiro ou Christovam Falcão, é completamente abandonado por Manoel da Veiga pelo endecasyllabo com os seus hemistychicos artificiosos.

Na Epistola dedicatoria ao principe Dom Duarte o poeta recapitula a historia d'esses amores, que formam a parte principal da sua vida:

> N'estas Rimas, senhor, tambem se alcança
> Quam facil é na vida um breve riso:
> Quam de pressa se murcha uma esperança.
>
> Aqui se representa o grande *Anfriso*,
> Aqui a nobre *Laura*, a Deos atados
> Dando ameno theatro ao paraiso...

São umas cantilenas *verdadeiras*
Que deu um triste cysne á nossa edade
Com suspiros mortaes de mil maneiras.

Em covas de dragões e escuridade
Dous partos produzi, e o mesmo céo
Testemunha será d'esta verdade...

Em luzes de papel pobre e pequeno
Com apertado pão, com agua breve,
As Musas meditei, que hoje condemno.

Desque que o claro sol em Libra esteve
Toquei grilhões no escuro labyrintho:
Até vêr as escamas de ouro e neve...

Na alheia letra a minha se esculpira,
Principe meu, com a tinta adulterada,
Que apenas quinto olhar traslada e tira.

Depois que em papel branco a vi lavrada,
Por não ser de Aristarcos offendida,
A esse templo real foi consagrada.

O verdadeiro interesse da leitura da *Laura de An-*
iso está em seguir a historia d'estes amores; diante
s suas peripecias o convencionalismo poetico chega á
blimidade do natural:

Uma alta Lusitana
Filha de um excellente
Que illustrou Portugal com nome ingente. (p. 87.)

A dama que Anfriso amava pertencia á mais alta
ristocracia; fixamos esta circumstancia, porque ella nos
uxiliará bastante para decidir a realidade historica da
ormosa Laura. A sua belleza era surprehendente e ani-
nada com uma rara intelligencia e dotes artisticos:

Oh rosto singular!
Oh claros olhos! oh cabellos de ouro!
Oh belleza sem par!
Oh das graças thesouro!
A quem eu mesmo adoro e por quem mouro!

Oh bocca onde se encerra
Uma mina de perolas mais dignas,
Que ao mesmo céo faz guerra!
Oh sobrancelhas finas
Que pódem render almas diamantinas!...

Oh belleza divina!
Novo eclipse da humana natureza,
Modestia peregrina,
Alma em virtude acceza,
Digna só por ser tal da mór grandeza.

Com vergonhoso pejo
Abaixa a honesta Laura as luzes bellas;
Accende-se o desejo
No céo entre as estrellas
De lhe virem fazer umas capellas. (p. 89.)

....

Venus lhe diz: Os montes
Que estão *Alem do* celebrado *Tejo*
As cristallinas fontes
Por vós suspirar vejo.
Oh que doce esperar, doce desejo!

Inclinae filha amada,
O pescoço de neve ao jugo brando
N'esta idade dourada
Na qual ireis provando
Mil venturas, que o céo vos irá dando.

Em hymeneu sagrado
O fructo gosareis de taes amores:
E o mesmo sol dourado
Mostrará seus favores
Com chuveiros de rosas e de flores.

Já vem Anfriso amante
No meio d'um sublime ajuntamento
Altivo e triumphante,
Dando feria ao tormento
Em que trazia atado o soffrimento.

Já a pompa gloriosa
E os côches de ouro fino marchetados
Ante a porta famosa
Estão, Laura, parados
Já para vos levar aparelhados...

Mas, ai Fortnna ingrata!
Ai que os gestos de Anfriso são de vento!
Quando tal bem se trata
Eis que n'um só momento
Se trocou sua gloria em mór tomento. (p. 89.)

O poeta descreve o estado de desespero em que o recipitou a inesperada repulsa de Laura:

Em mi perdido andei como em deserto:
Minha alma estava feito um labyrintho,
Sepultadas em dôr minhas potencias.
Levar-me de um tormento em outro sinto,
Tudo era magoa, tudo desconcerto,
Tudo rigores, tudo violencias!
Ah crueis insolencias,
Oh asperas prisões, oh duros laços! (p. 6.)

Manoel da Veiga fugiu da casa paterna sob a pressão da ruina do seu primeiro e unico amor; divagou por Lisboa e depois pelas margens do Guadiana, até que encontrou o castigo de prisão, talvez infligido por seu proprio pae:

Já deixa Anfriso os vales descontentes;

Já deixa os areaes que o Tejo lava:
Já deixa os montes, deixa a espessura:
Já para o Guadiana caminhava.

Eis o novo soldado da ventura,
De pastor peregrino se fizera,
Trocando da montanha a vestidura.

A que trazia de romeiros era,
Serguilha humilde: n'ella disfarçado
Dar volta ao mundo todo Anfriso espera.

Bordão de gimbro, liso e torneado:
Contas de tiracollo penduradas
Chapéo branco de conchas semeado.

Nas terras transtaganas afamadas
Co's dons da loura Ceres, caminhando
As mais d'ellas já tinha atraz deixado. (p. 45.)

Manoel da Veiga, depois d'esta desesperada digressão, falla da prisão que soffreu de cinco mezes, durante a qual escreveu uma grande parte de seus versos. Na Dedicatoria ao principe Dom Duarte falla da Cova de dragões e escuridade, aonde soffrendo fome e sêde meditou as Musas:

Desde que o claro sol em *Libra* esteve
Toquei grilhões no escuro labyrintho
Até *vêr as escamas* de ouro e neve.

Segundo Pedro José da Fonseca, na pequena biographia d'este poeta, a prisão, segundo a allusão aos *signos de Libra* e de *Piscis*, decorreu desde Septembro

até Fevereiro. (1) Abandonado o estudo da Theologia, o poeta distraía-se no carcere contando a historia dos seus amores:

Oh em inveja tanta
Abjuradas rapinas
De Theologia santa!
Tornae, de peregrinas
Por lei do postliminio ao grande Aquinas.

Mas emquanto não vêdes
Vosso pae verdadeiro,
Entre as toscas paredes
D'este vil captiveiro
Dêmos a Phebo insenso lisongeiro.

Tambem honraram a veia
Entre grilhões e algemas,
Thiaras de Aquilea... (p. 117.)

Os cabellos brancos começaram a pratear os cabellos louros do poeta; elle o descreve na estrophe:

Já invejas e damnos
Tem o ouro semeado
De prata em verdes annos:
Vendo-me tão mudado
Que n'um *cysne de neve estou trocado.* (p. 118.)

Em differentes logares da *Laura de Anfriso,* o poeta allude á sua prisão, como uma dura realidade da sua vida:

(1) *Dicc. da Academia,* no cat. dos Auctores, p. CXCIII.

Eu só, triste, affligido, descontente,
Atado em dura e aspera corrente,
Dos grilhões faço lyra,
E o carcere tambem chora e suspira,
Vendo que um breve instante
Me não deixa o tormento penetrante. (p. 125.)

Eram já decorridos *cinco mezes* de prisão, e o poeta tendo por unica luz o luar que o visitava, cantava através das grades:

Por esta ferida escassa
Que fez a natureza,
O vosso raio passa,
Censurando *a dureza*
De quem chega a negar-me a luz acceza.

Já quinta enriquecestes
Esta masmorra ingrata
Com o pallio que estendestes,
Dando doceis de prata
Aos sitiaes fraternos de escarlata...

Até que venha o dia,
Ao qual meus olhos viro,
Oh toga de alegria,
Só em cuidar-te me admiro.
De seraphicos d'Ephod por quem suspiro. (p. 128.)

Oh bellas a meus olhos
Paredes, que verteis
Caridades a molhos;
Quando me abraçareis?
Quando a porta de estrellas abrireis.

Entre esta casa feia
Até o ár de vida
Que spiraes, me recreia,
Oh saude entendida!
Para quem me avisinhe me convida...

Juro pelas estrellas
De ser hostia offerecida
Em vós, oh aras bellas
Sem que o mundo m'o impida:
Que não quero sem Christo honra nem vida. (p. 129.)

Por esta ultima estrophe se conhece que tencionava abandonar o seculo e seguir a vida religiosa; pelas outras composições suas descobre-se que Laura depois de uma perigosissima doença entrou para a clausura, o que decidiu o poeta a imital-a tambem. Antes de o interrogarmos sobre esta nova phase da sua vida, comprovemos o esboço que deixamos dos cinco mezes de prixão, com esta estrophe da ultima Ode da *Laura de Anfriso:*

As rimas em grilhões foram nascidas,
E entre Leis e Digestos mal polidas,
Não canto subtilezas,
Canto o que vi e ouvi: mortaes tristezas
De um ausente e captivo
De cuja voz sou sombra ou ecco vivo. (p. 257.)

Laura, ou pelo desgosto de ter abandonado o poeta, ou por qualquer circumstancia, adoeceu mortalmente:

Mortifera doença
De uma alma nobre os laços dividia:
Tolhe-se a lingua fria,
E assi declara mais a mágoa intensa...

Ai quam trocada tinha
A testa de marfim e as faces bellas!
Ecclipsam-se as estrellas
Vendo a ligeira morte tão visinha.

Oh! como me trareis atormentado,
Quando por maior mágoa fôr lembrado
De *Laura* esclarecida,
Que vejo em cinza quasi convertida.

Quantas vezes lançando
A vossas *veigas* os formosos olhos,
Se foram os abrolhos
Em rosas encarnadas transformando...

Em mi, em mi emprega,
Oh cruel Libitina, o golpe esquivo;
Para que he ficar vivo
Quando Laura seus olhos já te entrega?
Suspende, surda e cega,
Suspende tua espada diamantina:
Deixa que esta belleza peregrina
Goze seus verdes annos,
Sem provar ante tempo teus enganos. (p. 165.)

Depois d'esta perigosa doença, é que Laura se entregou ao amor divino:

Dizei-me, vós, que esposo,
Por dar a doce vida á sua amada
Será tão poderoso
Que com mão esforçada
Os golpes vá deter de minha espada?

Portanto, oh bella Laura,
Empregae essa vida venturosa
Onde ella se restaura,
N'aquella cruz formosa:
Do piloto Jesus náo gloriosa. (p. 215.)

Esta decisão de Laura veiu consolar a vaidade de poeta que se víra despresado; o amor de Jesus, por quem se víra preferido, em vez de o humilhar seduzia-o tambem:

Era Laura uma flôr de alta esperança,
Dos paes primeiro amor, doce lembrança:
Qual a fechada rosa
Que em botão mostra a purpura formosa.
Nos campos se está rindo
E pouco a pouco ao sol se vae abrindo...

O teu fogo Jesus te está chamando:
Olha como da Cruz formoso e brando
Com suave ferida
O peito aberto tem, por dar-te a vida?
Olha que estende os braços
Por te dar, oh Laura, mil abraços. (p. 225.)

Por fim o poeta descreve a vida penitente da que óra sua namorada:

De grosso sacco e aspero cilicio
Já Laura se vestia
Quando ao summo Deos de si fazia
Suave sacrificio
Que idade de flôres
Tendo com Christo Amor doces amores. (p. 235.)

Depois que a poetica Laura abandonou o mundo e se refugiou na clausura, o arrobo mystico levava-a, como a Beato Angelico, a exprimir a sua paixão pela pintura. O poeta na Ode VII do Liv. 6, descreve-nos esta particularidade, que virá acabar de nos revelar quem era essa dama:

Ornamentos de telas singulares
Laura fazendo está para os altares:
Já move em campo de ouro
A mão que era de graças hum thesouro:
Tão propria nas *pinturas*
Que as arvores tem voz, alma as figuras.

Ali *pinta* subtil o engenho vario
Aquelle eterno tempo imaginario:
A Trindade ali pinta,
Que sendo nas pessoas tão distincta
Abraça com eminencia
Diversas relações na mesma essencia.

Pintou de azul o mar, e as arenosas
Praias *pintou* com pedras preciosas;
Com grã *pintou* o polo:...

Alli pintava o campo damasceno,
Antigo berço do Adão terrèno,
Alli trazia vedado
Escamoso Dragão n'elle enrolado:
Alli pinta sobre aguas
Aquelle que he allivio a nossas magoas.

O poeta vae descrevendo todos os quadros biblicos que a reclusa Laura pintava; a minuciosidade da relação prova-nos que se allude aqui a um talento conhecido. De facto na historia da Arte portugueza do fim do seculo XVI encontramos o nome de uma dama formosissima, da mais alta aristocracia, que cultivou a pintura, e abandonou o seculo para seguir a vida claustral; todos estes caracteristicos acham-se tambem accentuadas na *Laura de Anfriso*. Era esta Dama natural de Evora, filho do nobilissimo Dom Francisco de Noronha, segundo Conde de Linhares, e de D. Violante de Andrade, dama de honor da Imperatriz D. Izabel; chamava-se *Dona Margarida de Noronha*, notavel pelo seu conhecimento do latim, do francez, italiano e inglez, e sobre tudo pelo talento da pintura, de que falla Duarte Nunes de Leão: «Esta donzella *pinta tão bem a oleo, illumina com tanta perfeição*, que espanta aos maiores mestres da

arte.» (1) Dona Margarida de Noronha deu a traça para o convento da Annunciação, fundado por seu avô, e alli professou com o nome de Soror Margarida de Sam Paulo. Na ultima Ode da *Laura de Anfriso*, o poeta cita o nome d'esta dama, mas de um modo figurado que se não perceberia pela simples leitura da estrophe:

Formosa *Margarita* em vaso de ouro,
Das graças em geral vivo thesouro,
A um claro ajuntamento
Podera ser estrella e ornamento:
Quem a entende, a deseja
Em que o preço lhe tire a alheia inveja. (p. 258.)

Se D. Margarida de Noronha pertencia á mais alta aristocracia, o licenciado Manoel da Veiga era de uma familia não menos illustre de Evora.

O poeta, desilludido do mundo seguiu o exemplo de Dona Margarida de Noronha, e entregou-se á vida religiosa:

Troca seda em burel, em pranto o riso:
Na altiva primavera o grande Anfriso;
Descalso e descuberto
Se mette nas entranhas de um deserto,
Onde uma cova pobre
O penitente corpo apenas cobre.

Ali tem retratada aquella vida
Que por nós spirou na cruz subida;
Ali uma caveira,
Saudavel mesinha e verdadeira
Contra as torres de vento
Que fabrica o humano entendimento.

(1) *Descripção de Portugal*, p. 152.

Ali ajoelhado em terra fria
Suspiros derramando assi gemia... (p. 249.)

N'esta mesma Ode, o poeta dá a entender que foi illudido por falsas promessas do pae de D. Margarida de Noronha:

Aquelles que em reciproca amisade
Me deviam, Senhor, tratar verdade,
Quam falsos os achei!
Mas eu n'estas carrancas me ganhei:
Vê hontem, não vê hoje
Labão brando, e por isso Jacob foge.

Carrancudo Labão, rosto mudado
Me fez que o tenha qual Jocob deixado.
Oh ditosos espinhos!
Com que assi me juncastes os caminhos,
Para que em taes dores,
Outros campos buscasse e outras flores. (p. 249.)

Depois que Manoel da Veiga se entregou á vida ascetica abandonou a poesia; vivendo em Evora, mereceu a estima de Dom Theodosio, Duque de Bragança. A sua Ecloga II é dedicada ao «*Senhor Dom Theodosio, Duque de Bragança, indo a Lisboa na vinda de El-Rei.*» (p. 18.)

A data d'esta composição póde fixar-se em 1596; Philippe II desconfiado da sympathia popular que havia pelo Duque de Bragança Dom Theodosio, exigiu que elle viesse da sua residencia de Villa Viçosa á côrte. O Duque chegou a Lisboa em 20 de julho de 1596, aonde o enthusiasmo que despertou na população não deixou

descobrir a má vontade secreta que contra elle certamente havia. (1) Por isso escreve Tagarro:

Pastor, que vás buscando outro Pastor,
Que lá do Manzanares veiu ao Tejo:
E com mostras leaes de puro amor
Lhe estás manifestando teu desejo... (p. 22.)

Diogo Bernardes recolheu nas suas *Rimas* um Soneto ao Duque de Bragança em que exprime a alegria que houve em Lisboa na sua recepção:

Quando no mór furor Marte movia
Ora receo em nós, ora esperança,
A vinda do Grã-Duque de Bragança
Encheu toda Lisboa de alegria.

Esta alegria era uma manifestação nacional, ou melhor, do pequeno partido nacional, que via no Duque as suas esperanças. Bernardes apenas comprehendeu d'essa alegria o facto da prompta obediencia do Duque ao invasor:

A tal zelo da fé, *a tal presteza*
No serviço da Regia magestade
Sem nunca dar seu peito a vãos temores;

A tam alta prudencia, em tal edade,
Em fim a tal brandura em tal alteza.
Quem lhe póde negar justos louvores? (2)

(1) Sousa, *Historia geneal.*, IV, 396.
(2) *Rimas Varias, p. 171.* Ed. 1770.

Muito antes da vinda do Duque a Lisboa, Philippe II fizera mercê do titulo de Marquez de Frechilla, a Dom Duarte, filho segundo dos Duques de Bragança D. João e D. Catharina, mandando-lhe passar Carta de quatro mil cruzados de renda. A data d'esta corruptora mercê, é de Valhadolid, em 6 de Julho de 1592. A Ecloga IV da *Laura de Anfriso* traz a rubrica «*Ao Senhor Dom Duarte, Marquez de Frechilha,*» que basta para fixar o periodo da actividade poetica de Manoel da Veiga. Philippe II temia-se dos talentos de Dom Duarte, irmão de D. Theodosio, e tratou de attrahil-o para Madrid, negociando-lhe um casamento na inclyta casa de Oropeza com D. Brites de Toledo Monroy y Ayala; o tratado celebrou-se em 2 de Outubro de 1595, e Dom Duarte casou em 25 de Fevereiro de 1596. Assim a influencia que D. Duarte começava a exercer sobre os espiritos mais cultos foi desviada pela sua residencia em Madrid.

Dedicando os seus versos ao principe Dom Duarte, o licenciado Manoel da Veiga exclama:

> Já com vossos favores me asseguro
> Contra quem me ladrar na partesinha
> Da qual gloria nenhuma a mi procuro.
>
> Esta sómente foi a gloria minha,
> Louvar a real casa de Bragança
> Dando o que devedor ha tanto tinha. (p. XII.)

Esta dedicatoria a Dom Duarte revela-nos dois factos da vida do poeta e da litteratura portugueza do *seculo* XVI; em 1604, Dom Duarte veiu a Lisboa, pela

occasião do baptismo de seu sobrinho Dom João, Duque de Barcellos, o que se prestou mais tarde aos planos da revolução de 1640. Foi esta vinda que proporcionou ensejo a Manoel da Veiga para colligir os seus versos, e dedical-os ao seu antigo protector. A Ecloga III da *Laura de Anfriso,* traz a rubrica: «*Sobre a entrada do Duque em Lisboa, levando comsigo o Duque de Barcellos,*» (p. 18) o que nos confirma a mesma data de 1604. A este tempo já Manoel da Veiga era velho:

> E se do ultimo tempo a luz antiga
> Me acompanha *estes membros já cansados*
> Para quem vossa gloria ao mundo diga... (p. XI.)

Isto nos prova que cultivára a poesia dentro do seculo XVI, guiado pela pura tradição quinhentista; esta velhice de Manoel da Veiga leva-nos tambem a inferir o seu parentesco com esse sympathico desconhecido *Luiz da Veiga,* que Diogo do Couto traz no numero d'aquelles bons amigos que accudiram a Camões em Moçambique e o trouxeram para Lisboa. É muito natural que o respeito do poeta da *Laura de Anfriso* por Camões lhe adviesse mais pela tradição familiar do que pela critica litteraria. O outro facto a que alludimos, é o motivo da dedicatoria: o principe D. Duarte, Marquez de Frechilla, era tambem poeta. Da sua educação escreve Dom Antonio Caetano de Sousa: «elle foi dotado de singular talento com applicação ás bellas lettras; *estimou os eruditos que acharam n'elle acolhimento e amparo;* assim teve trato com os sabios do seu tempo, amou a Poe-

sia que entendeu scientificamente, e foi excellente poeta no tempo em que em Hespanha floreceram celebres engenhos; pelo que no Certamen poetico que fez a Ordem Terceira em Madrid nas festas da Canonisação da Rainha Santa Isabel, sua real descendente, foi o senhor Dom Duarte juiz do Certamen, sendo seu adjunto o insigne Lope de Vega e Carpio como refere uma relação d'esta solemnidade impressa em Barcelona no anno de 1625.» (1) E continúa: «Foi insigne Poeta, e d'elle faz menção João Franco Barreto na Carta que escreveu a Cosme Ferreira de Brum, que anda no principio da sua Bibliotheca luzitana, de que o Duque de Cadaval tem uma copia...» (2) Barbosa Machado, sempre alerta para queimar incenso aos principes logo que sabiam assignar o seu nome, não traz o nome de Dom Duarte, Marquez de Frechilla, a quem devemos, já que as suas obras ficaram ignoradas, a publicação ou antes colleccionação das poesias de Manoel da Veiga Tagarro. Na dedicatoria da *Laura de Anfriso* allude ainda ao desastre de Alcacer Kibir:

> Vêde o campo de Alcacer matisado
> C'o sangue do alto pae, quando o rei santo
> Foi do seu doce primo acompanhado...

Convida-o á cruzada contra Africa, talvez pela sua credulidade nas irrisorias promessas de Philippe II.

(1) *Hist. geneal.*, t. IX, p. 10.
(2) *Ibid.*, p. 15.

E prevendo qualquer desastre das armas contra as
ırdas africanas, escreve este terceto de sensualismo
ystico, que não pouco contribuiu para essa total der-
ta que nos entregou a Castella:

Oh nobre cativeiro! oh nobre ausencia!
Oh prisão doce, algemas venturosos!
Oh morte, de meus olhos competencia!

Oh morrer por Jesus, hora de rosas,
Oh risco, onde se exalta a mesma vida!
Oh milicias de amor victoriosas.

Os versos de Manoel da Veiga são repassados da
itação de Camões; descrevendo a batalha dos Atolei-
ı, allude com alta admiração ao auctor dos *Lusiadas:*

O grande engenho, *Homero lusitano,*
Que a cidade de Alcides tão famosa,
Suspensa ouviu falar sobre Trajano:

Aquelle que na stirpe generosa,
Poz esmaltes tão ricos e perfeitos,
Com partes de sciencia gloriosa:

Aquelle a quem seriam muito estreitos
Os cargos e excellencias, que à cadeira
Vae dando em Luzitania aos sabios peitos.

Então contava a Frota aventureira
Quando o grão Manoel, rei soberano
Poz sobre o mar castellos de madeira.

Canta como gemera o Oceano
E encolhera seus hombros crystalinos
Sentindo o grave pezo luzitano.

Então canta os penhores peregrinos
Que deu o grande rei á nossa edade,. (p. 51.)

A imitação e conhecimento dos *Lusiadas* e ao mesmo tempo a sua dedicação pela casa de Bragança, fariam com que emprehendesse a epopêa da restauração da nacionalidade portugueza, se Manoel da Veiga fosse ainda vivo em 1640. A epoca do seu nascimento, visto ter amado em criança Dona Margarida de Noronha, então menina, deve fixar-se pouco antes de 1550; porque, segundo Barbosa Machado, a erudita filha do Conde de Linhares nasceu em 15[illegible]0, morrendo em 1636 com outenta e seis annos.

Vivendo durante o jugo hespanhol em Portugal, Manoel da Veiga não abandonou, como a maior parte dos escriptores, a lingua materna pela castelhana; elle estudava e imitava Lope de Vega, e temos a prova diante d'este admiravel Soneto d'esse que mereceu o titulo de Phenix das Hespanhas:

Dava sustento a um paxarillo un dia
Lucinda, y por los hierros del portillo
Fuesele de la jaula el paxarillo
Al libre viento en que vivir solia.

Con un suspiro a la ocasion tardia
Tendio la mano, y no pudiendo asillo,
Dixo (y de las mexillas amarillo
Bolivio el clavel que entre en niéve ardia):

Adonde vas por despreciar el nido,
Al peligro de ligas y de balas,
Y el dueño huyes que tu pico adora?

Oyola el paxarillo enternecido,
Y a la antigua prision bolvió las alas,
Que tanto puede una muger que llora. (1)

Manoel da Veiga desenvolveu este maravilhoso so-
o (Ode IV, liv. III) como quem comprehendeu a ideia
ssa poesia inexcedivel:

....
Já se mostrava alegre e agradecido
Quando Laura chegava,
E em contraponto erguido
Mil requebros formava;
E co' tenro biquinho a mão beijava.

Um dia esteve Laura descuidada;
E a porta destapando
Da prisão animada,
O passarinho brando
Sahindo fóra se escapou voando.

De perolas chuveiro derramaram
Os olhos soberanos,
E o pássaro culparam
Que tão cheio de enganos
Tivera seus grilhões por deshumanos:

—Ai (diz) pequeno rouxinol ingrato,
Bem digno de castigo,
Pois quando assi te trato
Me foges inimigo,
Sem cuidar em teu damno e em teu perigo!

Não te lembras, cruel, que em prado ameno
Dos laços te livrei?
Mas eu, que te condemno,
Vingáda me verei,
Quando provares rigorosa lei.

1) Soneto CLXXIII, na *Hermosura de Angelica*. Barcelona,

Não era isto prisão acerba e dura
Leito de ebano e louro,
De prata a cobertura,
Canas vestidas de ouro
Esteios de marfim, rico thesouro.

Com minha bocca, ingrato, te partia
Os manjares dobrados,
E quando te ouvia
Viviam meus cuidados
Só de teu doce canto acompanhados.

Vae-te, vae-te, cruel, ao verde prado,
Que o caçador te espera
Por te vêr enlaçado;
Ai! olhos, quem pudera
Vêr perto este inimigo em prisão fera! —

Estes queixumes Laura ao vento dava;
E o passaro escutando
A prisão se tornava
Doce, amoroso e brando:
Ai quanto pode uma mulher chorando! (p. 138.)

A imitação de Lope de Vega explica-nos as exageradas metaphoras usadas por Manoel da Veiga; na poesia de quinhentos havia mais castidade, porque estavamos sob o dominio dos poetas italianos. Em Manoel da Veiga sente-se outra vez a influencia hespanhola, e é por elle que começa entre nós o cultismo.

CAPITULO VIII

Balthazar de Brito e Andrade (Frei Bernardo de Brito) e a «Sylvia de Lisardo»

O homem e o livro; como a critica se funda n'esta mutua relação.—A quem se deve attribuir o livro anonymo da *Sylvia de Lisardo*.—Argumento tirado da data do nascimento de Frei Bernardo de Brito.—O poeta alardêa a sua formosura, e como era requerido das damas.—A sua erudição preciosa influe no caracter do amor de Sylvia.—Entra aos dezeseis annos para o mosteiro de Alcobaça, e frequenta em seguida a Universidade de Coimbra.—É desprezado por Sylvia, e professa na ordem cisterciense.—Critica de Dom Francisco Manoel de Mello aos seus versos no *Hospital das letras*.—Imitações de Camões nos Sonetos e nas Eclogas da *Sylvia de Lisardo*.—Durante os estudos de Coimbra recolhe a tradição dos amores de Christovam Falcão, e compõe uma segunda parte da Ecloga *Crisfal*.—Influencia do apparecimento das obras de Gregorio Silvestre sobre a chamada *Eschola velha portugueza*.—Frei Bernardo de Brito vae á Italia.—Influencia das obras historicas de Anio de Viterbo sobre a feição historica de Frei Bernardo de Brito.—A falsificação da poesia portugueza no seculo XVI.

Quem conhecer Frei Bernardo de Brito unicamente pelas duas historias da *Monarchia Lusitana* e *Chronica de Cistér*, suppõe que elle forjou documentos e authoridades com o intuito perfido de um Higuera ou Lousada; quando se descobre que elle é o auctor d'essa collecção lyrica intitulada *Sylvia de Lisardo*, convence-se de que sob a capa do pezado chronista bernardo havia uma forte organisação poetica, uma credulidade ingenua, que o levava a julgar-se amado de todas as damas, typo da belleza plastica, casuista de collisões amorosas e rival de

Petrarcha em poesia. A *Sylvia de Lisardo* é a parte humana e viva de Frei Bernardo de Brito, a luz do seu caracter de uma sincera vaidade; é ella que o torna sympathico apesar de todos os defeitos que descobre. Tendo corrido anonyma até meado do seculo XVII, a *Sylvia de Lisardo* nunca foi estudada, e muito menos se viu n'ella esse espirito da eschola camoniana da ultima phase dos quinhentistas; apesar dos poucos vestigios historicos d'esse livro, as suas relações intimas com o escriptor conhecido sómente pela credulidade beatifica, despertam um interesse, que nunca poderia ser attingido pela critica abstracta dos canones da arte. O ponto de vista ethnico leva-nos a resultados mais curiosos e seguros.

Segundo todos os biographos, nasceu Frei Bernardo de Brito na villa de Almeida, da provincia da Beira, a 20 de Agosto de 1569; (1) no Soneto XI da *Sylvia de Lisardo,* vem uma rubrica que não só authentíca esta data, mas serve de poderoso argumento para descobrir o auctor anonymo d'esse livro. Diz a rubrica: «*Em que Lisardo mostra ser no mez de* Agosto, tempo do seu nascimento, *e o em que se affeiçoou á Sylvia:*

No tempo em que o sol na mór altura
Deixa já de *Leão* o signo horrendo,
E n'outro brando clima discorrendo
Tem no signo de *Virgem* outra brandura;

(1) Frei Fortunato de S. Boaventura, seguindo palavras de Brito, fixa o nascimento em 13 de Septembro de 1568. *Hist. de Alcobaça,* p. 137.

Nasci eu tão mimoso da ventura
Quanto não póde ser outrem nascendo,
E depois pelo tempo indo crescendo,
Nunca senti a sorte adversa e dura. (p. 16.)

Quem vê o retrato de Frei Bernardo de Brito, que anda junto á *Chronica de Cistér,* debaixo da disformidade da tonsura ainda descobre um nariz aquilino e varonil, e sob o habito uma estatura esbelta e fórte, que a vida do claustro tornou de uma gravidade abbacial. Quando adolescente e attrahido pelos amores do seculo, elle era o primeiro a reconhecer a sua propria formosura:

Houve um Pastor do Tejo, a quem ventura
Fez em perfeições d'alma tão ditoso,
Que *duvido se achasse formosura*
Em rosto, que o fosse mais formoso;
Mas como estes brincos são pintura
Sugeita ás leis do tempo rigoroso,
Ficaram n'elle só tendo a palma
As summas perfeições fundadas n'alma. (p. 64.)

Diz Barbosa: «Teve agradavel presença, corpo bem organisado, compleição robusta, conversação affavel.» (1) Rapaz bonito, as emoções do amor reduziam-se á divisa de Cesar. Na Ecloga II, em que pinta os poeticos extremos que fazia para abrandar a amante conhecida com o nome poetico de Sylvia, descuida-se da sua melancholia pastoril, e é a propria amante que se lhe confessa rendida:

(1) *Bibl. Luz.*, t. I, p. 525.

Cessa Lisardo já de estar queixoso
(Lhe disse a bella Sylvia) que essas dores
Amansaram um tigre furioso.

E se não fôra ver que os amadores
De agora dão fé sem fundamento,
Mil esperanças déra a teus amores.

Que nas prendas do teu merecimento
Tivera as minhas eu tão bem fundadas
Quanto me ensina cá o entendimento.

....

Mas não é novo em ti seres-me acceito
Que quando eu nasci, já minha sorte
Tinha este contrato entre si feito. (p. 59.)

Depois que Brito deixou o seculo para aproveitar os seus talentos na rica Ordem dos bernardos, ainda debaixo do habito sabiam descubrir n'elle o galante poeta a quem provocavam debalde as damas; isto nos diz Brito na rubrica do Romance: «Mudando Lisardo a vida e trajo por desfavor de Sylvia, *e querendo uma dama ter amores com elle...*» (p. 119.) Estes enlevos de Adonis bastam para nos revelar o ideal dos seus amores e a inspiração calculada da *Sylvia de Lisardo;* ha ali tristezas, desenganos, frias inconstancias, mas não será isto affectação do homem bonito que se quer mostrar poeta pelo soffrimento?

Diz-nos o poeta que começou a amar Sylvia em egual dia de Agosto, em que fôra o seu nascimento; os signos de *Leo* e *Virgo,* que dominavam a 20 d'esse mez, são *assim interpretados* propheticamente:

E n'outra conjuncção mui semelhante
Deixei de *Leão* fero a liberdade,
Á vista d'outro clima e nova estrella.

Vi de Sylvia o angelico semblante,
Rendeu-me a fortaleza da vontade,
Que entre os signos não ha *Virgem* mais bella.

Assim como a preoccupação da propria formosura levava mais do que o sentimento do amor, este mes- sentimento servia-lhe para dar largas a uma certa -ade ingenua, no Soneto: «*Em que compara Sylvia madame Laura, amiga do Petrarcha:*

Oh! venturosa Laura, pois na vida
Foste do teu Petrarcha tão amada,
E agora mais ditosa sepultada,
Pois no sepulchro estás engrandecida:

E pois que a lei da morte tens vencida,
Por ser na branda lyra celebrada,
Sylvia será na minha tão cantada
Que seja em vida e morte conhecida.

E aquillo que na rima deleitosa
Excede teu amante a meu engenho,
Egual a perfeição em que me atrevo;

Pois tanto chega Sylvia em ser formosa
Que encobre qualquer falta que em mim tenho,
E me faz seu Petrarcha no que escrevo. (p. 8.)

Camões na simplicidade do genio dizia com uma -e aspiração: «Fôra eu outro Petrarcha ou Garci-...» Mas esta vaidade poetica de Brito explica-se um desculpavel pedantismo de criança, que elle

authentíca no seguinte facto que escreveu de si: «Não passando de doze annos, (1581) me affrontava vêr todas as nações da Europa engrandecidas com a multidão de historiadores que celebraram suas cousas, sem no meio de todas ellas achar uma pequena relação das de Portugal... E como n'aquella tenra edade me não sahissem das mãos livros de historias, e me levasse a inclinação natural a buscar cousas antigas, ia-se-me accrescentando com os annos uma vontade entranhavel de vêr algum portuguez a quem o conhecimento d'esta falta désse animo para emprehender a composição de uma historia geral de sua patria: não deixando de assentar commigo, que se o tempo e occasião me favorecessem, suppriria á custa do meu trabalho a divida d'este desejo.» (1)

Quando Brito se embalava com estas esperanças, morreu sua mãe, Maria de Brito e Andrade, e como seu pae se achava servindo como capitão nas guerras de Flandres, mandou ir o filho para junto de si; Pedro Cardoso de Andrade não o podendo trazer comsigo na campanha, mandou-o para Roma, para ali receber a primeira educação. Mas a nostalgia apertava a pobre criança, e o joven Balthazar, obedecendo á fatalidade que o chamava para bernardo, fugiu para Portugal sem o pae saber; e, contra todos os planos formados ácerca da sua educação e futuro social, professou na Ordem de Cister, antes que chegasse a Flandres a noticia da evasão. Em

(1) *Monarchia Luz.* Prol.

1585, quando contava dezeseis ou dezesete annos, (1) fez votos em Alcobaça, indo mais tarde frequentar a Universidade de Coimbra. Frei Fortunato de São Boaventura, que admirava este chronista, não queria que elle fosse o auctor da *Sylvia de Lisardo,* para não comprometter a gravidade monachal; mas apezar de tudo escreve: «Compoz com boa elegancia algumas obras em verso que eu vi impressas, em oitavas.» Professando Brito em 1585, segue-se que os seus amores cantados na *Sylvia de Lisardo* se continuaram no claustro. Foi por isso que Frei Fortunato de São Boaventura contradictou Faria e Sousa, que lhe attribue esse livro (2): «Perdoe-me o historiador critico Manoel de Faria e Sousa, já sufficientemente desmentido em cousas que melhor cabiam na sua alçada, do que esta que tratamos. Quanto eu pude alcançar nas indagações que fiz sobre a genuinidade d'esta obra, *digo e direi sempre que Frei Bernardo de Brito não he o seu auctor;* pois que elle cortando na flôr dos annos pelas mais lisongeiras esperanças do mundo para se enterrar nos claustros de Alcobaça... mandasse publicar versos amatorios por mais honestos que fossem ou parecessem a Manoel de Faria e Sousa.—Nem admittirei o subterfugio de ser obra dos seus primeiros annos, pois o *Lisardo* que se imagina ser Frei Bernardo de Brito nasceu em Septembro de 1568 como deixámos provado pelo seu proprio testemunho: *logo Frei Ber-*

(1) A morte de seu pae foi a 17 de Agosto de 1585.
(2) *Comm.* da I Cent. dos Sonet., 14 e 32.

nardo de Brito não é o auctor da Sylvia.» (1) Como na rubrica do Soneto XI existe o fio que descobre o anonymo namorado, Frei Bernardo de Brito recorreu ao expediente de se fazer mais velho um anno; elle penteava-se para ser bispo, e servia-lhe o declarar que nascera em 1568 e não em 1569 para desarmar os outros ambiciosos que lhe barravam o caminho com a *Sylvia de Lisardo* ou com o pretexto da sua pouca edade. A publicação da *Sylvia* tinha sido feita em Lisboa em 1597 por Alexandre Sequeira (2); nas suas pertenções á mitra, Brito contaria apenas trinta annos. Philippe II reconhecia-lhe os seus talentos, e para consolal-o mandou que Frei Bernardo de Brito continuasse a *Monarchia Lusitana,* por Carta de 3 de Abril de 1597.

Mas sigamos a mocidade poetica do erotico Lisardo. Em 1589 seguiu as lições de philosophia no mosteiro de Tarouca, fazendo em 1591 uma viagem a Madrid para dedicar a Philippe II uma *Monarchia gentilica.* Frequentando a Universidade de Coimbra, ali na boa soltura escholar continuou ainda celebrando a sua Sylvia de olhos verdes, apezar das dogmaticas explanações de seu mestre Frei Francisco Carreiro:

> Ser vossa minha lyra não o nego,
> Pois emquanto cantou, vós a guiates
> Ora cantando o Tejo, ora o *Mondego.* (p. 2.)

(1) *Hist. chronol. e crit. da Abbadia de Alcobaça,* p. 137. N'esta impugnação não se refuta a affirmação positiva de Dom Francisco Manoel.

(2) Destroe completamente a antiga hypothese de ser *Paulo Craesbeck* o auctor da *Sylvia.*

Foi n'esta ausencia para Coimbra, em 1593, que Sylvia comprehendeu o pensamento que o levava, e despeitada mandou-lhe um cordão de cabello com uma medalha de ouro, que apresentava de um lado o retrato d'ella e do outro a imagem de uma caveira: «*Estando Lisardo ausente, lhe mandou Sylvia um cordão de cabello, e n'elle uma memoria de ouro, com uma caveira e um rosto de Dama esmaltados, ao que fez o seguinte romance:*

Por donde el claro *Mondego*
Con dulce corriente baxa
. . . .
Está el ausente Lisardo
Mirando unas prendas caras...
En un cordon de cabellos
Una memoria enlazada,
Porque memoria de ausente
En lazos muere colgada.
Y en ella de color negro
Una muerte figurada,
Que por ser muerte en memoría
Publíca muerta esperanza.
Bien te puziste, Señora,
Junto a la muerte pintada... (p. 104.)

É depois d'esta peripecia, que o poeta começou a lamentar o desastre dos seus amores, já encarecendo a sua insuperavel firmeza, já exprobando a leviandade de Sylvia, por não ter sabido resistir a uma ausencia. Mas a verdade é que a namorada nada mais tinha a esperar d'esse mancebo garboso, que entrára para o convento de Alcobaça e depois fôra estudar humanidades e Theologia para o Collegio dos bernardos de Coimbra. A lembrança

do cabello e da caveira que lhe mandou, accusa o despeito de Sylvia; mas o Soneto sobre o thema dos Psalmos penitenciaes, que ella lhe pediu, foi um intelligente disfructe. Na sua sinceridade o poeta escreveu o Soneto: «*Que Sylvia mandou fazer para cantar sobre a materia do Psalmo:* Super flumina.» (p. 41.) Serviu-se do thema para exprimir a sua saudade, mas ficou irremediavelmente perdido para a mulher que se riu d'elle. N'este Soneto descobre algumas reminiscencias de Camões, no verso dos *Lusiadas* das mães que aos peitos apertaram os filhos:

> Mil saudosos ais os velhos davam,
> As mães os filhos olham lastimosas,
> Que nos maternos braços sustentavam.
>
> E, como de algum dano temerosas,
> Seus rostos c'os dos filhos ajuntavam,
> Mil palavras dizendo saudosas.

Até no amor Brito se tornou erudito, sendo consultado na sua difficil casuistica. O Soneto XIV «*Que uma Dama pouco affeiçoada a cousas de amor mandou a Lisardo*» perguntava:

> Lisardo, pois de amor sois secretario
> E vos fez n'esta empreza seu privado,
> Dizei-me: que é Amor e seu cuidado,
> Porque entre nós é tido por cossario? (p. 19.)

O Soneto XVI encerra a «*Pergunta de umas Damas a Lisardo sobre a causa dos seus amores,*» (p. 21) a que

elle responde com certas distincções de um fundo moralista. Na Ecloga III declara Brito mais francamente este seu conhecimento pratico do amor:

> E como dos Pastores conhecido
> Fosse por grande mestre em mal de amores,
> Quando d'elles se via algum perdido
> Com elle consultava suas dôres. (p. 65.)

Em consequencia do despreso de Sylvia, o poeta seguiu o impulso egoista da commodidade claustral; fez-se um erudito, um chronista, com os vislumbres dos annos de poeta.

No romance que traz a rubrica: «*Mudando Lisardo a vida e trajo por desfavor de Sylvia*» se conhece que o poeta abraçou a vida monastica:

> Estava el pastor Lisardo
> Diziendo *contra el amor*
> *Y los trajes de soldado:*
> Toma tus galas tyranno
> . . . .
> Los contentos que me diste
> En mis triumphos passados,
> No los sufre *el trage humilde*
> *Y el sayal que agora traygo.*
> Las plumas verdes y blancas
> E el sombrero boleado,
> Es trocado en *esperança*
> Y en *capilla de tabardo...*
> *Vivo contente em sayales*
> No quiero bienes passados. (p. 116.)

A prova de que Lisardo, que vivia contente em *sayales* é Frei Bernardo de Brito, encontra-se em Dom

Francisco Manoel de Mello, que se queixa de vêr que os livreiros encadernavam a *Sylvia* junto com as Obras de Camões. No *Hospital das Lettras,* escripto em 1657, traz o seguinte curioso dialogo:

«*Lipsio:* Se lhe dóe alguma cousa de novo ao Senhor Luiz de Camões? porque sob pena de nossas vidas havemos de procurar sua saude.

Author: Sim, senhor; tem uma formosa dôr da ilharga.

Lipsio: Qual?

Author: Que com pouca consciencia se atreveram alguns livreiros malvados a encadernar suas Obras junto com a *Sylvia de Lisardo.*

Bocalino: Com a *Sylvia de Lisardo?* Não, isso requere castigo e emenda.

Lipsio: Que *Sylvia* ou *sylva* ou *selva* (1) he essa que não está no meu mappa, nem nas taboas de Claudio Ptolomeu!

Bocalino: São certas obrasinhas de um Poeta nosso, cousa no mundo muito escusada.

Author: Comtudo se affirma que era *homem douto e religioso.*

Bocalino: Jurara-o eu, porque nunca vi Frade bom Poeta.» (2)

E criticando o uso dos nomes arcadicos tomados pelos poetas, continúa:

«*Lipsio:* Moderai-vos n'essa censura, porque a invenção é uma nobre parte do talento das pessoas, e se em alguma cousa se admittem justamente figuras, disfarces, tropos e symbolos, he na materia dos livros. Assim vêmos, que Lope de Vega se chama *Belardo* em muitas obras suas; Frei Gabriel Telles *Tirso de Molina,* e Frei Bernardo de Brito, *Lisardo,* quando Poeta;» etc. (3)

—«Quem mais lhe faz companhia n'este tomo a Camões é Francisco de Sá, e essa outra meretrix da *Sylvia de Lisardo?*» (4)

(1) Allusão ridicula a *Sylvio Silves de la Selva.*
(2) *Hospital das Lettras,* p. 308.
(3) *Ibid.,* p. 397.
(4) *Ibid.,* p. 314.

Manoel de Faria e Sousa, no *Commentario ás Rimas* de Camões, (Cent. I, Son. 14 a 32) attribue tambem a *Sylvia de Lisardo* a Frei Bernardo de Brito, explicando a rasão porque este livro correu sempre anonymo: «en Portugal saben los Religiosos *huyr de nombrar-se* en escritos agenos de sus institutos, por mas que sean tan honestos como aquel...»

Tanto pelas phrases satyricas de D. Francisco Manoel de Mello, como pela approximação que faz Manoel de Faria e Sousa, o auctor da *Sylvia de Lisardo* imitou o lyrismo camoniano; além do tom geral das suas composições, um grande numero de versos resalta d'esses Sonetos e Eclogas como *centões* tirados da Rimas de Camões. O Soneto CLXII publicado sobre os ineditos de Dom Antonio Alvares da Cunha, em 1668, e composto em castelhano, apparece vertido em portuguez e com liberrimas variantes no Soneto XXVII da *Sylvia de Lisardo.* Approximando estas duas peças lyricas é que se comprehende o processo dos imitadores de Camões. O Soneto de Camões tem o artificio provençalesco do *lexapren,* que o seu imitador conservou:

Por gloria tuve un tiempo el ser *perdido;*
Perdíame de puro bien *ganado;*
Gané cuando perdi ser *libertado;*
Libre agora me veo, mas *vencido.*

Venci cuando de Nise fui *rendido;*
Rendime por no ser della *dejado;*
Dejome en la memoria el bien *pasado;*
Paso agora a llorar lo que he *servido.*

Servia al premio de la luz que *amaba;*
Amandola esperábale por *cierto,*
Incierto me salio cuanto *esperaba.*

La *esperança* se queda en *desconcierto;*
El *concierto* en el mal que no *pensaba;*
El *pensamiento* con un fin incierto.

Na *Sylvia de Lisardo,* no Soneto XXVII «*Em que se queixa do máo galardão com que amor satisfazia seu cuidado*» traduz Frei Bernardo de Brito o Soneto de Camões pela seguinte fórma:

Gloria me foi um tempo ser *perdido,*
Perda notavel fôra ser *ganhado,*
Ganhei, quando perdi, ser *libertado;*
Livre me vejo agora mais *vencido.*

Venci quando de Sylvia fui *rendido,*
Rendi-me por não ser d'ella *deixado,*
Deixou-me na memoria o bem *passado;*
Passada gloria foi tel-a *servido.*

Servi-a, porque o bem que n'ella *amara,*
Amor me prommetteu galardão *certo,*
E *incerto* me saiu quanto *esperava.*

A esperança fica em *desconcerto,*
O concerto no mal que não *cuidava,*
E o *cuidado* n'um fim triste e incerto,

O Soneto XIV de Camões, publicado pela primeira vez em 1595, e recolhido tambem no *Manuscripto* de Luiz Franco, apparece desenvolvido na Ecloga II de Frei Bernardo de Brito. Os dois versos:

Todo o animal da calma repousava,
Só Liso o ardor d'ella não sentia; etc.

acham-se quasi textualmente em Brito:

Pelo ardor do sol, que já tocava
O ponto principal do meio dia,
Todo o animal da calma repousava.

....

Só Lisardo, que tinha nos sentidos
Outro ardor maior e mais fervente,
Não sentia os do sol embravecidos. (p. 54.)

N'esta mesma Ecloga II intermeam-se os versos dos *Lusiadas:*

Tem, Sylvia, d'estes males piedade
Ou me desterra lá na Lybia ardente,
Onde morra por ti de saudade. (p. 58.)

Assim como Camões, impressionado pela tradição do *Crisfal,* imitou essa Ecloga nos seus versos e a citou nas suas Cartas, tambem Frei Bernardo de Brito se lembrou de equiparar o desastre do seu amor ao de Christovam Falcão, e com todo o artificio de um bom rhetorico inventou uma *Segunda parte* em continuação do *Crisfal.* Sob a rubrica: «*Sonho de Lisardo, que é quasi como a* Segunda parte *de Crisfal*» começa confundindo o artificioso endecasyllabo italiano com a ingenua redondilha peninsular:

> Fórça-me a lei do amor, oh Sylvia *ingrata*,
> A dizer que me *mata* um *pensamento*,
> Que como o leve *vento* está *fundado*,
> Traz-me o gosto *mudado* e pervertido: etc. (p. 72.)

Brito refere-se á tradição de Christovam Falcão recebida na sua infancia, e por algumas particularidades d'essa *Segunda parte* se corroboram os factos principaes da vida d'esse desgraçado poeta:

> Inclinae pois o rosto, ó Sylvia *fera*,
> Vereis de quem *espera* um caso *raro*,
> Que vi patente e *claro* n'esta edade,
> E tende-o por *verdade*, que não *minto*
> Mas como aqui o *pinto* passou certo... (p. 73.)

Brito imita o sentimento de *Crisfal* com uma certa naturalidade, fingindo que este lhe apparece na fonte em que as suas lagrimas o transformaram, e aonde soffria á espera de que apparecesse um outro pastor que por maior soffrimento o substituisse n'esse fadario. Na bocca de *Crisfal* colloca Brito estrophes, que ajudam a explicar a vida do amante de Maria:

> Mudou-me assento de uns valles
> Que *vão* nas serras de *Lor*,
> Onde encerrou minha dor
> A causa de tantos males,
> Quantos soffri por amor.
> ....
> Trocou-me o bem que esperava
> Em cruel encerramento,
> *Metteu-se em certo Convento:*

E a mim que ao vento gritava
Deixou-me gritar ao vento.
E depois que me chegou
A perder vida e sentido,
Escolheu outro marido
Que n'ella o premio gosou
De meu amor merecido. (p. 79.)

E se nas serras de *Lor*
Vam signaes de tuas dôres;
Quero que entre os amadores
Se saiba que minha dôr
Teve fim em Val de Flores.
Em fim que siga esta via
De te vencer em tristura,
Como Sylvia em formosura
Excede a tua Maria
E toda mais criatura. (1)

No estudo da Eschola hispano-italica reconstruimos pela primeira vez a vida de Christovam Falcão (2); mais tarde viemos a encontrar a Ecloga do *Crisfal* na rarissima edição de folha volante do seculo XVI, e ahi achamos uma strophe supprimida em todas as edições, porque revelava indiscretamente os laços intimos que prendiam o poeta a D. Maria Brandão:

Muitos pastores buscaram,
Mas um pastor por ser-te amigo,
E outro por ser-te inimigo
Um e outro se escusaram;
E dam-lhe logo commigo
Gado que farão mil queijos;

(1) Pag. 86. Na ed. do *Crisfal*, de 1871, ajuntámos esta Segunda parte de Brito, de p. 33 a 40.
(2) *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, p. 140 a 178.

Mas o com que se despediram
É já mostrar que *temiam*
Que o sabor dos teus beijos
Na minha bocca achariam. (1)

A época da morte de Christovam Falcão convinha ser determinada aqui, para explicar o vigor da tradição dos seus amores recebida por Frei Bernardo de Brito. No estudo sobre a sua vida tinhamos fixado esta data em 24 de Maio de 1550, em Evora, contra o que diz Alão de Moraes, que o dava morto na India; a causa d'este erro encontra-se no manuscripto da Bibliotheca de Evora, intitulado: *Livro dos defuntos; assentos que se acharam na Misericordia de Evora-cidade, julho de 1547 e acabou-os em 1556.* Lê-se ahi nos primeiros assentos: «*Em 24 de mayo de 1550 f. Christovam Falcão.*»

O snr. João de Sousa Amado, em carta de 10 de Julho de 1872 dirigida ao snr. José Maria Antonio Nogueira, que o encarregara da investigação d'este ponto nos cartorios de Evora, escreve: «fiz vasculhar os cartapacios da Misericordia, e com alguma difficuldade consegui achar o livro d'onde no seculo passado alguem tirou o tal extracto ou collecção de Apontamentos que existem na Bibliotheca. Examinado por um paleographo o respectivo assento, conheceu-se evidentemente que tinha havido engano da parte do auctor dos alludidos apontamentos, porque quem foi enterrado pela Misericordia

(1) Para a comparação das differentes edições de *Crisfal*, vid. *Bibliographia critica*, p. 38, no breve estudo de F. Adolpho Coelho.

em 24 de Maio de 1550 não foi Christovam Falcão, mas sim uma irmã de alguem d'essa nome... Mas remontando á fonte primitiva, *O Livro dos defuntos da Misericordia*, vê-se que o velho manuscripto da Bibliotheca está errado. Mando a nota extrahida do *Livro dos defuntos*, pelo empregado paleographo:

«Fl. 106 *v*. com relação ao anno de 1550:

—*A 24 do mez de Maio enterrou a Misericordia hua irmã de Christovam Falcão.*»

Esta irmã de Christovam Falcão era D. Brites de Sousa, mulher de Antonio Vaz Mergulhão; portanto a lenda de ter o poeta morrido na India, toma novos visos de verdade. O filho bastardo do poeta, Christovam Falcão de Sousa, foi governador da Ilha da Madeira por patente de 20 de Abril de 1600 e serviu até 14 de Agosto de 1603; (1) por esta via nos parece ter chegado ao conhecimento de Frei Bernardo de Brito a dolorosa tradição de *Crisfal*.

A imitação e continuação da Ecloga *Crisfal* foi uma consequencia da estima que os versos de redondilha tornaram a adquirir entre os poetas da eschola italiana no fim do seculo XVI. Duas causas podemos attribuir a esta passageira renovação da *Eschola velha;* de uma parte, as relações immediatas com a poesia castelhana em consequencia do dominio de Philippe II em Portugal, o uso frequente da fórma de romance culto, as bajulações

(1) Casado Giraldes, *Donatarios, Governadores*, etc. *da Madeira;* mappa impresso em Paris.

metricas aos magnates influentes na côrte de Madrid; por outro lado, o apparecimento das obras do portuguez Gregorio Silvestre, que esgotou grande parte da sua actividade para restabelecer o predominio dos versos de redondilha. Como o apparecimento das suas obras se deu em 1592, importa deixar accentuada aqui a influencia que exerceu, recopilando as interessantes noticias da sua vida publicadas nas *Memorias y Documentos ineditos para la Historia de España.*

Inimigo da Eschola italiana fundada por Garcilasso e Boscan, Gregorio Silvestre foi mais tarde um dos seus principaes propugnadores. Nasceu em Lisboa em 1520, segundo se conjectura, nos ultimos dias do anno, por occasião de seus paes chegarem de Zafra, aonde residiam, a Lisboa; seu pae João Rodrigues fôra chamado para medico do rei, demorando-se n'este serviço em Portugal até 1527; n'este anno effectuou-se o casamento da infante D. Isabel com Carlos v, e Juan Rodrigues acompanhou-a como seu medico, levando Gregorio Silvestre já sete annos de edade. Carlos v deu fôro de fidalguia para Rodrigues e seus descendentes. Em 1534, entrou Gregorio Silvestre ao serviço do Conde de Feria, em cuja casa se guardavam os mais preciosos monumentos da Litteratura hespanhola *antiga,* e aí teve occasião de estudar Garci Sanches de Badajoz e de se apaixonar pela velha poetica castelhana. O Conde de Feria era tio de Garcilasso, e talvez incitasse Gregorio Silvestre contra as inovações do sobrinho. Gregorio entregou-se *de preferencia* á musica de tecla, e só aos vinte e oito

os de edade é que se deu a conhecer como poeta, em
8. Foi então que elle se decidiu abertamente contra
chola italiana, sem duvida pela tradição auctoritaria
bida em casa do Conde de Feria.

O modo como elle condemna os metros italianos vê-se
o na *Audiencia de Amor:*

Unas coplas muy cansadas
con *muchos* pies arrastrando,
á lo toscano imitadas,
entró un amador cantando
enojosas y pesadas.
Cada pié con diez corcobas
y de peso doce arrobas
trovadas al *tiempo viejo:*
Dios perdone a Castillejo
que bien habló estas trovas.

Dijo Amor:—Donde se aprende
este metro tem prolijo
que las orejas ofende?
por este metro se dijo
algarabia de aliende.
El subjecto frio y duro,
y el estylo tan escuro
que la dama en quien se emplea
duda, por sabia que sea,
si és requiebro ó si és conjuro.

Ved si la invencion és basta;
pues Garcilasso y Boscan
las plumas puestas por asta
cada uno es un Roldan;
y con esto no le basta.
Yo no alcanzo qual engaño
te hizo para tu daño
con locura y desvarío
meter en mi señorio
moneda de reino estraño.

Con duenas y con doncellas,
dijo Venus, que pretende
quien le dice sus querellas
en lenguaje que no entiende
el, ni yo, ni vos, ni ellas?
Sentencio al que tal hiciere
que la dama por quien muere,
le tenga por cascabel,
y que haga burla del
y de cuanto le escribiere.

Em volta de Gregorio Silvestre agruparam-se os poetas que reagiam contra a eschola italiana; Castillejos era o mais terrivel; Diego Hurtado de Mendoza, que vivia em 1548 em Granada, ao passo que escrevia nos metros italianos, ridicularisava a innovação. Gregorio Silvestre querendo distinguir a differença que havia entre o endecasyllabo italiano e o verso peninsular em endechas, usado por Mena, descobriu que os primeiros se podiam medir por ambos e começou a poetar n'elles. Foi assim que adoptou as formas do Soneto, Terceto e Outavas. A conversão litteraria de Gregorio Silvestre terminou as pendencias da *Eschola velha* extincta pela indifferença. Em 1581, na dedicatoria dos *Triumfos de Petrarcha* de Hernando de Hoces, traduzidos em tercetos, se lê: «Despues que Garcillasso de la Vega y Juan Boscan trajeron á nuestra lengua la medida del verso toscano, han perdido con muchos tanto credito todas las cosas hechas ó traducidas en cualquier genero de verso de los que antes en España se usaban, que ya casi ninguno las quiere ver, siendo algunas, como es notorio, de mucho precio.»

Gregorio Silvestre morreu em 1570, pouco depois da revolta de Granada, com um typho (calentura pestilencial) e bem assim um dos seus filhos mais velhos. Pedro de Caceres, que escreveu a sua biographia, diz que em 1592, ainda viviam o filho mais moço e duas filhas, uma admittida na Corona de Aguilon por causa do seu talento no orgão, e outra com sua mãe em Cadiz d'onde era natural. Teve Gregorio Silvestre relações com Luiz Berrio, Dom Diego de Mendoza, Dom Fernando de Acuña, Gaspar de Baeza, Juan Latino, Pedro de Padilla, Luiz de Castilha, Luiz Barahona de Souto, José Fajardo, Juan Mexia de la Cerda e Macias Bravo.

Gregorio Silvestre foi organista da cathedral de Toledo, para onde entrou com o encargo de escrever por anno nove entremezes, e muitas cançonetas e estrophes. Os seus antecessores na cathedral de Granada Pedro de la Mota, Licenciado Jimenes e Luiz Hurtado, de Toledo, tambem tiveram egual obrigação.

Imprimiram-lhe em Lisboa as Obras, com o titulo: «*Las Obras del famoso poeta Gregorio Silvestre, Recopiladas y corrigidas por diligencia de sus herederos y de Pedro de Caceres y Espinosa.* Lisboa, por Miguel de Lira, 1592. Na dedicatoria ao arcebispo de Granada feita pela viuva de Gregorio Silvestre, Joanna de Cazorla y Palencia, se lê: «y dile á corregir (el libro) al hombre mas amigo que Silvestre tuvo en vida, y de quien el adevinaba grandes cosas en esta facultad, para que corregido de su mano se pudesse llamar hijo de quien és.»

O revisor foi Pedro Lainez, pelo que se lê na Approvação: «Estas obras de Gregorio Silvestre he visto y passado con attencion, y apartado d'ellas las que van señaladas por desiguales de otras, las demás me parecien dignas de salir á la luz...» As Obras de Gregorio Silvestre exerceram evidentemente influencia sobre o genio imitador de Frei Bernardo de Brito. (1) Reproduzindo com intelligencia o espirito camoniano, é para admirar como chegou a imitar a graça ingenua das redondilhas.

A contrafacção do *Crisfal* feita por Frei Bernardo de Brito, por isso que andava anonyma na *Sylvia de Lisardo,* foi encorporada pelos livreiros do seculo XVIII como constituindo uma segunda parte authentica d'essa maravilhosa Ecloga. Por essa contrafacção se nos revela o espirito de falsificação usado na poesia portugueza do fim do seculo XVI; Sá de Miranda, Ferreira e Camões versificaram algumas vezes no *estylo antigo,* e á medida que a imitação foi prevalecendo na eschola quinhentista, fabricaram-se monumentos poeticos e litterarios que têm vindo até nós como authenticos. Não empregaria Brito os seus talentos poeticos da *Sylvia de Lisardo,* n'esta innocente falsificação? Existe um poemeto anonymo em vinte quatro outavas *Sobre o despojo*

(1) No *Hospital das Lettras,* p. 346, escreve D. Francisco Manoel: «quem segue? — *Gregorio Silvestre,* que já de velho não pode piar. Vá-se com os mais este cadimo aos entrevados, e vamos nós adiante, adiante. — Como adiante? adiante de *Gregorio Silvestre* parece não fica já senão nosso pae Adão!»

de Arzila, dia de S. Bartholomeu, em 24 de Agosto do anno de 1549, publicado pela primeira vez pelo editòr Caminha; (1) as outavas foram moldadas no rythmo usado por Juan de Mena nas suas *Trezentas,* se é que a mesma mão não foi a que escreveu as quatro estrophes que se intitulam da *Perda de Hespanha;* eis uma estrophe, para que se conheça o seu caracter affectado e falso:

Quem a meu pranto dará companhia,
Que fez a meus olhos de lagrimas fontes,
Pera de novo chorar polos montes
Que a filha de Jove mil annos carpia:
Arzilla mui chea de cavalleria
Que a Môros e Africa fez tão crua guerra,
Soo jaz agoora desfeita per terra
Deixada per medo a quem a temia.

Cumpre notar que este poemeto não se deve julgar como obra do proprio editor Caminha, como de ordinario se crê; porque no Ms. D–4–7 da Bibliotheca de Lisboa, junto com os papeis de Frei Joaquim de Foyos, recolhidos pelo desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, anda copiado com algumas variantes. Nenhum d'estes escriptores era capaz de uma falsificação e muito menos de ludibriarem o sincero editor Caminha. A época em que nos apparece uma corrente de falsificação de monumentos poeticos é no fim do seculo XVI, e só aí podemos collocar a composição do poemeto, que apezar de tudo, exprime uma grande verdade

(1) *Obras ineditas dos nossos insignes Poetas,* t. I, p. 194 a 204. Lisboa, 1791.

de sentimento patriotico. Pela vida de Frei Bernardo de Brito, sabe-se que elle estudou tambem em Italia, aonde a grande erudição historica levou muitas vezes os sabios a inventarem antiguidades.

Escreve elle no prologo da *Monarchia Luzitana* ácerca d'esta sua viagem a Italia, e referindo-se ao intuito de escrever a historia patria: «Deliberado n'este intento, me fiz na volta de *Italia,* mais acompanhado de pensamentos que de annos, notando no decurso d'este caminho algumas antigualhas que então me accendiam o desejo e... agora me servem de muito lume ao que faço.» Este muito lume refere-se sem duvida ás obras de *Beroso* inventadas pelo eruditissimo falsificador Annio de Viterbo, (1) e aos subsidios de *Laymundo,* inventados por Martin Polonus. (2) Brito não podendo continuar o seu lyrismo amoroso por causa do habito cisterciense, empregou os talentos poeticos que possuia em architectar esse imaginoso edificio da *Monarchia Luzitana,* (3) servindo-se para a historia dos materiaes que andavam em elaboração no cyclo erudito das epopêas greco-romanas. Frei Bernardo de Brito morreu muito novo, com quarenta e sete annos e meio de edade, em 27 de Fevereiro de 1617, quando regressára de Madrid; este facto justifica-o das accusações de falsifi-

(1) *Benoit de Saint More,* por A. Joly, t. I, p. 541.
(2) Hubner, *Inscriptiones Hispaniæ latinæ,* p. XVIII.
(3) Nomeado Chronista por Philippe II, de Portugal, em 12 de Julho de 1614. (Torre do Tombo, Liv. 30 da Chanc. de Phil. II, fl. 132.

:ador, por que a sua falta de critica foi uma consequencia d'esse genio poetico que não chegou a annos de prosa.

Restam noticias de outras obras poeticas de Frei Bernardo de Brito, como o poema intitulado *Historia de Sertorio e de sua mulher Rorea, fundação da Cidade de Evora e derivação do seu nome,* poema em quatro cantos, terminado em 1595. No fim da *Monarchia gentilica,* (1) de 1592, traz o *Elogio de Philippe II,* em outavas castelhanas, alludindo a outra obra impressa em Madrid, que Frei Fortunato de Sam Boaventura julga ser o *Disfarce de Amor,* que Brito escrevêra em louvor de Philippe II, e que se diz ficára manuscripto na Bibliotheca do Escurial. A paixão poetica invadiu a alma do chronista bernardo, e seduzido pelas ficções de Montalbo, o continuador do Amadis, tentou escrever umas *Serguas* dos Principes e Infantes que não foram reis. (2)

(1) Aqui, segundo Frei Fortunato de S. Boaventura, dá oticia de «uma traducção italiana dos *Lusiadas* do grande Caıões, que é muito anterior á que vem citada na *Bibl. Lusit.*, III, p. 75.»

(2) *Hist. d'Alcobaça,* p. 136.

CAPITULO IX

Fernão Rodrigues Lobo Soropita

O criterio ethnologico na litteratura. — As prosas *picarescas* de Soropita e o estado do espirito publico sob Philippe II. — Como nasceu em Soropita o culto por Camões. — A invasão ingleza em Portugal em 1589 para enthronisar o Prior do Crato. — Ideias politicas de Soropita. — A Satyra do Burro, imitação da de *Mingo Rivulgo*. — A fórma litteraria do *Vejamen* academico em Soropita. — Época em que Soropita manifesta conhecimentos dos manuscriptos de Camões. — Condições especiaes de Soropita para recolher os ineditos do poeta. — Relações com Dom Gonçalo Coutinho e Luiz Franco. — Francisco Rodrigues Lobo, accusado por Faria e Sousa do roubo do *Parnaso* de Camões. — Justificação do auctor da *Primavera*. — Como Lobo Soropita imita tambem o lyrismo camoniano. — Suas relações com Estevam Rodrigues de Castro. — Antes de 1619, Soropita abandona o seculo e segundo se suppõe, vae fazer penitencia na Arrabida. — Como pelo poeta se comprehende o seu seculo.

A litteratura de um povo é como um organismo vivo que se resente do meio deleterio em que se desenvolve; uma época de despotismo e de degradação moral, póde mascarar-se com todos os apparatos exteriores do cesarismo, com todo o bem estar material do cão gordo da fabula, com a segurança de uma ordem passiva, mas a violação da dignidade humana que se illude com estas grandezas revela-se em uma cousa pequena e insignificante para esse estado pathologico de vulgaridade, pela falta de ideal. As creações da intelligencia esterilisam-se, acanham-se, como estas plantas a quem falta a luz e o solo aravel; o que é natural torna-se uma violencia, o riso fica um esgare, a graça um

obscenidade, o acto consciente converte-se no episodio picaresco. Tal é o campo litterario em que apparece Soropita, depois que Philippe II para fixar o dominio de Portugal se desfez de todos os homens que lhe pareceram prestantes; as suas *Prosas* são para o fim do seculo XVI, o que foi José Daniel para o seculo XVIII; aquellas paginas são recheadas de boas locuções populares, de abundantes equivocos, de grotescas cabriolas de estylo, mas suam uma graça que não tira o seu contraste do bom senso; falta-lhe porquê, intenção ou profundidade; exprimem um riso de quem encobre o medo, ou não se atreve a dizer o que quer. Dizem os anexins do povo, que *o diabo tem uma manta e um chocalho;* as promessas de Philippe II nas côrtes de Thomar, as compras por dinheiro e honrarias, foram a manta que velou as unhas da onça do Escurial; o estado de abaixamento moral, a ausencia da noção de dignidade, a anemia das forças resistentes da nacionalidade portugueza vêem-se na litteratura do seculo XVI. Soropita é o *chocalho* debaixo da manta; as suas *Prosas* enriquecem o vocabulario, mas são a pobreza artistica na andrajosa sordidez. Quando a forte e vigorosa litteratura hespanhola se resentiu do vampirismo catholico-cesarista, caíndo no atoleiro da moda *picaresca* aonde escorregaram Cervantes, Aleman, Guevara, Perez de Leon, Quevedo e tantos outros espiritos de primeira ordem, como é que a litteratura portugueza, sem uma base organica de tradições nacionaes, poderia resistir a essa acção dissolvente? Soropita, tão infimo nas suas *Prosas,* transporta o mesmo

espirito satyrico para os seus versos da *medida velha;* insensivelmente abandona a palheta, sacode de si os guisos truanescos, e eleva-se a essa tristeza de quem protesta! Que sôpro divino lhe varreu da mente os vapores crassos da orgia politica? Porque lhe começa a doer a sorte de Portugal? Porque é que se sente repentinamente poeta e capaz de comprehender alguma cousa que falta á maioria do seu tempo, esse ideal de que andou tão afastado? Uns *manuscriptos despedaçados,* como o proprio Soropita chama ás poesias lyricas de Camões, operaram esta transformação, deram-lhe a luz moral, como o anjo que tocou com as mãos os olhos cegos de Tobias. Depois do roubo do *Parnaso* de Luiz de Camões, e com a morte do poeta, ficaram totalmente ignoradas as suas poesias lyricas; apenas se conheciam pela imprensa as peças encomiasticas que andavam juntas ás obras de Garcia de Orta, de Manoel Barata, de Magalhães Gandavo. Como se lembrou Soropita tirar do fundo d'esse mar revolto as perolas esquecidas? Um facto o determinou a isso: o interesse que Dom Gonçalo Coutinho mostrou em reparar a sepultura de Camões, em ser-lhe Mecenas na morte, como o diz Luiz Franco; este facto impressionou Fernão Alvares d'Oriente que allude a elle, e até o proprio Bernardes sentiu um desafogo moral em pedir que os seus ossos repousassem junto dos de Camões.

Em frente da cathedral de Florença existe uma pedra a que o vulgo pôz o nome: *il sasso di Dante.* Reza *a tradição* que ali vinha o poeta recitar á turba ame-

drontada os versos da visão do inferno. Ainda hoje o povo quando passa afasta-se para não profanar a pedra veneranda. Tal é o poder do genio, deixa um vestigio da sua immortalidade sobre as cousas que toca. Quem falaria hoje em Fernão Rodrigues Lobo Soropita, se não fosse o culto que elle sagrou a Camões, colligindo e estudando a primeira collecção que se fez das suas Lyricas.

Fernão Rodrigues Lobo era filho do Licenciado Manoel Alves, e natural de Lisboa; apparecendo o seu nome inscripto na matricula da Faculdade de Leis em Coimbra pela primeira vez no anno lectivo de 1578 a 1579, e sabendo-se que a admissão aos estudos superiores começava aos dezeseis annos de edade, não ha risco de hypothese em inferir que nascera em 1562. Na matricula que se continúa regularmente até 1583 a 1584 não tem o poeta o nome de *Soropita;* tambem nos versos que andam nas Obras de Estevam Rodrigues de Castro, figura só com o nome Fernão Rodrigues Lobo. O nome de *Soropita* era um alcunho, talvez adquirido sob o regimen da insolencia escholar, como se deprehende do seguinte incidente de Dom Francisco Manoel de Mello, que o cita no *Hospital das Lettras:* «Fernão Rodrigues Lobo, *a quem disseram* o Zarapita, *e...*» Portanto o assento da matricula, guardado no Archivo da Universidade, refere-se indubitavelmente ao primeiro editor das Lyricas de Camões; uma contradicção porém se levanta emquanto á naturalidade d'este poeta. Na segunda Carta, que escreveu a um amigo quando saiu

de Lisboa, em 1589, fugindo da invasão ingleza, diz que partiu de Thomar: «Alli fiquei o dia seguinte. Ao outro dia cheguei *a esta minha patria,* que pela alegria com que a via, me pareceu que tambem me desejava. Ainda o estio não tinha murchado sua virtude; mas já com contentamento *meus naturaes e meus parentes com muito alvoroço me acolhiam.*» (1) Emquanto esteve no Porto de Mugem á espera de vento e maré, compôz entre outras quadras a seguinte:

> **Vantagem tendes de mi,**
> **doces aguas que correis;**
> **pois fugis donde nasceis**
> ***e eu vou para onde nasci.*** (p. 25.)

Referir-se-ha este verso por ventura a sua mãe, que ia encontrar a Palmella, como elle diz: «chegámos á villa já bem tarde, *onde achei a mãe qae me pariu...*» (2); porque escrevendo depois de chegar ao sitio para onde fugia, a um *amigo de Lisboa,* alludindo aos bens que gosava, diz: «mas emfim, esses são para vossa mercê; e para mim *este desterro.*» Se o licenciado, fóra de Lisboa, apesar de ir estar na convivencia de parentes, se julgava em *desterro,* podemos considerar como decisivo o assento do Archivo da Universidade.

A sua vida academica, como vêmos pelo *Regimento escholastico para os estudantes, que se achou no ventre de*

(1) *Poesias e Prosas,* p. 28.
(2) *Ibid.,* p. 18.

uma balea» peça que não é hoje comprehendida, mostra-nos que elle foi um dos antecessores do chistoso Prior de Nossa Senhora de Nazareth, mais conhecido pelo pseudonymo de Antonio Duarte Ferrão. Os seus versos escriptos em Coimbra, alludem a costumes academicos, usuaes em todas as Universidades da Europa. Quando algum licenciado tomava o gráo de Doutor e era admittido ao magisterio, uma das partes principaes da festa consistia em um discurso satyrico em prosa ou verso parodiando os panegyricos officiaes da recepção; era um licenciado amigo do novo professor que se encarregava d'esta obra a que se chamava *Vejamen,* á imitação das escholas de Paris. No ultimo anno de Coimbra, em 1584, Soropita escreveu uma «*Satyra na data de umas cadeiras a um fulano Figueiredo, que era torto de um olho; e a um fulano Correa, judeu,*» a qual se deve considerar como o typo do *Vejamen* usado na Universidade no seculo XVI. O motivo da Satyra, isto é, a provisão das cadeiras, é um caracteristico obrigado do *Vejamen.* A este tempo já Soropita imitava as redondilhas chistosas de Camões:

O judeu e o zarolho
Ambos se deram de pé;
Porque um manqueja na fê,
Outro *manqueja de um olho.*
Quem os puzera n'um molho,
Como o bom Sylva deseja,
Para que n'elles se veja
Cumprida a letra perfeita:
Tarde o torto se endireita;
Guardar de cão que manqueja.

Sómente em 1598 é que se publicou pela primeira vez a Carta I de Camões, aonde se lê: « Mas um Manoel Serrão, que *sicut et nos*, manqueja de um olho, etc.» Soropita conhecia esta locução camoniana unicamente pela tradição oral? mas os *Disparates da India*, que elle recolheu na edição de 1595, apparecem tambem imitados no anexim de: Quem torto nasce tarde se endireita. Na *Carta para certa senhora de Lisboa, feita por um seu affeiçoado na banda d'alem, em resposta de outra sua*, imita Soropita o começo da Carta II de Camões: « *Esta, senão morrer n'essas mãos valha sem cunhos;* » (p. 91.) Camões escrevera: « *Esta vae* com a candea na mão *morrer* nas de v. m.; e se d'aí passar seja em cinza, porque não quero que do meu pouco comam muitos. E se todavia quizer metter mais mãos na escudela, mande-lhe lavar o nome *e valha sem cunhos.* » Soropita começa a sua *Carta a um amigo*, com o verso de Gacilasso:

La mar en medio y terras he dexado

empregado tambem por Camões na citada Carta II.

Voltando ao *Vejamen* dos dois professores Figueiredo e Corrêa, Soropita continúa com uma graça facil:

Certo é para sentir
Meus senhores estudantes,
Ver lentes a dous bragantes
Que muito são para rir!
Que não se sabem vestir,

E vem n'esta occasião
Por alta Ordenação
A ler nos nossos Geraes
Dois cerrados animaes,
Um por burro, outro por cão. (p. 99.)

Estes versos, que em 1584 se escreviam em mutua amisade, por occasião do provimento de duas cadeiras, são hoje da mais eloquente verdade diante da bestialidade proverbial de modernos doutores que entraram para o magisterio da Universidade pelo direito com que se adquire um logar nos asylos de mendicidade. Dotado de um espirito satyrico, Soropita conhecia tambem os principaes escriptos do genero, como vêmos pelas suas citações de Gil Vicente e de Antonio Ribeiro Chiado. No *Parrafo notavel sobre as barbas d'este mundo,* fala Soropita de uns que por seus peccados tem «barba *lutherana,* tinta de açafrão falso,» (p. 63.) e diz d'elles: «Não ha iguaria de que mais gostem que de vos atirarem aos focinhos com uma praga, pósta d'aquella hora como ovo fresco, que elles amaçam debaixo de um remoque achado nas barreduras dos *Autos de Gil Vicente.*» (p. 64.) Estas barreduras eram imitadas por Soropita, e excedidas na historia do namorado que ao falar com a sua dama debaixo da janella «entornaram de cima uma panella de...» (p. 122.) O poeta Chiado, que teve relações pessoaes com Camões e lhe sobreviveu, apparece-nos citado por Soropita, como quem chegou ainda a tratar com elle: «Outros (ridiculos) ha que por serem de carregação não entram na lenda; mas basta para elles

o Chiado (1) que lhes soube assentar as costuras.» (p. 109.) [illegible] ridiculisa os poetas conceituosos, que primeiro abraçaram o cultismo hespanhol: «Outros que pelos seus peccados *teem de poetas,* desenrolam-vos uma *folha de versos* de agua-russa, mais versados que malvas em monturo, *com uns conceitos* da grossura do mastro da não Garajáo, rombos como *forma castelhana,* que nem para embrulho servem; e se lh'os não gabais, dizem-vos logo que lhes haveis inveja. — Ha outros... que pedem cartas de amores para suas damas, e para pôrem de sua casa alguma cousa, accrescentam-lhe *trovinha de cartapacio* ao pé, tão ufanos que a souberam enxerir que se tomaram com dez Petrarchas.» (*Ib.*, p. 108.) Este ridiculo já tinha sido notado por Camões nos *Disparates da India:*

> Adonde tienen las mentes
> Uns secretos trovadores.
> Que fazem cartas de amores.
> De que ficam mui contentes?
> Não querem sahir á praça:
> Trazem trova por negaça:
> E se lh'a gabais, que é boa
> Diz' que he de certa pessoa, etc.

Estavam outra vez em moda as redondilhas palacianas, mas renovadas pela imitação hespanhola, chama-

(1) No *Hospital das Letras,* cita Dom Francisco Manoel de Mello: «Antonio Ribeiro, que foi o nomeadissimo *Chiado.*» 108.

vam-se *Espinelas*; sobre esta fórma escreve Dom Francisco Manoel: «Era antigamente, ao que chamavam *Esparsas*, que continham doze linhas; veiu depois o famoso poeta castelhano Vicente Espinel e lhe tirou dous versos, reduzindo-as ao modo que hoje guardam; por cuja razão n'aquelle tempo foram chamadas *Espinelas*; é propria poesia, ou melhor hespanhol suave, amoroso, agudo, engraçado, que só aos poetas castelhanos e portuguezes tem chegado, e avantajam aos italianos e francezes, que ainda as não imitaram, supposto que nos pequenos escriptos de Theophilo entendo que vi já alguns remedos das nossas decima sou *espinelas* castelhanas.» (1) Era a este genero que Soropita chamava a *medida velha*; por elle luctaram a todo o transe Castillejos e Gregorio Silvestre; no barco em que partíra para Santarem, diz mais que encontrára: «um poeta ancião, *ainda pela medida velha*... Demos muitas voltas ao governo do mundo, reformou-se o uso da justiça do reino, *arrepelou se a boa da poesia*, razões d'aqui, razões d'alli, etc.» (p. 24.)

O estudo dos manuscriptos dispersos de Camões, trouxe Soropita do genero picaresco e das Espinelas satyricas para esse vago idealismo da eschola italiana, que elle tambem a principio ridiculisára, nos *Commentarios saragoçanos*: «As horas que não gastava n'isto ficavam-lhe reservadas para *a poesia, em que veiu a empolgar-se de maneira que de conceitos de Petrarcha e de*

(1) *Hosp. das Lettras*, p. 338.

Garcilasso e de outros beberrões se lhe fez um charco á porta, aonde andavam mais rans, que na ponte de Sore.» (p. 38.) Quando Soropita abandonou a Universidade, vindo advogar para Lisboa, eram vivos bastantes amigos de Camões, entre elles Luiz Franco, Falcão de Rezende, P.e Bartholomeu Ferreira, Bernardes, Manoel Corrêa Montenegro, Diogo Taborda Leitão, e sobre tudo a mãe do poeta, D. Anna de Sá, *muito velha e muito pobre,* como diz o Alvará de 5 de Fevereiro de 1585. Se o Licenciado Soropita tivesse logo o plano de ajuntar os manuscriptos despedaçados do poeta, teria facilmente apresentado uma maior riqueza do que aquella que fórma o livro das Rythmas de 1595. A razão porque Soropita se não aproveitou d'estes extraordinarios recursos, existe no conflicto e alterações dos partidos politicos, que desde 1580 oscilavam entre o terror de Philippe II e a tibieza do Prior do Crato. Sobre o anexim popular:

> Nem para traz, nem para *diente*
> Como o burro de Vicente

escreveu Soropita uma Satyra em redondilhas, alludindo a esta lucta:

> Se de uma parte arrochadas
> De arrieiros te encaminham,
> Os que a soccorrer-te vinham
> Querem fazel-o a pedradas.

Zurra sobre mal tamanho
Asno; pois quiz teu peccado
Que para tão triste estado
Viesses a dono extranho!

Chora sobre o mal presente
Os bens que passados sào;
Já foste asno de Balaào,
E hoje és *Burro de Vicente.*

Deixou-te o cura da Egreja...
Grande trabalho te vejo!
Ao moleiro do Alemtejo
Nào quiz deixar-te de inveja.

Tambem levar-te queria,
E assás te fôra melhor,
O nosso honrado Prior...
Tudo foi velhacaria.
....
Fez barata a compra injusta,
Por isso te descstima;
Porque tudo emfim se estima
Segundo o preço que custa.
....
Ao retorteiro te trazem
Com albarda e sem cabresto,...

Pelo dono a quem te deram
Verás tuas perdições,
Filho de quatro nações
Que nunca bem se avieram.

Já com teu senhor passado
Sobre ti em pleito andou;
Agora que te comprou,
Hasde pagar o fiado.

E vós Tagides, que ouvis
O som de males tào tristes,
Chorae dos bons que já vistes
As lembranças que sentis.

> Brada-lhes *Mingo*, o *do saio*
> Cisfranco, o do saco, brada...
>
> *O som do metal cobarde*
> *Abateu todos os mais;*
> E são suas forças taes
> Que n'elle o fogo não arde.
> . . . .
> Mais ai dos lobos guerreiros!
> Fica sendo o mal singelo;
> Porque *cobras de capello*
> Bebem sangue de cordeiros. (p. 133.)

Ao passo que Francisco Rodrigues Lobo bajulava o monarcha invasor com os seus romances castelhanos, Soropita propendia para o partido nacional do Prior do Crato. Quando diante d'elle se discutia a soberania de Philippe II, «ia dizendo alguma cousa tambem, *por não parecer que me tirava fóra do jogo; todas as mais vezes punha batoque, e ficava vendo de palanque os votos dos outros.*» (p. 17.) Apezar de todas estas reservas, Soropita fugiu de Lisboa em 1589, por occasião da entrada dos Inglezes, que vinham restaurar o partido do Prior do Crato. Fugiu de Lisboa, não porque fosse levado pela covardia da outra gente, mas para «*obedecer aos sobressaltos de duas femeas que tinha a meu cargo,* etc.» (p. 14.) No mez de Março de 1589 mandou Philippe II organisar a força que havia de resistir á invasão ingleza, andando os corregedores de porta em porta arrolando «toda a maneira de homens». Tres mil hespanhoes occuparam logo Lisboa, e segundo uma memoria do tempo Philippe II «aproveitava-se de toda a maneira, mandando ir para Castella aquelles fidalgos de que

se podia temer, por que se não achassem aqui quando viesse o Snr. Dom Antonio... Mandou mais fazer experiencia em outros muitos, mandando a este reino um Santos Paes, soldado da India, que era da parcialidade do Snr. Dom Antonio, e se bateu com elle em Inglaterra, e depois veiu ter a Castella, o qual, como era conhecido de muitos, por ter ido com o mesmo senhor, mandou-o el-rei, como digo, a este reino com cartas e recados fingidos áquelles de que se podia temer.—D'este modo ficavam sabendo os que tomavam os recados e aceitavam as cartas fingidas, que outrosim trazia. E anava o dito Santos Paes por todo este reino, correndo dos, a dar-lhes cartas e recados, o que foi occasião de renderem muitos homens, todos aquelles que elle disse e acceitaram as cartas e recados. E d'esta maneira viam todos de sobreaviso d'aí em diante, temendo ais serem presos por estes casos, que não pela Santa quisição, por que os que colhiam ás mãos por este aso eram desfeitos em tratos, e além d'isso quando esapavam, botados em degredo para sempre.» Era por ste estado de sitio, que quando se fallava na expedição ngleza se sorria de mofa, para não mostrar que se nuria esperanças de resgate. De facto uma Armada ingleza chegou á Corunha em 9 de Maio de 1589, para destruir ali as forças de Philippe II, e em seguida veiu fazer o desembarque a Peniche. Eram dezeseis mil homens de infanteria, e um esquadrão de duzentos cavallos; marchando por terra chegaram a Torres Vedras a 28 de Maio, e a 30 estavam no Campo Grande, então

conhecido pelo nome de Alvalade. As forças portuguezas ou hespanholas recolheram-se a Lisboa para aí se defenderem: «e nas portas da cidade, que deixaram abertas, estavam castelhanos, que as não fiavam de portuguezes; mas o medo dos castelhanos era tanto, que davam a cidade por entrada...» No meio de uma scena de panico geral houve episodios analogos ao do Oberon quando no meio da procissão soôu a trombeta magica: «as freiras de Santa Clara... por não estarem seguras as mandaram para o dormitorio dos Frades de Sam Francisco, dando-lhes os mesmos frades por guardas.» Emquanto os inglezes estavam senhores de todos os arrabaldes de Lisboa e já tocavam os muros, o Cardeal Alberto mandava fazer as mais arbitrarias execuções em todos os que suspeitava de partidarios do Prior, tomando por base as mais rancorosas delações. No dia da procissão de *Corpus Christi* chegou o exercito inglez até Lisboa, e ficou junto dos portas de Santa Catharina, na Boa Vista e Sam Roque. A covardia era contagiosa: «N'essa noute—continúa a relação—se cuidou que accommettessem a cidade e entrassem, e sem duvida, se accommetteram, houveram de entrar sem resistencia alguma, *por que todos os principaes eram fugidos da cidade,* e os que ficaram tinham seus furadouros prestes com cavallos e barcos para se accolherem, etc.» É n'estas circumstancias que se comprehendem estas palavras da Carta de Soropita: «Já sabeis que os senhores inglezes, sexta feira, depois do dia de Corpus *Christi,* vieram conversar tão estreitamente, que se não

mettia entre nós e elles mais que a largura dos muros, *e esses tão enfermos e debilitados que a poder de apitos se tinham em pé.»* (p. 14.) O citado manuscripto conti-núa: « N'este conflicto, o mais que accudiu a cada um, era fugirem da cidade aquelles que podiam, pela experiencia que tinham da facilidade com que os inglezes puderam entrar se accommetteram a cidade.» De repente, a 5 de Julho, viu-se os inglezes abandonarem o cêrco de Lisboa, e desfilarem para Cascaes; quando imaginavam que os inglezes iam buscar artilheria, viram-nos com grande pasmo darem á véla para Inglaterra a 18 de Julho, fugindo das doenças da fructa verde por onde a expedição *se metteu,* segundo a linguagem pittoresca da relação. (1) Soropita voltou para Lisboa, e por causa das terriveis execuções, muita gente teve de fugir de Portugal. É de crêr que por este tempo emigrasse para Italia o poeta Estevam Rodrigues de Castro.

A citada Carta de Soropita dá-nos conta da impressão geral causada pela noticia da chegada dos inglezes; depois de aportar ao anoutecer á Mouta, saíram-lhe ao encontro esfaimados curiosos que o apertaram por *novas da cidade;* o poeta não se esqueceu de ir ao outro dia «*ouvir missa a uma ermida do logar*» e á porta da egreja fallaram de politica largamente: «e antes que entrassemos ao officio, sentamo-nos á porta os

(1) Dr. Ribeiro Guimarães, *Summario de Varia historia,* t. III, p. 222.

naturaes e forasteiros que ali estavamos, e, sem ser necessario tanger campana, entrámos em cabido sobre a ordem e successão da guerra; e com fios seccos dados em borda de alguidar vermelho, cortámos duas duzias de conselhos que os pudera vestir o principe Dom Philippe... Em fórma que ali fizemos e desfizemos capitães, juntámos soldados, trouxemos soccorro, e alinhavamos todo o processo do cêrco, em duas palavras finalmente, puzemos o remate á nossa guiza *e prognosticamos para diante melhor* que quantos astrologos de remonte ficaram aposentados em Arayolos.» (p. 17.) Era impossivel prever o disparate do exercito inglez, abandonando o sitio, quando Lisboa estava por sua natureza rendida. O Prior do Crato era tambem ajudado com capitaes pela Hollanda, como se vê nos documentos publicados por Emile Vanden Bussche; (1) mas nem o Prior estava á altura d'esta missão politica, nem a nação pelo embrutecimento a que fôra levada era digna da liberdade.

É natural que Soropita voltasse para Lisboa ainda no anno de 1589, para exercer a profissão de advogado. A sua indole juridica transparece através das graças que exibe: «Entrei por ella (villa de Setubal) em um asno á brida, com dois escúdeiros ao lado, que, conforme a direito era *caso de injuria.*» (p. 20.) E fallando

(1) *Memoires sur les relations qui existerent autrefrois entre les flamands de Flandre, particuliermen ceux de Bruges et les Portugais.* Deuxième Partie, fasc. II.

dos homens de *barba lutherana:* «tomando cada um pela frontaria, parecer-vos-ha lagarto em Badajoz que vae com uma *appellação* dos rendimentos do verde aos *Ouvidores da Rota* por mandado do Bispo de Placencia.» (p. 64.) Pelo seu caracter jovial, Soropita attraía em volta de si todos os poetas que haviam frequentado a companhia de Camões; elle teve relações com Dom Gonçalo Coutinho a quem dedicou a edição das *Rythmas;* com Luiz Franco Corrêa, que escreveu um Soneto encomiastico n'esta edição, com Diogo Bernardes, com Diogo Taborda Leitão, e por ventura com Fernão Alvares do Oriente, André Falcão de Rezende, Bernardo Rodrigues, e com Dom Manoel de Portugal. As muitas cópias das Lyricas que corriam de mão em mão, suscitaram em Soropita o desejo de recolhel-as; a demora até ao anno de 1595 explica-se pelo intervalo que se esperaria pelos manuscriptos mandados vir de Gôa. No Prologo, em que se assigna *Licenciado Surrupita, Advogado n'esta Côrte,* faz-nos a exposição do seu methodo de colleccionação, e do estado dos differentes manuscriptos: «E com isto não resta mais que lembrar, que os erros que houver n'esta impressão não passaram por alto *a quem ajudou a copiar este Livro;* mas achou-se que era menos inconveniente irem assim como se acharam, por conferencia de alguns *Livros de mão, onde estas obras andavam espedaçadas,* que não violar as composições alheias, sem certeza evidente de ser a emenda verdadeira; porque sempre aos entendimentos fica reservado julgarem, que não são erros do Author, senão

vicio do tempo e inadvertencia de quem as trasladou. E segue-se n'isto o parecer de Augusto Cesar, que na commissão que deu a Vario e a Tucca para emendar a Eneida de Virgilio, lhe defendeu expressamente, que nenhuma cousa mudassem nem accressentassem... E por isso não se buliu em mais, que só n'aquillo que claramente constou ser vicio da penna; e o mais vae assi como se achou escripto, e muito differente do que houvera de ser, se Luiz de Camões em sua vida o dera á impressão.» Soropita foi ajudado n'esta empreza pelo Livreiro Estevam Lopes, por ventura parente d'aquelle Affonso Lopes, moço da Capella de Philippe II, que em 1587 deu á luz os dois Autos de Camões, que andam na collecção de Prestes. As Rythmas de Camões foram reproduzidas logo em 1598, e como diz o mesmo Estevam Lopes: «determinando dal-o segunda vez á estampa, procurei que os erros que na outra por culpa dos originaes se commetteram, n'esta se emendassem... baste que emquanto pude o communiquei com pessoas que entendiam, *conferindo varios originaes* e escolhendo d'elles o que vinha mais proprio ao que o Poeta queria dizer... muitas poesias que o tempo gastara cavei em apezar do esquecimento em que já estavam sepultadas, accrescentando a esta segunda impressão quasi outros tantos Sonetos, (43) cinco Odes, alguns Tercetos e tres Cartas em prosa, que bem mostram não desmerecerem o titulo de seu dono.» Uma grande parte d'estas obras apparece com variantes no *Manuscripto* de Luiz Franco, signal de que este *Cancioneiro* não contribuiu para

estas colheitas. É provavel que Soropita já não trabalhasse na reproducção das Rythmas de 1598. Foi em 1597 que Soropita publicou a «*Informação de Direito offerecida por parte de Francisco Corrêa no feito que traz com D. Manoel de Athayde sobre a successão da Villa de Bellas e fructos do morgado de que a dita Villa é cabeça.*» Na «*Informação do Direito por Ruy Telles de Menezes, na causa que lhe moveu D. Maria de Noronha sua sobrinha, sobre a successão do Morgado da Casa dos Telles,*» impressa em Lisboa, em 1605, figura na ultima pagina, (p. 116) *o Licenciado Fernão Rodrigues Lobo* confirmando o parecer a favor do réo. Os interesses do fôro mataram-no para a poesia. Soropita no estudo sobre as Rimas segue o mesmo espirito de uma allegação praxistica; em vez de citar Bartholo ou Accursio, cita Diomedes Grammatico, Nicoláo Perotto, Benedotto Varchi, Possidonio Estoico, Bembo, Vicencio Cartario e outros eruditos dominantes no seculo XVI; justifica-se de ter dado á collecção o titulo de *Rimas,* e explica a ordem seguida nas composições, com a pobreza de um espirito esterilisado pela vida do fôro. Succedeu a peste de 1599 da qual morreu Estevam Lopes, como se vê pelo Alvará concedido a sua mulher Vicencia Lopes por que «ficára pobre e com cinco filhos sem outro remedio mais que o meneo de seus liuros.» N'este intervalo appareceu um outro apaixonado de Camões, Domingos Fernandes, em 1606, promettendo uma nova collecção de ineditos do poeta; Soropita entretinha-se a escrever o *Parrafo notavel das Barbas, em* que allude «aos occulos de Ja-

cques,» (p. 60) o que fixa a sua composição em 1609, e nos dá a entender que não proseguira na sua excavação de despedaçados manuscriptos; por ventura a sua abstenção seria para não descobrir o seu parente Francisco Rodrigues Lobo, accusado de ter publicado na *Primavera* alguns versos de Camões. Soropita allude a este seu parente na Carta segunda ao amigo de Lisboa: «Contemple vossa mercê qual iria o pastor *Lereno* n'esta floresta, *Riberas del sacro Tejo*...» (p. 26.) A *Primavera* de Francisco Rodrigues Lobo é dividida em *florestas,* e *Lereno* é o nome arcadico com que se acoberta na sua pastoral. Na *Primavera,* traz uma Canção, aonde se allude a Nathercia:

> Ah *Nathercia* mais bella
> Do que cruel, inda que o foste tanto,
> Tudo como esquecida desprezaste. (1)

Este facto e uma imitação admiravel do estylo de Camões levaram por certo Faria e Sousa a fazer essa extraordinaria accusação infundada, de ter Francisco Rodrigues Lobo roubado o *Parnaso* de Camões: «Al tiempo que empecé a estudiar, que fué por de 1600, y los onze de mi edad, me cogió este libro (o que pertencera a seu avô Estacio de Faria) un moço, que luego se fue a estudiar en Coimbra, aonde entonces florecia Francisco Rodrigues Lobo, que entonces publicó su libro intitulado *Primavera,* que consta de prosas y ver-

(1) *Primavera*, p. 436., ed. 1722.

sos, y siempre me pareció que en el avia algunas cosas de las que estaban en aquel libro. Mas porque yo no vi este de Lobo luego quando salió, tiempo en que de esseotrò teria algo en la memoria, sinó mucho despues, quando ya no la tenia del, no pude assegurar-me bien: pero imagino que unas Otavas, que alli tiene Lobo, luego al principio, a que llama la historia de Sileno estaban en aquel libro; y tambien unas coplillas, que estan antes de ella; y tambien una Cancion, que se vê a la entrada da Floresta sexta.» Faria e Sousa faz algumas remotas comparações entre logares communs a Camões e Lobo, e a fraqueza da sua condemnação conhece-se por esta conclusão a que é levado: «Alfin pudiera hazer en los escritos de Lobo muchas observaciones destas; pero dexolas, porque en unos mismos pensamientos pueden concorrir los Poetas sin verse, y por que no me asseguro; pero asseguro-me que en todas las obras de Lobo no ay poemas que igualen a esta Cancion y a aquellas Otavas; y que en ella y en ellas ay mucho de los modos de dezir de mi Poeta.» Rodrigues Lobo teve relações litterarias com Fernão Alvares d'Oriente, que o cita pelo seu nome de *Lereno,* e como cantor dos rios Lis e Lena; as suas pastoraes são imitadas da *Luzitania transformada,* que só foi publicada posthuma, seis annos depois do apparecimento da *Primavera.* O Soneto CCCXXXIII, que em um Ms. traz esta rubrica decisiva: «*Soneto de Luiz de Camões a hum velho falando com o Tejo,* apparece em manuscriptos mais modernos com o nome de Francisco Rodrigues Lobo, de Henrique Nu-

nes, de Santarem, e de Estevam Rodrigues de Ca
O Soneto CXVI, de Camões, foi encontrado por Far
Sousa em um Ms., com o nome de Fernão Rodri
Lobo Soropita. A feição camoniana imprimia-se fa
mente em quem estudava os seus versos.

Nas Obras de Estevam Rodrigues de Castro,
contra-se um Soneto de Fernão Rodrigues Lobo,
não anda recolhido. Transcrevemol-o aqui, para nos
o sentido de uma aproximação que Dom Francisco
noel de Mello faz de Soropita e de Estevam Rodrig

Claros olhos azues, olhos formosos
Que o lume d'estes meus escurecestes,
Olhos que o mesmo Amor d'amor vencestes;
Com vivos raios sempre victoriosos.

Olhos serenos, olhos venturosos,
Que ser luz de tal geito merecestes,
Ditosos em render quanto rendestes,
E em nunca ser rendidos mais ditosos.

Que morra eu por vos vêr, e que vos traga
Nas meninas dos meus perpetuamente
Cousa é que justamente Amor ordena;

Mas que de vós não tenha mais que a pena,
Com que amor tanta fé tão mal me paga,
Nem o diz a razão, nem o consente. (1)

Falando de Francisco Rodrigues Lobo, escr
Dom Francisco Manoel no *Hospital das Letras:*

(1) Ap. *Obras* de Estevam Rodrigues de Castro; p.
Ed. Caminha.

«AUTHOR: Dous Rodrigues estão juntos ao primeiro, ambos poetas thizicos, segundo são diminuidos seus volumes.

QUEVEDO: Quaes se nomeam?

AUTHOR: Fernam Rodrigues Lobo, a quem disseram o *Zarapita*, e Estevam Rodrigues de Castro, aquelle com um pequeno manuscripto, este outro com um breve volume estampado em Florença.

LIPSIO: Do primeiro, posso affirmar, que se padece alguma cousa da paixão extrinseca, bem póde ser; mas que no espirito poetico que o informou, está são de todos os quatro costados. Foy Poeta Mestre, e quando não escrevera mais que os seus desvarios, bem se vê que quem desvariando acertava por aquelle modo, quanto acertaria atinado!» (1)

Soropita abandonou o genero satyrico e a redondilha da Eschola velha, para obedecer á fascinação do estylo camoniano; d'esta feliz imitação resultou o confundirem-se nos manuscriptos com os versos de Camões, as obras que escrevia. O snr. visconde de Juromenha encontrou a Elegia que começa: «Quando os passados bens me representa» em nome de Camões, com a rubrica: «*A uma senhora que estava em Sacavem, em uma quinta sua. Saudades.*» No escripto faceto *Descobrimento das Ilhas da Poesia,* de Soropita, vem intercalada essa mesma Elegia com a seguinte declaração: «Autor: A dita tercetagem vae com o sangue na guelra. Fez-se a uma senhora de muitos merecimentos estando em Sacavem, em uma quinta sua, e o pobre do servidor na praia do Tejo, carregado com os ferros de suas Saudades. Tem um artificio secreto, que vão revesados os tercetos: um que na derradeira regra tem a mesma palavra duas ve-

(1) *Op. cit.*, p. 316.

zes, e o outro apoz elle tem a derradeira palavra contraria tambem á da ultima regra. E assim continúa desde o principio até o cabo. Em Lisboa, *não cuidem que sou eu o namorado;* porquanto, ha dias que rapei as ordens a cuidados amorosos.» (p. 114.) Se esta Elegia não pertence a Camões, como o declara o *Ms.* do snr. visconde de Juromenha, a declaração impessoal de Soropita: *Fez-se,* e a affirmação de: «*não cuidem que eu sou o namorado*» faz nascer duvidas acerca de a ter elle escripto, posto que lhe conhecia o artificio metrico:

> Quando os passados bens me representa
> No mais secreto d'alma o pensamento,
> Que quanto *mais* os vê, *mais* se atormenta;
>
> Tal forma tomam n'este apartamento
> Que nada me dá agora mór *tristeza,*
> Que o que me dava mór *contentamento.*

Não só em nome do licenciado Soropita andam Sonetos attribuidos a Camões; o celebrado jurisconsulto Ayres Pinhel assigna em um manuscripto o Soneto CCXVIII. Quasi todos os poetas contemporaneos de Soropita eram mortos; Bernardes, D. Manoel de Portugal, Fernão Alvares do Oriente, Falcão de Rezende e Rodrigues Lobo que morrera afogado no Tejo, estavam para sempre mudos. Soropita tomou um profundo desgosto da vida, e procurou sepultar-se nas sombras do claustro. Os poetas da peninsula caracterisam-se por esta tendencia mystica; seguindo aventuras de capa e *espada* na mocidade, por fim recolhiam o seu espirito e

iam acabar na clausura ou junto do altar; em Hespanha Lope de Vega, Calderon, Tirso de Molina, Vicente Espinel, e entre nós Frei Agostinho da Cruz, Frei Antonio das Chagas, Frei Paulo da Cruz, Simão Machado envolvem-se no burel do claustro. Se Fernão Rodrigues Lobo Soropita é esse *religioso trazido á Religião,* de quem fala Frei Agostinho da Cruz em uma Ecloga, podémos fixar a epoca da sua mudança da vida pouco antes de 1619. Em uma Elegia de Soropita intitulada *da minha penitencia,* parece descrever a solidão da Arrabida:

> Aqui n'este deserto secco e pobre,
> Só de medonhos monstros habitado,
> Que a morte triste em sua sombra cobre;
>
> N'esta imagem de bruto transformado,
> Por mão da consciencia vingadora
> Sou todos os momentos castigado. (p. 147.)

A tristeza que inspira esta Elegia, tambem intitulada *Penitencia do Soropita,* representa o estado geral do espirito portuguez no seculo XVII; depois da degradação moral produzida pelo cesarismo completava-se a obra da inanição d'este povo por meio das consolações aérias do nihilismo mystico.

CAPITULO X

Miguel Leitão de Andrada

Culto de Camões no fim do seculo XVI.—Miguel Leitão vem embellezar a sepultura do poeta.—Factos particulares da *Miscellanea*, com que se reconstitue a sua autobiographia.—Foje de Coimbra para ir na expedição a Africa em 1578.—O seu cativeiro e poesias que aí escreveu.—Como se achou a ponto de ser degolado em 1580 por seguir o partido do Prior do Crato.—Suas analogias moraes com Vicente Espinel.—A sua viuvez e o perigo de ser degolado por um crime que lhe imputaram.—Relações litterarias com o poeta mystico Fr. Nicolau Dias.—Cita frequentemente diversos logares dos *Luziadas*.—Recolhe as Canções XIII, XIV e XV, de Camões.—Os Sonetos de Camões CXXVII a CXXXII, e o Soneto CXLVIII apresentam na *Miscellanea* importantissimas variantes.—Dom Antonio Alvares da Cunha e a authenticidade d'estes Sonetos.—Valor litterario da *Miscellanea*.

O grande culto que no ultimo quartel do seculo XVI se desenvolveu entre os mais distinctos espiritos pelo genio de Camões, trouxe Miguel Leitão de Andrada, soldado da expedição da Africa, captivo e bom poeta, a vir depôr junto da sepultura do grande epico o tropheu da sua admiração. Elle mandou collocar na parede da sepultura de Camões uma tarja de azulejos em que se lia essa estancia allusiva á humildade da pouca terra que o cobria quando o seu nome era conhecido em todo o mundo. Como poeta, Miguel Leitão de Andrada imitou o sentimento e estylo das poesias de Camões; na *Miscellanea* recolheu algumas Canções e Sonetos ineditos, que andam hoje na collecção das obras d'esse principe dos poetas da Peninsula. Por tudo isto, Miguel

Leitão de Andrada precisa ser estudado entre a pleiada camoniana. A sua vida foi tempestuosa mas dominada por uma absoluta crença religiosa na Virgem; a obra por onde hoje se conhece é um mixto de incongruencias devotas, em que exalta Pedrogam, sitio da sua naturalidade, e em que faz preciosas revelações sobre os desastres politicos que começaram em Alcacer Kibir. Com liberdade de intelligencia teria sido um Montaigne; a *Miscellanea,* que publicou aos setenta e quatro annos de edade, além das *poesias diversas* que encerra, é o subsidio unico para o conhecermos, porque é a sua autobiographia.

Miguel Leitão de Andrada nasceu na villa de Pedrogam em 1555; seus paes, Belchior de Andrada e Catherina Leitoa «viveram e falleceram na villa de Pedrogam,» (1) e do seu cazamento tiveram nove filhos além do que fica nomeado. *(Miscell.,* p. 138.) Na sua obra cita alguns d'esses irmãos, como Pero de Andrada, Frei João, monge de S. Bernardo, *(op. cit.,* p. 43) Lourenço d'Andrada, que morreu no naufragio da Náo St.ª Clara (p. 75) e Antonia de Andrada, Maria de Andrada, e Marqueza de Andrada. Miguel Leitão era mais fanatico pela sua nobreza do que pela religião, e tanto, que explica a sua devoção á Senhora da Luz pelos seus pergaminhos heraldicos: «E para que vejaes de quam antigo tenho obrigação de ser devoto de Nossa Senhora, e como é herança minha desde meus avoengos. Os quaes

(1) *Miscell.*, p. 615.

traziam no nosso brazão por orla = *Ave Maria.* = E isto muitos centos de annos mais antigua que o de Garcilasso de la Vega...» (*ib.,* p. 277.) Já velho, mandou extrair da Torre do Tombo a certidão da sua genealogia, que lhe foi passada pelo Guarda-mór o Doutor Luiz Ferreira de Azevedo, em 18 de Março de 1602. (p. 614.) A linguagem de Miguel Leitão de Andrada é bastante pitoresca, e com as suas proprias palavras teceremos uma autobiographia.

Sabe-se do seu nascimento em 1555, porque diz: «Ficaria eu de 13 annos, quando meu pay falleceu (no anno de 1568; *op. cit.,* p. 137) deixando dez filhos, e eu d'elles o penultimo de sua velhice...» (*ib.,* p. 173.) A sua primeira educação fez-se no Convento de Sam Domingos de Pedrogam, aonde aprendeu «as primeiras letras do A B C, como o latim, tendo por mestres varões muito insignes que n'aquelle Convento eram então moradores... quaes eram o Padre Manoel de Sousa, tio do Governador do Porto, Anrique de Sousa, ora Conde de Miranda, e o Padre Frei Lopo de Sousa, que depois foi Provincial, e o P. Frei Antonio de Ourem, grande latino e escrivão...» (*op. cit.,* fl. 1, *v.*) Esta educação durou até ao anno de 1568, porque depois acompanhou a Madrid seu irmão mais velho que estudava em Salamanca; frequentou depois com elle a Universidade de Coimbra: «O padre Frei João d'Andrada, que ao seu fallecimento se achou (o de seu pae) depois de se ter achado no Concilio Tridentino, trouxe um breve do Papa para poder estudar dez annos em qualquer Uni-

versidade de Espanha, e *escolhendo Salamanca me levou lá comsigo estudar.* Donde o Cardeal Dom Anrique, que depois foi Rey, e n'este tempo commendatario de Alcobaça, o fez vir com rogo por sua carta, dando-lhe estudo em Coimbra onde o acabou, e antes que se tornasse a Portugal, *fomos a Madrid* visitar um parente de valia, que d'este reino havia ido com a Emparatriz, mulher de Carlos Quinto e irmã del-rei Dom João III, *onde estando alguns mezes,* nos viemos, elle continuar com seu estudo e eu a casa de minha mãe, d'onde me fui tambem a Coimbra.» *(ib.,* p. 173.) «Achando-me em Madril, com grande dor de um dente, me entrei na calhe de Toledo, na tenda de um barbeiro acossado da dor, para o tirar; o qual me levou a uma casa em cima sob color de mais honesto logar, ou decente; e acertando ver-me entrar um amigo portuguez Affonso Gomes Paes, se vem á dita tenda para d'ali nos acompanharmos ambos, e perguntando por mim, espera em baixo que eu decesse. E vindo a este reino, soube depois como o dito barbeiro costumava levar os homens de fóra acima, onde aos que lhe parecia, dava com uma tranca por detraz na cabeça e os matava e roubava, e dava o corpo a um pasteleiro...» *(op. cit.,* p. 84.) Miguel Leitão entretece a sua vida de lances maravilhosos para mostrar o patrocinio constante da Virgem. Podemos fixar a vinda de Miguel Leitão para a Universidade de Coimbra em 1572, porque allude aos primeiros preparativos para a guerra de Africa de 1575: «E já na *Instituta* e primeiro anno de Canon, se começou a revolver todo o

reino em reboliços de guerra, com grande estrondo de passar el-rei em Africa fazel-a, e a mim o sangue de o acompanhar, e dando conta a dois estudantes naturaes da Beira, nobres e de parentes illustres, muito facilmente os commovia meu intento e aprestando-nos do fatinho, que era pouco mais que do coelho, em dizendo e fazendo, puzemos por obra a vinda a Lisboa. Onde, achando já todo o homem d'ella quasi com as esporas, como dizem, calçadas para a viagem, e este porto coalhado de velas a pique para as dar ao vento. E n'esses poucos dias que não desamarravam nos fômos aprestando, e sabe Deus com quam poucas commodidades, e quam mal apercebidos nos embarcamos em um navio que ia por conta de um parente de meus camaradas, dia de Sam João Baptista do anno de 1578, com muita festa em todos os navios, (os quaes se dizia serem mil) de charamellas, trombetas, bastardas e com outros instrumentos bellicos que estrugiam os ares, que todos com prospera viagem e sem receber damno algum, chegamos a Arzilla na costa de Africa, havendo estado quatro dias em Lagos no Algarve, e outo em Çales, onde o Duque de Medina-Sidonia festejou o rei com touros e jogo de canas e outras festas. Ao terceiro dia que chegamos a Arzilla, chegou el-rei, que dous dias de antes se tinha apartado da armada nas galés, que eram cinco, para Tangere, a dar ordens a algumas cousas d'aquella cidade.» (p. 174.) O fanatismo que arrastou estes convulsionarios do seculo XVI acha-se n'estas palavras de Leitão: «a quatro de Agosto do anno de Christo de 1578, dia

de Sam Domingos, havendo-me eu confessado em pé detraz da tenda de el Rei ao padre Frei Vicente de Affonseca da sua ordem, que depois foi arcebispo de Goa, me fuy pôr na primeira dos ventureiros, sem ordem alguma de official...» (p. 176.) Dom Sebastião andava sósinho por entre os soldados e veiu á fileira dos aventureiros arremettendo contra elles para os fazer entrar em ordem: «e por isso houve eu de ficar na terceira fileira, e n'ella o terceiro da parte direita, e o segundo á minha direita Francisco de Medeiros, sobrinho de Miguel de Moura...» (ibid.) Miguel Leitão de Andrada faz um minucioso relatorio da batalha de Alcacer Kibir, que nos não interessa para o conhecimento de sua vida; mas vejamos como conta a sua situação no meio da derrota: «E a primeira que recebi (ferida) foi por cima do morrião, o qual cortando-m'o um mouro de cavallo me chegou ao casco (pera que vejaes o como cortam os seus alfanges, e a mais força do homem a cavallo) com tamanho pezo, que cuidei cahia sobre mim uma casa, do qual golpe e d'outros perdi o mesmo morrião, e tal foi por ali o estrago que eu me vi entre todos estes mouros, e lamentos sem por ali poder entrar homem a cavallo, nem eu ver vivo nosso em estado de lhe poder fallar como a vivo, e entre elles mil espadas douradas, alfanges, cadeias de ouro, sem haver quem os tomasse, pelo que me pude assentar um pouco sobre um lio que não sei de que era, onde tirei da algibeira uma cósta de biscouto que comi sem vontade por alimentar as forças, tendo já do sangue e do suór e pó o rosto n'uma codea,

e attentei perdera uma borracha de agua, com outra que havia tomado a um morto.» *(ib.,* p. 192.) Emquanto Miguel Leitão assi se alentava sobre o campo da carnificina, vinham seis mouros *fazendo gazúa,* dando golpes sobre os que estavam nos paroxismos para os acabar; foi então que o pobre rapaz de vinte tres annos recobrou a sua força depois que viu que a sua espada lhe fazia cahir aos pés os que vinham envolvel-o n'essa arrancada de morte. Miguel Leitão foi envolvido por outros mouros, e diz: «tomaram-me outros por detraz e me tiraram logo a espada da mão e deitaram uma laçada ao pescoço, que foi a maior agonia em que nunca me vi, e muito maior sem comparação que a mesma morte diante...» *(ib.,* p. 194.) Os mouros o levaram ao seu arraial e o curaram lançando-lhe sumagre nas feridas, junto com outros mouros feridos «como se foramos filhos de um pae e de uma terra e criação...» *(ib.)* O mouro de quem ficou captivo Miguel Leitão chamava-se Abderehamen, e foi este que no dia depois da batalha lhe mostrou o cadaver de Dom Sebastião que ia atravessado em um cavallo, acompanhado por Sebastião de Resende, filho do celebre Chronista.

«Ao terceiro dia d'esta infeliz batalha se partiu d'ali o campo dos mouros e fômos dormir a Alcacerequibir, onde achando eu um mercador castelhano na estalagem, que era de um judeu, pera se partir este dia para o porto de Santa Maria por via de Larache, escrevi por elle ao P. Frei João meu irmão, dando-lhe conta do triste successo e morte del-rei, e foi esta a primeira carta que en-

trou n'este reino depois d'elle. D'aqui nos partimos pera Fez, onde meu amo era morador.» (p. 232.) As muitas feridas de Miguel Leitão de Andrada foram a causa de evitar-se outra vez para elle o risco da morte; porque com a mira do resgate, o mouro seu dono alugou-lhe um cavallo para o transportar, ao passo que os outros captivos morriam pelos campos esgotados de forças pelo calor e pela fome. Em Fez foi offerecido aos Trinitarios para o comprarem, mas era apenas chegado um frade, e sem dinheiro; ali discutia os mysterios da religião com um mouro nobre, e era auxiliado nos seus argumentos por um outro companheiro, chamado Antonio Cordovil; n'esta situação, quando se complicaram as condições do seu resgate «me determinei em fugir, e dando conta a um companheiro Belchior Curado, de Penella natural, achou elle occasião de uns mouros que nos queriam trazer, e mostrando-me primeiro a casa se meteu n'ella, e eu ao outro dia, onde os mouros tendo-nos alguns, nos tornaram a nossos amos, dizendo que nos acharam, e alcançando d'elles as alviçaras que lá são grandes, e juntamente perdão, nos não ouzaram a castigar, entendendo serem soldados ladrões... (p. 235.) O dono de Miguel Leitão «era nobilissimo *algimiado,* que sabia a nossa lingua... em tanto que eu lhe dizia que se eu soubera bem a sua lingua ou elle a minha, que segundo tinha claro o entendimento o houvera de fazer christão.» (p. 241.) Depois da sua morte, o pobre captivo começou a soffrer mil generos de afflicções, e, como elle diz «por minha consolação lá fiz um dia este Soneto:

Se lá no tribunal vosso sagrado
Onde tudo o que de cá está presente,
Este castigo tinha justamente
Em pena de meu erro aparelhado;

E se a mim, Senhor, de meu passado
Quereis fazer alheio e penitente,
Com o que agora aqui minha alma sente
Cumpra-se em mim, meu Deos, vosso mandado.

Que assás misericordia usais commigo,
Curar-me aqui meu mal com o que peno,
Em quanto tem remedio estes erpes.

Mas d'esta gente má e reino imigo,
Me livrai, meu Deos, que tem veneno
Mortifero e pior que o das serpes.
(*Misc.*, p. 244.)

«N'este comenos me foi dada uma carta do padre Frey João meu irmão, em que me dizia que me vinha credito por via de um mercador de Cales a outro que estava na Aduana de Fez, George Lopes, té dous mil cruzados, pera meu resgate (o que vindo a saber, por via do christão que vos disse comprara em mim um quinhão, fiquei impossibilitado de poder vir por resgate, porque não havia falar em menos de doze mil cruzados.» (*ib.*, p. 242.) N'esta collisão resolveram os quatro possuidores do captivo metel-o a tratos; Miguel Leitão refugiou-se em casa da viuva do seu antigo senhor algimiado e lhe fez um discurso sentimental, mostrando-lhe que não pagava mais pelo resgate, porque realmente não possuia; o modo como se lhe dirigiu é altamente pitoresco: «que olhasse ella para uns passarinhos que alli

tinha n'uma gaiola, que por mais mimos que lhe fizesse, antes queriam sua liberdade, emtanto que por ella se deixavam morrer de paixão, quanto mais um homem sem nenhuma consolação senão carregado de ferros e mil outras miserias, por onde quem podia desejar mais minha liberdade que eu, que pois me soffria com meu cativeiro que me deixassem com elle que assás bastava de mal, e tanto lhe disse que a *lella* (que assi chamam as senhoras como Dom) deitou muitas lagrimas de compaixão e me fez assentar a par de si...» (p. 244.) Este quadro lindissimo da vida do captiveiro lembra situações identicas e não mais bellamente descriptas por Vicente Espinel, que tambem estivera cativo em Africa; nos romances populares portuguezes ha este facto das filhas e mulheres dos mouros se enternecerem pelos seus cativos. Miguel Leitão, como elle confessa, era «moço de muita força» (p. 245) augmentada pela allucinação religiosa, e isso lhe serviu para emprehender um novo plano de fuga. Por mil difficuldades chegou a Fez o novo, e entre as mais inimaginaveis peripecias chegou a quebrar os ferros e a contractar com os contrabandistas de captivos que tinham feito voltar ao reino a Christovam Falcão de Sousa, filho bastardo do auctor do *Crisfal.* (p. 259.) Quando na fuga se encontrou com outro rancho de captivos, «ouvimos que fallavam portuguez e tocando em meu companheiro lhe disse: boa linguagem é aquella.» (p. 261.) «entramos a salvamento em Melilha, passando a bocca da sua lagoa n'um barco que lá acertou de estar...» (p. 63.) «Recebeu-nos em Melilha

o capitão que Antonio Texeda se chamava, com muito amor, provendo-nos todo o tempo que ali estivemos muito bem. E um padre da Trindade, portuguez, Frei André dos Anjos que ali estava, com camisas; e nos fomos ajuntando ali 80 captivos. — E emquanto aqui esperamos embarcação para Espanha, que foram quarenta dias, nos fazia mil afagos e festas por nos aliviar da dor que podiamos trazer.» (p. 267.) «Chegado a Melilha um navio de Malaga nos embarcamos n'elle outenta captivos que ali viemos fugidos... E navegando com bom vento a poucas leguas elle se mudou e nos deu um temporal norte, que todo nos levava a dar á costa nos penedos do Pinhão... e quiz nossa Senhora livrar-nos trazendo-nos a Malega onde desembarcamos e fomos em procissão...» (p. 272.) «D'aqui me parti para Portugal... cheguei a Almeirim onde El-rei Dom Anrique estava (1579)... vim vêr minha mãe e os meus a esta villa e sitio. E passando em Santarem na Torruja e falando em um barco acho n'elle acaso Pero d'Andrada, meu irmão e um cunhado Gaspar de Almeida que elle levava para receber uma minha irmã. E vinham de Lisboa de se aperceber do necessario para o recebimento. Vêde agora que alegria seria em todos, que juntos entramos pela porta a minha mãe, na qual todavia sem entrar, mas tomada a bençam, e visitado o santissimo sacramento na egreja do meu bautismo, me fui cumprir a novena a nossa Senhora da Conceição que na batalha prometti. Onde fui visitado dos parentes e naturaes todos da villa e termo, *té das donzellas* nobres, que com pretexto de romaria

me vinham todos visitar, e depois fiz a festa a nossa Senhora, que vos disse lhe promettera em Fez, que *minha mãe* tanto desejava cumprir, que *pedia a Deos a levasse logo, como já lhes* contei.» (p. 273.) De facto a 15 de Agosto de 1582, Miguel Leitão fez a promettida festa: «Porém não acabava eu de pôr em aso a festa, e nenhuma outra cousa minha mãe desejava mais, e pedia mui efficazmente a Deos que lha deixasse fazer, e a levasse logo para si como aconteceu. Porque feita a festa que durou tres dias, ao outro seguinte e na mesma noite contigua com a ultima hora das festas adoeceu com uma colica passio de que faleceu dentro em cinco dias... E porém do seu falecimento escrevi logo ao Padre Fr. João d'Andrada meu irmão... esta Elegia: (p. 134)

> Em que esta dura abscencia longa e triste
> Minha alma com dor grave tenha preza
> Cujo alivio, irmão, em vós consiste.
> ....
> Vejo-me triste, só, sem vêr agora
> Aquelle gasalhado e amor puro
> Aos da casa tão certo e aos de fóra...

Esta Elegia tem uma melancholia camoniana de uma alma que muito soffreu; o amor filial toma a expressão de um culto. Quando em 1594 Miguel Leitão viu abrir-se a sepultura de sua mãe para aí se enterrar seu irmão Pero d'Andrada, (p. 197) elle aspirou essa fragrancia ideal dos que crêem na santidade e na bemaventurança.

Foi no intervallo entre a chegada do captiveiro e a morte de sua mãe em 1582, que Miguel Leitão de

Andrada se lançou no partido da independencia nacional, abraçando a causa do Prior do Crato. A amisade por Camões data pelo menos da sua ida a Lisboa depois do captiveiro de Fez, porque na fuga de Coimbra mal pode apparelhar-se para embarcar na expedição. Em 1580 passou Miguel Leitão um dos maiores perigos da sua vida: «No tempo que o senhor Dom Antonio se levantou Rey, me achei com elle em Lisboa, por não poder escusar servil-o, sendo fidalgo de sua casa. Porém vendo entregar-se a fortaleza de São Gião a sua Magestade, me pareceu ir-me para o dito senhor, e indo já na Golegã, a meu parecer fóra já do perigo da pena de morte a todos os que se fossem de Lisboa, a qual executava cruelmente Manoel da Sylva, fronteiro de Santarem, ali me prenderam as justiças d'aquella Villa, pela dita ida e dar nova ser entregue a São Gião. Os quaes mandaram logo recado ao dito Manoel da Sylva para me mandarem assim preso a elle para fazer justiça de mim, e eu com a inquietação que podeis cuidar, e tendo tanto recado em mim, que de noite dormia o alcaide carcereiro ferrado em mim. Porém fingindo eu accidente de camaras, uma tarde me entrava e saía dentro n'uma casa escura, onde ao longe do chão fui com um prego escarnando a parede, pondo diante um cesto velho, a qual parede estava muito humida ao longo do chão, e indo e vindo muitas vezes fui tirando as pedras, té o outro dia á noite, que pude escapar-me, deixando todos os que alli estavam jogando com o alcaide.» (p. 85.)

Foi depois de todos estes immensos lances, que procurou a tranquilidade moral no casamento; amava muito sua mulher Britis de Andrade «assi por parente Andrade que he o mesmo que *Andrada,* e por honestissima e ornada de muitas virtudes, como quem se havia criado na visinhança e doutrina dos Padres de San Roque de Lisboa, da Companhia de Jesus, nas casas da quinta de seu pae Nicolau de Altero.» (p. 277.) A mãe de sua mulher chamava-se D. Margarida Ribeira de Vasconcellos. (p. 524.) Em outro logar fala Miguel Leitão de Andrada do naufragio da Náo Santa Clara em 1573, onde morreu seu irmão Lourenço de Andrada, e o que devia ser seu cunhado Luiz de Alter d'Andrade: «outro meu irmão menor... que se chamava Lourenço de Andrada, que depois se perdeu indo para a India, na costa do Brazil na Náo Santa Clara, que ali se perdeu (capitão Luiz d'Alter de Andrade, nosso parente, com cuja irmã, Britis d'Andrada eu casei depois.» (p. 75.) Sabe-se que o naufragio foi em 1573, porque no *Indice de toda a Fazenda,* se encontra na Armada que partira a 4 e a 19 de Abril o nome de *Luiz Daltér* capitaneando a Náo Santa Clara, e sem a data de torna viagem. (1)

Pelo muito amor que Miguel Leitão tinha a sua mulher conservou-se na viuvez, occasionando-se por isso um outro desastre, que o ia perdendo irremediavelmente: «*Por* falecimento de minha mulher Britis de Andrade

(1) *Op. cit.,* p. 172.

que Deos tem, me deixei estar sete ou outo annos viuvo, (cousa que a ninguem aconselharia, homem nem mulher, senão que havendo de casar-se, case logo por evitar mil inconvenientes...» (p. 275.) Quaes foram esses inconvenientes? elle continúa: «he-me forçado contarvos como me foi imputada uma morte, não mais que por ser apressada, sobre que houve grandes exames por um Corregedor da côrte, *com medicos e parteiras,* e mil perguntas perigosissimas e barrancos, ou laços em que cahir, vos não quero contar; porém tão persuadida ficou esta morte, do Viso-rei e dos tribunaes todos, e de todo o povo em geral, que não havia cuidar outra cousa... Porque sendo as partes muito poderosas, de que alguns eram Desembargadores principaes e Corregedores, e tendo grandes correlações com os tribunaes todos, té no concelho de Castella, me mandou o Viso-rei prender com carta de seguro, escrevendo logo a sua magestade mandasse que sem embargo d'ella me livrasse da cadeia, summariamente, porque não era caso o meu a que devesse valer nenhum favor das leis. O que sabendo eu por via do bom conde de Linhares D. Fernando de Noronha... escrevi tambem el-rei... mandou sua Magestade se me fizesse justiça ordinaria, a cabo de *cinco mezes de Limoeiro.* E no mesmo dia que fui solto se tinha levantado grande rumor em toda a cidade me tiravam a degolar.» (p. 286-8.) Depois da liberdade recobrada, Miguel Leitão, sempre fervoroso e poeta ajoelhou-se diante d'um crucifixo «com algumas palavras áquelle *modo* de romance de Don Diego Ordeñes de Lara, o

Bravo, na morte de el-rei Dom Sancho, sobre Çamora, que diz:

> Hincado está de rodillas
> Con un crucifixo hablando,
> Las palabras que dizia
> Son de hombre muy lastimado:
> —Bien sabeis, vós Señor mio,
> La verdad de aqueste caso...»

Miguel Leitão de Andrada ficou «morando junto á Sé de Lisboa»; (p. 84) na certidão genealogica passada pelo Guarda-mór da Torre do Tombo em 18 de Março de 1602, aí diz: «Miguel Leitão de Andrada, Commendador da ordem de Christo, e é morador n'esta cidade de Lisboa, e meu visinho...» (p. 613.)

Na sua primeira educação na villa de Pedrogam recebeu elle as primeiras noções e gosto da poesia pelo mystico e poeta Frei Nicoláo Dias; a este padre se dirigia o poeta encarecendo-lhe o seu retiro:

> O espirito que subir ao céo pretende
> Julgando o mundo cá por cousa estreita,
> E por seguir a via mais direita
> Que a elle guia: aqui se encerra e prende. (p. 150.)

Frei Nicoláo Dias contava-lhe os seus desgostos, originados pelos conflictos politicos da morte de Dom Sebastião e ambições do Prior do Crato, e prorompia nos mais inspirados hymnos espirituaes, que Miguel Leitão recolheu na *Miscellanea*. Talvez pela sua amisade no captiveiro com Diogo Bernardes e com Fernão

Alvares do Oriente, veiu Miguel Leitão a imprimir á admiração por Camões um santo fervor, que o fez recolher tambem algumas obras ineditas na *Miscellanea*, e a imitar-lhe o estylo. N'esse livro publicado aos setenta e quatro annos de sua edade, amalgamma de tradições portuguezas, de revelações historicas, de dados biographicos pessoaes, de credulas puerilidades devotas, encontram-se junto com as poesias do auctor, bastantes Sonetos e Canções do grande epico. A sua immensa fé religiosa não se encommodava com a alliança da mythologia com o christianismo, como o pedantismo hypocrita do padre Macedo; diz elle: «e por remedar a verdade de taes cousas, costume muito usado das falsas deidades querer remedar a verdadeira, como o diz Luiz de Camões, que fez Bacco em Mombaça, dizendo:

> Mas emfim, por derradeiro,
> O falso Deus adora o verdadeiro.»
> (*Miscell.*, p. 586.)

E a proposito de Mem Rodrigues de Vasconcellos: «que diz d'elle Luiz de Camões:

> Auto para mandal-os e regel-os,
> Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.» (ib., 920.)

Aquella formosa Canção ao pomar do Convento dominicano de Pedrogam, que Miguel Leitão traz na *Miscellanea,* (fl. 9) foi achada por Faria e Sousa em um manuscripto de Camões. Leitão recolhendo-a, não a dá *como sua*, por isso que usa a linguagem impessoal: «E

em louvor d'este pomar *se fez* esta Canção...» As Canções XIII, XIV e XV, que são as recolhidas por Leitão, foram publicadas como de Camões por D. Antonio Alvares da Cunha, com a seguinte nota: «As tres Canções seguintes andam com muitos erros impressas nas *Miscellaneas* de Miguel Leitão; é certo serem de Luiz de Camões, como se colhe de alguns manuscriptos a quem seguimos, e com quem emendamos.» Um argumento que fortalece a declaração do guarda-mór da Torre do Tombo, é acharem-se bastantes Sonetos de Camões egualmente dispersos pela *Miscellanea.* As variantes que apresentam, levam-nos a inferir que pertencem a uma primeira elaboração. Eis o Soneto CXXXII, segundo Leitão:

Nunca em amor damnou atrevimento, (1)
Favorece fortuna a ousadia, (2)
Que sempre a encolhida covardia (3)
De pedra serve ao livre pensamento.
Quem sobe ao estrellado firmamento (4)
Lá acha sua estrella que o guia; (5)
Que o bem que encerra em si a phantesia
São umas illusões que *as* leva o vento (6)
Abrir-se deve o passo á ventura, (7)
Ninguem sem si mesmo haverá ditoso; (8)
Os principios sómente a sorte os move.

(1) Nunca em amor damnou *o* atrevimento. Cam. Ed. 1668.
(2) Favorece *a* fortuna a ousadia. *Ib.*
(3) *Porque* sempre a encolhida covardia. *Ib.*
(4) Quem *se eleva ao sublime* firmamento. *Ib.*
(5) *A estrella n'elle encontra que lhe he* guia. *Ib.*
(6) São umas illusões que leva o vento. *Ib.*
(7) *Abrir-se devem passos* á ventura. *Ib.*
(8) *Sem si proprio ninguem será* ditoso. Ib.

Atrever-se é valor e não loucura,
Perderá por covarde o venturoso
O bem que vossa graça dar-lhe póde. (1)
(*Miscell.*, p. 371.)

O Soneto de Camões: *Se me vem tanta gloria só de olhar-te* (Son. CXLVIII) vem reproduzido em castelhano por Miguel Leitão. (*Misc.*, p. 385.) O Soneto: *De quantas graças tinha a natureza* (CXXXI) traz algumas variantes na *Miscellanea.* (p. 337). O Soneto: *He o gosado bem em agua escripto,* (CXXX) acha-se menos correcto na *Miscellanea.* (p. 366.) Esse inimitavel Soneto: *Huma admiravel herva se conhece* (CXXVII) é recolhido por Leitão de Andrada com a primeira estrophe completamente alterada:

Nascendo o sol do mar, logo apparece
Uma erva que o segue d'hora em hora;
Saindo das ondas do Euphrates fóra
E estando no meio céo toda florece. (2)

O pensamento d'este Soneto já se encontra nas Redondilhas de Camões. O Soneto: *Este terreste cáos com seus vapores,* (CXXVII) acha-se tambem na *Miscellanea.* (p. 361.) O Soneto: *Crescei desejo meu, pois que a ventura,* (CXXIX) reproduz-se na p. 365; quasi todos estes

(1) *Que nos vê se os temores não remove. Ib.*

(2) *Uma admiravel erva se conhece*
Que vae ao sol seguindo d'hora em ora,
Logo que elle do Euphrates se vê fóra,
E quando está mais alto, mais florece. (Cam. Ed. 1668.)

Sonetos pertencem ao grupo dos ineditos recolhidos por Dom Antonio Alvares da Cunha «que os trabalhos dos estudos nos trouxeram á mão de varios manuscriptos, *muitos da letra do proprio Auctor,*» como elle proprio confessa.

A *Miscellanea* de Miguel Leitão foi para elle um livro que se lhe tornou a sua biblia; vivia dentro da sua obra, aonde recolhia as recordações mais profundas de uma trabalhada existencia, as noticias que mais lhe despertavam a curiosidade, as poesias que mais lhe falavam ao sentimento, as tradições e memorias de familia e os casos maravilhosos do seu tempo. Elle fez emquanto o escreveu, o mesmo que Jacob Grimm quando nos ultimos annos da vida folheava a sua *Grammatica allemã;* recolheu aí as suas mais constantes preoccupações. Pode-se dizer da *Miscellanea,* que ella foi para Miguel Leitão de Andrada: *O seu Livro,* com o sentido que Michelet dá a esta phrase: «em que muitas vezes se lê mais do que diz, e muitas vezes, inteiramente o contrario.» (1)

(1) *Nos Fils,* p. 359.

CAPITULO XI

Dom Gonçalo Coutinho — Dom Simão da Silveira — Vasco Mousinho Castelbranco

Ocios litterarios de Dom Gonçalo Coutinho na sua quinta dos Vaqueiros. — Relações poeticas com Diogo Bernardes. — A *Armia* celebrada nos seus versos, foi sua mulher D. Maria de Oliveira. — Explicação do emblema *Mihi Taxus.* — Soneto inedito de Dom Gonçalo Coutinho no *Cancioneiro* de Luiz Franco. — Versos de D. Gonçalo Coutinho dispersos nas obras de Bernardes. — A sua continuação do *Palmeirim de Inglaterra.* = Dom Simão da Silveira, tambem amigo de Camões. — Versos seus nas obras de Ferreira, e no *Cancioneiro* de Luiz Franco. — Caracter chistoso de Dom Simão da Silveira e analogias de indole com Luiz de Camões. — A vida anecdotica de D. Simão da Silveira na *Arte de Galanteria,* nos *Apologos dialogaes,* e *Apophthegmas.* — Dona Guiomar Henriques celebrada nos seus versos. = Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco imita Camões nas suas obras lyricas. — Seu caracter poetico. — Relações com Pedro Mariz e sua influencia na admiração de Camões. — Balthazar Estaço abraça por 1590 a eschola de Camões. — O dialogismo camoniano torna-se o principal defeito da eschola pela excessiva imitação.

Dom Gonçalo Coutinho, filho de D. Gastão Coutinho e D. Philippa de Sousa, depois de uma vida tempestuosa, recolheu-se á sua quinta dos Vaqueiros, aonde se entregava aos mais aprazíveis ocios litterarios. Aqui o procuravam as novas agradaveis, como descreve Bernardes:

> **Do mal ahi mais tarde a nova sôa;**
> ***Do bem hi vol-o manda o bom amigo,***
> ***Ou seja de Madrid, ou de Lisboa.***
>
> **(Carta xxvii.)**

Em Madrid, tinha Dom Gonçalo Coutinho intimidade com Don Luiz de Gongora, a quem informava do movimento litterario de Portugal. No juizo que traz Dom Francisco Manoel de Mello ácerca dos *Idyllios maritimos* de Antonio Gomes de Oliveira, abona-se com a auctoridade de Dom Gonçalo Coutinho: «este poeta foi o primeiro que trouxe a Portugal a cultura dos versos aureos, de que agora nos vestimos.—Dizeis verdade, e eu me lembro, que Don Luiz de Gongora me mostrou um exemplar d'esse livro é carta de seu auctor, *communicada por Dom Gonçallo Coutinho*, grande entre os vossos sugeitos, em prosa e verso; sabio Ministro, e déstro Capitão (como se não fale do livro que compôz da sua *Jornada e Governo d'Africa*, que estas são outras mil e quinhentas) mas tambem me não esqueça de que o Gongora sendo soberbo e desabrido assás, respeitou notavelmente esta composição de Oliveira.». (1)

Na Carta XXVII de Bernardes, dirigida: «*A Dom Gonçalo Coutinho, estando em uma sua quinta, que chamam dos Vaqueiros*» vem descripta esta agradavel vivenda:

Ahi segundo meu entendimento
De mais alegre vida vos lograes,
Que quantos d'ella têm contentamento.

Aí, quando quereis caçar, caçaes
Pêga com gavião, com galgo lebre,
A poucos passos que pelo campo daes.

(1) *Hospital das Letras*, p. 385.

Ahi pouco vos dá que as pazes quebre
O Califa d'Egypto e o Saladino,
Nem que o Preste João morra de febre.

E menos que Reynaldos paladino
Vá por amor de Angelica la bella,
Á Serra d'Ossa a se meter beguino.

Aí, sem passar mar, nem mudar sella,
Vereis pintado o mundo ou por escripto
Em Plinio, Tollomeu, Pomponio Mella.

. . . .

Aí viveis emfim sem cerimonia,
E lêdes, sem estorvo, um dia todo
Sem vos ser necessaria Celidonia.

. . . .

Foi liberal em tudo a natureza
Com essa vossa quinta dos Vaqueiros,
E deu-lhe inda comvosco mór riqueza...

Emfim, senhor, vós escolhestes bem;
Seja por uma via ou outra via,
Tal vida por agora vos convem.

Concede-vos aí a noite e o dia
Branda conversação, casta, suave,
Com vossa bella esposa em companhia;

Ella do peito seu vos deu a chave,
Vós lh'a destes tambem do peito vosso,
E assi não tem amor de que se aggrave.

Estas ultimas estancias de Bernardes explicam-nos o sentido dos poucos versos que restam de Dom Gonçalo Coutinho; *Armia,* era o nome poetico com que celebrava a dama que foi sua esposa, D. Maria de Oliveira, filha do Dr. Manoel de Oliveira, Desembargador do Paço e Juiz da Fazenda de el-rei Dom Sebastião. *No Cancioneiro* de Luiz Franco Corrêa, (fl. 140, *v.)* en-

ı-se um Soneto inedito de Dom Gonçalo Coutinho
s amores. Por occasião de haver restaurado a se-
ra de Camões em 1594, Luiz Franco celebrara
llustre fidalgo como Mecenas na morte do poeta;
relações nos mostram como lhe poderia ter che-
á mão o seguinte Soneto que recolheu no seu *Can-*
ro:

> *Armia* mia, si te contar pudiese
> el mal de que me veo rodeado,
> descansaria yo y mi cuidado
> y el esperança triste que fenece.
>
> Mas que hara el anima que padece
> y va perdiendo el ser que Dios le ha dado,
> y fortuna y amor y mas mi hado,
> de todos mis placeres la empoblece.
>
> Si desto que aqui ves eres servida
> y nadie sino tu puedes librarme,
> porque no le hazes, di, fiera leona?
>
> Ora acaba, cruel, mi triste vida,
> que con yo morir y tu matarme,
> no asde ganar victoria ni corona.

Tendo Luiz Franco Corrêa terminado a sua recopi-
o em 1589, podemos sobre esta data determinar a
a em que Dom Gonçalo Coutinho se entregára á
ação da eschola camoniana. Por este Soneto, se vê
no fim do seculo XVI era uma monomania geral o
ever-se em castelhano; o proprio Manoel de Faria
usa, que abandonou quasi completamente a lingua
ugueza, não deixou de condemnar este achaque:
yen della muchos, *que estando* en el (reino de Por-

tugal) y escreviendo en la castellana, muestran claramente que no saben ninguna. Duelome de que siendo tan parecidas estas dos lenguas no se entienda la Portuguesa en Castilla.» (1) Em nome de *um Amigo,* andam nas *Rimas varias,* de Bernardes, algumas composições de Dom Gonçalo Coutinho, talvez as unicas sobre que se pode formar juizo, porque o manuscripto das suas Obras, que se guardava na Bibliotheca do Duque de Lafões, está perdido. Em umas Sextinas, em que responde *pelas mesmas palavras* a outra de Bernardes, confessa dever-lhe direcção no seu gosto pela poesia:

> Como posso eu deixar do louro verde
> O premio conseguir, oh novo Phebo,
> *Se vós me daes a mão pera ir ao monte*
> *Do qual nunca acertar soube o caminho?* (2)

Em um Soneto portuguez *ao mesmo amigo,* a quem endereçara as Sextinas em resposta, fala Dom Gonçalo Coutinho dos seus amores:

> *Armia* do meu mal está-se rindo;
> Tu, Diogo, tambem segundo vejo;
> E eu estou chorando mais que o Tejo
> Mais que Ganges, que Euphrates, Nilo e Indo.
>
> Estou comtigo em parte desavindo
> Pelo que me escreveste tão sem pejo,
> Em que mostras cuidar que o meu desejo
> Fóra d'*Armia* mais me está pedindo.

(1) *Fuente d'Aganipe,* 3.ª P. Madrid, 1626.
(2) *Rimas varias,* p. 97. Ed. 1770.

Se tens do meu amor este conceito,
Erraste contra o amor mais firme e puro
Que no mundo se teve a criatura.

Rompe com seixo, amigo, esse teu peito,
Pede perdão da culpa, que eu te juro,
Que póde *Armia* estar de mim segura.

Bernardes respondendo pelas mesmas consoantes, termina graciosamente:

Eu nunca de ti tive máo conceito,
Nem tu tens porque deixes de ser puro
Amando o Creador na criatura.

Armia reine só n'esse teu peito,
Pois tu reinas no seu; porque te juro
Que fóra d'isto não ha cousa segura.

Dom Gonçalo Coutinho fazia de Bernardes o confidente dos seus amores; consultava-o nos seus desgostos, como se vê d'este Soneto:

Diogo, amigo meu, meu bom Diogo,
Pois d'amor tens cantado variamente,
Ora em estado triste, ora em contente,
Que um conselho me queiras dar, te rogo:

Abrazo-me de amor em vivo fogo;
E aquisto que mais alma triste sente,
É ver tão fria a causa do accidente,
Que está d'este meu mal fazendo jogo.

Dei já de meu amor mil claras provas,
Com lagrimas cem mil tenho lavado
A culpa que me deu a minha *Armia*.

Estas da vida minha são as novas;
Aconselha-me tu, se n'este estado
De meu remedio tenho melhoría?

Estes Sonetos são indubitavelmente de Dom Gonçalo Coutinho, e a este illustre personagem respondia Bernardes, como se vê n'este em que se descrevem as mais intimas relações litterarias:

Coutinho, em tudo puro, em tudo brando,
E nos amores teus mais brando e puro;
Que com felice engenho o pé seguro
Moves pelo Parnaso caminhando.

Nos teus versos que li e fui notando,
Nenhum disforme achei, nenhum escuro,
Nenhum sobejo ou falto, frio ou duro;
Mercê d'Apollo que te vae guiando.

Por isso não desistas do caminho
Em que te poz amor...........
(Son. CXXXVIII.)

No Soneto CXXXIX de Bernardes, é ainda mais clara a allusão a Dom Gonçalo Coutinho, na occasião em que saíra da côrte:

Tantos dias tão máos, tantos chuveiros
Des que d'aqui, senhor, vos ausentastes;
Desejo de saber se os passastes
Na vossa dos *Vaqueiros* com vaqueiros.

Mas se por entre moutas e lameiros
Só co'as brandas musas conversastes,
Dizei-me quantos versos lá deixastes
Escriptos nas cortiças dos salgueiros.

Que bem se deve crêr que amor daria
Materia saudosa a vosso engenho,
Não vendo a vossa clara e bella *Armia*...

Tanto o *Lima,* como as *Rimas varias* de Bernardes, foram publicadas em 1596; portanto a epoca dos amores, e da actividade poetica de Dom Gonçalo Coutinho fica aproximadamente fixada. Quando Dom Gonçalo Coutinho deu sepultura honrada a Camões, em 1594, foi a seu pedido que Bernardes celebrou esse genio de quem pretendeu julgar-se rival; Bernardes continuou a intimidade com o generoso admirador de Camões, e quando este escreveu a pequena mas preciosa biographia de Sá de Miranda, foi ainda Bernardes quem lhe communicou as preciosas tradições da vida honrada d'aquelle quinhentista iniciador. Que aproveitaveis paginas historicas da vida de Camões recolheria Dom Gonçalo Coutinho, se consultasse os amigos do poeta, com quem tinha intimidade! Não nos poderia ter revelado esse caracter generoso, visto que, segundo a tradição conservada por Barbosa, (1) o hospedára tantas vezes na sua quinta dos Vaqueiros? A unica prova com que se authentica esta tradição está n'esses versos de Manoel de Sousa Coutinho, em que allude á amisade pessoal:

Ac velut Orphæo revocasti munere *amicum.*

(1) «Conseguiu contrahir estreita amisade com o insigne Luiz de Camões... que muitas vezes o tinha por hospede na sua quinta dos Vaqueiros...» *Bibl. Luz.,* t. II, p. 392.

Quando se publicou a primeira edição das *Rimas* de Camões, em 1595, dedicada a Dom Gonçalo Coutinho, Estevam Lopes adoptou para o fronstispicio do livro o emblema d'este illustre amigo do poeta, que é uma oliveira com a legenda: *Mihi Taxus.* O sentido do emblema liga-se aos amores do poeta; do seu casamento com Dona Maria de Oliveira não houve filhos, e por isso adoptou a oliveira fecunda com a letra de que — para elle era esteril como o teixo.

A vida politica de Dom Gonçalo Coutinho foi importantissima; como Cesar alliou a penna com a espada, governando a Africa e escrevendo a sua jornada; foi governador do reino do Algarve, e do Conselho de Estado de Philippe III; enunciamos estas circumstancias para que se conheça o alcance da homenagem publica prestada por elle a Camões. Tendo sido amigo pessoal de Camões, justifica-se de lhe não ter accudido nos ultimos instantes da vida, porque estava ausente de Lisboa, como se sabe pela declaração do traductor italiano Carlo Antonio Paggi (1); o interesse com que restaurou a sepultura do poeta foi como uma reparação d'esta divida em que ficara. Dom Gonçalo Coutinho morreu em 1634; as suas obras poeticas ficaram ineditas na livraria do Cardeal Sousa, e existiam em 1747 na livraria

(1) «Giacquero l'ossa, secondo molti, in vergognoso e aperto piu campo, che cimitero, se non insepolte, certamente senza honore de sepoltura, finche da *D. Gonsalvo Cottigno suo stretto amigo, stato absente alla sua morte,* ritrovate à gran fatica, e ritirate nella contigua chiesola di Santa Anna...» *Lusiada italiana.*

do Duque de Lafões, d'onde se perderam pela occasião do terremoto. Na livraria de D. Antonio Alvares da Cunha, guardava-se uma collecção das suas Cartas manuscriptas, aonde por ventura haveriam algumas com referencia a Camões. Na livraria de João Saldanha, segundo a affirmação do Padre Francisco da Cruz nas *Memorias manuscriptas para a Bibliotheca lusitana*, guardava-se uma extensa novella de cavalleria em tres tomos, intitulada *Historia de Palmeirim de Inglaterra e de Dom Duardos*, escripta por Dom Gonçalo Coutinho. A continuação extemporanea do *Palmeirim* provém de um prurido novellesco que atacou a aristocracia no fim do seculo XVI; até o chistoso Dom Simão da Silveira, que tantos annos galanteára a fria D. Guiomar Henriques, na noite do seu casamento se esqueceu da esposa a lêr o *Palmeirim de Inglaterra.*

Dom Simão da Silveira é tambem um dos raros poetas do seculo XVI, que se atreveram a citar o nome de Camões. Entre os Sonetos de Camões recolhidos de ineditos por Dom Antonio Alvares da Cunha, (*Rim.* P. III, n.º 10) vem um: «*A Dom Simão da Silveira em resposta de outro seu, pelas mesmas consoantes, mandando-lhe perguntar quem fôra o primeiro Poeta que fizera Sonetos.*» Esta simples rubrica nos leva a inferir as suas relações litterarias, e portanto a recolher com interesse o pouco que resta de Dom Simão da Silveira. Antes de tudo importa separar este poeta, amigo de Camões, de outro Dom Simão da Silveira que em 1510 figurava já como poeta no *Cancioneiro* de Resende, e

que Barbosa Machado confunde na *Bibliotheca Lusitana.* (1) O poeta do *Cancioneiro* era filho segundo de Nuno Martins da Silveira e de D. Philippa de Vilhena; e irmão do celebre poeta Dom Luiz da Silveira, o valido de Dom João III; (2) o amigo de Camões era filho do afamado Dom Luiz da Silveira e de D. Brites Coutinho. Na Carta X, do livro II dos *Poemas luzitanos,* do Dr. Antonio Ferreira, dirigida a este Dom Simão da Silveira, o illustre quinhentista lembra-lhe os talentos poeticos de seu pae, para o incitar a escrever segundo o gosto da eschola italiana:

> Accrescenta dos teus á larga historia,
> Brandas Musas. Eu vejo o glorioso
> *Gram Conde* encommendar-te sua memoria.
>
> *Clarissimo Luiz,* raio luminoso,
> Marte nas armas, Apollo entre as Musas,
> Mas por ti, Simão, inda mais ditoso.
>
> Ao som da lyra de que tão bem usas,
> Vae á verde hera entretecendo o louro
> Que já honrou Mantua, Esmyrna e Syracusas.
> Em ti nos mostra Apollo o seu thezouro.

Esta ultima estrophe da Carta de Ferreira allude a tentativas feitas por Dom Simão da Silveira na fórma epica; de facto, entre os seus manuscriptos enumera

(1) Esta mesma confusão se dá com Ayres Telles de Menezes, como vimos no cap. V.

(2) A biographia d'este *Dom Simão da Silveira,* vem nos *Poetas palacianos,* p. 401 a 406.

Barbosa um *Livro de Cavallerias,* em outava rima, imitação do espirito e estructura do *Orlando furioso,* que se deve julgar escripto muito antes de 1569. Dom Simão da Silveira foi um dos mais valentes campeões nas luctas da introducção da Eschola italiana em Portugal, e era a elle que Ferreira dirigia as regras da nova poetica, que formulou admiravelmente na Carta X. (1) A importancia litteraria de Dom Simão da Silveira, conhece-se por esta exaltação sincera de Ferreira:

> *Dom Simão da Silveira* (este só nome
> Passe por claro titulo, em quem Marte
> Sempre igual honra, igual Apollo tome.)
>
> . . . .
>
> Nas brandas Musas, que tu honras tanto
> Mal o humilde meu verso se despeja
> Furtado ora a suspiros, ora ó pranto.

Dom Simão da Silveira, do mesmo modo que Ferreira, adoptava com relação á poetica de redondilha o juizo:

> Eu por cego costume não me movo:
> Vêjo vir novo lume da Toscana,
> N'este arço; *a antiga Hespanha deixo ao povo.*

Portanto não é a este poeta que pertence o Vilancete

(1) *Historia dos Quinhentistas,* p. 161.

que anda glosado nas obras de Sá de Miranda com a rubrica: *A este vilancete de D. Simão da Silveira:*

> Tu presencia deseada
> Zagala desconocida
> Di, porque la has escondida? (1)

Não só o Vilancete, mas a glosa de Francisco de Sá de Menezes e ajuda de Sá de Miranda, pertencem á velha poetica do *Cancioneiro* de Resende; o Dom Simão da Silveira, confundido por Barbosa Machado, é aquelle que já deixámos estudado nos *Poetas palacianos.*

A epoca da actividade poetica de Dom Simão da Silveira deve fixar-se antes de 1567, quando a eschola italiana estava no seu maior vigor. Segundo Barbosa, publicou elle em 1567 duas Elegias uma *Ao Bom ladrão,* outra *Á Magdalena.* Entre os versos de Ferreira encontra-se um sentido Soneto de Dom Simão da Silveira, escripto á morte de D. Maria Pimentel em 1568. Transcrevemol-o como um dos poucos documentos que restam do seu talento poetico, e principalmente do seu caracter bondoso; Ferreira estava desoladissimo pela morte de sua mulher:

> Sepultado em tristeza, em dor, em pranto,
> Esquecido das Musas e de ti,
> Te vejo sem alegria estar assi
> Como aquelle, a que deu pasmo e espanto.

(1) *Obras* de Sá de Miranda, p. 410. Ed. 1804.

Vejo a casa em que estás, de cada canto
Tremer; vejo-a chorar, vejo d'aqui
Esse rio, esse monte, o céo por ti
Coberto estar de negro e escuro manto.

Não reine, Antonio, em ti tal desatino;
Deixa lagrimas vãs, põe fim ás dores,
Asserena o sembrante triste e escuro.

Enche teu peito suave e peregrino
D'outro desejo mais são, d'outros amores,
Com que em ti, sem temeres vivas seguro (1)

O Dr. Antonio Ferreira agradece-lhe a sinceridade
s seus consolos, e descreve o bem estar moral que re-
›eu com as suas palavras:

Desfeito o sprito em vento, o corpo em pranto;
Tam poderosamente fui de ti
Chamado, que tornei, Simão, assi
Como da morte á vida, em novo espanto.

Ergueste, doce Orpheo, c'o teu bom canto
Um sprito morto, a cujo som d'aqui
S'alçou todo ar escuro, e só por ti
Rompi d'alta tristeza o grosso manto.

No *Cancioneiro* recolhido por Luiz Franco Corrêa,
n um Soneto de Dom Simão da Silveira agradecendo
[eronymo Côrte-Real uma Epistola que acompanhava
ia *Pintura da Mocidade e da Velhice*. Reproduzimol-o
r ser inteiramente inedito:

(1) Apud *Poem. Luz.*, Son. 12, liv. 2.

Pueden ser vuestras Musas comparadas,
grande Corte Real, a las saettas
que al Pio Eneas fueran tan acetas
y en honra de su padre disparadas.

La que rompió la cuerda, es las fundadas
canciones que tañeis mas que perfettas,
con que rompeis las cuerdas, y discretas
almas, del son suave lastimadas.

Y la que la paloma libre mata
vuestro noble pinzel, que ha traspasado
al alto Apelles y abatido al suelo.

La que en divino fuego se desata
es vuestro verso heroico y celebrado
que se quema las plumas en el cielo. (1)

No *Cancioneiro* do Padre Pedro Ribeiro, encontrou Barbosa em nome de Dom Simão da Silveira um Soneto que começava:

Cese, Señora, ya tu dura mano, etc.

N'este mesmo *Cancioneiro* se encontravam poesias de Simão Rodrigues da Veiga, hoje totalmente ignorado.

Na *Historia Genealogica,* de Dom Antonio Caetano de Sousa, vem fixada a morte de Dom Simão da Silveira em 1575. (2) As relações de amisade com Camões poderiam ter sido estabelecidas antes da partida para a India; a pergunta ácerca de quem foi o primeiro que

(1) *Canc. Ms.,* de Luiz Franco, fl. 156.
(2) *Op. cit.,* t. XII, p. 375; ou em 1574, ib., p. 41.

escreveu Sonetos, revela-nos o fervor das novas intelligencias que abraçaram a eschola italiana. O caracter de Camões tem uma certa analogia com o de Dom Simão da Silveira, conhecido principalmente nas tradições do seculo XVI pelo seu genio aventuroso e engraçado. Na *Arte de Galanteria,* nos *Apologos dialogaes* e nas *Apophtegmas* de Supico, lêem-se bastantes anedoctas da vida de Dom Simão da Silveira, que lhe dão uma certa feição camoniana, e que explicam a mutua sympathia. Eis como o pinta Dom Francisco Manoel: «Por esta assistencia que se deve á presença das damas, succederam aquellas duas historias tão galantes ao nosso grande cortezão Dom Simão da Silveira... era costume dos fidalgos fazerem terreiro ás damas de sorte que estando alguma á janella, nenhum mais passava adiante; pois como ellas folgassem de fazer travessuras a Dom Simão, um dia de grande sol se puzeram patentes, veiu elle e vendo tantos sóes descobertos parou como devia; foram-se acinte detendo, até, que não podendo já supportar a calma por estar sem gorra, de alli proprio negociou com dous moços, a quem deu dinheiro, atirassem muitas pedras ao balcão d'onde as damas estavam, que atemorisadas do assalto se recolheram; elle então deixou de pressa o pôsto com muita honra e maior graça.» Em tudo se revelava o bom humor do poeta: «Começou a chover passeando D. Simão a cavallo n'este terreiro do Paço; vendo-o as Damas se foram amostrar em parte donde elle pelas vêr não pudesse deixar o passeio: porém, como a malicia fosse descuberta, e encu-

berta a tarde, fez elle o giro maior um pouco e mandando subir um mouro seu no cavallo, trocou com elle a capa e chapéo; logo lhe ordenou que passeasse emquanto as Damas o vissem, e elle subiu exuto a seu salvo ás varandas do paço: era grande o gosto que havia nas Damas de verem molhar ao fingido Dom Simão, e o verdadeiro tinha muito maior contentamento do engano que fazia a quem folgava de lhe dar desgostos: porém, sabida depois a galante trapaça e falsa fineza, foi de todos muito festejada e as Damas pediram treguas.» (1) Camões seguia tambem este systema chistoso de galantear as damas do paço, como se sabe pelas varias rubricas das Redondilhas. O caracter de Dom Simão da Silveira, era triste como se prova pelos desgostos de familia, vendo morrer quasi todos os seus filhos, um em um duello em Almeirim, e tres nas guerras da India; (2) o chiste era um esforço de quem se queria aturdir.

As principaes anecdotas da vida de Dom Simão da Silveira foram passadas por causa d'essa longa e resignada paixão pela dama da rainha D. Catherina, Dona Guiomar Henriques, filha de Simão Freire. Lê-se na *Arte de Galanteria* a este proposito: «muy calificado hombre de corte, y eralo el tanto, que admirado por Don Diogo de Mendoza, (3) le dize en una Epistola suya:

(1) *Apologos Dialogaes*, p. 281.
(2) Couto, *Decada X*.
(3) A maior parte das suas Obras acha-se recolhida no *Cancioneiro* de Luiz Franco, fl. 157 a 198.

Dona Guiomar, deveria tu deidad
Hazer algun regalo a *Don Simon*,
Pues la merece bien su voluntad.

«Estando en conversacion, Cardenales y Embaxadores, vinose a tratar de las cosas mas celebres del mundo; cada uno encarecia las cosas mas notables del; Don Simon dixo: que la que estava delante de todas y era mas para admirar era una puente de tablas viejas de Palacio al mar, por donde se embarcava en el la senhora D. Guiomar, y no sufria que se hablasse nadie sin que se tratasse d'ella. D. Diego de Mendoza guardou esta regra:

Dona Guiomar Anriques sea loada
Ante todo el principio, que sin ella
Cosa no puede ser bien empeçada...» (1)

D. Simão da Silveira era um cavalleiro extemporaneo, a quem a sociedade aristocratica, mas burgueza nos costumes, apenas achava graça; assim como elle escrevia poemas cavalheirescos, tomava tambem a serio as novellas de *Amadis de Gaula* e *Palmeirim de Inglaterra*. A *Arte de Galanteria* retrata-o com esta ingenuidade: «mysterioso es aquel de *Amadis de Gaula*, libro que dexó introduzida la imitacion de lo que no era como historia que fué; vino un cavallero muy principal para su casa y halló a su muger y hijas y criadas llorando; sobresaltose y préguntóle muy congoxado: si algun hijo

(1) *Arte de Galanteria*, p. 69. Ed. 1682.

ó deudo se les havia muerto? Respondiron ahogadas en lagrimas, que no. Replicó mas confuso: Pues porque lloraes? dixeronle: Señor, hase muerto *Amadis.*—Don Simon de Silveira juraba sobre un Missal, que por aquelles santos Evangelios, que todo lo que alli se dezia era verdad, respeitado por primero y por bueno inventor de aquella secta de quimeras, leccion que entretiene tiempo perdido y trabajo, en muchos ingenios, e luzieran enfin Damas y Galanes en que tambien por lo que arremedan de finezas; nuestros portuguezes se adelantaron a todas las naciones en esto como en todo.» (1)

Nas *Apophthegmas,* de Pedro José Supico, vem quasi todas estas anedoctas de Dom Simão da Silveira, e entre outras as seguintes particularidades do seu amor e do seu caracter:

«Dom Simão da Silveira, filho segundo do Conde de Sortelha, foi cavalleiro muito bem entendido. Galanteava a D. Guiomar Henriques, dama da rainha D. Catherina; e foram estes amores mui celebres n'aquelle tempo pelo excessivo das finezas. Não lhe era a dama desaffeiçoada, mas não queria casar com elle por ser muito pobre; e vendo Dom Simão, estando em uma tarde assistindo-lhe, a um pobre debaixo das janellas do Palacio, que estava comendo uma cebola com um pedaço de pão, lhe perguntou se sustentava só com aquillo; e respondendo elle que sim, lhe disse em voz alta: Homem, pelo amor de Deus, que vás dizer á Se-

(1) *Ibid.,* p. 145.

nhora D. Guiomar Henriques, quam pouco basta para passar a vida. — Casou emfim com a tal senhora por quem fizera tantos extremos, tantas finezas de amor; e na primeira noite do dia das suas bodas, assim que se recolheram, pediu D. Simão uma vela e poz-se a lêr por *Palmeirim de Inglaterra,* no que gastou tanto tempo que parecendo desproposito á dama, lhe disse: Senhor, para isso casaste? Respondeu elle: E quem vos disse a vós, Senhora, que o casar era outra cousa? — Foi D. Guiomar mui ciosa de D. Simão; e tinha quem lhe revelava as casas donde elle entrava; pelo que dizia elle com graça, que namorara a huma Dama e casara com um Corregedor da Côrte.» (1) No celebre livro de Gonçalo Fernandes Trancoso, *Contos e Historias de proveito e exemplo,* escripto durante a *peste grande* de 1569 (2) allude-se a um Dom Simão como tendo por uma das suas subtilezas abrandado o odio do rei incitado contra elle; é no conto XVII, da parte I, que o fidalgo com o seu bom senso de Marculfo desarma a impetuosidade real. O conto de Trancoso tem todos os caracteristicos do typo popular (3), com só tres perguntas irrespondiveis, com a solução sensata e inesperada, e por isso, embora não seja allusivo a nenhum successo da vida de Dom Simão da Silveira, tem mais valor porque nos

(1) Supico, *Collecção de Apophthegmas,* P. II, liv. 1, n.º 57, Ed. 1733.

(2) Conto IX da Part. II, aonde vem manifesta a data.

(3) Na tradição oral existe ainda com o titulo de *Padre João Sem-cuidados.*

mostra como este jovial amigo de Camões, se ia tornando uma entidade legendaria.

O idealismo platonico das composições lyricas de Camões, que tanto o separa da primeira phase da eschola italiana em Portugal, foi desviado para a monotonia do mysticismo religioso pelos poetas que o tomaram como modello. Um dos que mais contribuiram para esta degeneração, foi Jorge da Silva, irmão do celebre e elegantissimo poeta latino o bispo Dom Miguel da Silva, que Dom João III perseguiu por ter acceitado sem o seu placito o cardinalato. Jorge da Silva é aquelle poeta de quem se conta a tradição amorosa de se ter apaixonado pela Infanta D. Maria, e a quem Camões fez o epigramma *Perdigão perdeu a penna;* (1) pelas suas relações com a casa dos Silvas, e principalmente pela convivencia do paço, Camões teve uma grande intimidade com Jorge da Silva. Mas a educação palaciana e o habito de poetar para as damas do paço na *medida velha,* fizeram com que Jorge da Silva nunca se entendesse bem com a metrificação endecasyllabica. André Falcão de Resende cita-o nos seus versos, mais pela piedade que o caracterisava do que pelos talentos poeticos; sabe-se que Jorge da Silva morreu na batalha de Alcacer Kibir. Eis um Soneto inedito de Jorge da Silva que confirma o nosso juizo litterario:

(1) *Hist. de Camões*, t. I, p. 126.

Todas as cousas têm seu proprio tempo,
Seu principio, seu fim e seu logar;
Tempo ha de rir, tempo ha de folgar,
Tempo de descanço, outro de tormento.

Abaste quanto me levou o vento,
Baste saber que o porvir ha de passar
Como o presente, nem me ha de ficar
Do prazer mais que o arrependimento.

Leve o mundo o que tem levado,
Já agora não quero bem, nem mal,
Nem desejo mais que vêr-me desatado.

O misero, o em que cousa mortal
Põe sua esperança, quam enganado,
Quam perdido se ha de vêr este tal. (1)

No Codice da Bibliotheca de Evora encontram-se ou-
as composições ineditas de Jorge da Silva em que a
acção religiosa sobrepuja o sentimento do poeta. Tran-
revemos aqui parte da « *Omilia feita a Madalena, ti-
da de origine, de Jorge da Silva:*

A Madalena ho seu Esposo buscava
já que vivo ho não esperava d'achar,
assi com ele morto se contentava;
ainda que se não fartava de o chorar
desejava de o ver na terra dura
pera con suas lagrimas o abrandar,

(1) Bibliotheca de Evora, *Cod.* $\frac{\text{CXIV}}{2-2}$ fl. 78. Devemos esta co-
ao nosso estimavel amigo Gabriel Victor do Monte Pereira,
nem que estuda sem alarde, e de quem as lettras portugue-
têm a esperar muito. O Codice aqui citado é um Ms. de
paginas bem conservado; contem grande numero de ver-
, trovas, cantigas, proverbios, em portuguez e castelhano;
neça com as Eglogas de Sá de Miranda.

ja sabia o bem quam pouco dura
e que ho tempo disfas toda lembrança
não ousava de se ir da sepultura;
ali chorava sua pouca confiança
chorava lembranças da sua dor
chorava sua perdida esperança

. . . .

. . . .

desejava em extremo de morrer
cuidando se assi morta veria
quem viva não esperava mais de ver;
sabia bem que ja nam perderia
cousa que a seu Mestre fosse igual
e que a dor chegara onde chegar podia

. . . .

. . . .

Ó forsa de amor quanto és forte,
que a hua *molher fraca e delicada*
fazes que desprese a dura morte.

. . . .

Mas o Sñor a quem não esquecia
tantas lagrimas por elle choradas
veiu consolar a quem tanto se doia.
Aquele socorro de desconsoladas,
aquela fonte viva de piadade,
aquele emparo de desemparadas

. . . .

apareceu-lhe em forma de ortelão
e disse-lhe: Molher porque choras agora?
que buscas com tanta dor e tanta paixão?

. . . .

Ouvindo Maria a voz de seu Sñor
vendo a quem tanto desejava ver
viu tambem o fim a sua grande dor.
A sua alma resurgiu com novo ser
com novo e com glorioso pensamento,
com novo e com desacostumado prazer.
ja não avia lembrança do tormento
nem chegou numqua a sua tristeza
onde chegou o seu contentamento. (1)

(1) Cod. cit. fl. 27. — Vid. tambem a *Elegia da Alma*, *no fim da Omelia do S. S.*, impressa em 1551.

Poetas como Balthazar Estaço, que conheceu perfeitamente a metrificação portugueza e tinha um evidente sentimento poetico, esterilisaram-se sacrificando-se ao Mysticismo; como resistiria Jorge da Silva a esta corrente deleteria? Amigo de Camões, seria um omissão censuravel, o não alludir pelo menos ao seu nome n'esta eschola lyrica.

A imitação camoniana é um caracteristico de Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco, que pertence ao ultimo quartel do seculo XVI; no seu poema historico *Affonso Africano* não é mais flagrante a imitação do que nas suas poesias lyricas publicadas em 1590. N'esse livro encontra-se o Soneto que começa:

Espanta crescer tanto o crocodilo (fl. 61.)

que anda em nome de Camões (n.º XIX) desde 1595, e que Soropita depois retirou da collecção, por esse motivo. Em Vasco Mousinho o Soneto traz a rubrica: «*A Dom Fernando Martins Mascarenhas quando o fizeram Bispo.*» Apezar de Soropita o ter regeitado, Faria e Sousa tornara a encontrar este Soneto com o nome de Camões em differentes manuscriptos, e continuou a admittil-o na collecção. (Son. CLXXXVIII.) As relações do grande epico com o Bispo Dom Gonçalo Pinheiro, fazem suppôr que o plagio está decididamente da parte de Vasco Mousinho, como o prova a insistente attribuição dos manuscriptos. Pouco se sabe da personalidade d'este poeta; no livro das suas *Rithmas* dá elle a

entender que já estava formado em Direito em 1590, que andava aborrecido da poesia e que só tinha em mira tirar vantagens como jurisconsulto. Os seus principaes versos foram escriptos na permanencia em Coimbra durante o tempo dos estudos; é em Coimbra que localisa os seus amores, e ao Mondego a quem communica os seus pezares. Na dedicatoria do livro a Dom Alvaro de Lencastre, deixa escapar estas pequenas particularidades da sua pessoa: «desculpe-me a brevidade do tempo que n'isto empreguei a intervallos da obrigação do estudo, com os quaes é bem d'aqui por diante corresponder só, porque inda que agora me mostro Poeta, fruito colhido na passada edade, espero cedo mostrar-me jurisconsulto, fruito d'ella.» Esta dedicatoria é datada de 1590, e pelo seu final póde inferir-se que Vasco Mousinho Castello Branco chegara n'esse anno a Lisboa com a sua formatura completa. A vontade de ganhar dinheiro fel-o abandonar a poesia; a vida burgueza seduziu-o, e o facto de imprimir os seus versos seria talvez para alliviar-se d'esses manuscriptos que poderiam tental-o; ao imprimil-os mostra a mais absoluta despreoccupação litteraria, dizendo que não teme a critica: «quanto a mi como não grangeo venturas, nem as espero de trabalhos semelhantes, não ha que temer avessos.»

Em Coimbra terminou em 1589 o seu poema da *Vida de Santa Izabel*, escripto em outava rima; (1) re-

(1) No thesouro das preciosidades do antigo convento da Madre de Deos, de Lisboa, existe um poema anonymo em outava rima, escripto em 1583, e ainda inedito, sobre a *Vida e*

ferindo-se ás consequencias do desastre de Alcacer Kíbir, termina com uma allusão á Invencivel Armada que ia a Inglaterra atacar a heretica Isabel; dizendo qual foi o motivo do seu poema:

> *Isabel* escolhi por mais conforme
> A este tempo da *impia Isabella,*
> Para que a sua vida tão enorme
> Se confunda com esta vida bella.

Durante a permanencia na Universidade, Vasco Mousinho de Castello Branco bajulou sempre em Sonetos o Reytor Antonio de Mendonça; e podemos dizer que bajulou, porque tambem nos seus sonetos celebra a partida do *Cardeal Alberto para Madrid,* (fl. 85) que governava ou occupava Portugal por ordem de Philippe II.

Vasco Mousinho de Castello Branco teve intimidade com Pedro de Mariz, Guarda-mór da Livraria da Universidade de Coimbra, e editor dos *Commentarios dos Lusiadas* escriptos por Manoel Corrêa, e dados á luz em 1601; Pedro de Mariz, Presbytero e Bacharel em

Martyrio de Santa Barbara; é em quatro cantos e dedicado á Abbadessa do referido mosteiro. Este poema inteiramente desconhecido é uma tentativa epica, como tantas outras que se fizeram depois do exemplo de Camões; pertence ao typo do poemeto de Frei Paulo da Cruz, o Fradinho da Rainha, sobre a *Trasladação do Martyr S. Vicente*, e do *Primaz do Ermo*, de Simão de Camões, que se guarda na Bibliotheca de Evora. A belleza profunda d'este assumptos agiographicos, está unicamente nas lendas populares das primitivas *Acta Sanctorum;* desde que as Musas foram invocadas a celebrar e alindar estas formosas crenças do povo, tornam-se apenas cansados esforços para contrafazer a eschola italiana.

Canones, era revisor da imprensa de seu pae Antonio Mariz, e aí imprimiu em 1594 os seus *Dialogos da varia Historia;* o Soneto que dedicou Vasco Mousinho em 1590 «*A Pedro Mariz, sobre o seu livro*» (fl. 68) prova-nos que o conheceu em manuscripto, e por consequencia leva a inferir uma certa intimidade. Seria talvez por influencia de Pedro Mariz, cujo nome lhe serve de equivoco do genitivo latino *maris,* que elle foi levado á admiração de Camões. A reminiscencia dos versos de Camões sente-se constantemente, chegando a ponto de reproduzir-lhe alguns; um dos seus Sonetos termina:

> Para *consolação* d'esta *mãe velha,* (fl. 83.)

que se acha no sentido episodio de Inez de Castro, na comparação com Polixena:

> Qual contra a linda moça Polyxena
> Consolação extrema da mãe velha...
> (*Lus.,* III, 131.)

Vasco Mousinho de Quevedo obedeceu á influencia hespanhola escrevendo uma grande parte dos seus versos em castelhano, e sobre tudo tornando a pôr em vigor os romances em redondilha, mas já com esse caracter subjectivo como os escrevia Lope de Vega.

N'este mesmo anno de 1590 escrevia segundo o lyrismo camoniano o poeta mystico Balthazar Estaço; *esta data* serve-nos de ponto de partida para fixar o

tempo em que abandona a *Eschola velha.* (1) Nos seus versos (fl. 172) traz uma Ecloga á morte do Padre Luiz Alvares, da Companhia de Jesus, envenenado segundo pérfidas supposições do tempo pelos Judeus na villa de Avis em 25 de Septembro de 1590. O Padre Luiz Alvares era amigo intimo do Prior do Crato; qual o seu afferro ao partido nacional depois da tomada de Portugal por Philippe II, póde-se vêr pela seguinte rubrica de um sermão copiado junto aos Manuscriptos de Soropita: «Pregação que fez o Deão da Sé de Silves do Algarve em Lisboa nas exequias de El-rei Dom Sebastião, *e depois soube eu que dissera o Conde de Portalegre que era de Luiz Alvares, collegial da Companhia de Jesus, o que me pareceu verisimil por esta ser a linguagem de Luiz Alvares.*» (2) Balthazar Estaço tambem attribue aos judeus o seu envenenamento:

> Mas não me espantarei do que aqui callo
> Se quem matou ao Rei, matou o vassalo.
> (Fl. 173.)

O motivo da morte d'esse eloquente prégador é facil de explicar; os jesuitas sacrificaram-no á justiça de Philippe II, para se defenderem diante do publico da imputação de traidores. A fama da eloquencia de Luiz Alvares chegou a Roma, e Pio V, dizia ao geral Borja: «Ouço que tendes em Portugal um Sam Paulo.» A

(1) Vid. *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas.*
(2) *Poes. e Pr.*, p. XXXV.

este dito tradicional allude tambem Balthazar Estaço na sua Ecloga:

> Foy do passado *Paulo* viva traça.

Como Fernão Alvares d'Oriente, Balthazar Estaço tambem glosou versos de Camões; o Soneto *Horas breves do meu contentamento* recebeu uma glosa mystica applicada ao amor divino.

Balthazar Estaço ao recolher a collecção dos seus versos, compoz uma Ode para se excusar d'esse trabalho ao amigo que lh'o pedia; é n'essa poesia que a tradição de Camões lhe acode á mente e lembra o despreso e indifferença que a poesia tinha entre o publico:

> *Como queres que cante*
> *A gente que não ouve?*
> Como queres que faça a Musa humana,
> Que minha voz levante,
> E que com ella louve
> A quem com esperanças vãs me engane?
> Se a Musa profana
> Melhor se premiara
> Não era o erro tanto
> Abaixar pelo premio d'alto canto,
> Mas se eu assi cantara,
> Tivera o premio humano
> *Que teve o grão Cantor do Oceano.*
> *Se a mente ás Musas dada*
> O premio lhe tirou
> *Do esforçado braço ás armas feito,*
> Como será estimada
> A Musa que cantou
> Fundada só no verso mal acceito?

Seria pela sua amisade com o Padre Luiz Alvares, que elle recolheu a tradição sympathica da vida de Camões. Balthazar Estaço é profundamente mystico nos seus versos; nenhum sentimento humano transpira n'essa metrificação harmoniosa, arrojada e colorida, mas monotona como o som de uma só corda. Celebra com a mesma unção todos os mysterios do christianismo, os sentimentos da humildade, da penitencia, todos os santos notaveis, mas apezar da sua perfeição metrica, parece que não fala uma linguagem nossa; é como um ecco, uma voz sem realidade. Elle abusa até ao extremo do *dialogismo* usado por Camões, e que os outros poetas seguiram. Aqui transcrevemos um Soneto, que serve de typo d'esse defeito e de variante a muitos outros aqui transcriptos:

Como supremo Deos na Virgem entrastes,
Como homem na mãe vos detivestes,
Como Deos d'esta mãe-Virgem nascestes
Como homem mortal logo chorastes.

Como Deos a tal mãe Virgem deixastes,
Como homem por Mãe mulher quisestes,
Como Deos, tendo mãe pae não tivestes,
Como homem da mãe vos sustentastes.

Ab eterno do Pae fostes gerado
Que sem principio o pae foi vossa origem,
Mas feito como Reo estar entre os réos.

Assi que Deos e homem sois chamado,
Pois que sois natural filho da Virgem,
Como sois natural filho de Deos. (fl. 59.)

Com o nome de Camões tambem se acha este Soneto de Balthazar Estaço, recolhido pelo snr. visconde de Juromenha em uma Ms. do seculo XVII:

Co tempo o prado seco reverdece,
Co tempo cae a folha ao bosque umbroso,
Co tempo para o rio caudaloso,
Co tempo o campo pobre se enriquece;

Co tempo tudo anda e tudo para,
Mas só aquelle tempo que é passado
Co tempo se não faz tempo presente. (1)

O pobre mystico Balthazar Estaço á falta de realidade abraça-se ás figuras de rhetorica até ao phrenesim. Ao convencer-se da instabilidade do mundo, mostra que ha para elle alguma cousa que subsiste — a tautologia. Este vicio destruiu a boa tradição camoniana do seculo XVI, como o *elmanismo* materialisou a versificação portugueza no principio do nosso seculo.

(1) Fl. 53. Na edição de Camões pelo snr. visconde de Juromenha, é o Soneto CCCXVI; tem apenas a variante: *Com o* tempo, etc. O facto de andar em nome de Camões n'uma collecção manuscripta do seculo XVII, embora não seja uma prova irrefragavel da sua authenticidade, vem cada vez demonstrar mais a forte impressão do estylo camoniano nos poetas portuguezes do fim do seculo XVI. O editor de Camões achou uma variante hespanhola em outro manuscripto, mas com outras rimas e sem *o admiravel* final da forma portugueza.

Accentuando os factos em que esta pleiada robusta chamada os *Quinhentistas* se afunda na mediocridade, deixamos estabelecida a connexão fatal que nos leva para a caprichosa e frivola litteratura do seculo XVII, que serviu de instrumento a todas as puerilidades das Academias, a todas as bajulações dos aulicos, a toda a fórma de incapacidade e aberração do ideal. Qual a causa d'esta mediocridade e d'esta insensatez em que se mostra a relação intima dos dois seculos? Attribue-se o facto a uma causa palpavel: á absorpção da nacionalidade portugueza sob pretexto de herança ou de conquista por Philippe II, e ao uso quasi exclusivo do castelhano em vez da lingua patria. Nenhuma d'estas causas era bastante para fazer decahir tanto uma litteratura; aí vemos a Polonia, que sob a pressão da Russia, inspira os seus grandes poetas Mickievikz, Krasinski; aí vemos a Hungria, que sob a pressão da Austria inspira Poetefi. Não foi dentro da epoca dolorosa e incerta da Restauração que Beranger cantou para o povo? E remontando-nos mais alto, os melhores trechos da Biblia não foram escriptos nos captiveiros de Israel? Quando a historia se repete assim com esta regularidade, podemos dizer que uma lei domina a sua evolução; e portanto, a verdadeira e inspirada litteratura portugueza deveria ter sido produzida entre 1580 e 1640. Deu-se o contrario; procuremos essa outra causa mais intima.

Depois de Gil Vicente e de Camões, ninguem mais no seculo XVI fundou a creação litteraria sobre a base

organica e fecunda da tradição nacional; as condições moraes que actuaram sobre esses dois genios foram indifferentes e extranhas a todos os seus contemporaneos, que sentiram a litteratura através da Grecia, de Roma e Italia. Em vez de servirem as aspirações da sociedade, exibiram os recursos de uma habil imitação. Podemos repetir com Philarète Chasles: «Isolando a litteratura da vida real, da vida activa, fere-se mortalmente as obras do espirito... Os Conventos e as Universidades, propagando os ridiculos erros legados pelos sophistas antigos fizeram da vida intellectual uma vida especial, sem relação com as guerras, com as tradições populares, as alterações politicas, as descobertas da industria, e as conquistas da arte.» (1) Ora, os *Quinhentistas,* depois de fixarem na escripta a lingua portugueza, nada mais tiveram que fazer, e os seus nomes ficaram ignorados, porque nunca tiveram communicação com o povo. Procuremos um livro portuguez que nos interesse pelo sentimento nacional, só achamos rhetorica, rhetorica, imitação banal. Só a forte separação que se deu entre o povo e o escriptor, a ponto de se desconhecerem e de terem actividade independente, é que nos explica a extincção da pleiada quinhentista na esteril mediocridade. Esta mesma causa permaneceu nos seculos XVII e XVIII, e d'aqui resultou o seu cultismo e a sua obscenidade, as metaphoras seiscentistas e os modelos arcadicos.

(1) *Voyage d'un Critique*, etc. Espagne, p. 290.

LIVRO II

OS POETAS EPICOS

CAPITULO I

Primeiras tentativas de uma Epopêa nacional

Assim como na primeira Renascença as Gestas se converteram em Chronicas, na segunda Renascença do seculo XVI as Chronicas tornam-se Epopêas eruditas.—*a)* Affonso Giraldes e o *Poema da batalha do Salado.*—Relações com a Chronica em redondilhas de Rodrigo Jannes.—A Prophecia do Leão dormente, do seculo XIX, apparece no Bandarra em 1540.—*b)* Diogo Brandão, e a *Lamentação á morte de Dom João II.* A fórma hespanhola do poema da Cava.—*c)* Diogo Velho, *Coplas á descoberta da India.*—Como se vulgarisára a tradição de um designio providencial reservado aos Portuguezes.—A inscripção sybilina de 1508.—*d)* João de Barros, e os rudimentos de uma Epopêa portugueza: ainda a fórma da outava castelhana ou de lamentação: reminiscencias da tentativa de Barros no canto II dos *Lusiádas.*—*e)* Luiz Anriques, e o poema da *Tomada de Azamor.* O syncretismo historico do ideal patrio no nome *Luzitania.*—Allusão a Virgilio.—Camões nas estancias supprimidas dos *Lusiadas* fallando de Azamor, excede em belleza o poeta do Cancioneiro.—A necessidade de uma epopêa revelada com a maior clareza em 1564.—Como a Eneida tinha de ser fatalmente o modello da Epopêa.

As Canções de Gesta da edade media, que foram a expressão epica do mundo moderno, sob o regimen da erudição da primeira Renascença do seculo XIII affectaram um caracter historico, tornaram-se Chronicas rimadas, como as escreviam Benoit de Sainte More, Phi-

lippe de Mouskes ou Rodrigo Jannes. (1) No seculo XVI a fórte Renascença classica levou pelo servilismo da imitação grega e romana a traduzir-se outra vez a chronica em epopêas academicas. Assim, se no seculo XIII um Affonso o Sabio basêa a *Chronica general de España* sobre os romances tradicionaes do povo diluindo-os em prosa, no seculo XVI um Lorenzo de Segura traduz e retalha a prosa dos Chronicons em versos de redondilha. (2) São dois actos que se ligam e completam mutuamente, filhos do mesmo syncretismo que se deu em toda a Europa. Vejamos como a Epopêa do seculo XVI nasce d'esta segunda corrente. Antes do poema dos *Lusiadas,* a litteratura portugueza apresenta algumas tentativas de epopêa; como lhe faltava esse nucleo vital de toda a concepção epica, o mytho obliterado na *tradição*, serviu-se dos successos historicos na sua exposição menos poetica, pela ordem chronologica. Faltava-nos tambem esse respeito pelas grandes Gestas da edade media, que nós parodiámos ironicamente, como se vê na *Gesta de mal dizer,* de Affonso Lopes Baião. O poema de Affonso Giraldes á batalha do Salado é uma imitação das fórmas metricas usadas na côrte de Affonso XI; o poema de Diogo Brandão á morte de D. João II ennumera os feitos de D. João I, Dom Duarte, Dom Affonso V e Dom João II, imitando o antigo metro de arte maior, chamado na poetica hespanhola *estylo de lamentação,* que o marquez de Santillana constituia em ge-

(1) *Formação do Amadis de Gaula*, cap. I.
(2) *Epopêas da raça mosarabe*, p. 283.

nero litterario; as Coplas de Diogo Velho á Descoberta da India dão-nos o fio da tradição prophetica do *Leão dormente* com que, tanto o poema de Rodrigo Jannes como o popular Bandarra, symbolisam o rei de Portugal. João de Barros é o primeiro que, presentindo a unidade nacional, reconhece a necessidade de uma epopêa que seja a expressão d'essa consciencia; e o chronista esboça com difficuldade o quadro de uma epopêa em fórmas archaicas do verso de arte maior. Luiz Anriques conhece já o symbolo da unidade politica de Portugal representado pela identificação imaginaria dos *Lusitanos* com os Portuguezes; estuda Virgilio e cita o canto sexto; tira a invocação poetica dos sentimentos christãos; assiste como heroe á victoria de Azamor, mas faltava-lhe a elle e a todos os outros o genio, essa qualidade moral que leva o homem, como diz Carlyle, a firmar-se nas cousas e não nas apparencias das cousas. Camões sentiu intimamente a realidade d'isto que eram apenas sonhos e vagas aspirações.

Porque é que as tentativas de uma epopêa nacional começaram em Portugal pelas chronicas rimadas até chegarem ao poema historico? Portugal constituiu a sua independencia em uma epoca em que a fecundidade profunda das creações da edade media estava terminada; foi por isso que entrámos logo em uma actividade historica, e já não era tempo nem de crear nem de elaborar essas *tradições* fundamentaes d'onde se derivam as epopêas, e que produzem as litteraturas. N'este ponto Portugal teve uma certa analogia com o povo romano,

que pelo seu immenso cosmopolitismo e pelo seu espirito juridico entrou muito cedo no periodo consciente da civilisação. Como Virgilio, Camões não fez a sua epopêa exclusivamente de um facto historico, mas tomou um centro em volta do qual agrupou as poucas *tradições* nacionaes que pode alcançar. Foi este instincto que deu a Camões o primeiro logar sobre os poetas epicos do mundo moderno, depois de Virgilio. Repetimos com Comparetti, no seu livro capital *Virgilio nel medio evo*, explicando o motivo porque a fórma epica litteraria é rarissima entre os gregos e exuberantissima entre os romanos: «Ma il sentimento dei romani era tanto gagliardo e potente, e la natura loro di popole storico era tanto fortemente pronunziata che un solo le epopee storiche presso di loro furono piu numerose che presso di altri, ma ebbero anche maggior successo di quello si sarebbe potuto aspettare dal epopea storica anche la meglio concepita, quando la freddeza sua naturale non fosse stata compensata dal calore straordinariamente intenso e persistente del sentimento a cui era rivolta e che anche l'avea suggerita.» (1) O mesmo caracter historico do povo portuguez, que o fez abraçar sem difficuldade a civilisação romana, deu a Camões essa mesma intuição poetica de Virgilio, e naturalmente explica a constante redacção de epopêas historicas no seculo XVII, para as quaes está o poema os *Lusiadas*, como a *Eneida*

(1) *Op. cit.*, t. I, p. 10.

está para os poemas de Lucano, de Stacio, de Silio Italico e de Claudiano.

Assentada esta base critica, vejamos como das fórmas da chronica rimada passámos para a epopêa historica.

a) Affonso Giraldes e o «Poema da Batalha do Salado.»

Uma das principaes paginas historicas em que foi empregada a lingua portugueza é esse fragmento da descripção da batalha do Salado, que anda junto ao *Nobiliario;* este golpe capital no dominio dos Arabes, que assegurou a estabilidade e segurança das nacionalidades da Peninsula, assim como despertou o interesse dos poetas foi o assumpto do primeiro poema narrativo escripto na lingua portugueza. A *Batalha do Salado,* era uma especie de chronica rimada escripta por Affonso Giraldes, em quadras de redondilha, como se póde conhecer pelos fragmentos publicados por Brandão e Bluteau; (1) hoje está totalmente perdido este monumento, mas tanto pela fórma metrica, como pelo espirito da sua concepção podemos julgal-o como uma imitação d'esse celebre poema conhecido pelo nome *Cronica en coplas redondillas de Alfonso Onceno,* escripto por Rodrigo Jannes, que, como Affonso Giraldes, se achou tambem na batalha do Salado. O poema castelhano foi descoberto por Diego Hurtado de Mendoza em 1573; não

(1) Recolhidas nos *Trovadores galecio-portuguezes*, p. 269.

accentuaremos a sua importancia com relação á historia e litteratura hespanhola, basta-nos apenas alguns confrontos com os fragmentos de Affonso Giraldes:

St. 335: E dioles grandes franquezas
Por Castilla mas valer,
Todas aquestas noblezas
El buen rey fizo fazer.

Em um dos fragmentos de Affonso Giraldes achamos quasi textualmente reproduzidos os dous ultimos versos por esta fórma:

Todas estas cortezias
Este rei mandou fazer.

Uma das poucas estrophes que restam do poema portuguez, aparece no poema de Jannes uma vez com a mesma rima, outra com um verso inteiro:

St. 821: Don Gonçalo Martines de Oviedo
Caudillo de los castellanos,
Todos lidiavan sin medo
Matando en los paganos.

St. 1326: Todos gran muy sin medo.
Para cumplir su perdon,
E Gonçalo Gomes de Azevedo
Levava el su pendon.

Eis a estrophe portugueza:

Gonçalo Gomes de Azevedo
Alferes de Portugal,
Entrava aos Mouros *sem medo*
Como fidalgo leal.

Se os fragmentos do poema portuguez fossem mais extensos, por ventura se achariam paradigmas mais carateristicos da imitação da Chronica de Jannes. Na *tradição* portugueza, que reapparece no seculo XVI nas prophecias de Bandarra, falla-se ainda no *Leão dormente,* e no *Porco selvagem,* com que pela occasião da batalha do Salado se representava a lucta do rei de Portugal na sua alliança com Affonso XI contra os Mouros. Na *Chronica en coplas redondillas* achamos o mesmo espirito das prophecias de Bandarra, mas com o seu sentido historico:

St. 1807: Merlin, sabidor sotil,
Dixo luego esta rrason:
Acabados los annos mill
E los tresientos de la Encarnacion.

Çinquenta e nueve conplirán
Los annos de esta fasanna
La mar fonda passarán
De besteas muy grand canpanna.

Muchas cosas acontecerán,
Maestro, creeldo çiertamente,
Fuertes batallas seran
En *las tierras el* Poniente.

E de toda la su gente
Levará poca criason,
Despertará el Leon dormiente
Que ovo dormido a grand sason.

Los Leones se abraçarán
Amos com muy grand plazer,
Al puerto estrecho llegarán,
Deseosos por comer.

El Puerco apoderado
Non saldrá de una montanna,
El Leon coronado
Bramará con muy grand sanna.

En las covas de Ercóles
Abrán fuert lid enplasada,
Muchas bestias matarán
Al Puerco de la grand espada.

El *Leon dormiente* bençerá
El Dragon de la grand fromera,
El leon coronado arrancará
El puerco por una ladera.

El Puerco será bençido
Escapará de la muerte,
A Marruecos será bolvido
Com muy grand desonrra fuerte.

Nas prophecias de Bandarra apparecem estas mesmas allegorias *tradicionaes:*

Oh senhor, tomai prazer
Que o grão *Porco selvagem*
Se vem já de seu querer
Metter em vosso poder
Com seus portos e passagem. (St. LXVI.)

Já o *Leão é esperto*,
Mui aberto,
Já acordou, anda caminho,
Tirará cedo do ninho
O *Porco*, e he mui certo,
Fugirá para o deserto,
Do Leão e seu bramido... (St. LXXV.)

Um grão *Leão* se erguerá
E dará grandes bramidos;
Seus brados serão ouvidos
E a todos assombrará:
Correrá e morrerá,
E fará mui grandes damnos,
E nos reinos africanos
A todos sugeitará. (St. LXXVIII.)

Vi um grã Leão correr
Sem se deter
Levar sua viagem,
Tomar o *Porco selvagem*
Na passagem
Sem nada lh'o defender. (St. XCIV.)

O Rei novo é *acordado*
Já dá brado, etc. (st. XCIV.)
Já o *Leão* vae bradando
E desejando
Correr o *Porco selvagem*,
E tomal-o na passagem
Assim o vae declarando. (St. CVII.)

Estes versos, que tanto tem occupado a imaginação portugueza desde o seculo XVI até ao seculo XVIII, acham-se explicados pelo poeta-chronista Rodrigo Jan-
[illegible]:

St. 1832: Estas palabras apuestas
De los *Leones* e *Puerco espin*
Asi como sson conpuestas
Profetisólas Merlin.

....

El Leon coronado
Sobre que fundó rrason,
Fue este rrey bien aventurado
De Castilla e de Leon. (Alfonso XI.)

E el otro *Leon dormiente*
Aquel rrey fue su natural
Que rrenó en el Poniente
Que llaman de Portugal. (D. Affonso IV)

E el bravo *Puerco espin*
Sennor de la grand espada.
Fue el rrey de Benamarin,
Que a Tarifa tovo çercada.

Rrey de Granada fué el Dragon,
Granada la grand fromera,
Este rrey de grand coraçon
Cuydó ganar la frontera.

Las bestias bravas e perros marinos
Que aportava en la Espana,
Moros fueron viejos e ninnos
Que y perderan grand conpanna.

Pelas relações entre a *Chronica en coplas redondil-*
s e o poema de Affonso Giraldes, é que se póde ex-
car a connexão entre as trovas de Bandarra reno-
das em Portugal depois da tomada da Goleta com as
tigas allegorias propheticas da victoria do Salado, em

que figura Affonso IV como o *Leão dormente.* Na Chronica de Rodrigo Jannes figura tambem a rainha D. Maria, vindo a Portugal interceder para com que seu pae auxilie Affonso XI seu marido contra a terrivel invasão musulmana. O colorido poetico que Camões achou n'esta *tradição* historica, bem nos revela que elle não recebeu esse lindissimo episodio dos *Lusiadas* unicamente por via das Chronicas officiaes do reino, que em geral narram os factos palidamente; e o poeta não iria idealisar esse passo politico, se nas primeiras tentativas de epopêa historica se não houvesse já aproveitado o que elle tem de bello e de humano.

b) Diogo Brandão, e a «Lamentação á morte D. João II»

É este poeta um dos principaes vultos do *Cancioneiro* de Resende, (1) irmão mais velho da decantada Maria da sentidissima Ecloga *Crisfal;* imitador da eschola hespanhola do seculo XV, ignora as formas da epopêa moderna impostas pela Italia, mas presente o valor dos poemas historicos diante dos immensos successos da côrte de Dom João II. Em uma longa elegia á morte de Dom João II, adopta a antiga outava dos trovadores, como Affonso Sabio ou Francisco Imperial, com o tom narrativo de uma chronica. A tradição classica não o preoccupa:

(1) *Poetas palacianos*, p. 308.

Dizer dos antigos, que sam consummidos,
nam quero, em Gregos falar, nem Romàos,
mas nos que nos cáem aqui d'antre as mãos,
vistos de nós e de nós conhecidos.

go Brandão expõe rapidamente a successão dos
Portugal desde Dom João I até D. João II, ten-
sempre para os vagos aphorismos moraes do des-
lo mundo:

Antigos exempros a parte deixados
sem os alheos querer memorar,
os mortos em Canas deixemos estar
com outros mil contos que sam já passados.
Deixem de ser aqui relatados:
abaste falar nos possuidores
d'esta nossa terra, que d'ella abaixados
foram assi como pobres pastores.

Que se fez d'aquelle que Ceyta tomou
por força aos Mouros com tanta vitorea,
o intitulado de: *Boa-Memoria*,
que a si e aos seus tão bem governou?
As cousas tam grandes, que vivend'acabou
afora nas batalhas mostrar-se tam forte,
com outras façanhas em que s'esmerou
nunca poderam livral-o da morte.

Seu filho primeiro, bom rey *Dom Duarte*,
que foy tam perfeyto e tam acabado,
reynando muy pouco, da morte levado
foi, como quiz quem tudo reparte.
Seus irmãos, os Infantes, que tanta de parte
na vertude teveram, polo bem que obraram
tendo nas vidas trabalhos que farte,
com tristes soçessos alguns acabaram.

O sobrinho d'estes, Infante de grorea,
progenitor de quem nos governa,
que foy de vertudes tam crara luçerna,
tambem ouve d'elle a morte vitorea.
Com tudo nom póde tirar-lh'a memorea,
de ser esforçado e forte na fée,
tomou este princepe, diuo de estorea
per força a Mouros o grand'Anafée.

O *quinto Affonso* nom quero calar,
que assi como teve vitorea crecida,
tantos trabalhos teve na vida
que lhe causaram mais ced'acabar;
Tambem acabou o filho de dar
fim a esta vida de tanta miseria,
no qual determino hum pouco falar
posto que emprenda muy alta materia.

Este foy aquele bom rey *dom Joham*,
o mais eycelente que ouve no mundo,
rey d'estes reinos, d'este nome o segundo
humano, catholico, sojeito aa razan... (1)

Quando Camões traçou episodicamente o quadro da historia de Portugal, não foi levado como Diogo Brandão unicamente pela synthese moral para que são trazidas todas estas outavas; tinha em vista fazer sobresaír pela poesia os lances mais vivos da historia de cada reinado. A intenção moral não basta para a obra de arte; Diogo Brandão, não só pela ignorancia da eschola italiana, como pela estreiteza do seu ideal não podia encetar a grande epopêa portugueza, que a nossa vida historica exigia.

(1) *Canc. geral*, t. II, p. 190.

c) Diogo Velho, Coplas á Descoberta da India

As allegorias propheticas que vimos no poema imitado por Affonso Giraldes, receberam no principio do seculo XVI um sentido novo com relação á descoberta do Oriente. Em 1516 escreveu Diogo Velho, da Chancellaria, umas coplas em que sob a allegoria da caça descreve as grandes riquezas de Portugal alcançadas pelas novas descobertas maritimas; era esta *tradição* em parte mysteriosa que ia creando a aspiração para uma epopêa da nacionalidade. Nos povos catholicos, em quem se obliteraram completamente os *mythos* das raças a que pertencem, a Epopêa não tem essa condição organica para desenvolver-se, e é por isso artificial sem o sentimento profundo da generalidade que se propõe representar. Na epopêa portugueza ha este vago espirito prophetico *tradicional,* que substitue o elemento *mythico* que falta aos outros povos; é esta aspiração mysteriosa que conserva Camões nos *Lusiadas,* conciliando da maneira mais harmonica a concepção individual com os caracteres da creação anonyma. Vejamos como Diogo Velho narra sob a antiga allegoria os maiores factos da vida historica de Portugal:

O da gram mata Lixboa
onde toda caça vôa,
Arabya, Persia e Gôa
tudo cabe en seu curral.

Calequo e Cananor
Malaqua, Tauriz menor,
Adem, Jafo interior
todos vêm per hum portal.

. . . .

Ouro, aljofar, pedraria,
gomas, e especiaria,
toda outra drogaria
se recolhe em Portugal.

Onças, liões, alifantes,
monstros e aves falantes,
porçelanas, diamantes
é já tudo muy geral.

Gentes novas escondidas
que nunqua foram sabidas,
sam a nós tam conhecidas
como qualquer natural.

Jacobytas, Abassynos,
Catayos ultramarinos,
buscam Godos e Latinos,
esta porta principal.

. . . .

Que o anno de quinhentos
e com mil primeiro tentos
descobriram os elementos
esta caça tam real.

Em este segre çintel
reyna el rey Dom Manoel,
que recolhe em seu anel
sua devisa e seu sinal.

Porque he muy virtuoso,
excelente e justiçoso,
Deos o fez tam poderoso
rei de çetro imperial.

Sua santa parçarya
rainha dona Maria
estas maravilhas lia
per esprito divinal.

Esta he gentil andina
pera cantar com a Mina,
Çafym, Zamor, Almedina
tambem he de Portugal.

Rezam he que nam nos fique
a alma do ifante Anrique,
e que por ela se soprique
ao nosso deos çelestrial;

Porque foy desejador
e o primeiro achador
d'ouro, servos e hodor,
e da parte oriental.

O poderoso rey segundo
Joham perfeito, jocundo,
que seguiu este profundo
caminho tam divinal.

O cabo de Boa Esperança
descobriu com temperança
por synal e demonstrança
d'este bem que tanto val.

....

E Manoel sobrepojante
rei perfeito, roboante,
sojugou mais por diante
toda a parte oriental.

. . . .

Aquelle grande prudente
Profetisou do Ponente
e de toda sua gente
caçar caça tam real.

O gram rey Dom Manoel
a Jebussen e Ismael
tomará e fará fiel
a ley toda universal.

Já os reys do Oriente
a este rey tam excelente
pagam páreas e presente,
a seu estado triumfal.

. . . .

As novas cousas presentes
sam a nós tam evidentes,
como nunqua outras gentes
jamais viram mundo tal.

He já tudo descoberto,
o muy longe nos é perto;
os vindouros tem por certo
o thezouro terreal. (1)

Diogo Velho descreve os successos do seculo como uma prophecia que acabava de ser realisada; lude á divisa de Dom Manoel com o mesmo intı mysterioso de Damião de Goes. O severo Chroni apesar do seu espirito critico incutido pela amisade Erasmo, não póde eximir-se ao prestigio deslumbra

(1) *Canc. geral*, t. III, p. 462.

e certas coincidencias. Diz elle, falando tambem da divisa da *Esphera armillar:* «N'este tempo Dom Manoel não era casado, nem tinha tomado divisa segundo costume dos princepes, pelo que el-rei Dom João lhe deu por divisa a figura da *Esphera* porque os mathematicos representam a fórma de poma a machina do céo e terra, com todos os outros elementos, cousa de espantar, e que parece não carece de mysterio prophetico, porque assim como estava ordenado por Deos que elle houvesse de ser herdeiro de el-rei Dom João, assim quiz que o mesmo Rei a quem havia de succeder, lhe desse uma divisa per cuja figura se demonstrasse a entrega e cessão que lhe fazia, para, como seu herdeiro, proseguir depois da sua morte na verdadeira aução que tinha na conquista e dominio da Asia e Africa, como fez com muito louvor seu e honra d'estes reinos.» (1) Quando Camões creava o sonho de el-rei Dom Manoel nos *Lusiadas,* era levado a esta fórma do maravilhoso não pelas velhas *machinas* aristotelicas, mas pela *tradição* viva dos designios propheticos a que até os proprios chronistas obedeceram. A influencia classica da Renascença veiu contribuir com as suas interpretações das obras da antiguidade para se formar essa extraordinaria *tradição* das descobertas portuguezas; e como quer Humboldt, a celebridade rapidamente adquirida da passagem da *Medea,* (act. II, *v.* 371 sq.) que se applicou á descoberta do Novo Mundo, veiu dar nascimento a essa inscripção sybilina de que

(1) Goes, *Chr. de D. Manoel,* t. I, cap. 5, p. 11.

fala com assombro Castanheda na *Historia do Descobrimento da India,* cuja fraude foi descoberta pelo jurisconsulto Cesar Orlando. (1) Eis a linguagem de Castanheda:

«... a India, cujo descobrimento estava prophetisado d'antes pola Sibila Cumea, segundo se conta em um authentico livro que anda impresso em latim que se intitula *Da Sagrada Antiguidade,* em que se contém muitos letreiros antigos, que foram buscados e achados em muitas partes d'Asia, d'Africa e d'Europa per mandado do Papa Nicoláo quinto e d'alguns senhores ecclesiasticos tão curiosos d'estas antiguidades, que com muito grande despeza as mandaram buscar pelo mundo. E antre estas foi achado um letreiro segundo no mesmo livro conta Valentim Moravia: que diz que no anno de mil e quinhentos e cinco, que foi seis annos depois d'este descobrimento, aos nove dias d'Agosto nas raizes do Monte da Lua, a que chamamos agora a rocha de Cintra, junto da praia do mar foram achadas debaixo da terra tres columnas de pedra quadradas, e cada uma tinha em uma das quadras cortadas nas mesmas pedras umas letras romanas, das quaes em uma das columnas se poderam ler por as outras estarem gastadas do tempo, e ainda estas que se leram foram as pedras em que estavam cosidas com grande arte.

«E estava uma regra como titulo que dizia em latim:

(1) Humboldt, *Hist. de la Geographie du Nouveau-Continent,* t. I, p. 166.

Sibilae vaticinium occidius decretum

«Que na linguagem portugueza quer dizer: Profecia da Sibila determinação aos do Occidente.

«E abaixo d'esta regra estavam quatro versos latinos que diziam:

Volvens saxa literis et ordine rectis,
Cum videas oriens occidentes opes,
Ganges, Indus, Tagus erit mirabile visu,
Merces commutabit suas uterque sibi.

«Que quer dizer na nossa lingua:

Serão revoltas as pedras com as letras direitas e em ordem,
Quando tu Occidente vires as riquezas d'Oriente.
O Ganges, Indo e o Tejo será cousa maravilhosa de vêr,
Que cada hum trocará com o outro as suas mercadorias.

«E ainda dizem alguns que poucos dias antes de Nicoláo Coelho chegar a Sintra foram achadas estas columnas e foi dito a el-rei Dom Manoel por cujo mandado Ruy de Pina, que era a esse tempo era chronista, tirou em linguagem esses quatro versos e o titulo. E quando el-rei Dom Manoel viu o que diziam ficou muito espantado com todos os de sua côrte, e houve sobre isso diversos pareceres, porque uns o criam, outros diziam que por nenhum modo podia ser, e que aquillo eram gentilidades a que se não devia dar nenhum credito. E estando a cousa assim em duvida, dizem que chegou Nicoláo Coelho que a desfez com a nova do des-

cobrimento da India. E foi a prophecia avida por verdadeira...» (1) Estas tradições propagavam-se e exaltavam a imaginação.

Acerca da estatua da Ilha do Corvo, escreve Damião de Goes: «No cume d'esta serra da parte do Nordeste, se achou uma Estatua de pedra pósta sobre uma lagea, que era um homem em cima de um cavallo em osso, e o homem vestido de uma capa como bedem, sem barrete, com uma mão na cóma do cavallo e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o do segundo, a que os latinos chamam index, com que apontava contra o ponente. Esta imagem que toda saía massiça da mesma lagea, mandou el-rei D. Manoel tirar pelo natural por um seu creado debuxador que se chamava Duarte d'Armas, e depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Italia, que fosse a esta Ilha pera com aparelhos que levou tirar aquella antigualha, o qual quando d'ella tornou dixe a El-rei que a achára desfeita de uma tormenta que fizera o inverno passado. Mas a verdade foi que a quebraram por máo azo e trouxeram pedaços d'ella, só a cabeça do homem, e o braço direito com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavallo, e uma mão que estava dobrada, e alevantada, e um pedaço de uma perna, o que tudo esteve no guarda roupa de el-rei alguns dias, mas o que se depois fez d'estas cousas ou onde se puzeram, eu não o pude

(1) Castanheda, *Hist. do Descobr.*, liv. I, cap. 23.

saber.» (1) Damião de Goes tambem fala de uma outra inscripção analoga á dos marmores de Cintra, achada na Ilha do Corvo em 1529 por Pero d'Afonseca, o qual «soube dos moradores que na rocha, abaixo donde estivera a Estatua, estavam talhadas nas mesmas pedras da rocha umas letras, e por o logar ser perigoso para se poder ir onde o letreiro está, fez abaixar alguns homens per cordas bem atadas, os quaes imprimiram as letras, que ainda a antiguidade do tempo não tinha cegas, em cêra que para isso levaram; comtudo as que trouxeram impressas na cêra eram já mui gastadas e quasi sem fórma, assi que por serem taes, ou por ventura, por na companhia não haver pessoa que tivesse conhecimento mais que de letras latinas, e este imperfeito, nenhum dos que se ali acharam presentes soube dar razão nem do que as letras diziam, nem ainda poderam conhecer que letras fossem.» (2)

d) João de Barros, e os rudimentos da Epopêa portugueza

Pelo estudo da historia dos grandes feitos dos portuguezes, João de Barros foi o primeiro que exprimiu a necessidade de fazer sentir o genio nacional revelando a sua consciencia em uma epopêa. Na Novella cavalheiresca o *Clarimundo,* escripta para ensaiar a penna que havia de traçar as *Decadas,* apresenta elle um pequeno esboço de epopêa, partindo tambem d'uma

(1) *Chron. do principe D. João,* cap. IX.
(2) *Ib.*, 9 X.

revelação prophetica dos extraordinarios destinos que Portugal havia de realisar. No canto II dos *Lusiadas* (est. 44-55) seguiu Camões esta mesma fórma prophetica; mas embora a não imitasse directamente, é hoje indubitavel que a leitura das primeiras *Decadas* determinou-lhe a concepção da sua epopêa. Em 1533 recitou João de Barros diante de Dom João III um Panegyrico, e aí censura que os poetas palacianos se esgotem escrevendo trovas namoradas, em vez de cantarem os feitos de armas. Predominava a eschola lyrica hispano-italica; lia-se com fervor as Eclogas de Bernardim Ribeiro e o *Crisfal;* era a época das complicadas intrigas amorosas; quem deixaria a doçura idylica pela *furia grande e sonorosa,* a agreste avena pela tuba canora? Quando Camões estava preso, e incerto no seu destino, foi o enthusiasmo das primeiras duas *Decadas* que lhe suscitou o desejo de visitar a India e de tomar parte activa nos feitos que queria cantar. Entre os antecessores de Camões cabe a João de Barros o principal logar, e talvez unico, por ter despertado o pensamento dos *Lusiadas.* Transcrevemos o poemeto que anda intercalado no *Clarimundo,* (cap. III, do liv. 4.) por ser o maior esforço para provocar a creação de uma epopêa; consta de quarenta outavas em endechas, ou *estylo de lamentação,* como se lhe chamava na poetica do seculo XV. João de Barros é aqui bastante ingenuo e pittoresco, mas na sua justa concepção da epopêa da navegação portugueza, querendo ser poeta não póde livrar-se a feição grave e fria do chronista:

Ó tu, immensa e sacra verdade,
Verdade da summa e clara potencia,
Que mandas e reges com tal providencia
As cousas que obraste na mente, e vontade;
Ó trino em pessoas, e só divindade,
Infunde em mim graça pera dizer
As obras tão grandes, que hão de fazer
Os Reis Portuguezes com sua bondade.

No tempo que Affonso o Emperador
Dera seu sangue por dar galardão
Aaquelles que dôr nunca sentirão
Em o derramar por seu Redemptor,
Dará tambem por mais seu louvor,
A Henrique em dote matrimonial,
As terras da Terra do gram Portugal
Pera as possuir como justo Senhor.

Aqueste com ferro mui victorioso
Rompendo as carnes de centos de Mouros,
Leixará de obras tão grandes tesouros
Quanto no céo estará triumphoso:
Succedendo a elle o mui generoso
ElRei D. Affonso Henriques primeiro
Primeiro em nome, e em verdadeiro
Rei enviado por Deos glorioso.

O campo de Ourique ja'gora he contente
Da grande victoria que n'elle será,
Onde Christo em carne apparecerá
Mostrando as chagas publicamente.
Ao qual este Rei Santo, e prudente
Dirá: O' meu Deos, a mim pera que?
Sê aos herejes inigos da Fé,
Fé, em que eu ardo d'amor mui ardente.

Ó Armas divinas, que aqui sereis dadas,
Dadas por Christo por mais perfeição,
Ter-vos hão todos tal veneração
Quanto com obras sereis exalçadas.
Porque pelas terras ireis espalhadas
Banhadas em sangue de nossa victoria,
Cobrando de imigos tão grande memoria
Que sobre todas sereis collocadas.

E tu esforçado Dom Sancho serás
Aquelle a quem elles hão de seguir
Té chegar ao Rio de Gualdaquivir
Que com sangue de imigos escurecerás:
E por mais mereceres, depois tomarás
A cidade de Silves contraminando
E as almas de corpos sempre tirando
De corpos de Mouros que alli matarás.

Alcacer do Sal será bom penhor,
O' mui poderoso Dom Affonso segundo,
De tuas obras cá n'este mundo,
E no outro corôa de conquistador;
E partindo para elle mui vencedor,
Aos teus leixarás Dom Sancho Capelo
Por Rei de virtudes e obras de zelo
De zelo mui santo, e clemente senhor.

Bolonha, Bolonha, quanto hasde perder,
E tu Portugal quanto hasde cobrar
No terceiro Affonso, que se hade chamar
Rei do Algarve, por seu gram saber!
Aqueste por mais se ennobrecer
Dourados castellos em campo vermelho.
Porá na orla das Quinas, e espelho,
Em que todalas armas se poderão ver.

Paderne, Alvor, Silves, e Loulé,
E Faro sentem já o destroço
Do grande poder, e bravo esforço
D'elle que hade pugnar pela Fé.
E o santo favor que foi sempre, e he
Em ajuda das obras de tal qualidade,
Será n'estas suas com prosperidade
Que as erga, exalce, e ponha em pé.

O justo Diniz, tão nobre e clemente,
Lhe succederá como filho primeiro
Em obras de Principe mui verdadeiro,
E em todalas cousas sabido, e prudente.
E por mais estender seus povos e gente,
Fundará as villas e nobres lugares,
Igrejas maiores, sagrados Altares,
Em que se louve por mui excellente.

O Quarto Affonso será commovído
Com rogos d'aquelle seu sangue amado
Que leixe o seu Reino, por ser no Salado
Em ajuda e soccorro delRei seu marido.
E d'aqui ficará assi tanto temido
Antre infieis, e danados pagaons
Quanto no conto dos nossos Christãos
Pera sempre louvado, e mui conhecido.

O rigor da justiça se hade leixar
A ti Dom Pedro, Dom Pedro Primeiro
O nome de Crú por ser verdadeiro
Verdugo d'aquelle, que males obrar.
Mas tu por ella hasde ter e cobrar
A gloria que dão a quem a mantem;
E serás isento dos males que têm
Aquelles que julgam por se affeiçoar.

Bem vejo Fernando andar agastado,
E mui descontente por hum grande mal,
Sendo o primeiro, que em Portugal
Hade sentir tão grave cuidado.
Mas não leixará seu Real estado
Isento de fama e obra famosa
Pois cercará a mui populosa
Lisboa de novo com muro dobrado.

Santa Maria de Agosto será
De ti Dom João de Boa memoria,
Memoria honrosa de quanta victoria
N'este tal dia o teu braço terá.
E onde se mais claramente verá
O quanto em ti cobrar Portugal,
Será n'aquella batalha real
Que d'aqui a gram se ordenará.

E a Loba marinha, e gran tragadora,
Ceita damnosa aos navegantes,
Não tem poder, nem forças possantes
Que ás tuas forças resista uma hora.
Mas fazendo-se serva de Grande Senhora
Já te obedece, Magnanimo Rei,
Rei que por lei, e povo, e grei
Darás teu sangue sem alguma demora.

O' Duarte Primeiro, se pudesses viver
Mais de seis annos depois de ser rei,
Que povos, e terras, que vejo e sei
Que mui facilmente poderas vencer!
Mas tu soubeste melhor escolher,
Leixando esta vida tão trabalhosa;
E ir por aquellas onde a gloriosa
Madre de Deos havemos de ver.

Tanger e Alcacer não hãode escapar
Do grande poder de Affonso o Quinto.
O' Joanne seu filho, que obras que sinto,
Que asde fazer quando se entrar
A villa de Arzilla pelo Albacar!
Isto em tempo que a sua idade
O peso das armas com difficuldade
Nas brandas carnes poderá sustentar.

Ó tempos, ó tempos, tempos de guerra
De guerra com Mouros e paz com Christãos,
Quem fosse então por beijar as mãos,
As mãos que terão por divisa Esphera!
Ó divinas obras, nas quaes se esmera
A fama famosa do gran Manoel,
Quem se visse n'aquelle tropel
Que vós cercareis as partes de terra!

Os máos e ingratos que a Christo mataram,
Por elle tão santo, e poderoso rei
Serão convertidos, tornados á Lei
A lei da graça que elles negaram.
E assi cobrarão o que nunca cobraram,
Depois de perder o que tinham perdido
Com suas maldades, e endurecido
O máo coração, que nunca abrandaram.

Bem como o rio que com invernada
Derriba e estraga o que acha adiante,
E se he impedido se faz mais possante
Pera sahir com furia dobrada:
Assi a força d'este será esmerada
Em quem a ella quizer resistir,
E a quem na obedecer, amar e servir,
Mansa, pacifica, e mui aplacada.

Que falas, que dizes, ou dize que ouviste
Çafim com todalas tuas cabildas,
Pois tão temeroso já agora te humildas,
Ás armas d'aquelle, que tu nunca viste?
Não temas, não temas, que não serás triste
Quando te vires em poder de quem
A todos teus males tornará em bem,
Em bem repousado, que nunca sentiste.

E tu Aduquèlla com teu Azamor
Tambem eu vos vejo com ferro lavrados,
E com sangue dos vossos tambem já regados
Que sexta feira será bom penhor.
Penhor do que digo, e grande louvor
Das armas d'aquelle que isto farão:
As quaes de contino assi lavrarão
As terras de imigos por este temor.

Afotas, Asas, com os de Cumania,
E seu poderoso e grande Xarife
Vendo hum seu pequeno esquife
Se ajuntarão com os de Acania.
E vindo todos com grande alegria
Entrarão carregados com cheio alforge,
Na cidade d'ouro chamada Sam Jorge
Por ser achada n'aquelle tal dia.

Os crús Andiotes da gran terra Danda
Com os Aciros, Lanûs, Beramûs,
Sabendo a nova, dirão: Ora sus,
Vamos servir aquella que manda.
Terras e mares o seu nome anda
Por todalas partes tanto temido
Que dá poder ao menos valido
E ao poderoso depõe e desmanda.

E aquelle gram Cabo de Boa Esperança
Que tanta de terra esconde ao mundo,
Virá mui alegre com rosto jocundo
A lhe obedecer sem alguma tardança.
De terras e povos fazendo uma dança
Vindo cantando com doce harmonia,
Estas palavras de grande alegria:
Vivamos contentes com tanta bonança.

Com tanta bonança, pois temos rasão;
Que Deos he comnosco, segundo o publica,
O seu nome santo, que nos testifica
Vivermos a vida sem mal e paixão,
E na outra cobrar e ter salvação
Das almas, que agora temos danadas
Seguindo já todalas suas pizadas
Pizadas de casta e limpa tenção.

E quem a todos trará a dianteira,
E para tal festa estará mais a pique,
Será o fiel e leal Moçambique
Vindo Çofala por súa bandeira.
A qual é louvada por ser thesoureira
Do mais precioso e pesado metal,
E com vozes alegres dirá: Portugal
Me fez para sempre sua prisioneira.

E n'esta envolta virá mui contente
A Ilha do Sancto em grelhas assado,
Trazendo destro um rico toucado
Da flor que ella tem por mais excellente.
Cercando em torno toda aquella gente
De Ilhas pequenas suas comarcans
Mostrando-se todas muito louçàs
Por serem sujeitas ao Rei do Poente.

Quilôa, Mombaça, Melinde, Patêm,
Baraba cidade, e Abalandarim,
Com a fraca gente do forte Apenim,
Zapenda, Guardafú, e o Cabo que tem,
Traràо comsigo a grande Adem
Inda que venha ensanguentada,
E com sua dura cabeça quebrada,
Das forças do Rei d'aquem e d'alem.

E o Rei de Ormús, Macrão e Neutaques,
Dinlicente, Rezbutos, Cambaia,
Com os Guzarates que he gente que ensaia
Mal sua vida em guerreiros embates.
E Meliquiaz com seus baluartes
Com elles virá tambem n'esta involta,
E Chaul e Dabul á redea solta
E Gôa tomada por muitos combates.

Batigala, Angediba, e Onor,
Com a terra toda do grão Malabar,
Em tão alegre tempo não hão de negar
Companhia ao forte e grão Cananor.
O qual se nomêa por grande senhor
Em ser guardado e mui difendido
Com Naires fidalgos, que acceitam partido
De morrer e viver por pouco valor.

Tambem virá aqui a forte cidade
Calecut e Cochim, e a Ilha Ceilão,
Onde se acha o povo christão
Que tem e mantem alguma verdade.
Ainda que faz a mór necedade
Na romagem do Cabo do gram Çamorim,
Pois dando as vidas com lastima (assim)
Obrar n'isso cuida excelsa piedade.

E os Quelinís, Chatins nomeados
Por ser estrangeiros e não mercadores,
Ajuntar-se-hão com quantos primores
Acharem n'aquelles que são guerreados
Dos de Narsinga, pouco esforçados
Por mingua de armas e de coração,
Que em corpos e boa disposição
São bem assás proporcionados.

E póstos em ordem mui concertada
Esperarão pela rica Malaca,
Que vem carregada com uma carraca
Das terras e povos de que ella é amada,
Onde entra Simão com sua enseada,
E Patane, que tem por desenfadamento
Ver guerra de gallos e o vencimento
Que cada um ha na sua liçada.

Champa e a China com a Cidade
Que perderá o povo dos Persas,
Passando por terras muito diversas
Logo virá com gram brevidade,
Em busca dos Lequeos, que tratam verdade
Levando comsigo a Burnea gente,
E ajuntandos todos farão um presente
De fé e amor e gram lealdade.

O qual trarão por mui certo sinal
Que inda que fossem os derradeiros
N'aquelle tempo serão os primeiros
Para servir e amar Portugal.
E Çamatra, que córta a Equinocial
Com todolos Reinos, e povos que abarca,
Ajuntar-se-ha com a grande Comarca
D'aquella e Archipelago oriental.

E n'este alegre e novo prazer,
E grande triumpho que todos farão,
Entre João e Angane, e Binão
Armado das forças e forte poder
De Pantasilea, que quiz parecer
Na antiga batalha d'aquelles troyanos
Que no cabo e fim de tempos e annos
Por grego engano fará fenecer.

Pois Banda com todolos Reis de Timor,
Ambona, Maluco, e as mais que não digo,
Todas virão trazendo comsigo
Umas amor, e outras temor:
Porque estes dois meios são o tenor
Por onde se rege dos homens a vida,
E elles a fazem ter mui commedida
Aos mais grandes reis, e fraco pastor.

Agora, agora em feitos maiores
Dobrada, Senhor, me dá tua ajuda,
Pois minha lingua se turva e se muda
Nas obras que vejo de tantos louvores.
Não negues aqui o furor dos favores,
Pois nunca o negaste a quem t'o pediu,
E em sua Fé levou e sentiu
Que tu és o Senhor dos grandes Senhores.

A ti, Portugal, que estás descontente,
Quero eu dar alegre esperança,
Com que dos males hajas vingança
Dos males passados de toda tua gente.
A justa justiça do muito clemente
El-rei Dom João d'este nome terceiro,
Fará com que vivas em mui verdadeiro
Descanço eterno e muito contente.

E quando se vir em força perfeita
Do mal se punir, e a quem merecer
Dar galardão por não parecer
A sua verdade e via direita;
Então da ovelha a vós será acceita
No meio dos altos e mui fortes prados,
E os mansos cordeiros fartos guardados
Do lobo danado cá vida lhe espreita.

Pois tu que não queres com sono acordar
Espera, espera um grande despejo;
Oh meu Deos, Senhor, quantas obras vejo,
Em que não vejo por onde entrar. (1)

Com que tristeza se lamenta João de Barros por não vêr surgir um genio que comprehenda o alcance poetico do grande facto da descoberta do Oriente; na *Decada I* exclama: «Certo, grave e piedosa cousa do ouvir! vêr uma Nação a que Deos deu tanto animo, que se tivera criado outros mundos já lá tivera metido outros padrões de victorias, assim he descuidada na posteridade do seu nome; como se não fosse tão grande louvor dotal-o por penna como ganhal-o pela lança!» (2) O verso quasi proverbial de Camões, *Se mais mundo houvera lá chegára,*—e tambem a alliança que sempre estabelece entre a *penna* e a *espada,* além de pequenas particularidades, convencem-nos que a generosa aspiração de João de Barros o impressionára profundamente.

(1) *Clarimundo,* cap. 4, liv. III.
(2) *Decada I,* liv. 5, cap. 11.

e) Luys Anriquez, poema sobre a «Tomada de Azamor»

O poema historico mais completo tentado antes mesmo da comprehensão das fórmas epicas da Renascença, é o que escreveu Luiz Henriques para celebrar a victoria do Duque Dom Jayme em Azamor, em 1513. Pouco se sabe da vida d'este poeta, mas quasi todas as suas composições revelam algum facto ou época por onde se nos dá a conhecer: em 1491 celebrou o desastre do principe Dom Affonso; em 1495 escreveu uma *Lamentação* á morte de Dom João II, em outavas segundo o estylo usado por Affonso o Sabio; em 1498 commemorou tambem a trasladação dos ossos de Dom João II, e em 1506 paraphraseou o hymno *Ave maris Stella,* «*estando o reyno muy enfermo de peste e de fomes.*» Pelos seus versos sabe-se que tambem esteve em Valença de Aragão, aonde galanteava uma dama «*que lhe disse que a deixasse de servir, porque era mal criada e o tratava mal.*» Finalmente seguiu a vida das armas achando-se na Mina. Luiz Henriques revela nos seus versos o fio de certas tradições que o levavam para a concepção da epopêa; o nome de Portugal já se lhe substitue na mente pela designação erudita de *Lusitania,* com que se quiz dar a este povo uma origem ethnologica independente de Hespanha. Na lamentação á morte de D. João II, diz elle:

> Ó morte cruel, sem tempo chegada
> a ty, *Lusitania,* de lastima dina.
> (Canc. ger., t. II, p. 246.)

Assy, *Lusitanos*, que vossa graveza
deveis confortar com rey tão humano.
(*Ib.*, p. 248.)

Em 1481 é que o nome de *Lusitano* é empregado significando o povo portuguez, no Discurso latino recitado pelo bispo Dom Garcia de Menezes diante de Sixto IV. (1) A renascença erudita aproveitou-se d'essa vaga designação empregada pelos geographos gregos, e diante do facto da unidade nacional consummado por Dom João II, transportou para o passado essa unidade confundindo o nome de Portugal com *Lusitania*. Antes de Henrique Cayado e Cataldo Siculo adoptarem esta designação de um modo poetico nos seus metros latinos, já Luiz Henriques a empregava nas outavas historicas de lamentação. O syncretismo poetico do nome de uma tribu com o nome de uma nacionalidade entrou na corrente scientifica por Ayres Barbosa, André de Resende, Margalho, Osorio, Goes até ás ultimas phantasmagorias por Frei Bernardo de Brito; mas este syncretismo representa uma noção verdadeira a que se tinha chegado: a consciencia da unidade nacional com que começava para nós o grande seculo XVI. Quando Camões formou eruditamente o nome da epopêa d'esta nacionalidade, serviu-se da palavra impropria mas que primeiro tinha expresso a consciencia d'essa unidade. Quando Ayres Barbosa usou em uns versos latinos a palavra *Lusiadas* como patronymico dos portuguezes,

(1) Hercul., *Hist. de Port.*, t. I, 10.

ainda a confusão entre *lusos* e portuguezes pertencia á pesada erudição; quando Camões designou com ella o seu poema, já essas imaginarias origens ethnologicas tinham ensoberbecido as imaginações do vulgo.

Luiz Henriques concilía esse ideal erudito com o sentimento catholico que o não deixa imitar os poetas classicos, aonde elle via como parte essencial as invocações, sempre reproduzidas nas modernas epopêas. No poemeto á trasladação de Dom João II condemna a invocação das Musas:

> As Musas, que invocam famosos poetas
> em suas obras e doce poesia
> a estas não chamo, nem quero por guia,
> caso que sejam muy justas e netas.
> Ajuda demando de quem os planetas
> e céos obedecem desde *ab inicio:*
> a elle invoco, que n'este exercicio
> dê parte da graça que deu ós prophetas. (1)

Em umas trovas de Luiz Henriques «*a um homem que não cria que elle fizera umas trovas de arte mayor porque levavam muita poesia*» revela-nos um largo conhecimento da mythologia romana, e principalmente da epopêa de Virgilio:

> ni menos que el duque, *el fijo d'Anchises*
> foy al Erebo, *segun el prudente*

(1) *Canc. geral*, t. II, p. 249.

Virgilio recuenta, por el conseguiente
que al su passage tremio la paluda,
ni que Lapenca passó morte cruda
por el *piadoso*, qual ela lo siente. (1)

Por todos estes conhecimentos Luiz Henriques foi insensivelmente levado para a composição de um poema historico; na conquista de Azamor foi tambem heroe, mas a realidade do que conta deu-lhe essa simplicidade e rudeza de uma Gesta da edade media; se as suas outavas fossem monorrimas, seria rigorosamente uma Gesta, escripta no tempo em que ellas se tinham tornado Chronicas. Elle começa como o antigo jogral que pedia a attenção do povo que se agrupava em redor:

A quinze d'Agosto de treze e quinhentos
da era de Cristo, nosso redentor,
do que se passou estae muy attentos,
no dia da madre do mesmo senhor:
O duque eycelente, nosso guyador,
Dom James, da casa d'antigua Braguança,
de gente levando muy grande pujança
geral capitão partiu vençedor.

Nom peço favor que possa contar
o que se passou na santa viagem,
nem menos ajuda me praz d'invocar
as antiguas Musas, nem sua linhagem.

O poeta descreve o brasão prophetico da nacionalidade com o mesmo ideal de independencia e grandeza da patria, que inspirou João de Barros e Camões:

(1) *Ibid., p. 269.*

Levando comsigo a *bandeira* real
que nunca vencida se póde dizer,
pois he invencivel *aquel sinal*
tomado das chagas que quiz padecer
O summo bem nosso com muitos marteiros,
porque salvasse o mundo perdido;
tambem senefica os trinta dinheiros
per cujo preço foi Cristo vendido.

Na Oração de Vasco Fernandes de Lucena diante de Innocencio VIII em 1485, vem pela primeira vez manifestamente declarado o sentido allegorico das armas portuguezas. Gil Vicente e Sá de Miranda, alludiram mais tarde nos seus versos a este mesmo emblema com que o sentimento catholico se envolvia com o ideal da nacionalidade. A causa da tomada de Azamor foi um pretexto para tornar sympathico o Duque Dom Jayme e laval-o da nodoa do assassinato da duqueza de Bragança; Luiz Henriques o dá bem a entender:

Onde per ele lhes fuy decrarado
toda a tenção del rey, seu senhor,
que foi *envial-o sobre Azamor*
pola maldade do erro passado.
C'a todos pidia que d'amor e grado
quizessem sem outra vontade, nem zello
em sua tomada tambem commetel-o
pera que sempre lhes fosse obrigado.

Era uma aventura romantica, que se repetiria na côrte ainda depois de terem expirado os velhos poetas que foram a essa expedição, como o corajoso Dom João *de Menezes*, que Sá de Miranda diz que ainda viu, exul-

tando por esses bons tempos. Tambem chegaram a Camões essas tradições da arbitrariedade e do cavalheirismo impetuoso, e no canto VIII dos *Lusiadas* celebrava elle a façanha de Azamor. No manuscripto dos *Lusiadas,* que possuia Manoel Corrêa Montenegro, amigo de Camões, encontram-se essas outavas em louvor do Duque Dom Jayme, que a Censura supprimiu. Póde-se affirmar positivamente, que o Santo Officio cortou esta passagem do poema, visto que Luiz de Camões era amigo intimo do successor de Dom Jayme, Dom Theodosio, que elle celebrou no tempo em que frequentava as escholas de Santa Cruz de Coimbra, e cujo progenitor quereria conservar no pantheon da sua epopêa:

Este deu grão principio á sublimada
Illustrissima casa de Bragança,
Em estado e grandeza avantajada
A quantas o hespanhol Imperio alcança.
Vós, aquelle que vae com forte Armada
Cortando o Hesperio mar, e logo alcança
O valoroso intento que pertende,
E a villa de *Azamor* combate e rende.

He o Duque *Dom Gemes,* derivado
Do tronco antiguo e successor famoso
Que o grande feito emprehende, e acabado
A Portugal dá volta victorioso;
Deixando d'esta vez tão admirado
A todo o mundo, e o Mouro tão medroso,
Que inda atégora nunca ha despedido
O grão temor entonces concebido.

E se o famoso Duque mais avante
Não passa c'o a catholica conquista
Nos muros de Marrocos e Trudante,
E outros lugares mil á escala vista,
Não é por falta de animo constante,
Nem de esforço e vontade prompta e lista,
Mas foi por não passar o limitado
Término, por seu rei assignalado.

Achou-se n'esta desigual batalha
Um dos nossos, de imigos rodeado;
Mas elle de valor, mais que de malha,
E militar esforço acompanhado,
Do primeiro o cavallo mata e talha
O colo a seu senhor, com desusado
Golpe de espada; e passo a passo andando
Os torvados contrarios vae deixando.

N'estas quatro outavas, que a Inquisição amputou, apresenta Camões mais poesia do que Luiz Henriques nas suas marteladas trinta e cinco; o poeta do *Cancioneiro* ignorava a estructura da outava italiana inventada por Boccacio e admittida na epopêa por Ariosto, e relata como um chronista; Camões dramatisa, mostrando a força de caracter do Duque Dom Jayme que interrompe as suas victorias para cumprir estrictamente a vontade real, e inventa logo um episodio. Luiz Henriques, que tomou parte na tomada de Azamor, nada testemunhou que o levasse a esboçar um quadro pittoresco. O poema de Luiz Henriques, por isso que era escripto no antigo metro de *lamentação,* affecta tambem um caracter archaico; esta mesma affectação inspira o poemeto do *Despojo de Arzilla.* A *Miscellanea,* de Garcia de Resende, nada significa n'estes esforços para uma epopêa.

A necessidade de uma epopêa nacional tornara-se uma monomania publica. O celebre impressor João de Barreira, dedicando em 1564 ao filho do Conde da Vidigueira a *Historia das cousas que o muy esforçado capitão Dom Christovam da Gama fez nos reinos do Preste João*, que achou escripta por um Miguel de Castanhoso, companheiro de trabalhos do Capitão, formúla claramente a aspiração de uma epopêa que celebrasse a empreza do Gama: «Nam sem razão o grande Alexandre se mostrava descontente por nam cair em seus tempos hum Homero, que seus feitos e façanhas celebrasse... E se alguma hora este Homero se houvera de desejar, houvera de ser n'estes tempos, em que acharia materias dignas de seu estylo. Porque se os errores de Ulysses lhe pareceram materia conveniente a seu engenho, e os feitos de Achilles, mais alta empreza era e maior campo de mostrar a divindade de seu espirito, a navegação do Conde Almirante Dom Vasco da Gama vosso avô, de aqui até a India: e os feitos de Dom Christovam da Gama seu filho, vosso tio, na terra da Ethyopia. Porque por a viagem de Ulysses e os casos que em poucas legoas do mar Mediterraneo lhe aconteceram, achará a navegação de vosso avô desde o ultimo occidente até o nascimento do sol, *por mares nunca navegados*, por gentes nunca vistas nem ouvidas, descobrindo novos mundos, novas terras, novo céo e novas estrellas. Levantando a gloria de seu rei: e poendo as Quinas reaes de Portugal onde Alexandres nem Cesares poderam chegar. De que vieram ser tributarios os reis do Oriente aos de Por-

tugal: enriquecendo o Tejo com os despojos do Ganges e do Indo: cousa maravilhosa e que parece impossivel. Cujos grandes e heroicos feitos são pelo mundo tão celebrados, que não ha parte onde não estê na memoria dos homens a gloria de seus trabalhos viva e immortal: e o será emquanto durar o mundo.» (1)

Ainda faltavam outo annos para que a surprehendente epopêa dos *Lusiadas* viesse satisfazer esta aspiração da nacionalidade. Camões lembra-se do interesse com que Alexandre lia a Homero, e termina com essa phrase dirigida ao monarcha, que ficará «Sem á dita de Achilles ter inveja.»

(1) Reproduzida na *Collecção de opusculos reimpressos e relativos á Historia das Navegações*, t. I, 1855.

CAPITULO II

Os «Lusiadas», epopêa da Nacionalidade portugueza

Differença entre as epopêas nacionaes ou de raça, e as epopêas historicas ou eruditas.—Caracter consciente da obra litteraria.—Relações entre uma e outra fórma epica, como base para a critica: *a) Elemento mythico,* explica-nos o *maravilhoso* artificial ou *ex machina* das epopêas historicas.—O *Maravilhoso* de Camões, confunde a Mythologia grega com o Christianismo.—Causas d'este syncretismo.—*b) Elemento tradicional,* por onde os mythos recebem caracter historico.—Os *episodios* são as tradições ou o seu equivalente nas epopêas eruditas.—Tradições sobre que se funda o poema dos *Lusiadas.*—*c) Elemento historico,* predominante na epopêa erudita.—O facto da descoberta do Oriente e a collectividade do heroe, explicados pela poesia da navegação portugueza.—Juizo de Humboldt, de Schlegel e Quinet sobre os *Lusiadas.*—*d) Elemento pessoal* na epopêa erudita: Camões falla de si e das suas desgraças.—Os *Valentones* nos *Lusiadas.*—Como a personalidade do poeta salvou o poema de se perder.

Um facto caracteristico de todas as litteraturas romanicas do seculo XVI é esse desejo manifestado e tantas vezes ensaiado pelos eruditos, de elaborarem cada qual com mais fervor a Epopêa da sua nacionalidade. (1) Mas o que se entendia então por Epopêa? Perdida a tradição da edade media pelo enthusiasmo classico da Renascença, e mal comprehendida a Antiguidade, os eruditos viram que as duas mais altas civilisações, a grega e a romana, apresentavam monumentos littera-

(1) *Introducção á Hist. da Litteratura portugueza,* p. 313.

rios especiaes, que nem todos os poetas podem realisar, caracterisados com uma acção historica, com dimensões gigantes, com descripções e narrações, intervenção de divindades e com prodigios de bravura; acharam que a *Iliada* e a *Odyssea* eram assignadas por Homero, da mesma fórma que Virgilio assignava a *Eneida,* e crendo que as forças humanas ainda não estavam esgotadas, empregaram todos os esforços individuaes para imitarem essas epopêas. Se o seculo XVI não tivesse repellido das suas tradições a edade media, comprehenderia como se produz a obra anonyma e collectiva, derivando-a das fundas raizes das primeiras creações humanas, os mythos religiosos; veria como essas fórmas, que se não perdem, seriam animadas de novo pela imaginação com interesse historico; conheceria finalmente que essa obra de todos, seria não a simples expressão calculada da unidade nacional, mas a causa primaria d'ella, o vinculo que a sustentaria, o palladio da sua integridade. Mas esta legitima fórma da Epopêa já se não podia inventar no seculo XVI; era passado esse momento, como nas transformações chimicas, em que os elementos que dão o alcool por bem que se combinem só compõem vinagre. Estava fundada a estabilidade civil e a commodidade burgueza, entre as duas mós do Apocalypse — os exercitos permanentes e a intolerancia catholica. A ordem social e a ordem moral foram realisadas perfeitamente por estes dois poderes, da mesma fórma que o o pezado rodo de pedra reduz as sinuosidades pittorescas de um terreno ao monotono lanço de mac-adam.

O espirito de independencia e de sarcasmo, a *balia* e a liturgia grotesca acabaram sob os regulamentos policiaes e as Constituições episcopaes; a seiva poetica da edade media findou; a arvore frondente do *Maio*, tornou-se o póste da forca e da picóta. Mas diante dos progressos economicos, as novas nacionalidades governadas por Codigos romanistas, illustradas pelo clero latinista, esqueceram-se das suas origens, das suas relações com a vida medieval, e por causa d'este esquecimento se levantaram as terriveis fronteiras de odios de bandeira, de heranças dynasticas e de tantos sonhos ôccos que se sabe terem existido porque se sabe do muito sangue que fizeram derramar. Foi n'esta condição que a Renascença fez acirrar o appetite da Epopêa. Crendo-se independentes pelo facto da separação de fronteiras demarcadas pelos contractos de casamentos e heranças reaes, e pelo facto de uma industria florescente que as descobertas maritimas provocaram, as Nações romanicas pela intelligencia dos seus sabios aspiraram á forma litteraria que exprime a consciencia que um povo tem da sua vida propria.

D'esta falsa situação moral e politica, caiu-se n'essa lastimavel mas inevitavel imitação da Antiguidade, que veiu satisfazer tão caprichosa aspiração. Ter uma epopêa era para o seculo XVI, como para a burguezia gorda de hoje o ter lustres; em vez de elaborarem as tradições das suas origens, o que já não era possivel, porque a Edade media era considerada a noite da barbarie, obedeceram á corrente da Renascença, e confundindo a

Iliada, como obra individual, com a *Eneida,* deram esses productos hybridos, que em vez do nome de epopêas merecem que se lhes chame Chronicas metrificadas.

Camões venceu esta difficil corrente da erudição, concebendo um poema em que o caracter das epopêas cyclicas ou anonymas não desapparece completamente na obra litteraria. É esta a fórmula por onde a critica chegará a alcançar a verdade e o valor dos *Lusiadas.*

Antes de Camões, a tentativa de uma epopêa nacional acha-se manifestada por differentes contemporaneos: Jorge de Monte-Mór preoccupou-se com o assumpto historico da descoberta do Oriente: «Andava reunindo materia para compôr um poema do *Descobrimento da India oriental,* quando lhe sobreveiu a morte em 26 de fevereiro de 1561.» (1) Ferreira propõe a Caminha o compôr uma epopêa sobre esse mesmo assumpto; Antonio de Abreu ensaia-se na descripção epica de Malaca, e Pedro da Costa Perestrello rasga, ao lêr os *Lusiadas,* o seu poema do *Descobrimento de Vasco da Gama.* Nenhum d'estes poetas possuia o *ramus aureus* que dá ingresso no mundo dos heroes; Camões foi unico, como acontece na crystalisação dos extraordinarios diamantes. Para comprehender Camões é preciso conhecer os esforços que só elle pôde fazer triumphar; os poetas que lhe succederam, dentro ainda do mesmo seculo, quasi sob a mesma influencia moral, nunca mais puderam conseguir essa aliança do espirito de um povo com

(1) Vid. *Anno hist.*

a concepção individual; Jeronymo Côrte Real, Luiz Pereira, Francisco de Andrade e Sá de Menezes voltaram, invocando a gelida Caliope, a escrever Chronicas metrificadas.

Para comprehender o espirito que inspira e anima as palavras da epopêa dos *Lusiadas,* e o interesse que eleva este poema acima de todas as epopêas litterarias do mundo moderno, basta perceber o sentido da seguinte imagem historica: Quando Murad IV tomou de assalto Bagdad, mandou que todos os habitantes fossem passados á espada; começada a carnificina, nas convulsões do terror um persa chamado Scakuli levantou a voz e pediu que o levassem ante Murad, porque antes de morrer tinha importantes revelações a fazer. Na presença do terrivel imperador, lançou-se por terra exclamando: —Senhor, não faças morrer commigo uma arte que vale tanto como o teu imperio; ouve-me cantar, e depois ordenarás a minha morte.—O imperador fez-lhe signal para que cantasse; Scakuli improvisou, pulsando a sua harpa, um canto sobre a ruina de Bagdad. O sanguinario Murad sentiu-se abalado por aquelle canto e mandou suspender a matança.» (1) Portugal, arrastado pela intolerancia religiosa á absorpção de Philippe II, chegou a esta catastrophe de Bagdad; estava destinado a ser assimilado pela ambição de Castella; foi o livro dos *Lusiadas* que representou este povo como vivo, como autonomico, com a sua lingua, com a sua

(1) Stendhal, *Vie d'Haydn,* p. 158.

historia, grande pelo seu esforço para a civilisação da humanidade, finalmente como digno de luctar pela liberdade. É a esta luz que a Europa tem lido os *Lusiadas,* e é por isso que os considera como o documento mais eloquente da nacionalidade portugueza.

Escripta na grande epoca da Renascença, a epopêa dos *Lusiadas* resente-se fatalmente da influencia de Virgilio; a imitação erudita julgava a *Iliada* e a *Odyssea* como obra individual, mas não se atrevia nem tinha força para reproduzir certos modos de conceber e de exprimir as paixões privativas dos poemas de elaboração collectiva de que os cantos homericos são formados; a imitação exercia-se fatalmente sobre a *Eneida,* porque, inventada por um dado poeta da côrte de Augusto sobre uma acção por elle escolhida, com um fim por elle calculado, com a linguagem logica de quem domina todos os seus sentimentos e sabe explicar as suas paixões, com metaphoras e comparações estudadas para effeito scenico, na *Eneida* estava o modelo para toda e qualquer epopêa, substituindo apenas os nomes dos heroes e os logares, e deixando ficar as invocações, o maravilhoso ou machinas, com os recursos dos sonhos, das visões, dos concilios dos deoses, das mensagens, etc. A *Eneida* tornou-se o canon dos poetas epicos do seculo XVI; vista pelo lado material da fórma, pareceu facil o contrafazel-a, e contrafizeram-n'a á vontade.

Os criticos portuguezes ficaram n'este unico ponto de vista; póde-se dizer que nenhuma analyse dos *Lusiadas* tem sido feita que não desenvolva com meudos pa-

radigmas a imitação da *Eneida*. Qual a conclusão a que se tem chegado por esta via? Ao simples pleonasmo de que Camões escreveu sob o influxo da Renascença. Outros, como Barreto Feio e Herculano estenderam-n'o sob o leito de Procusto da Poetica de Aristoteles, e procuraram justificar Camões do modo como executou o canon da *unidade de acção* e de *heroe,* como empregou as *machinas* e intermeiou os *episodios*. Seguiram os processos que Brillart Savarin na *Physiologia de gosto* applicava aos guisados. Foi por isso que até Schlegel, Humboldt e Quinet, nunca existiu em Portugal uma comprehensão superior dos *Lusiadas*.

Como poderia haver regras preestabelecidas para criticar uma epopêa, se essas regras eram deduzidas de obras não comprehendidas, como os poemas homericos, e confundidas com productos artificiaes, como a epopêa de Virgilio? O *Tratado do Poema epico* do P. Le Bossu é a condensação pedante de todo este canonismo exterior e incongruente; commenta Aristoteles e Horacio, explicando-os pelas realisações das grandes obras; com o espirito do P. Le Bossu tem sido feita sempre a analyse dos *Lusiadas,* como se póde vêr no prologo de Barreto Feio.

Só depois que a critica moderna descobriu o estado psychologico em que se inventam as creações epicas, depois que Wolf explicou como a Grecia inteira collaboràra na *Iliada* e *Odyssea;* que a India, a Persia, a Scandinavia, a Allemanha, a França e a Finlandia trouxeram á luz da sciencia as suas epopêas seculares, é que

se conheceu, que as epopêas moldadas sob o typo virgiliano tinham o caracter epico do mesmo modo que uma cifra tem o caracter de uma linguagem; confundem-se entre si a epopêa anonyma e a individual como o diamante com o vidro lapidado. Mas a epopêa litteraria existe porque contrafez a obra collectiva, fazendo um esforço para renovar essa creação extemporanea que já não pertence nem á época nem ao estado de espirito que a põe em moda e fóra das suas condições vitaes. Ha uma relação entre estas duas fórmas como entre o corpo e a sombra que o reproduz; o que é natural e bello no corpo torna-se muitas vezes uma monstruosidade, uma aberração na sombra. Assim os *mythos* religiosos, que recebem caracter *historico* na epopêa anonyma, tornam-se essa absurda macaqueação litteraria chamada o *Deus ex machina,* ou a intervenção do *maravilhoso* para salvarem o heroe ou difficultar-lhe a acção; assim tambem do conjuncto das diversas tradições locaes, que vêm agrupar-se no todo da epopêa cyclica, a que no *Mahabharata* se chama *ityasas,* e nas *Gestas* da edade media *Cantilenas,* d'esta collaboração geral fizeram esses pequenos quadros recortados e diversamente embrechados nos poemas com o nome de *Episodios.* (1) Estes simples factos bastam para mostrar quaes as regras por onde se hão de julgar as epopêas litterarias, isto é, vêr até que ponto o poeta na sua synthese se aproximou da

(1) Le Bossu e os que o seguem, derivam o *episodio* da Tragedia; mas esta fórma litteraria sae da fórma *liturgica* do Mytho, como a Epopêa do seu *sentido.*

fórma tradicional d'essa creação primitiva. De todas as epopêas modernas, os *Lusiadas* são os que mais lucram com a analyse sob este criterio novo; foi por esse caracter de generalidade inconsciente, por essa aproximação das concepções primitivas, que o poema de Camões foi recebido com assombro em todas as litteraturas e reconhecido como bello e verdadeiro pelos maiores criticos do seculo XIX. Sigamos estes novos principios:

a) Elemento mythico: o Maravilhoso nos «Lusiadas»

Quasi todas as epopêas apresentam no seu *maravilhoso* a lucta de divindades oppostas, defendendo ou difficultando a empreza do heroe; tornou-se isto um logar commum dos poetas, um recurso de imaginação habitual para prolongar e engrandecer o assumpto. É isto o que nos dizem os rhetoricos, e na fé dos doutrinarios da Arte, em geral tem sido empregado este recurso pelos poetas heroicos com a mesma intelligencia; tal é a inferioridade do *maravilhoso* n'esses poemas litterarios concebidos em épocas de bom senso, quando a rasão e as forças moraes nem admittem, nem precisam de intervenção divina. Póde-se dizer que o *maravilhoso* é sempre absurdo. Conhecidas porém as relações que existem entre as epopêas anonymas e as epopêas litterarias, o que era insensato por não ter sentido, torna-se verdadeiro e profundo, porque representa o movel que dirigiu uma raça para a obra da sua independencia. Quando uma raça entra na vida historica, desenvolven-

do-se livremente dentro das condições fataes da organisação e do meio, a obra que melhor conserva a tradição das suas luctas é a Epopêa. O caracteristico vital de um povo são as suas divindades; Israel não se confunde com nenhum outro povo, apezar de todos os cativeiros, por que vive dentro das barreiras do seu monotheismo. Mas as fortes nacionalidades distinguem-se justamente pela liga dos seus elementos heterogeneos; os deoses do fraco são assimilados no mesmo olympo á custa de violencias, identificam-se vencidos. Na Grecia, por exemplo, os Doricos têm por seu deos principal a Apollo, os Jonios têm por divindade suprema a Neptuno; quando a unidade grega se realisou n'essa admiravel civilisação, a lucta entre Doricos e Jonicos ficou representada no antagonismo das suas divindades. Isto que se dá com a Grecia, deu-se primeiro na India e na Persia; este conflicto de elementos, que nem constituia a unidade nacional, é, segundo Lemeke, uma das principaes condições de desenvolvimento do genio poetico. É por isso que as grandes epopêas cyclicas correspondem ao periodo historico em que os povos começam a ter uma vida propria e independente; por isso a tradição das suas luctas interessa a todos e se torna um vinculo moral da nacionalidade. Sob este ponto de vista, o sentido do *maravilhoso* na epopêa litteraria tem o seu porquê racional, restituido pela correlação entre a obra individual e a obra anonyma. As fórmas da litteratura tambem têm a sua tradição que se não perde, embora se lhes oblitere o sentido e a importancia. Essas pobres *machinas* rhe-

toricas são pois a tradição, transmittida inconscientemente aos poetas eruditos, do conflicto dos diversos elementos de uma nacionalidade representado pelos seus differentes deoses. Não é isto um principio *a priori;* é a resposta que dá a historia ao analysar a estructura das epopêas antigas.

No poema dos *Lusiadas* ha tambem o mesmo conflicto de divindades, que se oppõem e que protegem a grande empreza dos portuguezes; *Baccho,* representando o genio da India, oppõe-se á descoberta do Oriente, convocando os deoses do mar para suscitarem todos os perigos ás Náos do Gama; Venus intercede pelos portuguezes, pelo amor que tem a este povo que fala uma lingua que lhe lembra á imaginação a linguagem do Latio. Tal é a parte essencial do *maravilhoso* dos *Lusiadas;* o espirito de Camões e o estado da vida moderna no seculo XVI não podiam acceitar esta ficção como um producto organico da sua raça; os povos catholicos perderam a sua mythologia, e sobretudo as nações recentes como a portugueza, do seculo XII, não podiam já ter um periodo mythologico antes de se constituirem. Portanto, Camões comprehendeu esta inferioridade, mas substituiu a nossa falta por uma synthese philosophica; em differentes logares do poema é elle o primeiro que declara que as suas divindades são vãs e mentirosas. Como synthese philosophica, o *maravilhoso* dos *Lusiadas* tem de ser interpretado, do mesmo modo e com a mesma seriedade com que se procura a intenção artistica de Goethe ao fazer o apparecimento de Hellena no

Fausto. Os *Lusiadas* são uma admiravel obra de arte. A censura do Santo Officio do seculo XVI advertiu nas licenças para a publicação do poema, que os nomes de deoses gentilicos eram uma liberdade poetica; o seculo XVII o XVIII viu o *maravilhoso* dos *Lusiadas* através das materiaes explicações de Dacier e Le Bossu, e em Portugal aonde dominava a intolerancia catholica, nunca se pôde considerar a alliança da mythologia grega com o maravilhoso christão, senão como um attentado, um absurdo, uma mácula indesculpavel do poema de Camões. Este defeito que arrancou tantos urros ao padre José Agostinho de Macedo, é justamente o que nos mostra hoje a superioridade e independencia do espirito de Camões, que viu como artista os recursos poeticos do christianismo, apezar de ter vivido na epoca de um sombrio terror religioso que atrophiava a intelligencia e a vida civil. O seculo XIX, pelo conhecimento perfeito das litteraturas antigas e pelas novas theorias da arte, é que estava realmente preparado para refazer a synthese philosophica attingida por Camões nos *Lusiadas;* no livro de Quinet, o *Genio das Religiões,* vem essa fórmula que elle não desenvolve, mas de uma absoluta verdade historica: «o poema de Camões é verdadeiramente o poema da alliança entre o Occidente e o Oriente.» Estas poucas palavras encerram em si um livro, que tarde poderá ser escripto, quando houver um espirito que recapitule a marcha da intelligencia humana para a descoberta das suas origens, desde as migrações indo-européas até ao estudo comparativo da linguagem, ás ori-

gens das religiosas e das fórmas litterarias, trevas immensas sobre as quaes a India espalhou a sua immensa luz da connexão historica.

Mas o *maravilhoso* dos *Lusiadas* leva á intelligencia d'essa bella fórmula. *Baccho* é a divindade inimiga; representa o genio da India e oppõe-se a que os portuguezes effectuem a sua empreza. Como é que os eruditos portuguezes do seculo XVII e XVIII podiam vêr no mytho de Baccho outra cousa senão um ridiculo deos do vinho? Foi esta comprehensão que levou os parodiadores do seculo XVI a inverterem o primeiro canto dos *Lusiadas* ao *de vinho* com o titulo de *Festas Bacchanaes*. Ainda não estava fundada a *Sciencia das Religiões,* e os mythos eram vistos como invenções arbitrarias ou dos sacerdotes ou do diabo. Camões, pela sua liberdade de espirito, chegou á comprehensão da antiguidade por uma certa intuição poetica. Se ao representar o antagonismo do genio indiano se servisse da personificação do deos *Soma*, como *Baccho* tambem deos do vinho, e nascido como elle da côxa da Indra, Camões teria procedido com mais rigor scientifico mas não com a verdade poetica; filho da Renascença via o genio religioso da India através da Grecia pelas conquistas de Alexandre Magno; no seculo XVI o deos *Soma* não lhe podia ser conhecido, porque os livros dos *Vedas* estavam occultos nos mais remotos presbyterios brahmanicos, e os missionarios portuguezes mandavam arrasar os templos e queimar-lhes os seus livros. Para o genio da India conhecer o Occidente, só por via da Grecia o poderia; essa tra-

dição já era sabida no seculo XIII na Peninsula, e no *Poema de Alejandro* se lê:

> *Bacus* si no oviesse el su lugar dexado
> Non oviera *el regno de India ganado. (v.* 236)

Toda a tradição encerra um fundo de verdade; as Renascenças do seculo XIII e XVI conheceram a connexão das divindades da Grecia com as da India, mas inverteram a filiação historica. *Baccho,* ao contrario do que pensou a Renascença classica, veiu da India para a Grecia; é o deos cosmopolita que não consentia esse caracter de cosmopolitismo aos portuguezes. A importancia secundaria que *Baccho* tem nos poemas homericos, prova que elle é um dos deoses mais modernos do olympo grego; deos mediador introduzido pelas colonias da Asia menor, traz comsigo os progressos da civilisação védica na ordem moral e social.

Baccho é denominado pelos gregos o deos do *vinho, (oinos)* e pelos latinos egualmente pelo mesmo epitheto *(vinum).* O Soma era invocado pelos aryas como um deos, e nos Vedas é denominado *vinas,* ou o amado; segundo Kuhn e Alf. Maury, *vinas* vem da raiz *ven,* amar, ser favoravel, do mesmo modo que a palavra grega *oinos.* (1) Ora o *Soma* era o summo acido da planta *sarcostemona viminalis.* Mas, segundo Alfred

(1) Maury, *Histoire des Religions de la Grèce ancienne, t. I, p.* 118, not. 6.

Maury, esta correlação dos nomes poderia ser fortuita; fortalece-se com a identidade da legenda grega com o typo védico. Soma, tambem nascido da coxa de Indra, é chamado o forte ou *Dakcha,* do mesmo modo que Dionysos ficou mais conhecido pelo epitheto de *Baccho;* Langlois, desenvolvendo em uma memoria o confronto de Baccho com o Soma indiano, aproxima este epitheto do sanskrito *Bhakcha,* o sacrificio. Soma tem o titulo de Giri-Chthâh, o que se dá pelas montanhas, como Baccho o titulo de *Oreios;* Baccho era principalmente adorado nas montanhas da Thracia. Soma, nasce do *Mauthanam,* que significa a producção do fogo divino; Baccho tem o epitheto de *hyrigenes,* o nascido do fogo, porque é tirado pelo deos que o gerou do seio de sua mãe fulminada. Soma, nascido do fogo do sacrificio, é transportado ao céo pelas orações dos sacerdotes, e por isso é chamado *Dwidjanman,* o nascido duas vezes; Baccho, completando o tempo da gestação na coxa de Jupiter, é em vista d'este duplo nascimento chamado *Dithyrambos*, e *Dimetor*. (1) Este facto isolado já por si nos mostra a luminosa revelação da Renascença oriental; não era possivel que houvesse no seculo XVI uma intelligencia que presentisse a unidade das creações religiosas da grande raça indo-europêa, mas é certo que, para os fins poeticos de Camões, nenhum outro deos podia representar o genio antigo da India se não Soma na sua naturalisação europêa de

(1) Factos colhidos em Maury, *op. cit.*

Baccho. O seu antagonismo tinha uma realidade; vindo do centro da Asia, pela Thracia, para a Grecia e para Roma, o curso da civilisação européa passára-lhe adiante, e na empreza da descoberta da India, os portuguezes levavam uma religião mais abstracta, mais espiritualista, como Camões representa no verso:

> O falso deos adorara o verdadeiro.

Logo no primeiro canto dos *Lusiadas* intervem a divindade protectora dos portuguezes:

> Para lá se inclinava a leda Frota;
> Mas a Deosa em Cythera celebrada,
> Vendo como deixava a certa róta
> Por ir buscar a morte, não cuidada,
> Não consente que em terra tão remota
> Se perca a *Gente d'ella tanto amada*
> E com ventos contrarios a desvia
> D'onde o piloto falso a leva e guia.

Qual a rasão por que Venus foi a divindade escolhida por Camões para protectora dos portuguezes? Camões conheceu a mythologia romana sob a fórma do syncretismo material da Renascença, isto é, através da hierarchia grega. Venus era sobretudo uma divindade italica, conhecida principalmente pelo nome de Feronia, protectora das praias e da navegação, segundo uma legenda conservada por Denis de Halicarnasso; (1) quando

(1) Preller, *Mythologia romana*, p. 263. (Trad. fr.)

o nome de Venus foi substituido ao de Feronia, deu-se na Italia a introducção dos cultos grego e phenicio de Aphrodite, mas ainda assim conservou o seu attributo de reinar sobre o mar, sendo adorada nas costas do Mediterraneo. (1) Era a deosa que presidia ás relações internacionaes, e por isso tinha o nome de Concordia. O nome de Venus é derivado do mesmo radical *ven,* que designa o attributo de Baccho; o antagonismo existia nos mythos, e Camões o presentiu com uma admiravel intuição artistica. Como Venus é essencialmente uma divindade italica, segundo as ideias ethnologicas do seculo XVI que derivava a lingua portugueza directamente do latim urbano, era Venus a divindade que melhor symbolisava uma nação romanica entregue ás emprezas maritimas. Os commentadores viram o *maravilhoso* dos *Lusiadas* através das fabulas licenciosas e sem sentido profanadas por Ovidio; condemnaram o que hoje tanto se admira em Goethe. O apparecimento de Hellena não é mais bello do que o apparecimento de Venus, (cant. II, st. XXXIII, XLI) cuja descripção excede em belleza todas as formas da Arte realisadas pela Renascença. Camões escolheu Venus como divindade protectora, porque seguia as ideias ethnologicas do seculo XVI:

> Sustentava contra elle Venus bella,
> Affeiçoada á Gente lusitana,
> *Por quantas qualidades via n'ella*
> *Da antigua tão amada sua Romana.*

(1) *Ibid.*, p. 267.

....
E na lingua, na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que he a Latina.
(I, 33.)

A parte mais condemnada no maravilhoso dos *Lusiadas* é aquella em que Baccho, para illudir os portuguezes, se finge sacerdote christão adorando o Espirito Santo; quem leu o poema com olhos catholicos não viu se não um desprimor rhetorico n'essa confusão de divindades. Mas, diante da sciencia comparativa das religiões, era o poeta que tinha rasão e avançava afoitamente a alegoria da unidade das formas religiosas. Eis as criminosas outavas:

Mas aquelle que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mães; que ordia a falsidade
Por ver o navegante destruido;
Estava n'uma casa da cidade
Com rosto humano e habito fingido
Mostrando-se christão, e fabricava
Um altar sumptuoso que adorava.

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e Santo Espirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada
Sobre a unica Phenix, Virgem pura.
A companhia sancta está pintada
Dos doze tão torvados na figura,
Que os que, só das linguas que caíram
De fogo, varias linguas referiram.

Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com este engano Baccho estava
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
N'aquelle Deos, que o mundo governava!

> **Os cheiros excellentes produzidos**
> **Na Panchaia odorifera queimava,**
> **O Thyoneo; e assi por derradeiro**
> **O falso Deos adorara o verdadeiro.**
> **(II, 10-12.)**

Quando Camões escreveu este canto II dos *Lusiadas* estava na India; com a curiosidade infatigavel dos es-iritos scientificos do seculo XVI, viria ao seu conheci-nento essa extraordinaria philosophia Vedanta, aonde os ogmas do Christianismo apparecem constituindo, mui-os seculos antes do seu apparecimento, essa doutrina ue penetrou na Judêa pelos Essenios, na Grecia pela schola de Alexandria, e em Roma. Esta philosophia Ve-anta era o desenvolvimento abstracto de certos mythos opulares na região occidental da India; aí se acredi-ava na encarnação do deos Vichnu na fórma humana e Christna; este mediador nasce d'uma Virgem-Mãe)evaki, é annunciado pelas prophecias dos *Vedangas*, e *Pulasteja*, de *Narada*, do *Pururava*; o terrivel ty-anno Kansa faz a degolação dos Innocentes para se li-rar do castigo que lhe hade infligir Christna recem-ascido, que é educado entre os pastores da ribeira de Yamuna, até que faz a sua entrada triumphal em Ma-hura; quando no meio das luctas contra o tyranno os iscipulos de Christna desfallecem, para os fortalecer, Christna mostra-se-lhes no seu esplendor, e é então que lle recebe dos discipulos o nome de *Iezeus*, a essen-ia pura. Quando, terminada a sua missão, está fazen-lo as abluções no Ganges, Christna é atravessado por ıma seta de Angadas e pendurado por seus inimigos

em uma arvore; Adjurna, o discipulo amado vem para recolher o cadaver, e Christna elevava-se corporalmente para o céo. (1) Embora viesse ao conhecimento de Camões toda esta serie de analogias pela immensidade de dramas sobre Christna, que se representava na India, e abstraindo mesmo de toda e qualquer noção scientifica, é certo que a sua intelligencia audaz foi fatalmente levada a fazèr nos *Lusiadas* esse syncretismo religioso que tanto tem chocado as rhetoricas de todos os tempos. Nos *Lusiadas* temos a prova d'esta hypothese, porque o poeta fala dos Christãos de Sam Thomé, por via dos quaes os orientalistas catholicos querem explicar estas analogias. (2) Tal é a verdade do *maravilhoso* de Camões; deixa de ser um artificio classico para

(1) Jacoliot, *La Bible dans l'Inde.*—Theodore de Pavie, *Chrisna et sa Doctrine.*—*Bagavad-Gita; Gita-Govinda; Prem-Sagar*, etc.

(2) O virulento detractor de Camões, o padre José Agostinho de Macedo, condemna o poeta por não ter seguido n'este ponto a narrativa da *Chronica* de Castanheda, liv. I, cap. 9, aonde se acha a realidade da ficção: «Mandou dous degradados de alguns que trazia para aventurar em taes recados, e foram encontrar com dous mercadores, parece que christãos de Sam Thomé, que lhes mostraram pintada em uma carta a figura do Espirito Santo, e por ante elles fizeram sua oração em giolhos.» O implacavel padre, nas *Reflexões sobre o Episodio do Adamastor*, p. 11, braveja: «Eis aqui a passagem que despertou a lembrança da mais repugnante ficção que até agora lembrou á irritavel geração dos Vates...» A censura basêa-se em Camões não seguir Castanheda, quando o opusculo começa por mostrar que os *Lusiadas* seguem na parte historica João de Barros e Castanheda. O syncretismo religioso incommodava o padre Macedo, e por isso volta á carga: «e começando pelo primeiro disparate do primeiro canto, que he Jupiter decretar

tornar-se o facto admiravel da miragem intellectual que a razão humana experimentava ao entrar na sua direcção critica.

Em muitos logares das suas obras, Camões mostra um conhecimento dos livros da edade media, que recolheram as lendas phantasticas que mais tempo se perpetuaram na imaginação, obstando a que se entrasse na via scientifica. Esses livros levaram-no fatalmente ao mesmo syncretismo religioso, como vamos vêr.

a queda do Mahometismo, até ao ultimo disparate do canto ultimo, que é Thetis, a mãe de Achilles, chorar a morte do Apostolo Sam Thomé.» (p. 30.)

Sabendo-se que a educação litteraria de Camões se fez no mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, é natural que ali recolhesse a tradição que Macedo deriva de Castanheda, porque na livraria d'esse mosteiro se guardava a Relação manuscripta do *Descobrimento da India por Dom Vasco da Gamma,* escripta por um companheiro da náo de Nicoláo Coelho, e hoje impressa: «E o capitam mandou dois homens ao Rey d'esta cidade para mais confirmar suas pazes, os quaes como foram em terra foi logo muita gente com elles até á porta do paço... E quando chegaram ao Rey, elle lhe fez muito gasalhado, e lhe mandou amostrar a cidade, os quaes *foram ter a casa de dous mercadores xrstãos e elles mostraram a estes dois homens uma carta em que adoravam, em a qual estava debuxado o Espirito Santo.»* (Ed. Kopke, p. 39.) Por esta aproximação se vê, que o facto contido nas tres estancias dos *Lusiadas* se aproxima nas suas particularidades mais do Roteiro anonymo, do que de Castanheda. Camões cita ali a Virgem e os Apostolos, e no Roteiro vem: «ali lhe mostraram *um retavolo em que estava nossa Senhora com Jhu Xto nos braços ao pee da cruz e os Apostolos. E os Indios quando viram este retavolo lançaram-se no cham, os quaes em quanto aqui estevemos vinham fazer suas orações.»* (ed. Kopke, p. 46.)

Estes factos nos mostram que as analogias da crença foram muito cedo sentidas; apesar da incommunicabilidade dos livros sanskritos no seculo XVI, encontramos na *Vida de Sam Fran-*

O seculo XVIII, que ignorou a edade media, e que mal conheceu a Renascença, não soube entender Camões na alliança da mythologia com o christianismo; acharam anachronismos no que era um facto coherente com as tradições poeticas da egreja, que absorvera a si a actividade primeira das litteraturas modernas. Baccho, vestindo-se de sacerdote e adorando o Deos verdadeiro, é um absurdo que repugna á idealisação artistica, se lêrmos os *Lusiadas* á luz do estado actual da crença catholica; mas se procurarmos interpretar a ficção segundo os sentimentos da época e das tradições com que foi concebida, então a sua verdade incute-se involuntariamente, e nos obriga a acceitar essa conciliação audaz da antiguidade com os tempos modernos.

Vejamos os factos anteriores á Renascença, que mostram, como mesmo dentro da egreja as tradições do paganismo foram recebidas para se exprimirem por ellas novos sentidos moraes; Philippe de Vitry, bispo de

cisco Xavier, do Padre João de Lucena, a seguinte invocação:

Oncery Narayna Noma (1)

Reduzida á verdadeira transcripção, deve ler-se:

Om! Çri Naraya namas

Om! é o monosyllabo mystico, intraduzivel; exprime o sentimento de elevação religiosa. O resto da phrase significa: «A graça do Senhor seja commigo. Adoração á Alma suprema.» (2)

(1) *Op. cit.*, p. 102, col. 2. Ed. 1600.
(2) Servimo-nos das explicações do nosso amigo Vasconcellos Abreu, que entre nós se tem dedicado ao estudo do sanskrito.

Meaux, dos fins do seculo XIV, moralisando as *Metamorphoses* de Ovidio sob o ponto de vista christão, personificou em *Danae* a Virgem Maria, o cão *Lelaps* em propheta, e em *Cephalo* o Espirito Santo. Jesus Christo, já symbolisado por Dante em *Jupiter,* conserva esta mesma allegoria, já sob a fórma de *Cysne* de *Leda,* ou da *chuva de ouro* de *Danae,* ou de *Appollo* quando pastor, ou de *Perseo* combatendo as *Gorgones* (as tres concupiscencias: mundo, diabo e carne) e livrando *Andromeda. Mercurio* representa a penitencia, e os Anjos são os *Titans.* Mesmo na parte mystica do christianismo, a erudição claustral chega a servir-se da fabula para explicar os tres gráos da ascése, em *Juno,* a vida contemplativa; em *Pallas,* a activa ou purgativa; em *Venus,* a unitiva. (1) Quando estes costumes estavam na Egreja no fim da edade media, quando os mais respeitaveis eruditos ecclesiasticos foram pagãos, como Bembo, Amyot, Rabelais e outros, que se inspiraram mais da antiguidade classica do que da Biblia, para que se hade querer analysar a construcção dos *Lusiadas* fóra da Renascença e desligada das tradições medievaes?

Camões não foi extranho a essa fórma maravilhosa da sciencia na edade media; o sabio era uma especie de theurgo como Bacon, ou acreditava surprehender pela observação phenomenos extraordinarios, como Cardan; ou prophetisava, como Nostradamus. Este estado moral

(1) De Martonne, *La Piété du Moyen Age,* p. 27.—E. Cartier, *Du Symbolisme chrétien dans l'Art,* p. 37.

que acabou diante dos estudos das sciencias naturaes no seculo XVII, acha-se tambem em Camões, e é uma das manifestações mais caracteristicas do seu *maravilhoso*. Nas redondilhas que tem por titulo *Carta a uma Dama*, reuniu elle muitas d'essas tradições maravilhosas da edade media. Basta indicarmos uma:

Escrevem certos authores,
Que junto da clara fonte,
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem n'aquelle monte.

No poema do *Miroir du Monde*, citado por Leroux de Lincy, vem esta tradição na fórma em que corria na edade media:

Si r'a vers le fleuve de Gange
Une gent courtoise e etrange,
Et ont droit faiture d'ome
Qui de l'odor d'accune pomme
Vive sans plus et si vont loing;
La pume lor a tel besoing
Qui si male puer sentaient
Sans la pume tantost mouraient.

Camões recolheu outra vez esta mesma tradição nos *Lusiadas*:

E junto d'onde nasce o longo braço
Gangetico, o rumor antigo conta
Que os visinhos da terra moradores
Do cheiro se mantêm das lindas flores.
(VII, 19.)

Na citada carta, conta o poeta a tradição maravilhosa da ave, a que Eliano dá o nome de *Porphyrio;* Nebrixa, de *Palemon,* e outros de *Camão.* É essa sciencia maravilhosa, essa geographia phantastica de Sam Brendan e de Marco Polo, essa hesitação entre o perstigio tradicional e o scepticismo critico, que produzem nos *Lusiadas* o encanto da verdade moral. Os grandes descobridores maritimos que se atiravam á incerteza da sorte, só vacillavam quando queriam conciliar a sua coragem com os dados recolhidos em Strabão ou Pomponio Mella. Camões é assim na ordem intellectual; elle viaja até ao Oriente, recebe a inspiração directa dos logares, mas escravisa-se á tradição classica dos geographos gregos. Quando traça os limites da empreza maritima dos portuguezes:

> Da occidental praia luzitana
> Por mares nunca d'antes navegados,
> Passaram inda além da *Taprobana*...

toma a *Taprobana* como a terra mais oriental, segundo a tradição mediévica, que acreditava que o sol brilhava aí muito antes de apparecer no nosso horisonte; no velho poema de *Waltharius,* vem:

> Lucifer interea praeco scandebat Olympo,
> Lucens *Taprobane* clarum videt insula solem.
> (v. 1188-9.)

Entre os varios nomes com que apparece designada a ilha de Ceylão, *Langkâ, Tambraparni, Simhala* e

Palaisimundu. Camões abraçou de preferencia o nome vulgarisado pelos gregos, e com que a ilha é conhecida nos escriptos de Strabão, Plinio e Pomponio Mella. Eugenio Burnouf explica esta diversidade de nomes: «Ceylão desde os tempos mais remotos foi um ponto de reunião onde povos de diversas raças e linguagens se encontraram. Os nomes dos logares variaram com as nações que se estabeleceram ali; e esta diversidade que passou nas tradições historicas, cobriu a carta de Ceylão de denominações de todas as edades e de todas as origens.» (1) Este facto mostra-nos como a intuição poetica de Camões o levou a escolher esse ponto geographico dos navegadores antigos, como o limite ultrapassado pelos navegadores portuguezes. Continúa Burnouf: «Depois que as conquistas de Alexandre na India abriram aos gregos o caminho da Asia oriental, Onesicrito e Megasthenes, pela relação de Strabão e de Plinio, tiveram conhecimento da Ilha e lhe deram nas suas relações o nome de *Tampobane,* Ταπροβάνη. Esta denominação apparece conjunctamente com as indicações positivas que a antiguidade nos transmitte sobre Ceylão, e sômos auctorisados a consideral-a como a primeira que os gregos conheceram. Ora este nome de *Taprobana,* ao qual as ricas producções da Ilha que designava deram entre os antigos uma grande celebridade, nós o achamos na denominação sanskrita e singaleza *Tâmraparna* e *Tâmbraparni.*» (2) «Além d'isso, esta ultima

(1) *Journal Asiatique,* V série, t. IX, p. 39. (1857.)
(2) *Ibid.*, p. 84.

designação tem mais interesse para a geographia comparativa, porque nos dá a origem do nome sob o qual os gregos conheceram esta Ilha celebre.» (1)

A profunda impressão dos escriptores gregos e romanos, que a intelligencia de Camões conservava diante do espectaculo surprehendente de novos céos e climas, longe de ser um defeito, é a condição peculiar que o tornou para a civilisação da Europa o genio conciliador da renascença oriental. A ficção do apparecimento de *Adamastor*, que nos revela o mundo maravilhoso da geographia da edade media, reune as reminiscencias de Lucano e de Ovidio com o metaphorismo do genio poetico do Oriente. Macedo, o damnado ergotista, quer que seja imitado da *Pharsalia,* (liv. I) quando Cesar transpondo os limites assignados pela republica passa o Rubicon, e lhe apparece a figura da Liberdade romana amedrontando-o; quer que a forma de Gigante seja imitada de Ariosto, quando descreve Brunel, (cant. III.); quer que a transformação de *Adamastor* seja calcada sobre a metamorphose do astronomo Atlante em uma montanha; (2) se assim fosse, seria mais um documento da profundidade da tradição europêa com que Camões forma essa synthese da civilisação do Oriente e da Europa, de que o nosso seculo está tirando as mais imprevistas descobertas.

(1) *Ibid.*, p. 82.

(2) *Reflexões criticas*, p. 16, 21, 24. Aí diz, que até o nome de *Adamastor* se encontra em Claudiano. O Padre mente; em Claudiano vem apenas o appellido *adamas*, e a sua flexão *adamante*.

Na ficção do *Adamastor* ha tambem esse sentimento pantheista dos mythos orientaes, revelado na transformação do gigante:

> Converte-se-me a carne em terra dura,
> Em penedos os ossos se fizeram;
> Estes membros, que vês, e esta figura
> Por estas longas aguas se estenderam:
> Emfim, minha grandissima estatura
> N'este remoto Cabo converteram
> Os deoses; e por mais dobradas magoas,
> Me anda Thetis cercando d'estas aguas.
> (Cant. v, 49.)

Conheceria acaso Camões as effusões mysticas do *Prem-Sagar,* aonde se diz de Christna: «Na vossa manifestação exterior, o céo é a vossa cabeça... a terra os vossos pés,... as nuvens os vossos cabellos... as arvores a vossa barba..., a lua e o sol os vossos olhos... Brahma o vosso espirito, Siva a vossa magestade, o vento o vosso halito, o movimento de vossas palpebras o dia e a noite, o trovão a vossa voz...etc.» Como *Adamastor,* Christna tambem tinha sido um Asura, da raça dos que haviam luctado contra a divindade. A impressão produzida pelo episodio do *Adamastor* na alma moderna é evidente no bello canto epico de Victor Hugo, intitulado o *Satyro;* depois que o Satyro entrou no Olympo e ameaçou os deoses, dá-se a transformação egual á do *Adamastor* depois da sua terrivel prophecia. (1)

(1) Tout en parlant ainsi, le Satyre devint
Démesuré, plus grand d'abord que Polyphème,
Puis plus grand que Typhon, qui hurle et qui blasphème,

Do apparecimento do Ganges no sonho de el-rei Dom Manoel, diz admiravelmente Quinet: «O rio Ganges, desde muito tempo perdido, é personificado como na epopêa indiana do *Ramayana.*» (1) Quando esse sonho phantastico do infante Dom Pedro e Dom João II, de mandarem descobrir as terras do Preste-João para formarem alliança com esse imaginario rei christão, teve a consequencia pratica da descoberta da India, como é que o poeta, que vivia em uma nação lançada na corrente das aventuras, podia achar na expedição de

Et qui heurte ses poings ainsi que des marteaux,
Puis plus grand que Titan, puis plus grand que l'Athos;
L'espace immense entra dans cette forme noire;
Et, *comme le marin voit croître un promontoire,*
Les dieux dressés voyaient grandir l'être effrayant;
Sur son front blêmissait un étrange orient;
Sa chevelure était une forêt; des ondes,
Fleuves, lacs, ruisselaient de ses hanches profondes;
Ses deux cornes semblaient le Caucase et l'Atlas;
Les foudres l'entouraient avec de surds éclats;
Sur ses flancs palpitaient des prés et des campagnes,
Et ses difformités s'étaient faites montagnes;
Les animaux qu'avaient attirés ser accords,
Daims et tigres, montaient tout le long de son corps;
Des avrils tout en fleurs verdoyaient sur ses membres;
Le pli de son aisselle abritait des décembres;
Et des peuples errants demandaient leur chemin,
Perdus au carrefour des cinq doits de la main;
Des aigles tournoyaient dans sa bouche béante;
La lyre, devenue en le touchant géante,
Chantait, pleurait, grondait, tonnait, jetant des cris;
Les ouragans étaient dans les sept cordes pris.
Comme des moucherons dans de lugubres toiles;
Sa poitrine terrible était pleine d'étoiles.

(*Legende des Siècles,* p. 277. Ed. Hachette.)

(1) *Genie des Religions,* p. 57.

Vasco da Gama um facto natural? O *maravilhoso* nos *Lusiadas* é uma das feições mais verdadeiras com que ali se imprime o caracter portuguez. (1)

b) Elemento tradicional: Episodios dos «Lusiadas»

Quando os *Mythos* perdem a sua immutabilidade dogmatica, permanece a fórma, que se transmitte sempre; porém o sentido é que varía segundo as localidades, segundo o predominio dos elementos que constituem a raça, segundo as phases da vida historica. A este sentido espontaneo e livre, que facilmente se substitue, que se agglomera com uma absorvente efflorescencia em volta de qualquer pequena realidade que lhe sirva de pretexto para produzir-se e dar á imaginação o poder de crear e o prazer de acreditar, a este sentido é ao que se chama a *tradição;* é sob este aspecto e com este caracter que a tradição é o principal elemento das epopêas primitivas.

Quando nas litteraturas das épocas de civilisação em que mais se exerce o genio critico, se pretende compôr uma epopêa erudita, insensivelmente se procura contrafazer artificialmente o molde primitivo; na epopêa grega as diversas tradições das differentes cidades concorrem com os seus numerosos dialectos para forma-

(1) Barbosa Machado, na *Bibliotheca Luzitana,* cita um poema de João Pereira Corte Real, intitulado *Transformacion del Cabo de Buena Esperança,* que nos parece derivar-se do episodio dos *Lusiadas*.

rem a acção complexa da *Iliada*. A estas tradições locaes correspondem nas epopêas eruditas os *episodios*. Os criticos da craveira de Le Bossu consideravam o *episodio* como uma especie de diversão agradavel e de recurso de amplificação para tornar a empreza do poema mais longa e grandiosa; era por isso que o derivavam da tragedia. Faz lembrar o systema dos philologos do seculo passado, que tambem formavam assim mechanicamente a creação da linguagem.

Mas a importancia organica da *tradição*, sobretudo nas litteraturas modernas, foi admiravelmente formulada por Fernando Wolf de um modo que póde tornar-se diante da philosophia uma segura lei historica: esse sabio critico achou, que a litteratura de qualquer povo é tanto mais original e fecunda, tanto mais persistente diante de todas as invasões do gosto de outro qualquer povo ou época, mais verdadeira emquanto ao sentimento nacional, emquanto á aspiração para a liberdade, quanto essa litteratura tiver uma base organica de *tradições* sobre que se funde e d'onde tire essa predisposição para um certo ideal, por onde se attinge a perfeita generalidade da obra de arte. As litteraturas que não tiram a sua seiva d'esse elemento anonymo e inconsciente, seguem o capricho das pequenas individualidades, imitam por moda, por épocas, por escholas, nunca serão iniciadoras. Wolf exemplifica com as constantes imitações da litteratura portugueza esta deficiencia de tradições nacionaes.

O genio superior de Camões levou-o a comprehen-

der de prompto que lhe era impossivel crear uma epopêa verdadeiramente portugueza, sem prender os fios d'esse esplendido tecido por entre a varia florescencia de *tradições* patrias. Os *episodios* dos *Lusiadas* são essas formosas tradições que elle soube descobrir, escolher e entremeiar, e em parte distribuir, para conduzir logicamente a acção da descoberta do Oriente.

É por isso que Fred. Schlegell, diz, fallando dos *Lusiadas:* «Este poema comprehende toda a poesia da sua nação. De todos os poemas heroicos dos tempos antigos e modernos, não ha outro que seja tão nacional em um gráo tão elevado.» Comprehendendo os principios que temos apresentado, com relação ao elemento tradicional e ao caracter imitador da litteratura portugueza determinado por Wolf, é que se vê o alcance da ideia de Schlegell, que considerava os *Lusiadas* com a importancia «*de uma litteratura inteira.*» (1)

Vejamos como o senso artistico de Camões foi descobrir os elementos nacionaes da sua epopêa:

1. **As Quinas.**—(LUS., cant. III, est. XLV, e LIII-LIV.) No seculo XVI estavam constituidas as nacionalidades da Europa; eram como outras tantas individualidades independentes, que levavam á facil noção abstracta do ideal da humanidade. Acabada a linguagem heraldica dos brasões senhoriaes, começava o distinctivo das armas e dos estandartes nacionaes. As Armas portuguezas fundam-se sobre as tradições da nossa independencia;

(1) *Histoire de la Litterature ancienne et moderne*, t. II, p. 115.

Camões conheceu essas lendas do principio do seculo XV, que vieram das relações monasticas para os chronistas e para os poetas. A erudição e o syncretismo historico reproduziram a tradição maravilhosa do *Labarum* de Constantino; (1) mas foi Camões que teve o poder de dar vulgarisação aos factos. Eis como elle conta o milagre de Ourique, quando Affonso I estava prestes a dar batalha, e lhe apparece Christo a annunciar-lhe a victoria:

A matutina luz serena e fria
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o filho de Maria
Amostrando-se a Affonso o animava;
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na fé todo inflammado, assi gritava:
— Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi que creio o que podeis!

....

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trophéos e prenda rica;
Desbaratado e roto o Mouro hispano,
Tres dias o grão rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano
Que agora em esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em sinal d'estes cinco reis vencidos.

E n'estes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deus fôra vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta,
D'Aquelle de quem foi favorecido:

(1) Eusebio, *Dos louvores de Constantino,* liv. I, cap. 28 e seg.

Em cada um dos cinco, cinco pinta;
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues, que em cruz pintado veiu.

Nas *Memoires d'Olivier de la Marche*, escriptas entre 1435 e 1488, é aonde se encontra mais minuciosamente contada a lenda das *Quinas* portuguezas. Quando no seculo passado o padre Antonio Pereira de Figueiredo reuniu novos testemunhos a favor do milagre de Ourique, falla das *Memorias de la Marche,* como desconhecidas em Portugal: «Como tendo buscado estas *Memorias* nas mais copiosas livrarias d'esta côrte ainda as não pude haver á mão....»

Pelo modo como Olivier de la Marche conta as tradições das Armas portuguezas, se conhece como ellas corriam em Portugal desde o principio do seculo xv: «je deviseray du faict de Portugal, des armes et de l'augmentation d'icelles, je m'en veuil aquiter selon que j'en ay peu savoir et enquerre: et aussi, pource que Portugal est un des nobles quartiers dont vous estes prochainement yssu, et qu'en cellui royaume par vos ancesseurs ont esté faites moult de belles et dignes de memoire, je me delecte à vous donner à entendre dont viennent et procèdent les armes dessusdictes au roy de Portugal; et si le lustre de tant diverses pièces, comme sont icelles armes, procedoit de conqueste violente et tyrannique, je m'en tairoye, et en laisseroye le recit à plus subtil que moy. Mais pource que les dictes armes ont eté acquises et augmentées par vaillances et hautes

emprises faictes sur les Sarrasins, infideles et ennemis de nostre saincte foy chrestienne, je vous declaireray ce que j'en ay peu savoir, enquerir et apprendre, pour vous donner cueur et exemple que tous bienfaicts sont tousjours remis en fresche memoire, combien qu'il y ayt long temps qu' ils soyent advenus.

«Je trouve que les premieres armes de Portugal sont d'argent, et de ce seul metail, sans autre mesleure: sinon qu' elles sont diaprees de mesme: et telles les portoit l'enfant don Henry, comte d'Estorgues. Icellui se maria à une filhe du roy de Castille: et depuis sont les dictes armes augmentées par quatre fois (comme j'en diray par cy aprés) et tousjours pour accroistre et soustenir nostre sainte foy. Ce comte d'Estorgues, nommé Henry, et celle fille de Castille, eurent un fils nommé Alonse: le quel par sa grand chevalerie, travail, sens et vaillance, conquist sur les Sarrasins le royaume de Portugal. Et fut iceluy Alonse le premier roy crestien d'icelui royaume de Portugal, et fit, de sept villes, sept cités et sept eveschés: et de la ville de Bracque *(Braga)* fit archeveschė; et moult donna et sacrifia de biens à l'Eglise, en augmentation de la foy de Jesus Christ. Depuis passa la riviere d'Ostrage *(o Tejo)* et en la plaine de Cambdorick *(Campo d' Ourique)* desconfit cinq roys sarrasins: et pour leur cinq baniéres qu'il avoit conquises, il mit et para ses armes, (qui estoyent d'un escu d'argent, comme dit est) de cinq escussons d'asur, et les assit en l'escu, en la manière que j'ay dit en blasonant les dictes armes. Cestui roy Alonse prospera en li-

gnee de fils et de filles: dont il fit de grandes aliances: et de luy et des siens descendit le roy Alfonse, qui moult travailla en armes pour la foy chrestienne, moult de sarrasins fit mourir de son temps, et moult de vaillances fit de sa personne; et dont moult foys fu en danger de mourir, tant en la prision des Infideles, comme des bleceures et batures qu'il receut sus son corps en diverses batailles et rencontres.

«Or advint que le Pape se troubla contre iceluy roy Alfonse, pource qu' il ne vouloit souffrir un dixième que le Pape vouloit lever en son royaume: et fut le roy de Portugal si travaillé des verges de l'Eglise, qu'il fut contraint d'aller en sa personne á Romme, et prit jour de comparoir devant le Pere Sainct, et le triomphant conseil des cardinaux. Le roy Alfonse vint, vestu d'une longue robe sur sa chemise, sans avoir chausses ny pourpoint: et, apres le devoir faict, tel que le Roy doit au Pape, en soy humiliant comme fils de l'Eglise, luy mesme proposa son cas et ses escuses, et comment pour la defense de la foy chrestienne il travalloit assez son royaume, en levant grandes tailles sur son peuple, et luy sembloit que le Pape ne luy devoit autre chose demander: et remonstra comment par moult de foys il avoit aventuré sur les Sarrasins sa noblesse et mesmes sa personne, et dont il vouloit monstrer autant de playes receues pour la foy de Dieu maintenue, que luy seul en monstreroit sur soy presentement. Alfonse osta sa robe, et devestit sa chemise et monstra son corps tout nu: sur lequel fut veu un merveilleux nombre de playes; dont

cinq en y avoit si pres d'estres mortélles, que ce fut plus miracle que raison naturéle, que de la moindre il échapa sans mort recevoir. Le Pape et les Cardinaux, voyans ce noble tesmoignage, furent honteux et déplaisans du travail donné à ce noble et tres catoliq roy, le firent benignement revestir, et apres plusieurs honnorables excuses le recognurent bon et entier fils de l'Eglise; et par l'advis de tous, et en memoire de ses bienfaicts, luy fut ordonné de mettre en chacun des cinq escussons d'asur (qui sont es armes de Portugal,) cinq besans d'argent; et ainsi fut l'escu d'argent augmenté de cinq escussons d'asur, et de rechef paré de cinq besans d'argent en chacun escusson, comme dict est.

«Et puis que j'ay commencé à escrire de ce noble blason et armes de Portugal, je parferay le demourant de ce que je trouve des dictes armes, au mieux que je l'ay peu sçavoir et trouver. Par succession et origine naturéle, non pas de pere à fils, mais descendant de ligne, et par succession de temps, d'Alfonse vint l'enfant don Fernand, roy de Portugal. Cestui Fernand fut prince voyageur, et vint en France, et se maria à une noble dame nommee Marie, fille du comte de Boulogne, et en eut un fils nommé Henry, qui depuis fut roy de Portugal. Celuy roy Henry fit bordure, es armes de Portugal, des armes de sa mere: et combien que les armes de Portugal, quant à la bordure, soyent de gueulles, semees de chasteaux d'or, n'en deplaise aux peintres et aux deviseurs; car la bordure de gueulles est bonne: mais les chastaux sont faux, selon l'entendement du roy

Henry, pource que ce doyvent estre gonfanons, qui sont les armes de Boulogne; mais pource que le païs est loing, et par l'oubliance do vray, l'on a les gonfanons (qui doyvent estre à trois lanbeaux) changés à chasteaux: *et cette opinion je tiens de plusieurs notables gens portugalois* qui ont esté de ma congnoissance. Or avons nous l'escu faict à trois fois, et la bordure, qui est la quatriéme. Reste la cinquiéme cause de l'augmentation de cet escu: le quel est soustenu d'une croix de sinoble, dont les quatre bouts se monstrent fleuronnés es quatre coings naissans dessous l'escu: *et de ce aucuns veulent dire* (1) que celle croix y fut adjoustee par un roy de Portugal, qui eut ceste grâce de Dieu, que combatant les Sarrasins, une croix s'apparut au ciel devant ses yeux, qui moult le conforta et sa compagnie. Le bon prince fit son oraison à Dieu, et dit: — Mon Dieu Je-

(1) Como o Padre Pereira, nos *Novos testemunhos*, cita Olivier de la Marche pelo extracto de Ortelio, julgou que esta parte, que enfraquecia a sua argumentação, pertencia ao proprio Ortelio. O Padre Recreio, na *Justa desaffronta*, contra o snr. A. Herculano, escreve: « Examinei em a fonte a passagem em que elle no 1.º testemunho transcreve de Abrahão Ortelio, e achei que á palavra latina — *apparuere* — ultima das palavras citadas por Pereira, se segue logo, apenas separada por um ponto e virgula, a disjuntiva — *aut ut alii tradunt, quod quinque vulneribus mortiferis sanciatus, Deo Opt. Max. opitulante non occuberit.* — Se estas palavras forem de Oliveiro de Marca, é bem de crer que fica mui enfraquecida a passagem que Pereira allegou em favor da apparição. » (Pag. 107.) Ninguem se deu ao trabalho de procurar as *Memorias* de Olivier de la Marche, e o argumento ficou no vago; diante da passagem que anotamos, conclue-se pelas proprias palavras de Recreio: « *é bem de ver que fica mui enfraquecida a passagem que Pereira allegou em favor* da apparição ».

sus-Christ, j'ay ferme foy en toy et en ta passion douloureuse. Monstre ta croix à tes ennemis infideles, qui en toy ne veulent croire.—Sur quoy dit l'histoire que la croix s'apparut aux Sarrasins, et prestement furent déconfits, et que pour ce fut mise sous l'escu, la croix naisant, et soustenant le dict escu. A quoy je ne contredy point: mais je trouve pour vray que les quatre bouts fleuronnés (qui sont de sinoble) furent mis par le bon Jehan, roy de Portugal: car il fut de la religion David *(d'Aviz)* (qui sont chevaliers, et portent, en signe de religion, la croix verde); et par sa vertu et renommee fut tiré, par les Estats de Portugal, hors de la religion, et faict roy: et de ceste matiere je parleray plus à plain en la poursuite de ce present escrit. Ainsi donques ce noble escu fu augmenté par quatre fois, depuis l'advenement du premier roy chrestien du royaume de Portugal, etc.» (1)

N'estas palavras de Olivier de la Marche se vê o estado de syncretismo das tradições portuguezas; a cruz de Aviz, introduzida nas Armas portuguezas depois da elevação de D. João I ao throno, foi explicada como a apparição milagrosa de Ourique. La Marche falla de notaveis portuguezes do seu conhecimento; e ao começar as suas *Memorias* mostra inveja dos talentos de *Vasco Fernandes de Lucena,* para poder começar bem a sua obra: «ou que je n'ay, par don de grâce, la clergie, la memoire ou l'entendement de ce vertueux escuyer *Vas*

(1) *Collection complete des Memoires relatifs à l'Histoire de France,* rec. par *Petitot, t.* IX, 2me serie, p. 107.

de Lusane, portugalois, à present echanson de madame Marguerite d'Angleterre, duchesse douairière de Bourgougne (lequel a fait tant d'oeuvres, translations, et autres biens dignes de memoire, qu'il fait aujourdhuy à estimer entre les sachans, les experimentés et les recommendés de nostre temps).» Entre as obras de Vasco de Lucena, a que (1) aqui allude Olivier de la Marche, deve contar-se tambem um *Traité des faiz et haultes prouesses de Cyrus,* escripto em 1470. (2) Entre os portuguezes citados por La Marche, deve figurar tambem um certo *Juan Vasques,* possuidor de uma das ricas bibliothecas do seculo XV: «natif de Portugal, maître d'hotel de Dame Isabeau de Portugal, duchesse de Bourgogne.» (3) Á sua livraria pertencia uma *Histoire de Troie la grant,* e um livro intitulado *Horae Beatae Mariae Virginis,* in-16, encadernado em couro, ornado de uma cercadura historiada em prata, com dois fechos, manuscripto de velino, executado no meado do seculo XV, com 280 folhas e doze miniaturas; tem as armas de Portugal quasi apagadas, e sobre a folha da guarda o escudo de Vasques, com o de sua mulher, com a data: — Brugiis, MCCCCLXVIII. Recolhemos aqui esta noticia, porque com o titulo de *Livro das Horas de Santa Maria* se encontra esta mesma obra no Catalogo dos livros de uso de el-rei Dom Duarte. É certo que por Vasco Fernandes de Lu-

(1) *Op. cit.,* p. 92.
(2) *Catalog. da Bibl. de Borg.,* t. II, p. 198. Apud Busche, *Mem. cit.*
(3) Busche, *Mem cit.,* p. 8.

cena e João Vasques, viria ao conhecimento de Olivier de la Marche a tradição das Armas portuguezas. O Padre Antonio Pereira de Figueiredo cita uma edição gothica, sem data, de uma Oração de Vasco Fernandes de Lucena, recitada diante de Innocencio VIII em 1485, da qual traduz este trecho: «D'esta singular e famosa victoria (de Ourique), tomou o mesmo principe occasião de dar aos reis de Portugal por insignias e armas em campo de prata cinco escudos, coalhados cada um de cinco dinheiros; quando antes, é constante, que era um só o Escudo, e esse coalhado todo de dinheiros. Os cinco Escudos, pois, dispostos da mesma sorte a modo de Cruz, que outra cousa nos mostram, senão os trinta Dinheiros preço do Sangue de Jesus Christo, pelos quaes o entregou o cruelissimo Judas aos Fariseos? O mesmo principe, antes de dar signal para a batalha, posto de joelhos em oração viu ao Salvador pendente da Cruz. Aqui foi tal a confiança do real animo, tal a fé, que tinha esculpida no coração, que sem se aterrar nada com tão estupendo milagre, passou a fallar assim ao Senhor: Que não era necessario que elle Jesus Christo apparecesse a um homem que firmissimamente cria na sua divindade: Que antes se mostrasse aos hereges e a todos os que viviam apartados da verdadeira religião.» (1)

O Padre Antonio Pereira cita o testemunho do conego cartorario de Santa Cruz de Coimbra, D. Manoel Galvão, recolhido em 1556, quando contava já outenta

(1) *Novos testemunhos*, p. 15.

annos de edade, com que attesta a existencia de relações coevas do milagre. Sabendo-se que Camões foi educado nas escholas menores de Santa Cruz de Coimbra, fica explicado o modo como esta tradição poetica se fixou na sua imaginação.

A tradição nacional, apesar de ser de origem erudita, veiu inspirar tambem as obras mais caracteristicas da litteratura portugueza; em um romance do *Triumpho de Inverno,* em que Gil Vicente affecta a fórma popular, liga o sentido das Armas portuguezas á descoberta do Oriente:

> Tambien diste á Portugal
> De Moros siendo cercado
> El Rey Don Alonso Enriquez
> Que se le hubo ganado.
> Este santo caballero
> Del tu poder ayudado,
> Venció cinco reis moros
> Juntos en campo aplazado.
> *Tus santas llagas le diste*
> *Em pago de su cuidado,*
> *Que las dejasse por armas*
> *A' su reino senalado.*
> Recuerda-te, Portugal,
> Cuanto Diós te tiene honrado;
> Dio-te las tierras del sol
> Por comercio á tu mandado;
> Los jardines de la tierra
> Tienes bien señoreado:
> Los pomares de Oriente
> Te dan su fruto preciado... (1)

Sá de Miranda, exaltando Coimbra por possuir o corpo de D. Affonso Henriques, refere-se tambem á tra-

(1) *Obras de Gil Vicente,* t. II, p. 479.

dição nacional de que a poesia dos quinhentistas se aproveitaria; elle falla na *Fabula do Mondego,* dirigida a Dom João III:

> .... de su Rey primero
> Que en el campo vencio tanto Rey moro,
> *Quando otro Rey mayor le apreció*
> *Por nós otros erguido en el madero,*
> Y aquel padre primero
> Que con el bien no pudo:
> *Por lo qual vuestro escudo*
> *Real, lleva pinturas tan divinas,*
> *De tales Reyes, y tal misterio dinas.*

Quando Camões escreveu os *Lusiadas,* já a tradição das *Quinas* servia de base para essa outra utopia dos politicos do seculo XVI, a *Monarchia Universal;* Portugal estava destinado a ser o *Quinto Imperio* do mundo; estas ideias penetraram nos *Lusiadas,* e são a sua base mythica. (1)

2. **Egas Moniz.**—(LUS., cant. III, est. XXXV a XLI.) Todas as tradições que cercam o typo historico do fundador da nacionalidade portugueza bastavam para formar uma esplendida epopêa, se a intelligencia d'este povo não tivesse sido desde muito cedo dominada pela cultura latina; essas tradições poeticas ficaram sem cir-

(1) Vid. *Hist. de Camões,* t. I, cap. 1. Ainda em 1850 se deu um grande combate na imprensa portugueza ácerca do *milagre de Ourique;* faz pena o vêr quão longe ainda se estava do espirito scientifico em Portugal, e a falta de luz historica com que Herculano se defende por ter despresado essa lenda. Mas como elle estava do lado da razão, o tempo fez prevalecer o seu juizo.

culação, não occuparam a imaginação popular, porque os eruditos latinistas lhe deram a fórma litteraria de *Legendas*. Isto que se deu em Portugal acha-se confirmado na Provença, aonde as tradições nacionaes eram formosas e ricas, mas immobilisando-se na fórma erudita, nunca deram logar á concepção de uma epopêa. Enumeramos aqui as tradições que cercam o typo de D. Affonso Henriques pela successão poetica com que dariam uma epopêa nacional:

a) O nascimento do principe doente, e restituido á saude e vigor pelo voto do seu aio Egas Moniz.

b) Regresso do conde D. Henrique da Terra Santa; como antes da sua morte chama seu filho revelando-lhe o plano da independencia de Portugal, e pedindo que o realise.

c) Amores de D. Thereza com o conde de Trastamara; procura despojar seu filho do territorio portuguez. Combate contra a hoste de sua mãe, e prende-a no castello de Lanhoso. A praga de D. Thereza contra o filho, realisada em Badajoz.

d) O cêrco de Guimarães pelo monarcha de Leão que exige o reconhecimento da sua suzerania. — Levanta-se o cêrco sob a promessa de fidelidade, garantida por Egaz Moniz. Como se desliga nobremente da sua palavra, entregando-se á vingança do rei de Leão.

e) A lucta contra os Sarracenos; o milagre de Ourique e a creação das Armas de Portugal.—A tomada de Lisboa e a lenda de Martim Moniz e da velha que *sabe o* plano do cêrco.

f) Lucta com o Papa; a nomeação do Bispo negro.

g) A tomada de Santarem. — Como livra seu filho de um arriscado lance de armas. — O poema latino do seu canto de victoria.

Conhecendo-se estas numerosas tradições nas phrases laconicas dos Nobiliarios, e na ingenuidade novellesca dos Chronistas do reino, causa pena vêr como os poetas portuguezes, desvairados pela erudição latina, nunca poderam descobrir este veio da poesia nacional, entregando-se a rimar aventuras de Ulysses, como Gabriel Pereira de Castro na *Ulyssêa,* ou Manoel de Sousa Macedo no *Ulyssipo;* ou phantasiando allegorias, como Francisco Botelho de Moraes no *Alfonso,* e o Conde da Ericeira na *Henriqueida.* Um vago instincto lhes revelava, é verdade, que a epopêa sáe das origens nacionaes, mas o syncretismo de uma erudição banal e auctoritaria inutilisou-lhe todos os esforços.

Educado nas Escholas de Santa Cruz de Coimbra, Camões recolheu aí quasi todas as tradições, que pelo facto da abertura do tumulo do monarcha no principio do seculo XVI, receberam um certo vigor que as tornou a vulgarisar.

Quando Sá de Miranda, nas suas poesias lyricas deixou indelevel a impressão de tempo, fallando de Coimbra, como a:

> Cidade rica do *santo*
> *Corpo de seu rei primeiro...*

com muita mais razão o poeta epico não podia deixar de reconhecer o valor d'esta tradição nacional, sobretudo quando Dom Bento de Camões, que o educara, descrevia as visões maravilhosas em que o monarcha lhe apparecia.

Egas Moniz, o rico potentado do Douro, é que ficou por garante do reconhecimento de Dom Affonso Henriques á suzerania de Affonso VII; quando o seu pupillo se eximiu da dependencia do rei de Leão, Egas Moniz foi-se entregar descalso e com a corda ao pescoço, com sua mulher e filhos, para que Affonso VII vingasse n'elle o quebrantamento da sua garantia. É este o inimitavel quadro traçado por Camões n'essas seis outavas dos *Lusiadas*. A arte portugueza da edade media fecundou-se tambem d'esta tradição nacional, como se descobriu no baixo-relêvo do mosteiro do Paço de Sousa, aonde se via o cavalleiro com a corda ao pescoço, (1) como o demonstrou o academico Antonio de Almeida e o benedictino Velho-Barbosa, provando a sua antiguidade. Este accordo entre a arte e a poesia nacional mostrariam só por si a verdade da tradição, se os documentos do seculo XIV não contivessem no seu laconismo todas as particularidades que a tornam dramatica. No *Livro velho das Linhagens*, a phrase *a guiza de lealdade* explicando o levantamento do cêrco de Guimarães, fundamenta o acto heroico de Egas Moniz: «este Egas Mo-

(1) Herculano, *Hist. de Port.*, t. II, 509.—*Mem. da Acad.*, *t. XI.*

niz criou el-rei Dom Affonso de Portugal, o primeiro que hi houve, e fez erguer o emperador que jazia sobre Guimarães com campanha *a guiza de lealdade,* e fez senhor do reino o criado (sc. pupillo) apezar de sa madre a rainha D. Tareja de cuia parte o reino vinha.» (1)

A parte por onde viria ao conhecimento de Camões a tradição de Egas Moniz pode determinar-se no *Espelho de Casados*, do Dr. João de Barros, publicado em 1540; aí diz: «Egas Moniz, varom inclito e portugues em tãnto amou a El-Rey D. Affonso Anriquez que elle criara, que para que nam fosse subdito a El-Rei de Castella se lhe foi offerecer com a molher e filhos que os matasse; a historia é vulgar.» (2) Podemos fixar este livro como o que suscitaria a Camões o interesse do episodio, porque depois de celebrar a façanha de Egas Moniz, conclúe:

> Oh grã fidelidade portugueza,
> De vassallo que a tanto se obrigava!
> Que mais o Persa fez n'aquella empreza,
> Onde rosto e narizes se cortava?
> Do que ao grande Dario tanto peza
> Que mil vezes dizendo suspirava,
> Que mais o seu Zopyro são prezara,
> Que vinte Babylonias que tomara.

O Dr. João de Barros tambem aproxima este mesmo facto: «El Rey Dario tinha um amigo per nome *Zopiro,* o qual por enganar os Babilonios cortou a ssi

(1) Mon. hist., *Scriptores*, p. 159.
(2) Ed. de Tito de Noronha, fl. XXII.

mesmo os narizes e a cara; por elle dezia Dario que queria ante prender um tal Zopiro, que cem Babilonias.»

Os romanceiros hespanhoes do seculo XVI sentiram a grandeza epica d'este feito de Egas Moniz, e Juan de la Cueva, no *Côro Febeo,* tratou-o em um formosissimo romance; (1) é de crêr que Juan de la Cueva o conhecesse por via dos *Lusiadas,* ou pelo menos por via da tradição oral portugueza, como se explica pelo seguinte facto: «indicamos los amores que tuvo con una linda sevillana, doña Brigida Lucia de Belmonte, à quien conoció en casa de Gonzalo Argote de Molina. La muerte de esta joven, causó tan honda aflicion en el animo de nuestro poeta, que le produjo grave y peligrosa enfermedad, teniendo que abandonar Sevilla para restabelecerse de ella, *yendo a la residencia de unos deudos suyos, en la provincia de Tras-os-Montes, del vecino reyno de Portugal.*» (2) O *Côro Febeo* só foi publicado em 1587, o que nos mostra como o romance de Egas Moniz poderia ter-se derivado dos *Lusiadas.* No poema de Camões cita-se tambem a tradição em que, o filho D. Affonso Henriques

> A mãe em ferros asperos atava:
> Mas de Deus foi vingada em tempo breve:
> Tanta veneração aos paes se deve!
> (III, 33.)

(1) Vid. *Romanceiro e Cancioneiro geral portuguez,* t. v, p. 165.

(2) Vega y Arguelles, *Hist. de la Escola poetica sevillana, p. 225.*

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo d'aquelle que o merece,
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que o homem não conhece;
Se até aqui sempre o forte rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offerece;
Agora lhe não deixa ter defesa
***Da maldição da mãe,* que estava presa.**
... .
Que em ferros quebra as pernas, inda acceso
A' batalha, onde foi vencido e preso.
(ib. 69, 70.)

No titulo VII do *Nobiliario* do Conde Dom Pedro se ê esta mesma tradição: «E ella quando viu que a assi rendia disse: — Affonso Henriques, meu filho, prenleste-me e meteste-me em ferros... rogo a Deus que reso seiades assi como eu som; e porque me vós meestes ferros nos meus pés, quebradas seiam as tas peras com ferros: mande Deus que assi seia esto.» (1)

3. Giraldo Sem Pavor.—(Lus., cant. III, est. 63.)) titulo heroico da edade media *Sans peur*, revela-nos omo a tradição portugueza se enriqueceu de formosos lementos poeticos. Acha-se esta tradição da tomada de Ivora aos mouros por Giraldo Sem-Pavor, em André e Resende, na *Historia da antiguidade da cidade de Ivora,* e em Frei Bernardo de Brito, na *Chronica de Cister,* aonde phantasía com plena liberdade. Estas inicações nos bastam para determinar a fonte d'onde 'amões colheu a tradição, que elle soube tão energicaiente condensar n'esta estrophe:

(1) Mon. hist., *Scriptores*, p. 255.

E a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as aguas nitidas do argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente,
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

Tendo provado na *Vida de Camões* como a sua educação litteraria se fez nas Escholas de Santa Cruz de Coimbra, isto nos explica a fonte da tradição de Giraldo Sem-Pavor, commum ao poeta e a André de Resende. Na *Chronica Gothorum*, que se guardava na Livraria de Santa Cruz de Coimbra, se lê: «Era MCCIV civitas Elbora capta et depredata et noctu ingressa à Giraldo cognominato *sine pavore* et latronibus sociis ejus, et tratradidit eam Regi D. Alfonso, etc.» (1) André de Resende, na sua Carta a Bartholomeu Quebedo, allude a esta mesma chronica, como existente no Mosteiro de Santa Cruz: «in epitomen redactam, sed antiquam, ab ipisus regis temporibus latine, ut illa ferebant tempora, scriptam, quae à Sanctae Crucis Conibrigensis, ubi idem rex sepultus est, Canonicis reverenter adservatur.» (2) Podemos concluir que o poeta, durante a influencia de D. Bento de Camões, Geral de Santa Cruz, é que conseguiu ter conhecimento d'esses antigos monumentos, d'onde recolheu as tradições maravilhosas da fidelidade de Egas Moniz e da bravura de Affonso Henriques, da

(1) Mon. hist., *Scriptores*, fasc. I, p. 15.
(2) *Op. cit.*, fl. 12.

praga rogada por sua mãe e da derrota de Badajoz. A maior parte das tradições portuguezas não tem caracter nem existencia popular, por que este povo ignorou sempre a sua historia; as nossas tradições são *legendas*, no sentido rigoroso da palavra, isto é, factos de tradição erudita, primeiramente escriptas antes de serem popularisadas. Giraldo Sem-Pavor andava homisiado da côrte de D. Affonso Henriques, e vivia á solta no Alemtejo, que então pertencia aos Mouros, com uma quadrilha com que se defendia e com que pilhava tanto nas povoações arabes como christãs. Quando D. Affonso Henriques ia descendo para o Alemtejo no impeto da sua conquista, Giraldo Sem-Pavor entendeu que era tempo de se congraçar com o rei por um grande feito de armas.

Resolveu tomar Evora, e para isso tomou uma torre de almanara, deu rebate falso aos da cidade, que sairam de noite a combater a correria dos christãos, e Giraldo que estava de embuscada introduziu-se na cidade, fechou as portas e procedeu ao saque, mandando-a depois offerecer a D. Affonso Henriques como penhor da sua rehabilitação.

Cabe aqui discutir a lenda de *Martim de Freitas*, Alcaide de Coimbra, que recusou entregar a cidade ao conde de Bolonha, que desapossara seu irmão D. Sancho II do reino; Camões tendo vivido em Coimbra e examinado o archivo de Santa Cruz, não cita esta lenda. Não será o seu silencio uma prova contra a genuinidade d'ella? Camões falla da deposição de D. Sancho II como uma conspiração da aristocracia:

Mas o reino de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A rei não obedece, nem consente
Que não fôr mais que todos excellente.

Por esta causa o reino governou
O Conde bolonhez, depois alçado
Por rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho sempre ao ocio dado.
(*Lus.*, III, est. 93, 94.)

Que bello episodio não comporia Camões, se a entrega das chaves do Castello de Coimbra ao Rei morto em Toledo, existisse vulgarisada na tradição. O *Nobiliario* do Conde D. Pedro, no titulo VII narra a deposição de D. Sancho II, dizendo é verdade, que só Coimbra se não entregou ao Conde de Bolonha, mas por que elle não foi ali: «E veo o conde e tolheu o reyno a seu irmão e quantas boas villas hi avia, *que non ficou senor de Coimbra. E esta nom ficou senom porque nom foi hi o Conde, cá se hi veera assy a filhara como as outras.*» (1) Diante d'este prosaismo da conjuração aristocratica e ecclesiastica, como é que poderia Camões urdir esse poetico episodio da lealdade de *Martim de Freitas?* Os romancistas historicos do seculo XVI, como Lorenzo de Sepulveda ou Juan de la Cueva ou Garcilasso de la Vega, pondo em verso os episodios mais formosos da historia portugueza, não conheceram esse lance epico da fidelidade do Alcaide que entrega as chaves ao cadaver d'aquelle a quem só devera preito.

(1) Mon. hist., *Scriptores*, fasc. II, p. 256.

) primeiro que cita esta lenda é Ruy de Pina, na
onica de D. Sancho II, cap. 11 e 12; escrevendo
côrte de D. João II, que luctava contra a prepoten-
da nobreza e do clero, convinha-lhe divulgar um elo-
nte exemplo de submissão á soberania. O espirito
suas Chronicas explica o movel que o levou a dar re-
o a qualquer apagada tradição de fidelidade, de que
uve exemplos, como no repto de D. Fernão Garcia
Sousa, em Trancoso. Como o clero na deposição de
Sancho II fôra um infame instrumento de traição,
mões não podia receber em Santa Cruz de Coimbra
tras tradições senão as que pintassem o monarcha
posto com todas as más qualidades. A intelligencia
perior do poeta comprehendeu isto, e retrata-o ironi-
mente, dizendo que D. Sancho II não foi nenhum
ero, nenhum Sardanapalo, Heliogabalo ou Phalaris,
habilitando indirectamente a sua desgraça antes dos
ocessos criticos do chronista Brandão.

4. **A rainha D. Maria.** — (LUS., cant. III, est. 100-
17.) É admiravel o senso artistico como Camões sentiu
ae sob a palida narrativa das chronicas existia um pro-
ndo quadro poetico, quando a filha de D. Affonso IV,
. Maria, casada com Affonso XI de Castella, lhe veiu
edir soccorro contra a colligação das forças mouriscas
ue se ajuntaram para a batalha decisiva de Tarifa.
Ia *Chronica rimada de Alfonso Onceno,* de Rodrigo
Yanes, apparece esta primorosa situação, que o troveiro
omo contemporaneo do successo não pôde deixar em
ilencio, pela sua sublimidade. Camões, sem conhecer a

Chronica de Yanes, deu a este lance o mesmo movimento dramatico do velho troveiro:

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternos paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pae ledo que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha...

Na *Chronica rimada,* de Rodrigo Yanes, vem a anciedade de Affonso XI e o pedido á rainha D. Maria para que interceda com seu pae:

St. 1173: La reyna que esto oyó,
Guissóse muy noblemiente,
De Ssevilla se salió
Un dia amaneçiente.
E yva muy apresada,
El Andalusia atraversó,
Por Portogal fue entrada
A Guadiana passó.
Su padre oyó el mandado
De la fija que mucho amó,
Resçibióla muy bien de grado,
Por la rienda la tomó
Ssus cosas luego fablaron,
En plasa e en poridat,
E muy ayna entraron
Por Ebora la çibdat.
Unos dias y folgava
La reyna con su gente,
Con el rey luego fablava,
Sus palabras cuerda miente.
Presente estaba su madre,
E presente su hermano;
E dixo: — Rey, sennor padre,
Besso esta vuestra mano.

Como a buen rey sesudo,
Mi padre, mi amigo,
Mi espejo, mi escudo,
Mi consejo, mi abrigo.
Por lo buestro bengo yo,
Esto sabet sin arte,
E bien assi por lo mio,
A que cabe muy grand parte.
Padre, si bos pluguier,
La razon entenderedes,
El rey de Castiella quéer
Provar se bien me queredes.
Bos, rey, siempre me amastes,
Io a vós sin fallimiento,
De honse annos me casastes,
Casastes me con grand contento.
Casastesme con grand sennor,
Rey alto, de grand bondat,
Non saben atal mejor
En el mundo, esto és verdat.
De quien sso yo bien casada,
Non por que me alabe,
De si so la mas honrada
Reyna que onme sabe.
Bos, buen rey, non lo buscastes
E por bos cobré corona,
E pues me bien comensastes,
La sima sea muy buena agora.
El comienço es la rays,
La sima llama la flôr,
Aquesta rason vos dis
El rey don Alfonso, mi sennor.
En el comienso vos saluda,
E embiavos desir, rey,
Que vayades en su ayuda,
Por honrar la santa ley.

. . . .

Sennor, dademe recabdo,
Por Dios, esto sea luego,
Rey dixo muy de grado:
—Fazer quiero vuestro rogo.

Fija mia muy amada,
Mis regnos quiero dexar,
Por yr en esta cruzada
Al noble rey ayudar.
E por salvar mis peccados,
Que he fechos sin mesura,
Que me sean perdonados
En el reyno del altura,
Delante el grant judgador,
Con la lus que es complida,
La reyna dixo: «Sennor.
Dios bos mantenga la bida.
Siempre seades honrado,
Rey, sennor, por este bien,
E de Dios Padre heredado.»
Todos dexieron amen. (1)

Pelas relações que existem entre este poema de Yanes e o da batalha do Salado, de Affonso Giraldes, é verosimil suppôr que tivesse sido conhecido em Portugal; não crêmos, porém, que escrevendo os *Lusiadas* nos lances mais tempestuosos da sua vida, Camões tivesse conhecimento d'esses dois poemas, ambos ineditos e ignorados. Este encontro com o poema de Yanes mostra-nos simplesmente como Camões chegou á verdade pela sua perfeita comprehensão dos elementos vivos ou organicos da epopêa.

5. **Ignez de Castro.**—(Lus., cant. III, est. 118-137.) Le Clerc, ao traçar o quadro do desenvolvimento intellectual da Europa no seculo XIV, fallando dos esforços para se tornar escripta a lingua portugueza, accrescenta: «Mas o mesmo seculo e o mesmo paiz legaram

(1) *Poema de Alfonso Onceno*, str. 1173 a 1195.

á posteridade outras aventuras mais patheticas e menos fabulosas (do que o *Amadis*) como a de *Inez de Castro*.» Fernão Lopes, o Froissart da nossa historia, recolheu em toda a sua sublimidade poetica a tradição d'estes amores e da tremenda vingança dos assassinos de Inez. Os *Nobiliarios* tambem alludem vagamente ao castigo do Pacheco e ao crime de Coelho. No seculo XV, Garcia de Resende tratou pela primeira vez em umas admiraveis Coplas lyricas esta bella tradição da nossa historia; os seus versos têm essa ingenuidade medieval, que exprime tão bem a verdade da natureza. (1) Em um seculo de convenção rhetorica, Camões conseguiu elevar-se á eloquencia da verdade, porque possuia ideal na sua alma, porque era dotado de uma perfeita organisação artistica. A não ser assim, seria impossivel a qualquer outro espirito luctar com a superioridade de Fernão Lopes como narrador, ou com a ingenuidade poetica de Garcia de Resende como lyrico; Camões, excedendo-os em belleza, ultrapassou os limites da arte nacional, deixando no episodio de *Ignez de Castro* a obra prima de todas as litteraturas. O episodio de Ignez prende-se á epopêa portugueza pelo nexo mais intimo e organico que a evolução das fórmas litterarias exige. Passando a sua mocidade em Coimbra, aonde se deram os amores e o desastre de Ignez, Camões recebeu da tradição popular o primeiro interesse pelo que havia de poetico n'esse episodio. Nos

(1) *Floresta de Romances*, p. 3.

Commentarios manuscriptos de D. Marcos de Sam Lourenço aos *Lusiadas*, ao explicar os versos:

> *As filhas do Mondego a morte* escura
> Longo tempo chorando *memoraram*...

vem: «As filhas do Mondego, diz Camões que, longo tempo fizeram memoria d'esta morte de Dona Inez, *o que se entende nas Cantigas* que logo sáem e se compõem quando algum caso notavel acontece, como quando mataram D. Alvaro de Luna, em Castella. *Estas cantigas e romances duraram mais na bocca das moças de cantaro e lavandeiras, principalmente onde a gente é alegre e prezenteira como a de Coimbra, onde esta historia passou.*» (1)

Nos *Cantos do Archipelago* publicámos um romance á morte de Ignez, (2) ainda com o caracter popular, não obstante ser recolhido de lição manuscripta. Os Romanceiros hespanhoes trataram estes amores com todo o colorido epico d'essa fórma que se tornou culta no seculo XVI; é interessante vêr como a tradição se foi obliterando na sua verdade historica á medida que Lasso de la Vega, Timoneda, e os romancistas anonymos celebraram o *colo de garça*. A vitalidade d'esta tradição nacional, depois de ter dado o maior realce á epopêa portugueza, foi o centro de elaboração em volta do qual o genio dramatico se desligou, na *Castro* de Ferreira, da subserviencia dos assumptos da mythologia ou da historia classica.

(1) Apud Jur., *Obras de Camões*, t. I, p. 323, 328.
(2) *Cantos do Archipelago*, n.º 59, p. 345.

6. **O Infante Santo.**—(Lus., cant. IV, est. 52, 53.) A publicação da *Vida do Infante Dom Fernando,* escripta pelo seu secretario que o acompanhou no cativeiro, Frei João Alves, é que inspirou a Camões essa bella outava em que resumiu todo o sentimento da tradição:

> Viu ser captivo o santo irmão Fernando
> Que a tão altas emprezas aspirava,
> Que por salvar o povo miserando,
> Cercado, ao Sarraceno se entregava.
> Só por amor da patria está passando
> A vida, de senhora, feita escrava,
> Por não se dar por elle a forte Ceita:
> Mais o publico bem que o seu respeita.

Esta inconsiderada expedição fôra animada por uma bulla do papa, ante a qual teve de ceder a vontade do rei e o bom conselho do Infante Dom Pedro; quando se tornava urgente entregar Ceuta pelo resgate do Infante, foi unicamente o estado ecclesiastico que se oppôz, com o fundamento de que as egrejas voltariam a ser mesquitas. A belleza d'esta tradição foi admiravelmente comprehendida por Calderon de la Barca na sua comedia famosa do *Principe constante.*

N'este mesmo canto dos *Lusiadas* descreve Camões o typo do Condestavel, que as cantigas populares celebravam como o defensor da patria e o pae dos pobres. Todas as vezes, que a tradição epica apresenta uma base popular, fica evidente o processo artistico como Camões conseguiu dar ao seu poema o caracter nacional.

7. **Velloso.**—(Lus., cant. v, est. 30-36.) No *Roteiro de Vasco da Gama,* escripto por um dos companheiros que foram na expedição, vêm a tradição d'este marinheiro, que o poeta retrata como um dos *Valentones* do seculo XVI:

> E Velloso no braço confiado,
> E de arrogante crê que vae seguro...

Camões aproveitou-se admiravelmente da simples tradição conservada por Barros e por Castanheda, e sem alterar a verdade, deu-lhe o realce de um gracioso colorido poetico, e com phrases que se tornaram proverbiaes. Eis a realidade em a narração do *Roteiro:* «Este mesmo dia um Fernão Velloso, que ia com o capitão mór, desejava muito ir com elles a suas casas pera saber de que maneira viviam e comiam, ou que vida era a sua. E pediu por mercê ao capitão mór que lhe désse licença para ir com elles a suas casas, e o capitão vendo importunado d'elle, que o não leixava senão que lhe désse a licença, o leixou ir com elles, e nós tornamo-nos ao navio do capitão mór a cear, e elle se foi com os ditos negros. E tanto que elies de nós foram apartados, tomaram um lobo marinho e foram-se ao pé de uma serra em uma charneca e assaram o lobo marinho e deram d'elle ao Fernão Velloso, que ia com elles, e das raizes das ervas que elles comiam. E acabado de comer disseram-lhe que se viesse pera os navios e nom quiserom que fosse com elles. E o dito Fernão Velloso como veiu

em direito dos navios começou logo de chamar, e elles ficaram metidos pelo mato, e nós estavamos ainda ceando, e quando o ouvimos, leixaram logo os capitães de comer e nós outros com elles e metemo-nos na barca á vella, e os negros começaram de correr ao longo da praia, e foram tam prestes com o dito Fernam Velloso, como nós. Em nós o querendo recolher, elles nos começaram atirar com umas azagayas que traziam, onde foi ferido o capitão mór e tres ou quatro homens.» (1) O *Roteiro* termina com esta phrase, que dava um verso endecassyllabo:

« Então nos recolhemos aos navios. »

E Camões termina:

Logo nos recolhemos para a Armada.

Cada uma das estrophes em que o poeta celebra esta tradição, termina com um jovial epigramma, que provoca um immenso interesse por Velloso. Quando estavam na Armada, conjecturando ácerca da ousadia do aventureiro que se arriscara a ir de noite e sósinho com os selvagens, eil-o que:

Apparece; e *segundo ao mar caminha,*
Mais apressado do que fôra vinha.

(1) *Roteiro de Vasco da Gama*, p. 7. Ed. Kopke, Porto, 1838.

E quando iam nas lanchas em soccorro de Velloso, se vêem assaltados pela cáfila dos negros, termina o quadro:

> Mas nós, como pessoas magoadas
> A resposta lhe demos tão crecida,
> *Que em mais que nos barretes se suspeita*
> *Que a côr vermelha levam, d'esta feita.*

Já seguros na náo é que chovem as chufas com o desafogo natural de quem se anima com o riso:

> Disse então a Velloso um companheiro
> (Começando-se todos a sorrir,)
> —Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
> É melhor de descer que de subir?
> « Si, he; (responde o ousado aventureiro)
> Mas quando eu para aqui vi tantos vir
> D'aquelles cães, depressa um pouco vim,
> Por me lembrar que estavas cá sem mim.

Camões restituiu o drama e a vida ao ligeiro incidente do *Roteiro,* de Barros e de Castanheda.

8. **Naufragio de Sepulveda.**—(Lus., cant. v, est. 46-48.) Com um raro tino artistico, Camões intercalou nas propheticas ameaças do Adamastor, o desastre de Manoel de Sousa Sepulveda e a morte de sua formosissima mulher no medonho naufragio do galeão *Sam João,* na terra do Natal em 1552. Escusamos de tornar a referir aqui a lenda tenebrosa dos amores de Sepulveda e Dona Leonor de Sá; Camões nas tres estrophes dos *Lusiadas* ultrapassa o laconismo profundo de Dante. Era *preciso* para se elevar á altura d'aquella eloquencia ter

recebido a impressão immediata do desastre. Tendo partido a Náo *Sam Bento,* de Lisboa, em 1553, ainda cá não tinha chegado a nova do desastre; o primeiro navio que recebeu a triste relação do successo foi aquelle em que ia Camões, o qual, segundo o testemunho de Mesquita Perestrello, chegou a Gôa, em principios de Fevereiro de 1554. A Náo *Sam Bento* aportou em Moçambique; ali se achava Alvaro Fernandes, o guardião da náo perdida na terra do Natal, e por elle é que se soube as mais atrozes particularidades do naufragio. No prologo da relação impressa em Lisboa em 1554, se lê: «E passou tantos trabalhos antes de sua morte que não podem ser cridos senão de quem lh'os ajudou a passar, que entre os mais foi um *Alvaro Fernandes, Guardião do Galeão, que me contou isto muito particularmente, que por acerto achei aqui em Moçambique o anno de mil e quinhentos e cincoenta e quatro.*» Diante d'esta declaração terminante a nossa affirmação torna-se uma realidade. Camões sentiu a dolorosa poesia dos naufragios dos galeões da India, e elle mesmo faz nos *Lusiadas* a relação do seu naufragio, salvando-se a nado na Foz de Mécon. A poesia popular portugueza concentrou em um romance de redondilhas, de formação anonyma, todos os lances mais violentos que se acham relatados com uma eloquencia absoluta na *Historia tragico-maritima.* (1) Este livro encerra essas folhas volantes, que aquelles que escaparam atravessando os desertos e as

(1) Vid. o desenvolvimento d'esta affirmação no *Romanceiro geral, p. 191, e Cantos populares* do Archipelago, p. 425.

tribus selvagens, ao chegar á patria redigiam para que alguem os soccorresse na sua miseria; nunca a linguagem humana tocou a viva realidade na sua expressão simples, como na descuidada narração dos pobres marinheiros que pediam apenas compaixão para a sua nudez. Essas relações avulsas são a unica prosa natural em que a lingua portugueza foi empregada; chronistas, novelleiros e pregadores escreveram com o cuidado em extinguir a espontaneidade para imitarem as construcções latinas, para substituirem os sentimentos individuaes aos apophtegmas de moralistas antigos. Foram corpos vivos que imitaram a rigidez cadaverica. Se não existissem as relações de naufragios podia-se dizer que a prosa era uma construcção artificial da lingua portugueza, um esforço. Eram essas relações parciaes que iam produzindo na mente do povo a impressão que fez cantar o bello romance da *Náo Catherinetta;* muitas vezes os proprios marinheiros escreviam em verso a narrativa das suas desgraças. Temos uma prova d'este facto no que succedeu por occasião do naufragio da *Náo Gloria* em 1752; o procurador da Náo, Custodio Nogueira Braga, escreveu a *Relaçam em que refere o successo verdadeiro da Náo Gloria,* com as côres pittorescas que mais se apoderam da imaginação do povo. Transcrevemos aqui alguns trechos, pela extrema importancia que tem as relações de naufragio em verso:

Primeiro do que tudo, o Commandante
Os cofres tira, em sacos, vigilante,
E os poem a salvamento,

De quem bem merecia o hum por cento,
Pois deixando perder o que levava
Só o dinheiro dos cofres lhe lembrava;
Que tendo só de seu o que trazia,
Como caza em que andava e em que vivia,
N'esta infeliz desgraça, e tão notoria
Foi igual companheiro da náo Gloria,
Pois do forte naufragio que tiveram
Ella e mais elle, ambos se perderam;
Que se o soccorro salvou em tanta lida
Foi por servir seu rei por toda a vida.

Poucos navios, botes lhe mandaram,
E os poucos por poucos não bastaram,
Ainda alguns d'aquelles que vieram
Na confusa tormenta se perderam.
A gente augmenta a lastimosa lida,
E com a obediencia já perdida
Cada qual em si cuida,
E do commum governo se descuida;
Pois vendo-se o perigo sem falencia
Cada um quer mandar sem obediencia. (1)

Sobre este mesmo desastre appareceu egualmente a *Nova relação do lamentavel naufragio que se experimentou em a náo N. Senhora da Gloria,* tambem em verso; começa com um tom dorido e religioso:

Vós, que por mar e terra descuidados
Caminhaes nos perigos desatentos,
Augmentando os delictos e peccados
Sendo inferno os seus tormentos;
Escutae um pouco os meus lamentos
Nascidos da jactura lastimosa,
De um lenho ousado,
De uma náo pomposa. Etc.

(1) Pag. 5. Folheto in-4.º de 8 paginas.

Era esta a nossa poesia nacional, era assim que se havia de formar a epopêa cyclica das navegações portuguezas, se este povo não tivesse sido bestialisado pelo obscurantismo religioso e cesarista. Continuando sobre esta segunda relação, vêmos o poeta abandonar os endecasyllabos que lhe não cáem com espontaneidade, e vir insensivelmente á redondilha popular,—contando:

O lamentavel fim que teve
A Náo Senhora da Gloria.
Náo por todos acclamada
A milhor que el-rei tinha,
E por tal foi numeada
Para comboyo da Bahia.
La na Ribeira das Náos
Estando ella dado fundo,
Com receios que pudesse
Correr os mares do mundo,
Porque como era velha,
Se poz a votos um dia,
Por se não arriscar n'ella
Os cabedaes da Bahia.
Toda a Mestrança foi vêr,
E seu voto foram dar
Se a Náo podia vencer
Esta viagem no mar.
....
Quando foi o sexto dia
Agua ia de tal sorte,
Armou-se tambem gamota
Pelo risco que corria,
Até que vieram dizer
Ao nosso Commandante,
Que no payol da farinha
Entrava agua bastante.
Toda a gente esmoreceu,
Gemia e suspirava
De ver que por toda a náo
Tanta agua nos entrava.

Estava a não de tal sorte,
Agora quero explicar,
Que se estava apartando
Tudo do seu logar.
....
Da popa até á prôa
Estava cheia de gente,
Para salvarem as vidas
Cada qual mais diligente.
Os plantos tão lastimosos
Que toda a gente fazia,
Era dôr do coração
A quem quer que os ouvia. Etc.

O final da relação accusa a triste sympathia do marinheiro que vê ir ao fundo o navio que amava:

Acabou-se a soberba,
Acabou-se a vangloria,
Acabou-se a inveja,
Deu fim a triste não Gloria. (1)

O naufragio de Sepulveda, eternisado por Camões, recebeu tambem a fórma popular das comedias de cordel, representadas em todo o seculo XVIII. Jeronymo Côrte-Real fundou um poema historico sobre o interesse provocado pelas estrophes de Camões.

9. **Doze de Inglaterra.**— (LUS., cant. VI, est. 43-69.) Conhecendo-se quanto estavam em voga na côrte de Dom João I as novellas da Tavola Redonda e do Santo Greal, como o nome dos personagens d'esses poemas das aventuras do amor haviam penetrado na vida civil

(1) Folha volante de 16 p. Catalunha, Imprenta de Francisco Guevarz.

da aristocracia portugueza, é que se vê como o genio de Camões soube caracterisar pela formosa tradição dos *Doze de Inglaterra* toda a feição moral e historica d'essa época em que o povo começou tambem a ter existencia politica. É no meio dos enfados da viagem incerta, e quando o destino prepara novas catastrophes para os navegadores vencerem, quando vigiam na amurada entre os silvos da rajada e o somno da fadiga que os acommette, que se lembram de procurar a distracção nos contos de amores e de bravura:

> Remedios contra o somno buscar querem,
> Historias contam, casos mil referem.

Aqui figuram esses dois personagens lendarios da expedição de Vasco da Gama, o namorado Leonardo Ribeiro e o chistoso Fernão Velloso, que apparecem em outros logares dos *Lusiadas*. Do primeiro, diz Manoel Corrêa Montenegro: «Este soldado se chamava *Leonardo Ribeiro*, segundo me disse Luiz de Camões, perguntando-lhe por elle, mancebo desenvolto, dezidor e grande namorado.» (1) De Fernão Velloso, fallam Castanheda e João de Barros nas suas chronicas, e com o mesmo caracter com que o retrata o poeta vem no *Roteiro de Vasco da Gama*. Quando os marinheiros queriam passar a vigilia tempestuosa com contos de alegria:

(1) *Comment.* ao cant. VI, est. 40.

Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
—Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

« Não he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar que tanto custa
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra férvida e robusta
A nossa historia seja...

Encarregam Velloso de contar a historia do genero que elle approva, e eis o motivo, porque escolhe uma tradição nacional:

...porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi de nossa terra,
E estes sejam os *Doze de Inglaterra.*

Seguem-se depois essas bellissimas, galhardas e inimitaveis estrophes, em que o poeta relata a aventura dos doze cavalleiros que foram em desaggravo das damas inglezas á antiga patria dos paladins de Arthur; Ariosto nunca foi mais feliz no *Orlando,* e quadros assim distribuidos por todos os *Lusiadas,* é que levaram Fr. Schlegel a considerar Camões muito superior a esse ultimo troveiro da Italia.

D'onde recolheria Camões esta tradição nacional, que apparece pela primeira vez aproveitada por elle? As chronicas do reino não alludem a semelhante lenda; Manoel Corrêa, commentando o episodio, explica cir-

cumstancias que se não acham no poema, como que seguindo uma Relação manuscripta: «Esta historia conta aqui Luiz de Camões, mas porque no verso nunca se diz tão claramente que se escuse declaração, fiz aqui este breve discurso...» E commentando o ultimo verso da outava 43, diz: «A differença que ha entre esta Relação e os versos de Luiz de Camões é, que *na Relação se diz, que a briga foi a pé com maças de ferro no principio e depois com espadas.* Luiz de Camões, diz que foi a cavallo. Mas não temos certeza, por ser cousa sem memoria, em Inglaterra dizem que a ha.» Qual seria esta Relação, que Manoel Corrêa cita, e que diversificava da versão adoptada por Camões? Sob o n.° 94 da Bibliotheca do Conde de Vimeiro, do fim do seculo XVII, existia uma: «Miscellanea em que estão versos e cartas curiosas; poesias de Pedro Affonseca de Vasconcellos; instrucções de Gaspar Gil Severim a seu filho, quando embarcava; *Catalogo dos Doze de Inglaterra;* dos grandes de Hespanha, etc.» (1) Informaram-nos de que nos Manuscriptos da Bibliotheca do Porto, junto de uma Chronica do infante Dom Pedro, existia uma Relação do principio do seculo XVI sobre os Doze de Inglaterra; (2) debalde a procurámos, e depois de uma systematica investigação deixamos ao acaso a sua descoberta. Na *Pedatura luzitana,* inedito genealogico do seculo XVII, fallando-se de Alvaro Vaz de Almada, accrescenta:

(1) Collecção da Acad. de Hist. 1724.

(2) O prof. A. Soromenho, que fôra empregado d'aquelle estabelecimento, e o snr. visconde de Juromenha.

«*e foi um dos doze pares de Inglaterra.*» (1) Pelo desenvolvimento que Manoel Corrêa deu á annotação d'este facto, podemos suppôr que elle reproduziu inteiramente a Relação a que allude, perdendo-se apenas a fórma litteraria, que era o valor que para nós teria agora esse monumento; quando elle escreve: «*Então começaram de se combater, primeiro com maças de ferro e depois com espadas...*» deixa o vestigio por onde se conhece que seguia a Relação de que fallára. Manoel Corrêa cita apenas o nome de cinco d'esses cavalleiros: «entre os quaes era um *Alvaro Vaz de Almada,* que depois foi Conde de Abranches em França, e outro *Alvaro Gonçalves Coutinho,* de alcunha o Magriço, filho do primeiro marechal Gonçalo Vasques Coutinho e irmão de Dom Vasco Coutinho, primeiro conde de Marialva. E outro, dizem que se chamava *João Pereira Agostim,* filho segundo de Gil Vasques da Cunha, senhor das terras de Basto e de Montelongo e alferes-mór d'el-rei Dom João de Boa-Memoria. Os outros, um d'elles se chamava *Pacheco* (2) e outro *Pedro Homem,* e outros, que eram por todos doze e todos mui esforçados e valerosos cavalleiros.»

Em um folheto publicado em Lisboa em 1732 com o titulo *Desafio dos Doze de Inglaterra, que na côrte de Londres se combateram em desagravo das damas inglezas, escripto por Ignacio Rodrigues Védouro,* cita-se os nomes

(1) Tomo III, fl. 212 v. Ms. da Bibl. Portuense.
(2) *Lopo Fernandes Pacheco,* e Pedro Homem *da Costa.*

dos aventureiros, completando-os com os cinco já transcriptos, *Ruy Gomes da Silva, Alvaro Mendes Cerveira, Ruy Mendes Cerveira, Martim Lopes de Azevedo, Luiz Gonçalves Malafaia, Soeiro da Costa* e *Alvaro de Almada*. Este folheto (1) tem suas pretenções a chronica, mas é escripto n'esse estylo rhetorico que deixa a nú a intenção calculada; segue o poema na descripção do combate a cavallo, e por fim declara que foram os seus subsidios os *Lusiadas* com os Commentos de Manoel Corrêa, de Faria e Sousa, e o Conde da Ericeira Dom Fernando de Menezes.

Da mesma fórma que as tragedias gregas foram o desenvolvimento scenico dos episodios da *Iliada*, assim na epopêa de Camões procuraram os escriptores dramaticos do seculo XVII o assumpto tradicional; Jacintho Cordeiro, escreveu uma comedia famosa intitulada *Os Doze de Inglaterra*, e na renovação litteraria do Romantismo, Garrett tambem tentou escrever um poema sobre o *Magriço*.

10. **As sete partidas do Infante Dom Pedro.**—(Lus., cant. VIII, est. 37.) Camões allude á tradição das viagens do Infante Dom Pedro, na estancia:

> Olha cá dois Infantes, *Pedro* e Henrique,
> Progenie generosa de Joanne;
> *Aquelle fez que fama illustre fique*
> *D'elle em Germania com que a morte engane.*

(1) Guarda-se na Bibliotheca da Academia, E. 463-26.

O primeiro que fez referencia ás longas viagens do Infante Dom Pedro foi João de Mena, nas trovas que lhe dirigiu:

> Nunca fué despues, ny ante,
> quyen vyesse los atavios
> é secretos de Levante,
> sus montes, insoas, é ryos,
> sus calores y sus frios,
> *como vós, senhor Iffante.* (1)

Foi talvez por via de João de Mena, que a tradição se vulgarisou em Hespanha, a ponto de a citarem como popular Gongora e Cervantes; no cap. XXIII, da segunda parte do *Don Quijote,* ao fallar do Marquez de Mantua, diz que fizera voto: «*de andare las siete partidas del mundo, con mas pontualidad que las tuvo el Infante Don Pedro de Portugal,* hasta desencontral-a.» Em uma memoria sobre as relações dos portuguezes com Flandres, escripta por Emile Vanden Bussche, se lê a respeito da viagem do Infante cantada por Camões: «Pelo fim de Dezembro de 1425, o filho do rei de Portugal, desembarcado em Ostende, veiu visitar Bruges, passando por Odenbourg. Demorou-se mais de um mez na cidade burgueza, aonde tiveram logar festas em sua honra, entre outras um torneio sobre o Bourg a 31 de Janeiro de 1426. Os nossos archivos não dizem de que filho do rei de Portugal se trata, mas é provavel que

(1) *Canc. geral,* t. II, p. 72.—*Poetas palacianos,* p. 115.

seja Dom Pedro, duque de Coimbra.» (1) Commentando os dois versos de Camões escreve Faria e Sousa: «Aquel és Don Pedro, que corrió muchas partes del mundo, con que dió motivo, a que de su peregrinacion se escreviessen cosas que parecen fabulas, a quien ha visto poco: principalmente un quaderno que vulgarmente se llama *Auto do Infante Dom Pedro.*» Faria e Sousa refere-se ao folheto de cordel intitulado: *Livro do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo, feito por* Gomes de Santo Estevam, *hum dos doze que foram em sua companhia.* (2) A edição mais antiga d'esta chronica rudimentar é de 1595, citada na Bibliotheca de Gallardo com o titulo: *Los siete sabios de Roma —con el* libro de Infante Don Pedro de Portugal que anduvo las quatro partidas del mundo. *Barcelona,* 1595, in-4.º Este titulo explica o porque se deu o nome de *Sete partidas,* a essa relação tradicional. Sá de Miranda, que cita tantas tradições portuguezas nos seus versos, falla do Infante Dom Pedro na Carta a D. João III:

> Da mesma casa real
> Em verdade um grande Infante
> Tratado por manhas mal,
> Bradava por campo egual
> E imigos claros diante, etc.

(1) *Memoire sur les relations qui existerent autrefois entre les flamands de Flandres, particulièrment ceux de Bruges et les Portugais,* Deuxième partie, II, p. 4.

(2) Temos á vista uma edição de 1644.

11. Ilha dos Amores. — (Lus., cant. IX, est. 52-84.) — A belleza fundamental do episodio da Ilha encantada que vem ao encontro dos navegantes cançados, está em prender-se por um lado nas tradições da edade media portugueza, por outro nas crenças eruditas da Renascença. Isto nos mostra as duas correntes poeticas em que fluctuava o espirito de Camões, e sobretudo a verdade artistica da sua concepção. Houve uma origem organica e viva para essa ficção risonha; é esta a unica *realidade* que se deve procurar. A tradição celtica das ilhas encantadas constitue o maravilhoso das *Viagens de Sam Brendan,* citadas por Azurara, (1) que acreditava n'ellas, e que serviram tambem de guia aos nossos primeiros navegadores; (2) os heroes dos poemas da Tavola Redonda, já cantados na côrte de Dom Diniz, (3) e imitados na época de Dom João I, (4) tambem se recolhiam cansados das batalhas á Ilha de Avalon; e ainda no seculo XVI, depois do desastre de Alcacer-Kibir, o povo portuguez fez de el-rei Dom Sebastião o seu rei Arthur, e collocou-o na ilha maravilhosa da Antilia para d'aí vir realisar as prophecias do *Quinto Imperio* do mundo. (5)

No Globo de Martim de Behain, encontra-se notada

(1) *Chronica da Conquista de Guiné*, p. 45.
(2) Visconde de Santarem, nota ao loc. cit. de Azurara.
(3) *Trovadores galecio-portuguezes*, p. 181.
(4) Fernão Lopes, *Chr. de D. João I,* P. II, cap. 76.—*Chr. do Condestabre*, p. 12. Ed. 1848.
(5) Vid. *Origens celticas da lenda de D. Sebastião*, no *Canc. Popular*, p. 207.

a *Ilha de S. Brendan,* «entre o 1.º e 8.º latitude norte, e 313.º e 319.º longitude occidental do meridiano da Gran Canaria,» e «a *Ilha Antilia* ou das *Sete Cidades* ao norte do tropico de Cancer, entre 24.º e 26.º latitude norte e 326.º e 329.º longitude occidental.» (1) Na *Viagem* do Barão de Rozmitale et Blana, em 1465, vem a tradição de um rei portuguez que mandou tres navios á descoberta, e que depois de andarem dois annos no mar chegaram a uma ilha maravilhosa, aonde acharam subterraneos cheios de ouro e prata. D'estes tres navios apenas um voltou a Portugal, porque os outros foram submergidos pela tempestade que os afastou da ilha; mas ao chegarem á patria esses extraordinarios aventureiros, vinham encanecidos e ninguem os quiz reconhecer, ou antes, quizeram tomal-os como piratas que deram cabo dos outros navegadores. (2) A tradição recolhida pelo Barão de Rozmitale preoccupava os nossos navegadores, e Camões não inventou a ficção da *Ilha dos Amores* só por um recurso rhetorico, como os seus criticos sempre julgaram.

No seculo XV reinava em Portugal a monomania das *Ilhas encobertas;* a 10 de Dezembro de 1457, Dom Affonso V fez doação ao infante D. Fernando de quaesquer ilhas que descobrisse; a 19 de Outubro de 1462, concede D. Affonso V ao infante D. Fernando uma ilha,

(1) José de Torres, *Originalidade da navegação do Oceano Atlantico Septentrional, e do descobrimento de suas Ilhas,* § III, na *Revista dos Açores.*

(2) Apud Ferdinand Denis, Portugal, p. 80.

ue Gonçalo Fernandes de Tavora avistou ao oes-no-oeste das Canarias e da Madeira; a 12 de Janeiro de .473, faz o mesmo rei mercê á infanta D. Beatriz de odas as ilhas que descobrir emquanto proseguir na busa da *ilha que apparecia por vezes* da ilha de S. Thiago; a 21 de Junho de 1473 mercê a Ruy Gonçalves da Camara, de uma ilha que por si ou seus navios achasse no Oceano, não além de Cabo-Verde; a 10 de Novembro de 1475 explica a doação feita a Fernão Telles, que ella é extensiva á ilha das *Sete Cidades* e outras cujo caminho se dizia perdido; e em 3 de Março de 1486 faz ainda mercê a Fernão d'Ulmo da ilha que se presume ser das *Sete Cidades*, ou ilhas ou terra firme que ía descobrir. Finalmente no fim do seculo XVI a monomania das *ilhas encantadas* ainda provocava doações regias, como a de Philippe II, de 1 de Julho de 1591 a Gonçalo Vaz Coutinho, para mandar descobrir uma nova ilha que se avistava da ilha de S. Miguel, e em 26 d'Abril de 1595 o rei expede ao mesmo governador uma carta dando-lhe licença para descobrir essa ilha que «*apparece ás vezes da de Sam Miguel*». (1)

Quanto ás fontes eruditas da Renascença, Camões inspirou-se das tradições maravilhosas dos geographos antigos, cujos nomes cita nas estrophes mais eloquentes da sua epopêa. Educado sob um forte regimen classico nas escholas de Santa Cruz de Coimbra, Camões

(1) José de Torres, *Originalidade da navegação do Oceano Atlantico;* todos estes factos foram por este illustre açoriano descobertos no Archivo Nacional.

deixou-se penetrar pelo idealismo platonico, que distingue o seu lyrismo do de todos os outros Quinhentistas. Isto nos confirma o seu conhecimento do Dialogo de Platão, em que Critias realisa o ideal da *Republica* na terra da *Atlantida*. Camões conhecia o *Timeo* de Platão; pelo menos Strabão e Plinio, que cita, fallam da fabula da *Atlantida* sem se fiarem na sua realidade; os platonicos Philon e Proclus não se atreveram a duvidar da ficção do mestre; e os geographos, que a Europa do seculo XVI quiz sempre conciliar com as suas descobertas, acreditaram n'essa phantastica ilha, como vêmos em Posidinius, em Ammiano Marcellino e em Marcellus. Os padres da Egreja, que eram auctoridade para toda a ordem de problemas, fallam da *Atlantida* tão despreoccupados de scepticismo, que pela sua linguagem se conhece que para elles era impossivel pôr em duvida a existencia d'essa ilha. A descoberta da America veiu suscitar novo interesse a esta fabula academica, e viram na *Atlantida* «pequenas similhanças com a America.» (1) Pela rapida exposição d'estes factos se conhece em que fundo tradicional essa flor poetica do canto IX dos *Lusiadas* immergiu as suas raizes, e como se alimentou segundo a verdade do natural. É este o verdadeiro ponto de vista critico; conhecendo as tradições populares e classicas, o espirito de Camões acceitava o maravilhoso da geographia antiga resalvando a idade

(1) La Mothe le Vayer, d'aprés Chassang, *Histoire du Roman*, p. 44.

positiva das suas convicções; é por isso que elle proprio declara o sentido moral da ficção, a sua intenção allegorica:

> Que as nymphas do Oceano tão formosas,
> Thetys e a Ilha angelica pintada,
> *Outra cousa não he, que as deleitosas*
> *Honras, que a vida fazem sublimada;*
> *Aquellas preeminencias gloriosas,*
> *Os triumphos, a fronte coroada*
> *De palma e louro, a gloria e maravilha,*
> Estes são o deleite d'esta Ilha.
>
> (IX, est. 89.)

Não obstante esta declaração cathegorica do poeta, a critica portugueza obstinou-se a vêr na *Ilha dos Amores* uma *realidade historica,* e procurou-a á custa de affirmações gratuitas e de subtilezas ingenuas. Manoel Corrêa Montenegro, commentando os *Lusiadas,* e muitas vezes authorisando-se com o que ouvira dizer ao proprio Camões, seu amigo, declara-nos qual a intelligencia do episodio no fim do seculo XVI: «Muitos têm para si, que esta Ilha seja a de *Santa Helena;* mas enganamse, porque foi um *fingimento* que o poeta aqui fez, como claramente consta da letra.» (1) Quem eram esses que lhe davam tal realidade? Quando Fernão Alvares do Oriente veiu a Portugal, aportou na Ilha de Santa Helena, e descreve essa formosa paragem dos galeões da India com termos quasi similhantes ao do canto IX dos *Lusiadas:* «Entrava o sol na casa do namorado bruto

(1) *Comment.,* fl. 250.

de Pasiphae, sezão aos navegantes como aos pastores favoravel, quando chegámos *ao porto, de longe já tão desejado d'aquella ilha graciosa, que a mãe do grande Constantino no seu dia descobriu por beneficio d'aquelles que em tão comprida viagem entregassem a vida aos perigos e descontos do mar salgado.* Aqui achámos mil motivos para nos refazermos dos enfadamentos do caminho com recreações varias, que offerece terra tão bem afortunada. N'um gracioso valle, plantado todo de arvores fructiferas, fizemos o nosso alojamento, em estancias sombrias, para o qual nos emprestaram seus ramos os seccos arvoredos... O em que empregavamos mais o tempo eram cantares festivaes, alegre conversação, caças gostosas, discorrendo as serras que em todas as partes nos davam materia de passa-tempo. Liamos pelos troncos das arvores *nomes e feitos de varões illustres, que como por tropheo de suas façanhas deixavam alli á memoria consagrados...»* E em um Soneto á Ilha de Santa Helena, repete Fernão Alvares:

Pois és premio gentil de Varões claros,
Que por seu rei contentes vão passando
Dos ventos o rigor, das aguas frias.

Na *Lusitania transformada,* Fernão Alvares descreve o canto das Nymphas, que ainda ali suspiram apaixonadas e saudosas pelos primeiro navegadores: «D'estas estanças que cantavam as duas angelicas Sirenas e dos nomes que por ellas ouvimos mil vezes repetidos, *ficámos colligindo serem da companhia das Nereidas, que*

Venus benevola em favor dos primeiros Argonautas do largo Oceano ajuntou n'aquella Ilha, aonde obrigadas do seu amor lhe entregaram o preço das suas pessoas, que as mais das vezes costuma ser mal galardoado.» (*Op. cit.*, p. 365.) Fernão Alvares do Oriente, que experimentou a longa viagem da India e ao mesmo tempo foi amigo de Camões, tinha razão para conhecer á impressão agradavel do apparecimento da Ilha de Santa Helena, que elle descreve coberta de *lyrios,* como no episodio dos *Lusiadas.* O logar em que o poeta colloca a ficção da Ilha no fim da longa expedição, levou a collocal-a no oceano atlantico, como infere o Morgado de Matheus: «Segue-se a bellissima ficção da Ilha, que Venus conduz e dispõe a receber os seus protegidos descobridores da India para ali descansarem e dar-lhes o *premio de terem finalisado a sua gloriosa empreza;* o que prova (se tal questão póde ter importancia) *ser esta Ilha imaginada, não nos mares da India, mas proxima ao termo da viagem do Gama.*» (1) Se fosse preciso para a formação do poema dar uma realidade historica á *Ilha dos Amores,* seria fatalmente a *Ilha de Santa Helena,* que se encontra depois das tormentas do Cabo, e tem a fauna e a flora da Europa, o typo sobre que o poeta idealisara.

Depois da explicação de Fernão Alvares d'Oriente, seguiu-se a hypothese de Manoel de Faria e Sousa, commentando este logar do poema: «Es de saber que esta

(1) Ed. 1817, p. CVIII-IX.

Isla, que el poeta finge moverse, y aver salido al encuentro de los navegantes, con tanta variedad y excellencia de regalos, es la *Anchediva:* porque alli venieron ellos a hacer la aguada de que trata la est. 51, y á la que llaman de S. Blas; para que se vea cuantas leguas de engaño han corrido los que dijeron, que la Isla aqui pintada es la de *Santa Elena:* porque estando ella mucho mas acá del cabo de Buena Esperanza, y la *Anchediva* mucho mas allá, y en la cabeza de la propria India, queda siendo la differencia no menos que de casi todo el viaje. Y por que á los poetas cualquer menudencia les sirve de motivo para una estupenda fábrica, el que el nuestro tuvo para esta, es uno que alli refiere el proprio Barros, en que vine á dar fin de muchos dias y de muchas imaginaciones... Fué pues el caso que llegando los navegantes en frente de la isla de Anchediva, un corsario animoso, llamado Timoya, se resolvió á robarlos, usando de un estratagema para embestirlos; y fué que compuso ocho navios de remo unidos e cubiertos de ramos verdes, de manera que á los que apartados estaban, viendo aquel bulto, sin noticia de lo que era, antes les parecia una isleta, que otra cosa alguna. Entrado el Timoya con su gente en esse bosque, fué remando en el para donde estaban nuestras naves: y viendo Vasco de Gama morrer-se aquello, que a su parecer era un pedazo de montaña con arboleda verde, digo: Que vision es aquella?» (1) Ignacio Garcez Ferreira

(1) A passagem de Barros é *Dec. I*, liv. 5, cap. 11.—Faria e Sousa, *Comm.* ao c. IX, est. 58.

fez o syncretismo d'estas duas opiniões, dizendo que a arribação a Anchediva provocou na imaginação do poeta a formação da Ilha, e o clima de Santa Helena o colorido descriptivo. Uma vez lançados no campo da phantasia, caminha-se insensivelmente para o absurdo. Em 1849 publicou no Porto o snr. José Gomes Monteiro um opusculo em fórma de Carta *Sobre a situação da Ilha de Venus,* aonde para collocar Camões em um pedestal tão elevado que os mais altos monumentos não possam dardejar sobre elle as suas sombras, conclue, que a ilha de Venus, teve uma realidade historica, e que é nada menos que *Zanzibar*. Os argumentos para esta affirmação heteroclita, são algumas subtilezas grammaticaes sobre a significação de pronomes e adverbios, *estes, aqui, cá,* etc., e a comparação da fauna e flora de Zanzibar com a vegetação e animaes com que o poeta decóra a sua ilha imaginaria; sobre esta segunda parte da argumentação escreve Adolpho Coelho: «o proprio snr. G. Monteiro, apesar de todos os seus esforços não conseguiu achar nada que lhe comprovasse a existencia n'aquella paragem de *cinco* das quatorze arvores mencionadas por Camões; vê no cysne que o poeta põe na Ilha de Venus liberdade poetica, descobre apenas na Africa oriental tres das flôres da Ilha de Venus, mas emquanto á cecem, ao lyrio roxo, á flôr Cephisia, aos jacinthos, ás boninas, etc., não chegou a resultado algum.» (1) Tal é a argumentação que levou o auctor da

(1) *Sciencia e Probidade,* p. 23.

Carta a situar a Ilha de Venus em *Zanzibar;* o seu espirito ficou assombrado com tamanha descoberta, e exclama com entono: «*Eis aqui sondado o fundo espirito de Camões* n'esta brilhante e original creação do seu genio.» (1) Infeliz catheterismo, fundado nos processos criticos de Garcez Ferreira, confundindo os dous logares Melinde e Zanzibar.

A verdadeira critica moderna, manifestada por Humboldt, Scherr e Carriere, dá á intelligencia da *Ilha dos Amores* o sentido allegorico, que o proprio Camões declarou na estancia outenta e nove. Manoel Corrêa Montenegro, que conversou com o poeta, diz-nos que lhe despertou essa ficção o conhecimento do *Sonho de Scipião,* de Cicero; de facto Cicero seguiu as ideias platonicas e quasi que copía a phantasia da Atlantida do *Timeo.* Eis as proprias palavras de Manoel Corrêa: «N'este fingimento d'esta Ilha, com tantos favores e gasalhado de Thetis princeza do mar, que os agasalhara e servira, imita o Poeta a Marco Tullio. O qual nos seus livros *De Republica,* que muitos viram e lêram... pois que de todos os livros da *Republica* de Cicero não temos mais que este pequeno fragmento, a que chamamos commummente *Sonho de Scipião...* Em o qual *Sonho* finge Tullio, que Publio Scipião Africano estando dormindo lhe appareceu seu verdadeiro pae Paulo Emilio e Publio Scipião, que o perfilhou, e o grande Africano, e outros senhores romanos já defunctos, os quaes depois que lhe

(1) *Carta...* sobre a situação, etc., p. 23.

contaram tudo o que na vida lhe havia de acontecer (como fez aqui Thetis aos portuguezes) e as honras e triumphos que na vida haviam de receber, que é o gasalhado e suavidade d'esta Ilha, para que com maior alvoroço soffressem os trabalhos, se dispuzessem para os perigos, lhe mostraram a formosura dos Céos, o curso e ordem dos planetas e estrellas, dizendo-lhe que aquelle logar estava deputado para os que n'esta vida corressem com suas obrigações... E quanto a mim isto quiz dizer aqui o nosso Poeta; que depois que Thetis agasalhou Vasco da Gama e aos mais Portuguezes, o levou a um campo muito formoso, cheio de rubis e esmeraldas, que é o logar aonde vão parar os que seguem a virtude, d'onde lhe mostrou o céo com todos os seus planetas, etc.»

Manoel Corrêa, que pertence ao seculo XVI, e tambem obedeceu a essa supersticiosa admiração pelos livros da antiguidade classica, tem direito para nos explicar qual o meio scientifico em que se fortalecia a intelligencia de Camões. O *Sonho de Scipião* de Cicero é modellado sobre o *Timeo* de Platão; a ficção da *Atlantida,* phantasiada n'este dialogo, penetrou nas obras dos geographos antigos, que os navegadores do seculo XV e XVI conheceram e com que tanto foram embaraçados nas suas descobertas; coincidindo com este meio erudito da Renascença o estado das tradições celticas, conservadas ainda no povo portuguez, (1) é que se comprehende o

(1) Na tragicomedia *Triumpho de Inverno,* Gil Vicente, em um romance com fórma popular falla da descoberta do Oriente, como um dom da providencia:

verdadeiro sentido da ficção da *Ilha dos Amores* e o seu valor legitimo como elemento epico. (1)

Mostrando a superioridade dos *Lusiadas* sobre a *Araucana* da Ercilla, Frederico Schlegell escreve: «A India, este paiz tão rico, tinha cabido em partilha á sua nação; e era um assumpto muito mais feliz para o poeta. Sente-se na obra de Camões, que elle mesmo era guerreiro, mareante, aventureiro, e que aspirava a correr mundo. Camões quer ser verdadeiro, e começa o seu poema heroico de uma maneira opposta á de Ariosto começando o seu. Elle esperava triumphar da riqueza das ficções de Ariosto pelo ascendente da verdade, engrandecendo pela sua poesia acções ou emprezas muito acima de tudo o que Ariosto cantava de Rogeiro, personagem imaginario. O poema de Camões, sobretudo no começo, tem algumas relações com o de Virgilio, que no seculo XVI era considerado como a norma ge-

Lo al que te dio la llave
De lo mejor que ha creado;
Todalas *Islas inotas*
A ti solo ha revelado (*Obras*, II, 479.

E na comedia de *Rubena:*

Vae logo ás *Ilhas perdidas*,
No mar das penas ourinhas,
Traze tres *fadas marinhas*. (*Ib.*, III, 101.)

(1) De Gubernatis, que tão lucidamente estudou a formação das epopêas indianas, segue esse mesmo principio: «Il poeta epico é impotente senza la antica leggenda popolare.— La *Commedia* di Dante nostro, non sarebbe mai stata immutabile, se le superstiziose tradizioni popolare del nostro medio evo non davano un solido e durevole fondamento alla sua immaginazione.» *Piccola Encyclopedia indiana*, p. 236.

ral para a epopêa de um genero elevado e serio, mas que embaraçava muito o genio pela sua influencia. Da mesma sorte que o navegador audacioso abandona logo o porto e se alarga pela vasta extensão do Oceano, tambem Camões não tarda a perder de vista o seu modello, n'este poema em que faz a circumnavegação do mundo com o Gama, através dos perigos e dos temporaes, até que chega ao seu fim e até que os alegres vencedores põem pé na terra desejada. Assim como deliciosos perfumes vêm recrear os sentidos dos nautas e allivial-os das fadigas no meio das ondas, annunciando-lhes a proximidade da India; assim tambem um inebriante vapôr se exala d'este poema escripto sob o céo meridional e que reflecte todos os seus calores. Ainda que o estylo é simples, e o plano e concepção do auctor são graves, comtudo o seu poema excede, pela viveza das côres e pela riqueza da imaginação o de Ariosto, a quem Camões poderia arrebatar a palma do genio. Elle não se limita, com effeito, a cantar o Gama e a descoberta da India, a dominação e as emprezas dos Portuguezes n'este paiz; o poema encerra além d'isso, tudo quanto a historia antiga da sua nação apresenta de bello, de nobre, de grande, de cavalheiresco e de commovente, coordenado em um todo unico. Este poema comprehende toda a poesia da sua nação. De todos os poemas heroicos dos tempos antigos e modernos, não ha outro que seja tão nacional em tão elevado gráo. Nunca desde Homero, nenhum poeta foi honrado e amado pela sua nação tanto como Camões; de sorte que tudo quanto

esta nação decahida da sua gloria immediatamente depois d'elle, conservou de sentimentos patrioticos, se liga a este unico poeta, que póde com justo titulo substituir muitos outros e mesmo uma litteratura inteira.» (1) Tal é a ideia de Schlegel, que seguimos n'este novo ponto de vista critico dos *Lusiadas*.

c) Elemento historico: «Poesia da navegação»

A epopêa de Camões, tanto pela época em que foi escripta como pelo espirito litterario que a inspira, não offerece á critica a mínima difficuldade de interpretação emquanto ao sentido intimo, ás allusões politicas, ás intrigas pessoaes contemporaneas. Camões tirou o interesse do seu poema dos factos historicos mais imponentes, mais conhecidos; a sua epopêa é clara como o facto da descoberta do Oriente. A divisa a *Fé* e o *Imperio*, com que o poeta engrandece os seus heroes, era justamente o ideal politico da nacionalidade portugueza no seculo XVI; a ideia do *Imperio* representa esse sonho de grandeza politica, que seduziu quasi todos os povos, e que é mais conhecido pelo nome de *Monarchia universal*, ôca utopia que custou rios de sangue para realisar a vã tentativa da unidade politica cimentada pela unidade religiosa; a *Fé* representa o catholicismo imposto pelo dogmatismo intolerante, tal como se desmascarou no concilio de Trento. Estas duas mós que tri-

(1) F. Schlegel, *Hist. de la Litterature ancienne et moderne*, (*trad.* franc. de 1829) t. II, p. 113 a 115.

turaram a nação portugueza e lhe extinguiram as condições de vitalidade, pouco poderiam inspirar a qualquer poeta que as tomasse á letra; a prova está, em que todos os esforços tentados antes de Camões para a concepção de uma epopêa nacional foram baldados. Camões deu á fórma odiosa de *Imperio* a impersonalidade do *Peito Lusitano*, e ao canonismo terrivel da *Fé* esse sentimento melancholico de um christianismo popular que os antigos Padres da egreja reconheceram como puro, e que era o que alentava a coragem moral dos navegadores. Nos *Lusiadas* a feição christã é um caracteristico nacional dos mais bem comprehendidos; antes de o estudarmos sob este aspecto, vejâmos primeiro a importancia do facto historico com relação a nós e depois com relação á civilisação europêa. Os versos de Camões:

> Cessem do sabio Grego e do Troyano
> As Navegações grandes que fizeram...

não foram produzidos por um orgulho individual; o chronista Castanheda formúla da mesma sorte o argumento fundamental para a formação de uma epopêa: «E a (descoberta) da India foi feita por mar... e com navegação de um anno e d'outo mezes e de seis ao menos: e não á vista de terra senão afastados trezentas e seiscentas leguas partindo do fim do Occidente e navegando até o do Oriente sem verem mais que agua e céo, rodeando toda a Sphera, cousa nunca commettida dos mortaes, nem *imaginada* para se fazer. Com immensos

trabalhos de fóme, de sêde, de doenças e de perigos de morte, com a furia e impeto dos ventos, e passados estes se vêem na India em outros de espantosas e crueis batalhas, com a mais feroz gente e mais sabedor na guerra e abastada de munições para ella, que outra nenhuma da Asia.» Castanheda traçou o argumento dos *Lusiadas* inconscientemente; emquanto ao facto material da difficuldade da descoberta, as intelligencias do seculo XVI só conheceram que um espirito mais vasto animava a civilisação moderna, e que as grandes navegações reclamavam um novo Homero. Mas a descoberta do Oriente teve um absoluto predominio sobre a vida intellectual e economica da Europa, e foi pela comprehensão d'esta verdade que a Europa adoptou os *Lusiadas* como uma das grandes epopêas da humanidade. Recolhâmos aqui as palavras desinteressadas de Quinet, no *Genio das Religiões*, aonde expõe esta comprehensão superior do poema.

Quinet, ao explicar a Renascença do genio oriental na Europa moderna, encontra o facto inicial nos *Lusiadas:* «Com effeito, os portuguezes, que, pela descoberta do Cabo da Bôa Esperança, deram a Asia á Europa, foram tambem os primeiros que coroaram pela imaginação a alliança que a industria acabava de renovar. Este povo apparece por um momento na historia, sómente para effectuar este prodigio. Acabada a obra, volveu ao silencio. Como não teve senão um momento de esplendor, tambem não teve mais do que um poeta, um livro. Esse poeta é Camões, que torna a abrir á imaginação

as portas do Oriente; este livro é os *Lusiadas,* que reune com os perfumes de Portugal, o ouro, a mirra, o incenso do Levante, temperados muitas vezes com as lagrimas do Occidente. Pela primeira vez o genio poetico da Europa deixa a bacia do Mediterraneo; torna a entrar nos Oceanos da antiga Asia. Sem duvida, as recordações da Grecia e do mundo christão acompanham o poeta aventureiro no meio das ondas, que nenhum remo havia ainda ferido. Póde-se até dizer, que sob estes céos ardentes, se acha nas suas estancias uma agonia que se assemelha á nostalgia. As imagens, as saudades, as esperanças, os phantasmas divinisados, as serêas do Occidente, surgem do fundo das aguas. Balançam-se em volta do navio, e eis porque o poema de Camões é verdadeiramente o poema da alliança do Occidente e do Oriente. Ali encontraes conjunctamente as reminiscencias da Europa, e os tépidos olôres da Asia, n'este genio que é o accôrdo entre a Renascença grega e a renascença oriental. Ao mesmo tempo que ouvís ainda o murmurio das ribas européas, o ecco do mundo grego, romano, christão, vós ouvís tambem repecutir-se na extremidade opposta o grande grito de: Terra! — que fez estremecer o seculo XV no momento da descoberta das Indias e das Americas; vós sentis em cada verso que o baixel da Humanidade aferra a praias desde longo tempo esperadas; vós respiraes as brisas novas que infunam a vela do pensamento humano, e os céos dos trópicos se reflectem na vaga mais pura do Tejo. Se os deoses da antiga civilisação, transportados sob um outro céo, pa-

recem retemperar-se, rejuvenescerem ali, d'outra parte, que fórmas, que creações inspiradas immediatamente por esta natureza renovada na solidão! O rio Ganges, desde longo tempo perdido, é personificado como na epopêa indiana do *Ramáyana*. O Titan grego, que quer fechar a passagem do baixel do Gama que leva o futuro, levanta-se mádido dos mares equinociaes, engrandecido com a differença que vae do mar das Indias ao mar das Cycladas. E até esta lingua portugueza, tão guerreira e tão languida, tão sonora e tão ingenua, tão rica em vogaes accentuadas, parece um interprete, um élo natural entre o genio do Occidente e o genio do Oriente. Mas o que constitue o nexo de tudo isto; será preciso dizel-o? É o coração do poeta; é esse coração magnanimo que abrange os dous mundos e os une no mesmo amplexo de poesia, em uma mesma humanidade, em um mesmo christianismo. Em tudo encontrareis uma alma tão profunda como o oceano, e como o oceano ella une as duas ribas oppostas.

«Não me posso resolver a deixar já Camões; e não deixarei apparecer a minha piedade por este grande homem? Tudo n'elle me agrada; primeiro, a sua vida, a sua poesia, o seu caracter, o seu coração immenso. Sómente me admiro que o seu nome não seja mais vezes citado agora; porque não conheço nenhum poeta, que melhor corresponda, que melhor se associe a uma grande parte das ideias e dos sentimentos vulgarisados n'este seculo, pois que esta epopêa sem batalhas, sem *assédios*, inteiramente pacifica, (cousa quasi inaudita)

só apresenta o eterno combate do homem e da natureza, isto é, a lucta com que os escriptores do nosso tempo nos tem entretido tantas vezes. Nos *Lusiadas* ha dialogos formidaveis entre o piloto e o oceano; de um lado, a humanidade triumphante sobre o seu baixel empavezado; do outro os cabos, os promontorios, as tempestades, os elementos vencidos pela industria. Não é isto o espirito do nosso tempo? A epopêa que melhor o representa não é a do Tasso; ella é muito romanesca. Nem tão pouco a de Ariosto; aonde haverá hoje a graça, a serenidade, o sorriso do ultimo dos troveiros? Tambem não é a epopêa de Dante; a edade media está já tão longe de nós? Mas o poema que abre com o seculo XVI a éra dos tempos modernos é aquelle que sellando a alliança do Oriente com o Occidente, celebra a edade heroica da industria, poema não de peregrino, mas de viajante, sobretudo do mercador, verdadeira *Odyssea* no meio das feitorias, dos amostradores nascentes das grandes Indias e do berço do commercio moderno, como a *Odyssea* de Homero é uma viagem através dos berços das pequenas sociedades militares e artisticas da Grecia.» (1)

Estes sentimentos novos, em que o genio do Oriente se revelava ao mundo occidental (raças, mythos religiosos, linguas, tradições) haviam de crear uma poesia nova, como expressão de uma outra phase moral em que se ía entrar. Era a poesia da grande navegação, a unica ver-

(1) Quinet, *Genie des Religions*, liv. II, § II.

dadeiramente portugueza, porque é uma resultante da actividade nacional, apesar de ter sido ignorada pelos Quinhentistas. A poesia de um povo nem sempre é a que inspira as obras dos seus poetas; ainda n'isto imitámos Roma. Nos mais antigos poetas romanos, onde se esperava achar uma feição nacional, pelo menos o verso saturnino *accentuado* na sua ingenuidade rude, isso mesmo se oblitera ante a influencia da imitação grega. Dá-se o mesmo facto com os nossos escriptores; sómente em Camões se acha concentrado o espirito aventureiro e christão das expedições maritimas que tornou Portugal a nação moderna que mais cedo entrou na vida historica. Esta poesia dos mares tem uma epopêa cyclica interminavel — o Naufragio. Encontra-se espalhada pelas paginas da *Historia tragico-maritima,* na sua expressão pittoresca, impensada e crente; quasi que se surprehende ali o genio de uma nação no labor mysterioso da construcção da sua epopêa. O horror dos escolhos de que se foge, a tormenta que negreja no horisonte, o santelmo que vem pousar no tope do mastro a annunciar a bonança, as ondas urrando violentas a despedaçarem-se nos promontorios que desenham fórmas incertas através da penumbra da cerração, o perfume da terra que se presente e mal se avista, o amor da patria e a fé viva fortalecendo na aventura, eis o colorido humano e nacional d'esta creação portugueza. Quando Camões escreve:

> Vereis *amor da Patria,* não movido
> De premio vil; mas alto e quasi eterno...

retratava esse sentimento peculiar do ausente, que produziu n'este povo o estado moral que lhe fez crear a palavra intraduzivel em todas as linguas—a *Saudade*. No seculo XV, quando começam as tentativas das explorações maritimas nas cóstas da Africa, e se vivia embalado na esperança da descoberta das Ilhas encantadas, el-rei Dom Duarte analysava philosophicamente este estado psychologico em que o povo portuguez entrava: «E porém me parece este nome de *Suydade* tam proprio que o latim, nem outra linguagem que eu saiba, nom he para sentido similhante. De se haver algumas com prazer, e outras com nojo ou tristeza, esto se fez, segundo me parece, por quanto *suydade* propriamente he sentido que o coração filha por se achar partido da presença de alguma pessoa ou pessoas que muyto per affeiçam ama, ou o espera cedo de veer; e esso medes dos tempos e lugares em que per delataçon muyto folgou; digo afeiçom e deleitaçom, porque som sentimentos que ao coraçon pertencem, d'onde verdadeiramente nace *suydade*, mais que da rasom nem do siso. E quando nos vem alguma nembrança d'algum tempo em que muyto folgamos, nom geeral mas que traga rijo sentido, e por conhecermos o estado em que somos seer tanto melhor, nom desejamos tornar a el por leixar o que possuimos; tal lembramento nos traz prazer, e a mingua do desejo por juizo determinado da razom nos tira tanto aquelle sentido que faz *suydade* que mais sentimos a folgança por nos nembrar o que passamos, que a pena da mingua do tempo ou pessoa: e questa suy-

dade he sentida com prazer mais que com nojo nem tristeza.» (1)

Na Elegia I, que escreveu Camões na sua viagem para a India, tambem exclama:

> Porque, chegado ao Cabo da Esperança,
> Começo da *saudade* se renova,
> Lembrando a longa e áspera mudança.

E na Elegia II:

> Mas n'alma minha triste e *saudosa*
> A *saudade* escreve, e eu traslado...
>
> Espalhando a continua *saudade*
> Ao longo de uma praia *saudosa*...

Dom Francisco Manoel de Mello, que sentiu admiravelmente a poesia dos naufragios, explica a relação entre este sentimento da *saudade* e as expedições maritimas do seculo XVI: «Parece entre os portuguezes a *saudade* por duas causas, mais certas em nós, que em outras gentes do mundo; porque de ambas d'essas causas tem seu principio. Amor e ausencia são os paes da *saudade;* (2) e como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, (3) e *nossas dilatadas via-*

(1) *Leal Conselheiro,* cap. XXV, p. 151. Ed. Paris.

(2) Na poesia popular portugueza repete-se este mesmo pensamento:

> A paixão tem uma filha
> Que se chama *saudade,*
> Eu sustento mãe e filha
> Bem contra minha vontade.
>
> (*Canc. popul.*, p. 122.)

(3) Vid. supra, p. 6.

gens occasionam as maiores ausencias, d'ahi vem que d'onde se acha muito amor e ausencia larga as *saudades* sejam mais certas, e esta foi sem falta a razão por que entre nós habitassem como no seu natural centro... He a *saudade* uma mimosa paixão d'alma, e por isso tão sutil, que equivocamente se experimenta, deixando-nos indistincta a dor da satisfação. He um mal de que se gosta, e hum bem que se padece, quando fenece troca-se a outro maior contentamento, mas não que formalmente se extinga: porque se sem melhoria acaba a *saudade,* he certo que o amor e o desejo se acabaram primeiro. Não he assi com a pena: porque quanto he maior a pena, he maior a *saudade,* e nunca se passa ao maior mal, antes rompe pelos males; conforme succede aos rios impetuosos, conservarem o sabor das aguas muito espaço depois de misturar-se com as ondas do mar mais opulento. Pelo que, diremos que ella he um suave fumo do fogo do amor, e que do proprio modo que a lenha odorífera lança hum vapor leve, alvo e cheiroso, assi a *saudade* modesta e regulada dá indicios de um amor fino, casto e puro. Não necessita de larga ausencia: qualquer desvio lhe basta para que se conheça.» (1) Em Duarte Nunes de Leão vamos egualmente encontrar as mesmas especulações psychologicas sobre a *saudade,* que se tornou o sentimento caracteristico do povo portuguez; é esta a poesia que os poetas quinhentistas não sentiram, porque viviam da imitação latina e

(1) *Epanaphora da Hist. portugueza,* p. 286.

italiana. Castanheda ou João de Barros têm mais poesia na realidade das suas chronicas do que todas as odes *ad sodales* que o seculo XVI nos deixou; Camões comprehendeu isto estudando-os.

Quando os historiadores da Europa procuravam imitar em suas narrações as efflorescencias rhetoricas de Tito Livio, fazendo da historia uma declamação formal, calculada e fria, sem outro movimento a não ser o de exercitos automaticamente em batalhas, e da vida moral apenas as ephemérides da côrte, nós tivemos um historiador que abandonou estes moldes, narrando os factos pela impressão recente: sente a agitação de um povo inteiro, acompanha os aventureiros por mares desconhecidos á busca de novas regiões, chora tambem as lagrimas da despedida, saúda as maravilhas do mar que se produzem no horisonte como um presagio de felicidade, arrosta o horror das tormentas e dos cabos, alegra-se á vista da terra desejada,—é João de Barros. As suas *Decadas*, que só no titulo justificam a errada antonomasia que se lhe dá de *Tito Livio portuguez*, revelam mais profundamente o genio maritimo d'este povo, de que todos os poemas, segundo o juizo de Quinet. João de Barros descreve a scena da partida de Vasco da Gama, não como o chronista official, mas como a alma popular que se agita com os grandes sentimentos da sua época. Os aventureiros que se atiram aos mares, desconhecendo as terras em que hão de aferrar, como a eleição dos mezes em que esperem as monções propicias em que devam partir, sáem em procissão invocando

o céo, preparando-se com os sacramentos para a viagem d'onde nunca talvez mais voltarão. O povo segue-os atraz, respondendo com voz confusa e crente á ladainha, até aos bateis. Chegados á borda do mar, o silencio foi a linguagem suprema do sentimento de um povo que chorava de joelhos, possuido da aspiração do infinito que o tornava grande e eterno na historia. Ajoelhavam-se á borda da agua, como diante de um baptisterio immenso em que a humanidade adquiria uma nova consciencia das suas forças, e em que se lhe ia revelar o berço das suas origens. Estes factos continuos da vida, a agitação da incerteza, imprimiram um caracter melancholico no povo portuguez; os aventureiros maritimos têm essa melancholia tradicional dos fervorosos que desciam ao *Purgatorio de Sam Patricio,* incertos, receiosos se tornariam a voltar á vida salvos, se ficariam mortos de terror e pelos peccados nas sombras da caverna tremenda. Os nossos descobridores são assim; partem, embrenham-se no pelago insondavel, não para se certificarem da santidade da sua alma, mas para annunciarem á humanidade que a civilisação é a obra exclusiva da consciencia da sua solidariedade. Os nossos poetas não presentiram esta ordem de emoções cuja melancholia celtica lembra o *Purgatorio de Sam Patricio;* nos chronistas, aonde menos se devera esperar, é que nos apparece em toda a ingenuidade da verdade extrema. Como João de Barros descreve a partida! Vêmol-a, seguimol-a: «No qual acto foi tanta a lagrima de todos, que n'este dia tomou aquella praia pósse de muitas que

n'ella se derramaram na partida das Armadas, que cada anno vão a estas partes que Vasco da Gama ia descobrir; donde com razão lhe podemos chamar *praia de lagrimas* para os que vão, e terra de prazer aos que vêm. E quando veiu ao desfraldar das vellas, que os mareantes, segundo seu uso, deram aquelle alegre principio de caminho, dizendo: *Boa viagem!* todos os que estavam promptos na vista d'elles, com uma piedosa humanidade dobraram estas lagrimas: e começaram de os encommendar a Deos, e lançar juizos segundo o que cada um sentia d'aquella partida. Os navegantes, dado que com o fervor da alma e alvoroço d'aquella empreza embarcaram contentes, tambem passado o termo do desferrar das vellas, vendo ficar em terra seus parentes e amigos, e lembrando-lhe que sua viagem estava pósta em esperança, e nem em tempo certo nem logar sabido; assim os acompanharam em lagrimas e pensamentos d'aquella incerta viagem: tanto estiveram promptos n'isso, té que os navios se alongaram do porto.» (1) Os nossos historiadores venceram a corrente erudita, ficaram coloristas; o contacto do natural dá-lhes phantasia e paixão, quebra-lhes a aridez da chronica; quando menos pensam fazem um poema. Nem de outro modo se póde explicar a acção de Castanheda e de João de Barros sobre Camões.

Nas expedições maritimas o aventureiro vae dando aos logares os nomes que tira dos sentimentos que o

(1) *Decada* I, liv. 4, fl. 63. Ed. 1628.

alentam; a paragem tormentosa affigura-se-lhe na imaginação com todos os horrores tradicionaes da geographia maravilhosa da edade media, elle vence o temor chamando-lhe o cabo da *Boa Esperança*. A *Terra da boa gente*, o rio dos *Bons signaes*, traduzem aquelles momentos indiziveis de satisfação em que se mostrava possivel a realidade da empreza audaciosa. O incitamento que levava aos perigos e incertezas do mar os descobridores era o *serviço de Deos*, como o confessa Vasco da Gama a el-rei Dom Manoel, e Christovam Colombo, que procura um novo dominio para onde sonhava que se devia estender o christianismo. Ha uma relação mystica entre o christianismo e o mar; Martene traz essa antiquissima fórmula baptismal do Missal gothico-gallicano, em que o sacerdote convida o povo a vir áquella praia: «*Stantes, fratres carissimi, super ripam vitrei fontis, novos homines addhuc eis de terra litori, mercaturos sua commèrcia. Singuli navigantes pulsent mare novum, non virga sed cruce: non tactu sed sensu: non baculo sed sacramento. Locus, quidem, parvus, sed gratia plenus. Bene gubernatus est Spiritus Sanctus. Oremus ergo...*» (1) N'esta fórmula baptismal, Michelet, o vidente do passado, presentiu o genio das expedições maritimas conservado no christianismo, como vêmos na Odyssea celtica das viagens de San Brendan. (2) O baptismo era designado pelos epithetos de *nativitas secunda, unda genialis*; e Santo Agos-

(1) Martene, *De antiquis ritibus Ecclaesia*, t. I, p. 175.
(2) *Origines du Droit*, p. 10.

tinho affirma: «*Per mare transitus baptismus est.*» (1) Na vida do papa portuguez Sam Damaso ha o mesmo pensamento: «*fratres quoque nostri, in typi baptismi per medium mare transierunt.*» (2) Como não havia a egreja sanctificar os mares, quando era feita como um navio, voltada para o Oriente? «*Ecclesia sit ad instar navis, e ad Orientem conversa.*» A segunda Constituição Apostolica desenvolve a imagem poetica: «Bispo, quando reunires a assembleia dos servos de Deos, vigia, como *patrão d'este grande navio,* para que a decencia e a ordem aí sejam conservadas. Os diaconos, como outros tantos *remadores,* designarão os logares aos *passageiros* que são os fieis... Primeiro que tudo, o edificio será longo, *á maneira de navio e voltado para o Oriente*... No meio se assentará o Bispo, tendo de ambas as partes as cadeiras dos seus padres. Os diaconos em pé, vestidos de modo que possam ír aonde fôr preciso, farão as vezes de *marinheiros que manobram o navió.* Terão o cuidado de que, no resto da assembleia, os leigos observem a ordem prescripta, e que as mulheres separadas dos outros fieis guardem silencio...» (II, 57.) Em Gil Vicente achamos este mesmo sentimento religioso maritimo, que era tradicional na Egreja:

Remando vão remadores,
Barca de grande alegria;
O patrão que a guiava,
Filho de Deos se dizia.

(1) Serm. 213, c. 8.
(2) Biblioth. PP. MM., t. XXVII, 63.

Anjos eram os remeiros
Que remavam á porfia.
Estandarte de *Esperança*,
Oh que bem que parecia!
O mastro de *Fortaleza*
Como cristal reluzia;
A vela com *Fé* cozida
Todo o mundo esclarecia;
A ribeira mui serena
Que nenhum vento bolia.
(I, 246.)

Na poesia popular portugueza ainda se conserva este espirito religioso puro e extranho ao canonismo que esterilisou a Egreja; eis um fragmento de um canto do Minho:

Vinde vêr a barca nova
Que se vae deitar ao mar,
Nossa Senhora vae dentro,
Os anjinhos a remar.
Sam José vae por piloto,
Nosso Senhor por general;
Arreiaram-se as bandeiras,
Viva o rei de Portugal.
(*Canc. Popul.*, p. 171.)

E em um romance sacro da tradição oral da Ilha de Sam Jorge sobre os *Reis Magos*, é admiravel o sentimento religioso maritimo:

Uma fragata divina
Nove mezes navegou,
Achou o mar em bonança,
Em Belem desembarcou.
Ella parece que é pobre,
Traz fazendas excellentes,

Para ir vender á India
A partes do Oriente.
Marinheiros que vão n'ella
Levam um tão doce cantar,
As aves dos altos céos
Nos mastros lhe vem poisar!
Os peixinhos do mar fundo
Á borda vem escutar, etc.
(*Cantos do Archipelago Açoriano*, n.º 63.)

No rarissimo poema de Frei Paulo da Cruz, (o Fradinho da Rainha) sobre a *Trasladação de Sam Vicente*, tambem se encontra uma descripção allegorica da náo mystica:

He seu convés a *Confissão* de fóra,
Sua bomba o desprezo da abundancia;
As camaras, a *Fé* que dentro móra,
O léme a *Lei*, a gávea a vigilancia;
A *Oração* a agulha guiadora,
O mastro a *Cruz*, a ancora a constancia;
A poja e vela, temor e desejo;
A *Graça* é o vento largo e não sobejo.

Os *Milagres* a forte artilheria,
Os *Doutores* os déstros marinheiros,
Os *Martyres* soldados de valia,
E todos os *Christãos* os passageiros...
(Fl. 124, v.)

O symbolo do navio, segundo Maury, é de origem christã; (1) nos poetas da Egreja, as imagens são de preferencia tiradas da poesia do mar; a Cruz, em Sam Paulino de Nola, é comparada a uma *ancora;* os illumi-

(1) *Essai sur les Legendes pieuses au moyen-age*, p. 102.

nadores representavam a egreja na fórma de um *navio*, o *mastro* a cruz, e os diabos figuravam os *ventos*. Quando a hymnologia da Egreja do Occidente tocava a sua expressão mais brilhante, do seculo XII a XIV, começou a ouvir-se aquella antiphona sublime, e anonyma como todas as grandes creações, a que os italianos chamam o Cantico dos marinheiros, a *Salve Regina*, onde o ideal de Maria ainda conserva essa elevação que o mysticismo lhe tirou — o sentimento da maternidade; a Virgem tornou-se a estrella do mar; cansado do fragor das procellas e dos parceis occultos, o nauta a invoca: *Ave, maris stella!*

Tal era a crença portugueza na época das expedições da India; Camões condemna o catholicismo que machinava a ruina da nacionalidade, e repassa o seu poema d'esta uncção popular medieval, de um christianismo que ía desapparecer pela intolerancia canonica. Este sentimento maritimo e religioso está representado na Architectura portugueza; é por isso que os Jeronymos se completam pelos *Lusiadas*. No mosteiro de Belem, como diz Quinet, está condensado o genio do povo portuguez: «A architectura é gothica, mas a centêlha do genio está em ter-lhe associado todos os caracteres da vida do mar: cordões de pedra, que ligam uns com os outros os pilares gothicos, altos mastros de mezena que sustentam as ogivas, os florões e as naves, emquanto a vela da humanidade se infuna no seculo XVI com a viração do céo. É a casa de Deos, da edade media, mas aparelhada como um navio a largar. Se se entra no in-

terior do claustro. já as fructas e as plantas dos continentes novamente descobertos, os côcos, os ananazes, as pampelinussas estão colhidas e dependuradas pelos baixos relevos. O espirito da aventura, do perigo, da sciencia, do descobrimento, respira-se n'estas paredes, mais do que em uma Chronica. É a impressão d'esse momento indizivel de enthusiasmo em que Christovam Colombo, Vasco da Gama, Magalhães, Dom João de Castro, entoavam de joelhos o *Gloria in excelsis*, ao amainar o panno á vista de terras desconhecidas. Aqui as sereias gothicas nadam em mar de alabastro, acolá macacos trepadores do Ganges se bambôam no cabo da nave da egreja de Sam Pedro. Os periquitos do Brazil adejam em volta da Cruz do Golgotha. Sobre os brazões correm lagrimas. Ajuntae mappas-mundi de marmore, astrolabios e esquadros aos crucifixos, machados de abordagem, escadas, por toda a parte maçâme, nós de cordas enroladas que amarram as columnas, as pilastras, e sentireis na menor particularidade uma egreja maritima, a náo empavezada do Christo hespanhol e portuguez, que no meio dos desalentos do homem singra em paz, vento em pôpa, por mares nunca d'antes navegados. » (1)

É admiravel a harmonia que existe entre o facto historico que determinou a Portugal a sua acção no mundo moderno, e a crença religiosa e o sentimento artistico da sua architectura; a synthese d'estas diversas manifestações de um mesmo estado moral, é o que constitue a

(1) Quinet, *Oeuvres completes*, t. IX, p. 135.

verdade dos *Lusiadas*. Conta a tradição, que o descendente de Vasco da Gama ao saber que se ía publicar o poema que immortalisava o heroe, respondera: «*Nós temos os titulos, e não carecemos do Poema.*» De todos os titulos que alcançámos da nossa grandeza como potencia maritima, da nossa riqueza colonial, da independencia da nossa nacionalidade, tudo está extincto e só nos resta o poema. (1)

d) Elemento pessoal: «Concepção e allusões»

As epopêas eruditas não podem ser entendidas se se abstraír da individualidade que as concebeu; a relação entre o artista e a obra é um dos pontos mais essenciaes da critica, e o que distingue este genero de poemas das concepções anonymas em que a expressão de uma raça se não accentuou ainda em uma livre personalidade. Nas epopêas eruditas, o poeta *invoca,* seguindo á inconsciente tradição religiosa do canto mythico, mas introduz tambem a sua pessoa; Virgilio apresenta-se, antes de fallar do seu heroe: *Ille ego qui quondam*... e os epicos da Renascença não abstráem de si, começando pelo sacramental *Eu canto*. Este primeiro encontro da personalidade do poeta deve levar a procurar na feição individual o porquê da concepção; como o seu pro-

(1) Nos *Estudos da Edade media* publicámos os principaes trechos d'esta critica, mas sem a sua completa deducção; é por isso que aqui os reproduzimos para lhes restituir o verdadeiro sentido.

prio sentimento recebeu e comprehendeu o facto historico; como as relações particulares com a sua época deixaram vestigios nas dispersas allusões e na opinião tacita dos seus typos. Grande parte d'este processo para a comprehensão dos *Lusiadas* está contida na *Vida de Camões;* voltando a este problema, queremos pôr em evidencia certas partes da epopêa que seriam inexplicaveis se se ignorasse como ellas foram uma sequencia fatal do caracter do poeta. O motivo porque Camões não recolheu nos *Lusiadas* a lenda e o facto de ter Nicoláo Coelho abandonado traiçoeiramente a armada de Vasco da Gama, para chegar primeiro a Lisboa e receber as alviçaras da descoberta, só se póde explicar pela amisade com Jorge Coelho, poeta e humanista, filho d'aquelle descobridor, e secretario do Cardeal Dom Henrique. Era a amisade santa que lhe inspirava essa outava em que perpetuou o nome de Heitor da Silveira, tambem poeta e companheiro da desgraça. Dotado de uma organisação destemida, e exaltada pela monomania historica da *Valentia,* nunca lhe faltou a validez moral e o desassombro das suas convicções, quando passou um traço sobre a estirpe do Gama; quando condemnou a barbaridade canibal de Affonso de Albuquerque mandando matar Ruy Dias; (1) ou chamando *iniquo* a el-rei Dom Manoel

(1) O Soneto que começa: *No mundo poucos annos e cançados,* que os biographos dizem ter sido feito á morte de Ruy Dias, traz no Ms. do seculo XVI, que completa a edição de 1595 (exemplar da Bibl. Nac.) a rubrica seguinte: « *A Pero Moniz, que morreu no mar do Monte Felix, em epitaphio.* » Para a eterna vingança de Ruy Dias basta a estrophe dos *Lusiadas*.

por ter sido injusto contra Duarte Pacheco, ou mostrando a apagada e vil tristeza da côrte de Dom Sebastião, aonde a classe sacerdotal conspirava contra a nacionalidade. Esta natureza altiva enche o seu poema, em que é tambem heroe, e aonde descreve o seu naufragio na costa de Camboja, as suas prisões, e o como salvou o manuscripto dos *Lusiadas,* em que trabalhava.

Camões tomou a sério este caracter de um affectado arrojo, tão peculiar do seculo XVI; tanto nos seus versos, como nas suas Cartas, como na sua biographia, Camões foi sempre um *Valentão,* que fazia alarde da sua coragem. Não se comprehende esta feição pittoresca, se o considerarmos fóra da corrente do seu tempo; elle nos revelará pelo seu lado sincero, este sentimento que veiu a degenerar em uma monomania quixotesca. Ao cantar os seus amores, diz Camões, que os amores que não vêm acompanhados de ruidos, dissensões e mortes não são dignos d'este nome; na comedia de *El-rei Seleuco,* fallanos nos ranchos nocturnos que andavam atacando os côrros em que se representavam *Autos* do Natal, e que se batiam com os rufiões de magustos; elle esteve preso na cadeia do tronco de Lisboa, mais de um anno por ter dado um golpe no toutiço de Gonçalo Borges, moço dos arreios de D. João III; logo que chegou á India, as suas primeiras communicações foram com os mais conhecidos *valentões* de Gôa, que o nomearam árbitro das suas pendencias, como Manoel Serrão e Callisto de Siqueira; na sua primeira *Carta* para o reino, gaba-se Camões com inteiro fundamento de que nunca ninguem

lhe viu os calcanhares, que antes tem obrigado muitos a mostrarem os seus. Lamentando a morte do seu amigo Dom Tello, assassinado n'um duello, a sua primeira queixa é por não se ter achado ao seu lado.

Nas estancias omittidas do canto IV dos *Lusiadas*, Camões descrevia os transes do combate com expressões emphaticas dos Valentões; a propria experiencia das batalhas em que entrou serviu-lhe de criterio para as regeitar do seu poema. Transcrevemos algumas estrophes, porque elle aí introduz os valentões de Sevilha, como os conhecia no seculo XVI:

Guevara roncador, que o rosto untava
Mãos e barba do sangue que corria,
Por dizer que dos muitos que matava
Saltava n'elle o sangue e o tingia:
Quando d'estes abusos se jactava
De través lhe dá Pedro, que o ouvia,
Tal golpe, com que ali lhe foi partida
Do corpo a vã cabeça e a torpe vida.

Pelo ár a cabeça lhe voôu
Inda cantando a historia de seus feitos;
Pedro, do negro sangue que esguichou
Foi todo salpicado, rosto e peitos;
Justa vingança do que em vida usou:
Logo com elle ao occaso vão direitos
Carrilho, João de Lorca, com Robledo;
Porque os outros fugindo vão com medo.

Salazar, gram taful, e o mais antigo
Rufião que Sevilha então sustinha..., etc.

N'estas outavas Camões esquecia-se de que estava descrevendo uma batalha campal do seculo XV, e pelos habitos da convivencia descrevia as luctas dos *Valentones* e rufiões que haviam dado feição á sociedade aristocratica do seculo XVI; indignas da epopêa, são comtudo admiraveis pelo espirito de verdade com que retratam a vida moral que produziu as creações poeticas do *Romancero de Guapos.*

Vicente Espinel, que descreve na novella picaresca de *Marcos de Obregon,* o modo como obedeceu a esta monomania de *Valente,* leva-nos aí inferir qual o motivo que levou Camões a abandonar Lisboa. Conta Espinel: «Estuve en Sevilla algun tiempo viviendo de noche y de dia inquieto con pendencias y enemistades... Determiné de apartarme de *este vicio poltron que en Sevilla me arrastaba,* y para esto tuvo modo de pasar á Italia en servicio del Duque de Medina Sidonia.» (1) Foi uma resolução assim desesperada que levou Camões a alistar-se para ír servir na India, para fugir aos laços que os acontecimentos lhe armavam em Lisboa. Era este o espirito do seculo XVI; as guerras de civilisação haviam acabado; luctavam os interesses egoistas das dynastias. O valor tornara-se tambem egoista no *Valentão.* Quando Camões descrevia a batalha de Aljubarrota, fugia-lhe a mente para as relações do *Carcere real de Sevilha,* d'onde saíam as mais pittorescas tradições das façanhas dos *Valentones.*

(1) *Op. cit.,* p. 201-2. Ed. 1867.

O facto de haver Camões saído de Lisboa e recebido a impressão immediata da natureza oriental, foi uma das principaes condições do desenvolvimento da sua concepção poetica. Permanecendo em Lisboa sob o regimen da erudição de Ferreira, ou perturbado pelos pequenos odios de um Caminha, esterilisava-se, e viria a acobertar a falta do sentimento com a emphase hespanhola escrevendo em castelhano, como aconteceu a Dom Manoel de Portugal. Antes de ser determinada pelo naturalista Humboldt a influencia dos novos climas sobre o genio de Camões, já os nossos primeiros chronistas o reconheciam por experiencia. Castanheda, escrevendo a *Historia do Descobrimento,* confessa: «pera o que me ajudou muito ír á India, onde fui com Nuno da Cunha em companhia do Licenciado Lopo Fernandes de Castanheda, meu pae, que por mandado de vossa Alteza foi o primeiro Ouvidor da Cidade de Goa. — E assi vi os logares em que se fizeram as cousas que avia d'escrever pera que fossem mais certas; porque muitos escriptores fizeram grandes erros no que escreveram por não saberem os logares de que escreviam.» E na dedicatoria á rainha D. Catherina, referindo-se á verdade da sua historia: «Mas que a fui saber á India, passando na viagem bravas e terriveis tormentas, com que me vi perto da morte e sem esperança da vida, com trabalhos de grande fome e de muito maior sêde. E lá com mil perigos, em mui espantosas pelejas de bombardadas e espingardadas sem conto. E antre ellas soube eu a verdade do que avia de escrever de muitas cousas de vista

e outras d'ouvido.» — «Porque muito sobrenatural hade ser o engenho que hade saber escrever do que nunca viu. O que se não póde dizer, porque vi tormentas, vi batalhas no mar e pelejas na terra, e espadaçar navios e bater muros e vencer a imigos, e falo como experimentado.»

Depois d'isto cabem aqui as profundas palavras de Humboldt, por onde se mostra que a feição original e propria que distingue Camões de todos os poetas da Europa, lhe adveiu de um facto psychologico, a impressão natural; (1) traduzimos do *Cosmos:* «Este caracter de verdade, que nasce de uma observação immediata e pessoal, brilha no mais alto gráo na Epopêa nacional dos portuguezes. Sente-se fluctuar como um perfume das flores da India através d'este poema escripto sob o céo dos tropicos, na gruta de Macáo e nas ilhas Molucas. Sem me demorar a discutir uma opinião arrojada de Fr. Schlegel, segundo a qual os *Lusiadas* de Camões excedem em muito o poema de Ariosto pelo brilho e riqueza de imaginação, eu posso affirmar pelo menos, como observador da natureza, que nas partes descripti-

(1) Na Ecloga III, onde Camões narra a sua viagem para a India, vem notadas as primeiras impressões que serviram para a concepção do Adamastor. *Hist. de Camões*, I, 213.— Na Ecloga VII dos *Faunos*, está a primeira ideia do episodio da *Ilha dos Amores*, originada das suas primeiras impressões pessoaes na côrte de D. João III. Das impressões pessoaes tiradas da estação prolongada junto do Monte Felix, tirou a descripção do escrobuto a bordo das Náos do Gama. (*Lus.*, c. V, est. 81 a 83.)

vas dos *Lusiadas,* nunca o enthusiasmo do poeta, o encanto dos seus versos e os doces accentos da sua melancholia alteraram um ponto a verdade dos phenomenos. A arte, tornando as impressões mais vivas, deu realce á grandeza e á fidelidade das imagens, como acontece todas as vezes que ella se inspira de uma fonte pura. Camões é inimitavel quando pinta a relação perpetua que se opéra entre a atmosphera e o mar, as harmonias que reinam entre a fórma das nuvens, suas transformações successivas, e os diversos estados pelos quaes passa a superficie do oceano. Primeiramente, mostra esta superficie encrespada por um leve sôpro de vento; as vagas apenas alevantadas coruscam com o raio de luz que se reflecte n'ellas; depois, os baixeis de Coelho e de Paulo da Gama, assaltados por uma medonha tempestade, luctam contra todos os elementos desencadeados. Camões, é, no sentido proprio da palavra, um grande pintor maritimo. Camões havia combatido junto do Monte Atlas, no Imperio de Marrocos; combatera no Mar Roxo e no golfo Persico; duas vezes dobrara o Cabo, e durante dezeseis annos, penetrado de um profundo sentimento da natureza, havia prestado attenção, sobre as ribas da India e da China, a todos os phenomenos do Oceano. Descreve o fogo electrico de Santelmo, que os antigos personificavam sob os nomes de Castor e Pollux; chama-lhe «*a luz viva, que a maritima gente tem por santa*», pinta a formação successiva das trombas ameaçadoras e mostra, como: «no ár um va«porsinho e subtil fumo, ia-se pouco a pouco accrescen-

«tando, d'aqui levando um cano ao polo summo, chupan-
«do mais e mais se engrossa e cria; mas depois que de
«todo se fartou, o pé que tem no mar a si recolhe e pelo
«céo chovendo em fim voôu.» Quanto á explicação d'estes mysterios maravilhosos da natureza, isso pertence, diz o poeta, cujas palavras parecem ser ainda a critica do tempo presente, aos sabios de profissão, que enfatuados do seu espirito e da sua sciencia, manifestam desdem pelas narrativas recolhidas da bocca dos navegadores sem outra guia senão a experiencia. Camões não se mostra simplesmente um grande pintor na descripção dos phenomenos isolados; realça tambem em comprehender o conjuncto de um só relance. O terceiro canto dos *Lusiadas* reproduz em alguns traços a configuração da Europa, desde os mais frios paizes do Norte até ao reino da Luzitania e até ao Estreito onde Hercules terminou o seu ultimo trabalho. Em tudo deixa allusões aos costumes e á civilisação dos povos que habitam esta parte do mundo tão ricamente articulada. Da Prussia, da Moscovia e dos paizes «*que o Rheno frio lava*» passa rapidamente ás planicies deliciosas da Grecia «*que creastes os peitos eloquentes e os juizos da alta phantasia*». No decimo canto o horisonte alarga-se mais; Thetys conduz Gama a uma alta montanha para lhe desvendar os segredos da estructura (machina) do mundo, e o curso dos planetas segundo o systema de Ptolomeu. É uma visão cantada no estylo de Dante; e como a terra é o centro de tudo o que se move com ella, o poeta tira d'aí occasião para expôr o que se sabia dos paizes recente-

mente explorados e das suas diversas producções. Não se limita, como no terceiro canto, a representar a Europa; relancêa todas as partes da terra, mesmo o Brazil e as descobertas de Magalhães «*no feito, com verdade, portuguez; porém não na lealdade.*» (1)

Que accrescentar depois das eloquentes palavras com que Humboldt restitue aos *Lusiadas* a verdade do sentimento da natureza que os inspirou? depois de Schlegel provar a sua superioridade sobre as grandes epopêas da Europa, a *Araucana*, o *Orlando*, ou a *Jerusalem libertada*? depois de Quinet ter filiado nos *Lusiadas* esse facto que restituiu ao homem a consciencia das suas origens, o facto da Renascença oriental em que se está exercendo a elaboração scientifica do seculo XIX? Poucas palavras poderemos accrescentar, e essas mesmas particularisadas pelo sentimento e pela historia nacional. Antes da Europa ter conhecido o pensamento intimo dos *Lusiadas*, já a obra prima de Camões havia alcançado na consciencia portugueza esse dom moral que Valmiki attribue á epopêa oriental do *Ramáyana*: «Feliz quem lê todo este livro!... Elle dá a sabedoria ao brahma, a valentia ao chatrya, e a riqueza ao mercador. *Se por acaso um escravo o ouve, fica enobrecido.*» A nacionalidade portugueza estava irremediavelmente extincta desde 1580; mas esse livro dos *Lusiadas*, no qual alguma cousa da santidade natural do *Ramáyana* o dis-

(1) Humboldt, *Cosmos*, p. 64 a 67, do t. II. Trad. franceza de Galuski. 1855.

gue de todos os livros da Europa, foi o que deu aos
iticos a consciencia da nossa autonomia, aos guer-
ros a bravura para reagirem contra a absorpção de
stella, e aos que eram escravos a dignidade de quere-
n ser um povo livre.

CAPITULO III

A Parodia do Canto I dos «Lusiadas»

O que significa a fórma litteraria da parodia. — Os Goliardos do seculo XIII, parodiam bacchicamente os hymnos da egreja. — A tradição dos Goliardos em Portugal; como revive nos divertimentos escholares dos Jesuitas. — Condições moraes em que os tres estudantes de Evora parodiam os *Lusiadas*. — Noticia contemporanea de Francisco Soares Toscano. — Biographias de Luiz Mendes, Manoel Luiz Freire, Bartholomeu Varella e Manoel do Valle. — Importancia das *Festas bacchanaes* para a restituição do texto camoniano. — Outras tentativas de parodia dos *Lusiadas* no seculo XVII. — Relação entre a intelligencia do texto de Camões e o sentimento nacional.

Em 1589 estava extincta a nacionalidade portugueza, e a garra de Philippe II cevava-se dos seus desastres da Invencivel Armada sobre as forças vivas de Portugal; os Jesuitas eram absolutos senhores da educação nacional nas Universidades de Coimbra e Evora, e deturpavam a seu belprazer o poema dos *Lusiadas;* todos os poetas quinhentistas escreviam poemas gratulatorios ao invasor, ou íam a Madrid implorar prebendas. Havia uma profunda degradação do espirito nacional, um esquecimento completo de que este paiz teve condições organicas de autonomia. Este estado moral acha-se claramente reflectido na travessura de alguns estudantes da Universidade de Evora, que em 1589 tiveram o desfastio de parodiarem o primeiro canto dos *Lusiadas* em louvor dos mais celebres borrachos que

existiam em Evora. As manifestações litterarias obedecem a uma lei ethnica, cuja verdade e importancia se deduz não só da relação do estado social para a obra, mas da comparação dos factos analogos de outras litteraturas. Quando se escreveu a parodia da *Iliada,* na qual os heroes cantados pela nacionalidade grega eram invertidos em rãs e ratos na *Batrachomyomachia,* já os declamadores alexandrinos, sobre um sólo que não era livre, abafavam as tradições vitaes da Grecia sob o pezo das explanações rhetoricas. Era n'este estado moral que o philosopho e historiador Diogenes Laercio reproduzia alguns versos da parodia de um discurso de Ulysses, attribuindo-a a Crates. As antigas *prosas* populares da egreja, os ritos poeticos em que o povo tomava parte na liturgia foram parodiados por aquelles mesmos que, sem terem a crença que eleva e sanctifica, estabeleceram na egreja o systema da intolerancia. Um hymno latino do seculo XIII em louvor da Virgem, que começa:

> Verbum bonum et suave,
> Personemus illud Ave,
> Per quod Christi fit conclave
> Virgo, mater, filia...

foi n'esse mesmo seculo parodiado no sentido bacchico:

> Vinum bonum et suave,
> Bonis bene, pravis prave,
> Cunctis dulcis sapor, ave,
> Mundana laetitia... (1)

(1) *Histoire litteraire de la France*, t. XXII, p. 141.

Historiando este genero hybrido e sem ideal do seculo XIII, escreve um dos redactores da *Historia litteraria da França*: «Existem tambem d'esta época parodias no genero bacchico em prosa, de um atrevimento ainda mais insolente, e que parecem quasi um sacrilegio. Uma das mais bellas orações da christandade, o *Pater*; o symbolo da fé catholica, o *Credo*; o *Confiteor*, os Evangelhos e até a missa toda serviram de base a estas ignobeis parodias, que pareceriam de um outro seculo.» (1) A lei moral que fez produzir estas aberrações é a historia da egreja no seculo XIII: «As queixas sobre a avareza de Roma, a simonia dos prelados e até dos pontifices soberanos, accusados de venderem o patrimonio do crucificado, como então se dizia nos cantos dos trovadores e dos troveiros...» (2) O mesmo facto litterario se repete no seculo XVII em França, quando a nação era composta da nobreza, clero e *os outros*; quando a lei era o arbitrio real, a ordem economica da sociedade as *tontinas*, a crença religiosa a sensualidade *quietista*, e a via para chegar ás supremas honras a devassidão; é n'este chamado o seculo de Luiz XIV, que o genero burlesco attinge a maxima importancia e absorve o gosto publico. Escreve Pellisson: «Cada qual se julgava capaz de usar o burlesco, desde as damas e senhores da côrte até ás criadas e escudeiros. Este furor do burlesco... foi tão longe, que os livreiros nada imprimiam que não tivesse

(1) *Ibid.*, p. 142.
(2) *Ibid.*, p. 146.

este nome, que por ignorancia ou para dar mais saída á mercadoria, impunham ás cousas as mais sérias... D'aqui resultou que em 1649 se imprimiu uma obra séria com o titulo: *Paixão de nosso senhor Jesus Christo em versos burlescos.*» Era o seculo em que a Maintenon convertia á devoção Luiz XIV, e o seu marido Scarron transvertia a *Eneida.* (1)

Isto nos basta para conhecer o sentido litterario da parodia do primeiro canto dos *Lusiadas;* isto lhe assigna o seu valor moral na historia da sociedade portugueza do fim do seculo XVI. A parodia intitula-se: «*Festas bacchanaes: conversão do primeiro canto dos Lusiadas do grande Luiz de Camões, vertidos do humano em o de — vinho por uns caprichosos auctores:* sc. o dr. Manoel do Valle, Bartholomeu Varella, Luiz Mendes de Vasconcellos, o Licenciado Manoel Luiz, *no anno de 1589.*» O erudito chantre de Evora, Manoel Severim de Faria, que colligia tudo quanto interessava á gloria de Camões, conservava na sua opulenta livraria o original d'esta parodia na propria letra de Varella, que lhe contou as particularidades e pequenas circumstancias em que as *Festas bacchanaes* foram compostas; este original veiu parar á livraria do Conde de Vimeiro, que era em grande parte formada com o fundo da de Severim. Francisco Soares Toscano, o auctor do *Parallelo de Principes e Varões illustres,* extraiu em 1619

(1) *Histoire de l'Academie;* d'après L. Lalane, *Curiosités litteraires, p. 75.*

uma cópia d'este poema, de que abundam as versões, á qual acrescentou uma curiosa noticia dos quatro factos auctores. Transcrevemol-a na sua integra, accrescentando depois alguns factos:

« Esta obra da conversão do primeiro canto do poema de Luiz de Camões, se fez no anno de 1589, para a qual concorreram quatro pessoas, a saber: o *Dr. Manoel do Valle,* deputado da Santa Inquisição e que compoz o livro dos Ensalmos em latim, que agora imprimiu; outro foi *Bartholomeu Varella,* natural de Vianna junto a Evora, o qual já falleceu, que era irmão de Diogo Pereira, que foi este anno ás côrtes que el-rei D. Filippe II fez em Lisboa, por procurador d'esta cidade de Evora. Foi Bartholomeu Varella clerigo e grandissimo poeta. O terceiro foi *Luiz Mendes de Vasconcellos,* criado do Arcebispo Dom Theotonio, o qual postoque não era poeta, se achou ao fazer da obra; e só fez um verso, que é o ultimo da outava 17; porque estando elles suspensos no cuidado de completarem a dita outava, e parados no verso que diz:

Por que este é o que aquenta a velha idade

e accudiu o dito Luiz Mendes, concluindo:

Desterrando a agua-pé d'esta cidade.

« O quarto e principal auctor foi o licenciado *Manoel Luiz,* bacharel; e este anno de 1619 vive com o

Priorado de Terena. Este foi o promovedor d'esta obra, e a fez quasi toda ou a melhor d'ella.

«Quando a fizeram, eram então todos theologos; e ás tardes, acabado o estudo, saíam pela porta de Machede, e assentados em um ferrageal, íam traduzindo para a bebedice as taes outavas de Camões, fingindo uma embarcação de Lisboa para Evora, como Camões a de Portugal para a India Oriental; e compozeram a tal obra dentro em dois mezes, no cabo dos quaes saíram com ella: sendo que já os estudantes suspeitavam de alguma applicação (postoque não soubessem de certo o que era) pelos verem ír todas as tardes para fóra dos muros e communicarem seus papeis, sem darem conta d'isso a ninguem.

«Finalmente, saída a obra, foi muito festejada e estimada de todos; e lendo-a o Padre Ferrer, castelhano, (varão doutissimo da Companhia, do qual o dr. Manoel do Valle traz uma carta no seu livro) e fallando-se n'ella costumava dizer: — Que era a melhor obra que nunca saíra nem elle vira, se não fosse tão suja.

«Depois como se divulgou, cada um a quiz emendar como entendia, d'onde vem andarem hoje as cópias com tanta diversidade de leituras. Porém, eu, esta que aqui vae, a trasladei do proprio original e letra de Bartholomeu Varella, que está em poder do Chantre da Sé d'esta cidade, Manoel Severim de Faria, que a houve do dito Varella, e lhe fiz algumas notas para intelligencia da obra.

«O *Soneto que vae* no fim, fel-o o mesmo Manoel

Luiz; e o Epigramma latino é feito por um christão novo, natural d'esta cidade, chamado Pedro Vaz, o qual era boa rez e mui galante, ainda que o dr. Manoel do Valle me disse, que o não fizera elle, e que era um bebado perdido.

« Isto me parece basta para se saber o como esta obra se fez. E eu, *Francisco Soares Toscano,* a fiz aos 10 de Janeiro de 1619. » (1)

Qual o motivo quo levaria os engraçados estudantes de Evora a converterem os heroes nacionaes dos *Lusiadas* em *borrachões assignalados?* É certo que o grande epico foi o primeiro a satyrisar em 1555 a beberronia que dominava em Goa, por occasião de ser nomeado governador Francisco Barreto. « *Finge, que em Goa, nas festas que se fizeram á successão de um Governador, sahiram a jogar as cannas certos homens, a que não sabia mal o vinho...* » E termina a furibunda *Satyra do Torneio:* « Muitos outros homens illustres quizeram ser admittidos n'estas festas e cannas, e que se fizera memoria d'elles, conforme suas calidades; mas infinita escriptura fôra, *segundo todos os homens da India são assignalados;* e por isso bastam para servir de amostra do que ha nos mais. » Esta Satyra só foi publicada em 1616, e por isso não crêmos que houvesse influido no espirito *bacchico* da parodia. Os quatro estudantes de Evora obedeciam á tradição das escholas da edade media, e metrificaram as *Festas bacchanaes* com o mesmo espirito dos *Goliar-*

(1) Vid. *Miscellanea historica e litteraria*, n.º 1, p. xx a xiii.

dos do seculo XIII, esses clerigos vagabundos e histriões, dos quaes se encontra ainda um exemplar em Evora no seculo XVI, o celebre dizidor Antonio Ribeiro Chiado. Os *Goliardos* apparecem citados nas *Ordenações affonsinas,* como clerigos que tem «em costume almoçar, jantar, merendar ou beber na taverna»; (1) no *Cancioneiro* de Resende, o palaciano Alvaro de Brito, descreve os *goliardos*, como:

Estudantes pregadores
Metem santas escripturas
Em sermões
Dirivados em amores, etc.

(fl. 25, col. 1, v.)

Os mesmos costumes existiam em Hespanha, aonde estes estudantes eram chamados *Sopistas* e *Tunantes;* (2) os quatro parodistas de Evora disciplinados sob a férula jesuitica, deram largas a sua comprimida *goliardice* desacatando a não comprehendida epopêa nacional. O estudo das humanidades foi levado pelos jesuitas para a chateza, para os trechos rhetoricos desmembrados das obras primas nas suas Selectas; amolleceram essa viril linguagem do latim nas suas insipidas tragicomedias; era por isso que o jesuita padre Ferrer, considerava com o seu falso gosto litterario as *Festas bacchanaes* como a melhor obra que existia se não fosse tão suja! A parodia do primeiro canto dos *Lusiadas* é um

(1) *Ord. Aff.*, l. III, t. 15, § 18.
(2) *Epopêas da raça mosarabe*, p. 276.

puro fructo da educação jesuitica, em que as altas creações da arte são reduzidas a exercicios de eschola, ao *ludus* disciplinar da *Ratio Studeorum*. A tradição escholastica, sempre em lucta contra o espirito secular, ainda apparece no seculo XVIII na Universidade de Coimbra. As poesias em latim macarronico, que compõem o *Palito metrico*, são um anachronismo em quanto ao espirito moderno em que nasceram, mas representam o estado moral da intelligencia e da tradição clerical portugueza do seculo XVIII. A Universidade de Coimbra não tinha sido fundada pelo espirito secular que tirou o ensino aos conventos; nasceu bafejada pelo Prior de Santa Cruz de Coimbra e pelo Bispo de Lisboa até que no seculo XVI veiu a caír em poder dos jesuitas. Ora na Universidade de Coimbra nunca existiu o espirito secular que fecundou todas as outras Universidades da Europa; em Coimbra, ainda hoje, existe esse profundo antagonismo entre o *clericus* ou o escholar, e o *laicus* ou o quē elles chamam grotescamente o *futrica*. Este antagonismo, que tem chegado a produzir conflictos como a thomarada, revela-nos que a Universidade de Coimbra existe ainda n'esse estado de atraso moral em que um goliardo escrevia:

> Aestimetur autem *laicus* ut brutus,
> Nam ad artem surdus est et mutus. (1)

(1) Apud Comparetti, Virgilio nel medio evo, 1, 219.

Nos costumes academicos de hoje ainda existe o antigo *Vejamen,* discurso insultuoso aos que se graduavam em doutores, conservado agora nas theses e grãos aos calouros. Ainda nas cadeiras do ensino os lentes gastam o tempo em contos e exemplos, como os dos *fablieaux;* ainda existem os *sopistas* da edade media nos estudantes que *andam á lebre,* e os *Tunantes* antigos fazem hoje versos romanticos ás raparigas da terra e divagam. Tudo isto nos mostra que o auctor da Macarronea foi um dos ultimos *Goliardos* ou clerigo-jogral, como classifica a Ordenação affonsina, e que os seus versos pertencem a essa classe de litteratura que se compõe da poesia popular latina da edade media, litteratura em que o *clericus* em contacto com o povo, mas sem imitar o povo, escreve n'uma lingua erudita com a ingenuidade e simplicidade popular. Tal é o sentido d'esse livro tido até hoje como simplesmente engraçado.

Isto nos fará comprehender a situação moral e litteraria d'esses quatro engraçados estudantes da Universidade jesuitica de Evora.

Depois da noticia de Francisco Soares Toscano, convem completar a exposição biographica com algumas investigações recentes; comecemos pelo *Dr. Manoel do Valle de Moura.* Este sacerdote, que póde dizer o mesmo que de si dizia o celebre goliardo Gualtier Maps ao seu amigo Giraud de Barri, «que fôra melhor recompensado pelos seus cantos em lingua vulgar do que pelos seus livros em latim», nasceu em Arrayolos em 1564; seus paes *foram Francisco* do Valle, escrivão da camara da

villa, e Victoria Caldeira, bastante versada em letras. (1) Doutor em Theologia, Prior de Santa Christina de Barroso, Preceptor de um filho dos Duques de Bragança D. João e D. Catherina, Deputado da Inquisição de Evora em 1603, Arcebispo e Inquisidor geral, (2) auctor da succulenta obra sobre feiticeria *De Encantationibus et Ensalmis,* todos estes titulos de Manoel do Valle de Moura ficaram no esquecimento, e só o conservarão na tela da historia algumas insignificantes estrophes que compartilham da eternidade dos *Lusiadas.* Manoel do Valle falleceu em Evora, de edade provectissima, cego, em 18 de Maio de 1650. Teve tempo de ver como o poema que não comprehendera penetrou o coração d'este povo da consciencia da sua autonomia.

Bartholomeu Varella, que era tambem clerigo, e *grandissimo poeta,* na phrase de Toscano, era já fallecido em 1619; as relações com Manoel Severim de Faria explicam nos as suas qualidades litterarias, apesar de Barbosa o não citar na *Bibliotheca Lusitana.* Toscano, que conversava ácerca da elaboração da parodia com o Dr. Manoel do Valle, recolheu varias notas que lhe serviam para a intelligencia do poema; essas notas não acompanharam até hoje as variantes numerosas das *Festas bacchanaes.* Em um manuscripto encontrou o snr. visconde de Juromenha esta nota relativa a Bartholomeu Varella: «Ao auctor d'esta tão bem cantada bebe-

(1) Frei Luiz dos Anjos, *Jardim de Portugal*, p. 607. Apud. Juromenha, *Obras de Camões*, t. I, p. 309.
(2) *Miscell.*, p. VI.

dice chamaram Bartholomeu Varella, homem em Evora em trage de estudante, que fôra já juiz por vezes, na confraria de Baccho; do qual licenciado se conta que estando em um cadafalso (catafalco) em Evora, e molestando-lhe a calma grandemente os bofes cosidos em vinho, o soccorreram com um puccaro de agua, e bebendo o dito licenciado, accudiu uma voz de fóra:—Ah! Senhor Varella, isso é penitencia!» Como consta d'esta mesma nota, Bartholomeu Varella era Prior de Oriola. A confraria de Baccho a que allude a nota, corrobora a tradição escholastica dos *goliardas;* o trage de estudante ainda nos apparece no *Hyssope* de Diniz, como usado por monomania pelo medico de Elvas o Xavier pequeno.

De Luiz Mendes, estudante da Universidade de Evora, e famulo do Arcebispo Dom Theotonio, resta a parte mais viva e popular da parodia, sendo o que menos trabalhou n'ella, a anedocta da *agua-pé.*

A Manoel Luiz Freire, licenciado, e Prior de Terena em 1619, cabe a gloria infeliz da lembrança da parodia e as honras de quasi toda a composição; cita-o o Padre Francisco da Cruz na sua Bibliotheca portugueza manuscripta. Pertence-lhe tambem o Soneto *Ao auctor d'esta obra:*

> Polo que Baccho viu com vosso canto
> Entende que lhe sois affeiçoado;
> Que cirurgião mal experimentado
> Não póde de feridas saber tanto.

Na versão da Bibliotheca Nacional (D-4-43), vem um segundo soneto pelas mesmas consoantes, e inedito:

> Celebre com applauso e immortal canto
> O que he de vinho mais affeiçoado,
> Vosso nome em tonel experimentado,
> Se engenho póde haver que diga tanto.

A mesma ideia satyrica do epitheto *gurges* dado aos grandes beberrões, apparece n'este mesmo soneto no verso:

> Se o *golfo* nomeado de Lepanto
> Vinho fôra, e em secco já deixado
> Por vós, que Baccho tem gratificado,
> Ao mundo todo dera grande espanto.

O nome que se lê na estancia XXX das *Festas bacchanaes:*

> Mas *Pero Vaz* ali não consentia
> No que Francisco disse, conhecendo
> Que esqueceria um bebado eminente
> Se cá viesse beber aquella gente,

é, segundo Toscano, o do auctor do epigramma latino, que se perdeu, ao auctor da parodia. Toscano, já em 1619 fallava das copias andarem «com tanta diversidade de leitura». Na Bibliotheca de Evora, existe uma cópia intitulada: *Imitação ou remedado do primeiro canto dos Lusiadas de Camões feito á borracheira, por* MANOEL LUIZ FREIRE. (1) O manuscripto da Bibliotheca nacional, tem outro titulo e auctor: *Canto 1.º de Luiz de Ca-*

(1) *Ms.* Cod. CXII, 1-36, fl. 298; ib. 1-40, fl. 200.

mões, vertido por um Estudante de Evora, e outros dizem que pelo DR. MANOEL DO VALLE, *Deputado do Santo Officio.*» Nos Mss. da Academia das Sciencias, existe no Catalogo de Caminha citada outra cópia com o titulo: «*Camões ao burlesco, in-4.º,* ANONYMO.» Só a cópia de Toscano é que se intitula *Festas bacchanaes;* a estas variantes do titulo, corresponde a diversidade das variantes do texto, como tivemos occasião de observar pela cópia da Bibliotheca nacional, aonde rara é a outava que não tenha de uma a seis divergencias de lição.

Esta parodia interessa bastante para o estudo do texto camoniano; os *Argumentos* anonymos em outava rima, que apparecem pela primeira vez na edição dos *Lusiadas* de 1663 e attribuidos a João Franco Barreto, já vêm invertidos na parodia de 1589. Tendo Franco Barreto nascido em 1600, e dirigido a edição dos *Lusiadas* de 1631, aonde não introduziu os argumentos, segue-se que lhe não pertencem, e por ventura são obra de Camões, que os omittiria na edição de 1572. Eis a prova da existencia dos Argumentos em 1589:

Parodia

Fazem concilio os bebados da *corte*
Oppõe-se aos Bagulhentos Pedro ingente;
Favorece-os o Catigela forte,
No Lamarosa tem seu lava-dente.
De inveja Lieu lhe busca a morte
Decendo a Monte-Mór contra esta gente,
Que vê em rio Mousinho a acção traidora,
E a Peramanca chega vencedora.

Poema

Fazem Concilio os Deoses na alta corte
Oppõe-se Bacco á luzitana gente,
Favorece-a Venus e Mavorte
E em Mombaça lança o ferreo dente;
Depois d'aqui mostrar seu braço forte
Destruindo e matando juntamente
Torna as partes buscar da roxa aurora
E chegando a Mombaça surge fóra.

Faria e Sousa, que via n'esta parodia uma homenagem a Camões, diz: «las mas de las otavas son bueltas á este proposito con gran felicidad.» Transcrevendo metade da estancia, dá a noticia de um continuador da parodia: «*El canto 2.°*, continua (y no con menos felicidad) Antonio de Magallanes y Menezes, señor de la Ponte da Barca, que este año de 1645 aqui en Madrid, me referió algunas estancias.» A este tempo reinava em França a monomania do burlesco, e em Hespanha o estylo picaresco; o fidalgo seguia uma moda da aristocracia. Magalhães e Menezes foi filho de Constantino de Magalhães e Menezes, e de D. Isabel Manuel de Aragão; Philippe IV, por carta de 17 de Fevereiro de 1635 confirmou-o como setimo senhor da Ponte da Barca, e Dom João IV o conservou na sua posse por carta de 7 de Fevereiro de 1648. Magalhães estava apparentado com o grande epico pelo seu casamento com D. Maria da Silveira, filha de Antonio Vaz de Camões. (1) Faria e Sousa, apesar da sua admiração por

(1) Juromenha, Obras de Camões, t. 1, p. 344.

Camões, não escapou á monomania da parodia; diz elle: «Yo, quando en mi mocedad atendia a esto, bolvi tanbien algunas, de que se me acuerdan los primeros quatro versos de la 90 del canto 5.º, que son:

Da bocca do facundo capitão...

«y mi rebuelta dice d'este modo:

Da bocca do fecundo borrachão
Pendendo estavam todos bem bebidos,
Quando deu fim a grande inundação
Dos altos cópos, grandes e subidos. (1)

Mas nem sempre os *Lusiadas* foram parodiados no estylo da beberronia; Frei Christovam Osorio, em uns versos feitos a Frei Pedro da Covilhã, que fôra na Armada de Vasco da Gama á descoberta da India, parodiou a primeira estancia da epopêa:

As armas *de um varão* assignalado
Que da occidental praia Luzitana
Por *mar que* nunca *fôra navegado*
Passou com quem passou á Taprobana, etc. (2)

Um facto capital se dá com a critica e intelligencia do poema de Camões; quanto mais se perde a conscien-

(1) *Comm. ás Rimas*, t. I, p. 354.
(2) *Pancarpia*, p. 122. Ed. 1628.

cia da nacionalidade portugueza, tanto mais o poema parece defeituoso aos espiritos que respiram n'essa atmosphera de decadencia. As parodias do seculo XVI e XVII correspondem ás criticas de um Manoel Pires, de um padre Macedo ou da Conversação preambular.

CAPITULO IV

Jeronymo Corte Real

Influencia da sua fidalguia no caracter aventureiro e na sua poesia. — Casa com uma filha de Jorge de Vasconcellos, e fica apparentado com os Sás. — Relações com os principaes poetas do seu tempo. — Vae á India e Africa em 1571. — Epistola inedita em que descreve a composição do seu poema do *Segundo Cêrco de Diu.* — Seu talento para o desenho e pintura. — Despreza as tradições populares na composição do poema a *Austriada*, escripto sobre a batalha de Lepanto. — Acompanha D. Sebastião a Africa, onde fica captivo; escreve um poema, hoje perdido, sobre este desastre. — Motivos porque escrevia o *Naufragio de Sepulveda* antes de 1589. — Segue servilmente n'este poema a admiravel *Relação do Naufragio do Galeão grande S. João,* nas situações mais tragicas. — Imita algumas expressões de Camões nas trez outavas da morte de Sepulveda no episodio do Adamastor. — Estado mental do poeta quando compoz o *Auto dos Novissimos do Homem.* — Representa o estado da sociedade portugueza no fim do seculo XVI.

Assim como em volta da *Eneida* de Virgilio se agrupa uma serie de epopêas em que a realidade historica suppre a ignorancia das tradições nacionaes, assim apoz os *Lusiadas* apparecem logo no seculo XVI bastantes poemas com o caracter de chronicas rimadas ou metrificadas, mais submissas aos preceitos classicos, mais orthodoxas, e inspiradas pelo desejo de destituir da importancia que alcançara no publico o poema de Camões. Inferiores a Lucano, a Stacio, a Valerio Flaco, os épicos que se seguiram a Camões pertencem a essa cabala vergonhosa que veiu amargurar os ultimos annos da vida

do poeta, depois do apparecimento dos *Lusiadas* em 1572.

O genio ficou vingado, porque elles deixaram a medida da sua pujança. O primeiro que figura entre estes espiritos que tanto se preoccupavam com a realisação de uma epopêa nacional perfeita, é Jeronymo Côrte Real; o seu nome anda cercado dos mais extraordinarios louvores nos versos encomiasticos de Antonio Ferreira, de Pedro de Andrade Caminha, de Diogo Bernardes, do Conde de Portalegre, de André Falcão de Rezende, de D. Manoel de Portugal, D. Simão da Silveira, e de Luiz Franco Corrêa, seus contemporaneos; attribuem-lhe todos os talentos, a erudição classica e a bravura militar, a facil concepção poetica, o gosto musico, a imaginação para o desenho e pintura em que o julgavam um assombro, os conhecimentos da astronomia, finalmente a sua alta nobreza e a sua eloquencia, fazem que sejam mesquinhas as comparações de novo Apollo, novo Marte e novo Apelles. Todas estas qualidades não poderam conseguir que Jeronymo Côrte Real occultasse nas suas obras a physionomia de uma rasa mediocridade, que a sua aristocracia e opulencia encobriam aos olhos dos poetas pobres que lhe pediam esmola, como Falcão de Rezende ou Bernardes, e que o lisonjeavam com teimosia, como o Caminha ou Francisco de Sá de Menezes. Os louvores do Dr. Antonio Ferreira fixam-nos com certeza, que em 1569 já a sua actividade litteraria era bastante exercitada para merecer as attenções de um tal mestre; os talentos encyclopedicos de um Gar-

cia de Rezende, ou de um Gil Vicente, eram agora em Jeronymo Côrte Real habeis curiosidades de uma educação humanista, mas não já esse caracteristico dos possantes espiritos creadores do fim do seculo XV. A essa educação aristocratica, á qual se ligava a prenda essencial de saber fazer versos, tambem competia o seguir a vida das armas nos póstos militares da Africa e da India, que Jeronymo Côrte Real visitou até ao anno de 1571. Que differença entre esta confirmação ostentosa da nobreza, e a vida trabalhada de Camões! Jeronymo Côrte Real recolheu-se a Evora, á sua vivenda idylica do Morgado da Palma, e ali se entregou ao estudo de Homero e de Virgilio, como verêmos na sua Epistola inedita a Francisco de Sá, seu parente e capitão das guardas de el-rei. Antes de entrarmos n'esta phase da sua vida, que pertence totalmente á historia litteraria, importa notar alguns outros factos particulares que explicam o motivo das suas principaes composições. Jeronymo Côrte Real era terceiro filho de Manoel Côrte Real, capitão da Ilha Terceira, e de D. Brites de Mendonça, filha de Inigo Lopes de Mendoza, fidalgo de Valhadolid casado com D. Maria de Baçan, condessa de Valderrama. Este seu parentesco fez com que escrevesse tambem em castelhano, desculpando-se no prologo do seu poema a *Austriada,* que por ter por avós os Mendozas e os Baçaus obedece a uma obrigação igual á que lhe impõe o uso da lingua portugueza. Uma irmã de Jeronymo Côrte Real, segundo as tradições dos Nobiliarios, era chamada a *Braguilha* dos Vedores da Fa-

zenda, por ter sido casada em segundas e terceiras nupcias com D. Francisco de Faro, poeta e senhor de Vimieiro, e com João Gomes da Silva, ambos Vedores. Como a Côrte Real, tambem a seu cunhado D. Francisco de Faro escrevia Falcão de Rezende:

> Das ondas da pobreza vil cercado
> A derradeira tabua a que me apego
> Me leva a vós como a seguro porto.

Por isto se vê que a invencivel pobreza de Camões é que o não deixava merecer tamanhos elogios. Foi por ventura depois do seu regresso á quinta do Morgado da Palma, que Jeronymo Côrte Real casou com D. Luisa da Silva, nada menos do que dama da fralda da rainha D. Catherina, e filha do riquissimo Jorge de Vasconcellos, Provedor dos almazens de Lisboa e poeta do Cancioneiro. A terrivel rainha D. Catherina, de um catholicismo feroz pelos escrupulos moraes, estava bem segura das prendas do talentoso moço para consentir n'esse casamento. Por parte de sua mulher D. Luiza da Silva, ficou Jeronymo Côrte Real apparentado com João Rodrigues de Sá, de quem dizem os Nobiliarios: «*viveu mais de cem annos e foi grande poeta e orador;*» e com Francisco de Sá de Menezes, tambem poeta, ambos tios de sua mulher. Por motivo d'este parentesco, escreveu Jeronymo Côrte Real um outro poema sobre a desastrada morte de D. Leonor de Sá e de Manoel de Sousa Sepulveda no naufragio na Terra do Natal. N'esse poema, o *Naufragio de Sepulveda*, onde, á imitação de

Camões, introduz um esboço da historia de Portugal, celebra em onze outavas as Victorias navaes de João Rodrigues de Sá, o das *Galés:*

> João Rodrigues de Sá era chamado
> (D'aquelle decendeis, que é tão famoso)
> Um coração e animo arriscado
> Está no peito illustre valoroso, etc.
>
> (c. XIII, p. 254-6.)

O editor do poema, allude a esta origem de familia: «fez este discurso do naufragio de Manoel de Sousa de Sepulveda e de D. Lianor de Sá sua mulher, vindo da India por Capitão de uma Náo por nome o Galeão Grande, *assi por ser esta senhora muito parenta de sua mulher D: Luiza da Silva a quem elle muito amava*...» O muito amor que teve a sua mulher não obstou a que tivesse duas filhas naturaes, D. Brites da Silva, que casou com Antonio de Sousa de Abreu, Alcaide mór de Borba, que herdou os manuscriptos do poeta, e D. Antonia, que foi Freira da Soledade. (1) A falta de descendia legitima é que o provocava a estas divagações. No doce remanso da sua vida opulenta na Quinta do Morgado da Palma, Jeronymo Côrte Real occupava-se no estudo das obras classicas da antiguidade, na pintura, e em escrever Epistolas para a côrte. No *Cancioneiro* de Luiz Franco, encontra-se uma Epistola a Francisco de Sá de Menezes, Capitão-mór das Guardas de el-rei,

(1) Bibl. do Porto, *Ms.* n.º 443, fl. 166, v.

escripta em 1573, em que lhe pede conselhos para a composição da epopêa em que trabalhava e que intitulou *Segundo Cêrco de Diu.* Esta Epistola, totalmente desconhecida e ainda inedita, embora nos revele a inferioridade do lyrismo de Côrte Real, tem o merecimento de nos retratar o seu viver intimo, os estudos em que se occupava, o primeiro esboço da epopêa que projectava, e algumas feições do seu caracter:

Jeronymo Côrte Real a Francisco de Sá, Capitão-mór das Guardas de El-Rei

No tempo em que deixei aquelle estado,
Aquella vida livre e priguiçosa
Que o nosso entendimento traz atado,
Passando quantos termos a ociosa
Edade juvenil vae tropeçando
Seguindo via occulta e tenebrosa,
Me recolhi no campo, e fui deixando
O vão inutil tempo em que vivia
E ao estudo latino me fui dando.
Umas horas gostando da poesia,
Buscando as duras guerras do Troyano
E os naufragios do mar que padecia.
Buscava tudo o mais que o Mantuano
D'elle cantou com voz tão desusada,
Mostrando-nos o engenho mais que humano.
Outras, lá nas estrellas enlevada
A fantasia tinha, os cursos vendo
Dos planetas e a ordem concertada,
Com que operações grandes vão fazendo
Em todos os mortaes e os movimentos
Dos céos que ao Criador obedecendo,
Vão por medidos pontos, por momentos
Edades consummindo, renovando,
Mostrando em casos graves mil portentos.
Outras vezes o tempo ía gastando
Em ler segredos mil da natureza
Que manifesto a Deos estão mostrando.

Tratava dos agrestes a simpreza,
O uso pastoril rude e grosseiro,
Tratava de suas almas a pureza.
Um amor via entre elles verdadeiro,
Uma amisade facil, sem engano,
Mui longe da que trata o lisongeiro.
Ali passava o mez, passava o anno
Sem vêr o vulgo misero queixar-se
E sem saber do amigo a perda ou dano.
Nem via o mal para mais mal mudar-se,
Ouvia só nas arvores frondosas
Com o zefiro confuso um som formar se.
Em verdes campos cheios de formosas
E odoriferas flores sempre andava,
Ou por serras erguidas e fragosas.
A Atheon e a Céphalo imitava
Seguindo a dura caça, ou na ribeira
Tomar os brandos peixes procurava.
Passava a vida assim d'esta maneira
Contente por me vêr em tal estado
Na gloria cá no mundo verdadeira,
As mais que civis guerras no senado
Por Cesar levantadas e movidas
Contra o insigne genro celebrado,
Onde tanta nobreza e tantas vidas
De valerosos homens se perderam
E em pouco espaço foram destruidas;
Lia continuamente o que escreveram
Salustio e Tito Livio apregoando
As cousas que os Romãos então fizeram.
Estes authores lendo fui cuidando
Com quanta mais razão justo seria
Dos nossos Portuguezes ir tratando.
Pois em batalhas mil se lhes devia
Uma fama e um nome eterno ao mundo,
E de Homero ou de Virgilio a poesia.
Este Cêrco que em Diu foi segundo
Quiz escrever, assi como pudesse
E o animo esforçado e furibundo.
Os fortes Capitães que o interesse
Da honra só lhes fez obrar taes feitos
Que cada um por Cesar se tivesse.

E dos outros fidalgos cujos peitos
    Ardendo em fogo de honra s'offereceram
    Á morte, sem ter mais outros respeitos.
Trabalhos escrevi que padeceram
    No discurso do Cêrquo, e a famosa
    Batalha que depois ali venceram.
De minha propria mão a bellicosa
    Historia debuxei, e aquelle honrado
    Castigo que fez vista piadosa.
Não mais outro interesse pretendendo
    Que acudir ao que se ía já apagando
    E já quasi de todo escurecendo,
Me fez n'este tratado ir empregando
    O rudo e fraquo engenho a noite e o dia
    O divino favor só invocando.
Quebrantada e opprimida a fantasia
    Mil vezes intentei atraz tornar-me
    E em fim alçar a mão do que escrevia.
Mas logo ali sentia castigar-me
    Com dura reprensão e um pungimento
    Não deixava já mais de atormentar-me.
Mostrava-me o ligeiro pensamento
    Estando quasi todo transportado
    Mil phantasticas fórmas n'um momento.
Na erva fresca e flava reclinado
    Do longo de um ribeiro sonoroso,
    De álemos e freixas assombrado,
Estava sendo entrado o gracioso
    Tempo em que Filomena mais sentida
    Se mostrava do cunhado rigoroso.
Os olhos tinha promptos na corrida
    No rumor surdo e brando da agua pura
    Que ali por pedras vinha repartida.
Quando do claro Delio a formosura
    Já nas inchadas ondas se escondia
    E a noite se chegava quasi escura.
O rustico pastor já recolhia
    O vagaroso gado, e lá no Oriente
    A filha de Latona apparecia,
Erguendo-se da terra mansamente
    Com prateados raios caminhava
    Para as partes remotas do Occidente.

Ali o meu pensamento me mostrava
Os trabalhos de Diu, e os perigos
Do Cêrquo, que escrever determinava.
Vi soberbos e fortes inimigos
Mostrar-se poderosos aos cerquados,
E vi morrer ali muitos amigos.
A muitos d'elles via traspassados
Aquellas vivas côres já perdidas,
Com sangue negro já desfigurados.
Bradando me mostravam as feridas,
As entranhas abertas, n'esta brava
Batalha, em cem mil partes recebidas.
De proseguir tal obra duvidava
Quando a meu parecer um homem vi
O qual d'esta maneira me falava:
— Dize-me, que duvidas? vês aqui
Varões tão sinalados, que morreram
Sem d'elles já memoria haver aí.
Verás mortes crueis que receberam
Por defender a Fé, a Patria honrando,
Verás feitos heroicos que fizeram. —
Os olhos onde o vira levantando
E lançados, um corpo vi aberto
Grandes rios de sangue derramando.
Vi o rostro já defunto descoberto
Foi de mi conhecido e alegrei-me
Despois que se chegou a mi mais perto.
Do grande sobresalto assegurei-me,
Mas de o vêr vir assi tão maltratado
Com feridas tão frescas espantei-me.
Dom Francisco d'Almeida, nomeado
No mundo com razão, este é o que digo,
Este é o valeroso e esforçado.
Este é o que no exercito inimigo
Faz mil males e damnos sempre dando
Aos Mouros crudelissimo castigo:
Este é o que os annos sempre foi passando
Em guerras perigosas e alcançava
Immortal fama n'ellas pelejando.
A voz d'este varão me despertava
O nome d'elle vi que bem merece
Sobir ao céo que Marte dominava.

Vi que a virtude d'este resplandece
Por toda a redondeza glorioso
Gosa d'aquelle ao qual tudo obedece.
N'aquelle fero assalto impetuoso
A morte se rendeu tendo já feito
Seu estrago nos Turcos espantoso.
Dom João Manoel ali mostrava o peito
Onde tanta virtude se encerrava
Com lançadas com golpes já desfeito.
Cosmo de Pina vi que pelejava
Com coração robusto e ousadia
E a vida pela honra ali entregava.
Vi Atropos rigorosa em triste dia
Cortar a *Dom Fernando* os tenros annos,
Mas o nome ao mais alto céo sobia.
Vi entrar mil notaveis varios damnos,
A morte tão sentida e lamentada
D'aquelle, um dos mais fortes Luzitanos.
Este era *Dom Francisco* cuja espada
Dos Turcos foi temida, o apellido
Dos antigos *Menezes* só chamada.
No baluarte minado vi ardido
Dom João d'Almeida dino de louvores,
O corpo (não o nome) consummido.
E vi *Jorge de Sousa* entre os milhores
Contado por hum d'elles, traspassado
De lançadas e golpes os maiores.
Vi de *Tristão de Sá* desfigurado
Aquelle gentil rostro que sohia
Mostrar-se entre outros mil aventajado.
Após estes logo aí me parecia
De famosos varões em largo bando
Uma mui generosa companhia.
Vi que todos se andavam revolçando
Pela sangrenta terra e a memoria
D'elles que se ia já quasi acabando.
Vi outros que inda vivem, cuja historia
Por toda a redondeza bem merece
Ser celebrado com triumpho e gloria.
Vi *Dom João Mascarenhas* que enriquece
O nome lusitano e o levanta
Ao qual fortuna e fado favorece.

As cousas d'elle vi que nos espanta
Aquelle estreito Cêrquo perigoso
No qual honra ganhou e fama tanta.
Aquelles mil combates que animoso
Resistiu e venceu e a derradeira
Batalha, onde ficou victorioso.
Vi-lhe levar ali a dianteira
Mostrando grão valor e braço forte,
Vi que os Turcos lhe dão larga carreira.
Passar vi muitos d'estes crua morte
Aos pés d'este varão tão excellente
Ó estrella ditosa e rara sorte.
Tambem me offerecia juntamente
Aquelle *Dom Manoel de Lima* ousado
Aquelle que venceu a tanta gente.
Aquelle que de louro coroado
Merece que triumphos mui honrosos
Ser com Pompeo e Cesar memorado.
Aquelle que com mil fogos espantosos
Cidades abrazou na fertil terra
Que os Mouros fez ficar d'elle medrosos.
Aquelle que em Cambaya tanta guerra
E tanto estrago fez como he sabido,
Aquelle que em si valor e honra encerra.
A *Dom Alvaro de Castro* vi metido
No meio de um grão golpho procelloso
Pera ser d'elle Diu soccorrido.
Mil vezes alagado de um furioso
Embravecido vento atraz tornava
Da ventura amostrando-se queixoso.
Vi que as soberbas ondas constratava
Lutando ali com ellas as vencia
E em Diu quasi só desembarcava.
Lourenço Pires vi cuja valia
Os Tavoras antigos illustrava
E a insigne prosápia ennobrecia.
Aos fortes sarracenos assombrava
O esforço e conselho tão prudente
D'este heroe valeroso que alcançava
De Helicon e Parnasso juntamente
Segredos milagrosos e escondidos
Pela sua parte são á mais da gente.

Na guerra casos mil encarecidos
Lhe concedeu Bellona, e em Sciencia
Minerva o assentou entre escolhidos.
Vi *Dom Pedro d'Almeida* em competencia
Pelejando imitar os mais ousados
Fazendo aos Mouros grande resistencia.
Não tendo ainda então bem acabados
Desoito annos no assalto tão violento
Os annos tenros bem afortunados.
Mostrava-me tambem o pensamento
A *Bastião de Sá* muito ferido
Em honra só fazendo fundamento.
Mostrava-se ousado e atrevido
Mostrava o grão valor de sangue puro
Enobrecia o seu nobre apellido.
Com esforço, com animo seguro
Dissimulando a dor acerba e fera
Defendia o aberto e roto muro.
Este e outros mil feitos que fizera
Durando aquel'duro Cêrquo mereciam
Que este meu Livro só d'elle escrevera.
As cousas sinaladas que faziam
Aquelles dous valentes cavalleiros
Que aos Romanos antigos precediam.
Estes dous eram sempre dos primeiros
Que a vida pela honra aventurando
Se arriscaram a perigos verdadeiros.
Dom Jorge um d'elles he que pelejando
Mostra a ver sempre n'elle alta bondade
Muitos e grandes feitos acabando.
N'este Livro verás a calidade
D'este gentil mancebo a valentia
Destruindo Barache em tal edade.
O outro que com este apparecia
Antonio Moniz era que bradava:
Ah não deixeis tal obra assi tão fria.
Grandes cousas notaveis d'elle achava,
Dignas de se escreverem em pedra dura,
E a este a India mil louvores dava.
Devido e justo é que na futura
Edade se apregoem, não ficando
O que um tal homem fez em sombra escura.

Vi que vinha rompendo e assombrando
Um conflicto naval, e transparente
Remedio onde Neptuno tem seu mando.
Vi bem armada, destra e forte gente
Em fustas, galeões, galés ligeiras
E vi um Capitão n'ellas patente.
Dobrando os remos abrem mil carreiras
Pelo mal alterado e turbulento
Com ricos estandartes e bandeiras.
Levam velas inchadas com bom vento,
De branca, espessa espuma rodeadas,
Em numero eram dez, menos de cento.
Todas com grossos tiros vão armadas
Passando umas por outras á porfia,
Com mil gritas nos áres levantadas.
O Viso-Rei aqui me apparecia
Desejando já ver-se dentro em Dio
Onde grande victoria pretendia.
Onde aquelle soberbo rei gentio
Perdeu Capitães grandes, perdeu gentes,
Perdeu artelharia e senhorio.
Tudo isto o pensamento ali presente
Contino me trazia estimulado
Ao meu esprito seu fervor impaciente.
Que estas imagens todas vinham dando
Gritos, me parecia, que se queixavam
De mi, porque me ía descuidando.
A honra e fama da patria apresentavam,
Venceram-me com isto, e não sabiam,
Que escolhendo-me a mi não acertavam.
Trabalhei por fazer o que pediam,
Em fraco estylo, rudo, escurecido,
Mas assi n'elle vae o que queriam.
A ti, que no mais alto estás subido,
Do Parnaso, e das Musas tens mais partes
E de todas és tão favorecido,
A ti, que tal prudencia, engenho e arte
Animo valeroso e esforçado
Ambos Deoses te dão, Apollo e Marte;
Peço com diligencia e com cuidado
Queiras ver este Livro que escrevi,
Que a mi tanto trabalho tem custado;

E peço-te que emendes o que aí
Desnecessario fôr e mal polido,
E sabendo-se que o viste, e já de ti
Vem, será de todos recebido. (1)

Este poema do *Segundo Cêrco de Diu*, publicado em 1574, foi escripto ao ruido que então fazia em todo o orbe litterario a epopêa de Camões, que saíra á luz em 1572; Côrte Real tambem dirigiu o seu poema a Dom Sebastião, mas já suspeitando que esses vinte e um cantos eram illegiveis para o joven monarcha, acompanhou-os dos desenhos das batalhas: «E porque a lectura he grande, delouxei de minha mão os combates e tudo o mais que no decurso d'este trabalhoso cêrco succederão, para que a invenção da pintura satisfaça a rudeza do verso.» Os poetas celebraram o *Segundo Cêrco de Diu* com os maiores encomios, tendo ficado mudos diante dos *Lusiadas!* Luiz Alvares Pereira aponta-o como vencedor de Orpheo, D. Jorge de Menezes como tendo mais que humana habilidade, Francisco de Andrade, como já immortal, Pedro de Andrade Caminha diz que ella espanta os que mais entendem, e Bernardes, que louvara Camões a pedido, termina exaltando-o:

Orpheo a *voz* lhe deu, Apollo a *lyra*,
Amor a branda *penna*, Marte a *lança*,
E o seu proprio *pincel* a natureza.

(1) *Canc. ms.*, de Luiz Franco, fl. 55 a 69 v.

Eram estes os poetas que formavam a miseravel cabala contra Camões, julgando abafar-lhe o genio pelo seu pedante silencio. Como discipulo de Ferreira, Jeronymo Côrte Real abandonou a rima, e adoptou o verso solto; não lhe conhecia a estructura, que o torna rythmico e natural, com os hemistychios, e variedade das vogaes predominantes, e por isso os seus versos soltos são uma prosa carregada de epithetos e cortada por endecasyllabos. Basta lêr o summario de cada um dos cantos do *Segundo Cêrco de Diu,* para concluir que se escrevesse uma chronica em prosa não se exigiria mais connexão critica. Este successo das armas portuguezas na India ultrapassa os limites da coragem; o cêrco sustentado por Dom João de Mascarenhas em 1546 foi um esforço resultante de uma antiga feição do caracter portuguez, a teimosia biliosa excitada pelo fanatismo catholico e pela submissão passiva á auctoridade monarchica; lendo-se no affectado Jacintho Freire a narração d'este cêrco, descobre-se através da falsa rhetorica as immensas situações poeticas para a formação de uma epopêa. Apesar de ter tambem seguido a vida das armas, Côrte Real nada alcançou do ideal e da tradição d'esse feito, que sustentou por muitos seculos a nossa auctoridade moral no Oriente.

Como para fazer sentir mais a accusação contra Camões, por misturar a mythologia grega com o christianismo, Côrte Real, começa a sua invocação intencionalmente:

Deixo o Monte Parnaso e a Caballina
Fonte, tão celebrada n'outro tempo;
Deixo Apollo e Minerva: deixo as Musas,
Que os antigos poetas invocaram,
Não alcançando o bem tão verdadeiro
Da nossa Fé sagrada e luz divina.
O gram Calvario invoco, invoco a fonte
Do santissimo sangue n'elle aberta,
Onde foram lavadas nossas culpas,
Onde foram remidas nossas almas, etc.

A invocação continúa n'este estylo de jaculatoria, como preparação condigna para uma narrativa descolorida. Comparetti demonstra com um tino critico eminente, que a poesia do christianismo ao desenvolver-se nos moldes classicos da poesia da antiguidade não podia deixar de receber novamente essas entidades tradicionaes de Apollo, Minerva e as Musas, porque nas civilisações primitivas as concepções poeticas são conjunctamente religiosas; a Renascença acceitando-as pelo seu lado poetico tinha de supprir o prestigio religioso com a crença dos dogmas novos. N'este ponto o syncretismo de Camões, tantas vezes condemnado pelos criticos, torna-se uma profunda verdade artistica realisada pela audacia de um grande espirito. (1)

(1) «Gravi incompatibilità rendevano grande il disagio in cui trovavarsi l'idea cristiana e la poesia del cristianismo nelle forme classiche. L'antica religione e l'antica poesia erano sorelle, e tanto aveano di comune nelle cause, nelle origini e nello sviluppo loro, che in grandissima parte s'identificavano. La mitologia, creazioze poetica essa stessa avea tanta parte nelle espressioni, nelle imagini, nei concetti e nel frasario poe-

A impressão dos *Lusiadas* conhece-se na concepção final do *Segundo Cêrco de Diu,* quando no canto XX Côrte Real introduz a allegoria do *Merecimento,* que leva Dom João de Castro ao Templo da Memoria, e lhe mostra pintados em uma parede os feitos dos portuguezes na Africa e na India. Á maneira de Camões, que chamava ao antigo e bravo Heitor da Sylveira o *Heitor portuguez,* tambem Côrte Real o caracterisa por essa mesma antonomasia:

> Aquelle Heitor famoso da Sylveira
> Retrato do Troyano em preço e armas.
> (c. XXI, p. 410.)

De um lado a prisão á realidade historica, de outro a inanidade das allegorias, mostram-nos que Jeronymo Côrte Real não tinha o senso artistico para achar esse justo meio que é o ideal. A sua educação como pintor, de um genero em que a expressão das imagens era dada por fitas que se lhes desenrolavam da bocca com ditos sentenciosos, levava-o a procurar uma identica

tico, per non parlare della parte ancor più essenciale che avea negli ideali poetici, che era impossibile ridurre le forme antiche a cantare Cristo e i santi senza che c'entrassero Apollo, le Muse é tutto l'Olympo pagano. Ben é vero che, appunto per la natura schiettamente poetica di tutto quei fantasmi, potè avennire che, dinanzi alla nuova idea religiosa, questi spogliassero affato del loro valore religioso e serbando, come nomi e fatti fantastici il loro valore poetico, s'infiltrassero nella poesia e nell'arte cristiana e sopravivessero anche nel pensiero moderno europeo fino ad un punto che puo alla prima parer sorprendere.» Comparetti, *Virgilio nel medio evo*, t. I, p. 216.

concepção poetica; como amostra do seu lyrismo reproduzimos uma Epistola inedita ao poeta Dom Simão da Silveira, amigo de Camões, em que lhe explica um quadro que pintara. Fixamos esta composição em 1575:

Jeronymo Côrte Real a D. Simão da Silveira, mandando-lhe amostrar uma Pintura da Mocidade e da Velhice

Negava Phebo já seus raios d'ouro
 Lá na segunda casa onde assentado
 Ficou aquelle ousado e fero Touro,
Que a filha de Agenor pelo salgado
 Reino passou, em Libia traspassando
 Com grave dor o pay desconsolado.
Os dois filhos de Leda visitando
 Com aprazivel rostro o campo, a serra,
 Ares, feras e gentes alegrando;
De mil côres então se veste a terra,
 Mostra-se então Amor mais esforçado
 O arco dobra e move dura guerra.
Fui-me ao campo viver, onde apartado
 Do tráfego e revolta da cidade
 Contente estava livre e sem cuidado.
Não me anojava lá vêr a maldade
 O artificio enganoso lisonjeiro,
 Do que traz na apparencia a santidade.
Pouqua pena me dava o conselheiro
 Se para officio ou cargo ali admittia
 Não sangue, nem saber, mas só dinheiro.
E muito menos pena então sentia
 Vendo o enganoso e falso contrafeito
 Que para si as mercês só pretendia.
Um bom zelo mostrando hum bom respeito
 Pera nos ajudar, tratando sómente
 D'aquillo que vencer mais seu proveito.
Os tristes que serviram no Oriente
 Em combates, em cêrcos trabalhosos
 Só requerem uns com causa urgente,
Julgados são por vãos ou por mimosos
 Se o máo despacho engeitam, mais julgados
 Serão elles de nós por cubiçosos.

Não via requerentes arrastrados,
Nem os despachadores esquecidos,
Nem fidalgos tão nobres aggravados.
Nem lagrimas não via, nem gemidos
Dos que dano recebem, nem me dava
Por quantos males lá vejo movidos.
Com latinos authores só passava
O tempo que ligeiro vae voando,
N'elles gosto e proveito sempre achava.
Effectos naturaes considerando
Vi produzir o campo a fremosura,
Por onde se vae Deos manifestando.
O roxo lyrio vi e a rosa pura
Em toda perfeição, vi do cunhado
Queixar-se filomena com brandura.
Com doce e triste pranto namorado
Contava a fera historia renovando
O abominavel, torpe e vil peccado.
O claro e manso rio murmurando
Por toscas pedras vi que repartia
As cristalinas aguas convidando,
Aquelle rouco som a quem o ouvia
A um agradavel somno, ou enlevada
A fantesia ali se suspendia.
O álemo e a faia inclinada
Por zephiro e favonio brandamente
Ali vi com voz surda e mal formada.
A domestica Progne diligente
Vi com grande artificio o aposento
Fazer para seus filhos entre a gente;
No solitario e doce apartamento
Vi das pintadas aves a harmonia
Com que suavemente o subtil vento
Com estranhos acentos se rompia
Com clausulas sem arte, mas ornadas,
De uma natural graça que movia
Tristes almas de amor assassinadas
Fazendo-as transportar em mil branduras
Que mil vezes em vão são desejadas.
Vi os desertos montes, vi as duras
Fragosissimas serras, vi os prados
Juntamente mostrar mil fremosuras.

Estes alegres mezes vi passados
E vi succeder outros desgostosos
Com sembrantes medonhos, carregados.
Bulcões negros e tristes, espantosos,
O ár todo cobriam quando entrava
Apollo em outros signos invernosos.
Quando a humida casa visitava
Do centauro Chiron com ligeireza
Lá para o pollo austral se declinava.
O campo vi coberto de tristeza
De espinhos e de abrolhos sem proveito,
De uma dura e esteril aspereza.
Via sem cortezia e sem respeito
O gracioso ornato destruido
Gastado todo já, todo desfeito.
Pelo sereno céo via estendido
Um negro e triste manto d'espedaçadas
Nuvens que o sol nos tinham escondido.
Vi arvores fiquar desconsoladas,
Queixando-se do tempo rigoroso,
Que tristes as deixou e despojadas.
Vi de todo passado o gracioso
Aprazivel verão, e vi entrado
O inverno intratavel e furioso.
O manso rio vi todo alterado
Turbulento com furia vir bramando,
De nova força d'aguas ajudado.
Boreas, Austro e Euro pelejando
Vi com grande braveza levemente
Grossos e antigos freixos arrancando.
O miseravel gado paciente
Em vão, arripiado, se aqueixava,
Tambem vi fazer isto a quem mais sente.
Na negra escura noite suspirava
O bufo infausto, e d'esta voz que ouvia
Outra mais triste voz elle formava.
N'estes longos suspiros respondia
A namorada nympha aliviando
A saudade e o mal que padecia.
Vendo isto ali, me foi representando
O pensamento a nossa humana vida
Com quantos termos n'ella himos passando.

A força juvenil já convertida
Por discurso de dias em fraqueza
E o bello rostro e fórma avorrecida.
Aquella destra e solta ligeireza
Do robusto mancebo já mudada
N'um ser atado, inutil e em torpeza.
Vi ser cousa geral e costumada
Converter-se o cabello de ouro puro
Em branca neve á moça delicada.
A diva luz dos olhos, o seguro
Ledo, afavel sembrante, vi mudar-se
Em espectaculo, triste, aspero e duro.
O branco e liso rostro enverrugar-se,
Aquella côr sanguina vi perder-se
E em fórma já mortal vi transformar-se.
Vi todo acabar-se e escurecer-se
Aquella graça, e aí, aquelle estado
Que com razão merece obedecer-se.
Vi todas as injurias que o irado
Crudelissimo tempo faz passando
N'aquelles por quem Deos é tão louvado.
Quando tudo isto vi, quiz debuxando
Por minha mão mostrar a fresca edade,
Como vae por seus pontos acabando.
Como emfim se desfaz uma beldade,
Como em fórma tristissima fenece
A suave e gentil venestudade.
Qual se torna despois que se envelhece
O branquo peito, a branqua mão tão pura,
Que todo coração duro enternece,
Porque inda que livre, isenta e dura
Vontade ou condição se mostre armado
Não póde resistir á fremosura.
Que, só um virar d'olhos descuidado
Um só sembrante honesto e doce riso
Um só parecer brando e delicado
Transtorna, rende e mata de improviso,
Emudece, desmaia e desordena
Até os annos e as cãs com maior siso.
Quem poderá valer-se do que ordena
Amor, ah duro, ingrato, fementido
Promettendo bens da dura pena.

Triste do que se vê por ti perdido,
 Antre esperanças vãs e certos dannos,
 Mil vezes morto e nunca arrependido.
Rodam dias e mezes, rodam annos,
 Foge o tempo ligeiro, e n'isto param
 Emfim para morrer e mais enganos.
Gram lastima me faz vêr que acabaram
 Aquella fremosura tam prezada
 E em figura tam vil se contentaram.
Isto me faz pintar a desejada
 Edade e est'outra tão aborrecida
 Tão mizera, tão pobre e desprezada.
Aqui verás, senhor, quam destruida
 Por discurso do tempo a fremosura
 N'este oppósito fiqua convertida.
Aqui verás emfim quam pouco dura
 Aquillo porque mil vezes morremos
 Aquillo porque huma alma se aventura.
O que nos faz fazer grandes extremos
 Olha bem em que para, em que fenecem,
 Aquellas cujas sem-razões soffremos.
As que com nosso mal se ensoberbecem,
 Tanto que o mundo tem em pouco ou nada,
 Mas mais lhes é divido mais merecem,
E outra opinião he falsa e errada. (1)

Além dos debuxos que acompanham um outro poema epico a *Austriada,* e que revelam um desenhador byzantino, Barbosa Machado encarece o seu talento para a Pintura, dando como prova o quadro de *S. Miguel,* na capella das Almas da parochia de Santo Antão, de Evora. Não podemos deixar de ratificar este juizo infundado com as seguras palavras do homem que estudou mais profundamente a Arte portugueza: «Après

(1) *Canc. Ms.* de Luiz Franc., fl. 153 a 159 v. Dom Simão da Silveira agradeceu com um Soneto que fica publicado.

tant d'éloges ridicules, je serais bien disposé à feliciter celui qui en est l'object de que ses dessins ne soient pas connus.» (1)

Em 1572 a liga catholica conseguira um triumpho contra os Turcos, d'onde resultou o attribuir-se a segurança da Europa á intolerancia catholica. A batalha de Lepanto, ganha por Dom João de Austria, por effeito dos encomios propalados por todos os fanaticos chegou a ser tambem celebrada nos cantos populares portuguezes. Na tradição oral de Coimbra encontramos um fragmento de romance, que depois achámos na sua integridade primitiva na tradição oral da Ilha de S. Jorge em quatro versões importantissimas. (2) Jeronymo Côrte Real não soube comprehender a poesia d'estes romances populares, que no seu tempo seriam por ventura muito mais extensos. Querendo compôr um poema sobre a batalha de Lepanto para lisongear Philippe II, escreveu em 1576 a *Austriada* com a mesma severidade de exactidão e de logica de um chronista.

Na dedicatoria de Jeronymo Côrte Real a Philippe II, diz: «Trabajé para aver para este effecto las mas verdaderas informaciones, que me fueran possibles tomando la substancia de aquellas que aun de varias partes me fueran traídas, al fin se reduzian todas á la mas comun opinion.» Este caracter historico predomina no poema, e na *Historia do Combate Naval de Lepanto,* por

(1) Raczynscki, *Dicc. hist. artistique du Portugal,* p. 56.
(2) *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez,* t. I, e t. IV.

D. Caetano Rossel, Jeronymo Côrte Real é citado para confirmar certos pontos duvidosos. (1)

Jeronymo Côrte Real acompanhou este poema de uma Pintura da Batalha Naval: «*debuxado de mi mano, para que la variedad de las colores e la invencion de la pintura a que V. M. es inclinado,* haga facil aquel peso y molestia de una lectura falta de invencion, y d'aquel ornamiento y polido estylo que en los grandes ingenios solos se hallan.» Philippe II, que em 1576 já calculava a sorte de Portugal, entendeu dever agradecer a este illustre fidalgo: «Al magnifico y amado nuestro Hieronymo Côrte Real: Magnifico e amado nuestro. Mucho he holgado con vuestra carta y con el libro que aveis compuesto de la batalha naval y victoria que nuestro Señor tuvo por bien de dar a la Christiandad contra la armada del Turco siendo general de la Liga el illustrissimo D. Juan de Austria mi hermano. Porque en la carta mostrais el afficion que teneis a mis cosas, y en la obra ingenio, juizio y otras buenas partes de que Dios os ha dotado: que lo uno y lo otro me ha sido muy agradable y assi os lo agradezco mucho: con asseguraros que para qualquiera cosa en que os tocare, hallareis en mi la voluntad que vuestra persona meresce. De Madrid a 8 de Novembre de 576. Yo ElRey.» Nas varias poesias encomiasticas a Jeronymo Côrte Real, D. Fernando Henriques diz dos heroes de Lepanto:

(1) *Op. cit.* p. 113, not. 17.

El grande Luzitano os ha librado
Vuestros hechos poniendo alla cumbre.

D. Francisco de Moura, escreve-lhe:

Louve-te a natureza, que de quanto
Em ti quiz ajuntar, tal honra tira,
E a patria que seus feitos mortos vira
Louve-te juntamente com Lepanto.

E termina aproveitando-se a seu modo do conceito
noniano:

«Sem á dita de Achilles ter inveja.»

Caminha escreve, ácerca dos seus talentos e da sua
avura:

Hieronymo aqui escreve, e d'aqui canta,
Illustre em sangue, illustre em verso o esprito...

Este esprito que canta, em tudo raro
Igualmente *pudera obrar co'a espada*
O que felicemente obrou co'a penna.

André Falcão de Resende, associa o louvor da *Aus-*
iada com o do *Segundo Cêrco de Diu:*

Tudo isto mostra o claro canto e esprito
Do gram Côrte Real, que ao Lusitano
João cantou no Cêrco e oriental guerra;
E ora na occidental cantando invicto
Inclito João de Austria soberano
Alças *Phebo* seu canto em toda a terra.

Falcão de Resende tambem celebra, em um Soneto *Ao livro que fez Jeronymo Côrte Real do Segundo Cêrco de Diu,* (1) que não vem junto com as homenagens de 1574, este poeta rico, cuja opulencia provocava as bajulações. Em 1578, quando Falcão de Rezende estava como Juiz de fóra em Torres Vedras, escrevia a Côrte Real:

A minha pobre vida, ou quasi morte,
Tua quieta vida cubiçando
  Podes Côrte Real, na real côrte
Gosar tranquilamente o ocio amado,
Por bem aventurada, e nova sorte.
....
  Como o incorrupto e namorado Alpheo
Sem contaminar nunca sua pureza
Córta as salgadas ondas pelo meo,
  Assi com alto esprito, arte e destreza
Cortando as frias aguas vãs do abuso
Dos indoutos, e a barbara rudeza,
  E quieto entre povo tão confuso
Cantas do nosso bom rei milagroso,
Os heroicos feitos fóra do uso,
  Em puro e claro estylo, grave e honroso,
A ti, á patria, aos teus, como é devido
A sujeito tão alto e poderoso. (2)

N'este tempo Jeronymo Côrte Real achava-se em Lisboa, chamado por Dom Sebastião, como todos os outros fidalgos, para o acompanharem na tresloucada expedição do joven monarcha a Africa. Do seu talento artistico para a pintura se serviram os exaltados da ex-

(1) *Obras*, p. 95.
(2) *Ibid.*, p. 305.

pedição, para que cooperasse na divisa da empreza aventurosa, a qual constava de duas Pyramides com as palavras: *Amor, Fé, Amor*. (1) A antiga bravura portugueza, que Jeronymo Côrte Real celebrara no *Segundo Cêrco de Diu* já não existia; eram outros os tempos, e o heroismo estava substituido pela *Valentia* dos guapos, tão bem caracterisada nos costumes de Sevilha. Em uma carta do seculo XVI, em que se relata o desastre de Alcacer, se encontra uma phrase ironica, que prova esta monomania da nossa aristocracia. Tendo-se dissuadido Dom Sebastião de dar batalha em um certo dia, os fidalgos incitaram-no fazendo-lhe tudo facil: «E o padre Fernão da Silva, *pela muita experiencia que tinha das cousas de Sevilha,* fez isto de melhor maneira, ajudando-se da velhice e oração de Jorge da Silva, que pediu a el-rei, n'aquelle momento, que lhe fizesse mercê das orelhas de Maluco para as comer com azeite e vinagre.» (2) Pela sua parte el-rei Dom Sebastião tambem obedecia a essa infatuação dos *Valentones* de Sevilha, porque já levava os poetas que haviam cantar a epopêa do seu triumpho, e a corôa de ouro com que se havia de acclamar imperador de Marrocos. Diz a citada carta contemporanea do desastre: «Cuidou passar a Africa com a facilidade com que monteava em Pancas e Almeirim. E é isto tanto assim, que levava corôa de ouro

(1) Ferdinand Denis, *Portugal*, p. 269.

(2) Ap. *Summario de Varia Historia*, do snr. Dr. Guimarães, t. IV, p. 130.

cerrada para o dia que entrasse em Marrocos se coroar imperador de Marrocos, e vestidos e alabardas para os seus da guarda saírem o mesmo dia, pintadas as armas reaes e a corôa cerrada por timbre; e o padre Fernão da Silva estudada a pregação da victoria.» (1) O mundo moral tambem tem as suas doenças contagiosas, de que a historia dá a prova com essas hallucinações geraes das Cruzadas, das perseguições religiosas, da feiticeria, dos convulsionarios; a historia da peninsula do fim do seculo XVI, e principalmente os destinos de Portugal andaram ligados a esta monomania aristocratica dos *Valentones*. No seu poema do *Naufragio de Sepulveda*, Jeronymo Côrte Real introduz á maneira de Camões uma visão em que a figura allegorica de um sabio mostra a Pantaleão de Sá a historia de Portugal representada desde D. Affonso Henrique até ao desastre de Alcacer Kibir. Era um logar commum de todas as epopêas. No Canto XIV descreve largamente esse desastre como quem assistiu a elle e tambem ficou captivo, descrevendo a morte de um seu irmão herdeiro da casa dos Côrtes-Reaes, e fazendo uma enfadonha ennumeração de todos os apellidos heraldicos dos cavalleiros que foram com o monarcha a essa tonta aventura. Como já dissemos, o poeta D. Manoel de Portugal era casado com uma irmã de Jeronymo Côrte Real; esta circumstancia fez com que memore tambem no seu poema a morte de seus sobrinhos D. João e D. Henrique de Portugal:

(1) Ibid., p. 129.

Ambos estes são filhos do prudente
Dom Manoel, com rasão tão celebrado,
Digo, aquelle a que Marte deu sua espada.
E o sabio Apollo a vêa mais delgada. (1)

Ali tambem memora D. Gonçalo Coutinho, o gran-
amigo de Camões, que ficou no captiveiro:

Tambem *Coutinhos* vão determinados
Romper não só os imigos, mas um muro
Fortissimo que achassem romperiam
E á pura força adiante passariam.
(Ib., p. 273).

Quando o genro de Côrte Real, publicou o poema
Naufragio de Sepulveda, dedicou-o ao Duque de
ragança Dom Theodosio II, alludindo ao seu captiveiro
n Africa; n'este poema, consagrou o poeta seis outa-
as ao Duque, que:

Já por seu rei então enresta a lança
C'o mais ousado e forte em competencia,
Não tendo inda *doze annos* bem perfeitos
Emprehende já famosos e altos feitos.
(Ib., p. 278.)

Por isso escreve Antonio de Sousa, justificando a
edicatoria: «e recebel-a V. Excellencia será mercê que
ará a Jeronymo Côrte Real—de quem sei certo que
e vivera tinha determinado de se empregar todo em es-
rever as grandezas d'esta casa e o *cativeiro* de Vossa

(1) *Naufragio de Sepulveda*, p. 275. Ed. 1783.

Excellencia.» N'esta passagem da dedicatoria de Manoel de Sousa, feita um anno depois da morte de Jeronymo Côrte Real, allude-se tambem ao poema inedito e hoje totalmente perdido, que se intitulava *Perdição de El-Rei Dom Sebastião em Africa, e das calamidades que se seguiram a este Reino*. Cita-o Barbosa Machado. Entre as calamidades que se seguiram ao desastre de Africa deve-se contar o profundo abatimento do espirito publico; na Carta contemporanea que temos citado, vem este negro quadro: «É para chorar e acabar de pasmar da louquice d'esta terra. Haver n'ellas donas illustres e de qualidade, com tam larga licença como tomaram, na desolação, de andar no modo das romarias, e na invenção com que pedem a Deos vida e liberdade dos maridos e filhos captivos, porque não ha devoção defeza que não façam, nem feiticeira que não busquem, para lhes dizer o que vae em Africa. Não ha beata que com suas superstições as não roube de quanto têm. Tão andejas se fizeram por modo de galanteria, que duvido que os maridos se o souberem, queiram de lá saír pelas não verem. Outras se ajuntam nas egrejas e já se conhecem todas.» Não vimos isto mesmo com a França, consolando-se com os milagres de Lourdes depois da catastrophe da campanha franco-allemã? Como abastado, Jeronymo Côrte Real facilmente conseguiu o seu resgate, e as longas saudades de sua mulher D. Luiza da Silva o levaram a, pouco depois que regressou á patria, entregar-se á composição da sua epopêa, o *Naufragio de Sepulveda,* por ser D. Leonor de Sá «muito parenta de sua mulher

a quem elle muito amava.» Este poema, que ficou inedito até á morte de Jeronymo Côrte Real em 1593, já estava completamente escripto antes de 1589, porque Pero de Andrade Caminha, no Epigramma CLXXXV, falla da impressão que lhe causou a sua leitura:

> Cantando de Leonor a formosura,
> Entre as musas, Jeronymo, creado,
> De suavidade encheste e de brandura
> Meu peito, de tristezas occupado.
> Quando a chorar vieres *a ventura*
> *Que lhe deu triste morte* em triste estado,
> Que esprito póde haver que te ouça e viva?
> Que peito onde sua pena não reviva?

Por este Epigramma se vê que Jeronymo Côrte Real communicára a Caminha o poema ainda nos primeiros cantos, que é aonde descreve a formosura de D. Leonor de Sá. Caminha insensivelmente se lembra do verso de Camões, ao tratar de Sepulveda nos *Lusiadas:*

> *Triste ventura*, negro fado os chama...

O proprio Jeronymo Côrte Real não pôde evitar a imitação d'essas tres admiraveis outavas que excedem o que Dante tem de mais accentuado; diz Camões, referindo-se á morte de Sepulveda e de sua mulher:

> Abraçados as almas soltarão
> Da formosa e miserrima prisão.

Côrte Real serve-se d'este mesmo pensamento:

D'aquella escuridão *as almas juntas*
Dos corpos desiguaes, *iguaes se partem,*
E da prisão mortal libertadas
Descansar ambos vão...

(p. 346.)

Além de muitas phrases camonianas, Côrte Real tambem imita por vezes em outavas intercalladas no verso solto, a fórma de prophecia tal como a usou Camões no episodio de Adamastor. Era este o poema que Jeronymo Côrte Real mais estimava, como vêmos por esta declaração de seu genro: «Entre as peças que herdei de meu sogro Jeronymo Côrte Real, que Deus tem, em um escriptorio aonde elle recolhia as que muito estimava, achei esta historia e verdadeiro discurso do infelice successo de Manoel de Sousa de Sepulveda e Dona Lianor de Sá, sua mulher e dois filhos. Eu estimei muito achal-a, porque em sua vida lhe ouvi dizer que *fôra esta a obra que elle tinha por mais filha do seu engenho que algumas que fizera e em que mais cabedal de trabalho puzera.*» Por esta razão avaliaremos mais detidamente o *Naufragio de Sepulveda,* procurando os elementos tradicionaes de que se serviu o poeta para a sua obra, que mereceu ser traduzida em castelhano por Francisco Contreras em 1624 com o titulo de *Nave tragica de India de Portugal,* e modernamente em francez, por Fournier. Contam os Nobiliarios, que Garcia de Sá promettera em casamento sua filha D. Leonor de Sá ao capitão de Ormuz Luiz Falcão; Manoel de Sousa Sepulveda declarou que era casado clandestinamente com

ella, segundo se usava tão frequentemente no seculo XVI, como vêmos com os tragicos amores do Duque de Aveiro e de Christovam Falcão. O velho Garcia de Sá não quiz faltar á sua palavra, e Luiz Falcão appareceu morto de um tiro; attribuiu-se o crime aos amores de Sepulveda, que tempo depois recebeu a mão de D. Leonor de Sá, uma das damas mais formosas de Goa. (1) Em 1552 foi o naufragio d'este cavalleiro, que morreu com sua mulher e dois filhos nas terras do Natal; este desastre foi attribuido a designio da providencia, mas a relação do Naufragio ditada pelo Guardião da Náo, Alvaro Fernandes, em Moçambique, ao traçar as extraordinarias situações em que se viram os desgraçados esposos, vagamente allude a esse castigo que tornava ainda mais sombria a catastrophe. É esta omissão uma das bellezas da Relação ingenua; aí se lê: «Partiu n'este Galeão Manoel de Sousa, *que Deus perdoe,* para fazer esta desventurada viagem...» E um pouco adiante: «Andando assim n'este trabalho, tornou-lhe outra vez a faltar o vento a les-sudueste, e temporal desfeito, *e já*

(1) «Da morte de Luiz Falcão se non sabe ainda certeza, que faz ter-se d'ella más suspeitas; prazerá a Deos que se saberá, para se fazer a justiça que tão novo caso n'estas partes requere: querem dizer que se asou sua morte porque, em semdo o inverno, mandou Luiz Falcão cinco mil pardáos ao governador Garcia de Sá, tanto que soube que era governador, do dinheiro de vossa alteza, e que por isso se deixou d'acabar de pagar aos soldados e casados, de que se tem mais suspeita: o vedor da fazenda dos contos, que foi fazer diligencia sobre sua morte, escreverá a Vossa alteza a certeza.» Cartas de Simão Botelho, Cart. II, ed. Felner, *Subsidios para a Hist. da India.*

então parecia que Deus era servido do fim que ao despois tiveram.» O proprio Sepulveda ao animar os seus companheiros de naufragio roça pelo mesmo presentimento: «bem vedes o estado a que por nossos peccados sômos chegados, *e eu creio verdadeiramente que os meus só bastavam para por elles sermos póstos em tamanhas necessidades* como vedes que temos, etc.» (1) Jeronymo Côrte Real fazendo nascer os amores de Sepulveda de uma situação bucolica banal em que vê a *famosa dama* retratada na agua, aproveita-se da tradição nobiliarchica, e quasi que chega a declarar que o Sepulveda mandou assassinar Luiz Falcão:

> .... determina
> O nobre pae casar esta formosa
> Filha com *Luiz Falcão,* varão insigne.

E contando a situação de Sepulveda:

> Revolve na cançada phantasia
> Remedios differentes, *nenhum acha*
> *Que o possa descansar, em quanto a vida*
> *Ao seu duro adversario lhe durasse.*
> (p. 35.)

O Amor determina matar esse rival:

> *He necessario mãe, que o Falcão moura,*
> Porque o Souza e Leonor ambos descansem;
> Para o matar me offereço, *mas seria*
> *Bom conselho fazer-se isso secreto.*
> (p. 36.)

(1) *Hist. tragico-maritima,* t. 1, p. 17.

Depois de realisada a morte de Luiz Falcão:

> Suspeita-se que Amor no caso infando
> Tão iniquo e cruel fosse homicida;
> E que de um tão injusto e bruto feito
> Sua cegueira só tivesse culpa...
>
> Mas a palreira fama diz e affirma
> Que o cego Amor só n'elle teve culpa.
> (p. 68.)

Por fim, Jeronymo Côrte Real, ao narrar a situação decisiva que consummou o desastre de Sepulveda, no momento em que mandou entregar as armas aos Cafres, introduz grosseiramente um pedido da sombra de Luiz Falcão que reclama a Deus vingança (p. 516). É este o unico elemento tradicional aproveitado pelo poeta; tudo o mais é producto de uma falsa rhetorica, ou copiado da Relação do naufragio. As ampliações rhetoricas, para todos os que tem lido os traços inimitaveis da narrativa feita pelo naufrago em Moçambique em 1554, causam indignação igual á do convencionalismo ante uma dor real. Os dezesete cantos do poema, são fundados sobre esta constante profanação, como a descripção do nascimento de D. Leonor de Sá, a vingança do Amor e o aposento da Determinação, Protheo namorado de D. Leonor de Sá, na viagem, e ciumes de Amphitrite, novo amor Pan por D. Leonor, ficção do Templo da Mentira e da Verdade, etc. Com certeza, Jeronymo Côrte Real não tinha o minimo vislumbre de ideal poetico.

O pouco que ha de natural no *Naufragio de Sepulveda* é tirado da prosa franca da Relação. A lingua portugueza, sempre escripta por eruditos moralistas auctoritarios, que só tinham em vista manifestar a área dos seus conhecimentos, e que nunca sentiram senão conformes com as opiniões mais abonadas, pela primeira vez se aproximou da espontaneidade da expressão oral n'essas narrativas simples e eloquentes pela impressão immediata da realidade, em que os velhos marinheiros portuguezes contavam os seus desastres. Essas Relações, escriptas para esmolarem na côrte, ou para satisfazerem a curiosidade de um publico que não tinha outras emoções, acham-se parte dispersas, e parte colligidas na *Historia tragico-maritima;* ali se vê quanto póde esta lingua, fallada nas grandes tempestades do mar, sôlta das convenções dos chronistas, dos prégadores, dos jurisconsultos e apologeticos. Parece que as palavras se animam, da mesma fórma que o accento natural mostra a correcção morta de uma pronuncia unicamente grammatical. Se não existissem essas Relações dos naufragios, podia-se dizer que a lingua portugueza, que começou a ser tão cedo escripta, nunca fôra fallada; não era esterilmente que no principio do seculo XVI estava constituida a nacionalidade portugueza, cuja consequencia viva era a linguagem. De todas as Relações a mais tetrica, de lances mais shakespearianos, e em que o que conta ignora o que são effeitos de estylo, e portanto attinge a maior sublimidade, é a *Relação da mui notavel perda do Galeão grande S. João*, em que se narra a

morte de Sepulveda. Jeronymo Côrte Real, se tivesse um pequeno lume de ideal não tornava a pôr a mão n'este assumpto, para o qual a arte não póde trazer mais altura; bastava lembrar-se de que poderiam um dia aproximar os seus versos carregados de epithetos, mas frios, d'aquella prosa impensada, mas que revolve todas as fibras.

Pequenissimas circumstancias da Relação acham-se reproduzidas no poema, taes como o symbolo da guerra entre os selvagens: «andaram por lá dois sem acharem pessoa viva, senão algumas casas de palha despovoadas, por onde entenderam que os negros fugiram com medo, e então se tornaram ao arrayal, e *em algumas das casas acharam frechas metidas, que dizem que é o seu signal de guerra.*» (*Hist. trag.*, I, 16). Eis o poema:

Estes trez companheiros partem logo,
E com ligeiro passo a terra intentam;
Solicitos se mostram, mas não acham
Do que lá vão buscar cousa mais certa
Que *uma guerra notoria*, clara e vista
Que elles muito temeram; *porque acharam*
Em pobres casas já desamparadas
Mettidas por signal agudas setas;
Que entre elles é pregão, e assi divulgam
Odio, guerras crueis, estrago e morte, etc.
(p. 141).

O trabalho de Côrte Real consistia em ampliar a situação da narrativa, da mesma maneira seguida por outro poeta, o auctor da *Elegiada*, que trata o desastre de Sepulveda como um episodio contado por Pantaleão de Sá:

Antre nós trez ousados escolhemos
Que sem temor movessem o passo asinha,
A descobrir a terra, porque achassem
Alguns que as cousas d'ella acclarassem.

Os quaes tendo dois dias caminhado
Sem verem mais que *rusticas cabanas,*
Com frechas bem fincadas (modo usado
Na guerra d'estas gentes inhumanas), etc.
(*Eleg.*, Cant. VI, 119.)

Este encontro de Côrte Real com Luiz Pereira parece resultado de uma combinação litteraria entre ambos, porque no *Naufragio de Sepulveda* trata-se o desastre de Alcacer-Kibir como episodio, e na *Elegiada,* escripta sobre este desastre, entra como episodio o naufragio de Manoel de Sousa; ambos puzeram em verso a mesma fonte, que foi a narrativa ditada por Alvaro Fernandes.

Tomemos uma das situações altamente patheticas da Relação: «Em todo este mez poderiam ter caminhado cem leguas: e pelos grandes rodeios que faziam no passar dos rios, não teriam andado trinta leguas por cósta; e já então tinham perdidas dez ou doze pessoas; só um filho bastardo de Manoel de Sousa de dez ou onze annos, que vindo já mui fraco da fome, elle e um escravo, que o trazia ás costas, se deixaram ficar atraz. Quando Manoel de Sousa perguntou por elle, que lhe disseram que ficava atraz obra de meia legua, esteve para perder o siso, e por lhe parecer que vinha na trazeira com seu tio Pantaleão de Sá, como algumas vezes acontecia, o perdeu assim; e logo prometteu quinhentos cruzados a

dous homens, que tornassem em busca d'elle, mas não houve quem os quizesse acceitar, por ser perto da noite e por causa dos tigres e leões; porque como ficava homem atraz, o comiam; por onde foi forçado não deixar o caminho que levava e deixar assim o filho onde lhe ficava os olhos.» (*Hist. trag.*, ib. p. 20). Eis a conversão poetica:

> Andado tem cem leguas, mas de todas
> Só trinta proveitosas lhe ficaram;
> Que pollas grandes voltas das ribeiras
> Grande espaço de terra fica inutil.
> Crece a fome em geral, crece o trabalho,
> Alento e forças quasi desfallecem,
> Alguns se rendem já, já de cansados
> Se deixam ser de tigres mantimento...
> Entre estes tambem fica um gentil moço
> Filho do Capitão, porém nacido
> De mulher differente, este não tinha
> Então dezeseis annos bem compridos
> ....
> Sentiu o Souza muito a morte d'este
> Parecendo-lhe ser por seu descuido,
> E dentro no seu peito se reprehende,
> E de não o achar menos se dá culpa.
> O caminho prosigue, onde lhe ficam
> A cada passo já mortalhas tristes, etc.
>
> (p. 151.)

Luiz Pereira tambem desenvolve na *Elegiada* esta pathetica situação, ainda mais prêso da narrativa. Um dos lances mais violentos, que preparam a immensa catastrophe, é aquelle em que conhecem que o Capitão Manoel de Sousa está com a razão perturbada: «Tambem se diz que o Capitão vinha já n'aquelle tempo mal-

tratado do miolo, da muita vigia e muito trabalho, que carregou sempre n'elle mais que em todos os outros.» E depois de uma furia repentina contra os pretos que o conduziam em uma almadia: «Em verdade, quem conhecera a Manoel de Souza, e soubera sua descrição e brandura, e lhe vira fazer isto, bem poderia dizer que já não ía em seu perfeito juizo, porque era discreto e bem attentado; e d'ali por diante ficou de maneira, que nunca mais governou a sua gente como até ali o tinha feito.» (Ib., p. 26).

> O Sousa, differente já do Souza
> Que ser soía, com Leonor se embarca...
> Por não tocar um baixo o batel torcem
> D'aquella via e rasto que atrás deixam...
> O nobre Capitão cuida ser manha
> E que o apartam dos outros com malicia.
> *Como elle do trabalho e das vigias*
> *Levasse já o juizo embaraçado,*
> Arranca a espada á colera movido...
> Quem outro tempo viu este prudente
> Esforçado varão, manso, tratavel
> Cortez, discreto e brando, e agora o via
> Do juizo e razão já tão mudado, etc.
>
> (p. 308-9.)

Em consequencia d'este estado imprevisto em que caíra o que dirigia a comitiva, apressou-se o cumulo da desgraça; na primeira povoação de Cafres que encontraram, exigiram que entregassem as armas, a que Sepulveda, já sem nada comprehender, accedeu. D'aqui em diante ficaram á mercê dos selvagens, que os despiram e os mandaram embora pelo deserto. O poema segue

com enfadonhas e mythologicas ampliações estes lances da Relação, com logares communs banaes que contrastam com a realidade e produzem a indignação. Eis o lance supremo da narrativa em prosa, que dá a medida da desgraça de Sepulveda, e da estupidez do seu cantor: «E Dona Leonor ía já tão fraca, tão triste e desconsolada, por vêr seu marido da maneira que ía, e por se vêr apartada da outra gente, e ter por impossivel poder-se ajuntar com elles, que cuidar bem n'isto é cousa para quebrar os corações. Indo assim caminhando tornaram outra vez os Cafres a dar n'elle e em sua mulher e em esses poucos que íam em sua companhia, e ali os despiram, sem lhe deixarem sobre si cousa alguma. Vendo-se ambos d'esta maneira com duas creanças muito tenras diante de si, deram graças a Nosso Senhor. Aqui dizem, que D. Leonor se não deixava despir, e que ás punhadas e bofetadas se defendia, porque era tal que queria antes que a matassem os Cafres, que vêr-se núa diante da gente, e não ha duvida que logo ali acabara sua vida, senão fôra Manoel de Souza, que lhe rogou se deixasse despir, que lhe lembrava que nasceram nús, e pois Deus d'aquillo era servido, que o fosse ella. Um dos grandes trabalhos que sentia, era verem dois meninos pequenos seus filhos, diante de si chorando, pedindo de comer, sem lhes poderem valer. E vendo-se D. Leonor despida, lançou-se logo no chão, e cubriu-se com os seus cabellos, que eram muito compridos, fazendo uma cova na areia, onde se meteu até á cintura, sem mais se erguer d'ali. Manoel de Souza foi então a uma

velha sua aya, que lhe ficara ainda uma mantilha rota, e lha pediu para cobrir D. Leonor e lha deu; mas comtudo nunca mais se quiz erguer d'aquelle logar, onde se deixou caír quando se viu núa.—Os homens que estavam ainda em sua companhia, quando viram a Manoel de Souza e sua mulher despida, afastaram-se d'elles um pedaço, pela vergonha que houveram de vêr assim seu Capitão e D. Leonor. Então disse ella a André Vaz, o piloto:—Bem vêdes como estamos, e que já não podemos passar d'aqui, e que havemos de acabar por nossos peccados; ide-vos muito embora, fazei por vos salvar, e encommendae-nos a Deus; e se fordes á India e a Portugal em algum tempo, dizei como nos deixastes a Manoel de Souza e a mim com meus filhos!—E elles vendo que por sua parte não podiam remediar a fadiga de seu Capitão, nem a pobreza e miseria de sua mulher e filhos, se foram por esses matos buscando remedio da vida... E Manoel de Souza ainda que estava maltratado do miolo, não lhe esquecia a necessidade que sua mulher e filhos passavam de comer. E sendo ainda manco de uma ferida que os Cafres lhe deram em uma perna, assim maltratado se foi ao mato buscar frutas para lhe dar de comer; quando tornou achou Dona Leonor muito fraca, assim de fome, como de chorar; e achou um dos meninos mortos, e por sua mão o enterrou na areia. Ao outro dia tornou Manoel de Souza ao mato a buscar alguma fruta, e quando tornou, achou D. Leonor fallecida, e o outro menino, e sobre ella estavam chorando cinco escravas com grandissimos gritos. Dizem que elle não

z mais, quando a viu fallecida, que apartar as escravas ali, e assentar-se perto d'ella, com o rosto posto sobre ma mão, por espaço de meia hora, sem chorar, nem izer cousa alguma, estando assim com os olhos postos l'ella, e no menino fez pouca conta. E acabando este spaço se ergueu, e começou a fazer uma cova na areia om ajuda das escravas e sempre sem se falar palavra enterrou, e o filho com ella, e acabado isto, tornou a omar o caminho que fazia quando ía buscar as frutas, em dizer nada ás escravas e se meteu pelo mato, e unca mais o viram, etc.» (1) O homem que traçou estas linhas, em que expõe situações meramente exteriores, não sabia descrever emoções subjectivas, mas é certo que poucas vezes a linguagem humana exprimiu mais profundamente as agonias da vida! Nenhum genio tocou ainda tanta e tão forte simplicidade. Jeronymo Côrte Real ao pôr em verso esta situação no *Naufragio de Sepulveda* (canto XVI), desceu ao estado da bestialidade dos Cafres que despojaram D. Leonor dos vestidos; o mediocre teve a coragem de comparar esta cruenta realidade com a imagem de Venus vista nua pelo pastor no monte Ida! E para cumulo de insensatez, desenvolve argamente um episodio, de Phebo ao raiar do dia, que e apaixona pelo corpo de D. Leonor, e desce á terra m figura de pastor para se fazer amado! Era assim ue se comprehendia a poesia em Portugal, no fim do

(1) *Hist. trag. marit.*, t. I, p. 33 a 36.

seculo XVI, e eram estes metrificadores que pretendiam anullar o genio de Camões.

Além de outros ineditos que Manoel de Sousa de Abreu herdou de seu sogro, deve comprehender-se o livro intitulado *Epilogo de Capitães Insignes*, que apparece citado pelo seu contemporaneo Frei Bernardo de Brito, (1) e era ainda conhecido no meado do seculo XVII, porque o cita Antonio de Sousa Macedo. (2) Ineditas ficaram essas duas Epistolas colligidas no *Cancioneiro* de Luiz Franco, que aqui transcrevêmos; e Frei Bernardo de Brito traz na *Monarchia Luzitana* algumas estrophes de uma «*Elegia de amores que fez, estando na cidade de Evora, a uma Dama illustre, natural d'aquella terra;* entre outras delicadezas que lhe diz encarecendo sua graça e formosura...

Nem por terdes na terra em que nascestes
A Venus favoravel nos amores,
Cuideis isenta ser, pois me vencestes.
Não reconhecem lei os passadores
Do cego encantador, que o mundo adora,
Nem tem a mãe poder em seus ardores.
No monte vos vi, já que alguma hora
Viu d'um Poeta as armas victoriosas
Em que Marte e Amor vivem agora.
Já Venus vos deixou selvas umbrosas,
Por causa do rigor de Galatêa
E vos trocou em brenhas temerosas.
Quem vos possue com guerra vos arrea,
Tudo cruel em vós contemplo, e vejo
Os montes da fermosa Citharea.

(1) *Monarch. Luzit.*, Part. I, liv. 2, cap. 15.
(2) *Flores de España*, cap. 14, Excell. 2.

Pelo nome moderno se me rejo
Por Pumares regados com meus olhos,
Cavados com a força do desejo.» (1)

Por isto se vê que Frei Bernardo de Brito teve conhecimento das poesias lyricas de Jeronymo Côrte Real, hoje perdidas. Em 1768, Francisco Luiz Ameno, publicou um desconhecido inedito de Côrte Real, o *Auto dos Quatro Novissimos do Homem, no qual entra tambem uma Meditação das penas do Purgatorio.* Na advertencia escreve o impressor: «Casualmente chegou á minha mão um manuscripto antigo, que constava de composições de diversos authores; entre as quaes achei tambem esta, que agora te offereço, leitor amigo. É obra do grande Jeronymo Côrte Real..., se tens algum conhecimento de estylos, creio não duvidarás ser isto obra sua... Não me atrevi a mudar nada da orthographia com que estava escripto, porque a letra mostrava tanta antiguidade, que quando não fosse a do proprio original seria de uma cópia feita immediatamente d'elle.» Esta rapida noticia do impressor Ameno revela-nos a existencia de mais um Cancioneiro de poesia quinhentista que chegou até ao seculo XVIII. O *Auto dos Novissimos do Homem,* apesar do seu titulo dramatico, é um insipido poemeto de um catholicismo sem ideal, escripto em verso solto, como usava Côrte Real nos seus poemas.

Este poemeto, que ainda é mais destituido de senso poetico do que os *Novissimos do Homem* de Rolim de

(1) *Monarch. Luzit.,* p. I, lib. 4, cap. 8.

Moura, é um documento de um cerebro decaído, a quem a preoccupação catholica da morte aggravou mais a senilidade. Como testemunha de tantos desastres, não admira que elle caísse em uma tão triste depressão moral:

> Acabem-se já os baixos pensamentos
> D'esta fraca, mortal, humana vida,
> As nevoas se desfaçam e os vapores
> D'estas tristes, mundanas ignorancias, etc.

O isolamento na sua Quinta do Morgado da Palma augmentou ainda mais a tristeza d'esta alma, que não teve n'este mundo uma noção verdadeira que o levasse a fortalecer-se e a contentar-se com a realidade da vida; tendo fallecido antes de 1593, conforme fixa Barbosa, não chegou a vêr como a memoria de Camões renascia como um palladio nacional, nem como os seus versos lyricos se tornaram a expressão apaixonada da alma portugueza.

CAPITULO V

[Fra]ncisco de Andrade e Luiz Pereira

Educação humanista de Francisco de Andrade. — Máo poeta lyrico. — Falta de imaginação. — Como trata o assumpto do *Primeiro Cêrco de Diu.* — Dedicatoria a Philippe II. — Recompensa. — Modo de tratar as façanhas portuguezas na Asia. — Malaca e as tradições indígenas. — Luiz Pereira é superior em metrificação e colorido poetico a Andrade. — A *Elegiada* não é inspirada por um sentimento nacional como a *Chanson de Roland.* — Caracter diffuso d'estes poemas historicos. — Prometia continuar a *Elegiada.* — Nunca foi continuada, porque a verdadeira continuação teria sido em 1640. — Conclusão ácerca da falta de conhecimento do valor das tradições nacionaes.

Assim como a poesia lyrica portugueza do seculo XVI decaíu desde que o idealismo platonico, manifestado no lyrismo de Camões, foi substituido pelas doutrinas alexandristas, do mesmo modo a comprehensão da epopêa nacional tornou-se frívola e absurda pela obliteração completa das tradições populares. Os Jesuitas estavam senhores absolutos do ensino em Portugal desde 1555; assim como o seu instituto transformava o individuo em um agente passivo, o seu plano procurava tambem tirar ás nações a individualidade substituindo-lhes as suas tradições por um humanismo esteril e sem physionomia. O que é o contagio do *culteranismo* em Hespanha, do *marinismo* em Italia, do *preciosismo* em França, do *euphuismo* em Inglaterra, senão o resultado de um mesmo systema de educação litteraria imposto pelas

escholas jesuiticas? Todos estes paizes tinham bastante vigor para resistirem ao contagio do máo gosto, se elle viesse transmittido por um unico centro litterario. O caracter com que se manifesta na Europa este vicio geral, resultante de um superficial mas exclusivo *humanismo,* começa em Portugal no momento em que a nossa instrucção publica caíu em poder dos jesuitas; elles substituiram o velho theatro nacional pelas suas insulsas tragi-comedias latinas; atacaram os cantos populares incutindo á força na memoria das crianças as suas chatas jaculatorias em redondilhas, como vêmos pela *Relação do Naufragio do Galeão San Thiago em 1585,* em que em vez das velhas *Salvas,* de que falla Gil Vicente, conseguiram fazer cantar:

> Todo o fiel christão
> É mui obrigado
> A ter devoção
> Á santa cruz... (1)

D'esta fórma chegaram a ser desconhecidas as tradições nacionaes, a ponto de entrarmos no seculo XVII e apenas acharmos um Rodrigues Lobo e um D. Francisco Manoel de Mello, que deveram a sua superioridade ao vago instincto que os levou a inspirar-se frouxamente d'essa tradição. O regimen humanista imposto pelo ensino jesuitico esterilisou os nossos escriptores quinhentistas, que seguiram forçadamente as escholas

(1) *Hist. Tragico-Maritima*, t. II, p. 128.

la Companhia; e este vicio de ensino entrou tão profundamente na educação portugueza, que apesar de todos os esforços de Pombal, ainda hoje nenhum governo soube livrar-se da preponderancia de disciplinas anachronicas e sem resultado, estabelecendo a justa discriminação em instrumentos para adquirir conhecimentos, e em noções positivas que façam progredir as concepções individuaes. Pela preponderancia que ainda vêmos hoje se póde calcular o gráo d'esse exclusivismo humanista do seculo XVI.

Francisco de Andrade, que pertence a uma distincta familia de eruditos, mais conhecido pela sua *Chronica de D. João III,* deixou manifestos os vicios do humanismo jesuitico nas suas poesias. A prosa arredondada e emphatica podia encobrir-lhe a mediocridade de espirito; mas a poesia, filha da espontaneidade de sentimento, e ella mesma fórma de uma concepção geral, deu todo o relevo á vulgaridade rasa d'este metrificador. Francisco de Andrade escreveu uma epopêa pelos moldes camonianos, intitulada o *Primeiro Cêrco de Diu;* as suas poesias lyricas ficaram desconhecidas até hoje. No *Cancioneiro* de Luiz Franco acham-se algumas d'essas composições, que bastam para explicar o motivo do prosaísmo da sua epopêa. Francisco de Andrade aprendera, como todos os que frequentavam as escholas da Companhia, a arte de metrificar, e ensaiára-se em composições latinas e portuguezas; esta cultura humanist[illegible] era uma distincção para a vida palaciana, e por iss[illegible] *todos se esforçavam* em alcançar tal prenda. Pel[illegible]

poesias lyricas de Francisco de Andrade se vê que elle escrevia na corrente da moda, *invita Minerva*, já traduzindo do latim os *Epodos* de Diogo de Teive, ou a *Philomela* de S. Boaventura, já metrificando em castelhano ou em portuguez com essa cansada monotonia de quem não desampara um modello, e repete uma interminavel antithese. Do *Cancioneiro* de Luiz Franco, (fl. 221), extraímos este começo de uma Elegia inedita, muito extensa, para que se conheça o caracter do lyrismo de Francisco de Andrade:

Belisa um só amor d'esta alma triste,
  Um só descanso meu, uma só vida,
  Em quem todo meu bem ou mal consiste.
Bilissa, a quem esta alma está rendida
  Com tão sobejo amor, tão de verdade,
  Que o seu mór bem é ser por ti perdida.
Quão contrario parece em tal beldade
  Que o coração cativa com brandura,
  Haver tanta dureza e crueldade;
Quão contrario parece em formosura
  Que deixa muito atraz o que é humano,
  Condição deshumana, aspera e dura, etc.

Tudo o mais que se segue é martellado na mesma corda, com um esforço mais proximo da negação poetica do que as proprias composições de Caminha; a consciencia d'esta incapacidade levava a encobril-a com o uso de uma lingua estrangeira. O castelhano, pela riqueza dos seus modellos poeticos, como pelo seu colorido e vigor, encobria melhor esta falsificação. Francisco de Andrade escreveu tambem em castelhano uma longa

Epistola de Dido a Eneas, tambem inedita, da qual copiamos aqui os primeiros tercetos:

Qual suele de Meandro en la Ribera
El blanquo Cysne ya cerquano a muerte
Soltar la dolorosa box prostrera,
Ansi te escrivo y no pera moverte,
Que ser tu por mis lagrimas movido
Ni el cielo lo consiente ni mi suerte... (1)

Por ultimo caracterisemos o seu lyrismo com a traducção da mimosa Elegia latina de S. Boaventura:

Tercetos de Filomena

Filomena suave, que cantando
O fim do bravo inverno denuncias,
E a vinda do verão alegre e brando,
E com tuas suaves harmonias,
Um coração levantas derribado
A novas esperanças e alegrias.
Vêe este meu espirito meu cansado
Que uma condição e natureza
Creio que vencerão meu duro fado.
Mandarei que vás vêr uma belleza
Que a vida e alma lá me traz comsigo,
Cercada de continua e aspera tristeza.
Porém, temo-te n'isto um só perigo,
Aonde o maior mal mais aproveita
Aonde mór amor, maior imigo.
Que vendo sua beldade tão perfeita
Que não tem egual seu merecimento
Lhe fiques tu como eu tambem sujeita.

(1) Ap. *Canc. ms.* de Luiz Franco, fl. 226 a 230.

Porém vae, que não a y nenhum tormento
Que se não contenta em bem dobrado,
A quem a contemplar um só momento.
E se te não impede teu cuidado
Lá lhe dirás de mi toda a verdade
Pois me vês andar n'ella transformado.
Presenta-lhe esta minha saudade,
Presenta-lhe este amor, esta fé pura,
Tão indina da sua crueldade.
Presenta-lhe tambem sua brandura,
Presenta-lhe um mal que ella pagaria
Com a vista da sua formosura.
Ali celebrará tua harmonia
Aquella que teu canto só merece
Ahi farás o accento que eu faria.
Se vires lá que meu serviço esquece
(Costume é já antigo, não te espante)
Porque amor de razão nada conhece.
Dirás a essa mais dura que diamante
Quão constante em amar sempre me viste
Pois sempre o mal e amor vão por diante.
Dir-lhe-has que por ella esta alma triste
Anda cerquada de continua pena
Dir-lhe-has que n'ella só meu bem consiste.
Se me perguntares doce Filomena
Que formosura é esta onde mando,
Que a tamanhos males me condemna?
Digo-te que não sei por que tal ando,
Que menos d'ella entende o pensamento
Quanto mais está n'ella contemplando.
Sei só quam desigual é meu tormento
Mas que não poderá nunqua gabar-se
Com mais pequeno seu merecimento.
E mais será escusado declarar-se
Porque o teu coração diante d'ella
Logo se lhe virá a subjeitar-se.
Vel-a-has entre todas tanto bella
Qual sóe resplandecer a grã Diana,
Junto com qualquer outra baixa estrella.
Ver-lhe-has uma altiveza soberana,
Ver-lhe-has dois contrarios n'um subjeito
Porque verás brandura deshumana.

Ver-lhe-has parecer brando duro peito
E não te espantarás se se ella esquece
D'este amor que lhe tenho tão perfeito.
Ver-lhe-has que o maior mal que se padece
Sendo por parecer tão excellente
Se paga muito pouco o que merece.
Vae, Filomena amada, vae contente
Pois te foi tal ventura concedida,
Não temas o perigo que he presente.
Porque pouco é perder por ella a vida,
E mais se, póde ser que ella quizesse,
Entender que por ella anda perdida.
Oxalá me a ventura concedesse
Mover pela servir sabendo ella
E nunca meu tormento mais valesse.
Que quem na vida não póde movel-a,
A piedade, do mal que dá, fazia
Póde ser que na morte a cause n'ella.
Se te dixer alguem que parecia
Desatino esta hida, dize tudo,
Quanto tu entenderes que eu diria.
Dize-lhe que amor me faz já mudo,
Pera dizer os males que padeço,
Dize-lhe que nunqua houve amor sisudo.
Se ella dixer que mais lhe desmereço
Em ousar de pôr n'ella o pensamento,
De quanto por meus males lhe mereço,
Dize-lhe que bem lhe paga meu tormento
A ousadia e mais que não attenta
Amor estado, nem merecimento.
Se alguem dixer que pois que se contenta
Este amor com tão pouco como é vêl-a,
(O que ninguem dirá) não atormenta.
Dize que não ha nada pouco n'ella,
Pois que o menos que ella póde dar-me
Isso é o mais que posso esperar d'ella.
Se ella disser que pois quiz entregar-me
A este mal que a mi sempre é presente,
Não tem ella razão de remedear-me.
Dize-lhe que o mór mal que esta alma sente
É ter por experiencia já sabido
Que onde amor, razão não se contenta.

Filomena, tu tens bem entendido
Todo mal que em mim ha, Deos ora queira
Que seja tambem lá bem conhecido.
E se esta fé não é tão verdadeira
Como digo, moura eu desesperado,
Da que é minha esperança derradeira.
De ti, oh Nimpha, eu morra desamado,
De ti não seja crido meu tormento,
De ti meu amor seja desprezado.
Se me a mi presenta o pensamento
Mais dina outra que he de ser amada
Se tu só não és meu contentamento.
Oh Filomena bem aventurada
Pois gosarás o bem que merecia
Esta alma em amor toda transformada.
Mas pois te dá essa dura, o que devia
A uma vontade onde ella sempre mora,
Seja meu todo mal tua alegria,
Faça ella o que quizer, morra eu embora. (1)

Apesar do profundo sentimento poetico do grande mystico S. Boaventura, Francisco de Andrade teve o poder de transformar a suave Elegia em uma tristeza banal; por aqui se vê como o sentimento popular que ainda predominava na egreja do seculo XIII, se tornou incomprehensivel para o isolamento aristocratico da mesma egreja no seculo XVI. Como máo poeta lyrico, Francisco de Andrade mostrou-se na epopêa sem consciencia da sua inferioridade.

Celebrando os feitos bellicos do *Primeiro Cêrco de Diu,* Andrade revela o sentimento nacional que o inspirava, bajulando o invasor hespanhol Philippe II,

(1) *Canc.* de Luiz Franco, fl. 224 v. a 226. Existe publicada em um pequeno folheto do seculo XVI.

(cant. I, est. 4) que destruira a liberdade da sua patria. Em paga d'esta degradação do poeta, Philippe II nomeou-o em 24 de julho de 1599 para escrever as Chronicas de D. João III, Dom Sebastião, Cardeal Dom Henrique, e a sua propria; (1) como a questão já não era de brio mas de interesse, foi Francisco de Andrade o primeiro que recebeu a gratificação de 50$000 reis e de 100$000, que se pagava aos chronistas móres do reino. O poema do *Primeiro Cêrco de Diu*, é uma pura chronica rimada, em que a outava italiana, tão bella na epopêa de Camões, se torna do mais raro prosaísmo. Prendendo-se aos factos historicos mais provados, só tem o recurso da accumulação de epithetos para completar os versos sempre frouxos. Apenas allude á tradição popular do *Abbade João*, (ib. est. 67–74), aproveitando-se de Camões da ficção de uma Ilha Encantada, (cant. IX, est. 38.) Uma comprehensão estreita do maravilhoso christão, tira-lhe essa liberdade dantesca tão necessaria á fórma epica, e prende-o ao emprego de acanhadas e falsas allegorias. O proprio Costa e Silva, que obedeceu á superstição dos classicos quinhentistas, não teve coragem para encobrir a inferioridade de Francisco de Andrade. Eram estes os que formavam a cabala contra Camões, mesmo ainda depois da morte. As façanhas dos heroes portuguezes nas conquistas de alem-mar, tinham tambem um lado poetico, que estes metrificadores não

(1) Torre do Tombo, liv. 8.º das *Mercês de Philippe* II, fl. 12 a 14 v.

tas contentavam-se em pôr em verso as chro
mos um exemplo importante no assumpto h
Malaca conquistada, de que é heroe Affons
querque; Sá de Menezes, desconhecendo to
elemento tradicional d'esse facto, tratou-o s
de vista allegorico, sem vida, sem moviment
lidade; nas tradições orientaes essa conquist
com as grandes situações de um extraordina
como vamos vêr.

Em uma *Historia dos Reis dos Malayos*
(1252–1511) apresentada por Aristide Marr
cima sessão do Congresso dos Orientalistas
vêm excellentes subsidios tradicionaes para a
de uma epopêa sobre Affonso de Albuquerq
crevêmos alguns trechos d'esse antiquissi
mento, para que se veja quanto os nossos poe
sido admiraveis, se em vez de imitarem os m
sicos tivessem procurado inspirar-se das tradi
taes:

de toda a especie de fazenda. Desde a cidade de *Kelang* até á barra de *Penadjar,* seguiam-se as construcções ao longo da praia em uma linha não interrompida. Todo o individuo que fosse de *Malaka* a *Djagara,* não tinha necessidade de levar lume comsigo, porque aonde lhe aprouvesse parar sempre achava casas habitadas. A cidade de *Malaka,* a fóra o que tinha fóra dos seus muros, contava dezenove *laska,* ou 190:000 habitantes. Tal era a metropole da peninsula malaya, quando appareceu pela primeira vez nas suas aguas um navio *franggi* (europeu); era um navio portuguez chegado de Goa para commerciar. O capitão foi perfeitamente acolhido pelo Bandhara, e ficou encantado de tudo quanto viu, durante a sua permanencia em *Malaka.* Na sua volta a Gôa, fez ao vice-rei Affonso de Albuquerque um relatorio tal, que este se apressou a mandar uma fróta de sete navios e treze galeões, commandada por Gonçalo Pereira, para submetter a opulenta cidade de *Malaka.* Esta primeira expedição falhou, graças principalmente á vigorosa resistencia prompta e habilmente organisada pelo Bandhara *Sri Maha Radja.* Os Portuguezes voltaram para Gôa, convencidos na maior parte de que emquanto o Bandhara *Sri Maha Radja* fosse vivo, nunca conseguiriam apoderar-se de uma cidade que elle defendia tão bem. Alguns capitães não temeram o manifestar esta opinião diante de Albuquerque, que se contentou com responder:—Para que me fallaes assim? Não me é permittido abandonar Gôa n'esta occasião, mas logo que me veja fóra da vice-realeza e senhor meu,

irei eu mesmo atacar *Malaka,* e então se verá se eu farei ou não essa conquista.—Emquanto esperava o fim do seu cargo, Albuquerque addiou provisoriamente a execussão do seu intento. O Sultão *Mahmud Châh,* livre do perigo presente, e crendo-se ao abrigo, de futuro, de novos ataques da parte dos Portuguezes, entregou-se completamente, postoque já velho, a toda a soltura das suas paixões, e não tardou a commetter o mais negro de todos os seus attentados. O seu fiel Bandhara *Sri Maha Radja,* casava a sua linda e seductora filha *Tun Fatimah,* com *Tun-Ali,* filho de *Sri Nara Diradja.* O rei foi convidado a assistir á cerimonia, que consistia em os dois noivos comerem reunidos um prato de arroz. Foi então que, pela primeira vez o Sultão *Mahmud Châh* viu *Tun Fatimah,* e regressou para o seu palacio com o coração possuido de um amor desenfreado pela filha, e de um rancor secreto contra o pae. O casamento não deixou de se effectuar, e *Tun Fatimah* deu a seu esposo um filho, que se chamou *Tun Trang.* Durante este tempo o Sultão procurava um meio de satisfazer o seu furor, e de conseguir a sua vingança. Tendo-lhe sido dirigidas queixas mal fundadas, pelos inimigos de Bandhara, deu o seu proprio *kris,* como signal da sua vontade soberana, a dois dos seus officiaes, *Tun Sura Diradja* e *Tun Indra Sagara,* com ordem de matarem o Bandhara. O nobre velho entregou-se-lhes sem defeza, desarmando os seus parentes e a sua gente, sendo depois assassinado sem piedade com seu irmão *Sri Nara Diradja,* seu filho Tun Hassan, e o seu genro *Tun Ali,*

marido de *Fatimah.* Logo que o Bandhara morreu, o Sultão tomou por mulher *Tun Fatimah,* e, melhor informado das falsas accusações feitas contra o Bandhara, deu ordem a que matassem o *Radja Modeliar,* um dos culpados, que empalassem horisontalmente *Kitul,* que fôra a alma da intriga, e com elle sua mulher e seus filhos, que arrazassem a sua casa e os lançassem ao mar. Mas a bella e tocante *Fatimah,* feita rainha de Malaka nunca mais soube o que era alegria; conta-se que emquanto ella viveu com o Sultão *Mahamud Châh,* nunca a viram sorrir uma unica vez; accrescenta-se tambem, que quando ella se achava gravida, procurava abortar, porque não queria ter filhos do Sultão. Esta invencivel melancholia de uma mulher que elle amava loucamente, deu ao Sultão a tristeza e os remorsos, e decidiu-o a abdicar em favor de seu filho *Ahmed.* Retirou-se para o interior das terras ao norte de *Malaka,* e ali, em um sitio chamado *Kayer-Hara,* entregou-se ao estudo do Sufismo sob *Mokhaddem Sadar Djihan.*

«Affonso de Albuquerque, cognominado o *Sadjerat malayu,* depois de ter resignado a sua vice-realeza, foi a Portugal reclamar uma Armada. O rei de Portugal deu-lhe quatro grandes navios, cinco carracas e quatro galeões; Albuquerque tornou a Gôa, aonde equipou mais trez baixeis, outo galeotas, quatro galeões, e quatro barcas mais pequenas, ao todo quarenta e trez vellas. Esta fróta singrou direita para Malaka. Logo que chegaram, os Portuguezes desembarcaram, o Sultão *Ahmed* monta o *seu elephante Djinaia* e vae ao seu encontro. Os Por-

tuguezes são repellidos e tornam-se a embarcar. No dia seguinte o combate recomeça encarniçado, os canhões portuguezes fazem terriveis estragos nos Malakezes; o Sultão *Ahmed*, montado sobre outro dos seus elephantes e armado com uma longa lança faz prodigios de valor, apesar de estar ferido em uma mão. Os Portuguezes ficam vencedores, e o Sultão *Ahmed* foge até *Pakoh*, e d'ali, subindo o rio, até *Panarigan*. Depois d'isto o Sultão *Ahmed* e o Sultão *Mahmud*, seu pae, refugiaram-se em Pahang, d'onde tinham tirado grandes soccorros, e aonde receberam do *Radja* um magnifico acolhimento.

«Pouco tempo depois os principes se separaram; *Mahamud* retirou-se para a ilha de Bintang, e o Sultão *Ahmed* foi fundar a cidade de *Kopeh*. Ali, o seu proceder despresador para com os nobres e grandes que o haviam seguido irritou o odio do Sultão *Mahamud*, que lhe mandou um dos seus officiaes para o matar. Assim morreu o ultimo rei malayo de Malaka, e foi enterrado em *Bukit-Batu*. Quanto ao Sultão *Mahamud*, o seu odio implacavel contra o estrangeiro não se extinguiu com o seu alento vital no principado de Djor que elle havia fundado; porque cem annos depois, é d'ali e do *Atchin* que partiram os golpes que lançaram por terra o dominio Portuguez em Malaka..., com proveito da Hollanda.» (1)

(1) Ap. *Congrès international des Orientalistes*, t. I, p. 549 a 552. (1873.)

O final d'esta importantissima chronica malaya condiz com o pensamento que levou Francisco de Sá de Menezes a escrever a *Malaca conquistada.* Por esta transcripção se póde avaliar quanto os nossos epicos se afastaram da comprehensão de uma tão severa fórma litteraria; Francisco de Andrade, Vasco Mousinho de Quevedo ou Francisco de Sá de Menezes escreveram por esse prurido de uma educação exclusivamente humanista, que busca em tudo pretexto para exercer-se; puzeram em pratica as regras que haviam aprendido na Rhetorica do Padre Cypriano, imposta pela Companhia.

Superior a Francisco de Andrade, mas apenas na metrificação e quando muito n'um vago colorido, é Luiz Pereira Brandão auctor de uma longa e monotona epopêa, a *Elegiada.* O assumpto d'este poema seria bastante para elevar o sentimento de um homem ou mesmo de um povo, se os individuos e a época não estivessem profundamente decahidos; a ruina do exercito portuguez em Africa e a perda da nacionalidade portugueza são o thema da *Elegiada.* Quanto póde inspirar uma derrota, provocando os accentos mais altivos da dignidade humana na fórma da bravura, vê-se por essa assombrosa gesta franceza do seculo XII intitulada a *Chanson de Roland.* A differença entre o vigor moral do seculo XII e do seculo XVI, entre o momento em que se criava o terceiro estado e em que succumbia sob a independencia das monarchias estribadas nos exercitos permanentes, acha-se no modo como o velho troveiro celebra a derrota de Roncesvalles, e como o humanista do Collegio

dos jesuitas canta a perda da nacionalidade portugueza. Que sentimento de independencia nacional inspirava Luiz Pereira, quando elle começa por dedicar a *Elegiada* ao Cardeal Archiduque Alberto, que estava governando então Portugal por ordem de Philippe II? A derrota completa de elrei Dom Sebastião em Africa, em vez de preoccupar os politicos, que deveriam ter alentado o partido nacional contra as pretenções de Philippe II, veiu apenas ministrar aos poetas mais um pretexto para exercitarem a sua habilidade de humanistas em uma epopêa erudita; Estevam Rodrigues de Castro tambem escreveu uma epopêa sobre *D. Sebastião,* hoje perdida, e tambem resta memoria de outra epopêa inedita de Jeronymo Côrte Real, intitulada *Perdição de Elrei D. Sebastião.* A indole d'estes poemas, conhece-se pelo unico que subsiste, que é a *Elegiada,* exaltada pelo proprio Côrte Real; este titulo derivado da designação de uma fórma lyrica, mostra que a perda da nacionalidade só se lhes antolhava como assumpto de lamentação resignada e não como fundamento solemne para um protesto de independencia. Luiz Pereira começa pelo nascimento de D. Sebastião, e accumula em derramadas outavas todos os factos da historia portugueza do seculo XVI, promettendo ainda no fim do interminavel poema offerecer aos leitores uma continuação. Qual podia ser a continuação natural da *Elegiada,* senão o admiravel successo da Revolução de 1640, que sacudiu o jugo dos Philippes? Luiz Pereira não chegou até ao dia d'esse grande feito, em que revivia a nacionalidade,

mas então já fóra da vida historica. Não lhe era possivel presentil-o, e exaltando a generosidade magnanima do invasor, a continuação da *Elegiada,* seria o panegyrico de todos os que se venderam a Philippe II. Mais admira o não ter havido um poeta no seculo XVII, que comprehendesse a grandeza épica da revolução de 1640 inspirada em grande parte pelo sentimento nacional que os *Lusiadas* despertaram em João Pinto Ribeiro, que os commentava. A falta de comprehensão das tradições nacionaes conduziu estes escriptores a uma invencivel mediocridade.

Uma conclusão mais alta se tira d'este facto da inferioridade dos poetas épicos para explicar a decadencia da litteratura: todas as vezes que os povos perdem o conhecimento das suas *origens,* extingue-se-lhes tambem a consciencia da liberdade. Todas as vezes que os conquistadores quizeram perpetuar o seu dominio, procuraram destruir e fazer esquecer ao vencido o seu passado, as suas tradições. Foi preciso destruir completamente a vasta civilisação mexicana, tão antiga e importante como a do Egypto, para que o hespanhol se fixasse na America do sul. Tivemos este mesmo instincto nas conquistas do Oriente; destruimos os templos e os livros brahmanicos para nos senhorearmos da Asia. Diz Weber: «Depois que Vasco da Gama, tendo costeado a Africa, chegou pela primeira vez em 1598 com um navio á Costa do Malabar, os Portuguezes, os Hollandezes e os Francezes e Inglezes compartilharam por seu turno a dominação da India, na maior parte das vezes,

desgraçadamente, de uma maneira que tem sido a vergonha da civilisação européa.» (1) Fallando das ruinas do assombroso templo de Elephanta, escreve Jacoliot: «Parece que os Portuguezes, nas suas viagens aventurosas pelo mundo só foram os companheiros da Santa Inquisição; por onde quer que esta gente aportou, nunca saltou em terra sem ser precedida de um monge e de uma bandeira, e hoje não se encontra nos paízes em que installou as suas feitorias, senão vestigios d'essa loucura religiosa por toda a parte. Não podendo destruir Elephanta pelos meios ordinarios, fizeram saltar com explosões e fogueiras a maior parte dos enormes pilares que sustentavam a abobada, e a tiro despedaçaram os baixos relêvos os mais maravilhosos. Apesar d'esta furia insensata, o monumento resistiu no seu conjuncto, e ainda lá está de pé, com as suas cabeças privadas de corpo, suas columnas quebradas, estatuas mutiladas, accusando estes escravos romanos, de terem lacerado e maculado uma das mais velhas paginas da historia da humanidade.» (2) O que nós fizemos ao passado da India, inspirado por um catholicismo intolerante, já nol-o havia feito esse mesmo catholicismo levando-nos por outros meios a esquecer tambem as nossas *origens*. Fômos um povo sem *tradição* nacional, e conseguintemente sem uma Litteratura propria, sem independencia politica, a ponto que no fim do seculo XVI estavamos

(1) *Histoire de la Litterature indienne*, p. 39, trad. de Sadous.

(2) *Christna et le Christ*, p. 240.

por esta lei fatal da historia, reduzidos á condição de pária sob o dominio hespanhol. Para que a Europa chegasse ao Cesarismo do seculo XVIII foi preciso que se esquecesse das suas origens da edade media. A litteratura foi o agente d'esta renovação mediévica pelo Romantismo. Para que Portugal tenha a vida de uma nacionalidade livre é preciso que se retempere no seu passado, para a crença e para a indignação, e é por isso que o nome de Camões suscitará sempre a ideia de renascimento.

FIM.

CORRECÇÕES E ADDITAMENTOS

PARTE I

Pag. 11: — Estavamos em Portugal em um tal estado de atraso scientifico, que *em 1537 Dom João III fez essa primeira reforma dos estudos, mandando chamar mestres estrangeiros, á qual mais tarde os Jesuitas nas tradições escholares deram o nome irrisorio* — o tempo dos francezes. (Eliminem-se as linhas que se referem a Ayres Barbosa, bem como o extracto de uma Carta apocrypha, falsamente attribuida ao snr. Felner, que nos confessou não reconhecer na geração actual ninguem com os conhecimentos litterarios para fazer uma tal falsificação.)

Pag. 52: — João de Camões ... casou com Inez Gomes da Silva ... — Isto explica-nos as relações do poeta com a familia do Regedor, de grande importancia na côrte, e á qual pertencia esse poeta Jorge da Silva, namorado da Infanta D. Maria, de quem Camões foi amigo.

Pag. 58: — Seria o casamento nos principios de 1523 ... — Na Canção x, (ed. 1874) que é autobiographica, diz Camões que fôra amamentado não por sua mãe, mas

> *Foi minha ama uma fera;* que o destino
> Não quiz que mulher fosse a que tivesse
> Tal nome para mi, nem haveria.
> Assi criado fui porque bebesse
> O veneno amoroso de menino ...
> (Pag. 43.)

E nas variantes da edição de 1595, tambem repete:

> *Por ama tive uma fera,* que o destino
> Não quiz que *melhor* fosse a que tivesse
> Para o que elle de mi fazer queria.
> (Ib. 180.)

nasceu.

Pag. 58: — De Simão Vaz de Camões rest
documentos historicos... Eis os documentos pela
importancia:

1.º *Registo da Casa da India*, de 1550, cit
de Camões como pae do poeta, e morador á Mou

2.º *Registo da Casa da India*, de 1553, em
tra vez a paternidade.

3.º *Carta de Perdão de D. João III*, de 7
1553, em que repete a paternidade, declara o tit
leiro, e a residencia em Lisboa.

4.º *Alvará de Philippe II*, de 5 de Fevereir
que allude a serviços, sendo então fallecido.

Pag. 62: — Finalmente Faria e Sousa decidi
turalidade de Lisboa... Um outro argumento eg
vincente para provar esta naturalidade são cert
lisbonenses, ainda hoje bastante usuaes, e que só
em Camões, como *hei-lhe-de*, por: hei de lhe, *had*
e a expletiva *a*, etc.

> Mas *ha* se *de* soffrer que o Fado disse
> (*Lus.*, I, 75.)

Simão Vaz: «Tanto que *Simão Vaz*, Feitor da Náo, a viu arrombada, logo se metteu na primeira batelada, em a qual saíu em terra, e andou n'ella por espaço de uma hora toda em redondo, tão pasmado, como homem fóra de seu juizo. Lembrou-se que lhe ficára um pouco de dinheiro em um cofre; tanto que lhe lembrou, tornou-se a embarcar para tornar á Náo, e quando lá foi já o não achou; então se tornou com o Capitão e com Affonso da *Gama*, que inda não tinha vindo á terra, e quando veiu ao desembarcar não se quiz saír do batel, e disse-lhe o Capitão Affonso da Gama: — Não torneis á Náo, que não tendes lá que fazer. — Elle, dizem que lhe respondeu: — Eu quero tornar para fazer tirar algumas cousas que são necessarias. — E não se quiz saír e ficou-se em o batel com o Contra-Mestre e Marinheiros; e tanto que o batel foi remando e que se afastou das pedras, olhou para terra e então disse, que o tornassem a pôr em terra; e os Marinheiros e Contra-Mestre não quizeram, porque tinham já levada a fatexa, e os mares quebravam muito rijo; não ouzaram a tornar; e n'isto chamou por um mancebo que se chamava Pedro Alvares, sobrinho do Mestre, Marinheiro da Náo, e dizem que elle lhe dissera d'esta maneira: — Dizei-me, Foam; querem me matar os Marinheiros? E elle lhe respondeu, que nem dissesse tal cousa, nem cuidasse n'isso. Respondeu então o Feitor: — Se sois meu amigo, ponde-me em terra, senão lançar-me-hei ao mar. E n'isto lhe disse um Antonio Gonçalves, que vinha por Condestavel da Náo, que se lançasse se quizesse, que não havia de tornar á terra; e elle com isto se despediu e se lançou ao mar, e hindo para terra vieram uns mares grandes, e passaram por riba d'elle, e vindo junto das pedras veiu um mar e o botou entre as mesmas pedras e ali se afogou, e ao outro dia o achamos morto, porque o mar o botou fóra, e vinha com umas mordeduras nas pernas, que pareciam de peixes, e enterramol-o na Ilha, e com a sua morte fomos muito tristes, porque até então não tinha morrido nenhuma pessoa.» *(Hist. Tragico-maritima,* t. I, p. 186.) Esta náo partira de Lisboa no primeiro de Abril de 1555; o facto de se encontrar n'ella o Capitão Affonso da Gama, e ao mesmo tempo a malevolencia da marinhagem contra o Feitor da Náo. *Simão Vaz*, leva-nos a induzir que este seria o pae do poeta, que ao achar-se pobre acceitara a viagem da India. A tradição recolhida por Mariz « de que naufragara nas costas da terra firme de Gôa » confirma-se diante d'esta relação do naufragio, escripta por Manoel Rangel.

Pag. 122: — Francisco de Moraes frequentava a côrte litteraria da Infanta... Camões glosou um outro mote de Francisco de Moraes, que começa:

Triste vida se me ordena...

No *Canc. Ms.*, de Luiz Franco (fl. 102), vem com a rubrica: «*Vilancete de Francisco de Moraes.*» É de crêr, em vista d'estas relações litterarias, que fossem amigos pessoaes.

Ib.: — A moda da côrte, que se comprazia com as novellas do Cyclo dos Palmeirins. — Dom Gonçalo Coutinho escrevia, dominado por esse gosto um *Palmeirim de Inglaterra* e *Dom Duardos*; e Dom Simão da Silveira entretinha-se com a novella de Francisco de Moraes para se libertar das impertinencias de D. Guiomar Henriques.

Ib.: — cançonetas, algumas das quaes foram pedidas por el-rei Dom João III, como se deprehende — do mote: «De la mi ventura» que tem a rubrica: «*Al Rey.*»

Pag. 137: — O logar onde teve origem este puro amor foi na Egreja das Chagas, — a qual, segundo a opinião de José Maria da Costa e Silva «então existia *junto do Convento das Trinas*, de que era annexa, e que depois, por desavenças entre os Frades e os Irmãos se transferiu para o sitio do Pico onde hoje existe, isto em virtude de bullas pontificaes que correm impressas e cujos originaes se conservam no Cartorio da dita ermida.» (*Ensaio biographico-critico*, t. IV, p. 117.)

Pag. 140: — (Nota 2.) Em vez de Bibliotheca publica, lêa-se: Bibliotheca das Necessidades.

Ib. 143: — A outra D. Catherina de Athayde, septima filha de D. Francisca da Gama. (Vid. a redondilha colligida dos ineditos de Faria e Souza, em que Camões galantea sobre a palavra *Gama*, synonymo de côrça, a quem desejava caçar.)

Pag. 173: — Ficara-lhe na côrte o joven e namorado D. Antonio de Noronha... — Na edição das Rimas, de 1595, a *Elegia II*, traz a rubrica: «*A D. Antonio de Noronha, estando na*

India.» Mas no *Ms.* de Luiz Franco, fl. 2, v., traz esta mais verdadeira: « *De Ceita*, a um Amigo.» Abaixo verêmos o porque da confusão das duas rubricas.

Pag. 180:—Dom Antonio de Noronha, camarada de Camões... (Vid. infra.)

Ib. 190, 213:—Nas poesias lyricas de Camões, encontram-se varias referencias a *D. Antonio de Noronha*, umas manifestamente allusivas ao joven filho do Conde de Linhares, escolhido para justar em 1552 com o principe D. João, no celebre Torneio de Xabregas; outras referencias são de natureza que revelam relações mais antigas e intimas, que de certo Camões não as podia ter com esse joven, taes como o contar a sua vida militar em Ceuta e os seus desgostos na côrte. É evidente que ha aqui uma homonymia com outro D. Antonio de Noronha, que suppômos ser o filho do Vice-Rei Dom Garcia de Noronha, o qual militava na India.

Pelas rubricas d'essas lyricas, tanto do *Ms.* de Luiz Franco, como das edições do seculo xvi, nunca aproveitadas pelos criticos, estabelecemos a seguinte separação entre os dois personagens: A Ecloga ii, que memora a estada de Camões em Africa, traz esta rubrica no *Cancioneiro* de Luiz Franco: *De Ceita, a um Amigo.* Na edição das Rimas de 1598, traz outra rubrica, mas que explica a antecedente: *A Dom Antonio de Noronha, estando na India.* D'aqui se conclue, que Camões escrevera esta Ecloga quando militava em Ceuta, e que a dirigiu a D. Antonio de Noronha, não o filho do Conde de Linhares, ainda em edade infantil, mas ao filho do Vice-Rei D. Garcia de Noronha, bravo militar, que já antes de 1550 estava na India.

Na Ecloga vii, Camões falla das guerras em que se vira o seu amigo; traz esta composição no *Ms.* de Luiz Franco a rubrica: *Dirigida a D. Antonio de Noronha;* já se vê que a referencia não póde deixar de ser senão ao filho do Vice-Rei. Isto se fortalece mais com a Ode xiii em que celebra D. Antão de Noronha, que militara com Camões em Africa até 1550 em que acompanhou para a India seu tio o Vice-Rei D. Affonso de Noronha. (Couto, *Dec. VI*, l. 9, cap. 1.) Estes dois bravos militares encontraram-se nas campanhas de ultramar: « O Visorey mandou D. Antonio de Noronha, filho do Visorey D. Garcia de Noronha, que fosse tomar posse da Armada de D. Antão de Noronha, por elle ficar muito mal da sua perna, de que

ficou aleijado. » *(Ib.*, p. 868.) Este successo refere-se ao anno de 1552, antes de Camões partir para a India. Camões tambem mostrava os seus versos a Dom Antão de Noronha, e mais tarde recebeu d'este a nomeação para a Feytoria de Chaul.

As composições lyricas que se referem a D. Antonio de Noronha, filho do Conde de Linhares, tem já outro caracter. A Ecloga que começa: « A quem darei queixumes magoados » traz em varias edições das Rimas a rubrica incompleta: *Da sua puericia;* porém no *Ms.* de Luiz Franco tem esta rubrica: *A Dom Antonio de Noronha;* e na rubrica da edição de 1598: *Feita do Autor, na sua puericia.* Estas duas rubricas completam-se, e *sua* entende-se *d'elle* D. Antonio de Noronha, escolhido pela sua muita puericia para justar com o principe em 1552, quando Camões já se achava em Lisboa.

Camões embarcou para a India em 1553, e por isso a Ecloga III, que no *Ms.* de Luiz Franco traz a rubrica: *Da Yndia, a Dom Antonio de Noronha*, deve entender-se como enviada ao esperançoso filho do Conde de Linhares, que já então fôra militar por causa dos seus amores nos póstos de Africa. Em abril de 1553 morreu este joven cavalleiro no desastre de Ceuta, e na côrte fallecera tambem o principe D. João por causa da precocidade do seu casamento. Camões allude a estes dois successos na Carta I, e celebra-os na Ecloga I.

D'esta fórma se explica o sentido das differentes rubricas a D. Antonio de Noronha, que os biographos julgavam ser exclusivamente o filho do Conde de Linhares.

Pag. 189: — Arrebatou a sua imaginação para o campo de uma epopêa nacional. — Na Ecloga IV *(Parnaso*, p. 48), dirigida a uma Dama, Camões revela a esperança que tinha em elevar-se pela composição de uma Epopêa, inspirando-o ella:

> Podeis fazer que creça d'hora em hora
> O nome Lusitano e faça inveja
> A Esmirna, que d'Homero s'engrandece;
> Podeis fazer tambem que o mundo veja
> Soar na rude frauta o que a sonora
> Cythara mantuana só merece.

Pag. 196: — *A um fidalgo que lhe tardava com uma camisa galante* — accrescente-se a declaração da rubrica de 1595 — *na India.*

Pag. 202:—o grande poeta, conhecido então pelo nome de Luiz Vaz de Camões... Assim se differençava de Luiz Gonçalves de Camões, irmão d'esse Simão Vaz de Camões, que violou o convento das freiras de Santa Anna, em 1553.

Pag. 229:—Esse insuportavel cruzeiro... Camões descreve o clima doentio, e foi durante esta estação naval que morreram varios tripulantes, entre elles o seu amigo Pero Moniz, natural de Alemquer.—O Soneto 103, que Faria e Sousa julgava composto á morte de Ruy Dias, mandado executar arbitrariamente por Affonso de Albuquerque, apparece em um appenso manuscripto que anda encadernado na edição das Rimas de 1595, e em letra do seculo XVI, com a rubrica: «*A Pero Moniz, que morreu no mar do Monte Felix, em epitaphio*», como se póde vêr no exemplar da Bibliotheca Nacional. N'esse Soneto, tão admiravel como a Canção X, torna a descrever o clima a que resistiu:

> . . . . mas *ár corrupto*
> Me fez manjar de peixes em ti, bruto
> Mar que bates a *Abassia* fera e avara...

Na Canção X, falla o poeta, como contrarios á vida, no sol ardente, as aguas frias e os ares grossos. Diante d'esta preciosa rubrica, torna-se inadmissivel a antiga interpretação de Faria e Sousa.

Pag. 230:—(A grande amisade de Camões por D. Francisco de Almeida, tio de D. Margarida da Silva, explica um dos motivos da sua intimidade com Dom Antonio de Noronha, então bastante joven.)

Pag. 233:—Luiz de Lemos... Por ventura era este amigo de Camões um medico portuguez de quem falla D. Francisco Manoel de Mello. (*Cartas*, p. 492.)

Pag. 251:—O que prova a proximidade dos dois manuscriptos... Uma prova ainda mais clara de que o manuscripto dos *seis cantos*, que o poeta trouxe de Macáo, foi abandonado em Gôa depois de uma segunda elaboração, talvez provocada pela necessidade de tornar a copiar o livro deteriorado pelo naufragio, são as constantes relações d'este manuscripto com o

primeiro canto dos *Elusiadas* copiado por Luiz Franco, o qual tambem colligiu essas trez outavas omittidas, e que no exemplar dos *seis cantos* se seguiam á estrophe LXVII, com leves variantes, que accusam uma redacção intermedia ou anterior:

Sobre a Thebana *parte* descendeu. *Ms.* dos 6 Cantos
Sobre a Thebana *patria* descendeu. *Ms.* de L. Franco.

Para onde o sol nasce se moveu. *Ms.* dos 6 Cantos
Lá por onde o sol nasce se moveu. *Ms.* L. Franco.

Onde reina o mui sancto Presidente. *Ms.* dos 6 Cantos
Por onde impera o sancto Presidente. *Ms.* L. Franco.

Pag. 263: — Tambem teve estreita amisade com Heitor da Silveira; mas crêmos que elle não assistiu ao Convite, porque «*invernando em Gôa*» em 1561 é que viveu na companhia de Camões.

Hoje podemos affirmar que foi em setembro de 1561 que Heitor da Silveira chegou á India, e por tanto que a época do *Convite* é anterior a este anno; importa observar que existiram na India dois *Heitores da Silveira*, tio e sobrinho, ambos celebrados por Camões, e que nós confundimos.

O 1.º *Heitor da Silveira*, era filho do terrivel Coudel-mór Francisco da Silveira; nasceu em 1497 e morreu na Ilha dos Mortos em 1531 em um combate, com trinta e quatro annos de edade. (*Nob. ms. dos Silveiras*, fl. 238.) E a este que se refere Camões nos *Lusiadas*, cant. x, estancia 60. Partiu para a India em 1521, e por isso podemos avançar que nunca foi tratado pessoalmente por Camões; a elle se refere o bello retrato traçado por D. Luiz Lobo, que acima publicámos. (*Hist. de Camões*, Part. I, p. 285 a 287.)

Heitor da Silveira, não podendo supportar o temperamento bilioso de seu pae, que foi o algoz de toda a sua familia, retirou-se para a India; o Coudel-mór querendo por todas as fórmas desherdar o filho mais velho Fernão da Silveira, escreveu a Heitor da Silveira para que viesse da India; o nobre cavalleiro recusou-se a ser instrumento d'esta iniquidade, mas o terrivel Francisco da Silveira serviu-se do seu filho mais novo Bernaldim da Silveira, e casando-o com uma filha de um grande valido de el-rei D. Manoel, conseguiu por este modo que o rei fizesse ou confirmasse a doação dos bens da Sovereira a Ber-

naldim da Silveira, desherdando d'elles o primogenito Fernão da Silveira. Foi isto depois da morte de Heitor da Silveira, entre 1531 e 1536 em que falleceu o Coudel-mór.

Do casamento de Bernaldim da Silveira com D. Ignez de Noronha, filha do alto valido D. Bernardim de Almeida, é que nasceu o grande amigo de Camões e poeta, Heitor da Silveira, a quem se referem as trovas *em ajuda*. (Vid. *Hist. de Camões*, t. I, p. 285.)

2.º *Heitor da Silveira.* — A injustiça do Coudel-mór caíu sobre toda a familia de Bernardim da Silveira. No *Nobiliario ms.* de D. Luiz Lobo se lê: « a justiça que Fernão da Silveira não achou diante dos homens não faltou diante de Deos, porque Bernardim da Silveira não logrou mais aquella injusta mercê que quatro annos, porque morrendo seu pae no anno de 1536, elle morreu afogado no de 1540, vindo da India, e seu filho *Heitor da Silveira*, nascido do matrimonio causa d'aquella mercê, que n'ella succedeu, postoque com duas ou trez mulheres fosse casado, de nenhuma teve filhos, e tambem morreu vindo da India, de peçonha.» (*Nob.*, fl. 202.)

O primogenito da casa da Sovereira, era Francisco da Silveira, que morreu com seu pae, que fôra por Capitão da Náo Gallega. Duas irmãs de Heitor da Silveira foram freiras, D. Cecilia de Noronha, em Odivellas, e D. Margarida de Noronha em Santa Catherina de Sena, em Evora. Podemos fixar o nascimento de *Heitor da Silveira* em 1535; foi-lhe confirmada a casa da Sovereira em 28 de setembro de 1540. O *Nobiliario ms.* que seguimos, diz: « Foi á India com o Conde de Redondo (1561) onde serviu todo o tempo do Conde, e de João de Mendonça e de D. Antão de Noronha, e vindo com elle na dita náo sua, morreu. Foi fidalgo de muito bom entendimento e cortezão; foi casado com D. Jeronyma de Menezes, filha de D. Luiz de Menezes, de quem teve Bernardim da Silveira, que morreu menino, e por morte d'esta mulher casou com D... filha de... que não teve geração, porque não permittiu Deos que a injusta doação feita a seu pae e a elle em deserdamento de Fernão da Silveira tivesse effeito na mais longa successão... » (*Ib.*, fl. 240, v.)

A segunda mulher que o genealogista não descobriu, era irmã de André Falcão de Rezende, que na sua Epistola I, traz a rubrica: « A *Heitor da Silveira*, seu cunhado, *estando na India.*» (Vid. *Hist. de Camões*, t. II, p. 49.)

Por isto se vê quanto importava estabelecer a distincção entre Heitor da Silveira, celebrado nos *Lusiadas*, e no *Pri-*

meiro Cêrco de Diu, de Francisco de Andrade, e o poeta Heitor da Silveira, companheiro e amigo de Camões, na época de 1561 a 1570. Ambas estas personalidades se completam na Historia, devendo o ultimo a immortalidade ao sentimento de dedicação que sempre teve por Camões.

Pag. 281: — Miguel Rodrigues Coutinho, que tinha o alcunho de *Fios-Seccos*, talvez pela valentia com que se houve no *Segundo Cêrco de Diu*... Em uma Carta de Soropita, achamos a locução popular que justifica a nossa interpretação: «e com *fios seccos* dados em borda de alguidar vermelho, cortámos.... »

Pag. 284: — Foi n'este anno de 1562, que Manoel Godinho, apesar de não ter educação litteraria *(não saber latim)* tirou algumas cópias dos proprios originaes de Camões como se sabe pelo manuscripto achado pôr Faria e Sousa em Escalona, o qual tinha o titulo *Fabula de Narciso.*

Pag. 291: — Na Carta ii, quando Camões allude á vida moral dos aventureiros portuguezes na India, aproxima do caso uma certa glosa satyrica da celebre elegia em redondilhas *Recuerd el alma adormida:* «A este proposito, pouco mais ou menos se fizeram umas *Voltas* a um Mote de enchemão, que diz por sua arte zombando, mais que não de siso (que toda a galanteria he tiral a d'onde se não espera) o qual crêde que tem mais que roer que um praguento. Por tanto *Recuerd el alma adormida*, e mande escumar o entendimento, que de outra maneira, de fuera dormiredes pastorcico.» O sentido d'este trexo é indubitavelmente allusivo á bella satyra glosada sobre este *mote*, que anda colligida no *Cancioneiro* de Luiz Franco; e como ella feria muitas susceptibilidades poderosas, Camões não se dá por auctor d'ella, mas dil-o impessoalmente, dando-o a entender.

Pag. 327: — Em uma Epistola de Jeronymo Côrte Real a Francisco de Sá de Menezes, antes de 1574, no tempo em que andava escrevendo o poema do *Segundo Cêrco de Diu*, falla como se não existissem os *Lusiadas:*

Estes autores lendo, fui cuidando
Com quanta mais razão justo seria
Dos nossos portuguezes ir tratando;

Pois em batalhas mil se lhe devia
Uma fama e um nome eterno ao mundo,
E de Homero ou de Virgilio a poesia.

Jeronymo Côrte Real, Francisco de Sá de Menezes, ambos intimos de Caminha, e o proprio Jorge Ferreira de Vasconcellos, o poeta favorito do principe Dom João e de D. Sebastião, eram por este tempo ainda os inimigos de Camões.

Pag. 328, e linh. 11: — Collocar aqui a anedocta de Camões com o Duque de Aveiro.

Pag. 337: — Sobre esta *Fabula de Narciso*, escreve Manoel Severim de Faria, considerando-a como uma versão: «Outras traducções fez em verso em que se não mostrou menos elegante, como foi a *Elegia da Paixão*, de Sanazarro; o Psalmo *Super flumina Babyloniae;* a *Fabula de Biblis*, e a de *Narciso* e outras.»

Pag. 382: — *Al retortero*... No seculo xv havia em Portugal e Hespanha uma dansa chamada *Retorta*, de uso popular; *retorteiro*, significa aqui o povo revolucionado.

Pag. 388: — Em *pouca terra* enterrado... Refere-se á pobreza da sepultura de Camões, e portanto leva a concluir que a memoria de Miguel Leitão foi collocada antes de 1594, antes da homenagem de D. Gonçalo Coutinho. A amisade de Miguel Leitão deve fixar-se depois do regresso do cativeiro de Africa, em 1579.

Pag. 237: — Accresce a estas provas...— O caracter energico de Francisco Barreto acha-se sobretudo retratado na *Relação do Naufragio da Náo Aguia*, aonde a sua vontade inabalavel serviu de providencia a todos. Aí tambem se descreve o seu caracter liberal. *(Hist. tragico-maritima*, I, 246.)

Pag. 245: — Camões, a quem se chamava *bacharel* latino. — Lê-se na *Relação do Naufragio do Galeão Sam Bento:* «o *Licenciado* Christovam Fernandes, que na India fôra chanceller e *Provedor-mór dos Defunctos...» (Ib.* I, 78.) Isto justifica a necessidade de habilitações juridicas em Camões.

Pag. 252: — Provedor-mór dos Defuntos — Quanto aos lucros d'este cargo, lê-se no *Index de toda a Fazenda,* de Luiz

Figueiredo Falcão: « Importam quanto cada um quer, conforme ao trato que tem e ao que recebem das partes.» (Pag. 136.) Esta incerteza dos salarios e honorarios é que provocaria por certo as intrigas com o governador Francisco Barreto.

Pag. 263: — Por que não estava n'ella D. Francisco de Almeida. — Camões deixa sentir nos *Lusiadas* esta profunda sympathia, quando falla de

. . . . os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.
(*Lus.* I, st. 14.)

Pag. 278: — O povo o insultava com romances ... — Seria por ventura quando Francisco Barreto voltou a Gôa depois do seu naufragio. (Notar as suas relações com D. Constantino de Bragança na *Hist. tragico-maritima.)*

Pag. 292: — É n'este ponto que a tradição colloca as viagens de Camões a Malaca e ás Molucas. — É certo que o poeta teve relações de amisade com Pedro Barreto, que então tinha a capitania de Sunda; e o convite para o levar comsigo para a capitania de Moçambique, para onde fôra mudado em 1567, seria por tel-o ali encontrado.

Quando Humboldt, no *Cosmos*, caracterisa o sentimento da natureza nos *Lusiadas*, deriva essa verdade das impressões immediatas recebidas por Camões: « Este caracter de verdade, que nasce de uma observação directa e pessoal, brilha no mais alto gráo na epopêa nacional dos portuguezes. Sente-se exalar como um perfume das flores da India através d'este poema escripto sob o céo dos tropicos, na gruta de Macáo e nas ilhas *Molucas*.» (1) Os profundos conhecimentos geographicos de Humboldt, dão ás suas palavras a força de um argumento poderoso, a favor da hypothese de ter Camões estado algum tempo nas *Molucas*. Os biographos collocam este facto no periodo mais obscuro da vida de Camões (1564-1567), mas não dão fundamento algum, porque só tem achado nos versos do poeta vagas allusões que se referem a toda a natureza oriental. Apesar de tudo tem-se conservado sempre a tradição. Porém, confrontada a Canção VI com a Canção XVI, vê-se que um novo sentido se

(1) Tom. II, pag. 65. Trad. de Galuski.

descobre. A Canção VI não póde referir-se a Gôa, como interpretou o snr. visconde de Juromenha, porque aí se descreve uma ilha *vulcanica* e *habitada por extranhos*. Com estes caracteristicos vamos encontrar no archipelago das Molucas uma ilha vulcanica, habitada por selvagens, que é a *Amboina*, e ao mesmo tempo achamos a sua exacta descripção na Canção XVI, em tudo conforme ás descripções dos modernos viajantes. A ilha de *Amboina* é celebre pela sua ribeira, e por tanto não se póde acceitar a interpretação proposta pelo snr. visconde de Juromenha, que localisa a *Ribeira de Buina*, no Algarve, junto a Villa Nova de Portimão. Vejamos os textos segundo esta nova luz. E' certo que a Canção VI de Camões (ed. da *Actualid.*) se refere a uma das Molucas, onde se suspeitava ter estado Camões:

> Com força desusada
> *Aquenta o fogo eterno*
> Uma Ilha nas partes do Oriente,
> De *extranhos* habitada,
> *Aonde o duro inverno*
> *Os campos reverdece alegremente.*
> *A lusitana gente*
> *Por armas sanguinosas*
> *Tem d'ella o senhorio;*
> *Cercada está de um rio*
> De maritimas aguas saudosas.

Estes versos referem-se á ilha de *Amboina*, uma principal do archipelago das Molucas, formada por duas peninsulas montanhosas, entre as quaes, por meio de uma revolução que as separou, está a vasta bahia, que não ultrapassa setecentos metros. Do lado esquerdo da cidade, entre uma opulenta verdura corre uma ribeira que vae ter ao mar: É por isso que na Canção XVI (ed. da *Actualidade*, XV) escreve Camões:

> Por meio de umas serras mui fragosas
> Cercadas de silvestres arvoredos,
> Retumbando por asperos penedos
> Correm perennes aguas deleitosas,
> Na ribeira de *Buina*, assi chamada.
> Celebrada, etc.

As flôres que Camões descreve pouco differem das que aponta Jurien de la Gravière, que faz uma descripção da riqueza surprehendente d'esta Ilha do Archipelago das Molucas. Em um canto popular de *Amboina*, ouviu este viajante: «Bem vindos sejam os estrangeiros. Nós temos visto muitos d'estes rostos palidos. Os portuguezes foram os primeiros que vieram,

mas foram repellidos pelos Hollandezes (1).» A natureza vulcanica da Ilha de Amboina, os longos combates que ella custou á dominação portugueza, a salubridade e esplendor de vegetação que ella ainda hoje apresenta, justificam a descripção da Canção VI, e coincidem com o nome de *Boina*, da Canção XVI de Camões. Por tanto podemos concluir, que de facto Camões esteve algum tempo nas Molucas, especialmente em *Amboina*, (1564-6) e que foi no tempo d'esta sua expedição que celebrou a peripecia dos infelizes amores com *Dinamene*, e contraíu a sua amisade com Pedro Barreto, que tanto o affligiu. Estas inducções philologicas dão mais força á deducção scientifica de Humboldt, e por ventura irão diminuindo os problemas que envolvem a vida de Camões.

Pag. 293: — Dinamene... Esta dama partira de Goa e morreu afogada no mar... — São quatro os Sonetos em que Luiz de Camões celebrou uma dama, que morreu afogada no mar, muito criança e gentil, e que elle amara na época da sua vida aventureira no Oriente. (2) Nenhum dos biographos de Camões pôde ainda localisar a época d'estes amores, nem tão pouco resolver o problema — se existe alguma allusão historica n'estas vagas situações esboçadas.

Em primeiro logar, existe uma época completamente obscura na vida do poeta, na qual a tradição colloca a sua viagem ás Molucas; é n'esta época (1564-1566) que se devem fixar esses amores mysteriosos, porque a mesma obscuridade impenetravel envolve estes dous successos da sua vida. Aqui, como em tudo, a analogia é o primeiro processo da inducção. Ora, a viagem ás Molucas explica a amizade que tomou a Camões Pero Barreto, que em 1561 tinha a Capitania de Sunda, e que mais tarde se lembrou de o levar comsigo quando foi transferido para a Capitania de Moçambique. O facto de *Dinamene* morrer afogada no mar, e a que o poeta allude:

> Faltou te a ti na terra sepultura,
> Eternamente as aguas lograrão
> A tua peregrina formosura...

coincíde com um successo semelhante, que vem contado na *Relação do naufragio da náo S. Paulo*, em Sumatra, em 1561. Aproximemos o trecho da relação, e ver-se-ha que o quadro é

(1) Jurien de la Gravière, *Les Moluques, (Rev. des Deux Mondes*, 1851, vol. IV, p. 223.) Interessantissimo para esta questão.
(2) Sonetos XXIII, LIII, LXXII e CLXX.

em tudo semelhante ao que se celebra n'esses quatro Sonetos. E por isso, poder-se-ha concluir, que a época da viagem ás Molucas foi pouco depois de 1561 e que os Sonetos elegiacos a *Dinamene* se referem á morte de *D. Isabel de Vasconcellos*, menina de quinze annos «muito formosa e bem afigurada» que morreu afogada no mar. Eis a relação, como a escreveu Henrique Dias:

«Aos onze de janeiro, depois do sol tomado em onze gráos e um sesmo, vento sueste honesto e galerno, o dia claro e mui sereno, governando em Nordeste quarta de Leste, nos aconteceu *um triste e desastrado caso, que em todos causou grandissima dôr e compaixão, por ser o desastre em si muito para isso, e para commover a commiseração a toda a pessoa, por ser em quem foi.* Seria entre o meio dia e uma hora, quando alguns, que por bordo estavam, gritaram: — Homens ao mar! — e era que da varanda da camara do leme em que ia agasalhado com sua mulher Diogo Pereira de Vasconcellos, um fidalgo que vinha provido das viagens do Pegú, parece que indo tirar ou pôr alguma cousa, caiu ao mar uma moça, sobrinha sua, filha de um seu irmão, que comsigo trazia; chamava-se *D. Isabel, de idade de quatorze até quinze annos, muito formosa e bem affigurada;* e em caindo, em quanto deram a náo por davante, ia já meia legua, que foi á vista de todos sempre sobre agua, batendo com os pés e com as mãos; a que o capitão e todo o homem honrado com elle acudiu, mandando ao mestre que deitasse o batel fóra, e ao piloto que puzesse a Náo á trinca, o que nem um nem outro quiz fazer, dizendo e dando por razão, que ia já muito longe, e que não aproveitava nada, e que era trabalho e perigo de mais; e assim mandou o piloto governar sua rota abatida ao marinheiro que ao leme estava, a que o capitão mandou estar á trinca logo, ou por isso lhe cortar a cabeça á mesma hora, de que levou uma espada para o fazer; com o qual medo todos os marinheiros nos começaram a ajudar a deitar o esquife ao mar, a que já com ajuda do calafate e guardião, valentes homens do mar, tinhamos dado um aparelho; e assim se foi em continente ao mar, com o calafate e marinheiros em busca da moça, que já não apparecia; e depois de duas grandes horas que lá andaram, a acharam sem falla sobre a agua, que andava acabando de morrer; trouxeram-na, e já quando na Náo entrou *vinha de todo morta, com um rosto tão sereno e bem assombrado, que parecia viva;* andou quasi uma hora sobre a agua, viva e morta sem nunca se ir ao fundo; encommendou-a o padre, e em uma alcatifa com um

pelouro aos pés se tornou ao mar; e assim desta maneira e desta edade cortaram as parcas e seu fado os seus dias, etc.» *(Hist. trag.-mar.*, t. I, p. 410.)

A profunda poesia d'este lance descripto pelo naufrago, aproximada dos sentidissimos Sonetos de Camões, mostra-nos uma unica realidade. O facto de ser D. Isabel de Vasconcellos de quinze annos, muito formosa e bem afigurada, e de uma familia nobre de Goa, revela-nos a sensação que a noticia produziria na metropole das colonias, e quanto impressionaria Camões para celebral-a, personificando-a em *Dinamene*, uma deusa do mar.

N'este naufragio se achou tambem *Bento Caldeira*, o que fez mais tarde a primeira traducção castelhana dos *Lusiadas*.

Pag. 295: — Na Feitoria de Chaul, em que era provído... — No *Indice de toda a Fazenda* se lê: «O officio de Feitor e Alcaide-mór d'esta fortaleza, importará nos tres annos, dez mil pardaes.» (Pag. 105.) Era de provisão triennal; por isto se vê a anciedade em que estava Camões para voltar á patria, quando em 1567 abandonou a esperança da provisão para partir para Moçambique.

Pag. 298: — E foi escrevendo muito em um livro, que ía fazendo, que intitulava *Parnaso*... Na Elegia á morte de Dom Tello, vem a rubrica: «*Achou-se em um Manuscripto do Bispo Dom Rodrigo da Cunha, feito no anno de 1568.*» Por esta data se vê, que o poeta estava então em Moçambique em pura pobreza, e ía escrevendo o seu *Parnaso*, como o conta Diogo do Couto; isto nos leva a concluir que este Manuscripto de 1568 formava parte do *Parnaso*, que lhe foi roubado, e conseguintemente, que sob este titulo se comprehendiam as poesias lyricas.

298: — Dom João Pereira... Era irmão do Conde da Feira.

Pag. 359: — Que contraste n'estas sublimes homenagens... Camões influiu nos principaes lyricos hespanhoes do fim do seculo XVI e principio do seculo XVII. Quevedo de Villegas, traz nas *Tres ultimas Musas castellanas* a versão seguinte do Soneto XXIV de Camões:

> Siete años de pastor Jacob servia
> al padre de Rachel, serrana bella;
> mas no servia a el, servia à ella,
> que a ella solo en premio pretendia.

Los dias en memoria de aquel dia
passava contentando-se con vella;
mas Laban, cauteloso, en logar d'ella,
ingrato à su lealtad, le diera Lia.

Viendo el triste pastor, que con engaños
le quitan a Raquel, y el bien que espera
por tiempo, amor, y fé merecida,

Bolvio à servir de nuevo otros siete años,
y mil sirviera mas, sino tuviera
para tan largo amor tan corta vida. (1)

O original de Camões (*Parnaso*, tom. I, n.º 24) é muito mais perfeito, sobretudo no final, pela fórma dramatica que lhe deu. O estudo comparativo dos Sonetos de Herrera e de Camões, é tambem um modo de accentuar esta extraordinaria individualidade poetica.

Pag. 374: — Benito Caldera, joven portuguez que residia em Madrid... — É de crêr que Bento Caldeira tivesse relações pessoaes com Camões na India, porque o vemos naufrago em 1561 na não Sam Paulo, na ilha de Sumatra: «Bento Caldeira, criado del-rei, e muito homem de sua pessoa, que ía provido na Feitoria de Baçaím.» (*Hist. trag. marit.*, t. I, p. 429.)

Pag. 391: — O augmento de 4$000 reis de tença a D. Anna de Sá, começados a vencer em 17 de novembro de 1584, deve attribuir-se a uma como indemnisação á mãe do poeta, por ter acabado n'esse anno o privilegio da edição dos *Lusiadas*. De facto no anno de 1584 é que se fez a primeira edição da epopêa depois de morto o seu auctor. — N'este Alvará de 5 de fevereiro de 1585 se sabe que D. Anna de Sá ainda era viva, apezar de ser já em 1582 considerada como *muito velha e muito pobre;* contava então pelo menos oitenta annos de idade. Póde-se por tanto induzir a época da sua morte, porque sendo publicados por Affonso Lopes, moço da capella real em 1587, os dois *Autos* de Camões, e não sendo respeitados os direitos ou privilegios da unica herdeira de Camões, é porque já era com certeza fallecida. Como na serenidade da phrase antiga *Obdormivit in Domino*, a sua memoria occultou-se sob a immensa gloria de seu filho.

(1) Ed. de 1670, p. 38. Madrid.

Pag. 428: — Descripção de Macáo. — «Entre os jardins com que a opulenta phantasia dos negociantes inglezes dotou Macáo, existe um que o viajante não deve esquecer-se de visitar. Os caramboleiros *(caramboliers)* e as acácias protegem com o dôce frémito de sua sombra este fresco mirante d'onde a vista descobre o estreito canal do porto interior, as ilhas numerosas cujos planos se succedem e se confundem ao longe, e as brancas muralhas de Casa Branca. No cume d'esta collina, então solitaria e selvagem, é que o auctor dos *Lusiadas* vinha, conta-se, meditar e concentrar-se. Os rochedos consagrados pela tradição, cuja severa simplicidade foi desfigurada por um cuidado importuno, não conservam nenhum vestigio d'esta poetica estancia. Mesmo o silencio, o silencio tão caro ao poeta, já não habita este asylo. O ecco, que não acordava outr'ora senão para repetir as estrophes immortaes, é incessantemente perturbado hoje pelo estridente estoiro de morteiros. Não existe povo cujas alegrias de devoção sejam mais estrepitosas do que dos Chinezes. Que um junco desdobre as pezadas velas e, prestes a largar do porto, queira invocar a Virgem Kuan-yn, que um festivo ou lugubre cortejo circule nas ruas, de repente, aos toques retumbantes do goug, ouvireis misturar-se o crepitar de longas resteas de bombas que a mão de uma criança tem dependuradas na extremidade de um bambú. Estas incessantes detonações perseguir-vos-hão até ao imo dos mais reconditos aposentos, e virão arrancar-vos bruscamente ás vossas meditações.

«Comtudo é preciso convirmos, que se os chinezes se não encarregassem de divertir pelos seus gritos, pelas salvas, pelo barulho do bronze sonoro, a taciturnidade da cidade portugueza, poder-se-ia acreditar que se estava em uma cidade abandonada ou caída em lethargia. Os cinco mil habitantes que compõem a população christã de Macáo são tão sedentarios, mas mais silenciosos que o grillo da lareira. As mulheres só sáem de casa para visitarem as egrejas» etc. Jurien de la Gravière, *La colonie européene en Chine*, (*Rev. des Deux Mondes*, 1851, vol. IV, p. 798.)

PARTE II

Pag. 6: — O genio amoroso dos portuguezes... Jorge Ferreira de Vasconcellos, descreve admiravelmente este caracter: «E não me negareis ser esta a principal inclinação portugueza,

e d'esta lhe veiu a cavalleirosa opinião e primor que tem sobre todos ess'outros, e estimarem as mulheres sobre todos. Porque o enganoso *italiano* dissimula o amor, louva a sua dama por trovas, se a alcança logo a encerrá e tem como captiva, se desespera alcançal-a, diz mal d'ella e quer-lh'o. O alegre *francez* trabalha contental-a por serviços, cantigas e festas; vendo-se sujeito chora, como a alcança, logo a despreza, e busca outra; se a não póde aver ameaça-a e vinga-se se póde. O frio *allemão* ama brandamente, segue com enganos e peitas, caso que deseja não se sogiga, alcançando-a esfria-se, se a não alcança esquece-se desestimando-a. Só o *portuguez*, âmego e timbre dos hespanhoes e grimpa de todas as nações, como atilado, gentil, galante e nobre esposo, compadece todos os effeitos do amor puro, não consinte mal em sua dama, não soffre ver-se ausente d'ella, busca de noite e de dia onde e como a veja, queria sempre estar com ella, emagrece com cuidados e má vida, muda toda a má condição em boa, queima-se por dentro em pensamentos, que humilde representa com lagrimas e suspiros, signaes de verdadeira dôr. Em todo seu querer unido e conforme com o d'ella, constante na sua fé, e chama sempre por ella em suas affrontas, como a alcança nunca a deixa até á morte, e assim a faz senhora de si mesmo; não pretende proveito, salvo o d'ella polo qual commette fouto todos os perigos; nem dormindo perde d'ella lembrança, antes n'isso se deleita, determinando viver e morrer com ella, se desespera mata-se ou faz extremos mortaes, tudo isto e muito mais se acha no bom Portuguez, da sua natural constellação apurado no amor; etc.» Comed. *Eufrosina,* act. v, sic. 5.)

Pag. 162 a 172: — Sobre as poesias de Ayres Telles de Menezes. — Na sua edição da *Feira de Anexins*, de D. Francisco Manoel de Mello, o snr. Innocencio Francisco da Silva, imputa-nos o acabarmos «de descobrir que um Ayres Telles de Menezes, captivo em 1578 na batalha de Alcacer, é o proprio que em 1495 escrevera em linguagem do seculo XVIII uma elegia á morte d'el-rei Dom João II. *Risum teneatis?*» (Pag. XXXVIII, not.) Como não havemos de rir da comprehensão do snr. academico, quando fômos nós, quem pela primeira vez desdobrou a homonymia entre o poeta da côrte de Dom João II, e o captivo de Alcacer? Quem fixou a data dos *Ineditos* de Caminha pelo soneto á morte de Frei Luiz de Montoya em 1569, e as relações do poeta do fim do seculo XVI com André da Fonseca, não podia concluir pelo asserto do snr. Innocencio. Não tendo obtido

justiça do illustre bibliographo, tambem já nada tinhamos a esperar da sua boa fé.

Para que esta nota não fique uma repetição esteril, accrescentamos aqui alguns dados sobre *André da Fonseca:* era filho de Ayres da Fonseca e de Beatriz Monteira; casou na villa de Villar Mayor com Beatriz *Telles*. (Vid. *Relação da nobre Familia dos Fonsecas,* fl. 142, *Ms.* n.º 117 da Bibl. do Porto.)

Pag. 343 a 353: — Transcrevemos integralmente estas outavas de João de Barros, pelas numerosas inducções a que ellas conduzem; no tempo de João de Barros, isto é, na mocidade de Dom João III, ainda predominava na litteratura portugueza a *outava* da eschola hespanhola do tempo de Affonso o Sabio; para que a outava italiana, que Ariosto tornara épica, chegasse entre nós á perfeição a que a elevou Camões, foi preciso que Sá de Miranda fizesse as primeiras tentativas. Camões conhecia o *Clarimundo* de João de Barros, quando mostra, nos *Lusiadas*, que não é preciso recorrer a invenções fabulosas para celebrar a fama nacional:

> Gastar palavras em contar extremos
> De golpes feros, crúas estocadas,
> E' d'esses gastadores, que sabemos,
> Máos de tempo com fabulas sonhadas:
> (cant. VI, est. 66.)

D'estes mesmos diz Soropita: «certos aventureiros, pagens da lança da tolice, cujo officio é contar contos prolixos, de uns certos manganases desencadernados, que primeiro que preguem uma lança do que querem contar, irão cem vezes a Roma; etc.» *(Poes. e Pros.,* p. 103.)

Camões soube melhor do que João de Barros achar o que havia de poetico na historia de Portugal; por assim dizer, cada outava de João de Barros deu um completo episodio a Camões. Referindo o milagre de Ourique:

> Dirá: ó meu Deus, a mim para quê?
> Sê aos herejes, imigos da Fé,
> Fé em que eu ardo d'amor mui ardente,

com que vigor dramatico Camões o excede:

> Aos infieis! Senhor, aos infieis,
> E não a mim que sei o que podeis.

Sobre a outava em que João de Barros celebra o caracter justiceiro de D. Pedro, Camões cria o inexcedivel episodio de Ignez de Castro; o mesmo com a batalha de Aljubarrota. O presentimento ligado á *esphera armilar*, na outava de João de Barros, dá o magnifico episodio do sonho de D. Manoel; a homenagem do Cabo da Boa Esperança, ingenua e mansa, dá o sublime episodio do Adamastor. A superioridade de Camões, em comprehender a profunda poesia da realidade historica, acha-se n'esta estrophe:

> Que por muito e por muito que se afinem
> N'estas fabulas vãs, tão bem sonhadas,
> A verdade, que eu canto nua e pura
> Vence toda grandiloqua escritura.

A narrativa de toda a historia de Portugal feita por Vasco da Gama ao Rei de Melinde (cant. II, est. 109, até ao canto IV est. 80) é esta intuição profunda da estructura organica da epopêa, que levou o genio de Camões a agrupar em volta do facto historico mais predominante com que nos assignalámos na civilisação, o complexo de todas as tradições em que se concentra a vida moral de uma nacionalidade. No canto II, est. 47, Camões reproduz a tradição da viagem de Vasco da Gama, quando animou os seus companheiros amedrontados por um terremoto no mar: «*Não hajaes medo, que o mar treme sob nós.*»

A bella tradição conservada na *Chronica dos Vicentes*, ácerca da palma que floresceu na sepultura do cavalleiro Henrique, é aproveitada nos *Lusiadas:*

> Olha Henrique, famoso cavalleiro,
> A palma que lhe nasce junto á cova...

E no canto VIII, est. 25, celebra tambem essa façanha tradicional conservada na *Chronica da Conquista do Algarve:*

> Vês Tavila tomada aos moradores
> Em vingança dos *sete caçadores*...

Pag. 432: — Relação manuscripta dos *Doze de Inglaterra...* A primeira vez que achamos citada a tradição dos *Doze de Inglaterra* é em Jorge Ferreira, *Memorial das Proezas da segunda Tavola Redonda*, (cap. 46,) novella que esteve inedita desde 1554 até 1567: «E em tempo del-rei Dom João, de Boa Memoria, sabemos que seus vassallos no cêrco de Guimarães

se nomearam por *Cavalleiros da Tavola Redonda*, e elle por *El-rei Arthur*. E de súa côrte mandou *treze* cavalleiros portuguezes a Londres, que se desafiaram em campo çarrado com outros tantos ingrezes nobres e esforçados, por respeito das damas do Duque Delencastro.» N'esta tradição, como se vê pela referencia aos *treze*, Magriço é considerado como chefe dos *doze pares de Inglaterra*; a tradição cavalheiresca reviveu por occasião do poetico Torneio de Xabregas.

CATALOGO GERAL DOS POETAS PORTUGUEZES NO SECULO XVI

---

§ I. — Poetas epicos

1 Bartholomeu Ferraz de Andrade.
2 Francisco de Andrade.
3 Francisco de Sá de Menezes.
4 Jeronymo Côrte-Real.
5 João Pereira Côrte-Real.
6 Luiz Brandão Pereira.
7 Luiz de Camões.
8 Pedro da Costa Perestrello.
9 Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco.

§ II. — Poetas lyricos

10 D. Affonso de Castello Branco.
11 Frei Agostinho da Cruz.
12 D. Alvaro de Lencastre (Duque de Aveiro).
13 D. Alvaro de Abranches.
14 Alvaro Egas Moniz.
15 Dr. Alvaro Vaz.
16 André Falcão de Resende (amigo de Camões).
17 André da Fonseca.
18 André de Quadros.
19 Andre Soares.
20 André de Sousa Diniz.
21 Antonio de Abreu, o Engenhoso (amigo de Camões).
22 Antonio de Castilho.
23 Antonio Corrêa da Costa.
24 Dr. Antonio Ferreira.
25 Antonio Leitão.
26 Antonio de Lemos.
27 Antonio Mendes.
28 Antonio Martins.
29 D. Antão de Noronha (amigo de Camões).

30 Antonio Ribeiro.
31 Antonio Ribeiro Chiado (amigo de Camões).
32 D. Antonio de Roxas.
33 Antonio Trancoso Corrêa.
34 Antonio da Silva.
35 Antonio de Sá de Menezes.
36 Frei Antonio da Visitação.
37 Dr. Ayres Pinhel.
38 Ayres Telles de Menezes.
39 Balthazar de Brito e Andrade.
40 Balthazar Dias.
41 Balthazar Estaço.
42 Bartholomeu Varella.
43 Benito Caldeira.
44 Bernardim Ribeiro.
Fr. Bernardo de Brito (Vid. Balthazar de Brito).
45 Bernardo Rodrigues (amigo de Camões).
46 Christovam Falcão.
47 Fr. Christovam Osorio.
48 Diogo de Abreu.
49 Diogo de Betencor.
50 Diogo Bernardes.
51 Diogo do Couto (amigo de Camões).
52 D. Diogo de Castello Branco.
53 Diogo de Castillo.
54 Diogo Fernandes.
55 Diogo Lopes.
56 Diogo de Mendonça.
57 Diogo de Menezes.
58 Diogo Soares de Albergaria.
59 Diogo Taborda Leitão.
60 Diogo de Teive.
61 Duarte Dias.
62 D. Duarte (Infante).
63 D. Duarte (Marquez de Franchilla).
64 Duarte d'Oliveira.
Duque de Aveiro.
65 Estacio de Faria (amigo de Camões).
66 Estevam Ribeiro.
67 Estevam Rodrigues de Castro.
68 Estevam de Villalobos.
69 D. Francisco d'Acunha.
70 D. Francisco da Costa.

71 Francisco da Costa Pereira.
72 D. Francisco de Faro.
73 Francisco Gomes de Azevedo.
74 D. Francisco Child Rolim de Moura.
75 Francisco Galvão.
76 D. Francisco de Moura.
77 Francisco Lopes (Medico da Rainha).
78 Francisco de Moraes.
79 Francisco Moraes Durante.
80 Francisco Faria Lobo.
81 D. Francisco de Portugal (amigo de Camões).
82 Francisco Rodrigues Lobo.
83 Francisco de Sá de Menezes.
84 Francisco de Sá e Miranda.
85 S. Francisco Xavier.
86 Fernão Alvares d'Oriente (amigo de Camões).
87 Fernão Rodrigues Lobo Soropita.
88 Fernão da Silveira.
89 D. Fernando Corrêa de Lacerda.
90 D. Fernando de Menezes.
91 Gaspar Antonio.
92 Gaspar Freire.
93 Gaspar Gil Severim.
94 Gaspar Gomes Pontino.
95 Gonçalo Annes Bandarra.
96 Gonçalo Carneiro.
97 D. Gonçalo Coutinho (amigo de Camões).
98 Gonçalo Fernandes.
99 Gonçalo Fernandes Trancoso.
100 Gomes Freire de Andrade,
101 Gregorio Silvestre.
102 Heitor da Silveira (amigo de Camões).
103 Henrique Garcez.
104 Henrique Nunes de Santarem.
105 D. Henrique de Portugal.
106 Padre Ignacio de Azevedo.
107 Jeronymo Dias Leite.
108 D. Joanna da Gama.
109 João de Aguiar Goes.
110 João de Barros.
111 D. João de Castello Branco.
112 D. João Lobo (Barão d'Alvito).
113 João Lopes Leitão.

114 João Mendes (Licenciado).
115 João Pinto Delgado.
116 João Ribeiro.
117 João do Couto.
118 Jorge Coelho.
Jeronymo Corte Real.
119 Jorge Fernandes (o Fradinho da Rainha).
120 Jorge Ferreira de Vasconcellos.
121 Jeronymo Franchi de Connestagio (Conde de Portalegre)
122 D. Jorge de Lencastre.
123 D. Jorge de Menezes.
124 Jorge da Silva (amigo de Camões).
125 Jorge de Monte-mór (amigo de Camões).
126 D. Jorge de Faro.
127 Leonardo Turriano.
128 D. Leoniz Pereira (amigo de Camões).
129 Dona Leonor de Mendanha.
130 Lopo Rodrigues Camello.
131 D. Luiz de Athayde.
132 Luiz Alvares Pereira.
133 Luiz Brochado.
Luiz de Camões.
134 Luiz de Crasto.
135 Luiz Franco Corrêa (amigo de Camões).
136 D. Luiz (Infante).
137 Luiz Mendes de Vasconcellos.
138 D. Luiz de Menezes.
139 Luiz da Silva Brito.
140 Luiz da Victoria.
141 Manoel Corrêa Montenegro (amigo Camões).
142 Manoel de Leyva.
143 D. Manoel de Portugal (amigo Camões).
144 Manoel Luiz Freire.
145 Manoel Machado de Azevedo.
146 Manoel Sampaio.
147 Manoel da Veiga Tagarro.
148 Frei Marcos de Lisboa.
149 D. Maria (Infanta).
150 Martim de Crasto.
151 Meirinho Mór
152 Miguel Leitão de Andrada.
153 D. Miguel da Silveira.
154 Frei Nicolau Dias.

155 Paula Vicente.
156 Paulo Machado.
Frei Paulo da Cruz (Vid. Jorge Fernandes).
157 Pedro de Andrade Caminha.
158 Pedro Barroso.
159 Pedro da Cunha.
Pedro da Costa Perestrello.
160 Pedro de Castro.
161 D. Pedro Diniz.
162 Pedro da Fonseca Vasconcellos.
Pedro Affonso de Vasconcellos.
163 Frei Pedro de Padilha.
164 Padre Pedro Ribeiro.
165 Pedro Sanches de Vianna.
166 Philippe de Aguilar.
167 Sancho de Vasconcellos.
168 Seleuco Lusitano.
169 Simão Rodrigues Giscardo.
170 D. Simão da Silveira (amigo de Camões).
171 Simão Rodrigues dá Veiga.
Simão da Veiga.
172 Padre Simão Vaz de Camões.
173 Simião Vaz Crespo.
174 Fr. Theotonio da Gama.
175 Fr. Thomé de Jesus.
176 Vasco da Silveira.

§ III. — Poetas dramaticos

177 Affonso Alvares.
178 Padre Alvaro Lobo.
179 Antonio de Azevedo.
180 Antonio Gomes.
181 Fr. Antonio de Lisboa.
182 Antonio Pereira.
183 Antonio Peres.
184 Antonio Pires Gonge.
185 Frei Antonio de Portalegre.
186 Antonio Prestes.
Antonio Ribeiro Chiado.
187 Ayres Victoria.
Balthazar Dias.
188 Fr. Braz de Rezende.

189 Clemente Lopes.
190 Francisco Luiz.
191 Padre Francisco Vaz de Guimarães.
192 Gil Vicente.
193 João de Escobar.
194 João Lopes de Oliveira.
195 João Rodrigues de Beja.
196 P. Fr. João de Moura.
197 Henrique Lopes.
Jorge Ferreira de Vasconcellos.
198 Jorge Pinto.
Luiz de Camões.
199 Pedro Vaz Quintanilha.
200 Sebastião Pires.
201 Simão Garcia.
202 Simão Machado.
203 Vicente Alvares.

INDEX

HISTORIA DE CAMÕES

PARTE II

Eschola camoniana

Livro i. — Os poetas lyricos

Livro II. — Os poetas epicos